

"O melhor escritor de suspense da atualidade." – KEN FOLLETT

# JOHN GRISHAM



## A FIRMA





A FIRMA



## O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JOHN  
GRISHAM

— — — — —  
A FIRMA



Título original: *The Firm*

Copyright © 1991 por John Grisham

Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Alves Calado

*preparo de originais:* Lucas Bandeira

*revisão:* Ana Grillo e Juliana Souza

*diagramação:* Abreu's System

*capa:* Raul Fernandes

*imagem de capa:* © Valentino Sani / Trevillion Images

*foto do autor:* © Bob Krasner

*adaptação para e-book:* Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

G888f

Grisham, John

A firma [recurso eletrônico]/ John Grisham; tradução de  
Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2019.  
recurso digital

Tradução de: *The firm*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-986-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado,  
Alves. II. Título.

19-57093

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

# Sumário

|    |
|----|
| 1  |
| 2  |
| 3  |
| 4  |
| 5  |
| 6  |
| 7  |
| 8  |
| 9  |
| 10 |
| 11 |
| 12 |
| 13 |
| 14 |
| 15 |
| 16 |
| 17 |
| 18 |
| 19 |
| 20 |
| 21 |
| 22 |
| 23 |
| 24 |
| 25 |



26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

Sobre o autor

Informações sobre a Arqueiro

O sócio mais antigo estudou o currículo pela centésima vez e não encontrou nada que lhe desagradasse em Mitchell Y. McDeere, pelo menos no papel. Ele era inteligente, ambicioso, tinha boa aparência. E estava entusiasmado; com seu passado, tinha de ser. Era casado, e isso era obrigatório. A firma jamais havia contratado um advogado solteiro e tinha enormes restrições ao divórcio, bem como a mulherengos e bebida. Do contrato constava um teste de drogas. Ele era formado em contabilidade, passara no exame do conselho na primeira tentativa e queria ser advogado tributarista, o que, claro, era requisito para entrar numa firma de advocacia tributária. Era branco, e a firma jamais havia contratado um negro. Os sócios conseguiam isso sendo discretos, recrutando candidatos nos clubinhos de sempre e não aceitando currículos. Outras firmas recebiam currículos e contratavam negros. Esta recrutava seus advogados e permanecia imaculadamente branca. Além disso, era localizada em Memphis, e os negros de alto nível queriam Nova York, Washington ou Chicago. McDeere era homem, e não havia mulheres na firma. Haviam cometido esse equívoco em meados dos anos 1970, quando recrutaram a pessoa formada com melhores notas em Harvard, que por acaso era mulher, uma verdadeira maga dos impostos. Durou quatro turbulentos anos e morreu num acidente de carro.

No papel ele parecia bom. Era a melhor escolha. Na verdade, naquele ano não havia outros candidatos. A lista era muito curta. Era McDeere ou ninguém.

O sócio-gerente, Royce McKnight, vinha estudando um dossiê intitulado “Mitchell Y. McDeere – Harvard”. Com mais de 2 centímetros de espessura, em

letras miúdas e com poucas fotografias, tinha sido preparado por alguns ex-agentes da CIA num escritório de investigações particulares em Bethesda. Eram clientes da firma e todo ano faziam a investigação sem cobrar. Diziam que era fácil verificar estudantes de Direito desavisados. Ficaram sabendo, por exemplo, que ele preferiria morar no Nordeste, que estava avaliando três ofertas de emprego, duas em Nova York e uma em Chicago, e que a oferta maior era de 76 mil dólares por ano e a menor era de 68 mil. Estava bem cotado. Ele teve a oportunidade de colar numa prova sobre títulos financeiros no segundo ano. Recusou-se a fazer isso e tirou a maior nota da turma. Dois meses antes, ofereceram-lhe cocaína numa festa da faculdade de Direito. Ele recusou e foi embora quando todo mundo começou a cheirar. Tomava cerveja de vez em quando, mas beber era uma coisa cara e ele não tinha dinheiro. Devia quase 23 mil dólares de financiamento estudantil. Estava entusiasmado.

Royce McKnight folheou o dossiê e sorriu. McDeere era o homem certo.

Lamar Quin tinha 32 anos e ainda não era sócio. Tinha sido contratado para parecer jovem, agir como jovem e projetar uma imagem de juventude para a Bendini, Lambert & Locke, que na verdade era uma firma jovem, já que a maioria dos sócios se aposentava com 40 e muitos ou 50 e poucos anos, com dinheiro para torrar. Seria sócio da firma. Com rendimentos de seis dígitos garantidos pelo resto da vida, Lamar podia desfrutar de ternos de 1.200 dólares feitos sob medida que se ajustavam muito confortavelmente em seu corpo alto e atlético. Caminhou despreocupado pela suíte de mil dólares a diária e se serviu de mais uma xícara de café descafeinado. Olhou o relógio. Virou-se para os dois sócios sentados à pequena mesa de reuniões perto das janelas.

Exatamente às duas e meia alguém bateu à porta. Lamar olhou para os sócios, que enfiaram o currículo e o dossiê numa pasta aberta. Os três pegaram os paletós. Lamar fechou seu botão de cima e abriu a porta.

– Mitchell McDeere? – perguntou com um sorriso enorme e a mão estendida.

– Sim.

Os dois trocaram um aperto de mão forte.

– Prazer em conhecê-lo, Mitchell. Sou Lamar Quin.

– O prazer é meu. Por favor, me chame de Mitch.

Ele entrou e examinou rapidamente a sala espaçosa.

– Claro, Mitch.

Lamar apertou seu ombro e o levou pela suíte, onde os sócios se apresentaram. Foram extremamente calorosos e cordiais. Ofereceram café, depois água. Sentaram-se em volta de uma mesa de mogno lustrosa e falaram de amenidades. McDeere desabotoou o paletó e cruzou as pernas. Já se sentia um veterano na busca de emprego e sabia que eles o queriam. Relaxou. Com três ofertas de trabalho feitas por três das firmas mais prestigiosas do país, não precisava dessa entrevista, dessa firma. Podia se dar ao luxo de exagerar um pouco na autoconfiança. Estava ali por curiosidade. E desejava um clima mais tropical.

Oliver Lambert, o sócio-sênior, se inclinou, apoiado nos cotovelos, e assumiu o controle da conversa preliminar. Era descontraído e cativante, com voz aveludada de barítono, quase profissional. Com 61 anos, era o vovô da firma e passava a maior parte do tempo administrando e equilibrando os egos infladíssimos de alguns dos advogados mais ricos do país. Era o conselheiro, era quem os sócios mais jovens procuravam para resolver os problemas. Além disso, o Sr. Lambert cuidava do recrutamento, e sua missão era convencer Mitchell Y. Deere.

– Está cansado de entrevistas? – perguntou Lambert.

– Na verdade, não. Isso faz parte.

É verdade, todos concordaram. Parecia que fora ontem que estavam sendo entrevistados, distribuindo currículos e morrendo de medo de não arranjar emprego e de que os anos de suor e tortura escorressem pelo ralo. Sabiam muito bem o que ele estava passando.

– Posso fazer uma pergunta? – arriscou Mitchell.

– Sem dúvida.

– Claro.

– Qualquer coisa.

– Por que estão me entrevistando neste quarto de hotel? As outras firmas entrevistam no campus, através do departamento de recrutamento.

– Boa pergunta.

Todos assentiram e se entreolharam, concordando que era uma boa pergunta.

– Talvez eu possa responder, Mitch – disse Royce McKnight, o sócio-gerente. – Você precisa entender nossa firma. Nós somos diferentes e nos

orgulhamos disso. Temos 41 advogados, portanto somos pequenos em comparação com outros escritórios. Não contratamos muita gente. Mais ou menos uma pessoa por ano. Oferecemos os maiores salários e benefícios do país, e não estou exagerando. Por isso somos muito seletivos. Nós selecionamos você. A carta que você recebeu no mês passado foi mandada depois de examinarmos mais de dois mil estudantes do terceiro ano de Direito das melhores faculdades. Só uma carta foi enviada. Não anunciamos vagas e não solicitamos currículos. Somos discretos e fazemos as coisas de modo diferente. Essa é a nossa explicação.

– É justo. Que tipo de firma é?

– Tributarista. Um pouco de títulos financeiros, imóveis e questões bancárias, mas oitenta por cento é de trabalho com impostos. É por isso que queríamos conhecê-lo, Mitch. Você tem uma formação fiscal incrivelmente boa.

– Por que você foi estudar na Western Kentucky? – perguntou Lambert.

– Simples. Eles me ofereceram bolsa integral para jogar futebol americano. Não fosse isso, seria impossível fazer faculdade.

– Fale sobre sua família.

– Por que isso é importante?

– Para nós é muito importante, Mitch – respondeu McKnight, educadamente. Todos dizem isso, pensou Mitch.

– Certo, meu pai morreu numa mina de carvão quando eu tinha 7 anos. Minha mãe se casou de novo e mora na Flórida. Eu tinha dois irmãos. Rusty foi morto no Vietnã. Tenho um irmão chamado Ray McDeere.

– Onde ele está?

– Acho que não é da conta de vocês.

Ele encarou Royce McKnight com um ar de desafio. O dossiê falava pouco sobre Ray.

– Desculpe – disse o sócio-gerente num tom suave.

– Mitch, nossa firma fica em Memphis – comentou Lamar. – Isso seria um problema para você?

– Nem um pouco. Não gosto de frio.

– Você já esteve em Memphis?

– Não.

– Vamos levá-lo para lá em breve. Você vai adorar.

Mitch sorriu, assentiu e entrou no jogo. Esses caras estavam falando sério? Como ele poderia considerar uma firma tão pequena numa cidade tão pequena quando Wall Street estava esperando?

– Você era um dos melhores da turma? – perguntou o Sr. Lambert.

– Ficava entre os cinco.

Não os cinco por cento, e sim os cinco primeiros. Isso bastava como resposta. Cinco primeiros entre trezentos. Poderia ter dito terceiro lugar, a uma fração do segundo, ou a pouca distância do primeiro. Mas não disse. Eles vinham de faculdades inferiores – Chicago, Colúmbia e Vanderbilt, como se lembrava de ter visto numa pesquisa superficial do Diretório Jurídico Martindale-Hubbell. Sabia que não demorariam muito nas questões acadêmicas.

– Por que escolheu Harvard?

– Na verdade Harvard me escolheu. Eu me candidatei a várias faculdades e fui aceito em todas. Harvard oferecia uma ajuda financeira melhor. Achei que era a melhor faculdade. Ainda acho.

– Você se saiu muito bem aqui, Mitch – disse o Sr. Lambert, admirando o currículo.

O dossiê estava na pasta, embaixo da mesa.

– Obrigado. Eu me esforcei muito.

– Você tirou notas excelentes nos cursos de tributação e títulos financeiros.

– É esse meu interesse.

– Nós examinamos seu portfólio escrito, e é muito impressionante.

– Obrigado. Gosto de pesquisar.

Eles assentiram, reconhecendo essa mentira óbvia. Fazia parte do ritual. Nenhum estudante de Direito ou advogado com a cabeça no lugar gostava de fazer pesquisa, mas, sem exceção, todo candidato a advogado associado professava um amor profundo por bibliotecas.

– Fale sobre sua esposa – pediu Royce McKnight, quase como se pedisse um favor.

Eles se prepararam para ser repreendidos outra vez. Mas essa era uma área padrão, explorada por todas as firmas, não era território proibido.

– O nome dela é Abby. É formada em educação infantil na Western Kentucky. Nós nos formamos numa semana e nos casamos na outra. Nos últimos

três anos deu aulas num jardim de infância particular perto da Faculdade de Boston.

– E o casamento...

– Somos muito felizes. Nos conhecemos desde o ensino médio.

– Em que posição você jogava? – perguntou Lamar, direcionando a conversa para assuntos menos delicados.

– Quarterback. Fui muito procurado pelas universidades até que estraguei um joelho no último jogo no ensino médio. Todo mundo sumiu, menos a Western Kentucky. Joguei esporadicamente durante quatro anos, até comecei alguns como titular no primeiro ano, mas o joelho não aguentava.

– Como você conseguia tirar notas máximas e ainda jogar futebol?

– Colocava os livros em primeiro lugar.

– Não imaginava que o forte da Western Kentucky fosse o ensino – disse Lamar bruscamente, com um riso idiota, e desejou imediatamente não ter falado.

Lambert e McKnight franziram a testa, reconhecendo o erro.

– É mais ou menos como a Estadual do Kansas – comentou Mitch.

Eles estavam surpresos. Ficaram quietos por alguns segundos, encarando-se incrédulos. Então McDeere sabia que Lamar Quin tinha estudado na Universidade Estadual do Kansas. Não conhecia Lamar Quin e não fazia ideia de quem da firma apareceria para conduzir a entrevista. Mas sabia. Tinha investigado todos no Martindale-Hubbel. Tinha lido as minibiografias de todos os 41 advogados da firma e numa fração de segundo lembrou que Lamar Quin, apenas um dos 41, tinha estudado na Estadual do Kansas. Caramba, estavam impressionados.

– Foi mal – disse Lamar, desculpando-se.

– Sem problema.

Mitch deu um sorriso caloroso. A coisa foi deixada para trás.

Oliver Lambert pigarreou e decidiu abordar de novo o aspecto pessoal.

– Mitch, nossa firma não gosta de bebidas nem de mulherengos. Não somos puritanos, mas colocamos os negócios à frente de tudo. Somos discretos e trabalhamos muito. E ganhamos muito dinheiro.

– Posso viver com tudo isso.

– Nós nos reservamos o direito de fazer exames toxicológicos em todos os

membros da firma.

– Não uso drogas.

– Bom. Qual é sua religião?

– Metodista.

– Bom. Na nossa firma você vai encontrar uma grande variedade de crenças. Católicos, batistas, anglicanos. Na verdade, não é da nossa conta, mas gostamos de saber. Queremos famílias estáveis. Advogados felizes são advogados produtivos. É por isso que fazemos essas perguntas.

Mitch sorriu, assentindo. Tinha ouvido isso antes.

Os três se entreolharam, depois olharam para Mitch. Isso significava que tinham chegado ao ponto em que o entrevistado deveria fazer uma ou duas perguntas inteligentes. Mitch cruzou as pernas de novo. Dinheiro, essa era a grande questão, em especial comparado com as outras ofertas. Se não for suficiente, pensou Mitch, então foi um prazer conhecer vocês, pessoal. Se a grana for atraente, *então* tudo bem falar de família, casamento, futebol e religião. Mas ele sabia que, como todas as outras firmas, eles precisavam fingir que essa questão não existia até que as coisas ficassem incômodas e todos percebessem que tinham falado de tudo no mundo, menos de dinheiro. Assim, o negócio era disparar primeiro uma pergunta inofensiva.

– Que tipo de trabalho eu farei inicialmente?

Eles assentiram, aprovando a pergunta. Lambert e McKnight olharam para Lamar. A resposta era dele.

– Temos algo semelhante a um estágio de dois anos, apesar de não chamarmos assim. Vamos mandá-lo para congressos sobre tributação em todo o país. Sua formação está longe de terminar. No próximo inverno você vai passar duas semanas em Washington, no Instituto Americano de Tributação. Temos muito orgulho de nossa capacidade técnica, e todos nós temos formação contínua. Se você quiser fazer um mestrado em tributação, nós pagaremos. Quanto à prática do Direito, não será muito empolgante nos dois primeiros anos. Em geral, você vai fazer muita pesquisa e coisas tediosas. Mas será muito bem pago.

– Quanto?

Lamar olhou para McKnight, que olhou para Mitch e disse:

– Vamos falar da remuneração e dos outros benefícios quando você for a



Memphis.

– Quero ter uma ideia aproximada, pois caso contrário eu talvez não vá a Memphis.

Ele sorriu, arrogante mas cordial. Falava como alguém que tinha três ofertas de emprego.

Os sócios sorriram entre si e o Sr. Lambert falou primeiro.

– Certo. Um salário-base de 80 mil no primeiro ano, além de bonificações. Oitenta e cinco no segundo ano, mais bonificações. Uma hipoteca a juros baixos para que você possa comprar uma casa. Dois títulos de sócio no country club e um BMW novo. Você escolhe a cor, claro.

Eles se concentraram nos lábios de Mitch e esperaram que as rugas se formassem nas bochechas e que os dentes aparecessem. Ele tentou esconder um sorriso, mas foi impossível. Riu.

– É incrível – murmurou.

Oitenta mil em Memphis era igual a 120 mil em Nova York. O cara disse um BMW! Seu Mazda tinha 1 milhão de quilômetros rodados e no momento só pegava no tranco quando ele conseguia dinheiro para consertar o motor de arranque.

– Além de mais alguns penduricalhos que teremos o prazer de discutir em Memphis.

De repente Mitch sentiu um desejo enorme de visitar Memphis. Não ficava perto do rio?

O sorriso sumiu e ele recuperou a compostura. Olhou sério para Lambert, com ar importante, e disse, como se tivesse se esquecido do dinheiro, da casa e do BMW:

– Me fale sobre a firma.

– Quarenta e um advogados. No ano passado ganhamos mais, por advogado, do que qualquer firma do tamanho da nossa ou maior. Isso inclui todas as grandes firmas do país. Só aceitamos clientes ricos: corporações, bancos e milionários que pagam nossos altos honorários e jamais reclamam. Somos especializados em tributação internacional, uma coisa empolgante e tremendamente lucrativa. Só lidamos com gente que pode pagar.

– Quanto tempo um advogado demora para virar sócio?

– Em média dez anos, e são dez anos difíceis. Não é incomum que nossos

sócios ganhem meio milhão por ano, e a maioria se aposenta antes dos 50. Você precisa se esforçar, trabalhar oitenta horas por semana, mas vale a pena quando se torna sócio.

Lamar se inclinou para a frente.

– Você não precisa ser sócio para ter um salário de mais de seis dígitos. Eu estou na firma há sete anos e há quatro ganho mais de 100 mil.

Mitch pensou nisso por um segundo e imaginou que, quando tivesse 30 anos, poderia estar ganhando bem mais de 100 mil, talvez quase 200 mil. Aos 30 anos!

Eles o observaram com atenção e sabiam exatamente o cálculo que estava fazendo.

– O que uma empresa de tributação internacional faz em Memphis? – perguntou.

Isso provocou sorrisos. O Sr. Lambert tirou os óculos de leitura e ficou brincando com eles.

– Essa é uma boa pergunta. O Sr. Bendini fundou a firma em 1944. Tinha sido advogado tributarista na Filadélfia e conseguido alguns bons clientes no Sul. Num impulso foi parar em Memphis. Durante 25 anos só contratou advogados tributaristas e a firma prosperou muito por lá. Nenhum de nós é de Memphis, mas passamos a adorar a cidade. É uma antiga cidade sulista, muito agradável. Aliás, o Sr. Bendini morreu em 1970.

– São quantos sócios na firma?

– Vinte ativos. Tentamos manter a relação de um sócio para cada associado. É uma relação alta para o ramo, mas nós gostamos. De novo, fazemos as coisas de modo diferente.

– Todos os nossos sócios são multimilionários aos 45 anos – comentou Royce McKnight.

– Todos?

– Sim, senhor. Não garantimos, mas, se você entrar para a nossa firma, trabalhar duro durante dez anos, virar sócio, batalhar mais dez anos e não ficar milionário aos 45, será o primeiro em vinte anos.

– É uma estatística impressionante.

– É uma firma impressionante, Mitch – respondeu Lambert. – E temos muito orgulho disso. Somos uma fraternidade unida. Somos pequenos e cuidamos uns dos outros. Não temos a competição feroz pelas quais as grandes firmas são

famosas. Temos muito cuidado com quem contratamos e nosso objetivo é que cada novo associado se torne sócio o mais rápido possível. Por isso, investimos um tempo enorme e muito dinheiro na empresa, especialmente no pessoal novo. É muito raro um advogado deixar nossa firma. Simplesmente não se tem notícia disso. Nós nos esforçamos para manter as carreiras nos trilhos. Queremos o nosso pessoal feliz. Achamos que é o modo mais lucrativo de trabalhar.

– Tenho outra estatística impressionante – acrescentou o Sr. McKnight. – No ano passado, para firmas do tamanho da nossa ou maiores, a taxa média de rotatividade entre os associados foi de 28 por cento. Na Bendini, Lambert & Locke foi zero. No ano anterior foi zero. Faz muito tempo que um advogado não deixa a nossa firma.

Observaram-no atentamente para se certificar de que ele havia entendido tudo aquilo. Cada termo e cada condição do emprego era importante, mas a permanência, o aspecto definitivo de contratação, suplantava todos os outros itens da lista. Por enquanto, eles tinham explicado o melhor que podiam. Outros detalhes viriam mais tarde.

Claro, eles sabiam muito mais do que poderiam revelar. Por exemplo, a mãe dele morava num estacionamento de trailers barato em Panama City Beach, tinha se casado de novo com um motorista de caminhão aposentado com problemas sérios com bebida. Sabiam que ela havia recebido 41 mil dólares pela explosão na mina, gastado a maior parte e depois enlouquecido quando seu filho mais velho morreu no Vietnã. Sabiam que Mitch havia sido negligenciado, criado na pobreza pelo irmão Ray (que eles não conseguiram encontrar) e por alguns parentes caridosos. A pobreza doía, e eles presumiram, corretamente, que ela era responsável pelo intenso desejo de sucesso. Ele havia trabalhado trinta horas por semana numa loja de conveniência que ficava aberta a noite inteira enquanto jogava futebol e tirava notas máximas. Sabiam que ele dormia pouco. Sabiam que ele estava entusiasmado. Era o homem perfeito.

– Gostaria de nos visitar? – perguntou Lambert.

– Quando? – quis saber Mitch, sonhando com um 318i preto com teto solar.

O VELHO MAZDA com três calotas e um para-brisa com uma rachadura feia estava estacionado na rua, com as rodas da frente viradas para o meio-fio para impedir

que ele descesse o morro. Abby agarrou a maçaneta pelo lado de dentro, puxou-a duas vezes e abriu a porta. Enfiou a chave, apertou a embreagem e virou o volante. O Mazda começou a andar lentamente. Enquanto ele ganhava velocidade, ela prendeu o fôlego, soltou a embreagem e mordeu o lábio até que o motor sem silenciador começou a gemer.

Com três ofertas de emprego na mesa, teriam um carro novo dali a quatro meses. Ela aguentaria. Durante três anos eles tinham suportado a pobreza num apartamento de dois cômodos num alojamento, num campus lotado de Porsches e pequenos Mercedes conversíveis. Na maior parte do tempo tinham ignorado o desprezo dos colegas de turma e de trabalho nesse bastião do esnobismo da Costa Leste. Eles eram caipiras de Kentucky, com poucos amigos. Mas aguentaram firme e obtiveram sucesso por conta própria.

Ela preferia Chicago a Nova York, até mesmo com o salário menor, principalmente porque ficava mais longe de Boston e mais perto de Kentucky. Mas Mitch permanecia evasivo como sempre, avaliando tudo com cuidado e mantendo a maior parte das conversas em segredo. Ela não tinha sido convidada a visitar Nova York e Chicago com o marido. E estava cansada de tentar adivinhar as coisas. Queria uma resposta.

Estacionou ilegalmente na ladeira mais perto do prédio e caminhou dois quarteirões. Moravam num dos trinta apartamentos de um prédio retangular de dois andares e tijolos vermelhos. Abby parou diante da porta e remexeu na bolsa procurando as chaves. De repente a porta foi escancarada. Ele a agarrou, puxou-a para dentro do apartamento minúsculo, jogou-a no sofá e começou a beijar seu pescoço. Ela gritou e riu enquanto braços e pernas se entrelaçavam. Eles se beijaram, enquanto davam um daqueles abraços longos, molhados, de dez minutos, com mãos apertando e acariciando e gemidos, do tipo que eles davam na adolescência, quando se beijar era divertido, misterioso e o máximo.

– Meu Deus, qual é o motivo da comemoração? – perguntou ela quando terminaram.

– Está sentindo cheiro de alguma coisa?

Ela olhou em volta e aspirou.

– Bom, estou. O que é?

– Yakisoba de frango e omelete. Do Wong Boys.

– Certo, qual é o motivo da comemoração?

- Além de uma garrafa cara de Chablis. Tem até rolha.
- O que você fez, Mitch?
- Venha.

Na pequena mesa da cozinha, em meio aos blocos de anotações e livros de processos, estavam uma garrafa de vinho e uma sacola de comida chinesa. Os dois empurraram de lado a parafernália da faculdade e arrumaram a comida. Mitch abriu o vinho e encheu duas taças de plástico.

- Tive uma entrevista fantástica hoje – disse.
- Com quem?
- Você se lembra daquela firma de Memphis que me mandou uma carta no mês passado?
- Lembro. Você não ficou muito impressionado.
- Essa mesma. Agora estou muito impressionado. O trabalho é todo tributarista e o pagamento é bom.
- Bom quanto?

Cerimoniosamente, ele colocou o yakisoba da embalagem em dois pratos, em seguida abriu os pacotinhos de molho de soja. Ela esperou a resposta. Ele abriu outra embalagem e começou a dividir a omelete. Tomou um gole de vinho e estalou os lábios.

- Quanto? – repetiu ela.
- Mais do que Chicago. Mais do que Wall Street.

Ela tomou um gole de vinho, deliberadamente longo, e o encarou, curiosa. Seus olhos castanhos se estreitaram e brilharam. Franziu as sobrancelhas e a testa. Ela esperou.

- Quanto?
- Oitenta mil no primeiro ano, mais bonificações. Oitenta e cinco no segundo ano, mais bonificações. – Ele disse isso em um tom indiferente enquanto examinava os pedaços de aipo no yakisoba.
- Oitenta mil – repetiu ela.
- Oitenta mil, gata. Oitenta mil pratos em Memphis, Tennessee, é mais ou menos uns 120 mil em Nova York.
- Quem quer Nova York?
- Além de uma hipoteca a juros baixos.

Fazia muito tempo que essa palavra – hipoteca – não era pronunciada entre

eles. Na verdade, ela não conseguia se lembrar da última discussão sobre a compra de uma casa ou qualquer coisa relacionada a isso. Durante meses tinham aceitado que *alugariam* algum imóvel até um ponto distante e inimaginável no futuro, quando ficassem ricos e então se qualificassem para uma hipoteca cara.

Ela pousou a taça de vinho na mesa.

– Não ouvi isso – disse ela, em tom descontraído.

– Um empréstimo hipotecário a juros baixos. A firma empresta dinheiro suficiente para comprar uma casa. Para esses caras é muito importante que os associados pareçam prósperos, por isso dão o dinheiro a juros muito mais baixos.

– Você quer dizer *casa*, com grama em volta e arbustos?

– É. Não um apartamento caro demais em Manhattan, mas uma casa de três quartos num bairro estritamente residencial, com garagem para dois carros onde podemos estacionar o BMW.

A reação demorou um ou dois segundos, mas finalmente ela disse:

– BMW? BMW de quem?

– Nosso, gata. Nosso BMW. A firma faz o leasing de um novo e entrega a chave para a gente. É como um bônus de contratação para a primeira fase. Vale mais 5 mil por ano. Nós escolhemos a cor, claro. Acho que preto seria bacana. O que você acha?

– Chega de lata velha. Chega de pegar as sobras. Chega de coisas de segunda mão – falou ela, balançando a cabeça lentamente.

Ele mastigou um bocado de macarrão e sorriu. Dava para ver que ela estava sonhando acordada, provavelmente com móveis, papel de parede e talvez, dali a pouco tempo, uma piscina. E bebês, criancinhas de olhos escuros com cabelo castanho-claro.

– E há alguns outros benefícios que serão discutidos mais tarde.

– Não entendo, Mitch. Por que eles são tão generosos?

– Fiz essa pergunta. Eles são muito seletivos e se vangloriam de pagar o máximo. Procuram os melhores e não se incomodam em distribuir a grana. A taxa de rotatividade deles é zero. Além disso, acho que é mais caro atrair pessoas de alto nível para Memphis.

– Seria mais perto de casa – comentou ela, sem olhar para ele.

– Eu não tenho casa. Seria mais perto dos seus pais, o que me preocupa.

Ela ignorou a observação, como fazia com a maior parte dos comentários dele sobre sua família.

– Você ficaria mais perto do Ray.

Ele assentiu, comeu um pedaço de omelete e imaginou a primeira visita dos pais dela, aquele momento doce em que eles chegariam à entrada em seu velho Cadillac e olhariam chocados a casa nova em estilo colonial francês com dois carros novos na garagem. Iriam arder de inveja, perguntando-se como o pobre coitado sem família e sem status podia pagar por tudo aquilo aos 25 anos e recém-formado em Direito. Dariam sorrisos forçados e dolorosos e comentariam como tudo era ótimo, mas logo o Sr. Sutherland iria dar o braço a torcer e perguntar quanto a casa tinha custado. Mitch diria para ele cuidar da própria vida, o que deixaria o velho maluco. Eles iriam embora depois de uma visita curta e voltariam a Kentucky, onde todos os seus amigos ficariam sabendo como a filha e o genro estavam vencendo na vida em Memphis. Abby lamentaria o fato de eles não conseguirem se dar bem, mas não falaria muito. Desde o começo seus pais o haviam tratado como um fracassado. Ele era tão indigno que os sogros tinham boicotado a pequena cerimônia de casamento.

– Você já foi a Memphis? – perguntou ele.

– Uma vez, quando era pequena. Alguma convenção da igreja. Só me lembro do rio.

– Eles querem que a gente vá fazer uma visita.

– Nós! Quer dizer que eu fui convidada?

– Foi. Eles insistem que você vá.

– Quando?

– Daqui a duas semanas. Vamos de avião na quinta-feira à tarde para passar o fim de semana lá.

– Já gostei dessa firma.

O prédio de cinco andares tinha sido construído cem anos antes por um comerciante de algodão e seus filhos, depois da Reconstrução, durante o renascimento do comércio de algodão em Memphis. Ficava no meio da Cotton Row, na Front Street, perto do rio. Por seus corredores e portas e por cima das mesas, milhões de fardos de algodão tinham sido comprados dos deltas do Mississippi e do Arkansas e vendidos em todo o mundo. Abandonado, negligenciado e depois reformado várias vezes desde a Primeira Guerra, foi comprado definitivamente em 1951 por um agressivo advogado tributarista chamado Anthony Bendini. Ele o reformou de novo e começou a enchê-lo de advogados. Mudou o nome do imóvel para Edifício Bendini.

Ele paparicava, mimava, afagava o prédio, a cada ano acrescentando outra camada de luxo a seu marco. Ele o fortificou, fechando portas e janelas e contratando guardas armados para proteger seus ocupantes. Instalou elevadores, vigilância eletrônica, entradas com senhas de segurança, câmeras de monitoramento, academia, sauna a vapor, vestiários e uma sala de jantar para associados no quinto andar com uma cativante vista do rio.

Em vinte anos, a firma de advocacia se tornou a mais rica de Memphis e, inquestionavelmente, a mais discreta. O sigilo era sua paixão. Cada associado contratado era doutrinado sobre os males de falar demais. Tudo era confidencial. Salários, vantagens, promoções e, principalmente, clientes. Diziam aos jovens associados que revelar os negócios da firma poderia adiar a chegada do santo graal: a participação na sociedade. Nada saía da fortaleza na Front Street. As



esposas também eram instruídas a não falar nada, ou mentia-se para elas. Esperava-se que os associados trabalhassem duro, ficassem quietos e gastassem os polpudos salários. E eles faziam isso, sem exceção.

Com 41 advogados, a firma era a quarta maior de Memphis. Seus membros não faziam propaganda nem buscavam publicidade. Formavam um clã e não confraternizavam com outros advogados. Suas esposas jogavam tênis e bridge e faziam compras juntas. A Bendini, Lambert & Locke era uma espécie de grande família. Uma família bastante rica.

ÀS DEZ DA manhã de uma sexta-feira, a limusine da firma parou na Front Street e o Sr. Mitchell Y. McDeere desceu. Agradeceu educadamente ao motorista e observou o veículo se afastar. Era a primeira vez que andava de limusine. Parou na calçada perto de um poste e admirou a sede elegantemente antiga, pitoresca, mas ao mesmo tempo imponente, onde funcionava a discreta firma Bendini. Era muito diferente das gigantescas estruturas de aço e vidro ocupadas pelas melhores firmas de Nova York e do enorme cilindro que tinha visitado em Chicago. Mas soube instantaneamente que iria gostar. Tinha mais a ver com ele.

Lamar Quin passou pela porta da frente e desceu os degraus. Gritou e acenou para Mitch. Tinha recebido os dois no aeroporto na noite anterior e os levado ao Peabody, “o Grande Hotel do Sul”.

– Bom dia, Mitch! Como passou a noite?

Os dois apertaram as mãos como amigos que não se viam fazia muito tempo.

– Muito bem. O hotel é ótimo.

– Sabíamos que você ia gostar. Todo mundo gosta do Peabody.

Entraram no saguão, onde um pequeno cartaz dava as boas-vindas ao Sr. Mitchell Y. McDeere, visitante do dia. Uma recepcionista bem-vestida deu um sorriso caloroso e disse que seu nome era Sylvia e que, se ele precisasse de alguma coisa enquanto estivesse em Memphis, era só dizer. Ele agradeceu. Lamar o conduziu por um corredor comprido, onde começou a visita guiada. Explicou a disposição do edifício e apresentou Mitch a várias secretárias e vários assistentes jurídicos. Na biblioteca principal, no segundo andar, um grupo de advogados estava ao redor de uma gigantesca mesa de reuniões consumindo bolinhos e café. Ficaram em silêncio assim que o visitante entrou.

Oliver Lambert cumprimentou Mitch e o apresentou ao grupo. Eram uns vinte no total, na maioria associados da firma e pouco mais velhos do que o visitante. Os sócios estavam ocupados demais, explicou Lamar, e iriam falar com ele mais tarde, num almoço particular. Ele parou perto da mesa enquanto o Sr. Lambert pedia silêncio.

– Senhores, este é Mitchell McDeere. Todos vocês ouviram falar dele, e aqui está. É nossa escolha número um este ano, nossa primeira opção, por assim dizer. Está sendo cortejado pelos figurões de Nova York, Chicago e sabe-se lá onde mais, por isso precisamos passar a melhor impressão da nossa pequena firma aqui em Memphis.

Eles sorriram e assentiram. O visitante ficou sem graça.

– Ele vai terminar o curso em Harvard daqui a dois meses e se formar com honras. É editor associado da *Harvard Law Review*. – Mitch percebeu que isso causou boa impressão. – Fez a graduação na Western Kentucky *summa cum laude*. – Isso não impressionou tanto. – Além disso, jogou futebol durante quatro anos, começando como quarterback no primeiro ano.

Agora eles ficaram realmente impressionados. Alguns pareciam pasmos, como se olhassem para Joe Namath, o lendário quarterback do New York Jets.

O sócio-sênior continuou seu monólogo enquanto Mitch permanecia desconfortável ao seu lado. Continuou a cantilena dizendo que sempre tinham sido seletivos e que Mitch iria se encaixar muito bem. Mitch enfiou as mãos nos bolsos e parou de ouvir. Examinou o grupo. Eram jovens, bem-sucedidos e ricos. O código de vestimenta parecia rígido, mas não diferente do de Nova York ou Chicago. Ternos de lã cinza-escuros ou azul-marinho, camisas sociais brancas ou azuis engomadas e gravatas de seda. Nada chamativo ou fora do padrão. Talvez uma ou duas gravatas-borboleta, porém nada mais ousado. O cuidado com a aparência era obrigatório. Nada de barba, bigode ou cabelo tapando as orelhas. A beleza obedecendo ao padrão vigente dominava.

O Sr. Lambert estava ficando menos enérgico.

– Lamar vai levar Mitch para um passeio pelos nossos escritórios, por isso vocês só vão poder conversar com ele mais tarde. Vamos fazer com que ele se sinta bem-vindo. Esta noite ele e sua linda esposa Abby, e quero dizer linda *mesmo*, vão comer costeletas no Rendezvous e, claro, amanhã à noite é o jantar da firma na minha casa. Peço que se comportem bem. – Ele sorriu e olhou para o

visitante. – Mitch, se você se cansar do Lamar, me diga que nós arranjamos alguém mais qualificado.

Mitch apertou a mão de cada um dos advogados de novo antes de eles saírem e tentou decorar o maior número de nomes possível.

– Vamos começar o passeio – disse Lamar quando a sala ficou vazia. – Isto aqui, claro, é uma biblioteca, e nós temos outras idênticas em cada um dos quatro primeiros andares. Também as usamos para reuniões grandes. Os livros variam de um andar para outro, por isso você nunca sabe aonde sua pesquisa vai levá-lo. Temos dois bibliotecários em tempo integral e usamos amplamente microfilmes e microfichas. Como regra, não fazemos nenhuma pesquisa fora do prédio. Aqui há mais de cem mil volumes, inclusive cada relatório concebível sobre tributação. É mais do que têm algumas faculdades de Direito. Se você precisar de um livro que não tivermos, basta dizer a um bibliotecário.

Passaram pela comprida mesa de reuniões e entre dezenas de fileiras de livros.

– Cem mil volumes – murmurou Mitch.

– É, nós gastamos quase meio milhão de dólares por ano com despesas de manutenção, suplementos e livros novos. Os sócios vivem reclamando disso, mas nem cogitam cortar os custos. É uma das maiores bibliotecas jurídicas particulares do país, e temos orgulho disso.

– É bem impressionante.

– Tentamos fazer com que a pesquisa seja o mais indolor possível. Sabemos que é uma coisa chata e quanto tempo pode ser desperdiçado na busca pelos materiais certos. Nos primeiros dois anos você vai passar um bocado de tempo aqui, por isso tentamos tornar a coisa agradável.

Atrás de uma bancada atulhada num canto, um bibliotecário se apresentou e os guiou rapidamente pela sala de informática, onde mais de dez terminais estavam preparados para ajudar com os programas de pesquisa mais recentes. Ele se ofereceu para demonstrar o programa mais novo, realmente incrível, mas Lamar disse que passariam ali mais tarde.

– É um cara legal – disse Lamar enquanto saíam da biblioteca. – Nós pagamos 40 mil por ano a ele só para cuidar dos livros. É espantoso.

Realmente espantoso, pensou Mitch.

O segundo andar era praticamente idêntico ao primeiro, ao terceiro e ao

quarto. No centro de cada um havia um monte de secretárias com seus arquivos, mesas, copiadoras e outras máquinas necessárias. De um lado da área aberta ficava a biblioteca e do outro havia salas de reunião menores e escritórios.

– Você não vai ver nenhuma secretária bonita – afirmou Lamar baixinho enquanto os dois as observavam trabalhar. – Parece ser uma regra tácita da firma. Oliver Lambert se esforça para contratar as mais sem graça que consegue encontrar. Claro, algumas estão aqui há vinte anos e se esqueceram de mais leis do que nós aprendemos na faculdade. Faz parte da estratégia geral para nos encorajar a manter as mãos nos bolsos. É rigidamente proibido flertar. E, que eu saiba, isso jamais aconteceu.

– E se acontecer?

– Quem sabe? A secretária seria demitida, claro. E acho que o advogado seria castigado severamente. Pode custar a chance de virar sócio. Ninguém quer descobrir o que aconteceria, especialmente com essa oferta.

– Elas se vestem bem.

– Não me entenda mal. Nós só contratamos as melhores secretárias jurídicas que existem e pagamos mais do que qualquer outra firma da cidade. Procuramos as melhores, não necessariamente as mais bonitas. Exigimos experiência e maturidade. Lambert não contrataria ninguém com menos de 30 anos.

– Uma para cada advogado?

– É, até você virar sócio. Aí vai ganhar outra, e nesse ponto vai precisar mesmo. Nathan Locke tem três, todas com vinte anos de experiência, e ele mantém todas loucas de trabalho.

– Onde fica a sala dele?

– No quarto andar. É zona proibida.

Mitch começou a fazer uma pergunta, mas parou.

As salas de canto tinham 7,5 metros quadrados, explicou Lambert, e eram ocupadas pelos sócios mais antigos. Chamou-as de salas do poder, e pareceu falar com grande orgulho. Eram decoradas segundo o gosto de cada ocupante, sem poupar despesas, e só eram desocupadas com a aposentadoria ou a morte, e depois eram disputadas pelos sócios mais jovens.

Lamar apertou um interruptor numa delas e entrou, fechando a porta em seguida.

– Bela vista, hein? – comentou, enquanto Mitch ia até as janelas e olhava o

rio movendo-se lentamente do outro lado da Riverside Drive.

– Como se consegue uma sala dessas? – perguntou Mitch, admirando uma barcaça que passava lentamente embaixo da ponte que levava ao Arkansas.

– Demora, e quando você chegar aqui vai estar tão rico e ocupado que não terá tempo de aproveitar a vista.

– De quem é esta?

– Victor Milligan. É chefe do departamento de impostos e é um sujeito muito legal. Veio da Nova Inglaterra, está aqui há 25 anos e diz que Memphis é seu lar.

– Lamar enfiou as mãos nos bolsos e ficou andando pela sala. – O piso e o teto de madeira de lei são da época da construção do prédio, há mais de cem anos. A maior parte do prédio tem carpete, mas em alguns lugares a madeira não estava danificada. Você terá a opção de pôr tapetes ou carpetes quando chegar aqui.

– Gosto da madeira. E aquele tapete?

– É um tapete persa antigo. Não sei qual é a história. A mesa foi usada pelo bisavô dele, que foi juiz em Rhode Island, pelo menos é o que ele diz. Milligan é cheio de histórias, e você nunca sabe quando ele está de papo furado.

– Onde ele está?

– De férias, acho. Contaram a você sobre as férias?

– Não.

– Você tem duas semanas por ano nos primeiros cinco anos. Pagas, claro. Depois três semanas, até virar sócio, e aí você tira quantas férias quiser. A firma tem um chalé em Vail, uma casa num lago em Manitoba e duas casas de praia na Seven Mile Beach, na ilha Grand Cayman. Você pode se hospedar lá sem custo, mas precisa reservar com antecedência. Os sócios têm prioridade. Depois disso é de quem chegar primeiro. As Cayman são extremamente populares na firma. É um paraíso fiscal internacional e muitas das nossas viagens não entram na contabilidade. Acho que Milligan está lá, provavelmente mergulhando e dizendo que isso é trabalho.

Num dos seus cursos sobre impostos, Mitch tinha ouvido falar das Ilhas Cayman e sabia que ficavam em algum lugar no Caribe. Pensou em perguntar onde, mas decidiu pesquisar depois.

– Só duas semanas? – perguntou.

– Ah, é. Isso é um problema?

– Não, na verdade não. As firmas de Nova York oferecem pelo menos três.

Ele falou como se fosse um crítico de férias caras. Não era. A não ser pelo fim de semana de três dias que chamavam de lua de mel e algumas viagens de carro pela Nova Inglaterra, ele jamais tinha tirado férias e nunca havia saído do país.

– Você pode ter uma semana adicional, não remunerada.

Mitch assentiu, como se isso fosse razoável. Os dois saíram da sala de Milligan e continuaram o passeio. O corredor formava um retângulo comprido, com os escritórios dos advogados para o lado de fora, todos com janelas, luz do sol, vista. Os que davam para o rio eram mais prestigiosos, explicou Lamar, e em geral eram ocupados por sócios. Havia listas de espera.

As salas de reuniões, bibliotecas e mesas das secretárias ficavam no lado interno do corredor, longe das janelas e das distrações.

As salas dos associados eram menores – 4,5 metros quadrados –, mas tinham decoração sofisticada e eram muito mais imponentes do que qualquer sala de advogado associado que ele tinha visto em Nova York ou Chicago. A firma gastava uma pequena fortuna com decoradores, segundo Lamar. Parecia que o dinheiro dava em árvores. Os advogados mais jovens eram amistosos e falantes e pareciam gostar da interrupção. A maioria deu breves testemunhos sobre como a firma e Memphis eram fantásticos. A velha cidade acaba ganhando a gente, mas isso demora, diziam. Eles também tinham sido recrutados por figurões em Washington e Wall Street, e não se arrependiam.

Os sócios estavam mais ocupados, mas foram igualmente simpáticos. Ele tinha sido selecionado com cuidado, repetiam, e insistiam que ele se adaptaria bem. Era seu tipo de firma. Prometeram conversar mais durante o almoço.

UMA HORA ANTES, Kay Quin tinha deixado as crianças com a babá e a empregada e se encontrado com Abby para um brunch no Peabody. Ela era de uma cidade pequena, como Abby. Tinha se casado com Lamar depois da faculdade e morado em Nashville durante três anos enquanto ele estudava Direito na Vanderbilt. Lamar ganhou tanto dinheiro que ela abandonou o trabalho e teve dois bebês com catorze meses de diferença entre eles. Agora que tinha parado de trabalhar e de ter filhos, passava a maior parte do tempo ocupada com o clube de jardinagem, o fundo de apoio aos doentes cardíacos, o clube campestre, a

associação de pais e mestres e a igreja. Apesar do dinheiro que tinha, era modesta e despretensiosa, aparentemente decidida a permanecer assim mesmo com o sucesso do marido. Abby encontrou uma amiga.

Depois dos croissants e dos ovos beneditinos, sentaram-se no saguão do hotel, tomando café e olhando os patos nadando em círculos em volta da fonte. Kay tinha sugerido um rápido passeio por Memphis e um almoço tardio perto de sua casa. Talvez algumas compras.

– Eles falaram do empréstimo a juros baixos? – perguntou.

– Falaram, na primeira entrevista.

– Vão querer que vocês comprem uma casa quando chegarem aqui. A maioria das pessoas não pode pagar por uma casa quando sai da faculdade de Direito, por isso a firma empresta o dinheiro a uma taxa menor e fica com a hipoteca.

– Juros de quanto?

– Não sei. Faz sete anos que nós nos mudamos para cá e depois disso já compramos outra casa. Vai ser uma pechincha, acredite. A firma quer garantir que vocês tenham uma casa. É uma espécie de regra tácita.

– Por que isso é tão importante?

– Vários motivos. Em primeiro lugar, eles querem vocês aqui. A firma é muito seletiva e geralmente eles conseguem o que querem. Mas Memphis não está exatamente sob os refletores, por isso eles precisam oferecer mais. Além disso, a firma é muito exigente, em especial com os associados. Há pressão, trabalho demais, oitenta horas de dedicação por semana e muito tempo longe de casa. Não vai ser fácil para nenhum de vocês dois, e a firma sabe disso. A teoria é que um casamento estável significa um advogado feliz, e um advogado feliz é um advogado produtivo, de modo que o resultado são os lucros. Sempre os lucros.

Ela continuou praticamente sem pausa:

– E há outro motivo. Esses caras, todos homens, nenhuma mulher, têm muito orgulho da própria riqueza, e todo mundo deve parecer rico e agir como rico. Seria um insulto para a firma se um associado tivesse que morar num apartamento. Eles querem você numa casa e, depois de cinco anos, numa casa maior. Se tivermos algum tempo hoje à tarde vou lhe mostrar algumas casas dos sócios. Quando você vir, não vai se incomodar com as semanas de oitenta horas.

– Já estou acostumada com elas.

– É bom, mas a faculdade não se compara com isso. Às vezes eles trabalham cem horas por semana durante a temporada de declaração dos impostos.

Abby sorriu e balançou a cabeça como se isso a tivesse impressionado um bocado.

– Você trabalha?

– Não. A maioria de nós não trabalha. Não falta dinheiro, por isso não somos obrigadas, e temos pouca ajuda dos maridos com os filhos. Claro, não é proibido trabalhar.

– Proibido por quem?

– Pela firma.

– Espero que não.

Abby repetiu a palavra “proibido” para si mesma, mas deixou isso passar.

Kay tomou um gole de café e olhou os patos. Um menininho se afastou da mãe e parou perto da fonte.

– Vocês planejam ter filhos?

– Talvez daqui a uns anos.

– Ter filhos é quase uma exigência.

– De quem?

– Da firma.

– Por que a firma se importa se a gente tem filhos?

– De novo, eles querem famílias estáveis. Um bebê é um acontecimento importante no escritório. Eles mandam flores e presentes para o hospital. Você é tratada como rainha. Seu marido ganha uma semana de folga, mas vai estar ocupado demais para aceitar. Eles colocam mil dólares numa poupança para a faculdade. É muito divertido.

– Parece uma grande fraternidade.

– É mais como uma grande família. Nossa vida social gira em torno da firma, e isso é importante porque nenhum de nós é de Memphis. Todos viemos de fora.

– Isso é bom, mas não quero ninguém me dizendo quando trabalhar, quando deixar o trabalho e quando ter filhos.

– Não se preocupe. Eles protegem muito uns aos outros, mas a firma não se intromete.



– Estou começando a duvidar.

– Relaxe, Abby. A firma é como uma família. São pessoas ótimas. E Memphis é uma velha cidade, maravilhosa para viver e criar filhos. O custo de vida é muito mais baixo e o dia a dia segue num ritmo mais lento. Provavelmente você está pensando nas cidades maiores. Nós também pensávamos, mas eu não trocaria Memphis por nenhuma delas.

– E vou conhecer tudo?

– É por isso que estou aqui. Pensei em começarmos pelo centro, depois ir para o leste e ver os bairros melhores, talvez olhar algumas casas, e almoçar no meu restaurante predileto.

– Parece divertido.

Kay pagou o café, como tinha feito com o café da manhã, e as duas saíram do Peabody no Mercedes novo da família Quin.

A SALA DE jantar, como era chamada simplesmente, ocupava a extremidade oeste do quinto andar, que dava para a Riverside Drive e ficava bem acima do rio logo em frente. Uma fileira de janelas de 2,5 metros de altura proporcionava uma vista fascinante de rebocadores, barcas, chatas, docas e pontes.

A sala era terreno protegido, um refúgio para os advogados talentosos e ambiciosos o suficiente para virarem sócios da discreta firma Bendini. Eles se reuniam diariamente para almoços preparados por Jessie Frances, uma mulher idosa, enorme e temperamental, e servidos por seu marido, Roosevelt, que usava luvas brancas e um smoking mal ajustado, desbotado e amarrotado, dado pelo próprio Sr. Bendini pouco antes de morrer. Em algumas manhãs também se reuniam para café e rosquinhas e discutir negócios da firma e, ocasionalmente, para taças de vinho no fim da tarde em comemoração a um mês bom ou honorários excepcionalmente altos. Era somente para os sócios e talvez algum convidado eventual, como um cliente importante ou um possível colaborador. Os associados podiam comer ali duas vezes por ano, apenas duas – e a presença era registrada –, e, depois, só mediante convite de um sócio.

Ao lado da sala de jantar ficava uma cozinha pequena onde Jessie Frances atuava e onde tinha preparado a primeira refeição para o Sr. Bendini e alguns convidados 26 anos antes. Durante 26 anos havia preparado comida sulista,

ignorando os pedidos para tentar fazer pratos cujos nomes ela tinha dificuldade de pronunciar. “Se não gostar, não coma” era sua resposta padrão. A julgar pelas migalhas que Roosevelt recolhia das mesas, a comida era extremamente apreciada. Ela anunciava o cardápio da semana na segunda-feira, pedia que as reservas fossem feitas até as dez horas de cada dia e ficava ressentida durante anos se alguém cancelasse ou não aparecesse. Ela e Roosevelt trabalhavam quatro horas por dia e cada um recebia mil dólares por mês.

Mitch sentou-se à mesa com Lamar Quin, Oliver Lambert e Royce McKnight. A entrada era costeleta com quiabo e abóbora cozida.

– Hoje ela tirou a gordura – observou o Sr. Lambert.

– Está delicioso – comentou Mitch.

– O seu organismo está acostumado com gordura?

– Sim. Em Kentucky cozinham assim.

– Eu entrei para esta firma em 1955 – disse o Sr. McKnight –, e venho de Nova Jersey, sabe? Tinha o pé atrás, então evitava pratos sulistas sempre que podia. Tudo é empanado e frito em gordura animal, sabe? Aí o Sr. Bendini decidiu abrir este pequeno café. Contratou Jessie Frances e eu tive azia durante os últimos vinte anos. Tomates maduros fritos, tomates verdes fritos, berinjela frita, quiabo frito, abóbora frita, qualquer coisa frita. Um dia Victor Milligan deu com a língua nos dentes. Ele é de Connecticut, sabe? E Jessie Frances tinha feito uma porção de pickles de endro frito. Dá para imaginar? Pickles de endro frito! Milligan disse alguma coisa feia para o Roosevelt, que repassou a Jessie Frances. Ela saiu pela porta dos fundos e foi embora. Ficou longe uma semana. Roosevelt queria trabalhar, mas ela não deixou. Por fim o Sr. Bendini esclareceu as coisas e ela concordou em voltar se não houvesse mais reclamações. Mas diminuiu a gordura. Acho que todos vamos viver dez anos a mais.

– Está delicioso – disse Lamar, passando manteiga em mais um bolinho.

– É sempre delicioso – acrescentou o Sr. Lambert enquanto Roosevelt passava perto deles. – A comida dela é pesada e engorda, mas nós raramente faltamos ao almoço.

Mitch comeu com cautela e estava um pouco tenso, mas participou da conversa tentando parecer totalmente à vontade. Foi difícil. Cercado por advogados muito bem-sucedidos, todos milionários, em sua sala de jantar

exclusiva, luxuosamente decorada, sentia como se estivesse em terreno sagrado. A presença de Lamar era reconfortante, bem como a de Roosevelt.

Quando ficou claro que Mitch havia terminado de comer, Oliver Lambert limpou a boca, levantou-se lentamente e bateu em sua xícara de chá com a colher.

– Senhores, sua atenção, por favor?

A sala ficou em silêncio enquanto os cerca de vinte sócios se viraram para a mesa principal. Pousaram os guardanapos e olharam para o anfitrião. Em algum lugar na mesa de trabalho de cada um deles havia uma cópia do dossiê. Dois meses antes eles tinham votado unanimemente em Mitch como a escolha principal. Sabiam que ele corria 6 quilômetros por dia, não fumava, era alérgico a sulfitos, havia tirado as amígdalas, tinha um Mazda azul, uma mãe maluca e uma vez tinha feito três arremessos com interceptação em um tempo de partida. Sabiam que ele não tomava nada mais forte do que aspirina mesmo quando estava doente e que era suficientemente disposto para trabalhar cem horas por semana se eles pedissem. Gostavam dele. Era bonito, atlético, com uma mente brilhante e o corpo esbelto.

– Como vocês sabem, hoje temos um convidado muito especial, Mitch McDeere. Em breve ele vai se formar com honras em Harvard...

– É isso aí! – disseram alguns ex-alunos de Harvard.

– Sim, obrigado. Ele e a esposa, Abby, estão hospedados no Peabody este fim de semana, como nossos convidados. Mitch é um dos cinco melhores entre trezentos formandos e é disputado com unhas e dentes por várias firmas. Nós queremos que ele fique aqui, e sei que vocês vão conversar com ele antes de ele partir. Hoje à noite Mitch vai jantar com Lamar e Kay Quin, e amanhã à noite o jantar é na minha casa. Espero que todos vocês compareçam.

Mitch sorriu sem jeito para os sócios enquanto o Sr. Lambert discorria sobre a grandiosidade da firma. Quando terminou, Roosevelt serviu pudim de pão e café, e eles continuaram a comer.

O RESTAURANTE PREDILETO de Kay era um lugar chique no leste de Memphis, frequentado por jovens ricos. Centenas de samambaias pendiam em toda parte e

a jukebox tocava apenas músicas do início dos anos 1960. Os daiquiris eram servidos em copos altos e personalizados.

– Um é suficiente – alertou Kay.

– Não sou muito de beber.

Pediram a quiche do dia e bebericaram os daiquiris.

– O Mitch bebe?

– Muito pouco. Ele é atleta e muito cuidadoso com o corpo. Uma cerveja ou uma taça de vinho de vez em quando, nada mais forte que isso. E o Lamar?

– Mais ou menos igual. Ele descobriu a cerveja na faculdade de Direito, mas tem problema de peso. A firma não gosta de gente que bebe.

– Isso é admirável, mas por que eles se importam?

– Porque álcool e advogados andam juntos como sangue e vampiros. A maioria dos advogados bebe como esponja, e a profissão é assolada pelo alcoolismo. Na Vanderbilt, sempre tinha alguém abrindo um barril de chope. Devia ser igual em Harvard. É um trabalho com muita pressão, e isso geralmente significa muita bebida. Os caras daqui não são caretas, veja bem, mas mantêm a coisa sob controle. Um advogado saudável é um advogado produtivo. De novo, o foco são os lucros.

– Acho que faz sentido. Mitch diz que quase não tem rotatividade.

– É um emprego bem estável. Não me lembro de ninguém saindo da firma nos sete anos em que estamos aqui. O salário é ótimo e eles cuidam de quem contratam. Não querem ninguém que venha de família rica.

– Não entendi.

– Eles não contratam um advogado que tenha outras fontes de renda. Querem que sejam jovens e ambiciosos. É uma questão de lealdade. Se todo o seu dinheiro vem de uma única fonte, você tende a ser muito leal a essa fonte. A firma exige lealdade extrema. Lamar diz que ninguém fala em ir embora. Todos são felizes. E estão ricos ou chegando lá. Se alguém quisesse ir embora, não encontraria tanto dinheiro em outra firma. Eles vão oferecer a Mitch o que for necessário para trazer vocês para cá. Eles se orgulham muito de pagar mais.

– E por que não têm advogadas?

– Eles tentaram uma vez. Ela era uma tremenda megera e sempre criava confusões. A maioria das advogadas anda por aí de orelha em pé e procurando briga. São difíceis de lidar. Lamar diz que eles têm medo de contratar uma

porque, depois das leis de ação afirmativa e essas coisas, não poderiam demiti-la se ela não se adequasse.

A quiche chegou e elas recusaram outra rodada de daiquiris. Centenas de jovens profissionais se apinhavam sob as nuvens de samambaias. O clima do restaurante era festivo. Smokey Robison cantava suavemente na jukebox.

– Tive uma ideia ótima – disse Kay. – Eu conheço uma corretora. Vamos ligar para ela e olhar umas casas.

– Que casas?

– Para você e Mitch. Para o mais novo associado da Bendini, Lambert & Locke. Ela pode mostrar várias na faixa de preço que vocês podem pagar.

– Não sei qual é o preço que a gente pode pagar.

– Eu diria que de 100 a 150 mil dólares. O último associado comprou uma casa em Oakgrove e tenho certeza de que pagou mais ou menos isso.

Abby se inclinou para a frente.

– Quanto você acha que seria a prestação? – perguntou, quase sussurrando.

– Não sei. Mas vocês vão conseguir pagar. Por volta de mil por mês, talvez um pouco mais.

Abby a encarou e engoliu em seco. Em Manhattan, o aluguel de apartamentos pequenos era o dobro disso.

– Vamos ligar para ela.

COMO ERA ESPERADO, a sala de Royce McKnight era poderosa, com uma vista fantástica. Ficava num dos valorizados cantos do quarto andar, diante da sala de Nathan Locke. Lamar pediu licença e o sócio-gerente sugeriu que Mitch se sentasse a uma pequena mesa de reuniões perto do sofá. Uma secretária foi pedir café.

McKnight perguntou como estava indo a visita até agora e Mitch respondeu que estava bastante impressionado.

– Mitch, quero detalhar os pontos específicos da nossa oferta.

– Como quiser.

– O salário-base é de 80 mil no primeiro ano. Quando você passar no exame da ordem vai receber um aumento de 5 mil dólares. Não é um bônus, e sim um aumento. O exame acontece em agosto e você vai passar a maior parte do verão

estudando para ele. Temos nossos cursos para a prova e você vai ser bem orientado por alguns sócios. Isso é feito principalmente no horário de trabalho. Como você sabe, a maioria das firmas coloca o novato para trabalhar e espera que ele estude no tempo de folga. Nós, não. Nenhum associado desta firma fracassou no exame da ordem e não recebemos que você quebre a tradição. Oitenta mil de início, subindo para oitenta e cinco em seis meses. Assim que você fizer um ano aqui, seu salário vai aumentar para noventa mil, além disso vai receber um bônus em cada mês de dezembro, baseado nos lucros e no desempenho durante os doze meses anteriores. No ano passado o bônus médio para os associados foi de nove mil. Como você sabe, dividir os lucros com os associados é extremamente raro nas firmas de advocacia. Alguma pergunta sobre o salário?

– O que acontece depois do segundo ano?

– Seu salário-base é aumentado em cerca de dez por cento a cada ano até você se tornar sócio. Nem os aumentos nem os bônus são garantidos. Dependem do desempenho.

– É justo.

– Como você sabe, para nós é muito importante que você compre uma casa. Isso dá estabilidade e prestígio e nós nos preocupamos muito com essas coisas. A firma oferece um empréstimo hipotecário a juros baixos, trinta anos, taxa fixa, não transferível para o caso de você decidir vender em alguns anos. É uma oferta única, disponível apenas para sua primeira casa. Depois disso você fica por conta própria.

– Que tipo de taxa?

– A mais baixa possível sem gerar problemas com o imposto de renda. A taxa de mercado atual está por volta de dez, dez e meio. Nós somos capazes de oferecer sete a oito por cento. Representamos alguns bancos e eles nos ajudam. Com esse salário você não vai ter problema em ter o empréstimo aprovado. Na verdade, a firma assina como fiadora, se necessário.

– Isso é muito generoso, Sr. McKnight.

– Para nós é importante. E não perdemos nenhum dinheiro com o negócio. Assim que você encontrar uma casa, nosso departamento imobiliário cuidará de tudo. Você só vai precisar se mudar.

– E o BMW?

O Sr. McKnight deu um risinho.

– Nós começamos essa política há cerca de dez anos e vimos que é um tremendo estímulo. É muito simples. Você escolhe um BMW, um dos menores, nós pagamos o leasing por três anos e lhe damos as chaves. Pagamos a documentação, o seguro, a manutenção. Depois de três anos você pode comprá-lo da empresa de leasing pelo valor de mercado. Também é uma oferta única.

– É muito tentador.

– Nós sabemos.

O Sr. McKnight olhou para seu bloco de anotações.

– Nós fornecemos cobertura médica e dental completa para toda a família. Gravidez, checkups, aparelhos dentários, tudo totalmente pago pela firma.

Mitch assentiu, mas não ficou impressionado. Isso era padrão.

– Temos um plano de aposentadoria que não fica atrás de nenhum outro. Para cada dólar que você investir, a firma coloca mais dois, desde que você invista pelo menos dez por cento de seu salário-base. Digamos que você comece com 80 mil e no primeiro ano tenha poupado 8 mil. A firma coloca 16, de modo que você fica com 24 depois do primeiro ano. Um profissional de finanças em Nova York cuida disso. No ano passado nosso fundo de aposentadoria rendeu dezenove por cento. Nada mau. Se você investir durante vinte anos, estará milionário aos 45, pouco antes de se aposentar. Uma exigência: se você sair antes de vinte anos perde tudo, menos o dinheiro que colocou, sem nenhum rendimento sobre esse dinheiro.

– Parece bastante duro.

– Não, na verdade é bem generoso. Encontre outra firma ou empresa que coloque dois para um num plano de aposentadoria. Que eu saiba, não existe nenhuma. É nosso modo de cuidar de nós mesmos. Muitos dos nossos sócios se aposentam aos 50 anos, alguns com 45. Não temos aposentadoria compulsória e alguns trabalham até os 60 ou 70 anos. Cada um decide por si. Nosso objetivo é simplesmente garantir uma pensão generosa para que a aposentadoria precoce seja uma opção.

– Quantos sócios aposentados vocês têm?

– Cerca de vinte. Eles gostam de vir almoçar e alguns mantêm uma sala. Lamar falou das férias?

– Falou.

– Bom. Marque com antecedência, especialmente para Vail e as Cayman. Você paga a passagem aérea, mas a hospedagem é gratuita. Fazemos muitos negócios nas Cayman e de vez em quando vamos mandar você para lá, para passar dois ou três dias e resolver coisas. Essas viagens não são contadas como férias, e você vai fazer mais ou menos uma por ano. Nós trabalhamos duro, Mitch, e reconhecemos a importância do lazer.

Mitch assentiu, sonhando com uma praia ensolarada no Caribe, deitado com uma piña colada e olhando biquínis minúsculos.

– Lamar falou do bônus pela assinatura?

– Não, mas parece interessante.

– Se você entrar para nossa firma nós lhe entregamos um cheque de 5 mil. Preferimos que você gaste quase tudo num guarda-roupa novo. Depois de sete anos de jeans e camisas de flanela, seu estoque de ternos deve estar baixo, e nós entendemos. Para nós a aparência é muito importante. Esperamos que nossos advogados se vistam bem e de modo conservador. Não existe código de vestimenta, mas você vai pegar a ideia.

Ele disse 5 mil dólares? Para gastar em roupas? No momento Mitch tinha dois ternos e estava usando um deles. Manteve o rosto impassível e não sorriu.

– Alguma pergunta?

– Sim. As empresas grandes são famosas por atulhar os associados com pesquisas tediosas, deixando-os trancados em alguma biblioteca durante os três primeiros anos. Não quero isso. Não me importo em fazer pesquisa e sei que vou estar no degrau mais baixo da escada, mas não quero ficar pesquisando e escrevendo súmulas para toda a firma. Gostaria de trabalhar com clientes de verdade e problemas de verdade.

O Sr. McKnight ouviu com atenção e esperou para dar sua resposta ensaiada.

– Entendo, Mitch. Você está certo, esse é um problema real nas firmas grandes. Mas não aqui. Nos primeiros três meses você vai fazer pouco mais do que estudar para o exame da ordem. Quando isso acabar, vai começar a exercer a advocacia. Vai ser designado para um sócio e os clientes dele vão se tornar seus clientes. Vai fazer a maior parte das pesquisas para ele e, claro, as suas, e ocasionalmente vão pedir que você ajude alguém com os preparativos para uma súmula ou alguma pesquisa. Queremos você feliz. Nós nos orgulhamos muito da taxa zero de rotatividade e nos esforçamos mais ainda para manter as carreiras



nos trilhos. Se você não conseguir se dar bem com seu sócio, vamos encontrar outro. Se você descobrir que não gosta de tributos, vamos deixar que tente títulos financeiros ou questões bancárias. A decisão é sua. Em breve a firma vai investir muito dinheiro em Mitch McDeere. E queremos que ele seja produtivo.

Mitch tomou um gole de café e procurou mais uma pergunta. O Sr. McKnight olhou para sua lista.

- Nós pagamos todas as despesas de mudança para Memphis.
- Não vai ser muito. Só um pequeno caminhão.
- Mais alguma coisa, Mitch?
- Não, senhor. Não me vem mais nada à cabeça.

A lista foi dobrada e guardada na pasta de papel. O sócio pousou os dois cotovelos na mesa e se inclinou para a frente.

– Mitch, não estamos pressionando, mas precisamos de uma resposta quanto antes. Se você for para outro lugar, precisaremos continuar entrevistando. É um processo demorado e gostaríamos que nosso novo homem começasse em 1º de julho.

- Dez dias é um prazo bom?
- Está ótimo. Pode ser 30 de março?
- Claro, mas eu entro em contato antes disso.

Mitch pediu licença e encontrou Lamar esperando no corredor em frente à sala de McKnight. Eles concordaram em se encontrar às sete para o jantar.

Não havia escritórios de advogados no quinto andar do Edifício Bendini. A sala de jantar dos sócios e a cozinha ocupavam a extremidade oeste, alguns depósitos inutilizados e sem pintura permaneciam trancados e vazios no centro, e uma grossa parede de concreto isolava o terço restante do andar. Bem no centro da parede, uma pequena porta de metal com um botão ao lado e uma câmera acima dava para uma salinha onde um guarda armado vigiava a porta e monitorava uma parede de telas de circuito fechado. Um corredor seguia em zigue-zague por um labirinto de escritórios e salas apertadas onde várias figuras cuidavam secretamente do trabalho de vigiar e reunir informações. As janelas eram cobertas com tinta e cortinas. A luz do sol não tinha chance de penetrar na fortaleza.

DeVasher, chefe da segurança, ocupava a maior das salas pequenas e simples. O diploma solitário em suas paredes nuas era um reconhecimento por trinta anos de serviços prestados como detetive do Departamento de Polícia de Nova Orleans. Ele era atarracado, com um pouco de barriga, ombros e peito largos e uma cabeça enorme e perfeitamente redonda que sorria com grande relutância. Sua camisa amarrotada estava desabotoada no colarinho, permitindo que o pescoço volumoso pendesse sem restrições. Uma grossa gravata de poliéster estava pendurada no cabideiro junto com um blazer surrado.

Na segunda-feira de manhã, depois da visita de McDeere, Oliver Lambert parou diante da pequena porta de metal e olhou para a câmera na parede. Apertou o botão duas vezes, esperou e finalmente sua entrada foi liberada pela

segurança. Caminhou rapidamente pelo corredor apertado e entrou na sala atulhada. DeVasher soprou fumaça de charuto na direção de um cinzeiro sem cinzas e empurrou papéis para todos os lados até que a madeira da mesa ficasse visível.

– Bom dia, Ollie. Acho que você quer falar sobre McDeere.

DeVasher era a única pessoa no Edifício Bendini que o chamava de Ollie não só pelas costas.

– É, entre outras coisas.

– Bom, ele se divertiu, ficou impressionado com a firma, gostou de Memphis e provavelmente vai aceitar a oferta.

– Onde seu pessoal estava?

– Nós ocupamos os quartos dos dois lados do dele. O dele estava grampeado, claro, assim como a limusine, o telefone e todo o resto. O de sempre, Ollie.

– Vamos ser específicos.

– Certo. Na noite de quinta-feira, eles se hospedaram tarde e foram para a cama. Pouca conversa. Na noite de sexta ele contou a ela tudo sobre a firma, as salas, as pessoas, disse que você era um cara muito legal. Achei que você gostaria de saber.

– Continue.

– Contou a ela sobre a sala de jantar chique e o almoço com os sócios. Falou sobre os detalhes da oferta e os dois ficaram em êxtase. Muito melhor do que as outras ofertas que ele recebeu. Ela quer uma casa com garagem, calçada, árvores e quintal nos fundos. Ele disse que ela poderia ter uma assim.

– Algum problema com a firma?

– Na verdade, não. Ele comentou a ausência de negros e mulheres, mas isso não pareceu incomodá-lo.

– E a mulher?

– Ela curtiu demais. Gosta da cidade e se deu bem com a mulher do Quin. Elas olharam casas na tarde de sexta e ela gostou de algumas.

– Você pegou algum endereço?

– Claro, Ollie. Na manhã de sábado eles chamaram a limusine e rodaram pela cidade. Ficaram muito impressionados com o carro. Nosso chofer evitou as áreas ruins e eles olharam mais casas. Acho que se decidiram por uma. East

Meadowbrook, 1.231. Está vazia. Uma corretora chamada Betsy Bell fez a visita com eles. Está pedindo 140 mil, mas aceita menos. Precisa vender logo.

– É uma área boa da cidade. A casa é velha?

– Uns dez, quinze anos. Quase 280 metros quadrados. Estilo meio colonial. É boa para um dos seus rapazes, Ollie.

– Tem certeza de que é essa que eles querem?

– Pelo menos por enquanto. Eles falaram em talvez voltar daqui a um mês para olhar mais algumas. Pode ser uma boa ideia trazer os dois de volta assim que eles aceitarem. É o procedimento normal, não é?

– Sim. Vamos cuidar disso. E o salário?

– Ficaram bem impressionados. É o mais alto até agora. Não pararam de falar do dinheiro. Salário, aposentadoria, hipoteca, BMW, bônus, tudo. Não conseguiam acreditar. Aquelas crianças devem estar falidas mesmo.

– Estão. Acha que nós o fismos?

– Aposto que sim. Ele chegou a dizer que a firma pode não ter tanto prestígio quanto as de Wall Street, mas os advogados são tão qualificados quanto e muito mais simpáticos. Acho que vai aceitar, sim.

– Alguma suspeita?

– Na verdade, não. Evidentemente, Quin disse para ele ficar longe da sala do Locke. Ele contou à mulher que ninguém entra lá, nunca, a não ser algumas secretárias e uns sócios. E disse que Quin contou que Locke era excêntrico e não muito amistoso. Mas não creio que ele suspeite. A mulher falou que a firma parecia preocupada com algumas coisas que não eram da conta dela.

– Tipo?

– Questões pessoais. Filhos, esposas com emprego, etc. Pareceu meio irritada, mas acho que era mais uma observação. Na manhã de sábado ela disse ao Mitch que de jeito nenhum um bando de advogados diria a ela quando trabalhar e quando ter filhos. Mas não acho que isso seja problema.

– Ele percebe como este lugar é permanente?

– Acho que sim. Não falaram nem uma vez em trabalhar alguns anos e então ir para outro lugar. Acho que ele captou a mensagem. Ele quer ser sócio, como todos. Está falido e quer o dinheiro.

– E o jantar na minha casa?

– Estavam nervosos, mas se divertiram. Ficaram muito impressionados com

a casa. Gostaram mesmo da sua mulher.

– Sexo?

– Toda noite. Parecia uma lua de mel lá dentro.

– O que eles fizeram?

– Nós não pudemos ver, lembre. Pareceu normal. Nada esquisito. Pensei em você e em como você gosta de fotos, e fiquei me perguntando se devíamos ter instalado algumas câmeras.

– Cala a boca, DeVasher.

– Quem sabe na próxima vez.

Ficaram em silêncio enquanto DeVasher estudava um bloco de anotações. Ele apagou o charuto no cinzeiro e sorriu sozinho.

– No geral – continuou –, é um casamento estável. Eles parecem muito íntimos. O motorista disse que ficaram de mãos dadas o fim de semana inteiro. Nenhuma irritação durante três dias. Isso é muito bom, não é? Mas quem sou eu para dizer? Fui casado três vezes.

– É compreensível. E quanto a filhos?

– Daqui a uns anos. Ela quer trabalhar um pouco, depois engravidar.

– Qual é sua opinião sobre esse cara?

– É um rapaz muito bom, muito decente. E também muito ambicioso. Acho que é decidido e não vai desistir antes de chegar ao topo. Pode se arriscar um pouco, violar algumas regras se for necessário.

Oliver sorriu.

– Era isso que eu queria ouvir.

– Dois telefonemas. Os dois para a mãe dela em Kentucky. Nada digno de nota.

– E a família dele?

– Nunca foi mencionada.

– Nenhuma palavra sobre Ray?

– Ainda estamos procurando, Ollie. Me dá um tempo.

DeVasher fechou a pasta de McDeere e abriu outra, muito mais grossa. Lambert esfregou as têmporas e olhou para o chão.

– Qual é a última? – perguntou baixinho.

– Não é boa, Ollie. Estou convencido de que Hodge e Kozinski estão trabalhando juntos. Na semana passada o FBI conseguiu um mandado e

examinou a casa de Kozinski. Encontrou nossos grampos. Disseram a ele que a casa estava grampeada, mas claro que não sabem quem fez isso. Na sexta-feira eles se esconderam na biblioteca do terceiro andar e Kozinski contou isso para Hodge. Tínhamos um microfone perto e captamos alguns trechos. Não muita coisa, mas sabemos que eles falaram sobre grampos. Estão convencidos de que tudo está grampeado e suspeitam de nós. Eles têm muito cuidado com os lugares onde conversam.

– Por que o FBI se deu o trabalho de conseguir um mandado de busca?

– Boa pergunta. Provavelmente por nossa causa. Para fazer as coisas parecerem legais e corretas. Eles nos respeitam.

– Quem é o agente?

– Tarrance. Ele está no comando, claro.

– Ele é bom?

– Mais ou menos. Jovem, ainda verde, certinho demais, mas competente. Não é páreo para os nossos homens.

– Com que frequência ele falou com Kozinski?

– Não dá pra saber. Eles suspeitam que estamos ouvindo, por isso todo mundo tem muito cuidado. Sabemos de quatro encontros no último mês, mas suspeito que tenham sido mais.

– Ele falou muita coisa?

– Espero que não muito. Ainda estão preparando o terreno. A última conversa que pegamos foi há uma semana e ele não falou muita coisa. Ele está morrendo de medo. Estão tentando convencê-lo, mas não conseguiram muita coisa. Ele ainda não decidiu cooperar. Foram eles que o procuraram, lembre-se. Pelo menos achamos que procuraram. Eles deram um belo arrocho e ele estava pronto para fazer um acordo. Agora está em dúvida, mas ainda mantém contato com eles, e é isso que me preocupa.

– A mulher dele sabe?

– Creio que não. Sabe que ele está agindo de modo estranho, mas ele diz a ela que é pressão do trabalho.

– E o Hodge?

– Ainda não falou com os federais, pelo que sabemos. Ele e Kozinski conversam um pouco, ou melhor, sussurram. Hodge vive dizendo que morre de

medo do FBI, que eles não são justos, trapaceiam e jogam sujo. Ele não vai agir sem o Kozinski.

– E se o Kozinski for eliminado?

– Hodge será um novo homem. Mas não acho que tenhamos chegado a esse ponto. Que droga, Ollie, ele não é um mafioso se metendo em nosso caminho. É um rapaz muito bom, com filhos e tal.

– Sua paixão é emocionante. Acho que você imagina que eu goste disso. Que merda, eu praticamente criei esses garotos.

– Bom, então coloque os garotos de volta na linha antes que essa coisa chegue longe demais. Nova York está começando a suspeitar, Ollie. Estão fazendo muitas perguntas.

– Quem?

– Lazarov.

– O que você disse a eles, DeVasher?

– Tudo. É o meu trabalho. Eles querem você em Nova York depois de amanhã para um relatório completo.

– O que eles querem?

– Respostas. E planos.

– Planos para quê?

– Planos preliminares para eliminar Kozinski, Hodge e Tarrance, caso se torne necessário.

– Tarrance! Ficou maluco, DeVasher? Não podemos eliminar um policial. Eles vão mandar as tropas.

– Lazarov é um idiota, Ollie. Você sabe. Um idiota, mas acho melhor não dizer isso para ele.

– Acho que eu vou. Vou a Nova York dizer ao Lazarov que ele é um completo imbecil.

– Faça isso, Ollie. Faça isso.

Oliver Lambert saltou de sua cadeira e foi até a porta.

– Vigie McDeere durante mais um mês.

– Claro, Ollie. Pode deixar. Ele vai aceitar. Não se preocupe.

O Mazda foi vendido por 200 dólares e a maior parte do dinheiro foi investida no aluguel de um U-Haul, um caminhão de mudança de quase 4 metros de comprimento. Mitch seria reembolsado em Memphis. Metade dos móveis velhos foi dada ou jogada fora, e o caminhão foi carregado com uma geladeira, uma cama, uma penteadeira e uma cômoda, uma pequena televisão em cores, caixas com pratos, roupas e bugigangas e um sofá velho que foi levado pelo valor sentimental e não duraria muito na casa nova.

Abby ficou com o vira-lata Hearsey no colo enquanto Mitch dirigia por Boston e ia para o Sul, muito ao Sul, em direção à promessa de coisas melhores. Durante três dias percorreram estradas secundárias, desfrutaram do campo, cantaram junto com o rádio, dormiram em motéis baratos e falaram sobre a casa, o BMW, os móveis novos, filhos, riqueza. Baixaram as janelas e deixaram o vento soprar enquanto o caminhão atingia no máximo uns 70 quilômetros por hora. Num determinado ponto, em algum lugar da Pensilvânia, Abby mencionou que talvez eles pudessem parar em Kentucky para uma visita rápida. Mitch não disse nada, mas escolheu uma rota que atravessava as Carolinas e a Geórgia, jamais chegando a menos de 300 quilômetros de qualquer ponto da fronteira de Kentucky. Abby deixou passar.

Chegaram a Memphis numa terça-feira de manhã e, como fora prometido, o 318i preto estava sob a cobertura como se aquele fosse o seu lugar. Mitch olhou para o carro. Abby olhou para a casa. O gramado era denso, verde e bem aparado. A cerca viva tinha sido podada. As margaridas floriam.



As chaves estavam embaixo de um balde na despensa, como fora prometido.

Depois do test-drive do carro, eles descarregaram rapidamente o caminhão antes que os vizinhos inspecionassem os parques pertences. O veículo foi devolvido na locadora mais próxima. Outro passeio no carro.

Uma decoradora, a mesma que cuidaria do escritório dele, chegou depois do meio-dia e trouxe amostras de carpetes, tinta, pisos, cortinas, papel de parede. Depois do apartamento de Cambridge, Abby achou meio hilária a ideia de ter uma decoradora, mas entrou no jogo. Mitch ficou imediatamente entediado e pediu licença para dar mais uma volta no carro. Percorreu as ruas calmas, sombreadas pelas fileiras de árvores, dessa bela vizinhança da qual ele agora fazia parte. Sorriu quando garotos de bicicleta pararam e assobiaram para seu carro novo. Acenou para o carteiro, que andava pela calçada suando profusamente. Ali estava ele, Mitchell Y. McDeere, com 25 anos e formado havia uma semana na faculdade. Ele tinha conseguido.

Às três horas, acompanharam a decoradora até uma elegante loja de móveis, cujo gerente informou educadamente que o Sr. Oliver Lambert já havia cuidado do crédito e que de fato não havia limites para o que poderiam financiar. Compraram uma casa completa. Mitch franziu o cenho algumas vezes e vetou dois itens que considerou caros demais, mas Abby comandou o dia. De vez em quando a decoradora elogiava seu gosto maravilhoso e disse que iria se encontrar com Mitch na segunda-feira para cuidar do escritório. Ótimo, disse ele.

COM UM MAPA da cidade, partiram para a residência dos Quins. Abby tinha visto a casa durante a primeira visita, mas não lembrava como chegar lá. Ficava numa área da cidade chamada Chickasaw Gardens, e ela se lembrava dos terrenos arborizados, das casas enormes e dos jardins com cuidado paisagístico profissional. Pararam na rampa de veículos atrás do Mercedes novo e do Mercedes velho.

A empregada assentiu com educação, mas não sorriu. Levou-os à sala de estar e os deixou. A casa estava escura e silenciosa – sem crianças, sem vozes, sem ninguém. Admiraram a mobília e esperaram. Murmuraram baixinho, depois foram ficando impacientes. Sim, concordaram, eles tinham sido mesmo

convidados para jantar naquela noite, quinta-feira, 25 de junho, às seis da tarde. Mitch olhou o relógio de novo e disse algo sobre falta de educação. Esperaram.

Kay saiu do corredor e tentou sorrir. Seus olhos estavam inchados e vítreos, com rímel escorrendo dos cantos. Lágrimas desciam livremente pelas bochechas e ela segurava um lenço sobre a boca. Abraçou Abby e se sentou perto dela no sofá. Mordeu o lenço e começou a chorar mais alto.

Mitch se ajoelhou diante dela.

– Kay, o que aconteceu?

Ela mordeu o lenço com mais força e balançou a cabeça. Abby apertou o joelho dela e Mitch deu um tapinha no outro. Eles a observaram com atenção, esperando o pior. Seria Lamar ou um dos filhos?

– Houve uma tragédia – disse ela entre soluços baixos.

– Quem? – perguntou Mitch.

Ela enxugou os olhos e respirou fundo.

– Dois membros da firma, Marty Kozinski e Joe Hodge, morreram hoje. Nós éramos muito próximos deles.

Mitch sentou-se na mesinha de centro. Lembrava-se de Marty Kozinski da segunda visita, em abril. Tinha almoçado com Lamar e Mitch numa delicatessen na Front Street. Kozinski era o próximo da fila para se tornar sócio, mas parecia pouco entusiasmado. Mitch não conseguia se lembrar de Joe Hodge.

– O que aconteceu? – perguntou.

Ela tinha parado de chorar, mas as lágrimas continuaram. Enxugou o rosto de novo e o encarou.

– Não sabemos direito. Estavam na Grand Cayman, mergulhando. Houve algum tipo de explosão no barco e achamos que eles se afogaram. Lamar disse que sabia de poucos detalhes. Houve uma reunião na firma há algumas horas, quando contaram a todos. Lamar mal conseguiu chegar em casa.

– Onde ele está?

– Perto da piscina. Esperando você.

Estava sentado numa cadeira de metal ao lado de uma mesinha com uma pequena barraca, perto da beira da piscina. Junto a um canteiro de flores, um aspersor circular chiava, chacoalhava e espirrava água num arco perfeito que incluía a mesa, a barraca, a cadeira e Lamar Quin. Ele estava encharcado. A água

pingava do nariz, das orelhas e do cabelo. A camisa de algodão azul e a calça de lã estavam encharcadas. Estava sem meias e sapatos.

Sentado imóvel, nem sequer se mexia a cada vez que era atingido pela água. Era como se não estivesse ali. Algum objeto distante na cerca lateral atraiu e reteve sua atenção. Uma garrafa de Heineken estava caída numa poça no concreto ao lado da cadeira.

Mitch examinou o quintal dos fundos, em parte para se certificar de que os vizinhos não podiam ver nada ali dentro. Não podiam. Uma cerca de ciprestes com 2,5 metros de altura garantia privacidade completa. Deu a volta na piscina e parou na borda da área seca. Lamar percebeu sua presença, assentiu, tentou dar um sorriso débil e sinalizou para uma cadeira molhada. Mitch puxou-a um pouco para longe e se sentou, justo quando o próximo jato de água chegou.

Seu olhar voltou para a cerca, ou para o que quer que estivesse lá, ao longe. Durante uma eternidade os dois ficaram sentados ouvindo o som do aspersor. Às vezes Lamar balançava a cabeça e tentava murmurar. Mitch deu um sorriso sem graça, sem saber o que dizer, se é que alguma coisa precisava ser dita.

– Lamar, sinto muito – conseguiu por fim dizer.

Lamar assentiu e olhou para Mitch.

– Eu também.

– Eu gostaria de conseguir falar algo que o consolasse.

O olhar de Lamar se afastou da cerca e ele inclinou a cabeça de lado, na direção de Mitch. Seu cabelo escuro estava encharcado e caía sobre os olhos. Os olhos estavam vermelhos e sofridos. Ele continuou olhando fixo e esperou que a próxima rodada de água passasse.

– Eu sei. Mas não há o que dizer. Lamento que tenha acontecido agora, hoje. Não sentimos vontade de cozinhar.

– Essa deve ser a menor das suas preocupações. Eu perdi o apetite.

– Você se lembra deles? – perguntou Lamar, e gotas d'água voaram de seus lábios.

– Me lembro do Kozinski, mas não do Hodge.

– Marty Kozinski era um dos meus melhores amigos. Era de Chicago. Entrou para a firma três anos antes de mim e era o próximo da fila para virar sócio. Era um grande advogado, um cara que todos admirávamos e a quem pedíamos

conselho. Provavelmente o melhor negociador da firma. Muito tranquilo e frio sob pressão.

Ele enxugou as sobrelanceiras e olhou para baixo. Quando falava, a água pingava do nariz e atrapalhava a pronúncia.

– Três filhos. As duas meninas gêmeas são um mês mais velhas do que nosso filho e eles sempre brincaram juntos.

Ele fechou os olhos, mordeu o lábio e começou a chorar.

Mitch queria ir embora. Tentou não olhar para o amigo.

– Sinto muito, Lamar. De verdade.

Depois de alguns minutos o choro parou, mas a água continuou. Mitch examinou o gramado extenso, procurando a torneira externa. Por duas vezes reuniu coragem para perguntar se podia desligar o aspersor e por duas vezes decidiu que, se Lamar podia aguentar, ele também podia. Talvez isso ajudasse. Olhou o relógio. Faltava uma hora e meia para escurecer.

– Como foi o acidente? – perguntou por fim.

– Não disseram muita coisa. Eles estavam mergulhando e houve uma explosão no barco. O instrutor de mergulho também morreu. Era nativo das ilhas. Estão tentando trazer os corpos agora.

– Onde as esposas deles estavam?

– Em casa, felizmente. Era uma viagem de negócios.

– Não consigo me lembrar do Hodge.

– Joe era um cara alto e loiro que não falava muito. Do tipo que a gente conhece, mas depois não lembra. Era de Harvard, como você.

– Quantos anos ele tinha?

– Os dois tinham 34. Ele seria admitido como sócio depois do Marty. Eram muito próximos. Acho que todos somos próximos, especialmente agora.

Com todos os dez dedos, Lamar penteou o cabelo para trás. Levantou-se e foi até o terreno seco. Escorria água da bainha da camisa e da calça. Parou perto de Mitch e lançou um olhar inexpressivo para as copas das árvores do quintal vizinho.

– Que tal o BMW?

– Fantástico. Ótimo carro. Obrigado.

– Quando vocês chegaram?

– Hoje de manhã. Já andei quase 500 quilômetros.

– A decoradora apareceu?  
– Sim. Ela e Abby gastaram meu salário do próximo ano.  
– Isso é bom. É uma bela casa. Estamos felizes por ter vindo, Mitch. Só peço desculpas pelas circunstâncias. Você vai gostar daqui.  
– Não precisa se desculpar.  
– Ainda não acredito. Estou entorpecido, paralisado. Tremo só de pensar em ver a mulher do Marty e as crianças. Preferia ser chicoteado a ir lá.  
Kay apareceu, atravessou o deque e desceu a escada até a piscina. Encontrou a torneira e o aspersor foi silenciado.

SAÍRAM DE CHICKASAW Gardens e foram para oeste junto com o tráfego que ia para o centro da cidade, em direção ao sol poente. Deram-se as mãos, mas falaram pouco. Mitch abriu a capota e baixou as janelas. Abby remexeu numa caixa de velhas fitas cassete e encontrou uma de Bruce Springsteen. O aparelho de som era ótimo. “Hungry Heart” soprou pelas janelas enquanto o pequeno conversível ia na direção do rio. O ar quente, pegajoso e úmido do verão de Memphis veio junto com a noite. As luzes de campos de softball se acendiam enquanto grupos de homens gordos com calças de poliéster justas e camisas verde-lima e amarelo fluorescente faziam linhas de giz e se preparavam para a batalha. Carros chegavam cheios de adolescentes que se apinhavam em lanchonetes para tomar cerveja, fofocar e azarar. Mitch começou a sorrir. Tentou se esquecer de Lamar, Kozinski e Hodge. Por que deveria ficar triste? Eles não eram seus amigos. Lamentava pelas famílias, mas não conhecia de verdade aquelas pessoas. E ele, Mitchell Y. McDeere, um garoto pobre e sem família, tinha muitos motivos para se sentir feliz. Uma mulher linda, casa nova, carro novo, emprego novo, diploma de Harvard. Uma mente brilhante e um corpo sólido que não ganhava peso e precisava de pouco sono. Oitenta mil por ano, por enquanto. Em dois anos poderia chegar aos seis dígitos, e só precisava trabalhar noventa horas por semana. Moleza.

Foi a um posto de gasolina e abasteceu por conta própria com 60 litros. Pagou e comprou uma embalagem de seis latas de cerveja Michelob. Abby abriu duas e eles partiram de volta para o trânsito. Agora ele estava sorrindo.

– Vamos comer – disse.

– Não estamos exatamente bem-vestidos.

Ele olhou para as pernas compridas e morenas de Abby. Ela usava uma saia de algodão branca, acima dos joelhos, e uma camisa de botões branca. Ele estava de bermuda, mocassins e com uma camisa polo preta e desbotada.

– Com pernas assim você poderia entrar em qualquer restaurante de Nova York.

– Que tal o Rendezvous? Pareceu mais informal.

– Boa ideia.

Pagaram para deixar o carro num estacionamento do centro e caminharam dois quarteirões até uma rua estreita. O cheiro de churrasco se misturava com o ar de verão e pairava como uma névoa perto da calçada. O aroma penetrava suavemente pelo nariz, pela boca e pelos olhos, e corria em ondas até o estômago. Da ruela se via fumaça saindo de exaustores que cruzavam o subsolo até as grelhas enormes onde as costeletas de porco eram preparadas na melhor churrascaria de uma cidade conhecida pelo churrasco de primeira linha. O Rendezvous ficava no subsolo, sob um antigo prédio de tijolos vermelhos que teria sido demolido décadas antes se não tivesse o famoso inquilino no porão.

Sempre havia uma multidão e uma lista de espera, mas pelo jeito as quintas-feiras eram mais calmas. Foram levados pelo restaurante enorme e ruidoso até uma mesinha com toalha xadrez vermelha. Atraíram olhares ao longo do caminho. Sempre olhares. Homens paravam de comer, imóveis, com costeletas penduradas nos dentes, enquanto Abby McDeere deslizava como uma modelo na passarela. Ela já havia parado o trânsito numa calçada em Boston. Assobios e cantadas eram corriqueiros, e seu marido estava acostumado. Sentia um orgulho enorme da mulher linda.

Um homem parecendo bravo e com avental vermelho parou diante deles.

– Certo, senhor – exigiu.

Os cardápios, impressos nos jogos americanos, eram completamente desnecessários. Costeletas, costeletas e costeletas.

– Dois pedidos completos, prato de queijos, jarra de cerveja – disparou Mitch de volta.

O garçom não anotou nada, virou-se e gritou na direção da entrada:

– Dois completos, queijo, jarra!

Quando ele se afastou, Mitch segurou a perna de Abby por baixo da mesa.

Ela lhe deu um tapa na mão.

– Você é linda – disse ele. – Quando foi a última vez que falei que você é linda?

– Há umas duas horas.

– Duas horas! Que falta de consideração!

– Que não se repita.

Ele segurou a perna dela de novo e acariciou o joelho. Ela deixou. Sorriu, sedutora, as covinhas se formando perfeitamente, os dentes brilhando à luz fraca, os olhos castanho-claros reluzindo. O cabelo castanho-escuro era liso e caía com perfeição alguns centímetros abaixo dos ombros.

A cerveja chegou e o garçom encheu duas canecas sem dizer nada. Abby tomou um pequeno gole e parou de sorrir.

– Você acha que o Lamar está bem? – perguntou.

– Não sei. Primeiro achei que ele estava bêbado. Fiquei me sentindo um idiota ali sentado, olhando ele se encharcar.

– Coitado. Kay disse que o enterro deve ser na segunda-feira, se conseguirem trazer os corpos a tempo.

– Vamos falar de outra coisa. Não gosto de enterros, nenhum enterro, nem quando estou lá por educação e não conheço o defunto. Já tive algumas experiências ruins.

As costeletas chegaram. Eram servidas em pratos de papel com folha de alumínio para recolher a gordura. Um pequeno prato de salada de repolho e outro de feijão foram colocados ao lado de uma tábua de 30 centímetros com costeletas sequinhas, cobertas com uma grossa camada do molho secreto. Eles começaram a comer com as mãos.

– Você gostaria de falar sobre o quê? – perguntou ela.

– Sobre engravidar.

– Achei que a gente iria esperar alguns anos.

– E vamos. Mas acho que até lá a gente deveria treinar com afinco.

– Nós treinamos em todos os motéis de beira de estrada desde Boston até aqui.

– Eu sei, mas não na nossa casa nova.

Mitch separou duas costelas, fazendo espirrar molho nas sobrancelhas.

– Nós acabamos de mudar, hoje de manhã.

– Eu sei. O que estamos esperando?

– Mitch, parece até que eu abandonei você.

– E abandonou. Desde hoje de manhã. Sugiro que a gente faça esta noite, assim que chegarmos, para batizar a casa nova.

– Veremos.

– Combinado? Olha, você viu aquele cara ali? Está quase quebrando o pescoço para ver um pedaço que seja da sua perna. Eu deveria ir lá e encher ele de porrada.

– Sim, combinado. Não se preocupe com esses caras. Estão olhando para você. Acharam você lindo.

– Muito engraçado.

Mitch devorou suas costeletas até o osso e comeu metade das dela. Quando a cerveja acabou, pagou a conta e os dois subiram para a rua estreita. Ele dirigiu com cuidado, atravessando a cidade, e reconheceu o nome de uma rua por que passou em um dos muitos passeios de carro do dia. Depois de pegar dois caminhos errados, encontrou a Meadowbrook, e em seguida a casa do Sr. e da Sra. McDeere.

O colchão e a cama box estavam empilhados no quarto principal, cercados por caixas. Escondido embaixo de um abajur no chão, Hearsay assistiu ao treino dos dois.

QUATRO DIAS DEPOIS, no que deveria ter sido seu primeiro dia atrás da mesa nova, Mitch e sua linda esposa se juntaram aos 39 membros restantes da firma e suas esposas adoráveis, para prestar os últimos respeitos a Martin S. Kozinski. A catedral estava cheia. Oliver Lambert fez um discurso fúnebre tão eloquente e tocante que nem mesmo Mitchell McDeere, que havia enterrado o pai e um irmão, conseguiu evitar os arrepios. Os olhos de Abby se encheram d'água ao ver a viúva e os filhos.

Naquela tarde se encontraram de novo na igreja presbiteriana no leste de Memphis para se despedir de Joseph M. Hodge.



O pequeno vestíbulo em frente à sala de Royce McKnight estava vazio quando Mitch chegou pontualmente às oito e trinta, como fora marcado. Ele cantarolou, tossiu e começou a ficar ansioso. Uma secretária bastante idosa de cabelos azuis surgiu de trás de dois arquivos e fez uma cara feia na direção dele. Quando ficou claro que não era bem-vindo, Mitch se apresentou e explicou que tinha marcado uma reunião com o Sr. McKnight. Ela sorriu e se apresentou como Louise, a secretária pessoal do Sr. McKnight há 31 anos. Café? Sim, respondeu ele, puro. Ela desapareceu e voltou com uma xícara e um pires. Avisou ao chefe por um interfone e instruiu Mitch a sentar-se. Agora o reconhecia. Outra secretária tinha apontado para ele durante os funerais do dia anterior.

Ela pediu desculpas pela atmosfera sombria. Explicou que ninguém estava com vontade de trabalhar e que iria demorar dias até que as coisas voltassem ao normal. Eram rapazes muito bons. O telefone tocou e ela explicou que o Sr. McKnight estava numa reunião importante e não podia ser incomodado. Tocou de novo, ela ouviu alguma coisa e depois acompanhou Mitch até a sala do sócio-gerente.

Oliver Lambert e Royce McKnight cumprimentaram Mitch e o apresentaram a outros dois sócios, Victor Milligan e Avery Tolar. Sentaram-se em volta de uma pequena mesa de reuniões. Pediram que Louise pegasse mais café. Milligan era chefe do departamento tributário e Tolar, com 41 anos, era um dos sócios mais jovens.

– Mitch, pedimos desculpa por um início tão deprimente – começou

McKnight. – Agradecemos sua presença nos funerais ontem e lamentamos que seu primeiro dia como membro da nossa firma tenha sido tão triste.

– Eu concluí que era meu dever estar lá – respondeu Mitch.

– Sentimos muito orgulho por sua atitude e temos grandes planos para você. Acabamos de perder dois dos nossos melhores advogados, e os dois não faziam nada além de cuidar de tributos, por isso vamos exigir mais de você. Todos nós vamos ter que trabalhar um pouco mais.

Louise chegou com uma bandeja de café. Bule de prata, porcelana fina.

– Estamos muito tristes – disse Oliver. – Então, por favor, seja tolerante conosco.

Todos assentiram e franziram a testa, olhando para a mesa. Royce McKnight examinou algumas anotações num bloco.

– Mitch, acho que já falamos disso. Nesta firma nós juntamos cada associado a um sócio, que age como supervisor e mentor. Esses relacionamentos são muito importantes. Tentamos ligar o novato a um sócio com quem seja compatível e com quem deve trabalhar bem, e em geral acertamos. Já cometemos erros. Química errada, ou o que for, mas, quando isso acontece, simplesmente realocamos o associado. Avery Tolar vai ser o seu parceiro.

Mitch deu um sorriso sem graça para seu novo parceiro.

– Você vai ficar sob a orientação dele, e os casos e os arquivos em que trabalhar serão os dele. Praticamente tudo será da área tributária.

– Está ótimo.

– Antes que eu esqueça, eu gostaria de almoçar com você hoje – disse Tolar.

– Sim, claro – respondeu Mitch.

– Usem minha limusine – ofereceu o Sr. Lambert.

– Eu tinha planejado isso – disse Tolar.

– Quando eu ganho uma limusine? – perguntou Mitch.

Eles sorriram e pareceram apreciar o momento de descontração.

– Daqui a uns vinte anos – respondeu o Sr. Lambert.

– Posso esperar.

– Que tal o BMW? – perguntou Victor Milligan.

– Fantástico. Está pronto para a revisão de dez mil quilômetros.

– A mudança foi boa?

– Está tudo ótimo. Agradeço a ajuda da firma em tudo. Vocês fizeram com

que nos sentíssemos muito bem-vindos. Abby e eu estamos extremamente gratos.

McKnight parou de sorrir e voltou a estudar o bloco.

– Como eu lhe disse, Mitch, o exame da ordem é a prioridade. Você tem seis semanas para estudar e nós vamos ajudar de todas as maneiras possíveis. Temos cursos preparatórios dirigidos por um dos nossos membros. Todas as matérias do exame serão abordadas e seu progresso vai ser observado atentamente por todos nós, especialmente pelo Avery. Pelo menos metade de cada dia será gasto nos estudos para a prova, e a maior parte do seu tempo de folga também. Nunca um associado desta firma foi reprovado no exame.

– Não serei o primeiro.

– Se você não passar, nós tiramos o BMW – avisou Tolar com um risinho.

– Sua secretária vai ser uma senhora chamada Nina Huff. Ela está na firma há mais de oito anos. É meio temperamental, não parece grande coisa, mas é muito capaz. Sabe muito sobre Direito e tem mania de dar conselhos, especialmente aos advogados mais novos. Fica por sua conta colocá-la no devido lugar. Se você não se der bem com ela, nós a transferimos.

– Onde fica a minha sala?

– Segundo andar, em frente à do Avery. A decoradora virá esta tarde para escolher a mesa e os móveis. Siga os conselhos dela o máximo possível.

O escritório de Lamar também ficava no segundo andar e no momento aquilo foi reconfortante. Mitch pensou nele sentado perto da piscina, encharcado, chorando e murmurando coisas incoerentes.

– Mitch – falou McKnight –, infelizmente deixei de abordar uma coisa que deveria ter sido discutida na sua primeira visita.

Mitch esperou.

– Certo. O que é? – perguntou finalmente.

Os sócios olharam para McKnight com atenção.

– Nós jamais permitimos que um associado inicie a carreira com o peso do empréstimo estudantil. Preferimos que você encontre outras coisas com as quais se preocupar e outros modos de gastar seu dinheiro. Quanto você deve?

Mitch tomou um gole de café e pensou rapidamente.

– Quase 23 mil.

– Deixe os documentos na mesa de Louise, de manhã cedo.

- O senhor, quero dizer, a firma vai pagar o empréstimo?
- É a nossa política. A não ser que você seja contra.
- Não sou contra. Simplesmente não sei o que dizer.
- Não precisa dizer nada. Fizemos isso para cada associado nos últimos quinze anos. Só deixe a papelada com Louise.
- Isso é muito generoso, Sr. McKnight.
- É sim.

AVERY TOLAR FALAVA sem parar enquanto a limusine seguia devagar pelo tráfego do meio-dia. Disse que Mitch o fazia se lembrar de si mesmo. Um garoto pobre vindo de um lar desfeito, criado por famílias adotivas no sudoeste do Texas e largado nas ruas depois do ensino médio. Trabalhava à noite numa fábrica de sapatos para pagar a faculdade. Uma bolsa acadêmica para a Universidade do Texas em El Paso abriu-lhe as portas. Formou-se com honras, candidatou-se a onze faculdades de Direito e optou por Stanford. Terminou o curso em segundo lugar e recusou ofertas de cada firma grande da Costa Oeste. Queria trabalhar com tributação, nada além disso. Oliver Lambert o havia recrutado seis anos atrás, quando a firma tinha menos de trinta advogados.

Tinha mulher e dois filhos, mas falou pouco sobre a família. Falou de dinheiro. Sua paixão, como ele dizia. O primeiro milhão estava no banco. O segundo viria daqui a dois anos. Com 400 mil por ano, brutos, isso não demoraria muito. Sua especialidade era formar sociedades para comprar superpetroleiros. Era o principal especialista nessa área e trabalhava por 300 dólares a hora, umas sessenta, às vezes setenta horas por semana.

Mitch começaria com 100 pratas a hora, pelo menos cinco horas por dia, até passar no exame da ordem e conseguir sua licença. Depois esperavam que fizesse oito horas por dia, 150 a hora. Faturamento era o sangue vital da firma. Tudo girava ao redor disso. Promoções, aumentos, bônus, sobrevivência, sucesso, tudo dependia de como cada um faturava. Especialmente os novatos. A rota mais rápida para uma repreensão era negligenciar o faturamento diário. Avery não conseguia se lembrar de uma repreensão desse tipo. Simplesmente não havia notícia de algum advogado da firma que ignorasse seu faturamento.

A média para os associados era de 175 a hora. Para os sócios, 300. Milligan

conseguia 400 por hora de alguns clientes, e uma vez Nathan Locke faturou 500 a hora em um trabalho que implicava trocar ativos em vários países estrangeiros. Quinhentas pratas a hora! Avery adorava essa ideia e calculou 500 a hora vezes cinquenta horas por semana e cinquenta semanas por ano. Um milhão e 250 mil num ano! É assim que se ganha dinheiro nesse negócio. Coloca-se um punhado de advogados trabalhando por hora e constrói-se uma dinastia. Quanto mais advogados você consegue, mais dinheiro os sócios ganham.

– Não ignore o faturamento – alertou ele. – É a primeira regra de sobrevivência. Se não houver o que faturar, vá imediatamente à sala dele. Ele tinha o suficiente. No décimo dia de cada mês os sócios revisam o faturamento do mês anterior durante um dos seus almoços exclusivos. É uma grande cerimônia. Royce McKnight lê o nome de cada advogado, depois o total do respectivo faturamento mensal. A competição entre os sócios é intensa, mas todos levam numa boa. Todos estão ficando ricos, certo? É muito motivacional. Quanto aos associados, não dizem nada a quem faturou menos, a não ser que seja o segundo mês seguido. Oliver Lambert vai dizer alguma coisa por alto. Ninguém jamais ficou em último lugar por três meses seguidos. Os associados podem receber bonificações por faturamentos exorbitantes. A promoção a sócio se baseia na capacidade de gerar ganhos. Portanto, não ignore isso – alertou de novo. – Essa deve ser sempre a prioridade, depois do exame da ordem, claro.

O exame era uma chateação, um sofrimento que devia ser suportado, um rito de passagem, e nada que alguém formado em Harvard deveria temer. Bastava se concentrar nos cursos preparatórios, disse ele, e tentar se lembrar de tudo que tinha acabado de aprender na faculdade de Direito.

A limusine entrou numa rua entre dois prédios altos e parou diante de um pequeno toldo que se estendia do meio-fio até uma porta de metal preta. Avery olhou seu relógio e se dirigiu ao motorista.

– Volte às duas.

Duas horas de almoço, pensou Mitch. São mais de 600 dólares em tempo faturável. Que desperdício!

O Manhattan Club ocupava o último andar de um prédio de dez andares que tinha sido ocupado inteiramente pela última vez no início dos anos 1950. Avery disse que a estrutura era um pardieiro, mas acrescentou rápido que o clube era o

refúgio para almoço e jantar mais exclusivo da cidade. Oferecia comida excelente num ambiente luxuoso frequentado apenas por homens brancos ricos. Almoços poderosos para pessoas poderosas. Banqueiros, advogados, executivos, empresários, alguns políticos e alguns aristocratas. Um elevador dourado subiu direto, sem parar nos escritórios desertos, até o elegante décimo andar. O maître cumprimentou o Sr. Tolar pelo nome e perguntou pelos seus bons amigos Oliver Lambert e Nathan Locke. Expressou os pêsames pela perda do Sr. Kozinski e do Sr. Hodge. Avery agradeceu e apresentou o membro mais novo da firma. A mesa predileta esperava no canto. Um homem educado, chamado Ellis, entregou os cardápios.

– A firma não permite bebida no almoço – avisou Avery abrindo o cardápio.

– Não gosto de beber no almoço.

– Isso é bom. O que você vai querer?

– Chá com gelo.

– Chá gelado para ele – disse Avery ao garçom. – Me traga um martíni Bombay no gelo com três azeitonas.

Mitch mordeu a língua e riu por trás do cardápio.

– Temos regras demais – murmurou Avery.

O primeiro martíni levou a outro, mas ele parou no segundo. Fez o pedido para os dois. Algum tipo de peixe assado. O especial do dia. Disse que controlava o peso com muito cuidado. Também malhava diariamente numa academia, sua própria academia. Convidou Mitch a suar com ele. Talvez depois do exame da ordem. Houve as perguntas de sempre sobre futebol americano universitário e as negativas de sempre sobre qualquer grande sucesso.

Mitch perguntou sobre os filhos. Avery disse que eles moravam com a mãe.

O peixe estava cru e a batata cozida estava dura. Mitch beliscava no prato, comendo devagar a salada, e ouviu o parceiro falar sobre a maioria das outras pessoas que estavam almoçando ali. O prefeito estava sentado a uma mesa grande com alguns japoneses. Um dos banqueiros da firma estava na mesa ao lado. Havia alguns outros advogados e empresários importantes, todos comendo furiosamente e com imponência, poderosos. A atmosfera era abafada. Segundo Avery, cada membro do clube era uma figura importante, uma força poderosa em seu campo de atuação e na cidade. Avery estava em casa.

Os dois recusaram sobremesa e pediram café. Esperava-se que ele chegasse

ao escritório às nove horas todo dia, explicou Avery acendendo um Montesino. As secretárias chegavam às oito e meia. O horário era das nove às cinco, mas ninguém trabalhava oito horas por dia. Ele próprio chegava ao escritório às oito e raramente saía antes das seis. Podia faturar doze horas por dia, todo dia, independentemente de quantas horas trabalhasse de fato. Doze por dia, cinco dias por semana, a 300 por hora, durante cinquenta semanas. Novecentos mil dólares! Em honorários! Esse era o seu objetivo. No ano anterior tinha faturado 700 mil, mas enfrentara alguns problemas pessoais. A firma não se importava se Mitch entrasse às seis ou às nove da manhã, desde que o trabalho fosse feito.

– A que horas as portas são abertas?

Todo mundo tem a chave, explicou Avery, por isso pode entrar e sair quando quiser. A segurança é rígida, mas os guardas estão acostumados com os workaholics. Alguns hábitos eram lendários. Victor Milligan, na juventude, trabalhava dezesseis horas por dia, sete dias por semana, até virar sócio. Então parou de trabalhar aos sábados depois de ter um ataque cardíaco. Seu médico o obrigou a se restringir a dez horas por dia, cinco dias por semana, e desde então ele não é mais feliz. Marty Kozinski conhecia todos os faxineiros pelo nome. Era um sujeito que chegava às nove da manhã porque queria tomar café com os filhos. Chegava às nove e saía à meia-noite. Nathan Locke diz que não consegue trabalhar bem depois que as secretárias chegam, por isso entra às seis. Seria uma desgraça para ele começar mais tarde. Tem 61 anos, 10 milhões de dólares e trabalha das seis da manhã até as oito da noite, cinco dias por semana, e mais meio dia no sábado. Caso se aposentasse, morreria.

– Ninguém marca ponto – explicou o sócio. – Entre e saia como quiser. Só faça o serviço.

Mitch disse que tinha entendido. Dezesseis horas por dia não seria novidade.

Avery elogiou o terno novo. Havia um código de vestimenta tácito e pelo jeito Mitch o havia captado. Ele tinha um alfaiate, um velho coreano no Sul de Memphis, e o recomendaria quando Mitch pudesse pagar. Mil e quinhentos dólares cada terno. Mitch disse que esperaria um ou dois anos.

Um advogado de uma das firmas maiores os interrompeu e foi falar com Avery. Ofereceu os pêsames e perguntou sobre as famílias. Ele e Joe Hodge tinham trabalhado juntos num processo no ano anterior, e ele não conseguia acreditar. Avery o apresentou a Mitch. Ele estava no funeral, disse Avery. Os dois

esperaram que ele saísse, mas ele ficou falando sem parar sobre como lamentava. Era óbvio que queria detalhes. Avery não deu nenhum e o cara finalmente se afastou.

Às duas horas os almoços poderosos estavam perdendo a força e a ocupação foi diminuindo. Avery assinou a conta e o maître os levou até a porta. O motorista estava encostado pacientemente na traseira da limusine. Mitch entrou no banco de trás e afundou no grosso banco de couro. Olhou os prédios e o tráfego. Observou os pedestres apressados nas calçadas quentes e se perguntou quantos deles tinham visto o interior de uma limusine ou do Manhattan Club. Quantos seriam ricos em dez anos? Sorriu e se sentiu bem. Harvard estava a 1 milhão de quilômetros de distância. Kentucky ficava em outro mundo. Seu passado estava esquecido. Ele tinha conseguido.

A DECORADORA ESPERAVA na sua sala. Avery pediu licença e disse a Mitch para ir à sala dele dentro de uma hora para começar a trabalhar. Ela estava com catálogos cheios de móveis de escritório e amostras de ambientes. Ele pediu sugestões, ouviu com o máximo de interesse que pôde e depois disse que confiava no julgamento dela, que ela poderia escolher o que achasse adequado. Ela gostava da escrivaninha de cerejeira maciça, sem gavetas, poltronas de couro vinho e um tapete oriental muito caro. Mitch disse que achava maravilhoso.

Ela saiu e ele se sentou atrás da mesa antiga, que parecia ótima e serviria para ele, se não fosse considerada usada e, portanto, não boa o suficiente para um novo advogado da Bendini, Lambert & Locke. A sala tinha 4,5 metros quadrados, duas janelas de 2 metros de altura viradas para o Norte, dando direto para o segundo andar do prédio antigo ao lado. Não era uma vista fantástica. Com algum esforço ele podia vislumbrar o rio a Noroeste. As paredes eram de gesso e estavam nuas. Ela havia escolhido alguns quadros. Ele decidiu que a Parede do Ego estaria virada para a mesa, atrás das poltronas. Os diplomas, etc., precisariam ser emoldurados. A sala era grande para um associado. Muito maior do que os cubículos onde os novatos eram enfiados em Nova York e Chicago. Serviria por uns dois anos. Depois era se mudar para outra com vista melhor. Depois uma sala de canto, uma das poderosas.



A Srta. Nina Huff bateu à porta e se apresentou como secretária. Era uma mulher pesada, de 45 anos, e bastou um olhar para entender por que ainda era solteira. Sem família para sustentar, era evidente que gastava o dinheiro com roupas e maquiagem – sem nenhum proveito. Mitch se perguntou por que ela não investia num personal trainer. Ela informou com franqueza que estava na firma havia oito anos e meio e sabia tudo que era possível sobre os procedimentos do escritório. Se ele tivesse alguma pergunta, bastava fazer. Mitch agradeceu. Ela estivera fazendo serviços de digitação e se sentia grata por voltar ao trabalho geral de secretária. Ele assentiu como se entendesse completamente. Ela perguntou se ele sabia operar o Dictaphone. Sim, disse ele. Na verdade, no ano anterior Mitch havia trabalhado para uma firma de trezentos advogados em Wall Street que tinha os equipamentos mais avançados para escritório. Mas prometeu que, se tivesse algum problema, perguntaria a ela.

– Qual é o nome da sua esposa? – perguntou ela.

– Por que isso é importante? – perguntou ele.

– Porque, quando ela telefonar, eu gostaria de saber o nome dela para ser doce e amistosa ao telefone.

– Abby.

– Como o senhor gosta do café?

– Puro, mas eu mesmo pego.

– Não me importo de pegar o café para o senhor. Faz parte do serviço.

– Eu mesmo pego.

– Todas as secretárias fazem isso.

– Se algum dia você pegar meu café, vou ordenar que seja mandada para a sala de correspondência para lamber selos.

– Nós temos um lambedor automático. Eles lambem selos em Wall Street?

– Foi modo de dizer.

– Bom, eu memorizei o nome da sua esposa e nós resolvemos a questão do café, então acho que estou pronta para começar.

– De manhã. Esteja aqui às oito e meia.

– Sim, chefe.

Ela saiu e Mitch deu um sorriso. Era metida a espertinha, mas seria divertida.

Em seguida veio Lamar. Estava atrasado para uma reunião com Nathan

Locke, mas queria passar e ver como o amigo estava. Ficou feliz porque as salas dos dois eram próximas. Pediu desculpas de novo pelo jantar da quinta-feira. Sim, ele, Kay e as crianças iriam às sete horas inspecionar a casa nova e os móveis.

HUNTER QUIN TINHA 5 anos. Sua irmã Holly tinha 7. Os dois comeram o espaguete cheios de modos na mesa de jantar nova em folha e ignoraram obedientemente a conversa de adultos ao redor. Abby olhou para os dois e sonhou com bebês. Mitch os achou bonitinhos, mas não se sentiu inspirado. Estava ocupado se lembrando dos acontecimentos do dia.

As mulheres comeram rapidamente e saíram para olhar os móveis e falar sobre as reformas. As crianças levaram Hearsay para o quintal dos fundos.

– Estou um pouco surpreso por terem colocado você com o Tolar – disse Lamar, limpando a boca.

– Por quê?

– Acho que ele nunca supervisionou um associado.

– Algum motivo específico?

– Na verdade, não. Ele é um cara ótimo, mas não é muito bom em trabalho de equipe. É meio lobo solitário. Prefere trabalhar sozinho. Ele e a mulher estão com problemas, andam falando que se separaram. Mas ele não diz nada.

Mitch empurrou o prato e tomou um gole de chá gelado.

– Ele é um bom advogado?

– É, muito bom. Todos que chegam a sócios são bons. Tem muitos clientes ricos com milhões para colocar em paraísos fiscais. Ele cria sociedades limitadas. Muitos dos paraísos dele são arriscados, e ele é conhecido pela disposição de correr riscos e depois lutar com o imposto de renda. A maioria dos clientes dele adora correr riscos. Você vai fazer muitas pesquisas sobre como dobrar as leis fiscais. Vai ser divertido.

– Ele passou metade do almoço fazendo sermão sobre faturamento.

– É vital. A pressão para faturar mais e mais é constante. Tudo que temos para vender é nosso tempo. Assim que você passar no exame da ordem, seu faturamento será monitorado toda semana por Tolar e McKnight. É tudo informatizado e eles sabem quanto você é produtivo até o último centavo. Vão

esperar que você fature de trinta a quarenta horas por semana nos primeiros seis meses. Depois cinquenta durante dois anos. Antes de pensarem em você como sócio, você precisa atingir sessenta horas por semana continuamente, durante alguns anos. Nenhum sócio ativo fatura menos de sessenta por semana, a maior parte cobrando o valor máximo.

– São muitas horas.

– Parece que sim, mas isso é enganoso. A maioria dos bons advogados consegue trabalhar oito ou nove horas por dia e faturar doze. Não é exatamente justo para o cliente, mas todo mundo faz isso. As grandes firmas foram construídas com base nesse esquema. Faz parte do jogo.

– Parece pouco ético.

– Uma ambulância perseguida por advogados de porta de cadeia também é. É antiético um advogado que defende um traficante receber os honorários em dinheiro vivo se ele tem motivo para acreditar que o dinheiro é sujo. Muitas coisas são antiéticas. E o médico que atende cem pacientes de plano de saúde por dia? Ou aquele que faz uma cirurgia desnecessária? Alguns clientes meus são das pessoas mais antiéticas que já encontrei. É fácil inflar os honorários de um processo quando seu cliente é um multimilionário que quer ferrar o governo e quer fazer isso legalmente. Todos nós fazemos.

– Eles ensinam isso?

– Não. Você simplesmente aprende. Vai começar trabalhando muitas horas, um ritmo louco, mas não dá para continuar assim para sempre. Por isso começa a procurar atalhos. Acredite, Mitch, depois de ficar um ano com a gente, você vai saber como trabalhar dez horas e cobrar o dobro disso. É uma espécie de sexto sentido que os advogados adquirem.

– O que mais vou adquirir?

Lamar chacoalhou seus cubos de gelo e pensou por um momento.

– Uma certa quantidade de cinismo. Esse negócio pega. Quando você está na faculdade de Direito, costuma ter uma ideia nobre sobre o que um advogado deve ser. Um paladino dos direitos individuais; um defensor da constituição; um guardião dos oprimidos; um protetor dos princípios do cliente. Então, depois de exercer a profissão durante seis meses, você percebe que não passamos de pistoleiros de aluguel. Porta-vozes à venda para quem pagar mais, disponíveis para qualquer um, qualquer bandido, qualquer picareta com dinheiro suficiente

para pagar nossos honorários ultrajantes. Nada mais choca você. Deveria ser uma profissão honrada, mas você vai encontrar tantos advogados corruptos que vai querer abandonar e encontrar um serviço honesto. É, Mitch, você vai ficar cínico. E isso é triste, na verdade.

– Você não deveria me dizer isso nesse estágio da minha carreira.

– O dinheiro compensa. É incrível a quantidade de trabalho servil que você consegue suportar em troca de 200 mil por ano.

– Trabalho servil? Você faz parecer horrível.

– Desculpe. Não é tão ruim. Minha perspectiva de vida mudou radicalmente na quinta-feira passada.

– Quer dar uma olhada na casa? É maravilhosa.

– Talvez outra hora. Vamos só conversar.

Às cinco da manhã o despertador ecoou na mesinha de cabeceira nova embaixo do abajur novo e foi silenciado imediatamente. Mitch cambaleou pela casa escura e encontrou Hearsay esperando junto à porta dos fundos. Soltou-o no quintal e foi para o chuveiro. Vinte minutos depois encontrou a esposa embaixo das cobertas e lhe deu um beijo de despedida. Ela não reagiu.

Sem engarrafamento, o escritório ficava a dez minutos de distância. Ele tinha decidido que seu dia começaria às cinco e meia, a não ser que alguém conseguisse suplantá-lo; nesse caso chegaria às cinco, ou às quatro e meia, ou o que fosse necessário para chegar primeiro. O sono era um incômodo. Ele seria o primeiro advogado a chegar ao Edifício Bendini neste dia e em todos os outros até se tornar sócio. Se para os outros demorava dez anos, ele poderia conseguir em sete. Tinha decidido que se tornaria o sócio mais novo na história da firma.

O terreno vazio ao lado do Edifício Bendini tinha uma cerca de alambrado com 3 metros de altura e um guarda perto do portão. Dentro havia uma vaga de estacionamento com seu nome pintado em tinta spray entre as linhas amarelas. Ele parou perto do portão e esperou. O guarda uniformizado saiu do escuro e se aproximou da porta do motorista. Mitch apertou um botão, baixou a janela e mostrou um crachá de plástico com sua foto.

- O senhor deve ser o novo – disse o guarda segurando o cartão.
- Isso. Mitch McDeere.
- Eu sei ler. Deveria ter sabido por causa do carro.
- Qual é o seu nome? – perguntou Mitch.

– Dutch Hendrix. Trabalhei 33 anos no Departamento de Polícia de Memphis.

– É um prazer conhecê-lo, Dutch.

– Digo o mesmo. O senhor começa cedo, não é?

Mitch sorriu e pegou o crachá.

– Não, achei que todo mundo estaria aqui.

Dutch conseguiu sorrir.

– O senhor é o primeiro. O Sr. Locke vai chegar logo.

O portão se abriu e Dutch o deixou passar. Mitch encontrou seu nome pintado em branco no asfalto e parou o impecável BMW sozinho na terceira fileira a partir do prédio. Pegou no banco de trás sua vazia pasta vinho de pele de enguia e fechou suavemente a porta. Outro guarda esperava perto da entrada dos fundos. Mitch se apresentou e observou a porta ser aberta. Olhou seu relógio. Exatamente cinco e meia. Ficou aliviado ao ver que era suficientemente cedo. O resto da firma ainda estava dormindo.

Acendeu a luz da sua sala e pôs a pasta na mesa temporária. Foi para a copa no fim do corredor, acendendo as luzes enquanto passava. A cafeteira era uma daquelas de tamanho industrial, com vários níveis, vários bicos, vários bules e nenhuma instrução aparente de como operar. Ele estudou a máquina por um momento enquanto colocava um pacote de café no filtro. Derramou água por um dos buracos na parte de cima e sorriu quando começou a pingar no lugar certo.

Num canto da sua sala estavam três caixas de papelão cheias de livros, pastas de papel, blocos e anotações de aulas que ele havia acumulado nos três anos anteriores. Colocou a primeira na mesa e começou a tirar o conteúdo. Separou os materiais por categoria em pilhas bem arrumadas sobre a mesa.

Depois de duas xícaras de café, ele encontrou o material de estudo para a prova da ordem na caixa número três. Foi até a janela e abriu as persianas. Ainda estava escuro. Não notou a figura que apareceu de repente no corredor.

– Bom dia!

Mitch se afastou da janela e olhou boquiaberto para o sujeito.

– O senhor me deu um susto – disse, e respirou fundo.

– Desculpe. Sou Nathan Locke. Acho que não nos conhecemos.

– Sou Mitch McDeere. O novo associado.

Os dois se apertaram as mãos.

– É, eu sei. Peço desculpas por não ter me apresentado antes. Estava ocupado durante suas visitas anteriores. Acho que vi você nos funerais na segunda-feira.

Mitch assentiu e teve certeza de que nunca havia estado a menos de 100 metros de Nathan Locke. Se houvesse, lembraria. Eram os olhos, os olhos pretos e frios com camadas de rugas escuras em volta. Olhos incríveis. Olhos inesquecíveis. O cabelo era branco e ralo no topo, com tufo em volta das orelhas, e a brancura contrastava intensamente com o resto do rosto. Quando falava, os olhos se estreitavam e as pupilas pretas reluziam ferozmente. Olhos sinistros. Olhos de quem sabia das coisas.

– Talvez – disse Mitch, cativado pelo rosto mais maligno que já havia encontrado. – Talvez.

– Vejo que você acorda cedo.

– Sim, senhor.

– Bem, é um prazer tê-lo aqui.

Nathan Locke se afastou da porta e desapareceu. Mitch observou o corredor, depois fechou a porta. Não era de espantar que mantivessem aquele sujeito no quarto andar, longe de todo mundo, pensou. Agora entendia por que não tinha conhecido Nathan Locke antes de assinar o contrato de trabalho. Poderia ter ficado com dúvidas. Provavelmente escondiam o sujeito de todos os candidatos. Sem dúvida ele tinha a presença mais sinistra e maligna que Mitch já sentira. Eram os olhos, disse a si mesmo outra vez, enquanto apoiava os pés na mesa e tomava um gole de café. Os olhos.

COMO MITCH ESPERAVA, Nina trouxe comida quando se apresentou às oito e meia. Ofereceu uma rosquinha a Mitch e ele pegou duas. Ela perguntou se deveria trazer comida todas as manhãs e Mitch respondeu que seria uma gentileza.

– O que é isso? – perguntou ela, apontando para as pilhas de pastas de papel e anotações na mesa.

– Nosso projeto do dia. Precisamos organizar essas coisas.

– Nada de transcrições?

– Por enquanto, não. Vou me encontrar com o Avery daqui a alguns minutos. Preciso que essa bagunça esteja com alguma organização.

– Que empolgante – comentou ela, indo para a copa.

Avery Tolar estava esperando com uma pasta grossa, expansível, que entregou a Mitch.

– Essa é a pasta de Capps. Parte dela. O nome do nosso cliente é Sonny Capps. Atualmente mora em Houston, mas cresceu no Arkansas. Tem uns 30 milhões e controla cada centavo. O pai lhe deu uma antiga linha de barcaças antes de morrer e ele a transformou no maior serviço de rebocadores do rio Mississippi. Agora ele tem navios, ou barcos, como ele diz, em todo o mundo. Nós fazemos oitenta por cento do trabalho jurídico dele, tudo menos litígios. Ele quer estabelecer outra sociedade limitada para comprar mais uma frota de petroleiros, esta da família de um chinês morto em Hong Kong. Normalmente Capps é o sócio principal e arranja até 25 sócios para dividir o risco e juntar os recursos. Este negócio vale uns 65 milhões. Eu fiz várias sociedades limitadas para ele e são todas diferentes, todas complicadas. E é extremamente difícil lidar com ele. É perfeccionista e acha que sabe mais do que eu. Você não vai falar com ele. Na verdade, só eu falo com ele. Essa pasta é uma parte da última sociedade que eu fiz para ele. Contém, entre outras coisas, projeções, um contrato para a formação de uma sociedade, cartas de intenção, declarações de intenções e o contrato da sociedade limitada em si. Leia cada palavra. Depois quero que você prepare um esboço do contrato de sociedade para este empreendimento.

De repente a pasta ficou mais pesada. Talvez cinco e meia da manhã não fosse cedo o suficiente.

O sócio continuou:

– Temos uns quarenta dias, segundo Capps, de modo que já estamos atrasados. Marty Kozinski estava ajudando nisso e assim que eu revisar o trabalho dele vou entregar a você. Alguma pergunta?

– E a pesquisa?

– A maior parte está valendo, mas você vai ter de atualizá-la. Capps ganhou mais de 9 milhões no ano passado e pagou uma mixaria de impostos. Ele não acredita em pagar impostos e me considera pessoalmente responsável por cada centavo que é mandado. É tudo legal, claro, mas a questão é que esse é um trabalho de muita pressão. Milhões de dólares em investimentos e economia de impostos estão em jogo. O empreendimento vai ser examinado pelos governos de pelo menos três países. Portanto, tenha cuidado.



Mitch folheou os documentos.

– Quantas horas por dia vou trabalhar nisso?

– O máximo possível. Sei que o exame da ordem é importante, mas Sonny Capps também é. Ele nos pagou quase meio milhão no ano passado em honorários.

– Vou dar conta.

– Sei que vai. Como eu disse, sua taxa é de 100 a hora. Nina vai repassar os registros de tempo com você hoje. Lembre-se, não ignore o faturamento.

– Como eu poderia ignorar?

OLIVER LAMBERT E Nathan Locke estavam diante da porta de metal no quinto andar e olhavam para a câmera acima. Ouviram um estalo forte e a porta se abriu. Um guarda assentiu. DeVasher esperava em sua sala.

– Bom dia, Ollie – disse ele baixinho, ignorando o outro sócio.

– Qual é a última? – perguntou Locke rispidamente na direção de DeVasher, sem olhar para ele.

– De onde? – perguntou DeVasher com calma.

– Chicago.

– Eles estão muito ansiosos lá, Nat. Você pode não acreditar, mas eles não gostam de sujar as mãos. E, francamente, eles simplesmente não entendem por que precisam.

– Como assim?

– Estão fazendo algumas perguntas difíceis, querendo saber por exemplo por que não conseguimos manter nosso pessoal na linha.

– E o que você disse a eles?

– Que está tudo bem. Maravilhoso. A grande firma Bendini é sólida. Os vazamentos foram estancados. Tudo segue como sempre. Sem problema.

– Eles causaram muitos danos? – perguntou Lambert.

– Não temos certeza. Nunca teremos, mas não creio que tenham chegado a abrir a boca. Tinham decidido falar, sem dúvida, mas não creio que tenham falado. Sabemos por uma fonte muito boa que havia agentes do FBI indo para a ilha no dia do acidente, por isso acho que eles planejavam um encontro para abrir o bico.

– Como você sabe? – perguntou Locke.

– Qual é, Nat. Nós temos nossas fontes. Além disso tínhamos gente por toda a ilha. Nós fazemos um bom trabalho, você sabe.

– Evidentemente.

– Foi sujo?

– Não, não. Foi muito profissional.

– Como o nativo entrou na jogada?

– Nós tivemos que fazer com que a coisa parecesse boa, Ollie.

– E as autoridades de lá?

– Que autoridades? É uma ilha minúscula, pacífica, Ollie. No ano passado eles tiveram um assassinato e quatro acidentes de mergulho. Para eles foi só mais um acidente. Três afogamentos acidentais.

– E o FBI? – perguntou Locke.

– Não sei.

– Achei que vocês tinham uma fonte.

– E temos. Mas não conseguimos encontrá-la. Até ontem não tivemos nenhuma notícia. Nosso pessoal ainda está na ilha e não notou nada incomum.

– Quanto tempo vocês vão ficar lá?

– Umas duas semanas.

– E se o FBI aparecer? – perguntou Locke.

– Vamos vigiá-los bem de perto. Vamos ver quando eles saírem do avião. Vamos segui-los até os quartos de hotel. Talvez até grampear os telefones deles. Vamos saber o que eles comem no café da manhã e sobre o que falam. Vamos colocar três dos nossos caras para cada um deles e saber até quando eles forem ao banheiro. Não há nada para eles descobrirem, Nat. Eu disse que era um serviço limpo, muito profissional. Sem provas. Relaxe.

– Isso me deixa enjoado, DeVasher – disse Lambert.

– Você acha que eu gosto, Ollie? O que você quer que a gente faça? Que a gente fique sentado deixando eles falarem? Qual é, Ollie, nós todos somos humanos. Eu não queria fazer isso, mas Lazarov disse para fazer. Se quiser discutir com o Lazarov, vá em frente. Vão encontrar você morto em algum lugar. Aqueles garotos não estavam procurando coisa boa. Deviam ter ficado quietos, dirigido seus carrinhos chiques e bancado os advogados importantes. Mas não, precisaram bancar os santinhos.

Nathan Locke acendeu um cigarro e soprou uma pesada nuvem de fumaça na direção de DeVasher. Os três ficaram sentados em silêncio por um momento enquanto a fumaça se espalhava pela mesa. DeVasher olhou irritado para o Olhos Pretos, mas não disse nada.

Oliver Lambert se levantou e olhou para a parede vazia perto da porta.

– Por que você queria ver a gente? – perguntou.

DeVasher respirou fundo.

– Chicago quer que a gente grampeie os telefones das casas de todos os não sócios.

– Eu avisei – falou Lambert a Locke.

– Não foi ideia minha, mas eles insistem. Estão muito nervosos por lá e querem tomar algumas precauções extras. Não podemos culpá-los.

– Você não acha que é ir um pouco longe demais? – perguntou Lambert.

– Acho, é totalmente desnecessário. Mas Chicago não acha.

– Quando? – perguntou Locke.

– Semana que vem, mais ou menos. Vai demorar uns dias.

– Todos?

– Sim. Foi o que disseram.

– Até McDeere?

– Sim. Até o McDeere. Acho que o Tarrance vai tentar de novo, e dessa vez ele pode começar por baixo.

– Eu o encontrei hoje cedo – contou Locke. – Ele chegou antes de mim.

– Às 5h32 – afirmou DeVasher.

O MATERIAL DA faculdade de Direito foi transferido para o chão e o arquivo de Capps espalhado na mesa. Nina trouxe um sanduíche de salada de frango para o almoço e ele comeu lendo enquanto ela arquivava a bagunça do chão. Pouco depois da uma da tarde, Wally Hudson, ou J. Walter Hudson, como declarava o papel timbrado da firma, chegou para começar a preparação para o exame da ordem. Era especialista em contratos. Fazia cinco anos que estava na firma e era o único vindo da Virgínia, o que ele achava estranho porque, na sua opinião, a Virgínia tinha a melhor faculdade de Direito do país. Tinha passado os últimos dois anos desenvolvendo um novo curso preparatório para a seção de contratos

do exame. Estava bastante ansioso para experimentá-lo com alguém e, por acaso, McDeere era o homem. Entregou a Mitch um pesado fichário de três argolas que tinha pelo menos 10 centímetros de grossura e pesava tanto quanto o arquivo de Capps.

O exame duraria quatro dias e consistiria em três partes, explicou Wally. O primeiro dia seria uma prova de múltipla escolha sobre ética, com duração de quatro horas. Gill Vaughn, um dos sócios, era o especialista em ética da firma e iria supervisionar essa parte dos estudos. O segundo dia seria uma prova de oito horas conhecida simplesmente como multiestadual. Cobria a maior parte das áreas do Direito comuns a todos os estados. Também era de múltipla escolha e as perguntas eram muito capciosas. Depois viria o grosso do exame. O terceiro e o quarto dias seriam de oito horas cada e cobririam quinze áreas de Direito Substantivo. Contratos, Código Comercial Uniforme, imóveis, delitos, relações domésticas, testamentos, espólios, taxação, Direito Trabalhista, Direito Constitucional, código processual, código penal, procedimentos criminalistas, corporações, sociedades, seguros e relações entre devedor e credor. Todas as respostas seriam discursivas e as perguntas teriam ênfase nas leis do Tennessee. A firma tinha um plano de estudos para cada uma das quinze seções.

– Quer dizer quinze desses? – perguntou Mitch, levantando o fichário.

Wally sorriu.

– Sim. Somos muito meticolosos. Ninguém nesta firma já foi reprovado...

– Eu sei, eu sei. Não serei o primeiro.

– Você e eu vamos nos encontrar pelo menos uma vez por semana nas próximas seis semanas para examinar o material. Cada sessão vai durar umas duas horas, de modo que você pode se planejar. Sugiro que seja às quartas-feiras, às três horas.

– Da madrugada ou da tarde?

– Da tarde.

– Está ótimo.

– Como você sabe, contratos e o Código Comercial Uniforme andam de mãos dadas, por isso incorporei o CCU nesse material. Vamos abordar os dois, mas isso vai levar mais tempo. O exame da ordem costuma ser cheio de transações comerciais. Esses problemas geram ótimas perguntas discursivas, por

isso esse fichário vai ser muito importante. Incluí perguntas de provas antigas, junto com as respostas modelo. É uma leitura fascinante.

– Mal posso esperar.

– Estude as primeiras oitenta páginas para a semana que vem. Você vai encontrar algumas perguntas que precisará responder.

– Quer dizer, dever de casa?

– Claro. Vou dar a nota na semana que vem. É muito importante treinar essas perguntas toda semana.

– Parece pior do que a faculdade.

– É muito mais importante do que a faculdade. Nós levamos isso muito a sério. Temos um comitê para monitorar seu progresso desde agora até a prova. Vamos observar com atenção.

– Quem faz parte do comitê?

– Eu, Avery Tolar, Royce McKnight, Randall Dunbar e Kendall Mahan. Vamos nos reunir toda sexta-feira para avaliar o seu progresso.

Wally pegou um caderno menor, tamanho carta, e o colocou na mesa.

– Este é o seu diário. Você deve registrar as horas que passou estudando para o exame e os temas estudados. Vou pegá-lo todas as sextas-feiras de manhã antes da reunião do comitê. Alguma pergunta?

– Não consigo pensar em nenhuma – respondeu Mitch, colocando o caderno em cima do arquivo de Capps.

– Bom. Vejo você na próxima quarta-feira às três.

Menos de dez segundos depois de ele ter saído, Randall Dunbar entrou com um fichário grosso, semelhante ao deixado por Wally. Na verdade, era idêntico, mas não tão grosso. Dunbar era chefe da área imobiliária e tinha cuidado da compra da casa de McDeere em maio. Na capa do fichário que entregou a Mitch estava escrito *Legislação Imobiliária*, e ele explicou que essa especialidade era a parte mais importante do exame. Tudo tem a ver com propriedades, disse ele. Tinha preparado o material pessoalmente e com cuidado nos últimos dez anos e confessou que frequentemente pensava em publicá-lo como uma obra de referência sobre direitos de propriedades e financiamento de terras. Ele precisaria de pelo menos uma hora por semana, de preferência na tarde de terça-feira. Falou durante uma hora sobre como o exame era diferente trinta anos antes, quando ele o havia feito.

Kendall Mahan acrescentou uma novidade. Queria se reunir nas manhãs de sábado. Cedo, digamos que às sete e meia.

– Sem problema – disse Mitch, pegando o fichário e colocando perto dos outros.

Este era sobre Direito Constitucional, um dos assuntos prediletos de Kendall, por mais que raramente precisasse usá-lo, como disse. Era a parte mais importante do exame, ou pelo menos havia sido quando ele o fizera, cinco anos antes. Tinha publicado um artigo sobre os direitos da Primeira Emenda na *Columbia Law Review* no seu último ano lá. Havia uma cópia no fichário, caso Mitch desejasse ler. Ele prometeu fazer isso quase imediatamente.

A procissão continuou durante a tarde, até que metade da firma tivesse passado por ali com fichários, exercícios e pedidos de encontros semanais. Nada menos do que seis homens o lembraram de que nenhum membro da firma havia fracassado no exame.

Quando sua secretária se despediu às cinco horas, a pequena mesa estava coberta com material de estudos para o exame em quantidade suficiente para sufocar dez homens. Incapaz de falar, Mitch simplesmente sorriu para ela e voltou para a versão de Wally das leis contratuais. Uma hora depois, a ideia de se alimentar passou pela sua cabeça. Depois, pela primeira vez em doze horas, pensou em Abby. Ligou para ela.

– Vou demorar para chegar em casa – avisou.

– Mas estou fazendo o jantar.

– Deixe no forno – disse de modo um tanto brusco.

Houve uma pausa.

– Quando você vai chegar? – perguntou ela com palavras lentas e precisas.

– Daqui a algumas horas.

– Algumas horas. Você já ficou aí metade do dia.

– Isso mesmo. E tenho muito mais a fazer.

– Mas é o seu primeiro dia.

– Você não acreditaria se eu contasse.

– Você está bem?

– Estou. Chego em casa mais tarde.

O MOTOR DANDO a partida acordou Dutch Hendrix, que ficou de pé em um pulo. O portão se abriu e ele esperou, enquanto o último carro saía do estacionamento e parava ao seu lado.

– Boa noite, Dutch – disse Mitch.

– Só está saindo agora?

– É, dia movimentado.

Dutch apontou a lanterna para o pulso e olhou a hora. Onze e meia.

– Bom, vá com cuidado – alertou.

– Pode deixar. Vejo você daqui a algumas horas.

O BMW virou na Front Street e disparou pela noite. Algumas horas, pensou Dutch. Os novatos eram mesmo incríveis. Dezoito, vinte horas por dia, seis dias por semana. Às vezes sete. Todos planejavam ser o maior advogado do mundo e ganhar um milhão de dólares da noite para o dia. Às vezes viravam a noite e dormiam na mesa. Ele tinha visto de tudo. Mas aquilo não podia durar. O corpo humano não era feito para tamanho abuso. Depois de uns seis meses perdiam o ímpeto. Reduziam para quinze horas por dia, seis dias por semana. Depois cinco e meio. Depois doze horas por dia.

Ninguém conseguia trabalhar cem horas por semana por mais de seis meses.

Uma secretária revirava um arquivo procurando algo de que Avery necessitava imediatamente. A outra estava à frente da mesa dele com um bloco de taquigrafia, anotando de tempos em tempos as instruções que ele dava quando parava de gritar ao telefone e ouvia quem estava do outro lado. Três luzes vermelhas piscavam no telefone. Quando ele falava no aparelho as secretárias discutiam secamente uma com a outra. Mitch entrou devagar na sala e parou junto à porta.

– Silêncio! – gritou Avery com as secretárias.

A que estava junto ao arquivo fechou a gaveta com força e foi até o próximo arquivo, se curvou e puxou a gaveta de baixo. Avery estalou os dedos para a outra e apontou para a agenda em sua mesa. Desligou sem se despedir.

– Qual é minha agenda para hoje? – perguntou enquanto pegava uma pasta de papel no aparador ao lado da mesa.

– Reunião às dez horas com o imposto de renda no centro da cidade. Reunião à uma da tarde com Nathan Locke para falar do caso Spinosa. Reunião dos sócios às três e meia. Amanhã vai passar o dia todo no tribunal fiscal e deveria se preparar o dia inteiro hoje.

– Fantástico. Cancele tudo. Verifique os voos para Houston na tarde de sábado e os de volta na segunda de manhã cedo.

– Sim, senhor.

– Mitch! Cadê o arquivo de Capps?

– Na minha mesa.



– Quanto você fez?

– Li a maior parte.

– Precisamos acelerar o ritmo. Era o Sonny Capps no telefone. Ele quer uma reunião sábado de manhã em Houston e pediu um esboço do contrato da sociedade limitada.

Mitch sentiu o estômago vazio doer de tensão. Se bem lembrava, o contrato tinha umas 140 páginas.

– Só um esboço – disse Avery, apontando para uma secretária.

– Sem problema – respondeu Mitch com o máximo de confiança que conseguiu. – Pode não ficar perfeito, mas vou apresentar um esboço.

– Preciso até a tarde de sábado, o mais perfeito possível. Vou mandar uma das minhas secretárias mostrar a Nina onde estão os modelos de contratos no banco de memória. Isso vai economizar um pouco de ditado e digitação. Sei que é injusto, mas não há nada justo em Sonny Capps. Ele é muito exigente. Disse que o negócio precisa ser fechado em vinte dias, caso contrário morre. Tudo depende de nós.

– Vou fazer.

– Ótimo. Vamos nos encontrar às oito da manhã para ver em que pé estamos.

Avery apertou uma das luzes que piscavam e começou a discutir ao telefone. Mitch foi para a sua sala e procurou o arquivo de Capps embaixo dos quinze fichários. Nina enfiou a cabeça pela porta.

– Oliver Lambert quer falar com você.

– Quando? – perguntou Mitch.

– Assim que você puder.

Mitch olhou para o relógio. Fazia três horas que estava no escritório e já estava pronto para considerar o dia encerrado.

– Isso pode esperar?

– Acho que não. O Sr. Lambert não costuma esperar por ninguém.

– Sei.

– É melhor o senhor ir.

– O que ele quer?

– A secretária dele não disse.

Mitch vestiu o paletó, ajeitou a gravata e subiu correndo até o quarto andar, onde a secretária do Sr. Lambert esperava. Ela se apresentou e informou que

estava na firma havia 31 anos. Na verdade, foi a segunda secretária contratada pelo Sr. Anthony Bendini depois de ele se mudar para Memphis. Seu nome era Ida Renfroe, mas todo mundo a chamava de Sra. Ida. Ela o levou para uma sala grande e fechou a porta.

Oliver Lambert estava de pé atrás da mesa e tirou os óculos de leitura. Deu um sorriso caloroso e pôs o cachimbo no suporte de latão.

– Bom dia, Mitch – disse devagar, como se o tempo não significasse nada. – Vamos nos sentar ali. – E indicou o sofá. – Quer café?

– Não, obrigado.

Mitch afundou no sofá e o sócio sentou-se numa poltrona rígida, a 60 centímetros de distância e um metro mais alta. Mitch desabotoou o paletó e tentou relaxar. Cruzou as pernas e olhou para seu novo par de sapatos Cole Haan. Duzentas pratas. Era uma hora de trabalho para um sócio dessa fábrica de dinheiro. Tentou relaxar. Mas podia sentir o pânico na voz de Avery e ver o desespero nos olhos dele quando falava ao telefone com o tal de Capps. Era seu segundo dia inteiro no trabalho, sua cabeça latejava e o estômago doía.

O Sr. Lambert sorriu para baixo com sua expressão mais sincera de avô. Era hora de algum tipo de sermão. Ele usava uma camisa branca impecável, de algodão de muitos fios, com uma pequena gravata-borboleta escura, de seda, que lhe dava um ar de extrema inteligência e sabedoria. Como sempre, estava mais bronzeado do que era comum no meio do verão escaldante de Memphis. Os dentes brilhavam como diamantes. Um modelo de 60 anos.

– Só duas coisas, Mitch – continuou ele. – Pelo que sei, você está muito ocupado.

– Sim, senhor, bastante.

– O pânico é um modo de vida numa grande firma de advocacia, e clientes como Sonny Capps podem provocar úlceras. Nossos clientes são nosso único ativo, por isso nós nos matamos por eles.

Mitch ao mesmo tempo sorriu e franziu a testa.

– Duas coisas, Mitch. Primeiro, minha mulher e eu queremos que você e Abby venham jantar conosco no sábado. Nós costumamos jantar fora e gostamos de ter nossos amigos conosco. Eu também sou uma espécie de chef de cozinha e gosto de comida e bebida boas. Geralmente reservamos uma mesa grande num dos nossos restaurantes prediletos, convidamos os amigos e passamos a noite

com serviço de nove pratos e os vinhos mais raros. Você e Abby estão livres no sábado?

– Claro.

– Kendall Mahan, Wally Hudson, Lamar Quin e as esposas também vão.

– Será um prazer.

– Ótimo. Meu local predileto em Memphis é o Justine's. É um restaurante francês antigo com cozinha sofisticada e uma carta de vinhos impressionante. Que tal às sete horas?

– Estaremos lá.

– Em segundo lugar, precisamos discutir uma coisa. Tenho certeza de que você sabe, mas vale a pena ressaltar. É muito importante para nós. Sei que em Harvard ensinaram que existe um relacionamento confidencial entre você, como advogado, e seu cliente. É um relacionamento privilegiado e você não pode nunca ser obrigado a revelar qualquer coisa que um cliente diga. É estritamente sigiloso. Seria uma violação de nossa ética discutirmos os negócios dos nossos clientes. Claro, isso se aplica a qualquer advogado, mas nesta firma levamos muito a sério esse relacionamento profissional. Não discutimos os negócios do cliente com ninguém. Nem com outros advogados. Nem com as esposas. Às vezes nem uns com os outros. Via de regra, não falamos em casa e nossas esposas aprenderam a não perguntar. Quanto menos você disser, melhor vai se sair. O Sr. Bendini acreditava muito no sigilo e nos ensinou muito bem. Você jamais ouvirá um membro desta firma mencionar sequer o nome de um cliente fora deste prédio. Para ver como levamos isso a sério.

Aonde ele queria chegar?, pensou Mitch. Qualquer aluno do segundo ano de Direito poderia fazer esse discurso.

– Sei disso, Sr. Lambert, e o senhor não precisa se preocupar comigo.

– “Língua frouxa perde processos” era o lema do Sr. Bendini, e ele o aplicava a tudo. Simplesmente não discutimos os negócios dos clientes com ninguém, e isso inclui nossas esposas. Somos muito discretos, muito sigilosos e gostamos das coisas assim. Você vai encontrar outros advogados pela cidade e cedo ou tarde eles vão perguntar sobre nossa firma ou sobre algum cliente. Nós não falamos, entendeu?

– Claro, Sr. Lambert.

– Bom. Temos muito orgulho de você, Mitch. Você vai ser um grande

advogado. E um advogado muito rico. Vejo-o no sábado.

A Sra. Ida tinha um recado para Mitch. O Sr. Tolar precisava dele imediatamente. Ele agradeceu e desceu correndo a escada, seguiu pelo corredor, passou pela sua sala até chegar à grande, no canto. Agora havia três secretárias sussurrando umas com as outras enquanto o chefe gritava ao telefone. Mitch encontrou um local seguro numa cadeira perto da porta e ficou assistindo ao circo. As mulheres pegavam pastas e cadernos e murmuravam entre si em línguas estranhas. Ocasionalmente, Avery estalava os dedos e apontava para cá e para lá e elas pulavam feito coelhos assustados.

Após alguns minutos, ele bateu o telefone com força, de novo sem se despedir. Encarou Mitch.

– Sonny Capps de novo. O chinês quer 75 milhões e ele concordou em pagar. Vão ser 41 sócios em vez de 25. Temos vinte dias, ou o acordo já era.

Duas secretárias foram até Mitch e lhe entregaram grossas pastas expansíveis.

– Você consegue cuidar disso? – perguntou Avery, quase com um riso de desprezo. As secretárias olharam para ele.

Mitch pegou as pastas e foi em direção à porta.

– Claro que sim. É só?

– É o bastante. Não quero que você trabalhe em nada além desse processo até sábado, entendeu?

– Sim, chefe.

Em sua sala, Mitch tirou os materiais de estudo para o exame, todos os quinze fichários, e os empilhou num canto. Arrumou com cuidado o arquivo de Capps sobre a mesa. Respirou fundo e começou a ler. Ouviu uma batida à porta.

– Quem é?

Nina enfiou a cabeça pela fresta.

– Odeio dizer, mas sua mobília nova chegou.

Mitch esfregou as têmporas e murmurou algo incompreensível.

– Talvez o senhor possa trabalhar umas duas horas na biblioteca.

– Talvez.

Recolocaram os documentos de Capps nas pastas e levaram os quinze fichários para o corredor, onde dois homens esperavam com uma fileira de volumosas caixas de papelão e um tapete oriental.

Nina o acompanhou até a biblioteca do segundo andar.

– Eu deveria me encontrar com Lamar Quin às duas horas para estudar com ele para o exame. Ligue e cancele. Diga que explico mais tarde.

– O senhor tem uma reunião às duas horas com Gill Vaughn – disse ela.

– Cancele também.

– Ele é sócio.

– Cancele. Eu dou um jeito depois.

– Não é sensato.

– Faça o que eu mando.

– O senhor é o chefe.

– Obrigado.

A INSTALADORA DE papel de parede era uma mulher baixa e musculosa, avançada em anos, mas condicionada ao trabalho duro e muitíssimo bem treinada. Explicou a Abby que colava papel de parede caro nas casas mais chiques de Memphis havia mais de quarenta anos. Falava sem parar, mas não desperdiçava os movimentos. Cortava com precisão de cirurgiã, depois aplicava cola como uma artista. Enquanto a cola secava, ela tirou sua trena do cinto de utilidades e analisou o canto que restava da sala de jantar. Murmurou um número que Abby não decifrou. Avaliou a largura e a altura em quatro locais diferentes, depois memorizou tudo. Subiu na escada e pediu que Abby lhe entregasse um rolo de papel, que coube perfeitamente. Ela o apertou com firmeza na parede e comentou pela centésima vez como o papel era bom, como era caro, como ficaria bonito e iria durar. E também gostava da cor. Combinava maravilhosamente com as cortinas e o tapete. Já fazia tempo que Abby havia cansado de agradecer. Assentiu e olhou para o relógio. Era hora de começar a preparar o jantar.

Quando a parede ficou pronta, Abby anunciou que era hora de parar e pediu que ela voltasse na manhã seguinte às nove horas. A mulher concordou e começou a limpar a bagunça. Estava recebendo 12 dólares por hora, em dinheiro vivo, e concordava com praticamente qualquer coisa. Abby admirou a sala. Iriam terminá-la no dia seguinte e faltariam só dois banheiros e o escritório para terminar o papel de parede. A pintura estava programada para começar na

semana seguinte. A cola do papel, a laca úmida do console e os móveis novos combinavam em um aroma fresco e maravilhoso. Como em uma casa nova.

Abby se despediu da mulher e foi para o quarto, onde se despiu e se deitou na cama. Ligou para o marido, falou rapidamente com Nina e ficou sabendo que ele estava numa reunião que iria demorar algum tempo. Nina disse que ele telefonaria. Abby esticou as pernas longas e doloridas e esfregou os ombros. O ventilador de teto girava lentamente. Mitch chegaria em casa. Em algum momento. Trabalharia cem horas por semana durante um tempo e depois reduziria para oitenta. Ela podia esperar.

Acordou uma hora depois e pulou da cama. Eram quase seis. *Piccata* de vitela. *Piccata* de vitela. Vestiu uma bermuda cáqui e uma camisa polo branca. Correu para a cozinha, que estava pronta a não ser por um pouco de pintura e cortinas que seriam instaladas na semana seguinte. Encontrou a receita num livro de culinária e arrumou os ingredientes na bancada. Havia pouca carne vermelha no tempo da faculdade, talvez um hambúrguer de vez em quando. Quando ela cozinhava, era frango de várias maneiras. Havia muito sanduíche e cachorro-quente.

Mas agora, com essa riqueza súbita, era hora de aprender a cozinhar. Na primeira semana ela preparava uma coisa nova a cada noite e os dois comiam quando ele chegava em casa. Ela planejava as refeições, estudava os livros de receita, experimentava os molhos. Sem motivo aparente, Mitch gostava de comida italiana e, depois de experimentarem e aperfeiçoarem o espaguete e o *capellini* com porco, era hora da *piccata* de vitela. Bateu nos escalopes com um socador até ficarem bem finos, depois passou em farinha temperada com sal e pimenta. Pôs uma panela d'água no fogão para o *linguine*. Serviu uma taça de Chablis e ligou o rádio. Havia telefonado para o escritório duas vezes desde o almoço e ele não tinha tido tempo de ligar de volta. Pensou em telefonar de novo, mas decidiu não fazer isso. Era a vez dele. O jantar estaria pronto e eles comeriam quando ele chegasse em casa.

Os escalopes foram fritos em óleo quente por três minutos até a vitela ficar macia, depois foram retirados. Ela jogou fora o óleo da frigideira e acrescentou vinho e suco de limão até ferver. Raspou a frigideira e mexeu para engrossar o molho. Pôs a vitela de volta na frigideira e acrescentou cogumelos, alcachofras e manteiga. Tampou a frigideira e deixou cozinhar.

Fritou bacon, cortou tomates, cozinhou o *linguine* e se serviu de mais uma taça de vinho. Às sete o jantar estava pronto: salada de bacon e tomate com *tubettini, piccata* de vitela e pão de alho no forno. Ele ainda não havia ligado. Ela levou o vinho para fora e ficou olhando o quintal dos fundos. Hearsay veio correndo de baixo dos arbustos. Caminharam juntos por toda a extensão do quintal, examinando os arbustos e parando embaixo dos dois carvalhos grandes. Os restos de uma casa na árvore abandonada muito tempo atrás se espalhavam nos galhos do meio do carvalho maior. Havia iniciais gravadas no tronco. Um pedaço de corda pendia do outro. Ela encontrou uma bola de borracha, jogou-a e o cachorro saiu correndo atrás. Tentou ouvir o telefone através da janela da cozinha. Ele não tocou.

Hearsay parou, depois rosnou para alguma coisa no terreno vizinho. O Sr. Rice emergiu de uma cerca viva perfeitamente aparada em volta de seu pátio. Pingava suor do nariz e sua camiseta de algodão estava encharcada. Ele tirou as luvas verdes e notou Abby embaixo da árvore, do outro lado da cerca de alambrado. Sorriu. Olhou as pernas morenas dela e sorriu. Enxugou a testa com um antebraço suado e foi em direção à cerca.

– Como vai? – perguntou ofegante.

Seu cabelo grisalho e denso estava grudado no couro cabeludo.

– Bem, Sr. Rice. E o senhor?

– Com calor. Deve estar fazendo quase quarenta graus.

Abby foi devagar até a cerca para bater papo. Fazia uma semana que vinha percebendo os olhares dele, mas não se importava. Ele tinha pelo menos 70 anos e devia ser inofensivo. Que olhasse. Além disso, era um ser humano vivo, respirando, suando, que podia falar e manter algum tipo de conversa. A mulher do papel de parede tinha sido sua única companhia para diálogo desde que Mitch havia saído antes do amanhecer.

– Seu gramado está ótimo – comentou ela.

Ele enxugou a testa de novo e cuspiu no chão.

– Ótimo? Você chama isso de ótimo? Isso devia estar numa revista. Nunca vi um campo de golfe que estivesse tão bom. Eu merecia o prêmio de jardim do ano, mas não querem me dar. Onde está o seu marido?

– No escritório. Trabalhando até tarde.

– São quase oito horas. Ele deve ter saído antes do sol nascer hoje cedo. Eu

dou minha caminhada às seis e meia e ele já tinha ido. Qual é o problema dele?

– Gosta de trabalhar.

– Se eu tivesse uma esposa como a senhora, ficaria em casa. Nada me faria sair.

Abby sorriu diante do elogio.

– Como vai a Sra. Rice?

Ele franziu a testa, depois arrancou uma erva daninha da cerca.

– Infelizmente não muito bem. Não muito bem.

Ele desviou o olhar e mordeu o lábio. A Sra. Rice estava com câncer terminal. Eles não tinham filhos. Segundo os médicos, restava um ano de vida. No máximo. Tinham removido a maior parte do estômago e agora os tumores estavam nos pulmões. Ela pesava 40 quilos e raramente saía da cama. Na primeira conversa através da cerca, os olhos dele se encheram de lágrimas quando falou sobre ela e que ficaria sozinho depois de 51 anos juntos.

– É, eles não vão me dar o prêmio de jardim do mês. É a parte errada da cidade. O prêmio sempre vai para aqueles ricos que contratam jardineiros para fazer todo o trabalho enquanto eles se sentam perto da piscina tomando daiquiris. Está bonito, não é?

– Incrível. Quantas vezes por semana o senhor apara a grama?

– Três ou quatro. Depende da chuva. Quer que eu apare a sua?

– Não. Quero que o Mitch faça isso.

– Parece que ele não tem tempo. Eu vou olhar e, se precisar ser aparado, vou aí.

Abby se virou e olhou para a janela da cozinha.

– Está ouvindo o telefone? – perguntou, se afastando. O Sr. Rice apontou para o aparelho de surdez.

Ela se despediu e correu para casa. O telefone parou quando ela conseguiu atender. Eram oito e meia, estava quase escuro. Ligou para o escritório, mas ninguém atendeu. Talvez ele estivesse vindo para casa.

UMA HORA ANTES da meia-noite o telefone tocou. A não ser por isso e por causa do ronco leve, o segundo andar estava silencioso. Estava com os pés sobre a mesa nova, cruzados nos tornozelos e formigando pela falta de circulação. O



resto do corpo se acomodava confortavelmente na larga poltrona executiva de couro. Ele se ajeitou de lado e exalou intermitentemente os sons de um sono profundo. Os arquivos de Capps se espalhavam na mesa e um documento de aparência formidável estava firme sobre sua barriga. Os sapatos estavam no chão, perto da mesa, ao lado de uma pilha de documentos de Capps. Havia um saco de batata chips vazio entre os sapatos.

Depois de uma dúzia de toques ele se mexeu, depois pulou para o telefone. Era sua mulher.

– Por que você não ligou? – perguntou ela em tom frio, mas com um ligeiro toque de preocupação.

– Desculpe. Caí no sono. Que horas são?

Ele esfregou os olhos e focalizou o relógio.

– Onze. Eu gostaria que você tivesse ligado.

– Eu liguei. Ninguém atendeu.

– Quando?

– Entre oito e nove. Onde você estava?

Ela não respondeu. Esperou.

– Você vem para casa?

– Não. Preciso trabalhar a noite toda.

– A noite toda? Você não pode trabalhar a noite toda, Mitch.

– Claro que posso. Isso acontece o tempo todo aqui. É esperado.

– Eu esperava você em casa, Mitch. E o mínimo que você poderia fazer era ligar. O jantar ainda está no fogão.

– Desculpe. Estou atolado em prazos até as orelhas e perdi a noção do tempo. Sinto muito.

Houve silêncio por um momento enquanto ela pensava no pedido de desculpas.

– Isso vai virar hábito, Mitch?

– Pode virar.

– Sei. Quando você acha que consegue vir para casa?

– Você está com medo?

– Não, não estou com medo. Vou para a cama.

– Vou passar aí por volta das sete para tomar um banho.

– Que bom. Se eu estiver dormindo, não me acorde.

Ela desligou. Ele olhou o aparelho, depois colocou no gancho. No quinto andar um segurança riu sozinho.

– “Não me acorde.” Essa é boa – disse, apertando um botão no gravador computadorizado. Apertou três botões e falou num pequeno microfone: – Ei, Dutch, acorde aí embaixo.

Dutch acordou e se inclinou para o interfone.

– O que é?

– Aqui é o Marcus, aqui de cima. Acho que nosso garoto planeja ficar a noite toda.

– Qual é o problema dele?

– Neste momento é a mulher. Ele se esqueceu de ligar para ela e ela preparou um jantar chique.

– Ah, que pena. Nós já ouvimos essa história antes, não é?

– É, todo novato faz isso na primeira semana. De qualquer modo, ele disse que só vai passar em casa de manhã. Então volte a dormir.

Marcus apertou mais alguns botões e voltou à sua revista.

ABBY ESTAVA ESPERANDO quando o sol despontou entre os carvalhos. Tomou um gole de café, segurou o cachorro e se virou na direção dos sons fracos da vizinhança que acordava. O sono tinha sido entrecortado. A chuveirada quente não havia aliviado o cansaço. Usava um roupão branco felpudo, um dos dele, e nada mais. O cabelo estava molhado e penteado para trás.

Uma porta de carro bateu e, dentro de casa, o cachorro apontou na direção do carro. Ela ouviu Mitch destrancar a porta da cozinha e instantes depois deslizar a porta do pátio. Ele pôs o paletó num banco perto da porta e foi até ela.

Ela lhe deu um sorriso falso.

– Bom dia.

– Você acordou cedo – disse ele, tentando parecer amistoso.

Não funcionou. Ela sorriu de novo e tomou um gole de café.

Ele respirou fundo e olhou para o outro lado do quintal.

– Estou vendo que você ainda está com raiva por causa de ontem.

– Na verdade não. Não guardo rancor.

– Eu pedi desculpa, e fui sincero. Tentei ligar uma vez.

– Poderia ter ligado de novo.

– Por favor, não se divorcie de mim, Abby. Juro que isso nunca mais vai acontecer. Só não me abandone.

Ela conseguiu dar um riso genuíno.

– Você está péssimo – observou.

– O que tem embaixo do roupão?

– Nada.

– Vejamos.

– Por que não tira um cochilo? Você está exausto.

– Obrigado. Mas tenho uma reunião às nove horas com Avery. E outra às dez com Avery.

– Estão tentando matar você na primeira semana?

– Estão, mas não vão conseguir. Sou homem demais. Vamos tomar uma chuveirada.

– Já tomei.

– Nua?

– É.

– Fale sobre isso. Conte cada detalhe.

– Se você tivesse chegado em casa numa hora decente não estaria tão tarado.

– Tenho certeza de que isso vai acontecer de novo, querida. Vou ter que virar várias noites. Você não reclamava na época da faculdade quando eu virava a noite estudando.

– Era diferente. Eu suportei a faculdade porque sabia que ela terminaria logo. Mas agora você é advogado e vai ser por muito tempo. Isso faz parte da profissão? Você vai sempre trabalhar mil horas por semana?

– Abby, esta é minha primeira semana.

– É isso que me preocupa. A coisa só vai piorar.

– Claro que vai. Isso faz parte, Abby. É um negócio difícil em que os fracos são comidos e os fortes ficam ricos. É uma maratona. Quem aguenta ganha o ouro.

– E morre na linha de chegada.

– Não acredito. Nós nos mudamos para cá há uma semana e você já está preocupada com minha saúde.

Ela tomou café e afagou o cachorro. Era linda. Com olhos cansados, sem

maquiagem e com o cabelo molhado, era linda. Ele se levantou, passou por trás dela e lhe deu um beijo no rosto.

– Eu te amo – sussurrou.

Ela segurou a mão dele no ombro.

– Vai tomar um banho. Eu preparo o café da manhã.

A mesa foi arrumada com perfeição. A louça da avó de Abby foi tirada do armário e usada pela primeira vez na casa nova. Velas foram acesas nos candelabros de prata. Ela serviu suco de toranja nos copos de cristal. Guardanapos de linho dobrados, que combinavam com a toalha da mesa, foram colocados sobre os pratos. Quando terminou de tomar banho e vestiu um terno Burberry novo, de lã leve, ele entrou na sala de jantar e assobiou.

– Qual é a comemoração?

– É um café da manhã especial para um marido especial.

Ele se sentou e admirou a louça. A comida estava esquentando numa bandeja de prata coberta. Ela apontou e ele levantou a tampa. Ficou olhando.

– O que é isso? – perguntou sem olhar para ela.

– *Piccata* de vitela.

– O quê de vitela?

– *Piccata*.

Ele olhou para o relógio.

– Achei que era hora do café da manhã.

– Eu fiz para o jantar de ontem e sugiro que você coma.

– *Piccata* de vitela no café da manhã?

Ela riu com firmeza e balançou a cabeça ligeiramente. Ele olhou de novo para a bandeja e analisou a situação por um segundo ou dois.

– O cheiro está bom – disse enfim.

Sábado de manhã. Ele dormiu um pouco mais e só conseguiu ir para o escritório às sete. Não se barbeou, vestiu jeans, uma velha camisa de botão e mocassins Bass sem meias. Roupa típica de um estudante de Direito.

O contrato de Capps tinha sido impresso e reimpresso no final da sexta-feira. Ele fez mais algumas revisões e Nina o imprimiu de novo às oito da noite de sexta. Ele presumia que a secretária tinha pouca ou nenhuma vida social, por isso não hesitou em pedir que ela trabalhasse até tarde. Ela disse que não se importava com as horas extras, então Mitch pediu que ela trabalhasse também na manhã de sábado.

Nina chegou às nove, usando jeans que caberiam num jogador de futebol americano. Ele lhe entregou o contrato com as últimas mudanças, todas as 206 páginas, e pediu que ela o imprimisse pela quarta vez. Iria se encontrar com Avery às dez horas.

O escritório era outro no sábado. Todos os associados estavam lá, além da maioria dos sócios e algumas secretárias. Não havia clientes, então ninguém seguia o código de vestimenta. Nada de gravatas. Alguns mais elegantes vestiam suas melhores calças Duck Head vincadas com camisa social engomadíssima e pareciam estalar quando andavam.

Mas a pressão continuava, pelo menos para Mitchell Y. McDeere, o mais novo associado. Ele tinha cancelado as reuniões de estudo para as provas da ordem na quinta, na sexta e no sábado, e os quinze fichários na estante, juntando

poeira, lembravam-no de que ele na verdade seria o primeiro membro da firma a fracassar no exame.

Às dez horas, a quarta revisão estava terminada. Nina a colocou cerimoniosamente na mesa de Mitch e saiu para a copa. O contrato havia crescido para 219 páginas. Ele havia lido cada palavra quatro vezes e pesquisado e decorado as cláusulas dos códigos tributários. Marchou pelo corredor até a sala do seu parceiro e colocou o contrato na mesa. Uma secretária estava arrumando uma pasta executiva gigantesca enquanto o chefe falava ao telefone.

– Quantas páginas? – perguntou Avery quando desligou.

– Mais de duzentas.

– Isso é bem impressionante. Ainda está muito rudimentar?

– Não muito. É a quarta revisão desde a manhã de ontem. Está quase perfeito.

– Veremos. Vou ler no avião, depois o Capps vai ler com uma lente de aumento. Se ele achar um único erro vai fazer um estardalhaço durante uma hora e ameaçar não pagar. Quantas horas você colocou nisso?

– Cinquenta e quatro e meia, desde quarta-feira.

– Sei que pressionei muito, e peço desculpa. Você teve uma primeira semana difícil. Mas às vezes nossos clientes pressionam bastante, e esta não vai ser a última vez que a gente se mata por alguém que paga 200 dólares a hora. Faz parte do negócio.

– Não me importo. Estou atrasado para o exame da ordem, mas vou recuperar o tempo perdido.

– Aquele idiotinha do Hudson está pegando pesado com você?

– Não.

– Se ele pegar, me avise. Ele só está aqui há cinco anos e gosta de bancar o professor. Acha que é um acadêmico de verdade. Para ser sincero, não vou muito com a cara dele.

– Ele não é um problema.

Avery colocou o contrato na pasta.

– Onde estão as projeções e os outros documentos?

– Fiz um esboço muito superficial de cada um. Você disse que a gente tinha vinte dias.

– Temos, mas vamos fazer. Capps começa a exigir as coisas muito antes do

prazo marcado. Você vai trabalhar amanhã?

– Não pretendia. Na verdade, minha mulher está insistindo que a gente vá à igreja.

Avery balançou a cabeça.

– As mulheres podem mesmo atrapalhar, não é?

Falou isso sem esperar resposta.

Mitch não respondeu.

– Vamos terminar o Capps até o sábado que vem.

– Ótimo. Sem problema.

– Nós já falamos do Koker-Hanks? – perguntou Avery remexendo num processo.

– Não.

– Aqui está. Koker-Hanks é um grande empreiteiro de Kansas City. Tem cerca de 100 milhões em contratos em todo o país. Uma empresa de Denver chamada Holloway Brothers se ofereceu para comprar a Koker-Hanks. Eles querem trocar algumas ações, alguns ativos, alguns contratos e colocar um pouco de dinheiro. Um negócio bem complicado. Comece a se familiarizar com o processo e falamos sobre isso terça de manhã quando eu voltar.

– Quanto tempo nós temos?

– Trinta dias.

Não era tão extenso quanto o processo Capps, mas era tão imponente quanto.

– Trinta dias – murmurou Mitch.

– O acordo vale 80 milhões, e vamos ganhar 200 mil em honorários. Não é um negócio ruim. Toda vez que você olhar esse processo, cobre uma hora. Trabalhe nele sempre que puder. Na verdade, se o nome Koker-Hanks passar pela sua cabeça enquanto estiver dirigindo para o trabalho, cobre uma hora. Nesse aí, o céu é o limite.

Avery adorava a ideia de um cliente que pagaria o que fosse cobrado. Mitch se despediu e voltou para a sua sala.

MAIS OU MENOS quando os coquetéis terminaram, enquanto examinavam a carta de vinhos e ouviam Oliver Lambert comparar as nuances, sutilezas e características de cada vinho francês, mais ou menos quando Mitch e Abby

perceberam que preferiam estar em casa comendo uma pizza e assistindo a TV, dois homens com a chave correta entraram no BMW preto e brilhante no estacionamento do Justine's. Usavam paletó e gravata e não chamavam atenção. Partiram inocentemente e atravessaram o centro da cidade até a casa nova do Sr. e da Sra. McDeere. Pararam o BMW no lugar certo na garagem. O motorista pegou outra chave e os dois entraram na casa. Trancaram Hearsay num armário da lavanderia.

No escuro, colocaram uma pequena pasta de couro sobre a mesa de jantar. Calçaram luvas finas de borracha descartáveis e cada homem pegou uma pequena lanterna.

– Faça primeiro os telefones – disse um deles.

Trabalharam rapidamente, no escuro. O telefone da cozinha foi desconectado e posto na mesa. O fone foi desatarraxado e examinado. Um transmissor minúsculo, do tamanho de uma uva-passa, foi grudado na cavidade do fone e apertado por dez segundos. Quando a cola ficou firme, o fone foi recolocado e o telefone plugado e pendurado na parede da cozinha. As vozes ou os sinais seriam transmitidos para um pequeno receptor a ser instalado no sótão. Um transmissor maior perto do receptor mandaria os sinais através da cidade até uma antena no topo do Edifício Bendini. Usando a eletricidade da casa como fonte de energia, os pequenos grampos nos telefones transmitiriam ininterruptamente.

– Pegue o da sala.

A pasta foi levada para um sofá. Acima da poltrona reclinável eles puseram um prego numa aresta do lambri, depois o removeram. Um pequeno cilindro preto, de 1 milímetro por 2,5 centímetros, foi enfiado com cuidado no buraco. Prenderam-no no lugar com um pouquinho de epóxi preto. O microfone estava invisível. Um fio da espessura de um cabelo humano foi preso na emenda do lambri e levado até o teto. Seria ligado a um receptor no sótão.

Microfones idênticos foram escondidos nas paredes de cada quarto. Os homens encontraram a escada retrátil no corredor principal e subiram até o sótão. Um deles tirou o receptor e o transmissor da pasta enquanto o outro puxava meticulosamente os fios minúsculos por dentro das paredes. Quando conseguiu puxar todos, enrolou-os juntos, passou-os por baixo do forro e os levou até um canto, onde seu parceiro estava colocando o transmissor numa velha caixa de papelão. Um fio de eletricidade foi conectado à unidade para



fornecer energia para a transmissão. Uma pequena antena foi erguida a cerca de 2 centímetros do forro do telhado.

A respiração dos dois ficou mais pesada no calor sufocante do sótão escuro. O pequeno invólucro plástico de um rádio antigo foi ajustado em volta do transmissor e eles espalharam material do forro e panos velhos ao redor. O lugar era um canto remoto e provavelmente não seria notado durante meses, talvez anos. E, se fosse notado, aquilo pareceria apenas um lixo sem utilidade. Poderia ser retirado e jogado fora sem provocar suspeitas. Os dois admiraram o trabalho durante um segundo e depois desceram a escada.

Apagaram meticulosamente os rastros e terminaram em dez minutos.

Hearsay foi liberado do armário e os homens se esgueiraram para a garagem. Saíram com rapidez de marcha a ré e aceleraram pela noite.

Enquanto o peixe assado era servido, o BMW foi estacionado com discrição perto do restaurante. O motorista remexeu nos bolsos e encontrou a chave de um Jaguar marrom, propriedade do Sr. Kendall Mahan, advogado. Os dois técnicos trancaram o BMW e entraram no Jaguar. Os Mahans moravam muito mais perto do que os McDeeres e, a julgar pela planta da casa, o serviço seria muito mais rápido.

NO QUINTO ANDAR do Edifício Bendini, Marcus olhava para um painel de luzes piscando e esperava algum sinal vindo do número 1.231 da East Meadowbrook. O jantar havia terminado trinta minutos antes e era hora de escutar. Uma luz amarela minúscula piscou fracamente e ele pôs um fone de ouvido. Apertou um botão para gravar. Esperou. Uma luz verde ao lado do código McD6 começou a piscar. Era a parede do quarto. Os sinais ficaram mais nítidos, vozes, a princípio fracas, depois tornaram-se muito claras. Ele aumentou o volume e prestou atenção.

– Aquela tal de Jill Mahan é um saco – dizia a mulher, a Sra. McDeere. – Quanto mais bebia, mais babaca ficava.

– Acho que ela é da aristocracia, algo assim – respondeu o Sr. McDeere.

– O marido dela é legal, mas ela é um porre.

– Você está bêbada? – perguntou o Sr. McDeere.

– Quase. Estou pronta para um sexo apaixonado.

Marcus aumentou o volume e se inclinou na direção das luzes que piscavam.

– Tire a roupa – exigiu a Sra. McDeere.

– Não fazemos isso há um tempo – comentou o Sr. McDeere.

Marcus se levantou e ficou parado perto dos interruptores e das luzes.

– E de quem é a culpa? – perguntou ela.

– Não esqueci como se faz. Você é linda.

– Deite-se na cama – disse ela.

Marcus virou até o fim o botão onde estava escrito VOLUME. Sorriu para as luzes e deu um suspiro profundo. Adorava aqueles associados, recém-saídos da faculdade e cheios de energia. Sorriu ouvindo os sons deles fazendo amor. Fechou os olhos e vigiou.

A crise com Capps terminou em duas semanas sem desastre, graças principalmente a uma série de dias de dezoito horas de trabalho do membro mais novo da firma, um membro que ainda não tinha passado no exame da ordem e estava ocupado demais exercendo a advocacia para se preocupar com isso. Em julho ele faturou uma média de 59 horas por semana, um recorde na firma para um não advogado. Na reunião mensal, Avery informou orgulhoso aos sócios que o trabalho de McDeere era notável para um novato. O contrato de Capps foi fechado três dias antes do prazo, graças a McDeere. O documento tinha um total de quatrocentas páginas, todas perfeitas, todas meticulosamente pesquisadas, esboçadas e revisadas por McDeere. O de Koker-Hanks seria fechado em menos de um mês, graças a McDeere, e a firma ganharia quase 250 mil dólares. Ele era uma máquina.

Oliver Lambert expressou preocupação com os estudos dele. Faltavam menos de três semanas para o exame da ordem e era óbvio para todos que McDeere não estava preparado. Ele havia cancelado metade das sessões de estudos em julho e tinha cumprido menos de vinte horas. Avery disse para não se preocuparem que seu garoto estaria pronto.

Quinze dias antes da prova, Mitch finalmente reclamou. Explicou a Avery, almoçando no Manhattan Club, que não passaria e que precisava de tempo para estudar. Muito tempo. Poderia meter a cara nas próximas duas semanas e passar raspando. Mas precisava ser deixado em paz. Nada de prazos. Nada de emergências. Nada de virar a noite. Ele implorou. Avery escutou com atenção e

pediu desculpas. Prometeu ignorá-lo durante as próximas duas semanas. Mitch agradeceu.

NA PRIMEIRA SEGUNDA-FEIRA de agosto, foi convocada uma reunião da firma na biblioteca principal do primeiro andar. Era a sala de reuniões, a maior das quatro bibliotecas, a atração turística. Metade dos advogados sentou-se em volta da antiga mesa de cerejeira com vinte cadeiras. O resto ficou de pé perto das estantes com grossos livros de Direito encadernados em couro, que não eram abertos havia décadas. Todos os membros estavam presentes, até Nathan Locke. Ele chegou tarde e ficou parado junto da porta. Sozinho. Não falou com ninguém e ninguém olhou para ele. Mitch espiava o Olhos Pretos quando era possível.

O clima era sombrio. Sem sorrisos. Beth Kozinski e Laura Hodge foram conduzidas até a sala por Oliver Lambert. Sentaram-se na frente da sala, viradas para uma parede onde estavam dois retratos cobertos. Deram-se as mãos e tentaram sorrir. O Sr. Lambert ficou de pé, de costas para a parede, e olhou para a pequena plateia.

Falou baixo, com a voz intensa de barítono transpirando simpatia e compaixão. A princípio quase sussurrou, mas o poder de sua voz fazia com que cada som e cada sílaba se espalhassem claros pela sala. Olhou para as duas viúvas e falou da tristeza profunda da firma, disse que cuidariam delas enquanto a firma existisse. Falou de Marty e Joe, de seus primeiros anos na firma, da importância deles para a firma, dos vazios enormes deixados pelas mortes. Falou do amor deles pelas famílias, da dedicação ao lar.

O sujeito era eloquente. Falava de maneira prosaica, sem planejar qual seria a próxima frase. As viúvas choravam baixinho e enxugavam os olhos. E então alguns dos mais íntimos, Lamar Quin e Doug Turney, começaram a fungar.

Quando tinha dito o suficiente, o Sr. Lambert revelou o retrato de Martin Kozinski. Foi um momento emocionante. Houve mais lágrimas. Seria criada uma bolsa com o nome dele na Faculdade de Direito de Chicago. A firma criaria fundos para a educação dos filhos. Tomariam conta da família. Beth mordeu o lábio, mas chorou mais alto. Os negociadores da grande firma Bendini, experientes, duros e implacáveis, engoliram em seco rapidamente e evitaram

olhar uns para os outros. Apenas Nathan Locke não se abalou. Olhava para a parede com seus lasers penetrantes e ignorava a cerimônia.

Em seguida foi o retrato de Joe Hodge e uma biografia, uma bolsa e fundos semelhantes. Mitch tinha ouvido o boato de que Hodge havia adquirido um seguro de vida de 2 milhões de dólares quatro meses antes de morrer.

Quando os elogios fúnebres terminaram, Nathan Locke desapareceu pela porta. Os advogados cercaram as viúvas, falaram em voz baixa com elas e as abraçaram. Mitch não as conhecia e não tinha nada a dizer. Foi até a parede e examinou as pinturas. Perto dos retratos de Kozinski e Hodge havia outros três ligeiramente menores, mas igualmente respeitáveis. O da mulher atraiu sua atenção. A placa de latão dizia: “Alice Knauss, 1948-1977”.

– Ela foi um equívoco – comentou Avery baixinho, aproximando-se de seu associado.

– Como assim? – perguntou Mitch.

– Típica advogada. Veio de Harvard, a primeira da turma e de nariz em pé porque era mulher. Achava que todos os homens eram machistas e que sua missão era eliminar a discriminação. Uma grande vaca. Depois de seis meses todos nós a odiávamos, mas não conseguíamos nos livrar dela. Ela forçou dois sócios a se aposentar antes do tempo. Milligan ainda a culpa por seu ataque cardíaco. Ele era o sócio que trabalhava com ela.

– Ela era uma boa advogada?

– Muito boa, mas era impossível apreciar seus talentos. Ela encrencava por causa de tudo.

– O que aconteceu?

– Acidente de carro. Foi morta por um motorista bêbado. Uma tragédia.

– Ela foi a primeira mulher?

– Foi. E a última, a não ser que processem a gente.

Mitch assentiu para o retrato seguinte.

– E este?

– Robert Lamm. Era meu amigo. Veio da Faculdade de Direito Emory, em Atlanta. Chegou uns três anos antes de mim.

– O que aconteceu?

– Ninguém sabe. Ele gostava de caçar. Num inverno, fui com ele caçar alces em Wyoming. Em 1972, ele estava caçando cervos no Arkansas e desapareceu.

Foi encontrado um mês depois numa ravina com um buraco na cabeça. A necropsia disse que a bala entrou pela nuca e estourou a maior parte do rosto. Especularam que o tiro foi disparado de longe, de um fuzil de alta potência. Na certa foi acidente, mas nunca vamos saber. Não imagino que alguém poderia querer matar Bobby Lamm.

O último retrato era de John Mickel, 1950-1984.

– O que aconteceu com ele? – sussurrou Mitch.

– Acho que foi o mais trágico de todos. Não era um sujeito forte e sentiu a pressão. Bebia muito e começou a usar drogas. Então a mulher o largou e os dois tiveram um divórcio feio. A firma ficou constrangida. Ele estava aqui havia dez anos e tinha medo de não virar sócio. As bebedeiras pioraram. Nós gastamos uma pequena fortuna em tratamento, psiquiatras, tentamos tudo. Mas nada funcionou. Ele estava deprimido, depois desenvolveu tendências suicidas. Escreveu uma carta de despedida de sete páginas e estourou os miolos.

– Terrível.

– Foi sim.

– Onde ele foi encontrado?

Avery pigarreou e olhou em volta.

– Na sua sala.

– O quê?

– É, mas eles limparam bem.

– Está brincando!

– Não, é sério. Faz anos, e depois disso já usamos a sala. Está tudo bem.

Mitch ficou sem fala.

– Você é supersticioso? – perguntou Avery com um riso maligno.

– Claro que não.

– Acho que eu deveria ter te contado, mas a gente não costuma falar disso.

– Eu posso mudar de sala?

– Claro. É só não passar no exame da ordem que te damos uma das salas dos assistentes jurídicos no porão.

– Se eu não passar, vai ser por sua causa.

– É, mas você vai passar, não é?

– Se você conseguiu, eu consigo.

DAS CINCO ÀS sete da manhã o Edifício Bendini ficava vazio e silencioso. Nathan Locke chegava às seis, mas ia direto para sua sala e fechava a porta. Às sete os associados começavam a chegar e começava-se a ouvir vozes. Às sete e meia já havia o quórum na firma, e um punhado de secretárias batia ponto. Às oito os corredores estavam cheios e se formava o caos de sempre. Era mais difícil se concentrar. As interrupções eram rotina. Telefones tocavam sem parar. Às nove, todos os advogados, assistentes, escriturários e secretárias estavam no escritório ou tinham prestado contas de onde se encontravam.

Mitch valorizava a solidão das primeiras horas. Adiantou o relógio em trinta minutos e começou a chegar às cinco, em vez de às cinco e meia. Depois de fazer dois bules de café, percorria os corredores escuros acendendo luzes e inspecionando o prédio. Algumas vezes, quando a manhã estava límpida, parava diante da janela na sala de Lamar e olhava o dia nascer sobre o poderoso Mississippi. Contava as barcas enfileiradas à frente dos rebocadores que subiam o rio lentamente. Assistia ao longe aos caminhões passarem vagarosos na ponte. Mas desperdiçava pouco tempo. Ditava cartas, súmulas, resumos, memorandos e uma centena de outros documentos que Nina digitava e Avery revisava. Estudava para o exame.

Na manhã depois da cerimônia em memória dos advogados mortos, ele estava na biblioteca do primeiro andar procurando uma dissertação quando notou de novo os cinco retratos. Foi até a parede e estudou-os, lembrando-se dos breves obituários feitos por Avery. Cinco advogados mortos em vinte anos. Era um lugar perigoso para trabalhar. Anotou num bloco os nomes e os anos em que eles morreram. Eram cinco e meia da manhã.

Alguna coisa se moveu no corredor e ele deu um salto brusco para a direita. No escuro, viu que Olhos Pretos o observava. Ele veio até a porta e olhou irritado para Mitch.

– O que está fazendo? – perguntou.

Mitch o encarou e tentou sorrir.

– Bom dia. Por acaso estou estudando para o exame da ordem.

Locke olhou para os retratos e em seguida para Mitch.

– Sei. Por que está tão interessado neles?

– Só fiquei curioso. A firma teve um bocado de tragédias.

– Estão todos mortos. Uma tragédia de verdade vai acontecer se você não

passar no exame.

- Eu pretendo passar.

- Não é o que tenho escutado. Seus hábitos de estudo estão deixando os sócios preocupados.

- Os sócios estão preocupados com meu faturamento excessivo?

- Não banque o espertinho. Avisaram a você que o exame está acima de tudo.

Um empregado sem licença não tem utilidade para esta firma.

Mitch pensou em uma dúzia de respostas sagazes, mas deixou passar. Locke recuou e desapareceu. Em sua sala, com a porta fechada, Mitch escondeu os nomes e as datas numa gaveta e começou a estudar, abrindo um livro sobre Direito Constitucional.



No sábado depois do exame da ordem, Mitch evitou sua sala e sua casa e passou a manhã na expectativa, cavando nos canteiros de flores. Com a reforma completa, agora a casa estava apresentável, e os primeiros convidados, claro, tinham de ser os pais dela. Abby havia limpado e lustrado tudo durante uma semana, e agora era a hora. Ela prometeu que os pais não ficariam muito tempo, apenas algumas horas. Ele prometeu ser o mais educado possível.

Mitch tinha lavado e polido os dois carros novos, que pareciam recém-saídos da loja. A grama tinha sido aparada por um garoto da vizinhança. O Sr. Rice tinha colocado fertilizante durante um mês e o gramado parecia de um campo de golfe, como ele gostava de dizer.

Ao meio-dia eles chegaram e Mitch se afastou relutante do canteiro. Sorriu, cumprimentou-os e pediu licença para se lavar. Percebeu que eles estavam desconfortáveis, e era exatamente o que ele queria. Tomou uma chuveirada demorada enquanto Abby mostrava cada móvel e cada centímetro de papel de parede. Essas coisas impressionavam os Sutherlands. As coisas pequenas sempre impressionavam. Eles gostavam de falar sobre o que outras pessoas tinham ou não tinham. Ele era diretor de um pequeno banco do interior que nos últimos dez anos estava sempre à beira da falência. Ela era boa demais para trabalhar e tinha passado toda a vida adulta buscando a ascensão social numa cidade onde não havia como ascender. Tinha rastreado os ancestrais até a realeza de um país antigo, o que sempre impressionava os mineiros de carvão em Danesboro, Kentucky. Com tanto sangue azul nas veias, sua única obrigação tinha sido não

fazer nada além de tomar chá, jogar bridge, falar do dinheiro do marido, condenar os menos afortunados e trabalhar incansavelmente no clube de jardinagem. Ele era um sujeito metido a besta e conservador que pulava quando ela latia e vivia morrendo de medo de deixá-la furiosa. Como dupla, eles tinham pressionado a filha implacavelmente para ser a melhor, conseguir sempre o melhor, mas, principalmente, para se casar com o melhor. A filha havia se rebelado e se casara com um garoto pobre cuja família se resumia a uma mãe maluca e um irmão criminoso.

– É uma bela casa, Mitch – disse o Sr. Sutherland num esforço para quebrar o gelo.

Todos se sentaram para o almoço e começaram a passar os pratos.

– Obrigado.

Mais nada, só obrigado. Ele se concentrou na comida. Não sorriria durante o almoço. Quanto menos falasse, mais desconfortáveis eles ficariam. Queria que se sentissem constrangidos, culpados, errados. Queria que suassem, sangrassem. Eles tinham decidido boicotar o casamento. A aposta havia sido deles, não de Mitch.

– Tudo é tão lindo! – exclamou a mãe de Abby, olhando para ele.

– Obrigado.

– Nós estamos muito orgulhosos, mãe – disse Abby.

A conversa passou imediatamente para as reformas. Os homens comeram em silêncio enquanto as mulheres falaram sem parar sobre o trabalho da decoradora em cada cômodo. Às vezes Abby parecia desesperada para preencher as lacunas falando sobre praticamente qualquer coisa que lhe viesse à cabeça. Mitch quase sentiu pena dela, mas manteve o olhar fixo na mesa. Daria para cortar a tensão com uma faca.

– Então você arranhou um emprego? – perguntou a Sra. Sutherland.

– Arranhei. Vou começar na próxima segunda-feira. Vou dar aula para o terceiro ano da Escola Episcopal St. Andrew's.

– Professor não ganha bem – observou o pai dela bruscamente.

Ele é implacável, pensou Mitch.

– Não estou preocupada com dinheiro, pai. Sou professora. Para mim é a profissão mais importante do mundo. Se eu quisesse dinheiro, teria feito medicina.

– Terceiro ano. – A mãe dela suspirou. – Eles são tão fofos nessa idade! Você vai querer ter filhos logo logo.

Mitch já havia entendido que, se existia algo que atrairia aquelas pessoas para Memphis regularmente, seriam os netos. Ele nunca tinha se relacionado muito com crianças. Não tinha sobrinhos, a não ser que Ray tivesse espalhado alguns pelo país. Nunca tinha desenvolvido afinidade com crianças.

– Talvez daqui a alguns anos, mãe.

Talvez depois que os dois morrerem, pensou Mitch.

– Você quer filhos, não quer, Mitch? – perguntou a sogra.

– Talvez daqui a alguns anos.

O Sr. Sutherland empurrou o prato e acendeu um cigarro. A questão do cigarro tinha sido discutida nos dias anteriores à visita. Mitch queria proibir que fumassem em casa, especialmente aquelas pessoas. Tinham debatido com veemência, e Abby venceu.

– Como foi o exame da ordem? – perguntou o sogro.

Isso pode ser interessante, pensou Mitch.

– Difícilimo.

Abby mastigou a comida, nervosa.

– Você acha que passou?

– Espero que sim.

– Quando vai saber?

– Daqui a umas quatro ou seis semanas.

– Quanto tempo demorou?

– Quatro dias.

– Ele só fez estudar e trabalhar desde que nos mudamos para cá. Não o vi muito nesse verão – comentou Abby.

Mitch sorriu para a esposa. O tempo longe de casa era um assunto difícil, e era divertido vê-la falando daquilo como se aprovasse.

– O que acontece se você não passar? – perguntou o pai dela.

– Não sei. Não pensei nisso.

– Eles lhe darão aumento se você passar?

Mitch tentou ser educado, como tinha prometido. Mas estava sendo difícil.

– Sim, um belo aumento e um bônus.

– São quantos advogados na firma?

– Quarenta.

– Meu Deus – disse a Sra. Sutherland. Ela acendeu um cigarro. – Não existem quarenta advogados nem no condado de Dane.

– Onde fica o escritório? – perguntou ele.

– No centro da cidade.

– Nós podemos conhecer? – quis saber ela.

– Talvez em outra ocasião. Nos sábados fica fechado para visitas.

Mitch se divertiu com a resposta. Fechado para visitas, como se fosse um museu.

Abby pressentiu um desastre e começou a falar sobre a igreja que eles estavam frequentando. Tinha quatro mil membros, um ginásio e um boliche. Ela cantava no coro e dava aula para crianças de 8 anos na escola dominical. Mitch ia quando não estava trabalhando, mas tinha trabalhado em quase todos os domingos.

– Que bom que você encontrou uma igreja, Abby – falou o pai com devoção.

Durante anos ele havia comandado, todos os domingos, as orações na Primeira Igreja Metodista de Danesboro, e nos outros seis dias praticava incansavelmente a cobiça e a manipulação. Além disso, de maneira constante mas discreta, havia perseguido o uísque e as mulheres.

Um silêncio incômodo veio em seguida quando o assunto acabou. O sogro acendeu mais um cigarro. Continue fumando, velho, pensou Mitch. Continue fumando.

– Vamos comer a sobremesa no quintal – disse Abby, e começou a tirar a mesa.

Eles elogiaram as habilidades de jardinagem de Mitch, que aceitou o crédito. O mesmo garoto da vizinhança tinha podado as árvores, arrancado as ervas daninhas, aparado a cerca viva e feito a beirada do gramado. Mitch só era eficiente em arrancar mato e recolher cocô de cachorro. Também era capaz de operar o aspersor do gramado, mas costumava deixar o Sr. Rice fazer isso.

Abby serviu bolo de morango e café. Olhou desamparada para o marido, mas ele permanecia evasivo.

– Vocês têm um belo lugar – opinou o pai dela pela terceira vez, examinando o quintal dos fundos.

Mitch podia ver a mente dele trabalhando. O sujeito tinha avaliado a casa e o

bairro e não conseguia mais segurar a curiosidade. Quanto custava aquele lugar, caramba? Era isso que queria saber. Quanto no total? Quanto por mês? Tudo. Ficaria sondando até conseguir enfiar as perguntas em algum lugar.

– É um lugar lindo – comentou a mãe dela pela décima vez.

– Quando foi construído? – perguntou o pai.

Mitch pôs seu prato na mesa e pigarreou. Podia sentir a coisa chegando.

– Tem uns quinze anos.

– Quantos metros quadrados?

– Uns 270 – respondeu Abby, nervosa.

Mitch a encarou. Sua compostura estava se desfazendo.

– É um bairro lindo – acrescentou a mãe, solícita.

– Foi empréstimo novo ou vocês assumiram um anterior? – perguntou o pai, como se estivesse entrevistando um candidato a empréstimo com pontuação baixa.

– É um empréstimo novo – respondeu Mitch, e esperou.

Abby esperou e rezou.

O velho não esperou. Não conseguia mais esperar.

– Quanto você pagou?

Mitch respirou fundo e ia dizer “Muito”, mas Abby foi mais rápida.

– Não pagamos muito, papai – respondeu com firmeza, franzindo a testa. – Somos bastante capazes de cuidar do nosso dinheiro.

Mitch conseguiu dar um sorriso enquanto mordida a língua.

A Sra. Sutherland havia se levantado.

– Vamos dar um passeio de carro? Quero ver o rio e aquela pirâmide nova que construíram perto dele. Vamos? Venha, Harold.

Harold queria mais informações sobre a casa, mas a mulher puxava seu braço.

– Grande ideia – disse Abby.

Entraram no BMW novo e reluzente e foram ver o rio. Abby pediu que não fumassem no carro novo. Mitch dirigiu em silêncio e tentou ser educado.

Nina entrou correndo na sala com uma pilha de papéis e a colocou diante do chefe.

– Preciso que assine – anunciou, e entregou a caneta dele.

– O que é isso tudo? – perguntou Mitch, enquanto escrevia seu nome obedientemente.

– Não pergunte. Só confie em mim.

– Encontrei um erro de digitação no contrato do Landmark Partners.

– É o computador.

– Certo. Mande consertar o computador.

– Até que horas o senhor vai trabalhar esta noite?

Mitch examinou os documentos e assinou cada um.

– Não sei. Por quê?

– O senhor parece cansado. Por que não vai para casa cedo, digamos lá pelas dez ou dez e meia, e descansa um pouco? Seus olhos estão começando a ficar iguais aos do Nathan Locke.

– Muito engraçada.

– Sua mulher ligou.

– Ligo para ela daqui a um minuto.

Quando ele terminou, ela empilhou de novo as cartas e os documentos.

– São cinco horas. Estou indo. Oliver Lambert está esperando o senhor na biblioteca do primeiro andar.

– Oliver Lambert! Me esperando?

– Foi o que eu disse. Ele ligou há uns cinco minutos. Disse que era muito importante.

Mitch ajustou a gravata e atravessou rapidamente o corredor, desceu a escada e entrou casualmente na biblioteca. Lambert, Avery e o que parecia ser a maior parte dos sócios estavam sentados em volta da mesa de reuniões. Todos os associados estavam presentes, de pé atrás dos sócios. A cadeira na cabeceira da mesa estava vazia, esperando. A sala estava silenciosa, quase solene. Não havia sorrisos. Lamar se encontrava ali perto e se recusou a olhar para ele. Avery parecia sem graça, meio constrangido. Wally Hudson girou a ponta da gravata-borboleta e balançou lentamente a cabeça.

– Sente-se, Mitch – disse, sério, o Sr. Lambert. – Precisamos discutir uma coisa.

Doug Turney fechou a porta.

Mitch sentou-se e procurou algum sinal de solidariedade. Não havia nenhum. Os sócios giraram as cadeiras em sua direção, colados uns nos outros. Os associados o cercaram e olharam para baixo.

– O que é? – perguntou ele, humilde, olhando desamparado na direção de Avery.

Pequenas gotas de suor brotaram acima das suas sobrancelhas. Seu coração batia feito uma marreta. A respiração estava pesada.

Oliver Lambert se inclinou sobre a beira da mesa e tirou os óculos de leitura. Franziu a testa com sinceridade, como se aquilo fosse ser doloroso.

– Acabamos de receber um telefonema de Nashville, Mitch, e queríamos falar sobre isso.

O exame da ordem. O exame da ordem. O exame da ordem. Havia feito história. Um associado da grande firma Bendini tinha finalmente fracassado no exame. Ele olhou para Avery e quis gritar: “É tudo culpa sua!”

Avery apertou as sobrancelhas como se estivesse com enxaqueca e evitou contato visual. Lambert olhou com suspeitas para os outros sócios e se virou de novo para McDeere.

– Temíamos que isso acontecesse, Mitch.

Ele queria falar, explicar que merecia mais uma chance, que haveria outra prova em seis meses e ele passaria com nota máxima, que não iria envergonhá-los de novo. Uma dor intensa o acertou abaixo da cintura.

– Sim, senhor – disse, submisso e derrotado.

Lambert partiu para o ataque.

– Nós não deveríamos saber dessas coisas, mas o pessoal de Nashville disse que você obteve a maior nota no exame da ordem. Parabéns, advogado.

A sala explodiu em gargalhadas e aplausos. Todos se juntaram em volta de Mitch e apertaram sua mão, deram tapinhas nas costas e riram com ele. Avery avançou com um lenço e enxugou sua testa. Kendall Mahan colocou três garrafas de champanhe na mesa e começou a estourá-las. Uma rodada foi servida em taças de plástico. Mitch finalmente respirou e abriu um sorriso. Bebeu o champanhe e eles lhe serviram mais uma taça.

Oliver Lambert pôs o braço gentilmente nos ombros de Mitch.

– Mitch, nós temos muito orgulho de você. Isso requer um pequeno bônus. Tenho aqui um cheque da firma no valor de 2 mil dólares, que entrego a você como uma pequena recompensa pelo feito.

Houve assobios e gritos.

– Claro, além do aumento substancial que você acaba de merecer.

Mais algazarra. Mitch pegou o cheque, mas não olhou.

O Sr. Lambert levantou a mão e pediu silêncio.

– Em nome da firma, eu gostaria de lhe dar isto.

Lamar entregou a ele um pacote embrulhado em papel pardo. O Sr. Lambert o desembalhou e jogou na mesa.

– É uma placa que preparamos antecipadamente. Como você vê, é uma réplica em bronze do papel timbrado da firma com todos os nomes. Como você também pode ver, o nome de Mitchell Y. Deere foi acrescentado no cabeçalho.

Mitch se levantou encabulado e recebeu o prêmio. A cor tinha voltado ao seu rosto e o champanhe estava começando a dar uma sensação boa.

– Obrigado – disse baixinho.

TRÊS DIAS DEPOIS, o jornal de Memphis publicou os nomes dos advogados que tinham passado no exame da ordem. Abby separou o artigo para o livro de recortes e mandou cópias para seus pais e para Ray.

Mitch havia descoberto uma lanchonete a três quarteirões do Edifício Bendini, entre a Front Street e a Riverside Drive, perto do rio. Era um buraco



escuro, com poucos fregueses e cachorros-quentes apimentados e gordurosos. Gostava de lá porque podia entrar discretamente e revisar um documento enquanto comia. Agora que era um associado pleno, podia comer um cachorro-quente no almoço e faturar 150 dólares por hora.

Uma semana depois de seu nome sair no jornal, ele estava sentado sozinho a uma mesa no fundo da lanchonete, comendo um cachorro-quente apimentado com um garfo. O lugar estava vazio. Mitch lia uma papelada de projeções com 2,5 centímetros de grossura. O grego que cuidava do lugar estava dormindo atrás da caixa registradora.

Um estranho se aproximou da sua mesa e parou a pouco mais de 1 metro dele. Desembalou um chiclete Juicy Fruit, fazendo o máximo de barulho possível. Quando percebeu que não estava sendo visto, foi até a mesa e sentou-se. Mitch olhou por cima da toalha xadrez e pôs o documento ao lado do chá gelado.

– Em que posso ajudar? – perguntou.

O estranho olhou para o balcão, olhou as mesas vazias e olhou para trás dele.

– Você é o McDeere, não é?

Tinha um sotaque forte, sem dúvida do Brooklyn. Mitch o examinou com atenção. Tinha uns 40 anos, corte de cabelo militar, curto dos lados, e uma franja rala descendo quase até as sobrancelhas. Estava de terno e colete azul-marinho, feitos de pelo menos noventa por cento de poliéster. A gravata era uma imitação barata de seda. Não se vestia bem, mas havia um certo ar de asseio. E de petulância.

– Sou. Quem é você?

O sujeito enfiou a mão no bolso e pegou um distintivo.

– Tarrance, Wayne Tarrance, agente especial, FBI.

Ele levantou as sobrancelhas e esperou uma reação.

– Quer me revistar? – disse Mitch.

– Só mais tarde. Só queria conhecer você. Vi seu nome no jornal e ouvi dizer que você é o cara novo da Bendini, Lambert & Locke.

– Por que isso interessaria ao FBI?

– Nós vigiamos a firma bem de perto.

Mitch perdeu o interesse no cachorro-quente e empurrou o prato para o

centro da mesa. Colocou mais adoçante no chá, que estava num grande copo de isopor.

– Quer beber alguma coisa? – perguntou.

– Não, obrigado.

– Por que vocês vigiam a Bendini?

Tarrance sorriu e olhou na direção do grego.

– Nesse momento não posso dizer. Temos nossos motivos, mas não vim aqui para falar disso. Vim para conhecer você e dar um aviso.

– Um aviso?

– É, um aviso sobre a firma.

– Estou escutando.

– Três coisas. Número um: não confie em ninguém. Não há naquela firma uma única pessoa em quem você possa confiar. Lembre-se disso. Mais tarde isso vai ser importante. Número dois: cada palavra que você disser, seja em casa, no escritório ou em qualquer parte do prédio, provavelmente está sendo gravada. Talvez ouçam você até no seu carro.

Mitch olhava fixamente e ouvia com atenção. Tarrance estava gostando disso.

– E a número três?

– Número três: dinheiro não dá em árvore.

– Poderia ser mais específico?

– No momento não posso. Acho que você e eu vamos ficar bastante íntimos. Quero que confie em mim e sei que vou precisar merecer a confiança. Por isso não quero ir rápido demais. Não podemos nos encontrar no seu escritório, nem no meu, e não podemos nos falar por telefone. Por isso, de vez em quando vou encontrar você. Até lá, só se lembre dessas três coisas e tenha cuidado.

Tarrance se levantou e pegou a carteira.

– Aqui está o meu cartão. O telefone da minha casa está no verso. Só me ligue de telefones públicos.

Mitch examinou o cartão.

– Por que eu telefonaria para você?

– Durante um tempo você não vai precisar. Mas guarde o cartão.

Mitch o enfiou no bolso da camisa.

– Mais uma coisa – disse Tarrance. – Vimos você nos funerais de Hodge e

Kozinski. Uma coisa triste, realmente. A morte deles não foi acidental.

Ele olhou para Mitch com as duas mãos nos bolsos e sorriu.

– Não entendi.

Tarrance caminhou até a porta.

– Me ligue uma hora dessas, mas tenha cuidado. Lembre-se, eles estão ouvindo.

ALGUNS MINUTOS DEPOIS das quatro horas, uma buzina tocou e Dutch se levantou. Praguejou e andou até parar em frente aos faróis.

– Droga, Mitch. São quatro horas. O que está fazendo aqui?

– Desculpe, Dutch. Não consegui dormir. Noite difícil.

O portão se abriu.

Às sete e meia, ele tinha delegado trabalho suficiente para manter Nina ocupada por dois dias. Ela incomodava menos quando estava com o nariz grudado no monitor. O objetivo imediato de Mitch era se tornar o primeiro associado a justificar uma segunda secretária.

Às oito horas, ficou plantado na sala de Lamar e esperou. Revisou um contrato, bebeu café e disse à secretária de Lamar que cuidasse da própria vida. Lamar chegou às oito e quinze.

– Precisamos conversar – falou Mitch, fechando a porta.

Se Tarrance estivesse contando a verdade, a sala estava grampeada e a conversa seria gravada. Não tinha certeza se devia acreditar.

– Você parece sério – disse Lamar.

– Já ouviu falar de um cara chamado Tarrance, Wayne Tarrance?

– Não.

– FBI.

Lamar fechou os olhos.

– FBI – murmurou.

– Isso mesmo. Com distintivo e tudo.

– Onde você o conheceu?

– Ele me achou na Lansky's Deli, na Union. Sabia quem eu era, sabia que eu tinha acabado de ser contratado. Diz que sabe tudo sobre a firma. Que eles vigiam a gente de perto.

– Você contou isso ao Avery?

– Não. Só a você. Não sei o que fazer.

Lamar pegou o telefone.

– Precisamos contar ao Avery. Acho que isso já aconteceu antes.

– O que está rolando, Lamar?

Lamar falou com a secretária de Avery e disse que era uma emergência. Em alguns segundos Avery atendeu.

– Temos um probleminha, Avery. Um agente do FBI contatou Mitch ontem. Ele está na minha sala.

Lamar ouviu, depois disse a Mitch:

– Ele me deixou na espera. Disse que está ligando para Lambert.

– Acho que isso é bem sério.

– É, mas não se preocupe. Há uma explicação. Já aconteceu antes.

Lamar encostou o fone no ouvido e escutou as instruções. Desligou.

– Eles querem que a gente esteja na sala do Lambert em dez minutos.

Avery Tolar, Royce McKnight, Oliver Lambert, Harold O’Kane e Nathan Locke estavam esperando. Estavam nervosos, de pé em volta da pequena mesa de reuniões, e tentaram parecer calmos quando Mitch entrou.

– Sente-se – disse Nathan Locke com um leve sorriso falso. – Queremos que você conte tudo.

– O que é isso? – Mitch apontou para um gravador no centro da mesa.

– Não queremos perder nada – respondeu Locke, e apontou para uma cadeira vazia.

Mitch sentou-se e olhou para Olhos Pretos do outro lado da mesa. Avery sentou-se entre eles. Ninguém fez som algum.

– Certo. Eu estava almoçando ontem na Lansky’s Deli, na Union. Um cara entrou e se sentou à minha mesa. Ele sabia o meu nome. Me mostrou um distintivo e disse que se chamava Wayne Tarrance, agente especial do FBI. Olhei o distintivo e era de verdade. Ele disse que queria me encontrar porque nós precisávamos nos conhecer. Disse que eles vigiam a firma com atenção e me alertou para não confiar em ninguém. Perguntei por quê. Ele disse que não tinha tempo para explicar, mas que mais tarde vai fazer isso. Eu não soube o que dizer, então só fiquei ouvindo. Ele disse que vai me contatar mais tarde. Ele se levantou para ir embora e falou que me viram nos funerais. Depois disse que a

morte de Kozinski e Hodge não foi acidente. E foi embora. A conversa toda durou menos de cinco minutos.

Olhos Pretos encarou Mitch, a cara fechada, absorvendo cada palavra.

– Você tinha visto esse homem antes?

– Nunca.

– A quem você contou?

– Só ao Lamar. Hoje de manhã cedo.

– E à sua mulher?

– Não.

– Ele deixou algum número de telefone para você ligar?

– Não.

– Quero saber cada palavra que vocês disseram – exigiu Locke.

– Eu disse tudo que lembro. Não consigo lembrar palavra por palavra.

– Tem certeza?

– Me deixe pensar um minuto.

Algumas coisas ele guardaria. Encarou Olhos Pretos e soube que Locke suspeitava de mais coisas.

– Vejamos. Ele disse que viu meu nome no jornal e soube que eu era o homem novo aqui. E foi isso. Conteí tudo o que aconteceu. Foi uma conversa rápida.

– Tente se lembrar de tudo – insistiu Locke.

– Eu perguntei se ele queria um pouco de chá. Ele recusou.

O gravador foi desligado e os sócios pareceram relaxar um pouco. Locke foi até a janela.

– Mitch, nós tivemos problemas com o FBI, assim como com o imposto de renda. Isso vem acontecendo há alguns anos. Alguns clientes nossos são jogadores pesados, sujeitos ricos gastam milhões e esperam pagar pouco ou nenhum imposto. Eles nos pagam milhares de dólares para evitar os impostos legalmente. Nós temos a reputação de sermos muito agressivos e não nos importamos em correr riscos se nossos clientes nos instruírem a isso. Estamos falando de empresários muito sofisticados que entendem os riscos. Eles pagam caro pela nossa criatividade. Alguns paraísos fiscais e isenções que estabelecemos foram questionados pelo imposto de renda. Nós os enfrentamos na justiça durante os últimos vinte anos. Eles não gostam de nós, nós não

gostamos deles. Alguns dos nossos clientes nem sempre mantiveram o nível mais alto da ética, foram investigados e importunados pelo FBI. Nos últimos três anos nós também fomos importunados.

Ele fez uma pequena pausa antes de continuar.

– Tarrance é um novato procurando fama. Está aqui há menos de um ano e virou um pé no saco. Você não deve falar com ele de novo. A conversinha de ontem provavelmente foi gravada. Ele é perigoso, extremamente perigoso. Não joga limpo. Logo você vai aprender que a maioria dos federais não joga limpo.

– Quantos desses clientes foram condenados?

– Nenhum. E nós ganhamos a maior parte dos litígios com o imposto de renda.

– E Kozinski e Hodge?

– Boa pergunta – respondeu Oliver Lambert. – Não sabemos o que aconteceu. Primeiro parecia que tinha sido um acidente, mas não temos certeza. Havia um nativo da ilha a bordo, junto com Marty e Joe. Era piloto do barco e instrutor de mergulho. As autoridades de lá suspeitam que ele era o elo principal de um cartel de drogas baseado na Jamaica e que talvez o objetivo da explosão fosse matá-lo. Ele morreu, claro.

– Acho que nunca vamos saber – acrescentou McKnight. – A polícia de lá não é muito preparada. Nós optamos por proteger as famílias. Para todos os fins, foi um acidente. Francamente, não sabemos direito o que fazer.

– Não diga uma palavra disso a ninguém – instruiu Locke. – Fique longe do Tarrance. Se ele fizer contato de novo, avise imediatamente. Entendido?

– Sim, senhor.

– Não conte nem à sua mulher – pediu Avery.

Mitch assentiu.

A afabilidade de avô retornou ao rosto de Oliver Lambert. Ele sorriu e brincou com os óculos de leitura.

– Mitch, nós sabemos que isso é assustador, mas estamos acostumados. Deixe que cuidemos disso e confie em nós. Não temos medo do Sr. Tarrance, do FBI, do imposto de renda nem de ninguém, porque não fazemos nada de errado. Anthony Bendini criou essa firma com trabalho duro, talento e ética inabalável. Isso está gravado em cada um de nós. Alguns dos nossos clientes não são santos, mas não é trabalho do advogado ditar moral ao cliente. Não queremos que você

se preocupe com isso. Fique longe desse cara, ele é muito, muito perigoso. Se você der trela, ele vai ficar mais ousado e virar um incômodo.

Locke apontou um dedo torto para Mitch.

– Qualquer contato com Tarrance vai prejudicar seu futuro nesta firma.

– Entendo – respondeu Mitch.

– Ele entende – reagiu Avery, na defensiva.

Locke olhou irritado para Tolar.

– É só isso, Mitch – disse o Sr. Lambert. – Seja cauteloso.

Mitch e Lamar saíram pela porta e pegaram a escada mais próxima.

– Fale com DeVasher – ordenou Locke a Lambert, que estava ao telefone.

Em dois minutos os dois sócios tinham cancelado seus compromissos e estavam sentados diante da mesa atulhada de DeVasher.

– Você ouviu? – perguntou Locke.

– Claro que ouvi, Nat. Ouvimos cada palavra que o garoto disse. Vocês cuidaram muito bem da situação. Acho que ele está apavorado e vai fugir do Tarrance.

– E o Lazarov?

– Preciso contar a ele. Ele é o chefe. Não podemos fingir que isso não aconteceu.

– O que eles vão fazer?

– Nada sério. Vamos vigiar o garoto 24 horas por dia e verificar todos os telefonemas dele. E esperar. Ele não vai agir. A coisa está por conta do Tarrance. Ele vai procurá-lo de novo, e na próxima vez estaremos lá. Tentem mantê-lo dentro do prédio o máximo possível. Quando ele sair, avisem, se puderem. Acho que não é um problema sério, na verdade.

– Por que eles escolheriam o McDeere? – perguntou Locke.

– Nova estratégia, imagino. Kozinski e Hodge foram procurá-los, lembra? Talvez eles tenham falado mais do que nós pensávamos. Não sei. Talvez achem que o McDeere é o mais vulnerável porque acabou de sair da faculdade e ainda está cheio de idealismos. E de ética, como o nosso amigo ético, o Ollie aqui. Aquela foi boa, Ollie, muito boa mesmo.

– Cala a boca, DeVasher.

DeVasher parou de sorrir e mordeu o lábio inferior. Deixou aquela passar. Olhou para Locke.

– Você sabe qual é o próximo passo, não sabe? Se Tarrance continuar pressionando, aquele idiota do Lazarov vai ligar para mim e me mandar eliminá-lo. Silenciá-lo. Colocá-lo num barril e jogar no golfo. E quando isso acontecer, todos vocês, advogados honrados, vão se aposentar antes da hora e sair do país.

– Lazarov não ordenaria a morte de um agente.

– Ah, seria um gesto idiota, mas Lazarov é idiota. Ele está muito angustiado com a situação aqui. Telefona o tempo todo e faz todo tipo de pergunta. Eu dou todo tipo de resposta. Às vezes ele escuta, às vezes ele xinga. Às vezes diz que vai falar com a diretoria. Mas, se ele me mandar apagar o Tarrance, nós apagamos o Tarrance.

– Isso me deixa enjoado – reclamou Lambert.

– Quer ficar enjoado, Ollie? Se deixar um dos seus advogados com sapatos Gucci ficar amiguinho do Tarrance e começar a falar, você vai sentir algo muito pior que enjoo. Agora sugiro que vocês mantenham o McDeere tão ocupado que ele não tenha tempo de falar com o Tarrance.

– Meu Deus, DeVasher, ele trabalha vinte horas por dia. Começou a 200 a hora e não diminuiu o pique.

– Só vigiem o cara de perto. Digam a Lamar Quin para ficar bem íntimo dele. Assim, se ele tiver alguma coisa em mente, talvez abra o bico.

– Boa ideia – concordou Locke. Em seguida olhou para Ollie. – Vamos ter uma conversa longa com o Quin. Ele é o mais chegado a McDeere. Talvez possa ficar ainda mais íntimo.

– Escutem – tornou DeVasher –, neste momento McDeere está apavorado. Não vai fazer nada. Se Tarrance o contatar de novo, ele vai fazer o que fez hoje. Vai correr direto para o Lamar Quin. Ele mostrou à gente em quem confia.

– Ele contou à mulher ontem à noite? – perguntou Locke.

– Estamos checando as fitas. Vai demorar mais ou menos uma hora. Temos tantos grampos nesta cidade que precisamos de seis computadores para encontrar alguma coisa.

MITCH OLHOU PELA janela da sala de Lamar e escolheu as palavras com cuidado. Falou pouco. E se Tarrance estivesse certo? E se tudo estiver sendo gravado?

– Está se sentindo melhor? – perguntou Lamar.



– É, acho que sim. Faz sentido.

– Isso já aconteceu antes, como Locke falou.

– Quem? Quem foi abordado?

– Não lembro. Parece que foi há três ou quatro anos.

– Mas você não se lembra de quem foi?

– Não. Por que isso é importante?

– Só gostaria de saber. Não entendo por que me escolheram. O cara novo. Entre quarenta advogados, sou quem sabe menos sobre a firma e os clientes. Por que iriam me escolher?

– Não sei, Mitch. Olha, por que não faz o que Locke sugeriu? Tente esquecer isso e fugir do tal de Tarrance. Você não precisa falar com ele, a não ser que ele tenha um mandado. Diga para ele se catar se aparecer de novo. Ele é perigoso.

– É, acho que você está certo. – Mitch forçou um sorriso e caminhou até a porta. – O jantar de amanhã ainda está de pé?

– Claro. Kay quer grelhar uns bifês e comer perto da piscina. Não precisa ser cedo, pode ser lá pelas sete e meia.

– Até lá, então.

O guarda gritou seu nome, revistou-o e o levou até uma sala grande, onde uma fileira de pequenas cabines estava ocupada por visitantes falando e sussurrando através de telas grossas de metal.

– Número catorze – disse o guarda, apontando para uma cabine.

Mitch caminhou até lá e se sentou. Um minuto depois Ray apareceu e se sentou entre duas divisórias do outro lado da tela. Não fosse uma cicatriz na testa de Ray e algumas rugas em volta dos olhos, os dois poderiam passar por gêmeos. Ambos tinham 1,90 metro, pesavam pouco mais de 80 quilos, com cabelo castanho-claro, olhos pequenos e azuis, malares altos e queixo largo. Sempre tinham ouvido dizer que havia sangue índio na família, mas que a pele morena tinha sumido durante anos nas minas de carvão.

Fazia três anos que Mitch não ia a Brushy Mountain. Três anos e três meses. Os dois vinham trocando cartas duas vezes por mês, todo mês, durante oito anos.

– Como está o seu francês? – perguntou Mitch finalmente.

Os testes de Ray no exército tinham revelado uma aptidão incrível para línguas. Ele servira dois anos como intérprete de vietnamita. Tinha dominado o alemão em seis meses enquanto ficou destacado naquele país. O espanhol tinha demorado quatro anos, mas ele foi obrigado a aprender com um dicionário na biblioteca da prisão. O francês era seu último projeto.

– Fluente, acho – respondeu Ray. – Aqui é meio difícil saber. Não tenho como treinar muito. Evidentemente não ensinam francês nos conjuntos

habitacionais, então a maioria dos irmãos aqui é monoglota. Sem dúvida é a língua mais bonita.

– É fácil?

– Não tanto quanto o alemão. Claro, foi mais fácil aprender alemão porque eu estava morando lá e todo mundo falava a língua. Sabia que metade da nossa língua vem do alemão através do inglês arcaico?

– Não, não sabia.

– Pois então. O inglês e o alemão são primos em primeiro grau.

– O que vem em seguida?

– Provavelmente italiano. É uma língua românica como o francês, o espanhol e o português. Talvez russo. Talvez grego. Andei lendo sobre as ilhas gregas. Planejo ir lá em breve.

Mitch sorriu. Faltavam pelo menos sete anos para a condicional.

– Você acha que estou brincando, não é? – perguntou Ray. – Vou sair daqui, Mitchell, e não vai demorar muito.

– Quais são os seus planos?

– Não posso falar. Mas estou trabalhando nisso.

– Não faça, Ray.

– Vou precisar de alguma ajuda de fora e dinheiro suficiente para sair do país. Mil dólares devem bastar. Você consegue, não é? Você não vai ser envolvido no negócio.

– Eles não estão ouvindo a gente?

– Às vezes.

– Vamos falar de outra coisa.

– Claro. Como vai a Abby?

– Bem.

– Onde está?

– Nesse momento, na igreja. Ela queria vir, mas eu disse que ela não poderia ver você.

– Eu gostaria de vê-la. Pelas cartas, parece que vocês estão indo muito bem. Casa nova, carros, country club. Estou muito orgulhoso. Você é o primeiro McDeere em duas gerações que conseguiu alguma coisa.

– Nossos pais eram pessoas boas, Ray. Nenhuma oportunidade e um bocado de azar. Eles fizeram o melhor que podiam.

Ray sorriu e olhou para outro lado.

– É, acho que sim. Você tem falado com a mamãe?

– Já faz um tempo.

– Ela ainda está na Flórida?

– Acho que sim.

Os dois fizeram uma pausa, examinando os próprios dedos. Pensavam na mãe. Na maior parte lembranças dolorosas. Houve tempos mais felizes, quando eram pequenos e o pai estava vivo. Ela jamais se recuperou da morte dele. E, depois de Rusty ser morto, as tias e os tios a colocaram num sanatório.

Ray acompanhou com o dedo as pequenas hastes de metal da tela. Observava o dedo.

– Vamos falar de outra coisa.

Mitch concordou com a cabeça. Havia muita coisa para falar, mas tudo estava no passado. Eles não tinham nada em comum, a não ser o passado, e era melhor deixá-lo em paz.

– Numa carta você disse que um dos seus antigos companheiros de cela é detetive particular em Memphis.

– Eddie Lomax. Foi policial em Memphis durante nove anos, até que foi preso por estupro.

– Estupro?

– É. Ele teve uma passagem difícil aqui. Os estupradores não são bem-vistos neste lugar. Os policiais são odiados. Quase foi morto, até que eu me meti. Saiu há uns três anos. Ele me escreve sempre. Faz principalmente investigações de divórcio.

– O nome dele está na lista telefônica?

– 969-3838. Por que você precisa dele?

– Tenho um colega advogado cuja mulher está pulando a cerca, mas ele não consegue pegar no flagra. Esse cara é bom?

– Pelo menos diz que é bom. Ganhou uma boa grana.

– Posso confiar nele?

– Está brincando? É só dizer que é meu irmão que ele vai matar por você. Ele vai me ajudar a sair daqui, mas não sabe disso. Pode falar isso com ele.

– Eu gostaria que você parasse com isso.

Um guarda passou por trás de Mitch.

– Três minutos – avisou.

– O que eu posso mandar para você? – perguntou Mitch.

– Eu gostaria de um favor de verdade, se você não se importar.

– Qualquer coisa.

– Vá a uma livraria e procure um daqueles cursos em fita cassete de como aprender grego em 24 horas. Um dicionário de grego-inglês também seria algo legal.

– Vou mandar na semana que vem.

– Que tal um de italiano também?

– Sem problema.

– Não decidi se vou para a Sicília ou para as ilhas gregas. Estou dividido de verdade. Perguntei ao pastor da prisão e ele não pôde ajudar. Pensei em falar com o diretor. O que você acha?

Mitch deu um risinho e balançou a cabeça.

– Por que não vai para a Austrália?

– Grande ideia. Me mande umas fitas de australiano e um dicionário.

Os dois sorriram, depois pararam. Estudaram-se com atenção e esperaram que o guarda dissesse que o tempo tinha acabado. Mitch olhou a cicatriz na testa do irmão e pensou nos bares e nas incontáveis lutas que levaram ao inevitável assassinato. Legítima defesa, dizia Ray. Durante anos Mitch quis dar um soco em Ray por ter sido tão idiota, mas a raiva havia passado. Agora queria abraçá-lo, levá-lo para casa e ajudá-lo a arranjar um emprego.

– Não sinta pena de mim – disse Ray.

– Abby quer escrever para você.

– Eu acharia ótimo. Mal me lembro dela como uma menininha em Danesboro, no banco do pai dela na Main Street. Diga para ela me mandar uma foto. E eu gostaria de uma foto da sua casa. Você é o primeiro McDeere em cem anos a comprar um imóvel.

– Preciso ir.

– Faça um favor. Acho que você precisa encontrar mamãe, só para verificar se ela está viva. Agora que você terminou a faculdade, seria bom se encontrar com ela.

– Já pensei nisso.

– Pense mais um pouco, está bem?

– Claro. Vejo você daqui a um mês, mais ou menos.

DEVASHER TRAGOU O Roi-Tan e soprou um bocado de fumaça na direção do purificador de ar.

– Encontramos o Ray McDeere – anunciou com orgulho.

– Onde? – perguntou Ollie.

– Penitenciária Estadual de Brushy Mountain. Foi condenado faz oito anos por homicídio doloso simples e sentenciado a quinze anos sem direito a condicional. O nome verdadeiro é Raymond McDeere. Trinta e um anos. Sem família. Serviu três anos no exército. Baixa desonrosa. Um verdadeiro fracassado.

– Como vocês o encontraram?

– O irmão mais novo fez uma visita ontem. Por acaso nós o estávamos seguindo. Vigilância 24 horas por dia, lembra?

– A condenação dele está em registro público. Vocês deveriam ter descoberto antes.

– Teríamos descoberto, Ollie, se fosse importante. Mas não é. Nós fazemos nosso trabalho.

– Quinze anos, é? Como foi o crime?

– O de sempre. Uns bêbados estavam brigando num bar por causa de uma mulher. Sem arma. Os relatórios da polícia e da necropsia dizem que ele acertou a vítima duas vezes com os punhos e rachou o crânio do sujeito.

– Por que a baixa desonrosa?

– Insubordinação grave. Além disso ele atacou um oficial. Não sei como evitou a corte marcial. Parece uma figura desagradável.

– Concordo, não é importante. O que mais você sabe?

– Não muito. Nós grampeamos a casa, certo? Ele não falou do Tarrance com a mulher. Na verdade, nós escutamos esse cara o tempo todo e ele não mencionou Tarrance com ninguém.

Ollie sorriu e assentiu, satisfeito. Estava orgulhoso de McDeere. Que advogado.

– E sexo?

– Nós só podemos escutar, Ollie. Mas escutamos com atenção, e creio que

ele não tenha feito isso nas duas últimas semanas. Claro, ele está aqui dezesseis horas por dia, na rotina de advogado novato viciado em trabalho que vocês insistem em incentivar. Parece que ela está se cansando disso. Pode ser a velha síndrome de mulher de novato. Ela liga bastante para a mãe. A cobrar, para que ele não saiba. Contou à mãe que ele está mudando, aquela merda toda. Acha que ele vai se matar de tanto trabalhar. É o que estamos ouvindo. De modo que não temos nenhuma foto, Ollie, e sinto muito por isso, porque sei como você gosta delas. Na primeira chance que tivermos, vamos lhe dar umas fotos.

Ollie olhou irritado para a parede, mas não disse nada.

– Escuta, Ollie, acho que precisamos mandar o garoto com o Avery a Grand Cayman, a negócios. Veja se consegue arranjar.

– Isso não é problema. Posso perguntar por quê?

– Agora, não. Vai saber mais tarde.

O PRÉDIO FICAVA na área de aluguéis baratos no centro da cidade, a dois quarteirões das sombras das modernas torres de aço e vidro, que foram construídas espremidas como se terreno fosse algo raro em Memphis. Uma placa na porta chamava a atenção para o andar de cima, onde Eddie Lomax, detetive particular, tinha um escritório. Consulta só com hora marcada. No andar de cima, o letreiro na porta anunciava todo tipo de investigações: divórcios, acidentes, parentes desaparecidos, vigilância. O anúncio no catálogo telefônico mencionava a experiência na polícia, mas não o fim dessa carreira. Falava sobre escuta, contramedidas, guarda de filhos, fotografias, provas para tribunais, detector de mentiras, localização de bens, pedidos de seguros e análise de passado pré-nupcial. Legal, garantido, licenciado e disponível 24 horas por dia. Ético, confiável, confidencial, paz de espírito.

Mitch ficou impressionado com o excesso de confiança. Havia marcado às cinco da tarde, mas chegou cinco minutos antes. Uma loura platinada e com corpo bonito, usando saia de couro apertada e botas pretas combinando, perguntou seu nome e apontou para uma poltrona de vinil laranja perto de uma janela. Eddie iria atendê-lo em um minuto. Mitch inspecionou a poltrona e notou uma fina camada de poeira e várias manchas que pareciam ser de gordura. Recusou a oferta, dizendo que estava com as costas doloridas. Tammy deu de

ombros e voltou a mascar chiclete e digitar algum documento; Mitch especulou se seria um relatório pré-nupcial, ou talvez o resumo de um trabalho de vigilância, ou quem sabe um plano de contramedidas. O cinzeiro na mesa dela estava cheio de guimbas manchadas de batom rosa. Enquanto digitava com a mão esquerda, tirou com a direita, de maneira imediata e precisa, um cigarro do maço e o enfiou entre os lábios pegajosos. Com coordenação notável, ela sacudiu alguma coisa com a mão esquerda e uma chama subiu até a ponta de um cigarro fino e incrivelmente comprido. Quando a chama desapareceu, os lábios se compactaram por instinto, se endureceram em volta do filtro minúsculo, e todo o corpo começou a inalar.

Letras se tornaram palavras, palavras viraram frases, frases viraram parágrafos, enquanto ela tentava desesperadamente encher os pulmões. Finalmente, quando 2 centímetros de cigarro pendiam em forma de cinza, ela engoliu em seco, tirou-o dos lábios com duas unhas vermelhas e brilhantes e exalou poderosamente. A fumaça voou na direção do teto de gesso manchado, onde disputou lugar com uma nuvem anterior e girou em volta da lâmpada fluorescente pendurada. Ela tossiu, uma tosse áspera e irritante que deixou seu rosto vermelho e fez balançar os seios fartos até eles bambolearem perigosamente perto das teclas da máquina de escrever. Ela pegou uma xícara ali perto e bebeu alguma coisa, depois colocou a bituca do cigarro de volta na boca e catou milho no teclado.

Depois de dois minutos, Mitch começou a temer o monóxido de carbono. Viu um pequeno buraco na janela, num vidro que, por algum motivo, as aranhas não tinham coberto com teias. Parou a centímetros da cortina esgarçada e empoeirada e tentou inalar na direção da abertura. Sentiu o estômado embrulhado. Ouviu mais tosses e chiados atrás dele. Tentou abrir a janela, mas camadas de tinta rachada a haviam lacrado fazia muito tempo.

Justo quando começou a ficar tonto, a digitação e o fumo pararam.

– Você é advogado?

Mitch deu as costas para a janela e olhou para a secretária. Agora ela estava sentada na beira da mesa, de pernas cruzadas, com a saia de couro preto bem acima dos joelhos. Tomou um gole de Pepsi Diet.

– Sou.

– Numa firma grande?



– Sim.

– Foi o que pensei. Dá para ver por causa do terno, da camisa social chique com gravata xadrez de seda. Sempre consigo identificar os advogados das firmas grandes. São bem diferentes dos pés-rapados que ficam zanzando no tribunal.

A fumaça estava se dissipando e Mitch respirava com mais facilidade. Ele admirou as pernas dela, que estavam posicionadas do modo exato e exigiam ser admiradas. Agora ela estava observando os sapatos dele.

– Você gosta do terno, não é? – perguntou ele.

– É caro, dá para ver. A gravata também. Não tenho tanta certeza sobre a camisa e os sapatos.

Mitch examinou as botas de couro, as pernas, a saia e o suéter justo nos seios grandes e tentou pensar em alguma coisa simpática para dizer. Ela gostou dos olhares e tomou mais um gole da Pepsi Diet.

Quando sentiu que bastava, ela indicou com a cabeça a porta de Eddie.

– Pode entrar. O Eddie está esperando.

O detetive estava ao telefone, tentando convencer algum pobre velho de que o filho dele era homossexual. Um homossexual muito ativo. Apontou para uma cadeira e Mitch se sentou. Havia duas janelas, ambas escancaradas, e Mitch respirou mais tranquilo.

Eddie pareceu enojado e cobriu o fone.

– Ele está chorando – sussurrou para Mitch, que deu um sorriso amigável, como se estivesse achando aquilo divertido.

Eddie usava botas azuis de pele de lagarto, de bico fino, calça Levi's, uma camisa social pêssgo, bem engomada e desabotoada até mostrar os pelos pretos do peito e expondo dois pesados cordões de ouro e um terceiro que parecia de turquesa. Devia gostar de Tom Jones, Engelbert Humperdinck ou outro desses cantores com cabeleiras fartas e olhos escuros, costeletas grossas e queixos bem definidos.

– Tenho fotos – disse, e afastou o fone do ouvido quando o velho gritou.

Em seguida, tirou de uma pasta de papel cinco fotos de 20 por 24 e empurrou por cima da mesa até o colo de Mitch. Sem dúvida mostravam homossexuais, quem quer que fossem. Eddie deu um sorriso orgulhoso para ele. Os corpos pareciam estar no palco de uma boate gay. Mitch as colocou na mesa e olhou pela janela. Eram de alta qualidade, coloridas. Devem ter sido tiradas por

alguém dentro da boate. Mitch pensou na condenação por estupro. Um policial preso por estupro.

Eddie desligou o telefone.

– Então você é Mitchell McDeere! É um prazer te conhecer!

Os dois se apertaram as mãos por cima da mesa.

– O prazer é meu. Eu vi Ray no domingo.

– Parece que conheço você há anos. Você é igualzinho ao Ray. Ele tinha me avisado. Contou tudo sobre você. Acho que contou a você sobre mim. O passado na polícia. A condenação. O estupro. Ele explicou que foi estupro de vulnerável, que a garota tinha 17 anos, parecia ter 25 e que armaram para mim?

– Sim. Ray não fala muito, você sabe.

– É um cara incrível. Eu devo a vida a ele, literalmente. Quase me mataram na prisão quando descobriram que eu era policial. Ele se meteu e até o grupo dos negros recuou. Ele consegue machucar as pessoas quando quer.

– Ele é a minha família.

– É, eu sei. Quando a gente passa anos numa cela de 2,5 por 3,5 metros com um cara fica sabendo tudo sobre ele. Quando consegui a condicional você estava pensando em estudar Direito.

– Terminei em junho agora e fui trabalhar na Bendini, Lambert & Locke.

– Nunca ouvi falar.

– É uma firma de Direito Tributário, na Front Street.

– Eu faço muito trabalho de divórcio para advogados. Vigilância, fotos como essas, enfim, juntar sujeira para o tribunal.

Ele falava rapidamente, com palavras e frases curtas e diretas. Colocou os pés cuidadosamente na mesa para exhibir as botas de caubói.

– Além disso, arranjo uns casos para alguns advogados. Se eu descubro um bom acidente de carro ou um processo por lesão corporal, ofereço para ver quem me paga mais. Foi assim que comprei esse prédio. É onde o dinheiro está: lesão corporal. Os advogados ganham quarenta por cento da indenização. Quarenta por cento!

Ele balançou a cabeça com nojo, como se não acreditasse que advogados gananciosos vivessem nessa cidade, respirando livremente por aí.

– Você trabalha por hora? – perguntou Mitch.

– Trinta pratas mais despesas. Ontem à noite passei seis horas no meu furgão

perto de um Holiday Inn esperando o marido da minha cliente sair com uma puta do quarto para eu tirar algumas fotos. Seis horas. São 180 pratas para ficar com o rabo sentado, olhando revistas de sacanagem e esperando. Também cobrei pelo jantar.

Mitch continuou escutando tudo com atenção, como se desejasse ser capaz de fazer isso.

Tammy enfiou a cabeça pela abertura da porta e avisou que estava indo embora. Uma nuvem rançosa a acompanhou e Mitch olhou pela janela. Ela bateu a porta.

– É uma garota ótima – disse Eddie. – Tem problemas com o marido. Ele é um motorista de caminhão que pensa que é o Elvis. Cabelo muito preto cheio de brilhantina e costeletas enormes. Usa aqueles óculos escuros grossos e dourados que o Elvis usava. Quando não está na estrada fica sentado no trailer ouvindo discos do Elvis e vendo uns filmes horríveis. Eles se mudaram de Ohio para cá só para o palhaço ficar perto do túmulo do Elvis. Adivinha qual é o nome dele.

– Não faço ideia.

– Elvis. Elvis Aaron Hemphill. Mudou o nome legalmente depois que o rei morreu. Faz imitação nessas boates escuras espalhadas pela cidade. Eu assisti, uma noite. Ele usava um macacão branco e justo desabotoado até o umbigo, o que não seria um problema se ele não tivesse uma pança que fica pendurada parecendo uma melancia desbotada. Foi bem triste. A voz é hilária, parece um daqueles chefes índios cantando em volta da fogueira.

– E qual é o problema?

– Mulheres. Você não acreditaria nas fanáticas pelo Elvis que visitam esta cidade. Elas vão em bando assistir ao palhaço bancando o rei. Jogam calcinhas para ele, calçolas enormes, feitas para bundas grandes e pesadas, e ele enxuga a testa e joga as calcinhas de volta. Elas dão para ele os números dos quartos e nós suspeitamos que tenta bancar o conquistador, como o Elvis. Ainda não o flagrei.

Mitch não conseguiu pensar em nada para falar sobre tudo aquilo. Deu uma risada idiota, como se essa história fosse realmente incrível. Lomax o observou bem.

– Está tendo problemas com a esposa?

– Não. Nada disso. Preciso de informações sobre quatro pessoas. Três estão mortas, uma viva.

– Parece interessante. Estou ouvindo.

Mitch pegou as anotações no bolso.

– Presumo que isso será mantido em estrito sigilo.

– É claro. Tanto quanto você mantém com seus clientes.

Mitch assentiu, mas pensou em Tammy e Elvis e se perguntou por que Lomax tinha contado aquela história.

– Precisa ser sigiloso.

– Eu disse que será. Pode confiar.

– Trinta pratas por hora?

– Para você, vinte. Ray mandou você, lembra?

– Agradeço.

– Quem são essas pessoas?

– Os três mortos eram advogados da nossa firma. Robert Lamm foi morto num acidente enquanto caçava em algum lugar no Arkansas. Nas montanhas. Ficou desaparecido umas duas semanas e depois o encontraram com uma bala na cabeça. Houve necropsia. Só sei disso. Alice Knauss morreu em 1977 num acidente de carro aqui em Memphis. Supostamente um motorista bêbado bateu no carro dela. John Mickel cometeu suicídio em 1984. O corpo foi encontrado na sala em que ele trabalhava. Havia uma arma e um bilhete.

– É só isso que você sabe?

– Só.

– O que você está procurando?

– Quero saber o máximo possível sobre como essas pessoas morreram. Quais foram as circunstâncias de cada morte? Quem investigou? Qualquer pergunta não respondida ou qualquer suspeita.

– De que você suspeita?

– Por enquanto, de nada. Só estou curioso.

– Você está mais do que curioso.

– Certo, estou mais do que curioso. Mas por enquanto vamos deixar assim.

– É justo. Quem é o quarto cara?

– Um homem chamado Wayne Tarrance. É agente do FBI aqui em Memphis.

– FBI!

– Isso incomoda você?

– Incomoda. Para investigar policiais eu cobro quarenta por hora.

- Sem problema.
  - O que você quer saber?
  - Investigue o sujeito. Há quanto tempo ele está aqui? Há quanto tempo é agente? Qual é a reputação dele?
  - Isso é fácil.
- Mitch dobrou o papel e o enfiou no bolso.
- Quanto tempo vai demorar?
  - Mais ou menos um mês.
  - Tudo bem.
  - Qual é mesmo o nome da sua firma?
  - Bendini, Lambert & Locke.
  - Aqueles dois caras que morreram no verão passado...
  - Eram de lá.
  - Alguma suspeita?
  - Não.
  - Achei melhor perguntar.
  - Escute, Eddie. Você precisa ter muito cuidado com isso. Não ligue para minha casa nem para o trabalho. Eu ligo para você daqui a um mês. Suspeito que estou sendo vigiado de perto.
  - Por quem?
  - Eu gostaria de saber.

Avery sorriu para o documento impresso.

– No mês de outubro você faturou uma média de 61 horas por semana.

– Achei que fossem 64.

– Sessenta e uma é muito bom. Na verdade, nunca tivemos uma média tão alta para um novato. É legítima?

– Não falsifiquei os números. Na verdade, eu poderia ter jogado mais para cima.

– Quantas horas você está trabalhando por semana?

– Entre 85 e noventa. Poderia faturar 75 se quisesse.

– Eu não sugeriria isso, pelo menos por enquanto. Poderia provocar algum ciúme por aqui. Os associados mais novos estão de olho em você.

– Quer que eu diminua o ritmo?

– Claro que não. Nós dois estamos um mês atrasados. Só estou preocupado com as horas de trabalho. Um pouco preocupado, só isso. A maioria dos associados começa como se estivessem numa corrida de 100 metros: oitenta, noventa horas por semana. Mas eles perdem o pique depois de dois meses. A média é de 65 a setenta. Mas parece que você tem uma energia incomum.

– Não preciso de muito sono.

– O que sua mulher pensa disso?

– Por que isso é importante?

– Ela se incomoda com as horas extras?

Mitch encarou Avery irritado e por um segundo pensou na discussão da noite

anterior, quando chegou em casa para jantar três minutos antes da meia-noite. Foi uma briga controlada, mas a pior até então, e prometia ser apenas a primeira. Ninguém deu o braço a torcer. Abby disse que se sentia mais próxima do vizinho, o Sr. Rice, do que do marido.

– Ela entende. Eu disse que viraria sócio em dois anos e me aposentaria antes dos 30.

– Parece que é o que você está tentando.

– Você não está reclamando, está? Todas as horas que eu faturei no mês passado foram trabalhando nos seus processos, e você não pareceu muito preocupado quando me encheu de trabalho.

Avery pôs a folha impressa em seu aparador e franziu a testa.

– Só não quero que você se desgaste totalmente ou negligencie as coisas em casa.

Parecia estranho receber orientação conjugal de um homem que havia largado a mulher. Mitch olhou para Avery com o máximo de desprezo que conseguiu.

– Não precisa se preocupar com o que acontece na minha casa. Desde que eu continue produzindo, você deve ficar feliz.

Avery se inclinou por cima da mesa.

– Olha, Mitch, não sou muito bom nesse tipo de coisa. Isso está vindo lá de cima. Lambert e McKnight estão preocupados, acham que talvez você esteja pegando um pouco pesado demais. Quero dizer, cinco da manhã, todo dia, até em alguns domingos. É muito intenso, Mitch.

– O que eles disseram?

– Não muita coisa. Acredite ou não, Mitch, esses caras se importam mesmo com você e sua família. Eles querem advogados felizes com esposas felizes. Se tudo está bem, os advogados são produtivos. Lambert é especialmente paternalista. Está planejando se aposentar daqui a uns dois anos e tenta reviver os anos de glória através de você e dos outros jovens. Se ele perguntar demais ou fizer alguns sermões, não ligue. Ele ganhou o direito de agir como o avô daqui.

– Diga a eles que eu estou bem, que Abby está bem, que todos estamos felizes e que eu sou muito produtivo.

– Ótimo, agora que já falamos disso, você e eu vamos para Grand Cayman daqui a uma semana. Preciso me encontrar com uns banqueiros das Cayman em

nome de Sonny Capps e outros três clientes. É uma viagem principalmente de negócios, mas a gente sempre pode curtir um pouco de mergulho. Eu disse a Royce McKnight que gostaria que você fosse comigo, e ele aprovou a viagem. Disse que você provavelmente precisava da folga. Quer ir?

– Claro. Só estou meio surpreso.

– São negócios, por isso as esposas não vão. Lambert ficou um pouco preocupado, temendo que isso cause problema em casa.

– Acho que o Sr. Lambert se preocupa demais com o que acontece na minha casa. Diga a ele que está tudo sob controle. Sem problema.

– Então você vai?

– Claro que vou. Quanto tempo vamos ficar lá?

– Uns dois dias. Vamos ficar numa das casas da firma. Sonny Capps pode ficar na outra. Estou tentando conseguir o avião da firma, mas talvez tenhamos que pegar um voo comercial.

– Por mim, tudo bem.

APENAS DOIS PASSAGEIROS a bordo do 727 da Cayman Airways em Miami usavam gravata e, depois da primeira rodada de ponche de rum, Avery tirou a dele e enfiou no bolso do paletó. O ponche foi servido por comissárias caimanesas lindas, de olhos azuis e sorrisos agradáveis. As mulheres de lá são fantásticas, disse Avery mais de uma vez.

Mitch sentou-se perto da janela e tentou esconder a empolgação por sua primeira viagem para fora do país. Tinha encontrado um livro sobre as Ilhas Cayman na biblioteca. Havia três ilhas: Grand Cayman, Little Cayman e Cayman Brac. As duas menores eram pouco povoadas e raramente visitadas. A Grand Cayman tinha dezoito mil habitantes, doze mil empresas registradas e trezentos bancos. A população era composta por vinte por cento de brancos, vinte por cento de negros e os outros sessenta por cento não tinham certeza e não se importavam. Nos últimos anos, a capital, Georgetown, tinha se tornado um paraíso fiscal internacional com banqueiros tão discretos quanto os suíços. Não havia impostos sobre rendimentos, impostos corporativos, impostos sobre ganhos de capital, imóveis ou doações. Algumas empresas e investidores recebiam garantias de cinquenta anos de isenção fiscal. As ilhas eram um



território ultramarino britânico com um governo excepcionalmente estável. Os ganhos com impostos de importação e turismo bancavam o necessário para o governo. Não havia crime nem desemprego.

A Grand Cayman tem 37 quilômetros de comprimento e chega a 13 de largura em alguns lugares, mas vista de cima parecia muito menor. Era uma pequena pedra cercada por águas límpidas, cor de safira.

O avião parecia que ia pousar numa laguna, mas no último segundo uma pequena pista de asfalto apareceu e amparou o avião. Os dois desembarcaram e passaram pela imigração. Um rapaz pegou as malas de Mitch e as jogou, junto com as de Avery, no porta-malas de um Ford LTD 1972. Mitch lhe deu uma gorjeta generosa.

– Seven Mile Beach! – ordenou Avery enquanto virava o resto de seu último ponche de rum.

– Certo, *mon* – disse o motorista com sotaque forte.

Em seguida, acelerou o táxi, cantando pneu na direção de Georgetown. O rádio tocava reggae em volume máximo. O motorista se balançava e sacudia, acompanhando o ritmo com os dedos no volante. Estava do lado errado da estrada, mas todo mundo também estava. Mitch afundou no banco gasto e cruzou as pernas. O carro não tinha ar condicionado, mas as janelas estavam abertas. O pegajoso ar tropical batia no seu rosto e soprava seu cabelo. Aquilo era bom.

A ilha era plana e a estrada para Georgetown estava cheia de pequenos carros europeus empoeirados, lambretas e bicicletas. As casas eram pequenas, de um andar, com telhados de zinco e pintura colorida e agradável. Os quintais eram minúsculos, com pouca grama, mas muito limpos. Quando se aproximaram da cidade, as casas deram lugar a lojas, prédios de dois e três andares de madeira pintados de branco, onde turistas se abrigavam do sol embaixo de toldos. O motorista fez uma curva fechada e de repente eles estavam no meio de uma cidade apinhada de modernos prédios de bancos.

Avery assumiu o papel de guia turístico.

– Há bancos de todo lugar. Alemanha, França, Grã-Bretanha, Canadá, Espanha, Japão, Dinamarca. Até da Arábia Saudita e de Israel. Mais de trezentos, pela última contagem. O lugar se transformou num tremendo paraíso

fiscal. Os banqueiros daqui são extremamente discretos. Fazem os suíços parecerem fofoqueiros.

O táxi diminuiu a velocidade no tráfego movimentado e a brisa parou.

– Estou vendo um monte de bancos canadenses – comentou Mitch.

– Aquele prédio ali é do Royal Bank of Montreal. Temos uma reunião lá às dez da manhã. A maior parte dos nossos negócios vai ser com bancos canadenses.

– Algum motivo especial?

– São muito seguros e muito discretos.

A rua apinhada fez uma curva e terminou em outra. Depois da esquina, o azul reluzente do Caribe se estendeu até o horizonte. Um navio de cruzeiro estava ancorado na baía.

– Essa é Hogsty Bay – apontou Avery. – É onde os piratas ancoravam há trezentos anos. O próprio Barba Negra percorreu essas ilhas e enterrou seu tesouro. Encontraram uma parte há alguns anos numa caverna a leste daqui, perto de Bodden Town.

Mitch assentiu como se acreditasse. O motorista sorriu pelo retrovisor.

Avery enxugou o suor da testa.

– Este lugar sempre atraiu piratas. Antigamente era Barba Negra, agora são piratas modernos, que constroem corporações e escondem o dinheiro aqui. Não é, *mon*?

– Isso mesmo, *mon* – respondeu o chofer.

– Essa é a Seven Mile Beach – disse Avery. – Uma das mais lindas e mais famosas do mundo. Certo, *mon*?

– Certo, *mon*.

– Areia branca feito açúcar. Água quente e limpa. Mulheres quentes e lindas. Certo, *mon*?

– Certo, *mon*.

– Vai ter luau esta noite no Palms?

– Sim, *mon*. Às seis horas.

– Fica ao lado do nosso condomínio. O Palms é um hotel popular que organiza os eventos mais badalados da praia.

Mitch sorriu e observou os hotéis passando. Lembrou-se da entrevista em Harvard, quando Oliver Lambert discorreu que a firma era contra o divórcio e

contra mulherengos. E bebida. Talvez Avery tivesse perdido esses sermões. Talvez não.

O condomínio ficava no centro da Seven Mile Beach, ao lado de outro complexo e do Palms. Como era esperado, as casas da firma eram espaçosas e ricamente decoradas. Avery disse que elas valiam pelo menos meio milhão, cada uma, mas não estavam à venda. Nem disponíveis para aluguel. Eram refúgios para os cansados advogados da Bendini, Lambert & Locke. E para alguns poucos clientes preferenciais.

Da sacada do quarto no segundo andar, Mitch observou os pequenos barcos deslizando sem destino no mar reluzente. O sol estava começando a descer e as pequenas ondas refletiam os raios em um milhão de direções. O navio de cruzeiro se afastava lentamente da ilha. Dezenas de pessoas andavam na praia, chutando areia, pisando na água, correndo atrás de siris e bebendo ponche de rum e cerveja jamaicana Red Stripe. A batida rítmica da música caribenha vinha do Palms, onde um grande bar ao ar livre, com teto de palha, atraía os banhistas como um ímã. Uma cabana de palha ali perto alugava equipamento de mergulho, catamarãs e bolas de vôlei.

Avery caminhou até a sacada usando uma bermuda espalhafatosa florida de laranja e amarelo. Seu corpo era esguio e rijo, sem gordura. Ele frequentava uma academia em Memphis e se exercitava todo dia. Sem dúvida havia algumas câmaras de bronzeamento na academia. Mitch ficou impressionado.

– O que acha da minha roupa? – perguntou Avery.

– Muito legal. Você vai se adaptar perfeitamente.

– Tenho outra bermuda, se você quiser.

– Não, obrigado. Vou ficar com meu short de ginástica da Western Kentucky.

Avery tomou um gole de uma bebida e olhou a paisagem.

– Estive aqui uma dúzia de vezes e ainda fico impressionado. Penso em me mudar para cá quando me aposentar.

– Seria legal. Você vai poder andar na praia e perseguir siris.

– E jogar dominó e beber Red Stripe. Já tomou Red Stripe?

– Não que eu lembre.

– Vamos pegar uma.

O bar ao ar livre se chamava Rumheads. Estava apinhado de turistas cheios de sede e alguns moradores locais sentados em volta de uma mesa jogando

dominó. Avery abriu caminho entre os frequentadores e voltou com duas garrafas. Encontraram um banco perto do jogo de dominó.

– Acho que é isso que vou fazer quando me aposentar. Viver de jogar dominó aqui. E beber Red Stripe.

– É uma boa cerveja.

– E quando me cansar do dominó vou atirar uns dardos. – Ele inclinou a cabeça na direção de um grupo de ingleses bêbados que atiravam dardos num alvo e se xingavam. – E quando me cansar dos dardos, bom, quem sabe o que vou fazer? Com licença.

Ele foi para uma mesa no pátio onde duas mulheres de biquíni tinham acabado de se acomodar. Apresentou-se e elas disseram para ele se sentar. Mitch pediu mais uma Red Stripe e foi para a praia. Ao longe podia ver os prédios dos bancos de Georgetown. Seguiu naquela direção.

A COMIDA FOI posta em mesas dobráveis em volta da piscina. Garoupa grelhada, churrasco de cação, anchova, camarão frito, tartaruga e ostras, lagosta e vermelho. Era tudo do mar, e tudo fresco. Os hóspedes se apinhavam em volta das mesas e se serviam enquanto os garçons corriam para cá e para lá com baldes de ponche. As pessoas comiam em mesinhas no pátio voltado para o Rumheads e o mar. Uma banda de reggae começou a afinar os instrumentos. O sol mergulhou atrás de uma nuvem, depois no horizonte.

Mitch acompanhou Avery pelo bufê e, como era esperado, até uma mesa onde as duas mulheres esperavam. Eram irmãs, tinham menos de 30 anos, ambas divorciadas e meio bêbadas. A que se chamava Carrie estava caidinha por Avery, e a outra, Julia, começou imediatamente a fazer caras e bocas para Mitch. Ele se perguntou o que Avery teria dito a elas.

– Estou vendo que você é casado – sussurrou Julia enquanto se aproximava dele.

– É, e sou feliz.

Ela sorriu, como se aceitasse o desafio. Avery e sua companheira piscaram um para o outro. Mitch pegou um copo de ponche e engoliu.

Beliscou a comida e não conseguia pensar em nada além de Abby. Isso seria difícil de explicar, se precisasse explicar. Jantar com duas mulheres bonitas que

mal estavam vestidas. Seria impossível explicar. A conversa estava desconfortável e Mitch não acrescentou nada. Um garçom colocou uma jarra grande na mesa e ela foi esvaziada rapidamente. Avery ficou chato. Disse às mulheres que Mitch havia jogado no New York Giants, que tinha dois anéis do Super Bowl. Ganhava um milhão de dólares por ano até que uma lesão no joelho acabou com sua carreira. Mitch balançou a cabeça e bebeu mais um pouco. Julia olhava babando para ele e chegou mais perto.

A banda aumentou o volume. Era hora de dançar. Metade da multidão foi até uma pista de dança de madeira, embaixo de duas árvores, entre a piscina e a praia.

– Vamos dançar! – gritou Avery, e agarrou sua companheira.

Os dois correram por entre as mesas e logo se perderam na multidão de turistas que se sacudiam e pulavam.

Mitch sentiu Julia chegar mais perto ainda e pousar a mão na sua perna.

– Quer dançar? – perguntou ela.

– Não.

– Bom. Eu também não. O que você gostaria de fazer?

Ela esfregou os seios nos bíceps dele e deu seu melhor sorriso sedutor, a apenas alguns centímetros de seu rosto.

– Não planejo fazer nada.

Mitch tirou a mão dela.

– Ah, qual é? Vamos nos divertir um pouco. Sua mulher nunca vai saber.

– Olha, você é uma mulher muito bonita, mas está perdendo tempo comigo. Ainda é cedo. Você tem tempo suficiente para pegar um cara que seja de fato atraente.

– Você é bonito.

A mão estava de volta e Mitch respirou fundo.

– Por que não some daqui?

– O quê?

A mão foi embora.

– Eu disse para você sumir.

Ela recuou.

– O que há de errado com você?

– Tenho aversão a doenças transmissíveis. Vai se catar.

– Por que não some você?

– É uma ideia maravilhosa. Acho que vou. Gostei do jantar.

Mitch pegou um copo de ponche e foi até o bar, passando entre as pessoas que dançavam. Pediu uma Red Stripe e se sentou sozinho num canto escuro do pátio. A praia em frente estava deserta. As luzes de uma dúzia de barcos se moviam lentamente na água. Atrás dele vinham os sons dos Barefoot Boys e os risos da noite caribenha. Legal, pensou ele, mas seria mais legal com Abby. Quem sabe eles passavam as férias aqui no próximo verão. Precisavam de um tempo juntos, longe de casa e do trabalho. Havia uma distância entre os dois, uma distância que ele não conseguia definir. Uma distância sobre a qual não conseguiam discutir, mas que sentiam. Uma distância que lhe dava medo.

– O que está olhando?

A voz lhe deu um susto. Ela caminhou até a mesa e se sentou ao seu lado. Era nativa da ilha, pele morena com olhos azuis ou castanhos esverdeados. No escuro era impossível dizer. Mas eram olhos bonitos, calorosos e desinibidos. O cabelo escuro e encaracolado estava puxado para trás e descia até quase a cintura. Era uma mistura exótica de negra, branca e provavelmente latina. E talvez mais. Os seios grandes mal eram cobertos por um biquíni branco e cavado, e uma saia comprida, colorida, com uma fenda até a cintura, exibiu quase tudo quando ela se sentou e cruzou as pernas. Estava sem sapatos.

– Nada, na verdade – respondeu Mitch.

Ela era jovem, com um sorriso infantil que revelava dentes perfeitos.

– De onde você é? – perguntou.

– Estados Unidos.

Ela sorriu e deu um risinho.

– Claro que é. Onde nos Estados Unidos?

Era o inglês do Caribe, suave, gentil, exato, confiante.

– Memphis.

– Muita gente de Memphis vem para cá. Muitos mergulhadores.

– Você mora aqui?

– Moro. A vida inteira. Minha mãe nasceu aqui. Meu pai é da Inglaterra. Ele foi embora, voltou para lá.

– Quer uma bebida? – perguntou Mitch.

– Quero. Rum com soda.

Mitch ficou parado junto ao balcão, esperando as bebidas. Sentia uma pulsação leve e tensa no estômago. Ele poderia deslizar no escuro, desaparecer na multidão e voltar à segurança da casa. Poderia trancar a porta e ler um livro sobre paraísos fiscais. Bem tedioso. Além disso, agora Avery estava lá com sua gata. Essa garota era inofensiva, disseram o rum e a Red Stripe. Os dois tomariam duas bebidas e dariam boa-noite.

Voltou com as bebidas e se sentou à frente da garota, o mais longe possível. Estavam sozinhos no pátio.

– Você mergulha? – perguntou ela.

– Não. Acredite ou não, estou aqui a trabalho. Sou advogado e tenho reuniões com alguns banqueiros de manhã.

– Quanto tempo vai ficar?

– Uns dois dias.

Mitch estava sendo educado, mas falava pouco. Quanto menos dissesse, mais seguro. Ela cruzou as pernas de novo e deu um sorriso inocente. Ele se sentiu fraco.

– Quantos anos você tem? – perguntou.

– Vinte, meu nome é Eilene. Tenho idade suficiente.

– Sou Mitch.

Seu estômago deu uma cambalhota e ele se sentiu tonto. Tomou rapidamente um gole de cerveja. Olhou para o relógio.

Ela o observou com aquele mesmo sorriso sedutor.

– Você é muito bonito.

Isso estava se desenrolando depressa demais. Fique frio, disse a si mesmo, só fique frio.

– Obrigado.

– Você é atleta?

– Mais ou menos. Por que pergunta?

– Você parece atleta. É muito musculoso e rijo.

Foi o modo como ela enfatizou o “rijo” que fez seu estômago dar outra cambalhota. Ele admirou o corpo dela e tentou pensar em algum elogio que não fosse sugestivo. Esquece.

– Onde você trabalha? – perguntou ele, procurando assuntos menos sensuais.

– Sou vendedora numa joalheria da cidade.

– Onde você mora?

– Em Georgetown. Onde você está hospedado?

– Num condomínio aqui perto.

Ele assentiu na direção e ela olhou para a esquerda. Queria ver o prédio, deu para perceber. Ela tomou um gole de cerveja.

– Por que você não está na festa? – perguntou ela.

– Não sou muito de festa.

– Gosta da praia?

– É linda.

– É mais bonita ao luar.

Aquele sorriso de novo.

Ele não pôde dizer nada diante disso.

– Tem um bar melhor a pouco mais de 1 quilômetro pela praia. Vamos dar uma volta.

– Não sei, eu deveria voltar. Tenho trabalho para fazer ainda hoje.

Ela riu e se levantou.

– Ninguém vai embora tão cedo nas Cayman. Venha. Eu te devo uma bebida.

– Não. É melhor não.

Ela agarrou sua mão e ele a acompanhou até a praia. Os dois caminharam em silêncio até que o Palms sumiu de vista e a música ficou quase inaudível. A lua estava alta e mais brilhante sobre a praia deserta. Ela soltou alguma coisa e tirou a saia, deixando apenas uma tira em volta da cintura e outra descendo entre as pernas. Enrolou a saia e pôs em volta do pescoço de Mitch. Pegou a mão dele.

Algo dizia para Mitch fugir correndo. Jogar a garrafa no oceano. Jogar a saia na areia. E fugir feito louco. Correr para o apartamento. Trancar a porta. Trancar as janelas. Fugir. Fugir. Fugir.

E algo dizia para relaxar. É uma diversão inofensiva. Beber mais um pouco. Se alguma coisa acontecer, apenas curta. Ninguém vai saber. Memphis fica a mil quilômetros. Abby não vai descobrir. E quanto ao Avery? O que ele poderia dizer? Todo mundo faz isso. Tinha acontecido uma vez quando ele estava na faculdade, antes de se casar, mas depois de ficar noivo. Tinha culpado o excesso de cerveja e sobrevivido sem grandes cicatrizes. O tempo cuidava disso. Abby jamais saberia.

Fuja. Fuja. Fuja.



Caminharam por 1,5 quilômetro e não havia nenhum bar à vista. A praia estava mais escura. Uma nuvem escondia convenientemente a lua. Eles não tinham visto ninguém desde o Rumheads. Ela o puxou pela mão na direção de duas cadeiras de plástico perto da água.

– Vamos descansar – disse ela.

Ele terminou a cerveja.

– Você não está falando muito – afirmou ela.

– O que você gostaria que eu dissesse?

– Você me acha bonita?

– Você é muito bonita. E tem um corpo lindo.

Ela se sentou na borda da cadeira e bateu com os pés na água.

– Vamos nadar.

– Eu... ah... não estou muito no clima.

– Qual é, Mitch. Eu adoro a água.

– Pode ir. Eu fico olhando.

Ela se ajoelhou ao lado dele na areia e o encarou, a centímetros de distância. Num movimento lento, levou a mão à nuca. Soltoou a parte de cima do biquíni, que caiu, muito lentamente. Os seios, agora muito maiores, pousaram no antebraço esquerdo dele. Ela entregou o sutiã para ele.

– Segure isso para mim.

Era macio, branco e pesava menos de um miligrama. Mitch ficou paralisado, e a respiração, que segundos antes estava pesada e difícil, tinha parado completamente.

Ela entrou devagar na água. O fio-dental branco não cobria nada atrás. O cabelo comprido, escuro, lindo, descia até a cintura. Ela entrou até a altura dos joelhos, depois se virou para a praia.

– Vem, Mitch. A água está ótima.

Ela deu um sorriso brilhante e ele entendeu. Esfregou o biquíni e soube que aquela era sua última chance de fugir. Mas estava confuso e fraco. Fugir exigiria mais força do que ele conseguiria reunir. Só queria ficar sentado. Talvez ela fosse embora. Talvez se afogasse. Talvez a maré se materializasse de repente e a arrastasse para o mar.

– Vem, Mitch.

Ele tirou a camisa e entrou na água. Ela ficou olhando com um sorriso e,

quando ele chegou perto, ela pegou sua mão e o guiou para mais fundo. Envolveu o pescoço dele com as mãos e os dois se beijaram. Ele encontrou as tiras do fio-dental. Os dois se beijaram de novo.

Ela parou de forma abrupta e, sem falar, começou a ir para a praia. Mitch ficou olhando. Ela se sentou na areia, entre as duas cadeiras, e tirou o resto do biquíni. Ele mergulhou e prendeu a respiração por uma eternidade. Quando voltou à superfície ela estava deitada, com os cotovelos apoiados na areia. Mitch examinou a praia e, claro, não viu ninguém. Nesse instante exato a lua se escondeu atrás de outra nuvem. Não havia um barco, um catamarã, uma canoa, um nadador, um mergulhador, nada nem ninguém se movendo na água.

– Não posso fazer isso – murmurou ele com os dentes trincados.

– O que você disse, Mitch?

– Não posso fazer isso! – gritou ele.

– Mas eu quero você.

– Não posso fazer.

– Qual é, Mitch. Ninguém vai saber.

Ninguém vai saber. Ninguém vai saber. Ele foi lentamente na direção dela. Ninguém vai saber nunca.

O SILÊNCIO ERA completo no banco de trás do táxi enquanto os advogados entravam em Georgetown. Estavam atrasados. Tinham dormido demais e perdido o café da manhã. Nenhum dos dois se sentia particularmente bem. Avery estava especialmente abatido. Tinha os olhos vermelhos e o rosto pálido. Não tinha feito a barba.

O motorista parou no engarrafamento diante do Royal Bank of Montreal. O calor e a umidade já eram sufocantes.

Randolph Osgood era o banqueiro, um inglês pomposo de terno azul-marinho trespassado, óculos de aro de chifre, grande testa lustrosa e nariz pontudo. Cumprimentou Avery como um velho amigo e se apresentou a Mitch. Foram levados a uma sala grande no segundo andar, com vista para a Hogsty Bay. Duas escriturárias esperavam.

– Exatamente de que você precisa, Avery? – perguntou Osgood com a voz anasalada.

– Vamos começar com um pouco de café. Preciso de extratos de todas as contas de Sonny Capps, Al Coscia, Dolph Hemmba, da Ratzlaff Partners e do Greene Group.

– Sim, e de que período?

– Seis meses. Todas as contas.

Osgood estalou os dedos para uma escriturária. Ela saiu e voltou com uma bandeja de café e pãozinhos. A outra ficou tomando notas.

– Claro, Avery, vamos precisar da autorização e de procurações de todos esses clientes – disse Osgood.

– Estão arquivadas – informou Avery, enquanto buscava documentos na sua pasta.

– Sim, mas venceram. Precisamos de tudo atualizado. De cada conta.

– Muito bem. – Avery empurrou uma pasta de papel sobre a mesa. – Estão aqui. Tudo atual.

Ele piscou para Mitch.

Uma funcionária pegou a pasta e espalhou os documentos na mesa. Cada um foi examinado pelas duas funcionárias, depois pelo próprio Osgood. Os advogados beberam café e esperaram.

Osgood sorriu.

– Parece em ordem. Vamos pegar os extratos. De que mais você precisa?

– Preciso abrir três empresas. Duas para Sonny Capps e uma para o Greene Group. Vamos seguir os procedimentos usuais. O banco vai servir como agente registrado, etc.

– Vou providenciar os documentos necessários – disse Osgood, e olhou para uma funcionária. – O que mais?

– Por enquanto é só.

– Muito bem. Devemos ter os extratos em trinta minutos. Vocês almoçam comigo?

– Sinto muito, Randolph. Devo recusar. Mitch e eu temos um compromisso. Talvez amanhã.

Mitch não sabia de nenhum compromisso, pelo menos não de algum em que ele estivesse envolvido.

– Talvez – respondeu Osgood.

Em seguida saiu da sala com as funcionárias.

Avery fechou a porta e tirou o paletó. Foi até a janela e tomou um gole de café.

– Olha, Mitch. Desculpe por ontem à noite. Eu fiquei bêbado e parei de pensar. Foi errado empurrar aquela mulher para cima de você.

– Aceito as desculpas. Não deixe isso acontecer de novo.

– Não vou deixar. Prometo.

– Ela era boa?

– Acho que sim. Não me lembro de muita coisa. O que você fez com a irmã dela?

– Ela disse para eu sumir. Fui para a praia dar uma volta.

Avery mordeu um pãozinho e limpou a boca.

– Você sabe que estou separado. Provavelmente vamos assinar o divórcio em um ano, mais ou menos. Sou muito discreto porque o divórcio pode ficar feio. Na firma há uma regra tácita: o que nós fazemos fora de Memphis fica fora de Memphis. Entendeu?

– Qual é, Avery? Você sabe que eu não contaria.

– Eu sei. Eu sei.

Mitch ficou feliz em ouvir sobre a regra tácita, embora tenha acordado com a certeza de que tinha cometido o crime perfeito. Tinha pensado nela na cama, no chuveiro, no táxi, e agora tinha dificuldade para se concentrar em qualquer coisa. Tinha se pegado olhando para joalherias quando chegaram a Georgetown.

– Tenho uma pergunta – falou Mitch.

Avery assentiu e deu outra mordida.

– Quando fui recrutado há alguns meses por Lambert, McKnight e pelo resto do pessoal, eles ficaram repetindo que a firma era contra divórcios, mulheres, bebida, drogas, tudo que não fosse trabalho duro e dinheiro. Foi por isso que aceitei o emprego. Já vi o trabalho duro e dinheiro, mas agora estou vendo outras coisas. Em que momento você se desviou do caminho? Ou todos os caras fazem isso?

– Não gosto da sua pergunta.

– Sei disso. Mas gostaria da resposta. Eu mereço uma resposta. Sinto que fui enganado.

– E o que vai fazer? Vai embora porque eu fiquei bêbado e transei com uma prostituta?

– Não pensei em ir embora.

– Bom. Não vá.

– Mas tenho direito a uma resposta.

– Certo. É justo. Eu sou o maior canalha da firma, e eles vão pegar pesado quando eu falar do divórcio. De vez em quando dou em cima de mulheres, mas ninguém sabe. Ou pelo menos eles não conseguem me pegar. Tenho certeza de que outros sócios também fazem isso, mas você nunca pega nenhum deles. Não todos, mas alguns. A maioria tem casamentos estáveis e é eternamente fiel às mulheres. Eu sempre fui o desgarrado, mas eles me toleram porque sou talentoso demais. Sabem que eu bebo no almoço e às vezes no escritório e sabem que eu violo algumas das regras mais sagradas, mas eles me tornaram sócio porque precisam de mim. E agora que sou sócio eles não podem fazer muita coisa a respeito. Não sou um cara tão mau assim, Mitch.

– Eu não disse que era.

– Não sou perfeito. Alguns deles são, acredite. São máquinas, robôs. Vivem, comem e dormem para a Bendini, Lambert & Locke. Eu gosto de me divertir um pouco.

– Então você é a exceção...

– Pelo menos não a regra. E não peço desculpas por isso.

– Eu não pedi que se desculpasse. Só que esclarecesse.

– Está claro agora?

– Sim. Sempre admirei sua objetividade.

– E eu admiro sua disciplina. Um homem que consegue permanecer fiel à mulher diante das tentações que você enfrentou ontem à noite é forte. Não sou tão forte assim. Não quero ser.

Tentações. Ele havia pensado em dar uma olhada nas joalherias da cidade na hora do almoço.

– Olha, Avery, eu não sou puritano e não estou chocado. Não sou eu que devo julgar. Fui julgado a vida toda. Fiquei confuso com as regras, só isso.

– As regras nunca mudam. São moldadas em concreto. Esculpidas em granito. Gravadas em pedra. Se violar muitas, você estará fora. Ou viole quantas quiser, só não deixe descobrirem.

– É justo.

Osgood e um grupo de funcionários entraram na sala com minutas impressas

e montes de documentos. Fizeram pilhas bem arrumadas na mesa e colocaram tudo em ordem alfabética.

– Isso deve manter vocês ocupados por um dia, mais ou menos – comentou Osgood com um sorriso forçado. Em seguida estalou os dedos e os funcionários desapareceram. – Estarei na minha sala se precisarem de alguma coisa.

– Sim, obrigado – disse Avery enquanto se curvava sobre o primeiro maço de documentos.

Mitch tirou o paletó e afrouxou a gravata.

– Exatamente o que temos que fazer? – perguntou.

– Duas coisas. Primeiro vamos revisar os lançamentos em todas essas contas. Vamos procurar principalmente juros recebidos, qual é a taxa, o valor, etc. Vamos fazer uma auditoria superficial de cada conta para garantir que os juros estão indo para onde devem. Dolph Hemmba, por exemplo, manda seus juros para nove bancos diferentes nas Bahamas. É uma coisa idiota, mas ele fica feliz. Além disso, é impossível que qualquer pessoa acompanhe a movimentação, a não ser eu. Ele tem uns 12 milhões neste banco, de modo que vale a pena verificar. Ele mesmo poderia fazer isso, mas prefere que eu faça. A 250 pratas por hora, não me incomodo. Vamos conferir os juros que este banco está pagando para cada conta. A taxa varia, dependendo de vários fatores. O banco é que decide, e este é um bom modo de mantê-los honestos.

– Achei que eles eram honestos.

– São, mas antes de tudo são banqueiros. Temos quase trinta contas aqui, e quando formos embora vamos saber o balanço exato, os juros e para onde os rendimentos estão indo. Depois, precisamos incorporar três empresas sob jurisdição das Cayman. É um trabalho jurídico relativamente fácil e poderia ser feito em Memphis, mas os clientes acham que nós devemos vir aqui para fazê-lo. Lembre-se, estamos lidando com pessoas que investem milhões. Alguns milhares de dólares em honorários advocatícios não vão incomodá-los.

Mitch folheou um impresso na pilha de Hemmba.

– Quem é esse tal de Hemmba? Não ouvi falar nele.

– Eu tenho um monte de clientes dos quais você não ouviu falar. Hemmba é um grande fazendeiro no Arkansas, um dos maiores proprietários de terras do estado.

– Doze milhões de dólares?

- Só neste banco.
- Isso é um bocado de algodão e soja.
- Digamos que ele tenha outros empreendimentos.
- Tipo?
- Realmente não posso dizer.
- Legais ou ilegais?
- Bem, ele está escondendo do imposto de renda 20 milhões, mais juros, em vários bancos do Caribe.
- E nós o estamos ajudando?

Avery espalhou os papéis numa ponta da mesa e começou a verificar os lançamentos. Mitch o observava, esperando uma resposta. O silêncio ficou mais pesado e se tornou óbvio que não haveria resposta. Ele poderia pressionar, mas tinha feito perguntas suficientes por um dia. Enrolou as mangas da camisa e começou a trabalhar.

AO MEIO-DIA FICOU sabendo do outro compromisso de Avery. A mulher estava esperando no condomínio para um encontro rápido. Avery sugeriu que os dois se separassem por umas duas horas e falou de um café no centro, que Mitch deveria experimentar.

Em vez de café, Mitch encontrou a biblioteca de Georgetown a quatro quarteirões do banco. No segundo andar, seguiu orientações até a seção de periódicos, onde achou uma estante cheia de edições de *The Daily Caymanian*. Recuou seis meses e pegou o jornal de 27 de junho. Colocou na mesinha perto de uma janela que dava para a rua. Olhou pela janela, depois olhou com mais atenção. Havia um homem que ele tinha visto alguns instantes atrás, na rua perto do banco. Estava ao volante de um Chevette amarelo e velho, parado numa ruela do outro lado da biblioteca. Era um sujeito atarracado, de cabelo escuro e aparência de estrangeiro, com uma espalhafatosa camisa verde e laranja e óculos escuros baratos de turista.

O mesmo Chevette, com o mesmo motorista, estivera parado diante da loja de suvenires perto do banco, e agora, minutos depois, estava estacionado a quatro quarteirões de lá. Um nativo de bicicleta parou perto dele e pegou um

cigarro. O homem do carro apontou para a biblioteca. O nativo desceu da bicicleta e atravessou a rua rapidamente.

Mitch dobrou o jornal e o escondeu no paletó. Passou entre as fileiras de estantes, encontrou uma *National Geographic* e se sentou a uma mesa. Examinou a revista e ouviu com atenção o nativo subir a escada, procurá-lo e passar por trás dele. O sujeito pareceu parar um instante para ver o que ele estava lendo, depois desapareceu escada abaixo. Mitch esperou um momento, depois voltou à janela.

O nativo estava pegando outro cigarro e falando com o homem do Chevette. Acendeu o cigarro e partiu na bicicleta.

Mitch abriu o jornal na mesa e examinou a manchete sobre os dois advogados americanos e seu guia de mergulho que tinham morrido num misterioso acidente no ano anterior. Fez anotações mentais e devolveu o jornal à estante.

O cara do Chevette ainda estava vigiando. Mitch passou na frente dele, chegou ao fim do quarteirão e foi na direção do banco. O bairro comercial ficava espremido entre os prédios dos bancos e a Hogsty Bay. As ruas eram estreitas e estavam apinhadas de turistas a pé, turistas de lambretas, turistas em carros compactos alugados. Mitch tirou o paletó e entrou numa loja de camisetas que tinha um bar em cima. Subiu a escada, pediu uma Coca e se sentou junto ao balcão.

Em minutos o nativo da bicicleta estava no bar, tomando uma Red Stripe e olhando por trás de um cardápio escrito à mão.

Mitch bebeu a Coca e examinou o engarrafamento embaixo. Nenhum sinal do Chevette, mas ele sabia que estava perto. Viu outro homem encará-lo da rua e desaparecer em seguida. Depois uma mulher. Será que estava ficando paranoico? Então o Chevette virou a esquina a dois quarteirões dali e passou devagar em frente ao bar.

Foi à loja de camisetas e comprou um par de óculos escuros. Andou um quarteirão e entrou rapidamente num beco. Correu pela sombra escura até a rua seguinte, depois entrou numa loja. Saiu pela porta dos fundos e chegou a um beco. Viu uma loja grande de roupas para turistas e entrou por uma porta lateral. Observou a rua atentamente e não viu nada. As araras estavam cheias de bermudas e camisas de todas as cores, roupas que os moradores da ilha não



comprariam, mas os americanos adoravam. Decidiu ser conservador: bermuda branca com pulôver de tricô vermelho. Encontrou um par de sandálias de palha que combinavam um pouco com um chapéu que havia escolhido. A vendedora riu e o levou até um provador. Ele olhou a rua de novo. Nada. As roupas couberam, e ele perguntou a ela se poderia deixar o terno e os sapatos nos fundos durante umas duas horas.

– Sem problema, *mon* – respondeu ela.

Mitch pagou em dinheiro, deu uma gorjeta de 10 dólares e pediu que ela chamasse um táxi. Ela disse que ele era muito bonito.

Mitch olhou nervoso para a rua até o táxi chegar. Atravessou rapidamente a calçada e entrou no banco de trás.

– Loja de Mergulho Abanks – disse.

– É longe, *mon*.

Mitch jogou 20 dólares por cima do banco.

– Vamos. E olhe seu retrovisor. Se alguém estiver seguindo a gente, me avise.

Ele pegou o dinheiro.

– Está bem, *mon*.

Mitch afundou no banco de trás sob o chapéu novo, enquanto o táxi seguia pela Shedden Road, saindo do bairro comercial, dava a volta na Hogsty Bay e ia para leste, passando pela Red Bay, deixando a cidade de Georgetown e pegando a estrada para Bodden Town.

– De que está fugindo, *mon*?

Mitch sorriu e baixou sua janela.

– Do imposto de renda.

Achou a brincadeira engraçada, mas o motorista pareceu confuso. Mitch lembrou que não havia impostos nem cobradores de impostos nas ilhas. O motorista continuou em silêncio.

Segundo o jornal, o instrutor de mergulho era Philip Abanks, filho de Barry Abanks, dono da empresa de mergulhos. Tinha 19 anos quando morreu. Os três tinham se afogado depois de algum tipo de explosão no barco. Uma explosão muito misteriosa. Os corpos foram encontrados a 25 metros de profundidade usando equipamento de mergulho completo. Não houve testemunhas da explosão e nenhuma explicação para estarem a 3 quilômetros da praia, numa

área que não costumava ser usada para mergulhos. A matéria dizia que existiam muitas perguntas sem resposta.

Bodden Town era um povoado pequeno a vinte minutos de Georgetown. A empresa de mergulhos ficava ao Sul da cidade, num trecho de praia isolado.

– Alguém seguiu a gente? – perguntou Mitch.

O motorista fez que não com a cabeça.

– Bom trabalho. Aqui estão 40 pratas. – Mitch olhou seu relógio. – É quase uma hora. Você pode estar aqui exatamente às duas e meia?

– Sem problema, *mon*.

A estrada terminava na beira da praia e virava um estacionamento de pedra branca sombreado por dezenas de palmeiras-reais. O prédio principal da empresa era uma casa grande, de dois andares, com telhado de zinco e uma escada externa que levava ao segundo andar. Era chamada de Casa Grande. Era pintada de azul-claro com acabamento em branco e ficava parcialmente escondida por trepadeiras e lírios. Havia arabescos feitos à mão pintados de rosa. As janelas, de madeira sólida, eram verde-oliva. Era o escritório e a sala de jantar da Loja de Mergulho Abanks. À direita as palmeiras ficavam mais raras e uma pequena entrada de veículos fazia uma curva em volta da Casa Grande e descia até uma grande área aberta, de pedra branca. De cada lado ficava um grupo de cerca de doze cabanas com telhados de palha onde os mergulhadores se hospedavam. Um labirinto de calçadas de madeira corria das cabanas até o ponto central do negócio, o bar ao ar livre perto da água.

Mitch foi até o bar ouvindo os sons familiares de reggae e risos. Era parecido com o Rumheads, mas sem a multidão. Depois de alguns minutos, o barman, Henry, lhe entregou uma Red Stripe.

– Onde está o Barry Abanks? – perguntou Mitch.

O barman apontou para o oceano e voltou para trás do balcão. A menos de 1 quilômetro dali, um barco cortava lentamente a água parada, vindo em direção à praia. Mitch comeu um cheeseburger e observou as pessoas jogando dominó.

O barco atracou num píer entre o bar e uma cabana grande onde as palavras LOJA DE MERGULHO estavam pintadas à mão acima de uma janela. Os mergulhadores pularam do barco com as bolsas de equipamento e todos, sem exceção, foram para o bar. Um homem baixo, magro e musculoso permaneceu perto do barco e gritou ordens para os marinheiros que descarregavam tanques

de mergulho no píer. Usava um boné branco e não muita coisa mais. Uma sunga minúscula preta cobria a genitália e a maior parte do traseiro. Pela aparência da pele marrom, curtida como couro, não devia ter usado mais que isso nos últimos cinquenta anos. Ele entrou na loja de mergulho, gritou com os instrutores e os marinheiros e se dirigiu para o bar. Ignorou as pessoas e foi até a geladeira, onde pegou uma Heineken, destampou e tomou um longo gole.

O barman disse alguma coisa a Abanks e inclinou a cabeça na direção de Mitch. Ele abriu outra Heineken e foi até a mesa de Mitch.

– Sr. Abanks?

– Sou eu. O que você quer?

– Gostaria de falar uns minutinhos.

Abanks tomou um gole de cerveja e olhou para o oceano.

– Estou ocupado demais. Vou sair num barco de mergulho em quarenta minutos.

– Meu nome é Mitch McDeere. Sou advogado e vim de Memphis.

Abanks o encarou com olhos castanhos minúsculos. Mitch havia conseguido sua atenção.

– E?

– E os dois homens que morreram com seu filho eram meus amigos. Só vou demorar alguns minutos.

Abanks sentou-se num banco e apoiou os cotovelos na mesa.

– Não é um dos meus assuntos prediletos.

– Eu sei. Sinto muito.

– A polícia me orientou a não falar com ninguém.

– É confidencial. Juro.

Abanks franziu a testa e ficou espiando a água azul brilhante. O rosto e os braços tinham as cicatrizes da vida no mar, uma vida passada 20 metros abaixo da superfície, orientando novatos através dos recifes de coral e dos navios naufragados.

– O que quer saber? – perguntou ele baixinho.

– Podemos conversar em outro lugar?

– Claro. Vamos andar um pouco.

Ele gritou para Henry e falou com uma mesa cheia de mergulhadores enquanto se afastava. Os dois foram andando pela praia.

– Eu gostaria de falar sobre o acidente – tornou Mitch.

– Pode perguntar. Eu posso não responder.

– O que provocou a explosão?

– Não sei. Talvez um compressor de ar. Talvez combustível. Não temos certeza. O barco ficou muito danificado e a maior parte das pistas sumiu nas chamas.

– O barco era seu?

– Era. Um dos pequenos, de 30 pés. Seus amigos tinham alugado para a manhã inteira.

– Onde os corpos foram encontrados?

– A 25 metros de profundidade. Não havia nada de suspeito nos corpos, só que não tinham queimaduras nem ferimentos que indicassem que eles tinham estado na explosão. Acho que isso lança muitas suspeitas sobre os corpos.

– As necropsias disseram que eles se afogaram.

– É, eles se afogaram. Mas seus amigos estavam usando equipamento de mergulho completo, que mais tarde foi examinado por um dos meus técnicos. Estava funcionando perfeitamente. Eles eram bons mergulhadores.

– E o seu filho?

– Não estava com equipamento completo. Mas nadava feito um peixe.

– Onde aconteceu a explosão?

– Eles tinham planejado mergulhar numa série de formações de recifes no Roger's Wreck Point. Você conhece bem a ilha?

– Não.

– Fica depois da East Bay, na Ponta Nordeste. Seus amigos nunca tinham mergulhado lá e meu filho sugeriu que eles tentassem. Nós conhecíamos bem os seus amigos. Eram mergulhadores experientes e levavam a coisa a sério. Sempre queriam um barco só para eles e não se incomodavam em pagar por isso. E sempre queriam o Philip como guia. Não sabemos se eles fizeram algum mergulho na ponta. O barco foi encontrado pegando fogo a 3 quilômetros da praia, longe de todos os nossos locais de mergulho.

– O barco pode ter ficado à deriva?

– Impossível. Se tivesse algum problema no motor, Philip usaria o rádio. Nós temos equipamentos modernos e nossos guias de mergulho estão sempre em contato com a loja. A explosão não pode ter acontecido na ponta, tenho certeza.

Ninguém viu nem ouviu. E sempre tem alguém por lá. Além disso, um barco com o motor parado não poderia se desviar 3 quilômetros naquela água. E, mais importante, os corpos não estavam no barco, lembre. Suponha que o barco tenha flutuado para longe. Como você explica o fato de os corpos flutuarem juntos, 25 metros abaixo? Eles foram encontrados a 20 metros do barco.

– Quem encontrou?

– Meus homens. Nós ouvimos o boletim pelo rádio e eu mandei uma equipe. Sabíamos que era o nosso barco e meus homens começaram a mergulhar. Levaram minutos para encontrar os corpos.

– Sei que é difícil falar sobre isso.

Abanks terminou a cerveja e jogou a garrafa numa lixeira de madeira.

– É, sim. Mas o tempo diminui a dor. Por que você está tão interessado?

– As famílias têm muitas perguntas.

– Eu lamento o que aconteceu com eles. Conheci as mulheres dos dois no ano passado. Elas passaram uma semana com a gente. Pessoas muito boas.

– Eles podiam estar apenas explorando um território novo quando a coisa aconteceu?

– É possível, sim. Mas não é provável. Nossos barcos informam quando vão de um local de mergulho para outro. É um procedimento padrão. Sem exceções. Eu demiti um guia de mergulho por não ter liberado um local antes de ir para o outro. Meu filho era o melhor guia da ilha. Cresceu nessas águas. Ele jamais deixaria de informar seus movimentos no mar. É simples assim. Os policiais acreditam que foi isso que aconteceu, mas eles precisam acreditar em alguma coisa. É a única explicação que têm.

– Mas como eles explicam a condição dos corpos?

– Não explicam. Para eles foi simplesmente outro acidente de mergulho.

– E foi acidente?

– Acho que não.

As sandálias tinham provocado bolhas nos pés e Mitch as tirou. Os dois se viraram e voltaram.

– Se não foi acidente, o que foi?

Abanks continuou andando, olhando o oceano se arrastar pela praia. Sorriu pela primeira vez.

– Quais são as outras possibilidades?

– Em Memphis corre um boato de que teria a ver com drogas.

– Fale desse boato.

– Ouvimos dizer que seu filho participava de um cartel de drogas, que podia estar usando o barco naquele dia para se encontrar com um fornecedor no mar, que houve uma disputa e meus amigos estavam no lugar e na hora errados.

Abanks sorriu de novo e balançou a cabeça.

– O Philip não. Que eu saiba ele nunca usou drogas e sei que ele não traficava. Ele não se interessava por dinheiro. Só por mulheres e mergulho.

– Nenhuma chance?

– Nenhuma. Nunca ouvi esse boato e duvido que saibam mais em Memphis que aqui. Esta ilha é pequena e eu já teria ouvido. É totalmente falso.

A conversa havia terminado e eles pararam perto do bar.

– Vou pedir um favor – disse Abanks. – Não mencione isso a nenhuma das famílias. Não posso provar que o que falei é verdade, então é melhor que ninguém saiba. Especialmente as famílias.

– Não vou contar a ninguém. E vou pedir que o senhor não mencione nossa conversa. Alguém pode ter me seguido até aqui e fazer perguntas sobre minha visita. Só diga que nós conversamos sobre mergulho.

– Como quiser.

– Minha mulher e eu viremos aqui na próxima primavera, de férias. Farei uma visita ao senhor.

A Escola Episcopal St. Andrew's ficava atrás da igreja de mesmo nome numa propriedade de dois hectares no centro de Memphis, densamente arborizada e cuidada com perfeição. Alguns tijolos brancos e amarelos da construção eram visíveis onde a hera tinha se desviado por algum motivo e seguido outro caminho. Fileiras simétricas de arbustos de buxo aparados ladeavam as calçadas e o parquinho. Era uma construção de um andar, em forma de L, acomodada discretamente nas sombras de uma dúzia de carvalhos antigos. Valorizada por sua exclusividade, a St. Andrew's era a escola particular mais cara de Memphis e atendia crianças da educação infantil até o sexto ano. Pais ricos entravam na lista de espera pouco depois do nascimento dos filhos.

Mitch parou o BMW no estacionamento entre a igreja e a escola. O Peugeot vinho de Abby estava três vagas adiante, estacionado. Ela não o esperava. O avião tinha pousado uma hora antes e ele havia passado em casa para vestir uma roupa mais digna de um advogado. Iria falar com ela, depois voltar para sua mesa e trabalhar durante algumas horas a 150 dólares a hora.

Queria encontrá-la ali, na escola, sem ser anunciado. Um ataque surpresa. Um contragolpe. Diria olá. Que sentia saudade. Que não podia esperar para vê-la, por isso passou na escola. Seria breve, o primeiro toque e as primeiras palavras depois do incidente na praia. Será que ela saberia só de olhar para ele? Talvez ela conseguisse ler seus olhos. Será que notaria uma leve tensão na sua voz? Não se conseguisse pegá-la de surpresa. Não se ficasse lisonjeada com a visita.

Ele apertou o volante e olhou para o carro dela. Que idiota! Um idiota estúpido! Por que não fugiu? Podia simplesmente ter jogado a saia dela na areia e corrido como louco. Mas não foi o que fez, é claro. Disse: dane-se, ninguém vai saber. De modo que agora precisava deixar tudo aquilo de lado e dizer: dane-se, todo mundo faz isso.

Tinha feito planos no avião. Primeiro, pensou em esperar até tarde da noite e contar a verdade. Não mentiria, não tinha vontade de viver uma mentira. Admitiria e contaria exatamente o que havia acontecido. Talvez ela entendesse. Ora, quase todo homem... droga, praticamente todos os homens fazem aquilo. O próximo passo dependeria da reação dela. Se ela permanecesse tranquila e mostrasse algum traço de compaixão, ele diria que sentia muito, sentia mesmo, e que isso jamais aconteceria de novo. Se ela desmoronasse, ele imploraria o perdão dela e juraria sobre a Bíblia que tinha sido um erro que jamais aconteceria de novo. Diria quanto a amava e adorava e pediria que, por favor, lhe desse só mais uma chance. E, se ela começasse a fazer as malas, ele então descobriria que não devia ter contado.

Negue. Negue. Negue. Seu professor de Direito Penal em Harvard era um radical chamado Moskowitz, que tinha feito fama defendendo terroristas, assassinos e pedófilos. Sua teoria sobre a defesa era simples: Negue! Negue! Negue! Jamais admita um fato ou alguma evidência de culpa.

Lembrou-se de Moskowitz enquanto o avião pousava em Miami e começou a trabalhar num plano B, que exigia essa visita surpresa à escola e um jantar romântico tarde da noite no restaurante predileto dela. E nenhuma menção a nada além de trabalho duro nas Cayman. Abriu a porta do carro, pensou no lindo sorriso e no rosto cheio de confiança de Abby e sentiu náusea. Uma dor intensa, indefinida, martelava fundo no estômago. Andou lentamente na brisa do fim de outono até a porta da frente.

O corredor estava vazio e silencioso. À direita ficava a sala do diretor. Ficou parado um momento no corredor, esperando ser visto, mas não havia ninguém ali. Avançou em silêncio até que, na terceira sala de aula, escutou a voz maravilhosa da sua mulher. Ela estava explicando a tabuada de multiplicação quando ele enfiou a cabeça pela porta entreaberta e sorriu. Ela ficou paralisada, depois riu. Pediu licença, disse aos alunos que ficassem sentados e lessem a página seguinte. Fechou a porta.



– O que você está fazendo aqui? – perguntou, enquanto ele a agarrava e colava seu corpo contra a parede.

Ela olhou nervosa para um lado e para o outro do corredor.

– Senti saudades – disse ele com convicção.

Deu-lhe um abraço apertado por um bom minuto. Beijou seu pescoço e sentiu a doçura do perfume. E então a garota voltou. Seu canalha, por que não fugiu?

– Quando você chegou? – quis saber ela, ajeitando o cabelo e olhando para o corredor.

– Faz uma hora, mais ou menos. Você está linda.

Os olhos dela estavam molhados. Aqueles olhos maravilhosos e honestos.

– Como foi a viagem?

– Legal. Senti sua falta. Não é divertido quando você não está.

Abby abriu ainda mais o sorriso e desviou os olhos.

– Também senti sua falta.

Os dois se deram as mãos e foram até a porta da frente.

– Eu gostaria de um encontro esta noite – disse ele.

– Não vai trabalhar?

– Não. Não vou trabalhar. Vou jantar com minha mulher no restaurante predileto dela. Vamos comer, beber vinho caro e ficar fora até tarde, depois vamos tirar nossas roupas quando chegarmos em casa.

– Você sentiu mesmo a minha falta. – Ela beijou-o de novo, depois olhou para o corredor. – Mas é melhor ir embora antes que alguém te veja.

Foram rapidamente até a porta, sem ser vistos.

Ele respirou fundo o ar fresco e foi depressa até o carro. Tinha conseguido. Olhou aqueles olhos, abraçou-a e a beijou como sempre. Ela não suspeitara de nada. Ficara tocada, até comovida.

DEVASHER ANDAVA ANSIOSO atrás de sua mesa, sugando nervosamente um Roi-Tan. Sentou-se na velha poltrona giratória e tentou se concentrar num memorando, depois ficou de pé e começou a andar de novo. Olhou o relógio. Ligou para a secretária. Depois para a secretária de Oliver Lambert. Andou mais um pouco.

Finalmente, dezessete minutos depois da hora marcada, Ollie passou pela segurança e entrou na sala de DeVasher.

DeVasher ficou de pé atrás da mesa e olhou irritado para Ollie.

– Você está atrasado!

– Estou ocupado demais – explicou-se Ollie, sentando-se numa velha poltrona de couro artificial. – O que houve de tão importante?

DeVasher abriu instantaneamente um sorriso maroto, maligno. Puxou dramaticamente uma gaveta da mesa e jogou com orgulho um grande envelope de papel pardo no colo de Ollie.

– Um dos melhores trabalhos que já fizemos.

Lambert abriu o envelope e olhou boquiaberto para as fotos 20 por 24 em preto e branco. Estudou cada uma, segurando-as a centímetros do nariz, memorizando cada detalhe. DeVasher olhou com orgulho.

Lambert as examinou de novo e começou a respirar pesado.

– São incríveis.

– É. Foi o que achamos.

– Quem é a garota? – perguntou Ollie, ainda olhando as fotos.

– Uma prostituta de lá. Parece muito boa, não é? Nós nunca a tínhamos usado, mas pode apostar que vamos usar de novo.

– Quero conhecê-la, e logo.

– Sem problema. Imaginei que você ia querer.

– Isso é incrível. Como ela conseguiu?

– A princípio pareceu difícil. Ele mandou a primeira mulher sumir. Avery pegou a outra, mas o seu homem não queria saber da amiga dela. Foi embora, para aquele barzinho na praia. E aí a nossa garota apareceu. É uma profissional.

– Onde o seu pessoal estava?

– Em toda parte. Essas foram tiradas de trás de uma palmeira, a uns 20 metros de distância. Bastante boas, não?

– Muito boas. Dê um bônus ao fotógrafo. Quanto tempo eles rolaram na areia?

– O suficiente. Eram bem compatíveis.

– Acho que ele curtiu de verdade.

– Tivemos sorte. A praia estava deserta e o momento foi perfeito.

Lambert levantou uma foto para cima, diante dos olhos.

– Você fez cópias para mim? – perguntou de trás da foto.

– Claro, Ollie. Sei como você gosta dessas coisas.

– Achei que McDeere seria mais forte do que isso.

– Ele é forte, mas é humano. E não é idiota. Não temos certeza, mas achamos que ele sacou que estava sendo vigiado no dia seguinte, no horário do almoço. Ele pareceu suspeitar e começou a pular de um lugar para outro na área comercial. Depois sumiu. Chegou uma hora atrasado para o encontro com Avery no banco.

– Aonde ele foi?

– Não sabemos. Só estávamos vigiando por curiosidade, nada sério. Pelo que sabemos ele pode ter ficado num bar do centro, mas simplesmente desapareceu.

– Vigie-o com atenção. Ele me preocupa.

DeVasher balançou outro envelope pardo.

– Pare de se preocupar, Ollie. Agora ele está na nossa mão! Ele mataria por nós se soubesse dessas fotos.

– E o Tarrance?

– Nenhum sinal. McDeere não falou dele com ninguém, pelo menos com ninguém que nós tenhamos escutado. Às vezes Tarrance é difícil de ser encontrado, mas acho que está se mantendo longe.

– Fique de olhos abertos.

– Não se preocupe comigo, Ollie. Você é o advogado, o conselheiro, o doutor, e conseguiu suas fotos. Você comanda a firma. Eu comando a vigilância.

– Como estão as coisas na casa do McDeere?

– Não muito boas. Ela ficou muito chateada com a viagem.

– O que ela fez quando ele viajou?

– Bom, ela não é de ficar parada dentro de casa. Em duas noites foi jantar com a mulher do Quin em restaurantes moderninhos. Depois foi ao cinema. Saiu uma noite com uma amiga professora. Fez compras. Além disso ligou um tanto para a mãe. É evidente que nosso garoto não gosta muito dos pais dela, e ela quer equilibrar a situação. Ela e a mãe são muito unidas e isso a incomoda de verdade, porque não conseguem ser uma grande família feliz. Ela quer passar o Natal em Kentucky e tem medo de ele não topar. Há muito atrito. Muita coisa não dita. Ela falou com a mãe que ele trabalha demais e a mãe disse que ele quer aparecer. Não gosto disso, Ollie. Uma energia ruim.

– Continue escutando. Nós tentamos diminuir o ritmo dele, mas o cara é uma máquina.

– A 150 a hora sei que você quer que ele pegue leve. Por que não diminui o tempo de todos os seus associados para quarenta horas por semana? Assim todos eles podem passar mais tempo com as famílias. Você poderia diminuir o seu salário, vender um Jaguar ou dois, talvez vender a mansão e comprar uma casa menor perto do country club.

– Cale a boca, DeVasher.

Lambert saiu intempestivamente da sala. DeVasher deu uma gargalhada aguda e ficou vermelho. Depois, quando a sala estava vazia, trancou as fotos num arquivo.

– Mitchell McDeere – disse a si mesmo com um sorriso imenso. – Agora você é nosso.

Numa sexta-feira ao meio-dia, duas semanas antes do Natal, Abby se despediu dos alunos e deixou a Escola St. Andrew's para os feriados de fim de ano. Era uma hora quando parou num estacionamento cheio de Volvos, BMWs, Saabs e Peugeots e andou rapidamente sob a chuva fria até o terrário apinhado onde jovens ricos se reuniam, num ambiente cheio de plantas, para comer quiche, *fajitas* e sopa de feijão preto. Era o local preferido de Kay Quin atualmente, e era a segunda vez que as duas almoçavam juntas em um mês. Como sempre, Kay estava atrasada.

Estavam ainda nos estágios iniciais da amizade. Cautelosa por natureza, Abby nunca fora de pular etapas ao ganhar intimidade com desconhecidos. Não tivera muitos amigos nos três anos em Harvard, e ela havia aprendido bastante sobre independência. Nos seis meses em Memphis, tinha conhecido um punhado de possíveis amigos na igreja e uma na escola, mas mantinha a cautela.

No começo, Kay Quin havia pressionado. Era ao mesmo tempo guia de turismo, consultora de compras e até decoradora. Abby, porém, tinha se movido lentamente, descobrindo um pouco a cada visita e observando a nova amiga com atenção. Elas tinham comido juntas várias vezes na casa dos Quins. Tinham se encontrado em jantares e eventos da firma, mas sempre junto a um grupo grande. E haviam desfrutado da companhia mútua em quatro longos almoços em restaurantes que por acaso eram, naquele momento, o local da moda para os jovens e belos portadores de cartão de crédito ilimitado em Memphis. Kay notava os carros, as casas e as roupas, mas fingia ignorar tudo isso. Kay queria

ser amiga íntima, confidente. Abby mantinha distância, permitindo a aproximação aos poucos.

Sob a mesa de Abby no terceiro andar, havia uma réplica de uma jukebox dos anos 1950, perto do balcão, onde um enorme grupo de pessoas bebericava de pé e esperava por mesas. Depois de dez minutos e duas músicas do Roy Orbison, Kay saiu da multidão junto à porta da frente e olhou para o terceiro andar. Abby sorriu e acenou.

As duas se abraçaram e trocaram beijinhos no rosto, com o cuidado de não marcar a outra de batom.

– Desculpe o atraso – disse Kay.

– Tudo bem. Estou acostumada.

– Este lugar está apinhado. – Kay olhou em volta, espantada. O lugar estava sempre apinhado. – E aí, livre da escola?

– É. Saí há uma hora, mais ou menos. Estou livre até 6 de janeiro.

Cada uma avaliou a roupa da outra e comentou como estavam magras, lindas e jovens.

As compras de Natal foram o assunto imediato, e as duas falaram de lojas, compras e crianças até que o vinho chegou. Abby pediu lagostim, mas Kay permaneceu com a velha quiche de brócolis.

– Quais são os seus planos para o Natal? – perguntou Kay.

– Nenhum, por enquanto. Queria ir a Kentucky visitar minha família, mas acho que Mitch não vai querer. Eu joguei uns verdes que foram ignorados.

– Ele ainda não gosta dos seus pais?

– Nenhuma mudança. Na verdade, nós não falamos deles. Não sei como puxar o assunto.

– Com muita cautela, imagino.

– É, e muita paciência. Meus pais estavam errados, mas mesmo assim eu preciso deles. É doloroso quando o único homem que eu já amei não tolera meus pais. Rezo todo dia por um pequeno milagre.

– Parece que você precisa de um milagre bem grande. Ele está trabalhando tanto quanto Lamar diz?

– Acho que ninguém trabalha mais que ele. São dezoito horas por dia, de segunda a sexta, oito horas no sábado. Como domingo é dia de descanso, ele só trabalha cinco ou seis horas. E reserva um tempinho para mim no domingo.

– Será que estou percebendo um pouquinho de frustração?

– Muita frustração, Kay. Eu tenho sido paciente, mas a coisa vem piorando. Estou começando a me sentir viúva. Estou cansada de dormir no sofá esperando que ele chegue em casa.

– Você está lá só para a comida e o sexo, é?

– Quem dera. Ele está cansado demais para o sexo. Não é mais prioridade. E logo para ele, que nunca se cansava. Quero dizer, na época da faculdade parecia que íamos nos matar. Agora é uma vez por semana, se eu tiver sorte. Ele chega, come, se tiver energia, e vai para a cama. Se eu tiver muita sorte, ele consegue falar comigo alguns minutos antes de apagar. Fico desesperada por alguma conversa adulta, Kay. Passo sete horas por dia com crianças de 8 anos e chego em casa louca para ouvir palavras com mais de três sílabas. Tento explicar, mas ele ignora. Você passou por isso com o Lamar?

– Mais ou menos. No primeiro ano ele trabalhava setenta horas por semana. Acho que todos fazem isso. É uma espécie de iniciação para a fraternidade. Um ritual masculino em que é preciso mostrar a macheza. Mas a maior parte deles perde o gás depois de um ano e diminui para sessenta ou 55 horas. Ainda trabalham duro, mas não na rotina suicida do primeiro ano.

– Lamar trabalha todos os sábados?

– Na maioria, algumas horas. Nunca no domingo. Eu bati o pé. Claro, se houver um prazo importante ou quando é a época da declaração do imposto de renda, todos trabalham 24 horas por dia. Acho que todos estão perplexos com Mitch.

– Ele não está diminuindo o ritmo nem um pouco. Na verdade, parece possuído. Às vezes só chega em casa de manhã cedo. Aí só toma um banho rápido e volta para o escritório.

– Lamar diz que ele já é uma lenda por lá.

Abby tomou um gole de vinho e olhou por cima do parapeito para o bar.

– Fantástico. Estou casada com uma lenda.

– Vocês já pensaram em ter filhos?

– Para isso é preciso ter sexo, lembra?

– Qual é, Abby, não pode estar tão ruim.

– Não estou pronta para ter filhos. Não suportaria ser mãe solteira. Eu amo meu marido, mas, neste momento da vida, ele provavelmente teria uma reunião

terrivelmente importante e me deixaria sozinha na sala de parto. Com 8 centímetros de dilatação. Ele só pensa naquela droga de firma.

Kay estendeu a mão por cima da mesa e segurou a de Abby com gentileza.

– Vai ficar tudo bem – disse com sorriso firme e olhar compreensivo. – O primeiro ano é o mais difícil. Mas vai melhorar, garanto.

Abby sorriu.

– Desculpe.

O garçom chegou com a comida e elas pediram mais vinho. O lagostim no molho de manteiga e alho estava com um aroma delicioso. A quiche fria tinha vindo sozinha num leito de alface com uma rodela de tomate pálida.

Kay pegou um pedaço de brócolis e mastigou.

– Sabe, Abby, a firma encoraja ter filhos.

– Não me importo. Neste momento não gosto da firma. Estou competindo com a firma e perdendo feio. Por isso não ligo a mínima para o que eles querem. Eles não vão planejar minha família. Não entendo por que se interessam tanto por coisas que não são da conta deles. Aquele lugar é assustador, Kay. Não sei direito o que é, mas aquelas pessoas me deixam arrepiada.

– Eles querem advogados felizes com famílias estáveis.

– E eu quero meu marido de volta. Eles o tiraram de mim, de modo que a família não está muito estável. Se eles largarem do pé dele, talvez nós possamos ser normais como todo mundo e ter um quintal cheio de filhos. Mas agora não.

O vinho chegou e o lagostim esfriou. Ela comeu devagar e tomou o vinho. Kay procurou assuntos menos sensíveis.

– Lamar disse que Mitch foi às Cayman no mês passado.

– É. Ele e Avery passaram três dias lá. Só para negócios, pelo menos foi o que ele disse. Você já esteve lá?

– Vou todo ano. É um lugar lindo, com praias fantásticas e água quente. Nós vamos todo ano em junho, nas férias escolares. A firma tem duas casas enormes num condomínio na beira da praia.

– Mitch quer passar lá as férias de março, na minha folga de primavera.

– Vocês precisam ir. Antes de termos filhos, só ficávamos deitados na praia, bebíamos rum e fazíamos sexo. É para isso que a firma disponibiliza as casas e, se vocês tiverem sorte, o avião. Eles trabalham duro, mas entendem a necessidade de lazer.



– Não me fale da firma, Kay. Não quero saber do que eles gostam ou não, o que eles fazem ou não, o que eles encorajam ou não.

– Vai melhorar, Abby. Garanto. Você precisa entender que seu marido e meu marido são advogados muito bons, mas não ganhariam tanto dinheiro assim em nenhum outro lugar. E você e eu estaríamos dirigindo carros populares em vez dos nossos.

Abby cortou um lagostim ao meio e o passou na manteiga com alho. Cravou o garfo num pedaço e depois empurrou o prato. A taça de vinho estava vazia.

– Eu sei, Kay, eu sei. Mas a vida é muito mais do que um quintal grande e um Peugeot. Ninguém aqui parece perceber isso. Juro, acho que a gente era mais feliz morando num alojamento de dois cômodos em Cambridge.

– Você só está aqui há alguns meses. Mitch vai acabar diminuindo o ritmo e você vai estabelecer uma rotina. Em pouco tempo vai haver uns McDeeres pequeninhos correndo no quintal. E, antes que você perceba, o Mitch vai ser sócio. Acredite, Abby, as coisas vão melhorar muito. Você está passando por um período igual ao que todas nós passamos, e nós conseguimos sobreviver.

– Obrigada, Kay, espero mesmo que você esteja certa.

O PARQUE ERA pequeno, cerca de um hectare num penhasco acima do rio. Uma fileira de canhões e duas estátuas de bronze homenageavam os bravos confederados que tinham lutado para salvar o rio e a cidade. Sob o monumento a um general e seu cavalo, um mendigo se abrigava. Sua caixa de papelão e a velha colcha de retalhos forneciam pouca proteção contra o frio cortante e a chuva de granizos. Cinquenta metros abaixo, o tráfego do início de noite seguia pela Riverside Drive. Estava escuro.

Mitch foi até a fileira de canhões e observou o rio e as pontes que levavam ao Arkansas. Fechou o zíper da capa de chuva e levantou a gola em volta das orelhas. Olhou o relógio. Esperou.

O Edifício Bendini era quase visível a seis quarteirões dali. Ele havia estacionado numa garagem no centro da cidade e pegado um táxi de volta ao rio. Tinha certeza de que não fora seguido. Esperou.

O vento gelado que soprava do rio queimou seu rosto, lembrando-o dos invernos em Kentucky, depois de perder os pais. Invernos frios, amargos.

Invernos solitários, desolados. Usava casacos surrados, herdados de algum primo ou amigo, e nunca eram suficientemente grossos. Roupas de segunda mão. Afastou esses pensamentos.

O granizo se misturou com neve e os pedacinhos de gelo grudavam no cabelo e quicavam na calçada em volta dele. Olhou o relógio.

Ouviu passos e uma figura veio apressada na direção dos canhões. Quem quer que fosse, parou, depois se aproximou devagar.

– Mitch?

Era Eddie Lomax, vestindo jeans e um sobretudo de pele de coelho. Com o bigode grosso e o chapéu branco de caubói, parecia um anúncio de cigarro. O Homem de Marlboro.

– Sim.

Lomax se aproximou e parou do outro lado do canhão. Os dois pareciam sentinelas confederadas vigiando o rio.

– Você foi seguido? – perguntou Mitch.

– Acho que não. E você?

– Não.

Mitch olhou para o tráfego na Riverside Drive e para o rio mais além. Lomax enfiou as mãos mais fundo nos bolsos.

– Você tem falado com o Ray? – perguntou Lomax.

– Não. – A resposta foi curta, como se dissesse: não estou aqui embaixo dessa chuva de granizo para jogar conversa fora. – O que você descobriu? – perguntou Mitch sem olhar para ele.

Lomax acendeu um cigarro, e agora ele *era* o Homem de Marlboro.

– Sobre os três advogados encontrei pouca coisa. Alice Knauss morreu num acidente de carro em 1977. O relatório policial diz que o acidente foi provocado por um motorista bêbado. Mas o estranho é que o motorista nunca foi encontrado. O acidente aconteceu por volta da meia-noite de uma quarta-feira. Ela havia trabalhado até tarde e estava indo para casa. Morava no leste, em Sycamore View, e a 1,5 quilômetro do condomínio foi acertada de frente por uma picape de uma tonelada. Aconteceu na New London Road. Ela estava dirigindo um Fiat bem pequeno, chique, que ficou em pedaços. Sem testemunhas. Quando a polícia chegou, a picape estava vazia. Nenhum sinal do

motorista. Eles verificaram as placas e descobriram que a picape tinha sido roubada em St. Louis três dias antes. Nenhuma impressão digital nem nada.

– Eles procuraram digitais?

– Procuraram. Eu conheço o investigador que cuidou disso. Tiveram suspeitas, mas não encontraram nenhuma pista. Havia uma garrafa de uísque quebrada no piso, por isso consideraram que o motorista estava bêbado e encerraram o caso.

– Necropsia?

– Não. Estava bem óbvio como ela tinha morrido.

– Parece suspeito.

– Muito. Todas as três mortes são suspeitas. Robert Lamm era o caçador de cervos no Arkansas. Ele e uns amigos tinham um acampamento no condado de Izard, nas Ozarks. Iam lá duas ou três vezes por ano, na temporada de caça. Depois de uma manhã na floresta, todo mundo voltou para o chalé, menos Lamm. Eles procuraram durante duas semanas e o encontraram numa ravina, parcialmente coberto de folhas. Tinha levado um tiro na cabeça, e é mais ou menos só isso que sabem. Descartaram a hipótese de suicídio, mas simplesmente não havia provas para começar uma investigação.

– Então ele foi assassinado?

– É o que parece. A necropsia mostrou que a bala entrou na nuca e saiu destruindo a maior parte do rosto. Impossível ter sido suicídio.

– Pode ter sido acidente.

– Pode. Ele pode ter sido atingido por uma bala destinada a um cervo, mas é improvável. Foi encontrado a uma boa distância do acampamento, numa área raramente usada por caçadores. Os amigos disseram que não ouviram nem viram outros caçadores na manhã em que ele desapareceu. Eu falei com o xerife, que agora é ex-xerife, e ele está convencido de que foi assassinato. Diz que havia evidências de que o corpo tinha sido coberto intencionalmente.

– Só isso?

– Só, sobre o Lamm.

– E o Mickel?

– Um negócio triste. Cometeu suicídio em 1984, aos 34 anos. Atirou na têmpora direita com um Smith & Wesson .357. Deixou uma longa carta de

despedida em que dizia à ex-mulher que esperava que ela o perdoasse e aquela baboseira toda. Se despediu dos filhos e da mãe. Muito tocante.

– A letra era dele?

– Não exatamente. Foi datilografada, o que não era incomum, porque ele escrevia muito à máquina. Tinha uma IBM Selectric no escritório e a carta foi escrita nela. A letra dele era terrível.

– Então o que há de suspeito?

– A arma. Ele jamais comprou uma arma na vida. Ninguém sabe de onde ela veio. Um dos amigos dele na firma teria comentado que Mickel havia contado que tinha comprado a arma para se proteger. É evidente que ele estava tendo problemas emocionais.

– O que você acha?

Lomax jogou a guimba do cigarro na chuva congelada na calçada. Pôs as mãos em concha diante da boca e soprou nelas.

– Não sei. Não acredito que um advogado tributarista sem conhecimento de armas pudesse obter uma sem registro nem número de série. Se um cara assim quisesse uma arma, simplesmente iria a uma loja de armas, preencheria os papéis e compraria uma novinha, brilhante. Aquela arma tinha pelo menos dez anos e tinha sido raspada por profissionais.

– A polícia investigou?

– Na verdade, não. O caso foi aberto e fechado em seguida.

– Ele assinou a carta?

– Assinou, mas não sei quem verificou a assinatura. Fazia um ano que ele e a mulher estavam divorciados e ela havia se mudado de volta para Baltimore.

Mitch fechou o botão de cima do sobretudo e sacudiu o gelo da gola. A chuva tinha aumentado e a calçada estava coberta de gelo. Pequenos pingentes de gelos começavam a se formar embaixo do cano do canhão. O tráfego foi ficando mais lento na Riverside à medida que os pneus começavam a derrapar.

– E o que você acha da nossa pequena firma? – perguntou Mitch olhando o rio distante.

– É um lugar perigoso para trabalhar. Eles perderam cinco advogados nos últimos quinze anos. Não é um registro de segurança muito bom.

– Cinco?

– Se você incluir Hodge e Kozinski. Uma fonte me disse que existem

algumas perguntas sem resposta.

- Não contratei você para investigar esses dois.
- E não estou cobrando por isso. Fiquei curioso, é só.
- Quanto eu lhe devo?
- Seiscentos e vinte.
- Vou pagar em dinheiro. Sem registros, certo?
- Para mim está bom. Prefiro dinheiro vivo.

Mitch deu as costas para o rio e obervou os prédios altos a três quarteirões do parque. Agora estava com frio, mas não tinha pressa para ir embora. Lomax o observava de soslaio.

- Você está com problemas, não é, meu chapa?
- Você não estaria?

– Eu não trabalharia lá. Quero dizer, não sei de tudo que você faz e suspeito que saiba um bocado de coisas que não está contando. Mas nós estamos aqui nesta chuva congelante porque não queremos ser vistos. Não podemos falar pelo telefone. Não podemos nos encontrar no seu trabalho. Você também não quer me encontrar no meu escritório. Acha que estão seguindo você o tempo todo. Você pede que eu tome cuidado e olhe para trás porque alguém pode estar me seguindo. Cinco advogados naquela firma morreram em circunstâncias muito suspeitas e você age como se pudesse ser o próximo. É, eu diria que você está com problemas. Problemas grandes.

- E o Tarrance?
- É um dos melhores agentes deles. Foi transferido para cá há uns dois anos.
- De onde?
- Nova York.

O mendigo rolou de baixo do cavalo de bronze e caiu na calçada. Grunhiu, levantou-se cambaleando, pegou a caixa de papelão e a colcha de retalhos e saiu na direção do centro da cidade. Lomax se virou bruscamente e olhou, ansioso.

- É só um vagabundo – disse Mitch.

Os dois relaxaram.

- De quem nós estamos nos escondendo? – perguntou Lomax.
- Eu gostaria de saber.

Lomax examinou o rosto de Mitch atentamente.

- Acho que você sabe.

Mitch não disse nada.

– Olha, Mitch, você não está me pagando para eu me envolver. Sei disso. Mas meus instintos dizem que você está encrencado e que precisa de um amigo, alguém em quem confiar. Eu posso ajudar, se você precisar. Não sei quem são os bandidos, mas estou convencido de que são muito perigosos.

– Obrigado – murmurou Mitch, sem olhar, como se fosse hora de Lomax deixá-lo ali, parado na chuva gelada durante um tempo.

– Eu pularia naquele rio por Ray McDeere, e sem dúvida posso ajudar o irmão dele.

Mitch assentiu ligeiramente, mas não disse nada. Lomax acendeu outro cigarro e chutou o gelo das suas botas de couro de lagarto.

– Me ligue quando quiser. E se cuide. Eles estão por aí e jogam pesado.

No cruzamento da Madison com a Cooper, no centro da cidade, os antigos prédios de dois andares tinham sido transformados em boates, bares, lojas e alguns bons restaurantes. O cruzamento era conhecido como Overton Square e proporcionava a melhor vida noturna de Memphis. Um teatro e uma livraria acrescentavam um toque de cultura. Árvores se enfileiravam na estreita faixa central da Madison. Os fins de semana eram movimentados, atraindo universitários e marinheiros da base naval, mas nas noites de meio de semana os restaurantes ficavam cheios, mas calmos, não entupidos de gente. O Paulette's, um elegante estabelecimento francês num prédio de estuque branco, era conhecido pela carta de vinhos, pelas sobremesas e pela voz suave do homem que tocava o piano Steinway. Com a riqueza súbita veio uma coleção de cartões de crédito, e os McDeeres tinham usado os seus em busca dos melhores restaurantes da cidade. Até agora o Paulette's era o predileto.

Mitch se sentou no canto do balcão, tomando café e olhando a porta da frente. Tinha chegado cedo, como havia planejado. Tinha ligado para ela três horas antes e perguntado se ela poderia encontrá-lo às sete. Ela perguntou por que e ele disse que explicaria mais tarde. Desde a viagem às Cayman ele sabia que estava sendo seguido, vigiado, ouvido. No último mês tinha falado ao telefone com cautela, tinha se pegado olhando pelo retrovisor, tinha até mesmo escolhido as palavras dentro de casa. Alguém estava vigiando e ouvindo, tinha certeza.

Abby entrou depressa para escapar do frio e olhou em volta, procurando o

marido. Ele a encontrou em frente ao balcão e lhe deu um beijo no rosto. Ela tirou o casaco e os dois acompanharam o maître até uma das mesinhas de fileira cheia de pessoas que poderiam ouvi-los. Mitch olhou em volta procurando outra mesa, mas não havia. Agradeceu a ele e sentou-se diante da esposa.

– O que houve? – perguntou ela com suspeita.

– E eu lá preciso de um motivo para jantar com minha mulher?

– Precisa. São sete da noite de segunda-feira e você não está no escritório. É mesmo uma ocasião especial.

Um garçom se espremeu entre a mesa deles e a próxima e perguntou se queriam uma bebida. Duas taças de vinho branco, por favor. Mitch olhou em volta outra vez e vislumbrou um homem sentado sozinho, a cinco mesas de distância. O rosto parecia familiar. Quando olhou de novo, o rosto se escondeu atrás de um cardápio.

– Qual é o problema, Mitch?

Ele pôs a mão na dela e franziu a testa.

– Abby, nós precisamos conversar.

A mão dela se encolheu ligeiramente e ela parou de sorrir.

– Sobre o quê?

Ele baixou a voz.

– Uma coisa muito séria.

Ela soltou o ar com força.

– Será que podemos esperar o vinho? – perguntou ela. – Talvez eu precise dele.

Mitch olhou de novo o rosto atrás do cardápio.

– Não podemos conversar aqui.

– Então por que viemos?

– Escuta, Abby, você sabe onde ficam os banheiros? Ali, no fim do corredor, à sua direita?

– Sei.

– Tem uma entrada dos fundos no fim do corredor. Ela dá na rua atrás do restaurante. Quero que você vá ao banheiro e saia pela porta. Eu estarei esperando perto da rua.

Ela não disse nada. Franziu as sobrancelhas e os olhos se estreitaram. Sua cabeça se inclinou ligeiramente para a direita.



– Confie em mim, Abby. Posso explicar mais tarde. Encontro você lá fora e vamos achar outro lugar para comer. Não posso falar aqui.

– Você está me apavorando.

– Por favor – disse ele com firmeza, apertando a mão dela. – Está tudo bem. Vou levar o seu casaco.

Ela se levantou com a bolsa e saiu do salão. Mitch olhou por cima do ombro, na direção do homem de rosto familiar, que de repente se levantou quando chegou uma senhora idosa. Ele não notou a saída de Abby.

Na rua atrás do Paulette's, Mitch pôs o casaco nos ombros de Abby e virou-a para o leste.

– Posso explicar – falou mais de uma vez.

Uns 30 metros adiante, os dois passaram entre dois prédios e chegaram à entrada principal do Bombay Bicycle Club, um bar com comida boa e blues ao vivo. Mitch olhou para o gerente e depois examinou os dois salões. Em seguida apontou para uma mesa no canto dos fundos.

– Aquela – disse.

Mitch sentou-se de costas para a parede e com o rosto na direção do salão e da porta da frente. O canto era escuro. Velas iluminavam a mesa. Os dois pediram mais vinho.

Abby ficou sentada, imóvel, encarando-o, observando cada movimento, na expectativa.

– Você se lembra de um cara chamado Rick Acklin, de Western Kentucky?

– Não – respondeu ela entre os dentes.

– Ele jogava beisebol, morava no alojamento. Acho que você encontrou com ele uma vez. Era um cara muito legal, sério, bom aluno. Acho que era de Bowling Green. Nós não éramos amigos, mas nos conhecíamos.

Ela balançou a cabeça e esperou.

– Bom, ele terminou um ano antes de nós e foi para a faculdade de Direito em Wake Forest. Agora está no FBI. E está trabalhando aqui em Memphis.

Ele a observou atentamente para ver se “FBI” provocava algum impacto. Não provocou.

– E hoje eu estava almoçando numa lanchonete na Main Street, a Obleo's, quando o Rick surgiu de lugar nenhum e me cumprimentou. Como se fosse uma verdadeira coincidência. Nós batemos papo por alguns minutos e outro agente,

um cara chamado Tarrance, entrou e se sentou. É a segunda vez que Tarrance me aborda desde que eu passei no exame da ordem.

– A segunda...?

– É. Desde agosto.

– E são... agentes do FBI?

– É, com distintivos e tudo. Tarrance é um agente veterano de Nova York. Está aqui há uns dois anos. Acklin é um novato que eles trouxeram há uns três meses.

– O que eles querem?

O vinho chegou e Mitch olhou em volta. Uma banda afinava os instrumentos num pequeno palco num canto distante. O bar estava lotado de caras que pareciam profissionais liberais batendo papo. O garçom apontou para os cardápios fechados.

– Mais tarde – disse Mitch, rude. – Abby, não sei o que eles querem. A primeira visita foi em agosto, logo depois de meu nome sair no jornal por ter passado no exame.

Mitch tomou um gole de vinho e decidiu repassar todo o primeiro encontro com Tarrance na Lansky's Deli, na Union, quando ele avisou em quem não devia confiar e onde não devia falar, e a reunião com Locke, Lambert e os outros sócios. Explicou a versão deles sobre por que o FBI estava tão interessado na firma e disse que havia discutido isso com Lamar e acreditava em tudo que Locke e Lambert tinham dito.

Abby estava ligada em cada palavra, mas esperou antes de perguntar qualquer coisa.

– E hoje, enquanto eu estava cuidando da minha vida, comendo um cachorro-quente de 30 centímetros com cebola, aparece um cara com quem eu estudei na faculdade e diz que o FBI tem certeza de que meus telefones estão grampeados, minha casa está grampeada e alguém da Bendini, Lambert & Locke sabe quando eu espirro ou dou uma cagada. Pense bem, Abby. Rick Acklin foi transferido para cá depois que eu passei no exame. Bela coincidência, não acha?

– Mas o que eles querem?

– Não disseram. Não podem contar, por enquanto. Vieram com aquele papo de que querem que eu confie neles. Não sei, Abby. Não faço ideia do que eles estão investigando. Mas me escolheram por algum motivo.

– Você contou ao Lamar sobre esse encontro?

– Não. Não contei a ninguém. Só a você. E não planejo contar a ninguém. Ela tomou um gole de vinho.

– Nossos telefones estão grampeados?

– Segundo o FBI, sim. Mas como eles sabem?

– Eles não são idiotas, Mitch. Se o FBI dissesse que meus telefones estão grampeados eu acreditaria. Você não?

– Não sei em quem acreditar. Locke e Lambert foram muito calmos e verossímeis quando explicaram como a firma briga com o imposto de renda e o FBI. Eu quero acreditar neles, mas muita coisa não bate. Pense bem: se a firma tem um cliente rico que merece uma investigação do FBI, por que o FBI iria me escolher, o novato, o que sabe menos, e começaria a me seguir? O que eu sei? Eu trabalho nos processos que outra pessoa me passa. Não tenho clientes próprios. Faço o que mandam. Por que não vão atrás dos outros sócios?

– Talvez eles queiram que você dedure os clientes.

– De jeito nenhum. Sou advogado e fiz o juramento de manter sigilo quanto aos negócios dos clientes. Tudo que sei sobre eles é rigidamente confidencial. Os federais sabem disso. Ninguém espera que um advogado fale dos clientes.

– Você já viu algum negócio ilegal?

Mitch estalou os nós dos dedos e olhou em volta. Sorriu para ela. O vinho tinha assentado e estava surtindo efeito.

– Eu não deveria responder a essa pergunta, nem para você, Abby. Mas a resposta é não. Trabalhei nos processos dos clientes do Avery e em alguns outros aqui e ali e não vi nada suspeito. Talvez alguns paraísos fiscais arriscados, mas nada ilegal. Tenho algumas dúvidas sobre as contas bancárias que vi nas Cayman, mas nada sério.

Cayman! Seu estômago contraiu ao pensar na garota da praia. Sentiu-se enjoado.

O garçom esperava ali perto, olhando os cardápios.

– Mais vinho – pediu Mitch, apontando para as taças.

Abby se inclinou para a frente, perto das velas, perplexa.

– Certo, e quem grampeou nossos telefones?

– Presumindo que eles estejam de fato grampeados, não faço ideia. No primeiro encontro, em agosto, Tarrance sugeriu que seria alguém da firma.

Quero dizer, foi como eu entendi. Ele disse para não confiar em ninguém de lá e que tudo que eu dizia poderia ser ouvido e gravado. Presumi que ele queria dizer que alguém da firma era responsável.

– E o que o Sr. Locke falou sobre isso?

– Nada. Não contei a ele. Eu guardo algumas coisas para mim.

– Alguém grampeou nossos telefones e nossa casa?

– E talvez nossos carros. Rick Acklin fez questão de enfatizar isso hoje.

Ficou dizendo que eu não devia falar nada que não quisesse que fosse gravado.

– Mitch, isso é inacreditável. Por que uma firma de advocacia faria isso?

Ele balançou a cabeça devagar e olhou a taça de vinho vazia.

– Não faço ideia, amor. Não faço ideia.

O garçom pôs na mesa duas taças novas de vinho e ficou parado com as mãos às costas.

– Vocês vão fazer o pedido? – perguntou.

– Daqui a alguns minutos – respondeu Abby.

– Chamamos você quando formos pedir – acrescentou Mitch.

– Você acredita, Mitch?

– Acho que está acontecendo algo. Tem mais alguma coisa nessa história.

Ela cruzou as mãos sobre a mesa e o encarou com expressão de medo absoluto. Mitch contou a história de Hodge e Kozinski, começando com Tarrance na lanchonete, depois falou das Cayman, explicando que tinha sido seguido e como foi o encontro com Abanks. Contou tudo que Abanks disse. Depois falou sobre Eddie Lomax e a morte de Alice Knauss, Robert Lamm e John Mickel.

– Perdi o apetite – disse ela quando ele terminou.

– Eu também. Mas estou me sentindo melhor agora que você sabe.

– Por que não me contou antes?

– Eu achava que isso ia parar. Que Tarrance ia me deixar em paz e encontrar outro para atormentar. Mas ele veio para ficar. Por isso Rick Acklin foi transferido para Memphis. Para trabalhar comigo. Eu fui escolhido pelo FBI para uma missão da qual não sei nada.

– Estou me sentindo fraca.

– Precisamos ter cuidado, Abby. Precisamos continuar a viver como se não suspeitássemos de nada.

– Não acredito. Estou sentada aqui, escutando, mas não acredito no que você diz. Isto não é real, Mitch. Você espera que eu viva numa casa que está grampeada, onde os telefones estão grampeados, e alguém, em algum lugar, está escutando tudo que a gente diz.

– Você tem alguma ideia melhor?

– Tenho. Vamos contratar esse tal de Lomax para inspecionar nossa casa.

– Já pensei nisso. Mas e se ele encontrar alguma coisa? Pense bem. E se nós tivermos certeza de que a casa está grampeada? E depois? E se ele quebrar um aparelho que tenham instalado? Eles, quem quer que sejam, vão saber que nós sabemos. É perigoso demais, pelo menos por enquanto. Talvez mais tarde.

– Isso é loucura, Mitch. Acho que a gente deve ir para o quintal dos fundos sempre que quiser conversar.

– Claro que não. A gente pode usar o quintal da frente.

– Neste momento não estou apreciando o seu senso de humor.

– Desculpe. Escute, Abby, vamos continuar agindo normalmente e ser pacientes por um tempo. Tarrance me convenceu de que está falando sério e que não vai me esquecer. Não posso fazer com que ele pare. Ele me encontra, lembra? Acho que eles me seguem e ficam de tocaia. Por enquanto é importante que a gente continue como sempre.

– Como sempre? Pensando bem, não tem havido muita conversa na nossa casa ultimamente. Sinto um pouco de pena deles, se estão esperando ouvir algum diálogo importante. Eu falo um bocado com o Hearsay.

A neve parou de cair muito antes do Natal, deixando o chão molhado e abrindo caminho para o tradicional feriado sulista com céu cinzento e chuva fria. Memphis só tinha visto dois Natais com neve nos últimos noventa anos, e os especialistas não previam mais um neste século.

Havia neve em Kentucky, mas as estradas estavam livres. Abby ligou para os pais na manhã de Natal, depois de fazer as malas. Avisou que estava indo, mas que iria sozinha. Eles disseram que estavam desapontados e sugeriram que talvez ela devesse ficar, se a viagem fosse causar problemas. Ela insistiu. Era uma viagem de dez horas. Não haveria engarrafamento e ela chegaria no fim da tarde.

Mitch falou muito pouco. Abriu o jornal no chão perto da árvore e fingiu se concentrar enquanto ela punha as coisas no carro. O cachorro estava escondido embaixo de uma cadeira ali perto, como se esperasse uma explosão. Os presentes dos dois tinham sido abertos e arrumados no sofá. Roupas, perfumes e discos e, para ela, um sobretudo de couro de raposa. Pela primeira vez no recente casamento, havia dinheiro para gastar no Natal.

Ela dobrou o casaco no braço e foi até o jornal.

– Estou indo – disse baixinho, mas com firmeza.

Ele se levantou devagar e a encarou.

– Eu gostaria que você fosse comigo – afirmou ela.

– Talvez no ano que vem.

Era mentira, e os dois sabiam. Mas parecia verdade. Era algo promissor.

- Por favor, tenha cuidado.
- Tome conta do meu cachorro.
- Vamos ficar bem.

Mitch segurou os ombros dela e lhe deu um beijo no rosto. Olhou-a e sorriu. Ela estava linda, muito mais do que quando tinham se casado. Parecia ter os 24 anos que realmente tinha, mas os anos estavam sendo muito generosos com ela.

Foram até a garagem e ele a ajudou a entrar no carro. Os dois se beijaram de novo e ela deu marcha a ré até a saída.

Feliz Natal, disse ele a si mesmo. Feliz Natal, falou ao cachorro.

DEPOIS DE UMA hora olhando para as paredes, jogou duas mudas de roupa no BMW, colocou Hearsay no banco da frente e saiu da cidade. Dirigiu para o Sul pela Interestadual 55, saindo de Memphis para o Mississippi. A estrada estava deserta, mas ele ficou de olho no retrovisor. O cachorro gania exatamente a cada sessenta minutos e Mitch sempre parava no acostamento. Se fosse possível, no topo de uma colina. Encontrava um agrupamento de árvores onde poderia se esconder e checar o entorno enquanto Hearsay fazia suas necessidades. Não notou nada. Depois de cinco paradas, teve certeza de que não estava sendo seguido. Havia evidentemente tirado folga no Natal.

Depois de seis horas estava em Mobile, e duas horas mais tarde atravessou a baía em Pensacola e foi para a Costa Esmeralda da Flórida. A Rodovia 98 passava pelas cidades litorâneas de Navarre, Fort Walton Beach, Destin e Sandestin. Cruzava por condomínios e motéis, milhares de centros comerciais, em seguida fileiras de parques de diversão meio arruinados e lojas de camisetas baratas, a maioria trancada e abandonada desde o começo de setembro. Depois prosseguiu por quilômetros sem qualquer congestionamento, sem casas, apenas uma vista incrível das praias brancas como neve e das águas do golfo de um esmeralda brilhante. A leste de Sandestin a estrada se estreitava e se afastava do litoral, e durante uma hora ele dirigiu sozinho na rodovia estreita sem nada para olhar a não ser árvores e às vezes um posto de gasolina ou uma loja de conveniência.

No crepúsculo, passou por um prédio alto e uma placa que dizia que Panama City Beach ficava 12 quilômetros à frente. A rodovia encontrava o litoral de

novo num ponto onde se bifurcava e oferecia a escolha entre uma estrada secundária ao Norte e a rota panorâmica perto da praia, na verdade uma faixa que seguia por 25 quilômetros margeando a água, ladeada por condomínios, hotéis baratos, estacionamentos de trailers, casas de veraneio, lanchonetes e lojas de camisetas. Era Panama City Beach.

A maior parte dos zilhões de condomínios de casas e apartamentos estava vazia, mas havia alguns carros estacionados e ele presumiu que algumas famílias estavam passando o Natal na praia. Um Natal no calor. Pelo menos estão juntos, disse a si mesmo. O cachorro latiu e os dois pararam junto a um píer onde homens da Pennsylvania, de Ohio e do Canadá pescavam, observando as águas escuras.

Seguiram sozinhos pela Miracle Strip. Hearsay se apoiava na porta olhando a paisagem, latindo para o neon ocasional que anunciava que um motel feito de blocos de concreto estava aberto e era barato. Tudo estava fechado na Miracle Strip no Natal, menos alguns cafés e hotéis obstinados.

Mitch parou para colocar gasolina num Texaco 24 horas com um funcionário que parecia exageradamente amistoso.

– Sabe como chego à San Luis Street? – perguntou Mitch.

– Sim, sim – disse o funcionário com sotaque e apontou para o oeste. – Vire à direita no segundo sinal de trânsito. Depois a primeira à esquerda. É a San Luis.

O bairro ficava num bairro desorganizado cheio de casas móveis velhas. Móveis, sim, mas estava claro que não se moviam havia décadas. Os trailers ficavam próximos como fileiras de dominós. As entradas de veículos, estreitas e curtas, pareciam separadas por centímetros e estavam cheias de picapes velhas e móveis de jardim enferrujados. As ruas estavam apinhadas de carros parados, carros velhos, carros abandonados. Motocicletas e bicicletas se apoiavam em engates de trailers, e cabos de cortadores de grama se projetavam de baixo de cada casa. Uma placa chamava o local de vila para aposentados – “Propriedades San Pedro – A 1 Quilômetro da Costa Esmeralda”. Parecia mais uma favela sobre rodas ou um conjunto residencial com um engate de trailer.

Mitch encontrou a San Luis Street e notou que estava nervoso. Era estreita e sinuosa, com trailers menores e em piores condições do que as outras “casas de aposentados”. Dirigiu devagar, olhando ansioso os números nas ruas e



observando o grande número de placas de carros de outros estados. A rua estava vazia, a não ser pelos veículos abandonados.

O trailer número 486 da San Luis era um dos mais velhos e menores. Era um pouco maior do que um furgão. A pintura original parecia ter sido prata, mas a tinta estava rachada e soltando, e uma camada de mofo verde-escuro cobria o teto, descendo até um ponto logo acima das janelas. Faltavam persianas. Uma janela acima do engate do trailer estava completamente rachada e mantida no lugar com fita isolante cinza. Uma pequena varanda coberta cercava a única entrada. A porta externa estava aberta, e pela tela Mitch podia ver um pequeno televisor em cores e a silhueta de um homem passando.

Não era isso que ele queria. Por opção, ainda não havia conhecido o segundo marido de sua mãe, e agora não era a hora. Continuou em frente, desejando não ter vindo.

Na Strip encontrou a marquise familiar de um Holiday Inn. Estava vazio, mas aberto. Escondeu o BMW longe da via expressa e se registrou com o nome de Eddie Lomax, de Danesboro, Kentucky. Pagou em dinheiro por um quarto de solteiro com vista para o oceano.

O CATÁLOGO DE telefone de Panama City Beach listava três Waffle Huts na Strip. Ele se deitou na cama do hotel e ligou para o primeiro número. Sem sorte. Ligou para o segundo e perguntou de novo por Eva Ainsworth. Só um minuto, disseram. Ele desligou. Eram onze da noite. Tinha dormido duas horas.

O táxi levou vinte minutos para chegar ao Holliday Inn e o chofer começou a explicar que estava em casa comendo sobras de peru com a mulher, os filhos e os parentes quando o despachante ligou e, como era Natal, ele esperava ficar o dia inteiro com a família sem se preocupar com o trabalho pelo menos um dia no ano. Mitch jogou uma nota de vinte por cima do banco e pediu que ele ficasse quieto.

– O que é que tem no Waffle Hut, cara? – perguntou o chofer.

– Só dirija.

– Waffles, certo?

O sujeito gargalhou e murmurou sozinho. Mexeu no volume do rádio e

encontrou sua estação de soul predileta. Olhou pelo retrovisor, olhou pelas janelas, assobiou um pouco.

- O que traz você aqui no Natal? – perguntou por fim.
- Estou procurando alguém.
- Quem?
- Uma mulher.
- E não estamos todos? Alguma em particular?
- Uma velha amiga.
- Está no Waffle Hut?
- Acho que sim.
- Você é algum tipo de detetive particular ou algo assim?
- Não.
- Está parecendo meio suspeito.
- Por que não dirige apenas?

O Waffle Hut era um prédio pequeno, retangular, parecido com uma caixa, com uma dezena de mesas e um longo balcão que dava para a cozinha envidraçada, onde se podia ver tudo que era preparado. Grandes janelas de vidro ficavam de um lado, perto das mesas, de modo que os fregueses pudessem ver a Strip e os prédios à distância enquanto desfrutavam dos waffles de noz-pecã e bacon. O pequeno estacionamento estava quase cheio, e Mitch orientou o motorista a parar numa vaga perto do prédio.

- Você não vai sair? – perguntou o motorista.
- Não. Deixe o taxímetro ligado.
- Cara, isso é estranho.
- Você vai ser pago.
- É isso aí.

Mitch se inclinou e pousou os braços no banco da frente. O taxímetro tiquetaqueava baixo enquanto ele examinava os fregueses lá dentro. O chofer balançou a cabeça, relaxou o corpo no banco, mas ficou olhando, curioso.

No canto perto da máquina de cigarros, uma mesa estava ocupada por turistas gordos com camisas compridas, pernas brancas e meias pretas, bebendo café. Todos falavam ao mesmo tempo enquanto olhavam o cardápio. O líder, de camisa desabotoada, com um cordão grosso pendurado no peito peludo, grossas

costeletas grisalhas e um boné de beisebol dos Philadelphia Phillies, olhava sem parar para a cozinha, procurando uma garçonete.

– Já a encontrou? – perguntou o chofer.

Mitch não disse nada, depois se inclinou para a frente e franziu a testa. Ela apareceu e parou junto à mesa com sua caneta e o bloco de pedidos. O líder disse alguma coisa engraçada e os gordos riram. Ela não sorriu, apenas anotava. Estava frágil e muito mais magra. Quase magra demais. O uniforme preto e branco era apertado e espremia a cintura minúscula. O cabelo grisalho estava puxado para trás e escondido sob a touca do Waffle Hut. Tinha 51 anos, e à distância aparentava essa idade. Nem um pouco pior. Parecia alerta. Quando terminou de escrever, pegou os cardápios das mãos deles, disse algo educado, quase sorriu e desapareceu. Movia-se rapidamente entre as mesas, servindo café, entregando frascos de ketchup e dando ordens ao cozinheiro.

Mitch relaxou. O taxímetro tiquetaqueava devagar.

– É ela? – perguntou o chofer.

– É.

– E agora?

– Não sei.

– Bom, a gente a encontrou, não é?

Mitch acompanhou os movimentos dela e não disse nada. Ela serviu café para um homem sentado sozinho. O homem disse alguma coisa e ela sorriu. Um sorriso maravilhoso e gracioso. Um sorriso que ele tinha visto mil vezes no escuro, olhando para o teto. O sorriso da sua mãe.

Uma névoa fina começou a baixar e os limpadores percorriam o para-brisa a cada dez segundos. Era quase meia-noite de Natal.

O motorista bateu no volante, nervoso e inquieto. Afundou mais no assento e mudou de estação.

– Quanto tempo vamos ficar aqui sentados?

– Não muito.

– Cara, isso é esquisito.

– Você vai ser pago.

– Cara, não se trata só de dinheiro. É Natal. Eu tenho crianças em casa, parentes visitando, peru e vinho para terminar de comer, e estou aqui, sentado no Waffle Hut para você olhar uma velha pela janela.

- É minha mãe.
  - Sua o quê?
  - Você ouviu.
  - Ah, cara. É cada uma que aparece.
  - Só cala a boca, está bem?
  - Ok. Você não vai falar com ela? Quero dizer, é Natal e você encontrou sua mãe. Você precisa falar com ela, não?
  - Não. Agora não.
- Mitch se recostou no banco e olhou a praia escura depois da estrada.
- Vamos.

AO AMANHECER, VESTIU jeans e um suéter, sem sapatos nem meias, e levou Hearsay para passear na praia. Caminharam para leste, em direção à primeira claridade laranja que espiava por cima do horizonte. As ondas quebravam suavemente 30 metros abaixo e rolavam calmas até a praia. A areia úmida estava fria. O céu claro estava cheio de gaivotas tagarelando sem parar. Hearsay correu desabalado até o mar, mas recuou furiosamente quando a próxima onda de espuma branca se aproximou. Para um cachorro de casa, o trecho interminável de areia e água exigia exploração. Ele corria uns 100 metros à frente de Mitch.

Depois de 3 quilômetros se aproximaram de um píer, uma grande estrutura de concreto que penetrava 60 metros no oceano. Agora sem medo, Hearsay subiu no píer e correu até um balde de iscas perto de dois homens imóveis que olhavam para a água. Mitch passou por trás deles e foi até a ponta do píer, onde uma dezena de pescadores conversava de forma despreocupada e esperava que as linhas se retensassem. O cachorro se esfregou na perna de Mitch e ficou parado. Um brilhante nascer do sol estava acontecendo, e por quilômetros a água reluzia, passando de preto para verde.

Mitch encostou no parapeito e tremeu no vento frio. Seus pés descalços estavam gelados e cheios de areia. Por quilômetros de praia, nas duas direções, os hotéis e condomínios esperavam silenciosamente o dia. Não havia ninguém na praia. Outro píer se projetava na água, a quilômetros de distância.

Os pescadores falavam com as palavras afiadas e precisas de homens do

Norte. Mitch ouviu por tempo suficiente para saber que os peixes não estavam mordendo. Estudou o mar. Olhando para Sudeste, pensou nas Cayman e em Abanks. E, por um momento, na garota, que depois sumiu. Voltaria à ilha em março, de férias com a esposa. Garota maldita. Ele não iria vê-la, tinha certeza. Mergulharia com Abanks e cultivaria sua amizade. Os dois beberiam Heineken e Red Stripe no bar dele e falaria sobre Hodge e Kozinski. Ele seguiria quem o estivesse seguindo. Agora que era sua cúmplice, Abby iria ajudá-lo.

O HOMEM ESPERAVA no escuro ao lado do Lincoln Town Car. Olhou nervoso o relógio e espiou a calçada mal iluminada que desaparecia na frente do prédio. No segundo andar, uma luz foi apagada. Um minuto depois o detetive particular saiu do prédio em direção ao carro. O homem foi até ele.

– Você é Eddie Lomax? – perguntou o homem, ansioso.

Lomax diminuiu o passo, depois parou. Estavam cara a cara.

– Sou. Quem é você?

O homem manteve as mãos nos bolsos. Fazia frio e estava úmido, e ele tremia.

– Al Kilbury. Preciso de ajuda, Sr. Lomax. Preciso muito. Eu pago agora, em dinheiro, o que o senhor quiser. Só me ajude.

– É tarde, meu chapa.

– Por favor. Eu tenho dinheiro. Diga o preço. O senhor precisa me ajudar, Sr. Lomax.

Ele tirou um maço de dinheiro do bolso esquerdo da calça e se preparou para contar.

Lomax olhou o dinheiro, depois olhou por cima do ombro.

– Qual é o problema?

– Minha mulher. Daqui a uma hora ela deve se encontrar com um homem num motel em South Memphis. Eu tenho o número do quarto e tudo o mais. Só preciso que o senhor vá comigo e tire fotos deles entrando e saindo.

– Como você sabe disso?

– Grampo telefônico. Ela trabalha com o homem e eu suspeitei. Sou rico, Sr. Lomax, e preciso vencer no divórcio. Pago mil dólares em dinheiro vivo, agora.

Ele separou rapidamente dez notas e ofereceu.

Lomax pegou o dinheiro.

– Certo. Deixe eu pegar minha máquina fotográfica.

– Por favor, depressa. É tudo em dinheiro vivo, certo? Sem registros.

– Por mim, ótimo – respondeu Lomax, indo na direção do prédio.

Vinte minutos depois, o Lincoln entrou lentamente no estacionamento lotado de um Days Inn. Kilbury apontou para um quarto no segundo andar, nos fundos do motel, depois para uma vaga de estacionamento perto de um furgão Chevy marrom. Lomax deu marcha a ré com cuidado perto do furgão e parou o Lincoln. Kilbury apontou de novo para o quarto, olhou de novo o relógio e disse novamente a Lomax como apreciava seus serviços. Lomax pensou no dinheiro. Mil pratas por duas horas de trabalho. Nada mau. Pegou a câmera, pôs o filme e avaliou a luz. Kilbury observava nervoso, o olhar indo da máquina fotográfica para o quarto depois do estacionamento. Parecia magoado. Falava da mulher e dos anos maravilhosos que tinham passado juntos e se perguntava por que, ah, por que ela estava fazendo isso?

Lomax ouvia e olhava as fileiras de carros parados. Segurava a máquina.

Não notou a porta do furgão marrom. Ela deslizou silenciosamente, apenas um metro atrás dele. Um homem com blusa de gola rulê preta e luvas pretas agachou no furgão e esperou. Depois de um tempo, como nada se moveu no estacionamento, ele pulou do furgão, abriu a porta traseira esquerda do Lincoln e disparou três vezes na nuca de Eddie. Os tiros, abafados com um silenciador, foram inaudíveis fora do carro.

Eddie tombou sobre o volante, já morto. Kilbury saiu rapidamente do Lincoln, correu até o furgão e partiu com o assassino.

Depois de três dias de horas não faturáveis, improdutivas, de exílio dos paraísos fiscais, de peru, presunto, molho de cranberry e brinquedos novos que vinham desmontados, os advogados descansados e rejuvenescidos da Bendini, Lambert & Locke voltaram à fortaleza na Front Street para tirar a desforra. Às sete e meia, o estacionamento estava cheio. Todos ficaram pregados e confortáveis atrás de suas mesas pesadas, tomaram litros de café, meditaram lendo mensagens, correspondências e documentos e murmuraram de forma incoerente e furiosa em seus Dictaphones. Gritavam ordens para secretárias, escriturários e assistentes jurídicos e uns com os outros. Houve alguns “Como passou o Natal?” nos corredores e em volta dos bules de café, mas a conversa fiada era barata e não faturável. Os sons de máquinas de escrever, interfones e secretárias se harmonizavam num zumbido glorioso enquanto a fábrica de dinheiro se recuperava da chatice do Natal. Oliver Lambert caminhou pelos corredores, sorrindo com satisfação e ouvindo, apenas ouvindo, os sons da riqueza sendo feita hora a hora.

Ao meio-dia, Lamar entrou na sala e se inclinou sobre a mesa. Mitch estava enfiado num contrato de petróleo e gás na Indonésia.

– Almoço? – perguntou Lamar.

– Não, obrigado. Estou atrasado.

– Todos estamos. Achei que a gente podia dar um pulo na lanchonete da Front Street para uma tigela de chili.

– Não vai dar. Obrigado.

Lamar olhou para trás, por cima do ombro, e se inclinou mais perto, como se tivesse uma notícia extraordinária para dar.

– Você sabe que dia é hoje, não sabe?

Mitch olhou seu relógio.

– Vinte e oito.

– Isso. E você sabe o que acontece todo ano no dia 28 de dezembro?

– Você dá uma cagada.

– Sim. E o que mais?

– Certo. Desisto. O que acontece?

– Exatamente neste momento, na sala de jantar do quinto andar, todos os sócios estão reunidos para um almoço com pato e vinho francês.

– Vinho no almoço?

– Isso. É uma ocasião muito especial.

– É?

– Depois de comerem durante uma hora, Roosevelt e Jessie Frances vão sair e Lambert vai trancar a porta. Vão ficar lá apenas os sócios. E Lambert vai apresentar um resumo financeiro do ano. Ele tem todos os sócios listados, e ao lado de cada nome tem um número representando o faturamento total do sócio no ano. E na página seguinte há um resumo do lucro líquido, tiradas as despesas. Então, baseados na produção, eles dividem a torta!

Mitch bebia cada palavra.

– E?

– E no ano passado o pedaço médio da torta foi de 330 mil. E, claro, espera-se que seja maior este ano. O valor sempre sobe.

– Trezentos e trinta mil – repetiu Mitch lentamente.

– É. E isso é só a média. Locke vai receber quase um milhão. Victor Milligan vai ficar em segundo lugar, pertinho.

– E nós?

– Nós também recebemos uma parte. Uma parte bem pequena. No ano passado foi uns nove mil, em média. Depende de quanto tempo você está aqui e da produção.

– Nós podemos ir olhar?

– Eles não venderiam um ingresso nem ao presidente dos Estados Unidos.



Deveria ser uma reunião secreta, mas todos nós sabemos. A notícia vai começar a correr no fim da tarde.

– Quando eles decidem quem vai ser o próximo sócio?

– Normalmente votariam hoje. Mas, segundo boatos, talvez este ano não haja nenhum sócio novo por causa do Marty e do Joe. Acho que o Marty era o próximo da fila, e depois o Joe. Talvez eles esperem um ou dois anos.

– E quem é o próximo da fila agora?

Lamar se empertigou e deu um sorriso orgulhoso.

– Daqui a um ou dois anos, meu amigo, eu serei sócio da Bendini, Lambert & Locke. Sou o próximo da fila, portanto não fique no meu caminho este ano.

– Ouvi dizer que era o Massengill. Um cara de Harvard, devo acrescentar.

– Massengill não tem a menor chance. Pretendo faturar 140 horas por semana nas próximas 52 semanas, e aqueles caras vão implorar para eu virar sócio. Vou para o quarto andar e Massengill vai para o porão com os assistentes.

– Eu aposto no Massengill.

– Ele é um molenga. Eu vou esmagar o cara. Vamos comer chili e eu revelo minha estratégia.

– Obrigado, mas preciso trabalhar.

Lamar saiu de peito estufado da sala e passou por Nina, que estava carregando uma pilha de papéis. Ela os colocou num canto atulhado da mesa.

– Vou almoçar. Precisa de alguma coisa?

– Não. Obrigado. Sim, uma Coca Diet.

Na hora do almoço, os corredores iam ficando mais silenciosos à medida que as secretárias escapavam do prédio e iam para o centro da cidade ocupar vários pequenos cafés e lanchonetes ali perto. Com metade dos advogados no quinto andar contando o dinheiro, o rugido suave do comércio teve uma pausa.

Mitch encontrou uma maçã na mesa de Nina e a esfregou para limpá-la. Abriu um manual sobre regulamentos do imposto de renda, colocou na copiadora ao lado da mesa da secretária e apertou o botão verde. Uma luz vermelha de alerta se acendeu e piscou com a mensagem INSERIR NÚMERO DO PROCESSO. Ele recuou e olhou para a copiadora. Sim, era nova. Perto do botão de imprimir havia outro que dizia CANCELAR. Apertou-o com o polegar. Uma sirene aguda irrompeu dentro da máquina e todo o painel de botões se acendeu num

vermelho intenso. Ele olhou em volta, impotente, não viu ninguém e procurou freneticamente o manual de instruções.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou alguém acima dos uivos da copiadora.

– Não sei! – gritou Mitchell, balançando o manual.

Lela Pointer, uma secretária velha demais para sair do prédio para almoçar, enfiou a mão atrás da máquina e apertou um interruptor. A sirene parou.

– Que droga foi essa? – perguntou Mitch, ofegante.

– Eles não disseram ao senhor?

Ela pegou o manual e o colocou no lugar. Em seguida o encarou com seus olhos pequenos e ferozes, como se o tivesse apanhado mexendo na sua bolsa.

– Obviamente não. O que é?

– Temos um novo sistema de cópias – instruiu ela com ar imponente. – Foi instalado no dia seguinte ao Natal. Você precisa colocar o código do processo para a máquina copiar. Sua secretária deveria ter contado ao senhor.

– Quer dizer que essa coisa só vai copiar se eu digitar um número de dez algarismos?

– Correto.

– E quanto às cópias simples, que não tenham a ver com um processo específico?

– Não podem ser feitas. O Sr. Lambert disse que nós perdemos dinheiro demais com cópias não faturadas. Portanto, de agora em diante, toda cópia é faturada automaticamente num processo. Primeiro o senhor digita o número. A máquina registra o número de cópias e manda para o terminal principal, de onde vai para a conta do cliente.

– E as cópias pessoais?

Lela balançou a cabeça, completamente frustrada.

– Não acredito que sua secretária não contou tudo isso.

– Bom, não contou, então por que não me ajuda?

– O senhor tem um número de acesso com quatro dígitos. No fim de cada mês o senhor será cobrado pelas cópias pessoais.

Mitch olhou para a máquina e balançou a cabeça.

– Por que a merda do alarme?

– O Sr. Lambert diz que depois de trinta dias vão cortar os alarmes. Neste

momento é necessário para pessoas como o senhor. Ele está levando isso muito a sério. Diz que temos perdido milhares de dólares em cópias que não são cobradas.

– Certo. E imagino que todas as copiadoras do prédio foram substituídas.

Ela sorriu com satisfação.

– Sim, todas as dezessete.

– Obrigado.

Mitch voltou à sua sala em busca de um número de processo.

ÀS TRÊS DA tarde, a comemoração no quinto andar terminou em júbilo, e os sócios, agora muito mais ricos e ligeiramente bêbados, saíram da sala de jantar e desceram para suas salas. Avery Tolar, Oliver Lambert e Nathan Locke percorreram o corredor curto até a parede da segurança e apertaram o botão. DeVasher estava esperando.

Ele indicou as cadeiras de sua sala e pediu que se sentassem. Lambert distribuiu charutos hondurenhos embrulhados à mão e todos acenderam os seus.

– Bom, vejo que estamos todos em clima festivo – disse DeVasher com um riso de desprezo. – Quanto foi? Trezentos e noventa mil em média?

– Correto, DeVasher – respondeu Lambert. – Foi um ano muito bom.

Ele soltou a fumaça lentamente e soprou anéis para o teto.

– Todos tivemos um Natal maravilhoso? – perguntou DeVasher.

– Em que você está pensando? – quis saber Locke.

– Feliz Natal para você também, Nat. Só umas coisas. Eu me encontrei com Lazarov há dois dias em Nova Orleans. Ele não comemora o nascimento de Cristo, vocês sabem. Eu o coloquei a par da situação por aqui, com ênfase em McDeere e no FBI. Garanti que não houve mais nenhum contato além do primeiro. Ele não acreditou e disse que verificaria com suas fontes com os federais. Não sei o que ele quer dizer, mas quem sou eu para perguntar? Ele me instruiu a vigiar McDeere 24 horas por dia nos próximos seis meses. Eu disse que já estávamos mais ou menos fazendo isso. Ele não quer outra situação tipo Hodge e Kozinski. Está muito chateado com aquilo. McDeere não deve sair da cidade a negócios a não ser que seja acompanhado por pelo menos dois de nós.

– Ele vai para Washington daqui a duas semanas – informou Avery.

– Para quê?

– Vai ao Instituto Americano de Tributação. É um seminário de quatro dias que nós exigimos que todos os novos associados façam. Foi prometido a ele, e ele vai suspeitar muito se for cancelado.

– Fizemos as reservas para ele em setembro – acrescentou Ollie.

– Verei se consigo liberar com Lazarov – disse DeVasher. – Me deem as datas, os voos e as reservas de hotel. Ele não vai gostar disso.

– O que aconteceu no Natal? – perguntou Locke.

– Não muita coisa. A mulher dele foi para a casa dos pais em Kentucky. Ainda está lá. McDeere pegou o cachorro e foi até Panama City Beach, na Flórida. Achamos que ele foi ver a mãe, mas não temos certeza. Passou uma noite num Holiday Inn, na praia. Só ele e o cachorro. Bem tedioso. Depois foi para Birmingham, ficou em outro Holiday Inn, e ontem de manhã cedo foi para Brushy Mountain visitar o irmão. Viagem inofensiva.

– O que ele disse para a mulher? – perguntou Avery.

– Nada, pelo que sabemos. É difícil ouvir tudo.

– Quem mais você está vigiando? – perguntou Avery.

– Estamos ouvindo todos eles, de forma meio esporádica. Não temos suspeitos de verdade além do McDeere, e isso só por causa do Tarrance. No momento tudo está calmo.

– Ele precisa ir a Washington, DeVasher – insistiu Avery.

– Está bem, está bem. Vou liberar com Lazarov. Ele vai obrigar a gente a mandar cinco homens para vigiar. Que idiota.

O ERNIE'S AIRPORT Lounge ficava mesmo perto do aeroporto. Mitch encontrou o lugar depois de três tentativas e parou entre dois 4x4 com lama de verdade nos pneus e nos faróis. O estacionamento estava cheio de veículos assim. Olhou em volta e instintivamente tirou a gravata. Eram quase onze horas. O bar era fundo, comprido e escuro, com anúncios de cerveja coloridos piscando nas janelas pintadas.

Olhou o bilhete outra vez, só para ter certeza. “Caro Sr. McDeere, por favor, me encontre no Ernie's Lounge, na Winchester, esta noite. Tarde. Tem a ver com Eddie Lomax. Muito importante. Tammy Hemphill, a secretária dele.”

O bilhete estava grudado na porta da cozinha quando ele chegou em casa. Mitch se lembrava dela, da visita ao escritório de Eddie em novembro. Lembrava-se da saia de couro justa, dos peitos enormes, do cabelo oxigenado, dos lábios vermelhos pegajosos e da fumaça saindo pelo nariz. E se lembrava da história sobre o marido dela, Elvis.

A porta se abriu sem qualquer incidente e ele entrou. Uma fila de mesas de bilhar cobria a metade esquerda do salão. Através da escuridão e da fumaça preta, ele viu uma pequena pista de dança nos fundos. À direita ficava um comprido balcão tipo Velho Oeste, apinhado de caubóis e amazonas, todos tomando cerveja *long neck*. Ninguém pareceu notá-lo. Mitch foi rapidamente ao final do balcão e ocupou um banco.

– Budweiser – pediu ao barman.

Tammy chegou antes da cerveja. Estava sentada esperando num banco apinhado, perto das mesas de sinuca. Usava jeans desbotados e justos, uma camisa de brim desbotada e sapatos de salto alto de um vermelho extravagante. O cabelo tinha acabado de ser oxigenado mais uma vez.

– Obrigada por ter vindo – disse ela, quase grudando o rosto no dele. – Esperei quatro horas. Não sabia outro modo de encontrar o senhor.

Mitch assentiu e sorriu, como se dissesse: “Tudo bem, você fez a coisa certa.”

– O que foi? – perguntou.

Ela olhou em volta.

– Precisamos conversar, mas não aqui.

– Onde você sugere?

– Será que a gente pode dar uma volta de carro?

– Claro, mas não no meu, porque isso pode..., bem, pode não ser boa ideia.

– Eu tenho um carro. É velho, mas vai servir.

Mitch pagou a cerveja e a acompanhou até a porta.

– Tenho que aprender isso – disse um caubói sentado perto da porta. – O cara aparece de terno e pega a garota em trinta segundos.

Mitch sorriu para ele e saiu rapidamente pela porta. Minúsculo numa fileira de gigantescas máquinas comedoras de lama, encontraram o Volkswagen Golf bem gasto. Ela o destrancou e Mitch se dobrou, espremendo-se no banco

atulhado. Ela bombeou o acelerador cinco vezes e virou a chave. Mitch prendeu o fôlego até que o carro deu a partida.

– Aonde você gostaria de ir? – perguntou ela.

Onde não possamos ser vistos, pensou Mitch.

– Você é que está dirigindo.

– Você é casado, não é?

– Sou. E você?

– Sou, e meu marido não entenderia essa situação. Foi por isso que escolhi aquela espelunca. Nós nunca vamos lá.

Tammy disse isso como se ela e o marido fossem críticos que odiassem os bares escuros frequentados por caipiras.

– Acho que minha mulher também não entenderia. Mas ela está fora da cidade.

Tammy foi na direção do aeroporto.

– Tenho uma ideia – disse.

Ela apertou o volante com força, nervosa.

– Sobre o que você quer falar? – perguntou Mitch.

– Bom, você soube o que aconteceu com o Eddie.

– Soube.

– Quando falou com ele pela última vez?

– A gente se encontrou uns dez dias antes do Natal. Foi um encontro meio secreto.

– Foi o que eu pensei. Ele não mantinha nenhum registro do trabalho que estava fazendo para você. Disse que você queria assim. Não me contou muita coisa. Mas eu e o Eddie, bom, nós... ah... nós éramos próximos.

Mitch não conseguiu pensar numa resposta.

– Quero dizer, nós éramos muito próximos. Sabe o que eu quero dizer?

Mitch resmungou e tomou um gole da cerveja.

– E ele me contava coisas que acho que não deveria contar. Disse que seu caso era muito estranho, que alguns advogados da sua firma tinham morrido em circunstâncias suspeitas. E que você sempre achava que estava sendo seguido e ouvido. O que é bem esquisito para uma firma de advocacia.

Isso é que era sigilo, pensou Mitch.

– Isso mesmo.

Ela virou o volante, pegou a saída para o aeroporto e foi para o estacionamento.

– E depois que terminou o serviço para você ele disse uma vez, só uma, que achava que estava sendo seguido. Isso foi três dias antes do Natal. Eu perguntei quem era. Ele disse que não sabia, mas falou do seu caso e que provavelmente aquilo tinha a ver com as mesmas pessoas que seguiam você. Não falou muito.

Ela parou no estacionamento rotativo perto do terminal.

– Quem mais poderia segui-lo? – perguntou Mitch.

– Ninguém. Ele era um detetive bom, que não deixava rastros. Quero dizer, era ex-policia e ex-presidiário. Era malandro. Era pago para seguir pessoas e recolher rastros. Ninguém o seguia. Nunca.

– Então quem o matou?

– Quem o estava seguindo. O jornal sugeriu que ele foi apanhado xeretando algum cara rico e foi apagado. Não é verdade.

De repente, ela surgiu com um cigarro comprido e o acendeu. Mitch baixou a janela.

– Se importa se eu fumar? – perguntou ela.

– Não, só sopra para lá – respondeu ele, apontando para a janela do motorista.

– De qualquer modo, eu estou com medo. Eddie estava convencido de que as pessoas que seguiam você são extremamente perigosas e espertas. Com estratégias muito sofisticadas, foi o que ele disse. E, se mataram Eddie, o que pode acontecer comigo? Talvez eles achem que eu sei alguma coisa. Não vou ao escritório desde o dia em que ele foi morto. Não planejo voltar.

– Eu não voltaria se fosse você.

– Não sou idiota. Trabalhei para ele dois anos e aprendi um bocado. Tem um monte de malucos por aí. Nós vimos gente de todo tipo.

– Como atiraram nele?

– Ele tem um amigo na Homicídios. O cara me contou, confidencialmente, que Eddie levou três tiros na nuca, à queima-roupa, com uma pistola .22. E eles não têm nenhuma pista. O cara me disse que foi um serviço muito limpo, profissional.

Mitch terminou a cerveja e pôs a garrafa no piso, junto com meia dúzia de latas de cerveja vazias. Um serviço muito limpo, profissional.

– Não faz sentido – repetiu ela. – Quero dizer, como alguém pôde se esgueirar atrás do Eddie, subir no banco de trás e atirar três vezes na nuca? E ele nem deveria estar lá.

– Talvez ele tenha caído no sono e sofrido uma emboscada.

– Não. Ele tomava todo tipo de comprimido quando trabalhava tarde da noite. Ficava ligado.

– Existe algum registro no escritório?

– Quer dizer, sobre você?

– É, sobre mim.

– Duvido. Nunca vi nada por escrito. Ele disse que você queria desse jeito.

– Isso mesmo – falou Mitch, aliviado.

Olharam um 727 decolar para o Norte. O estacionamento vibrou.

– Estou realmente com medo, Mitch. Posso chamar você de Mitch?

– Claro. Por que não?

– Acho que ele foi morto por causa do trabalho que estava fazendo para você. Só pode ser isso. E se o mataram porque ele sabia de alguma coisa, devem imaginar que eu também sei. O que você acha?

– Eu não me arriscaria.

– Talvez eu desapareça por um tempo. Meu marido trabalha em boates e a gente pode pegar a estrada se for preciso. Não contei isso para ele, mas acho que preciso. O que você acha?

– Para onde você iria?

– Little Rock, St. Louis, Nashville. Ele foi demitido, então acho que a gente pode ir embora.

A voz dela sumiu. Ela acendeu outro cigarro.

Um serviço muito limpo, profissional, repetiu Mitch para si mesmo. Olhou para ela e notou uma pequena lágrima no rosto. Ela não era feia, mas os anos em bares e boates estavam cobrando seu preço. Tinha traços fortes, e sem o cabelo oxigenado e a maquiagem pesada poderia ser bem atraente para a idade. Uns 40 anos, supôs ele.

Ela deu uma tragada forte e mandou uma nuvem de fumaça para fora do carro.

– Acho que estamos no mesmo barco, não é? Quero dizer, eles estão atrás de



nós dois. Mataram todos aqueles advogados, agora o Eddie, e acho que nós somos os próximos.

Não se contenha, gata, ponha para fora.

– Olha, vamos fazer o seguinte. Precisamos manter contato. Você não pode me telefonar e nós não podemos ser vistos juntos. Minha mulher sabe de tudo e eu vou contar a ela sobre este encontro. Não se preocupe com ela. Uma vez por semana me escreva um bilhete e diga onde você está. Qual é o nome da sua mãe?

– Doris.

– Bom. Esse é o seu codinome. Assine como Doris qualquer coisa que mandar para mim.

– Eles leem sua correspondência também?

– Provavelmente, Doris, provavelmente.

Às cinco da tarde, Mitch apagou a luz da sua sala, pegou as duas pastas e parou em frente à mesa de Nina. O telefone dela estava grudado num ombro enquanto ela digitava na IBM. Ela o viu e pegou um envelope numa gaveta.

– É a sua confirmação no Capital Hilton – disse ao fone.

– O ditado está na minha mesa. Vejo você na segunda.

Mitch subiu pela escada até o quarto andar e foi à sala de Avery, onde estava acontecendo um pequeno tumulto. Uma secretária enfiava processos numa pasta enorme. Outra falava rispidamente com Avery, que gritava ao telefone com outra pessoa. Um assistente jurídico berrava ordens para a primeira secretária.

Avery bateu o telefone.

– Você está pronto? – perguntou a Mitch.

– Esperando você.

– Não consigo encontrar o arquivo de Greenmark – rosnou uma secretária para o assistente.

– Estava junto com o de Rocconi – respondeu o assistente.

– Não preciso do arquivo de Greenmark! – gritou Avery. – Quantas vezes preciso dizer? Você é surda?

A secretária olhou irritada para Avery.

– Não, eu ouço muito bem. E ouvi nitidamente o senhor dizer: “Ponha o arquivo de Greenmark.”

– A limusine está esperando – avisou a outra secretária.

– Não preciso da porcaria do arquivo de Greenmark! – gritou Avery.

– E o Rocconi? – perguntou o assistente jurídico.

– Sim! Sim! Pela décima vez. Preciso do arquivo de Rocconi!

– O avião também está esperando – interveio a outra secretária.

Uma pasta foi fechada com força e trancada. Avery remexeu numa pilha de documentos sobre a mesa.

– Cadê a papelada de Fender? Onde estão os meus processos? Por que não consigo achar um processo?

– Aqui está o Fender – disse a primeira secretária enquanto o guardava em outra pasta.

Avery olhou para um pedaço de papel.

– Certo. Eu tenho Fender, Rocconi, Cambridge Partners, Greene Group, Sonny Capps para Otaki, Burton Brothers, Galveston Freight e McQuade?

– Sim, sim, sim – confirmou a primeira secretária.

– Todos eles – confirmou o assistente.

– Nem acredito! – exclamou Avery pegando o paletó. – Vamos.

Ele passou pela porta seguido pelas secretárias, pelo assistente e, logo atrás, por Mitch. Mitch carregava duas pastas, o assistente tinha duas e uma secretária tinha uma. A outra rabiscava anotações enquanto Avery gritava ordens e pedidos que queria que fossem executados enquanto ele estivesse fora. O grupo se apertou no pequeno elevador até o primeiro andar. Lá fora o motorista partiu para a ação, abrindo portas e colocando tudo no porta-malas.

Mitch e Avery desabaram no banco de trás.

– Relaxe, Avery – disse Mitch. – Você vai passar três dias nas Cayman. Só relaxe.

– Certo, certo. Estou levando trabalho suficiente para um mês. Tenho clientes doidos para arrancar meu couro, ameaçando me processar por erro judicial. Estou dois meses atrasado e agora você vai passar quatro dias de tédio num seminário fiscal em Washington. Sua percepção de tempo é fantástica, McDeere. Simplesmente fantástica.

Avery abriu um pequeno armário e preparou uma bebida. Mitch recusou. A limusine seguiu pela Riverside Drive na hora do rush. Depois de três goles de gim, o sócio respirou fundo.

– Aprendizado contínuo. Que piada!

– Você fez isso quando era novato. E, se não estou enganado, há pouco tempo

você passou uma semana naquele seminário internacional em Honolulu. Ou será que esqueceu?

– Era trabalho. Era tudo trabalho. Você está levando seus processos?

– Claro, Avery. Devo ficar no seminário oito horas por dia para aprender as últimas revisões tributárias concedidas pelo Congresso e no tempo livre vou faturar cinco horas por dia.

– Seis, se puder. Estamos atrasados, Mitch.

– Estamos sempre atrasados, Avery. Tome mais uma bebida. Você precisa relaxar.

– Planejo relaxar no Rumheads.

Mitch pensou no bar com a Red Stripe, os dominós, dardos e, sim, biquínis minúsculos. E a garota.

– É o seu primeiro voo no Lear? – perguntou Avery, agora mais relaxado.

– Sim. Estou aqui há sete meses e só agora vou ver o avião. Se eu soubesse disso março passado, teria ido trabalhar numa firma de Wall Street.

– Você não é feito para Wall Street. Sabe o que aqueles caras fazem? Colocam trezentos advogados numa firma e, a cada ano contratam trinta associados novos, talvez mais. Todo mundo quer um emprego lá porque é Wall Street, certo? E, depois de mais ou menos um mês, eles juntam os trinta numa sala grande e informam que devem trabalhar noventa horas por semana durante cinco anos e no fim dos cinco anos metade terá ido embora. A rotatividade é incrível. Eles tentam matar os novatos, exigem que eles faturem 100, 150 a hora, empacotam todos eles e depois mandam embora. Assim é Wall Street. E os garotinhos nunca veem o avião da firma. Nem a limusine da firma. Você tem sorte mesmo, Mitch. Deveria agradecer a Deus todo dia porque decidimos aceitar você aqui na boa e velha Bendini, Lambert & Locke.

– Noventa horas parece divertido. Eu poderia aproveitar o resto.

– Vai valer a pena. Soube qual foi o meu bônus no ano passado?

– Não.

– Quatrocentos e oitenta e cinco. Nada mau, hein? E isso é só o bônus.

– Eu recebi 6 mil – contou Mitch.

– Fique comigo e logo você vai jogar nas ligas principais.

– Sei. Mas primeiro preciso continuar minha formação jurídica.

Dez minutos depois a limusine entrou numa pista que levava a uma fileira de

hangares. A placa dizia Memphis Aero. Um esguio Lear 55 prateado taxiou lentamente para o terminal.

– É isso aí – disse Avery.

As pastas e a bagagem foram transportadas rapidamente para o avião e em minutos eles foram liberados para decolar. Mitch apertou o cinto e admirou a cabine de couro e metal. Era rica e luxuosa, e ele não tinha esperado nada menos do que isso. Avery preparou outra bebida e apertou o cinto.

UMA HORA E quinze minutos depois, o Lear começou a descida no Aeroporto Internacional Baltimore-Washington. Depois de ele taxiar e parar, Avery e Mitch desceram para a pista e abriram o bagageiro. Avery apontou para um homem de uniforme parado perto de um portão.

– É o seu motorista. A limusine está na frente. Vá atrás dele. Você está a uns quarenta minutos do Capital Hilton.

– Outra limusine?

– Exato. Não fariam isso por você em Wall Street.

Apertaram-se as mãos e Avery subiu de novo no avião. O reabastecimento demorou trinta minutos e, quando o Lear decolou e virou para o Sul, Avery estava dormindo de novo.

Três horas depois o avião pousou em Georgetown, Grand Cayman. Taxiou, passando pelo terminal, até um hangar muito pequeno onde passaria a noite. Um segurança esperava Avery e sua bagagem, e o acompanhou até o terminal, passando pela imigração. O piloto e o copiloto fizeram o ritual pós-voo. Eles também foram acompanhados pelo terminal.

Depois da meia-noite, as luzes do hangar foram apagadas e a meia dúzia de aviões permaneceu no escuro. Uma porta lateral se abriu e três homens, entre eles Avery, entraram e foram rapidamente até o Lear 55. Avery abriu o compartimento de bagagem e os três descarregaram rapidamente 25 pesadas caixas de papelão. No úmido calor tropical, o hangar parecia um forno. Eles suavam profusamente, mas não disseram nada até que todas as caixas tivessem sido tiradas da aeronave.

– Devem ser 25. Conte – disse Avery a um nativo musculoso com camiseta curta e uma pistola no quadril.

O outro homem segurava uma prancheta e observava atentamente, como se fosse um funcionário recebendo material num armazém. O nativo contou rapidamente, com suor pingando nas caixas.

– Isso. Vinte e cinco.

– Quanto? – perguntou o homem da prancheta.

– Seis milhões e meio.

– Tudo em dinheiro vivo?

– Tudo. Dólares americanos. Notas de 100 e de 20. Vamos carregar.

– Para onde isso vai?

– Quebecbanq. Estão esperando.

Cada um pegou uma caixa e a carregou no escuro até a porta lateral, onde um colega esperava com uma Uzi. As caixas foram postas num furgão dilapidado onde estava escrito MADE IN CAYMAN em letras malfeitas na lateral. Os nativos se mantiveram sentados com armas a postos enquanto o funcionário da prancheta dirigia o carro, deixando o hangar em direção ao centro de Georgetown.

O CREDENCIAMENTO COMEÇOU às oito horas em frente ao salão principal no mezanino. Mitch chegou cedo, assinou a entrada, pegou o pesado fichário de materiais com seu nome impresso na capa e entrou. Sentou-se numa cadeira perto do centro do salão. O limite era de duzentas inscrições, segundo a brochura. Um funcionário serviu café e Mitch abriu o *Washington Post*. O jornal estava dominado por uma dezena de histórias sobre os amados Redskins, que estavam de novo no Super Bowl.

O salão se encheu lentamente de advogados tributaristas de todo o país que se reuniam para ouvir as últimas novidades em leis fiscais, que mudavam diariamente.

Alguns minutos antes das nove um advogado arrumadinho, jovem, sentou-se à esquerda de Mitch, calado. Mitch olhou para ele e voltou ao jornal. Quando o salão lotou, o moderador deu as boas-vindas a todos e apresentou o primeiro orador. O congressista Fulano de Tal, do Oregon, presidente de um Subcomitê de Modos e Meios. Enquanto o orador ocupava o pódio para uma apresentação de uma hora, o advogado à esquerda de Mitch se inclinou e estendeu a mão.

– Oi, Mitch – sussurrou ele. – Sou Grant Harbison, FBI.

Ele entregou um cartão.

O congressista começou com uma piada que Mitch não ouviu. Ele estudou o cartão, mantendo-o perto do peito. Havia cinco pessoas sentadas a menos de um metro. Não conhecia ninguém no salão, mas seria embaraçoso se alguém percebesse que ele estava segurando um cartão do FBI. Depois de cinco minutos lançou um olhar inexpressivo para Harbison.

– Preciso falar com você por alguns minutos – sussurrou Harbison.

– E se eu estiver ocupado? – perguntou.

O agente deslizou um envelope branco, liso, de dentro de seu fichário e o entregou a Mitch, que o abriu perto do peito. Estava escrito à mão. No topo, em letras pequenas mas impositivas, as palavras diziam simplesmente: “Sala do Diretor – FBI”.

O bilhete dizia:

Caro Sr. McDeere:

Eu gostaria de falar com o senhor por alguns instantes na hora do almoço. Por favor siga as instruções do agente Harbison. Não vai demorar muito. Agradecemos sua cooperação.

Obrigado,

F. DENTON VOYLES

Diretor

Mitch dobrou o bilhete no envelope e o colocou lentamente no fichário. Agradecemos sua cooperação. Do diretor do FBI. Nesse momento percebeu a importância de manter a compostura, ficar com o rosto calmo como se isso fosse corriqueiro. Mas esfregou as têmporas com as duas mãos e olhou para o chão. Fechou os olhos e sentiu-se tonto. FBI. Sentado ao seu lado! Esperando por ele. O diretor e sabe-se lá quem mais. Tarrance estaria por perto.

De repente o salão explodiu em gargalhadas com o desfecho da piada. Harbison se inclinou rapidamente para Mitch.

– Me encontre no banheiro masculino no fim do corredor em dez minutos – sussurrou.

O agente deixou seus cadernos na mesa e saiu em meio às gargalhadas.

Mitch folheou até a primeira seção do fichário e fingiu estudar os materiais. O congressista estava detalhando sua corajosa batalha para proteger os paraísos fiscais para os ricos ao mesmo tempo que aliviava o fardo da classe

trabalhadora. Sob sua orientação intrépida, o subcomitê havia se recusado a relatar leis que limitassem deduções por exploração de petróleo e gás. Ele era um exército de um homem só no Capitólio.

Mitch esperou quinze minutos, depois mais cinco, e começou a tossir. Precisava de água. Com a mão cobrindo a boca, deslizou entre as cadeiras até os fundos do salão e saiu pela porta. Harbison estava no banheiro masculino lavando as mãos pela décima vez.

Mitch foi até a pia ao lado dele e abriu a água fria.

– O que vocês estão aprontando? – perguntou.

Harbison olhou para ele pelo espelho.

– Só estou seguindo ordens. O diretor Voyles quer conhecer você pessoalmente e me mandaram buscá-lo.

– E o que ele pode querer?

– Eu não roubaria os holofotes dele, mas tenho certeza de que é muito importante.

Mitch olhou com cautela em volta. O banheiro estava vazio.

– E se eu estiver ocupado demais para me encontrar com ele?

Harbison fechou a torneira e sacudi as mãos em cima da pia.

– O encontro é inevitável, Mitch. Não vamos fazer joguinhos. Na pausa para o almoço, você vai encontrar lá fora um táxi de número 8667, à esquerda da porta principal. Ele vai levar você até o Memorial dos Veteranos do Vietnã e nós estaremos lá. Você precisa ter cuidado. Dois deles o seguiram de Memphis até aqui.

– Dois de quem?

– Os rapazes de Memphis. Só faça o que dissermos e eles não vão saber.

O MODERADOR AGRADECEU ao segundo orador, um professor de tributação da Universidade de Nova York, e liberou todos para o almoço.

Mitch não disse nada ao motorista de táxi, que acelerou feito um maníaco, e logo se perderam no trânsito. Quinze minutos depois pararam perto do memorial.

– Não saia ainda – disse o motorista com autoridade.

Mitch não se mexeu. Durante dez minutos, não se mexeu nem falou. Por fim



um Escort branco parou ao lado do táxi e buzinou. Em seguida se afastou.

– Certo – tornou o motorista, olhando para a frente. – Vá até o muro. Eles vão encontrá-lo em cinco minutos.

Mitch desceu para a calçada e o táxi foi embora. Ele enfiou as mãos nos bolsos do sobretudo de lã e andou lentamente até o memorial. Um vento cortante soprava do Norte espalhando folhas em todas as direções. Mitch tremeu e levantou a gola do sobretudo.

Um peregrino solitário estava sentado rigidamente numa cadeira de rodas, olhando para o muro. Estava coberto por uma grossa colcha de retalhos. Por baixo da enorme boina de tecido camuflado, um par de óculos de aviador cobria seus olhos. Ele estava perto da extremidade do muro, onde estavam os nomes dos mortos em 1972. Mitch acompanhou os anos pela calçada, até parar perto da cadeira de rodas. Ficou examinando os nomes, subitamente se esquecendo do homem.

Respirou fundo e percebeu um entorpecimento nas pernas e no estômago. Olhou para baixo. E então, perto da base, ali estava. Gravado de maneira nítida e objetiva, como todos os outros, estava o nome de Rusty McDeere.

Junto ao monumento, a centímetros do nome, havia um cesto de flores congeladas e murchas. Mitch as empurrou gentilmente para o lado e se ajoelhou diante do muro. Tocou as letras gravadas do nome de Rusty. Rusty McDeere. Dezoito anos, para sempre. Sete semanas no Vietnã quando pisou numa mina terrestre. Disseram que a morte foi instantânea. Segundo Ray, eles sempre diziam isso. Mitch enxugou uma pequena lágrima e observou toda a extensão do muro. Pensou nas 58 mil famílias para as quais fora dito que a morte havia sido instantânea e que ninguém havia sofrido lá.

– Mitch, eles estão esperando.

Mitch se virou e olhou para o homem na cadeira de rodas, a única pessoa à vista. Os óculos escuros encaravam o muro e não se levantaram. Mitch olhou em volta, em todas as direções.

– Relaxe, Mitch. Nós isolamos o lugar. Eles não estão olhando.

– E quem é o senhor?

– Só um da turma. Você precisa confiar em nós, Mitch. O diretor tem coisas importantes para falar, coisas que podem salvar sua vida.

– Onde ele está?

O homem da cadeira de rodas virou a cabeça e olhou para um lado da calçada.

– Comece a andar para lá. Eles vão encontrá-lo.

Mitch olhou por mais um tempo para o nome do irmão e passou por trás da cadeira de rodas. Passou pela estátua dos três soldados. Caminhou devagar, esperando, com as mãos enfiadas nos bolsos. Cinquenta metros depois do monumento, Wayne Tarrance saiu de trás de uma árvore e foi até ele.

– Continue andando – pediu.

– Por que não estou surpreso em ver você aqui?

– Só continue andando. Sabemos que pelo menos dois capangas de Memphis foram mandados de avião para cá antes de você. Estão no mesmo hotel, ao lado do seu quarto. Não seguiram você até aqui. Acho que nós os despistamos.

– Que merda está acontecendo, Tarrance?

– Você já vai descobrir. Continue andando. Mas relaxe, ninguém está vigiando você, a não ser uns vinte agentes nossos.

– Vinte?

– Isso. Nós isolamos esse lugar. Queremos garantir que aqueles canalhas de Memphis não apareçam aqui. Acho que não vão aparecer.

– Quem são eles?

– O diretor vai explicar.

– Por que o diretor está envolvido?

– Você faz perguntas demais, Mitch.

– E você dá respostas de menos.

Tarrance apontou para a direita. Os dois saíram da calçada e foram em direção a um pesado banco de concreto perto de uma ponte de pedestres que levava a uma pequena floresta. Havia um laguinho congelado.

– Sente-se – orientou Tarrance.

Os dois se sentaram. Dois homens atravessaram a ponte de pedestres. Mitch reconheceu imediatamente o mais baixo como Voyles. F. Denton Voyles, diretor do FBI durante o governo de três presidentes. Um combatente do crime, de fala dura, mão pesada e reputação de implacável.

Mitch se levantou, por respeito, quando os homens pararam junto do banco. Voyles estendeu a mão fria e olhou para ele com o rosto grande e redondo famoso em todo o mundo. Os dois se cumprimentaram e disseram os respectivos

nomes. Voyles apontou para o banco. Tarrance e o outro agente foram até a ponte de pedestres e estudaram o horizonte. Mitch olhou por cima do lago e viu dois homens, sem dúvida agentes, com as capas impermeáveis pretas idênticas e cabelos curtos, encostados numa árvore a 100 metros de distância.

Voyles sentou-se perto de Mitch, as pernas dos dois se tocando. Um chapéu de feltro marrom se acomodava de lado na cabeça grande e careca. Ele teria pelo menos 70 anos, mas os olhos verde-escuros dançavam com intensidade e não deixavam escapar nada. Os dois ficaram sentados imóveis no banco frio com as mãos enfiadas nos sobretudos.

– Agradeço sua vinda – começou Voyles.

– Acho que não tive opção. Vocês foram inflexíveis.

– Sim. Isso é muito importante para nós.

Mitch respirou fundo.

– O senhor tem alguma ideia de como estou confuso e apavorado? Estou totalmente perplexo. Gostaria de uma explicação, senhor.

– Sr. McDeere, posso chamá-lo de Mitch?

– Claro. Por que não?

– Ótimo. Mitch, eu sou um homem de muito poucas palavras. E o que vou te dizer certamente vai te chocar. Você vai ficar horrorizado. Talvez não acredite. Mas garanto que é tudo verdade e que com sua ajuda podemos salvar sua vida.

Mitch se preparou e esperou.

– Mitch, nenhum advogado jamais deixou sua firma vivo. Três tentaram e foram mortos. Dois estavam para sair e morreram no verão passado. Quando um advogado entra na Bendini, Lambert & Locke, jamais sai, a não ser que se aposente e fique de boca fechada. E quando eles se aposentam já fazem parte da conspiração e não podem falar. A firma tem uma enorme operação de vigilância no quinto andar. Sua casa e seu carro estão grampeados. Seus telefones estão grampeados. Sua mesa e seu escritório também. Cada palavra que você pronuncia é ouvida e gravada no quinto andar. Eles seguem você e às vezes seguem sua esposa. Eles estão aqui em Washington enquanto nós conversamos. Veja bem, Mitch, a firma é mais do que uma firma. É uma divisão de um negócio muito grande, um negócio muito lucrativo. Um negócio muito ilegal. Os donos da firma não são os sócios.

Mitch se virou e o encarou atentamente. O diretor olhava para o lago gelado

enquanto falava.

– Veja bem, Mitch, os donos da firma Bendini, Lambert & Locke são a família criminosa Morolto, de Chicago. A Máfia. Eles é que dão as ordens, lá de cima. E é por isso que estamos aqui. – O diretor tocou com firmeza o joelho de Mitch e o encarou a 15 centímetros de distância. – É a Máfia, Mitch, e tremendamente ilegal.

– Não acredito.

Mitch ficou imobilizado pelo medo. Sua voz estava fraca e aguda.

O diretor sorriu.

– Acredita sim, Mitch. Acredita. Você já vem suspeitando há algum tempo. Foi por isso que conversou com Abanks nas Cayman. Por isso contratou aquele detetive sórdido que foi morto pelos rapazes do quinto andar. Você sabe que a firma fede, Mitch.

Mitch se inclinou para a frente e pousou os cotovelos nos joelhos. Olhou para o chão entre os sapatos.

– Não acredito – murmurou debilmente.

– Pelo que sabemos, pelo menos vinte por cento dos clientes deles, ou melhor, dos seus clientes, são legítimos. Existem alguns advogados muito bons naquela firma, e eles fazem trabalho tributário e financeiro para clientes ricos. É uma fachada muito boa. A maior parte dos processos em que você trabalhou até agora era legítima. É assim que eles operam. Arranjam um novato, jogam dinheiro em cima dele, compram o BMW, a casa, o pacote todo, vinho, jantares e viagem às Cayman, e fazem o coitado se matar com trabalho de fato legal. Clientes de verdade. Trabalho de advogado de verdade. Isso prossegue durante alguns anos e o novato não desconfia de nada, entende? É uma firma ótima, um pessoal fantástico. Muito dinheiro. Ei, tudo é maravilhoso. Até que, depois de cinco ou seis anos, quando o dinheiro está realmente bom, quando eles são os donos da sua hipoteca, quando você tem mulher e filhos e tudo está muito seguro, eles soltam a bomba e contam a verdade. Não há como sair. É a Máfia, Mitch. Esses caras não brincam. São capazes de matar um filho seu, ou sua mulher, não estão nem aí. Você ganha mais dinheiro do que poderia ganhar em qualquer outro lugar. É chantageado porque tem uma família que não significa absolutamente nada para a Máfia. Então o que você faz, Mitch? Você fica. Não pode ir embora. Se ficar, ganha um milhão e se aposenta jovem, com a família

intacta. Se quiser ir embora, vai acabar numa foto na parede da biblioteca do quinto andar. Eles são muito persuasivos.

Mitch esfregou as têmporas e começou a tremer.

– Olha, Mitch, sei que você deve ter mil perguntas. Tudo bem. Por isso vou continuar contando o que sei. Todos os cinco advogados mortos queriam sair depois que descobriram a verdade. Nós nunca falamos com os três primeiros porque não sabíamos nada sobre a firma até sete anos atrás. Eles fizeram um trabalho excelente mantendo-se quietos e sem deixar rastros. Provavelmente os primeiros três simplesmente quiseram sair, por isso saíram. Dentro de caixões. Hodge e Kozinski foram diferentes. Eles nos procuraram, e no decorrer de um ano tivemos vários encontros. Kozinski estava lá havia sete anos quando jogaram a bomba no colo dele. Ele contou a Hodge. Os dois ficaram sussurrando entre si durante um ano. Kozinski ia se tornar sócio e queria sair antes disso. Então ele e Hodge tomaram a decisão fatal de sair. Nunca suspeitaram que os três primeiros tinham sido mortos, ou pelo menos nunca falaram disso com a gente. Mandamos Wayne Tarrance para Memphis, para fazer contato. Tarrance é especialista em crime organizado, vem de Nova York. Ele e os dois estavam ficando bem próximos quando aconteceu aquela coisa nas Cayman. Os caras de Memphis são muito bons, Mitch. Jamais se esqueça disso. Eles têm dinheiro e contratam os melhores. Assim, depois de Hodge e Kozinski serem mortos, eu tomei a decisão de pegar a firma. Se estourarmos aquilo lá, poderemos indiciar todos os membros importantes da família Morolto. Poderemos indiciar mais de cinquenta mafiosos. Evasão fiscal, lavagem de dinheiro, extorsão, o que você quiser. Isso poderia destruir a família Morolto, e seria o golpe mais devastador contra o crime organizado nos últimos trinta anos. E, Mitch, tudo está nos arquivos da discreta firma Bendini em Memphis.

– Por que Memphis?

– Ah, boa pergunta. Quem suspeitaria de uma firma pequena em Memphis, Tennessee? Não há máfia por lá. É uma cidade calma, adorável, pacífica, perto do rio. Poderia ser Durban, Topeka ou Wichita Falls. Mas eles escolheram Memphis. É uma cidade suficientemente grande para esconder uma firma de quarenta homens. Escolha perfeita.

– Quer dizer que todos os sócios... – A voz de Mitch sumiu.

– É, todos os sócios sabem e jogam segundo as regras. Nós suspeitamos de

que a maior parte dos associados sabe, mas é difícil dizer. Há muita coisa que não sabemos, Mitch. Não posso explicar como a firma atua nem quem está no negócio. Mas temos fortes suspeitas de que há muita atividade criminosa por lá.

– Como?

– Fraude fiscal. Eles fazem todo o trabalho fiscal para os Moroltos. Todo ano preenchem uma bela declaração de imposto de renda e informam uma pequena fração dos ganhos. Eles lavam dinheiro feito loucos. Montam negócios legítimos com dinheiro sujo. Aquele banco de St. Louis, um grande cliente, como é o nome mesmo?

– Commercial Guaranty.

– Isso mesmo. Pertence à Máfia. A firma faz todo o trabalho jurídico para ele. A família Morolto ganha cerca de 300 milhões por ano com jogos, drogas, apostas, tudo. Sempre em dinheiro vivo, sabe? A maior parte vai para aqueles bancos nas Cayman. Como o dinheiro vai de Chicago para as ilhas? Tem alguma ideia? Suspeitamos do avião. Aquele Lear folheado a ouro no qual você veio para cá vai mais ou menos uma vez por semana para Georgetown.

Mitch se empertigou e olhou para Tarrance, que não podia ouvi-los, parado na ponte de pedestres.

– Então por que vocês não os indiciam logo e explanam a coisa toda?

– Não podemos. Vamos fazer isso, garanto. Eu designei cinco agentes para o projeto em Memphis e três aqui em Washington. Vou pegá-los, Mitch, prometo. Mas precisamos conseguir algo de dentro. Eles são muito espertos. Têm muito dinheiro. São extremamente cuidadosos e não cometem erros. Estou convencido de que precisamos da sua ajuda ou de outro membro da firma. Precisamos de cópias de processos, de extratos bancários, cópias de um milhão de documentos que só podem vir lá de dentro. Sem isso é impossível.

– E eu fui escolhido.

– E você foi escolhido. Caso se recuse, pode seguir seu caminho, ganhar muito dinheiro e ser um advogado bem-sucedido em termos gerais. Mas vamos continuar tentando. Vamos esperar o próximo associado e tentar pegá-lo. E, se isso não funcionar, vamos partir para um dos associados mais antigos. Um que tenha coragem, moral e estômago para fazer o que é certo. Um dia vamos encontrar nosso homem, Mitch, e quando isso acontecer vamos indiciar você

junto com os outros e mandar seu rabo rico e bem-sucedido para a cadeia. Isso vai acontecer, filho, acredite.

Nesse momento, naquele lugar e naquela hora, Mitch começou a acreditar.

– Sr. Voyles, estou com frio. Será que poderíamos andar um pouco?

– Claro, Mitch.

Os dois caminharam lentamente até a calçada e foram na direção do Memorial do Vietnã. Mitch olhou por cima do ombro. Tarrance e o outro agente os seguiam de longe. Outro agente vestido de marrom-escuro estava sentado, de modo suspeito, num banco junto à calçada.

– Quem era Anthony Bendini? – perguntou Mitch.

– Ele se casou com uma Morolto em 1930. Era genro do velho. Na época eles tinham uma operação na Filadélfia e ele ficava lá. Então, nos anos 1940, por algum motivo, ele foi mandado a Memphis para montar um escritório. Mas ele era um advogado muito bom, pelo que sabemos.

Mil perguntas inundavam o cérebro de Mitch e lutavam para ser feitas. Ele tentou parecer calmo, controlado, cético.

– E Oliver Lambert?

– É um príncipe. O perfeito sócio principal, que por acaso sabia tudo sobre Hodge e Kozinski e sobre os planos para eliminá-los. Na próxima vez que vir o Sr. Lambert no escritório, tente se lembrar de que ele é um assassino a sangue-frio. Claro, ele não tem escolha. Se não cooperasse, seu corpo seria encontrado flutuando em algum lugar. Todos são assim, Mitch. Começaram como você. Jovens, brilhantes, ambiciosos, e então, um dia, estavam sem chão, sem ter aonde ir. Por isso entram no jogo, trabalham duro, fazem um serviço incrível montando uma boa fachada e fingindo ser uma verdadeira firma pequena e respeitável. Quase todo ano recrutam um jovem estudante de Direito brilhante, de origem pobre, sem herança, com uma esposa que deseja ter filhos, enchem ele de dinheiro e o contratam.

Mitch pensou no dinheiro, no salário grande demais oferecido por uma firma pequena de Memphis, no carro e na hipoteca a juros baixos. Ele estava indo para Wall Street e foi desviado pelo dinheiro. Só pelo dinheiro.

– E Nathan Locke?

O diretor sorriu.

– Locke é outra história. Ele cresceu pobre em Chicago e fazia pequenos

trabalhos para o velho Morolto quando tinha 10 anos. Sempre foi bandido. Passou raspando na faculdade de Direito e o velho o mandou para o Sul, para trabalhar com Anthony Bendini na divisão de crimes de colarinho-branco da família. Sempre foi um dos favoritos do velho.

– Quando Morolto morreu?

– Há onze anos, com 88 anos. Ele tem dois filhos abomináveis. Mickey Boca e Joey Padre. Mickey mora em Las Vegas e tem um papel limitado nos negócios da família. Joey é o chefe.

A calçada em que estavam encontrou outra. Longe, à esquerda, o Monumento a Washington se erguia contra o vento cortante. À direita a calçada levava ao muro. Agora um punhado de pessoas o examinava, procurando os nomes de filhos, maridos e amigos. Mitch caminhou para lá. Os dois seguiam lentamente.

– Não entendo como a firma pode fazer tanto trabalho ilegal e manter a coisa em sigilo – comentou Mitch num sussurro. – Aquele lugar é cheio de secretárias, escriturários e assistentes jurídicos.

– Bom argumento, e não tenho a resposta completa. Acharmos que ela opera como se fossem duas firmas. Uma é legítima, com os novos associados, a maioria das secretárias e do pessoal de apoio. Os associados mais antigos e os sócios fazem o trabalho sujo. Hodge e Kozinski iam nos dar informações suficientes, mas não conseguiram. Uma vez Hodge contou a Tarrance que havia um grupo de assistentes jurídicos no porão sobre os quais ele sabia pouca coisa. Eles trabalhavam diretamente para Locke, Milligan, McKnight e alguns outros sócios, e ninguém tinha muita certeza do que eles faziam. As secretárias sabem de tudo e achamos que algumas devem fazer parte do negócio. Se for assim, tenho certeza de que são bem pagas e morrem de medo de falar. Pense bem, Mitch. Se você trabalha lá, ganhando muito dinheiro, cheio de benefícios, e sabe que, se fizer perguntas demais ou começar a falar, vai acabar no rio, o que você faz? Fica de boca fechada e aceita o dinheiro.

Pararam no início do muro, num ponto em que o granito preto começava ao nível do solo e iniciava a corrida de 75 metros até formar um ângulo com a segunda fileira de painéis idênticos. A 20 metros dali, um casal idoso olhava o muro e chorava baixinho. A mãe se curvou e pôs uma foto em preto e branco, emoldurada, na base do monumento. O pai colocou perto da foto uma caixa de



sapatos cheia de lembranças do ensino médio. Tabelas de futebol, fotos de turma, cartas de amor, chaveiros e um cordão de ouro. Os dois choraram mais alto.

Mitch deu as costas para o muro e olhou o Monumento a Washington. O diretor observou seus olhos.

– E o que eu devo fazer? – perguntou Mitch.

– Em primeiro lugar, fique de boca fechada. Se começar a fazer perguntas, sua vida pode correr perigo. A da sua mulher também. Não tenha filhos no futuro próximo. Eles são alvos fáceis. É melhor bancar o idiota, como se tudo estivesse maravilhoso e você ainda planejasse ser o maior advogado do mundo. Em segundo lugar, você deve tomar uma decisão. Agora não, mas em breve. Precisa decidir se vai cooperar ou não. Se escolher nos ajudar, claro que vamos fazer com que valha a pena. Se escolher não ajudar, continuaremos a vigiar a firma até decidirmos abordar outro associado. Como eu disse, um dia desses vamos achar alguém com coragem e pegar aqueles desgraçados. E a família mafiosa Morolto, como a conhecemos, deixará de existir. Vamos proteger você, Mitch, e você nunca mais terá de trabalhar na vida.

– Que vida? Vou viver para sempre com medo, se viver. Já ouvi histórias de testemunhas que o FBI supostamente escondeu. Dez anos depois, o carro explode enquanto eles dão marcha a ré para irem para o trabalho. O corpo se espalha em três quarteirões. A Máfia nunca esquece, diretor. O senhor sabe.

– Eles jamais esquecem, Mitch. Mas prometo que você e sua mulher serão protegidos.

O diretor olhou para o relógio.

– É melhor você voltar, ou eles vão suspeitar. Tarrance vai manter contato. Confie nele, Mitch. Está tentando salvar sua vida. Ele tem autoridade total para agir em meu nome. Se ele lhe disser alguma coisa, as palavras estarão vindo de mim. Ele pode negociar.

– Negociar o quê?

– Os termos, Mitch. O que nós lhe daremos em troca do que você nos der. Queremos a família Morolto e você pode entregá-la. Diga o seu preço, e este governo, através do FBI, pagará. Dentro de parâmetros razoáveis, claro. E quem está dizendo isso sou eu, Mitch.

Os dois caminharam devagar ao longo do muro e pararam perto do agente na

cadeira de rodas. Voyles estendeu a mão.

– Escute, há um táxi esperando no ponto onde você desembarcou, número 1.073. O mesmo motorista. É melhor ir agora. Não vamos nos encontrar de novo, mas Tarrance irá contatá-lo daqui a algumas semanas. Por favor, pense no que eu disse. Não acredite que a firma é invencível e que pode operar para sempre, porque eu não vou deixar. Vamos agir em breve, prometo. Espero que você fique do nosso lado.

– Não entendo o que eu devo fazer.

– Tarrance tem os planos. Muita coisa vai depender de você e do que você ficar sabendo assim que se comprometer.

– Comprometer?

– Essa é a palavra, Mitch. Assim que você se compromete, não existe volta. Eles podem ser mais implacáveis do que qualquer outra organização na Terra.

– Por que vocês me escolheram?

– Nós precisávamos escolher alguém. Não, não é verdade. Nós o escolhemos porque você tem coragem para abandonar aquilo. Você não tem família, a não ser uma esposa. Nenhum elo, nenhuma raiz. Todas as pessoas que já conheceu te machucaram, menos Abby. Você se criou sozinho e por isso é autoconfiante e independente. Você não precisa da firma. Pode deixá-la. Você é mais duro e calejado do que sua idade sugeriria. E é bastante inteligente para conseguir, Mitch. Você não vai ser apanhado. Foi por isso que o escolhemos. Bom dia, Mitch. Obrigado por ter vindo. É melhor voltar.

Voyles se virou e se afastou rapidamente. Tarrance esperou no final do muro e fez uma rápida saudação para Mitch, como se dissesse: “Tchau. Por enquanto.”

Depois da parada obrigatória em Atlanta, o DC-9 da Delta pousou sob uma chuva fria no Aeroporto Internacional de Memphis. Parou no Portão 19 e a multidão de viajantes a negócios desembarcou. Mitch carregava apenas sua pasta e uma *Esquire*. Viu Abby esperando perto dos telefones públicos e caminhou rapidamente entre as pessoas que se espremiavam. Jogou a pasta e a revista contra a parede e a abraçou com força. Os quatro dias em Washington tinham parecido um mês. Os dois se beijaram de novo e de novo e sussurraram baixinho.

– Que tal um encontro? – perguntou ele.

– O jantar está na mesa e o vinho na geladeira – disse ela.

Deram-se as mãos e atravessaram a turba do saguão, indo na direção da esteira de bagagens.

– Bom, nós precisamos conversar, e não pode ser em casa – falou ele bem baixo.

Ela apertou sua mão com mais força.

– Sêrio?

– Sim. Na verdade precisamos ter uma conversa longa.

– O que aconteceu?

– Vai demorar um pouco.

– Por que fiquei subitamente nervosa?

– Fique fria. Continue sorrindo. Eles estão vigiando.

Ela sorriu e olhou à direita.

- Quem está vigiando?
- Explico daqui a pouco.

De repente Mitch puxou-a para a direita. Os dois atravessaram as ondas de tráfego humano e entraram numa sala escura, apinhada de empresários bebendo e olhando uma TV acima do bar, esperando seus voos. Uma mesinha redonda, coberta com canecas de cerveja vazias, tinha acabado de ficar livre. Sentaram-se de costas para a parede, com vista para o bar e o saguão. Ficaram bem juntos, a menos de um metro de outra mesa. Mitch olhou para a porta e analisou cada rosto que entrava.

- Quanto tempo vamos ficar aqui? – perguntou ela.
- Por quê?

Ela tirou o casaco de raposa e deixou-o dobrado na cadeira do outro lado da mesa.

- O que exatamente você está procurando?
- Só continue sorrindo um momento. Finja que sentiu saudades mesmo. Aqui, me dê um beijo.

Ele lhe deu um beijo nos lábios e os dois sorriram e se olharam nos olhos. Mitch beijou o rosto dela e se virou de novo para a porta. Um garçom veio logo à mesa e tirou os copos. Eles pediram vinho.

Abby sorriu para ele.

- Como foi a viagem?

– Chata. Assistimos a aulas oito horas por dia, durante quatro dias. Depois do primeiro dia quase não saí do hotel. Eles espremeram seis meses de revisões de impostos em 32 horas.

- Você conseguiu conhecer algo da cidade?

Mitch sorriu e olhou sonhador para ela.

– Senti sua falta, Abby. Mais do que já senti de qualquer pessoa na vida. Eu te amo. Acho você lindíssima, absolutamente estonteante. Não gosto de viajar sozinho e acordar numa cama de hotel sem você. E tenho uma coisa horrível para contar.

Ela parou de sorrir. Ele olhou lentamente ao redor. Havia um monte de gente perto do balcão, gritando para um jogo dos Knicks contra os Lakers. De repente a sala ficou mais barulhenta.

- Vou contar – disse ele. – Mas há uma chance muito boa de alguém estar

observando a gente. Eles não podem ouvir, mas podem observar. Sorria de vez em quando, mesmo sendo difícil.

O vinho chegou e Mitch começou sua história. Não deixou nada de fora. Ela só falou uma vez. Mitch contou sobre Anthony Bendini e o velho Morolto, depois sobre Nathan Locke crescendo em Chicago e sobre Oliver Lambert e os rapazes do quinto andar.

Abby tomou seu vinho, nervosa, e tentou corajosamente parecer uma esposa normal que sentia falta do marido e agora estava adorando as histórias sobre o seminário tributário. Olhava as pessoas junto ao balcão, bebia um pouco e de vez em quando ria para Mitch, que contava sobre lavagem de dinheiro e os advogados assassinados. Seu corpo doía de medo. Sua respiração estava bastante irregular. Mas ela ouvia. E fingia.

O garçom trouxe mais vinho enquanto a multidão ia diminuindo. Uma hora depois de ter começado, Mitch terminou com um sussurro baixo.

– E Voyles disse que Tarrance vai me contatar daqui a algumas semanas para ver se eu vou colaborar. Se despediu e foi embora.

– E isso foi na terça-feira?

– É. No primeiro dia.

– O que você fez no resto da semana?

– Dormi pouco, comi pouco, fiquei com dor de cabeça na maior parte do tempo.

– Acho que minha dor de cabeça está começando.

– Desculpe, Abby. Eu queria vir para casa imediatamente e contar a você. Estou em choque há três dias.

– Eu estou em choque agora. Não acredito, Mitch. Isso é como um pesadelo, só que muito pior.

– E é só o começo. O FBI está levando a coisa tremendamente a sério. Por que outro motivo o próprio diretor iria se encontrar comigo, um advogado novato, insignificante, de Memphis, numa temperatura de nove graus negativos num banco de concreto? Ele designou cinco agentes em Memphis e três em Washington e disse que vão gastar o que for necessário para pegar a firma. Se eu ficar de boca fechada, ignorá-los e continuar como um membro bom e fiel da Bendini, Lambert & Locke, um dia eles vão aparecer com mandados de prisão e levar todo mundo. E, se eu escolher cooperar, você e eu vamos sair de Memphis

na calada da noite, depois que eu entregar a firma aos federais, e vamos morar em Boise, Idaho, como o Sr. e a Sra. Wilbur Gates. Teremos bastante dinheiro, mas precisaremos trabalhar para evitar suspeitas. Depois da minha cirurgia plástica vou arranjar um trabalho dirigindo uma empilhadeira num armazém e você pode trabalhar meio expediente numa creche. Teremos dois, talvez três filhos, e vamos rezar toda noite para que pessoas que nunca vimos fiquem de boca fechada e se esqueçam de nós. Vamos viver cada hora do dia com um medo mórbido de ser descobertos.

– Isso é perfeito, Mitch. Simplesmente perfeito.

Ela estava se esforçando para não chorar.

Ele sorriu e olhou em volta.

– Temos uma terceira opção. Podemos sair por aquela porta, comprar duas passagens para San Diego, atravessar a fronteira e comer tortilhas pelo resto da vida.

– Vamos.

– Mas eles provavelmente vão nos seguir. Com minha sorte, Oliver Lambert vai estar esperando em Tijuana com um esquadrão de capangas. Não vai dar certo. Foi só uma ideia.

– E Lamar?

– Não sei. Ele está aqui há seis ou sete anos, então deve saber. E Avery é sócio, portanto faz parte da conspiração.

– E Kay?

– Quem sabe? É muito provável que nenhuma esposa saiba. Pensei nisso durante quatro dias, Abby, e é uma fachada maravilhosa. A firma parece exatamente o que deve parecer. Eles podem enganar qualquer um. Quero dizer, como você, eu ou qualquer outro possível contratado poderia imaginar uma operação assim? É perfeita. Só que agora os federais sabem.

– E agora os federais esperam que você faça o trabalho sujo para eles. Por que escolheram você, Mitch? A firma tem quarenta advogados.

– Porque eu não sabia de nada disso. Era um alvo fácil. O FBI não sabe direito quando os sócios revelam a surpresa para os associados, por isso não poderiam se arriscar com mais ninguém. Por acaso eu era o cara novo, por isso acionaram a armadilha assim que eu passei no exame da ordem.

Abby mordeu o lábio e conteve as lágrimas. Olhou com expressão vazia para

a porta do outro lado da sala escura.

– E eles ouvem tudo o que a gente fala.

– Não. Só todos os telefonemas e as conversas em casa e nos carros. Nós podemos nos encontrar aqui e na maioria dos restaurantes, e sempre podemos ir para o quintal. Mas sugiro que a gente fique bem longe da porta. Por segurança precisamos ir para trás do quartinho de entulhos e sussurrar baixinho.

– Está tentando ser engraçado? Espero que não. Não é hora de piadas. Estou com tanto medo, raiva, tão confusa, furiosa, e não sei direito para onde me virar. Tenho medo de falar dentro da minha própria casa. Fico atenta a cada palavra que digo ao telefone, mesmo se for para um número errado. Toda vez que o telefone toca eu pulo e fico olhando para ele. E agora isso.

– Você precisa de mais uma bebida.

– Preciso de dez bebidas.

Mitch segurou o pulso dela e apertou com firmeza.

– Espere um minuto. Estou vendo um rosto familiar. Não olhe em volta.

Ela prendeu a respiração.

– Onde?

– Do outro lado do balcão. Sorria e olhe para mim.

Sentado numa banquetta e olhando atentamente para a TV estava um louro bronzeado, com suéter pesado e espalhafatoso, azul e branco. Recém-chegado das montanhas. Mas Mitch tinha visto o bronzeado, o cabelo louro e o bigode louro em algum lugar em Washington. Observou-o atentamente. A luz azul da TV iluminava o rosto dele. Mitch se escondeu no escuro. O homem levantou uma garrafa de cerveja, hesitou e, pronto!, lançou um olhar para o canto onde os McDeeres estavam aninhados.

– Tem certeza? – perguntou Abby com os dentes trincados.

– Tenho. Ele estava em Washington, mas não consigo lembrar onde. Na verdade eu o vi duas vezes.

– É um deles?

– Como vou saber?

– Vamos sair daqui.

Mitch pôs uma nota de vinte na mesa e os dois saíram do aeroporto.

DIRIGINDO O PEUGEOT de Abby, ele disparou pelo estacionamento, pagou ao funcionário e partiu na direção do centro da cidade. Depois de cinco minutos de silêncio, ela se inclinou e sussurrou no seu ouvido:

– Podemos conversar?

Ele fez que não com a cabeça.

– Bom, como estava o tempo enquanto eu fiquei fora?

Abby revirou os olhos e espiou pela janela.

– Frio – respondeu. – Esta noite pode nevar um pouco.

– A semana inteira Washington ficou abaixo de zero.

Abby pareceu perplexa com essa revelação.

– Nevou? – perguntou com as sobrancelhas erguidas e os olhos arregalados, como se estivesse fascinada pela conversa.

– Não. Só um frio de rachar.

– Que coincidência! Frio aqui e frio lá!

Mitch riu sozinho. Seguiram em silêncio pelo anel rodoviário.

– E aí, quem vai ganhar o Super Bowl? – perguntou ele.

– Os Oilers.

– Você acha? Acho que os Redskins ganham. Só falavam sobre isso em Washington.

– Nossa! Deve ser uma cidade muito divertida.

Mais silêncio. Abby pôs as costas da mão sobre a boca e se concentrou nas luzes traseiras dos carros à frente. Nesse momento de perplexidade, ela se arriscaria em Tijuana. Seu marido, o terceiro da turma (em Harvard), para quem firmas de Wall Street haviam estendido tapetes vermelhos, que poderia ter ido para qualquer lugar, para qualquer firma, tinha assinado um contrato com a... Máfia! Com cinco advogados mortos, eles certamente não hesitariam em eliminar o sexto. Seu marido! Então as muitas conversas com Kay Quin giraram em seu cérebro. A firma estimula que os casais tenham filhos. A firma permite que as esposas trabalhem, mas não para sempre. A firma não contrata ninguém cuja família tenha dinheiro. A firma exige lealdade. A firma tem a menor taxa de rotatividade do país. Não era de espantar.

Mitch a observava com atenção. Vinte minutos depois de saírem do aeroporto, o Peugeot parou na garagem ao lado do BMW. Os dois se deram as mãos e saíram juntos da garagem.



- Isso é loucura, Mitch.
- É, mas é real. Não vai sumir de uma hora para outra.
- O que vamos fazer?
- Não sei, amor. Mas precisamos fazer depressa e não podemos cometer erros.
- Estou apavorada.
- Estou aterrorizado.

TARRANCE NÃO ESPEROU muito. Uma semana depois de se despedir de Mitch perto do muro, viu-o andando apressado no frio, na direção do Edifício Federal na North Main, a oito quarteirões do Edifício Bendini. Seguiu-o por dois quarteirões e depois entrou num pequeno café com uma fileira de janelas viradas para a rua, ou o shopping, como era chamado. Carros eram proibidos na Main Street de Memphis. O asfalto fora coberto com ladrilhos quando a avenida deixou de ser uma rua e se transformou no Mid-America Mall. Uma ou outra árvore inútil e desolada brotava em meio aos ladrilhos e estendia os galhos nus entre os prédios. Mendigos e nômades urbanos andavam sem objetivo de um lado da rua para o outro, pedindo dinheiro e comida.

Tarrance sentou-se perto de uma janela e olhou a distância enquanto Mitch desaparecia no Edifício Federal. Pediu café e uma rosquinha de chocolate. Olhou o relógio. Dez da manhã. Segundo a súmula, McDeere tinha uma breve audiência no tribunal fiscal neste momento. Seria muito breve, segundo o funcionário do tribunal havia informado a Tarrance. Ele esperou.

Nada é breve no tribunal. Uma hora depois, Tarrance aproximou o rosto da janela e examinou os corpos dispersos que andavam rapidamente ao longe. Terminou a terceira xícara de café, pôs 2 dólares na mesa e se levantou, escondido junto à porta. Quando Mitch se aproximou pelo outro lado da rua, Tarrance foi rapidamente na direção dele.

Mitch o viu e diminuiu o passo por um segundo.

- Olá, Mitch. Se incomoda se eu andar com você?
- Me incomoda sim, Tarrance. É perigoso, não acha?

Os dois seguiram a passos largos e não se olharam.

- Está vendo aquela loja? – disse Tarrance, apontando à direita. – Preciso de

um par de sapatos.

Os dois entraram na sapataria Don Pang's. Tarrance foi até o final da loja estreita e parou entre duas fileiras de Reeboks falsos, dois pares por 4,99 dólares. Mitch o acompanhou e pegou um par número 42. Don Pang ou algum outro coreano olhou os dois com suspeita, mas não disse nada. Eles ficavam olhando para a frente da loja por entre as gôndolas.

– O diretor ligou para mim ontem – contou Tarrance quase sem mover os lábios. – Perguntou por você. Falou que era hora de tomar uma decisão.

– Diga a ele que ainda estou pensando.

– Você contou ao pessoal do escritório?

– Não. Ainda estou pensando.

– Isso é bom. Acho que você não deve contar. – Ele entregou um cartão a Mitch. – Fique com isso. Há dois números no verso. Use qualquer um deles em um telefone público. Você vai ser atendido por uma gravação. Deixe um recado explicando exatamente onde e como posso encontrá-lo.

Mitch pôs o cartão no bolso.

De repente Tarrance se abaixou mais.

– O que foi? – perguntou Mitch.

– Acho que fomos vistos. Acabo de ver um capanga passar pela loja e olhar para dentro. Escute, Mitch, com muita atenção. Saia comigo da loja agora mesmo e, assim que pisarmos na rua, diga para eu ir me catar e me empurre. Eu vou agir como se quisesse brigar e você vai correr na direção do seu trabalho.

– Você vai fazer com que eu seja morto, Tarrance.

– Faça o que eu digo. Assim que chegar ao escritório informe esse incidente aos sócios. Diga que eu encurralei você e que escapou assim que pôde.

Na rua, Mitch o empurrou com mais força do que o necessário.

– Larga do meu pé! E me deixa em paz! – gritou.

Em seguida correu por dois quarteirões até a Union Avenue, depois andou até o Edifício Bendini. Parou no banheiro masculino do primeiro andar para recuperar o fôlego. Olhou-se no espelho e respirou fundo dez vezes.

Avery estava ao telefone, que tinha duas luzes piscando. Uma secretária estava sentada no sofá, a postos com um bloco de taquigrafia para a enxurrada de ordens. Mitch olhou para ela.

– Pode sair um pouco, por favor? – pediu. – Preciso falar com o Avery em

particular.

Ela se levantou e Mitch a acompanhou até a porta. Em seguida a fechou.

Avery o olhou com atenção e desligou o telefone.

– O que está acontecendo? – perguntou.

Mitch parou junto do sofá.

– O FBI acabou de me encurralar quando eu voltava do tribunal.

– Droga. Quem era?

– O mesmo agente. O tal de Tarrance.

Avery pegou o telefone e continuou falando.

– Onde aconteceu?

– No shopping. Ao Norte da Union. Eu estava andando sozinho, cuidando da minha vida.

– É o primeiro contato depois daquele?

– Sim. A princípio eu não reconheci o cara.

Avery falou ao telefone.

– Aqui é Avery Tolar. Preciso falar imediatamente com Oliver Lambert...

Não me importa se ele está ao telefone. Interrompa-o. E agora.

– O que está acontecendo, Avery? – perguntou Mitch.

– Olá, Oliver. Aqui é o Avery. Desculpe a interrupção. O Mitch McDeere está aqui na minha sala. Há alguns minutos ele estava voltando do Edifício Federal quando um agente do FBI o abordou no shopping... O quê? É, ele acabou de entrar na minha sala e me contou... Certo, estaremos aí em cinco minutos. – Avery desligou. – Relaxa, Mitch. Nós já passamos por isso.

– Eu sei, Avery, mas não faz sentido. Por que eles iriam se dar ao trabalho de me perseguir? Sou o cara mais novo da firma.

– É assédio, Mitch. Puro e simples. Nada além de assédio. Sente-se.

Mitch foi até a janela e olhou o rio ao longe. Avery era um mentiroso frio. Agora era a hora do papo de “eles só estão pegando no nosso pé”. Relaxe, Mitch. Relaxar? Com oito agentes do FBI designados para vigiar a firma e o próprio diretor, o Sr. Denton Voyles, monitorando o caso diariamente? Relaxar? Ele tinha acabado de ser visto sussurrando com um agente do FBI dentro de uma sapataria barata. E agora era obrigado a agir como se fosse um peão ignorante sendo atacado pelas forças malignas do governo federal. Assédio? Então por que

o capanga estava seguindo-o numa caminhada de rotina para o tribunal? Responda a isso, Avery.

– Você está com medo, não é? – perguntou Avery, passando o braço em volta dos seus ombros e olhando pela janela.

– Na verdade, não. Locke me explicou tudo da última vez. Eu só queria que eles me deixassem em paz.

– É um negócio sério, Mitch. Não desconsidere. Vamos falar com Lambert.

Mitch acompanhou Avery, virando a esquina e seguindo pelo corredor. Um estranho de terno preto abriu a porta para eles, depois fechou. Lambert, Nathan Locke e Royce McKnight estavam em volta da pequena mesa de reuniões. De novo havia um gravador na mesa. Mitch sentou-se diante dele. Olhos Pretos sentou-se à cabeceira da mesa e encarou Mitch.

Falou com uma expressão ameaçadora. Não havia sorrisos na sala.

– Mitch, Tarrance ou mais alguém do FBI contatou você depois do primeiro encontro no fim de agosto?

– Não.

– Tem certeza?

Mitch bateu na mesa.

– Que droga! Eu disse que não! Quer me fazer jurar?

Locke levou um susto. Todos levaram um susto. Houve um silêncio pesado, tenso, durante trinta segundos. Mitch olhou com irritação para Olhos Pretos, que recuou um pouco com um movimento sutil de cabeça.

Lambert, sempre diplomático, mediador, interveio:

– Olha, Mitch, eu sei que dá medo.

– Se dá. Não gosto nem um pouco. Estou cuidando da minha vida, ralando noventa horas por semana, tentando ser só um bom advogado e um bom membro dessa firma, e por algum motivo desconhecido fico recebendo essas visitinhas do FBI. Agora, senhor, eu gostaria de algumas respostas.

Locke apertou o botão vermelho do gravador.

– Vamos falar disso em um minuto. Primeiro conte tudo que aconteceu.

– Foi muito simples, Sr. Locke. Eu entrei no Edifício Federal às dez horas para falar com o juiz Kofer sobre o caso de Malcolm Delaney. Fiquei lá por cerca de uma hora e terminei o que tinha de fazer. Saí do edifício e vinha na direção do nosso prédio. Estava com pressa, devo acrescentar. Está fazendo uns

cinco graus negativos lá fora. Um ou dois quarteirões ao Norte da Union o tal Tarrance apareceu do nada, agarrou meu braço e me empurrou para uma lojinha. Eu comecei a reagir, mas afinal de contas ele é um agente do FBI. E eu não queria fazer escândalo. Dentro da loja ele disse que queria falar por um minuto. Eu me soltei e corri para a porta. Ele foi atrás, tentou me agarrar e eu o empurrei. Depois corri para cá, fui direto para a sala do Avery e cá estamos. Foi só isso. Passo a passo, tudo.

– Sobre o que ele queria falar?

– Eu não dei chance, Sr. Locke. Não planejo falar com nenhum agente do FBI a não ser que ele tenha um mandado.

– Tem certeza de que é o mesmo agente?

– Acho que sim. A princípio não reconheci. Não o vejo desde o final de agosto. Quando entramos na loja ele mostrou o distintivo e disse o nome de novo. Foi aí que saí correndo.

Locke apertou outro botão e se recostou na cadeira. Lambert sentou-se atrás dele e deu um sorriso caloroso.

– Escute, Mitch, nós explicamos isso da outra vez. Esses caras estão cada vez mais ousados. No mês passado abordaram Jack Aldrich quando ele estava almoçando num pequeno restaurante na Second Street. Não sabemos direito o que eles querem, mas Tarrance está louco. Isso é assédio.

Mitch olhava os lábios dele, mas ouvia pouco. Enquanto Lambert falava, ele pensou em Kozinski, em Hodge, nas viúvas e nos belos filhos no funeral.

Olhos Pretos pigarreou.

– É um assunto sério, Mitch. Mas não temos nada a esconder. Seria melhor eles gastarem tempo investigando nossos clientes, se suspeitam de alguma coisa errada. Nós somos advogados. Podemos representar pessoas que brincam com a lei, mas não fazemos nada errado. Isso é muito incômodo para nós.

Mitch sorriu e abriu as mãos.

– O que vocês querem que eu faça? – perguntou com sinceridade.

– Você não pode fazer nada, Mitch – respondeu Lambert. – Só fique longe desse cara e fuja se o vir. Se ele olhar para você, informe imediatamente.

– Foi o que ele fez – reagiu Avery em tom defensivo.

Mitch tentou parecer o mais digno de pena possível.

– Pode ir, Mitch – disse Lambert. – E nos mantenha informados.

Ele saiu da sala sozinho.

DEVASHER ANDAVA DE um lado para o outro atrás da mesa e ignorou os sócios.

– Ele está mentindo, garanto. Está mentindo. O filho da puta está mentindo. Sei que está.

– O que o seu homem viu? – perguntou Locke.

– Meu homem viu uma coisa diferente. Um pouco diferente, mas muito diferente. Ele disse que McDeere e Tarrance pareciam relaxados quando entraram na sapataria. Não houve intimidação física por parte do Tarrance. Absolutamente nenhuma. Tarrance aparece, os dois conversam e parecem se esconder na loja. Meu homem disse que eles desapareceram nos fundos da loja e ficaram lá atrás uns três, talvez quatro minutos. Depois outro dos nossos homens passou pela loja, olhou dentro e não viu nada. É claro que eles viram o nosso homem, porque depois de segundos saíram voando da loja e McDeere empurrou e gritou com o cara. Alguma coisa não está certa, estou dizendo.

– Tarrance agarrou o braço dele e o forçou a entrar na loja? – perguntou Nathan Locke devagar, em tom preciso.

– De jeito nenhum. E esse é o problema. McDeere entrou voluntariamente e, quando contou que o cara agarrou o braço dele, estava mentindo. Meu homem disse que acha que eles teriam ficado lá dentro mais tempo se não tivessem visto a gente.

– Mas você não tem certeza – disse Nathan Locke.

– Eu não tenho, caramba. Eles não me convidaram para dentro da loja.

DeVasher continuou andando enquanto os advogados olhavam para o chão. Desembrulhou um Roi-Tan e o enfiou na boca gorda.

– Escute, DeVasher – tornou por fim Oliver Lambert –, é bem possível que McDeere esteja contando a verdade e seus homens tenham captado os sinais errados. É bem possível. Acho que McDeere tem direito ao benefício da dúvida.

DeVasher grunhiu e ignorou Lambert.

– Você sabe de algum contato desde agosto? – perguntou McKnight.

– Não sabemos de nenhum, mas isso não significa que eles não tenham se falado, não é? Nós não ficamos sabendo do outro até ser quase tarde demais. É impossível observar todos os movimentos deles. Impossível.

Ele andou para um lado e para outro perto de uma estante, obviamente imerso em pensamentos.

– Preciso falar com ele – disse enfim.

– Com quem?

– McDeere. É hora de termos uma conversinha.

– Sobre o quê? – perguntou Lambert, nervoso.

– Deixem que eu cuido disso, está bem? Só fiquem fora do meu caminho.

– Acho meio prematuro – opinou Locke.

– E eu não ligo a mínima para o que você acha. Se vocês, seus palhaços, estivessem encarregados da segurança, estariam todos na prisão.

MITCH SENTOU-SE EM sua sala com a porta fechada e ficou olhando as paredes. Uma enxaqueca começava a se formar na nuca e ele sentiu enjoo. Houve uma batida à porta.

– Entre – chamou baixinho.

Avery enfiou a cabeça, depois veio até a mesa.

– Vamos almoçar?

– Não, obrigado. Não estou com fome.

O sócio enfiou as mãos nos bolsos da calça e deu um sorriso caloroso.

– Olha, Mitch, sei que você está preocupado. Vamos tirar uma folga. Eu preciso ir a uma reunião no centro. Por que não se encontra comigo no Manhattan Club à uma hora? Vamos ter um almoço longo e conversar. Reservei a limusine para você. Ela vai estar esperando lá fora às quinze para a uma.

Mitch conseguiu dar um sorriso débil, como se estivesse comovido com isso.

– Claro, Avery. Por que não?

– Bom. Vejo você à uma.

No horário marcado Mitch deixou o edifício e foi até a limusine. O motorista abriu a porta e Mitch entrou. Havia alguém lá dentro.

Um homem corpulento, careca, com pescoço enorme e papada volumosa, estava sentado com ar presunçoso no canto do banco de trás. Ele estendeu a mão.

– Meu nome é DeVasher, Mitch. É um prazer conhecê-lo.

– Estou na limusine certa? – perguntou Mitch.

– Sim, sim. Relaxe.

O motorista partiu com o carro.

– O que posso fazer por você? – perguntou Mitch.

– Pode ouvir durante um tempo. Nós precisamos ter uma conversinha.

A limusine entrou na Riverside Drive e foi em direção à ponte Hernando De Soto.

– Aonde nós vamos?

– Dar uma voltinha. Relaxe, filho.

Então eu sou o número seis, pensou Mitch. É isso. Não. Espere um minuto. Eles eram muito mais criativos nos assassinatos.

– Mitch, posso chamar você de Mitch?

– Claro.

– Ótimo, Mitch, eu sou encarregado da segurança da firma e...

– Por que a firma precisa de segurança?

– Só escute, filho, e eu explico. A firma tem um programa de segurança amplo graças ao velho Bendini. Ele era fanático por segurança e sigilo. Meu serviço é proteger a firma e, francamente, estamos muito preocupados com esse negócio do FBI.

– Eu também.

– Então. Nós acreditamos que o FBI está decidido a se infiltrar na nossa firma para reunir informações sobre certos clientes.

– Que clientes?

– Algumas figuras importantes com paraísos fiscais questionáveis.

Mitch assentiu e olhou o rio lá embaixo. Agora estavam no Arkansas e o horizonte de Memphis sumia lá atrás. DeVasher interrompeu por um tempo a conversa. Ficou sentado feito um sapo, com as mãos cruzadas na pança. Mitch esperou, até ficar claro que os lapsos na conversa e o silêncio desagradável não incomodavam DeVasher. Vários quilômetros depois de atravessarem o rio, o motorista saiu da interestadual e encontrou uma estrada rural que fazia um retorno e ia para o leste. Então entrou numa estrada de cascalho perto do rio que seguiu por 1,5 quilômetro por uma planície com plantações de feijão. De repente Memphis ficou visível de novo, do outro lado da água.

– Aonde nós vamos? – perguntou Mitch com algum alarme.

– Relaxe. Quero mostrar uma coisa.

Um cemitério, pensou Mitch. A limusine parou num penhasco que descia



uns 3 metros até um trecho de areia perto da margem. A vista do horizonte da cidade era impressionante do outro lado. O topo do Edifício Bendini estava visível.

– Vamos andar – disse DeVasher.

– Para onde?

– Venha. Está tudo bem.

DeVasher abriu a porta e foi até o para-choque traseiro. Devagar, Mitch o acompanhou.

– Como eu estava dizendo, Mitch, nós estamos muito incomodados com esse contato com o FBI. Se você falar com eles, eles vão se intrometer mais, depois quem sabe o que os idiotas vão tentar? É imperativo que você não fale com eles nunca mais. Entendido?

– Sim. Eu tinha entendido desde o primeiro contato em agosto.

De repente, DeVasher estava com a cara grudada na dele, nariz com nariz. E deu um sorriso maligno.

– Eu tenho uma coisa que vai garantir que você continue sendo honesto.

Ele enfiou a mão no paletó e pegou um envelope de papel pardo.

– Dê uma olhada nisso – pediu com um risinho e se afastou.

Mitch se encostou na limusine e abriu o envelope, nervoso. Havia quatro fotos em preto e branco, de 20 por 25, muito nítidas. Na praia. A garota.

– Ah, meu Deus! Quem tirou isso? – gritou Mitch para ele.

– Que diferença faz? É você, não é?

Não havia dúvida de quem era. Mitch rasgou as fotos em pedacinhos e os jogou na direção de DeVasher.

– Nós temos um monte – avisou DeVasher com calma. – Várias. Não queremos usá-las, mas basta mais uma conversinha com o Sr. Tarrance ou qualquer outro federal e nós mandamos tudo para sua mulher. O que acha, Mitch? Imagine sua linda mulherzinha indo à caixa de correio para pegar o catálogo de compras e encontrando um envelope estranho endereçado a ela. Pense nisso, Mitch. Na próxima vez que você e Tarrance decidirem comprar sapatos de plástico, pense em nós, Mitch. Porque estaremos vigiando.

– Quem sabe sobre isso? – perguntou Mitch.

– Eu e o fotógrafo, e agora você. Ninguém da firma sabe e não planejo contar

a eles. Mas, se você fizer merda de novo, suspeito que vão passar as fotos uns para os outros no almoço. Eu jogo duro, Mitch.

Mitch sentou-se no porta-malas e esfregou as têmporas. DeVasher se aproximou.

– Escute, filho. Você é um rapaz muito inteligente e está prestes a ganhar uma grana preta. Não estrague tudo. Só trabalhe duro, entre no jogo, compre carros novos, construa casas maiores, essas coisas. Como todos os outros caras. Não tente ser herói. Não quero usar as fotos.

– Está bem, está bem.

Durante dezessete dias e dezessete noites, a difícil vida de Mitch e Abby McDeere prosseguiu com discrição, sem interferência de Wayne Tarrance ou de qualquer um dos seus confederados. Voltaram à rotina. Mitch trabalhava dezoito horas por dia, todos os dias da semana, e jamais saía do escritório por qualquer motivo, a não ser quando ia para casa. Almoçava na mesa. Avery mandava outros associados à rua, apresentar petições ou se apresentar no tribunal. Mitch raramente saía da sala, o abrigo de 4,5 metros quadrados onde tinha certeza que Tarrance não poderia pegá-lo. Evitava corredores, banheiros e a copa. Eles estavam vigiando, tinha certeza. Não sabia quem eram, mas sem dúvida um monte de pessoas tinha interesse vital em seus movimentos. Então ele permanecia na sua mesa, com a porta fechada na maior parte do tempo, trabalhando com diligência, faturando feito louco e tentando esquecer que o prédio tinha um quinto andar e que no quinto andar havia um sacana maldoso chamado DeVasher, dono de uma coleção de fotos capaz de arruiná-lo.

A cada dia sem novidades, Mitch se fechava mais dentro de seu refúgio e tinha mais esperança de que o último episódio na sapataria coreana tivesse amedrontado Tarrance ou talvez feito com que ele fosse demitido. Talvez Voyles simplesmente se esquecesse de toda a operação, e Mitch poderia continuar seu caminho feliz para ficar rico, virar sócio e comprar tudo que estivesse à venda. Mas sabia que não seria assim.

Para Abby a casa era uma prisão, mesmo que pudesse entrar e sair à vontade. Trabalhava mais tempo na escola, passava mais tempo andando pelos shoppings

e ia pelo menos uma vez por dia à mercearia. Observava todo mundo, em especial os homens de terno escuro que olhavam para ela. Usava óculos escuros para que eles não vissem seus olhos. Usava-os até quando estava chovendo. Tarde da noite, depois de jantar sozinha enquanto esperava por ele, olhava as paredes e resistia à tentação de investigar. Precisaria examinar os telefones com uma lupa. Os fios e microfones poderiam não ser invisíveis, dizia a si mesma. Mais de uma vez pensou em comprar um livro sobre esses dispositivos para poder identificá-los. Mas Mitch disse para não fazer isso. Os grampos estavam na casa, garantiu ele, e qualquer tentativa de encontrá-los poderia ser desastrosa.

Assim ela andava em silêncio pela casa, sentindo-se violada e sabendo que aquela situação não duraria muito mais tempo. Os dois sabiam da importância de parecerem normais, de falar de modo normal. Tentavam ter conversas normais sobre como tinha sido o dia, sobre a firma e os alunos dela, sobre o tempo, sobre isso e aquilo. Mas as conversas eram frias, frequentemente forçadas e tensas. Na época da faculdade, eles faziam amor com frequência e barulho. Aquilo não existia mais. Alguém estava escutando.

As caminhadas pelo quarteirão à meia-noite se tornaram um hábito. Depois de um sanduíche rápido à noite, eles repetiam as frases ensaiadas sobre precisarem de exercício e iam para a rua. Davam as mãos e andavam no frio, falando da firma e do FBI e sobre qual caminho seguir. Sempre a mesma conclusão: não havia saída. Nenhuma. Dezesete dias e dezesete noites.

O décimo oitavo dia provocou uma nova reviravolta. Mitch estava exausto às nove da noite e decidiu ir para casa. Tinha trabalhado sem parar durante quinze horas e meia. A 200 dólares a hora. Como sempre, atravessou os corredores do segundo andar e pegou a escada para o terceiro. Verificou casualmente cada sala para ver quem ainda estava trabalhando. Ninguém no terceiro andar. Pegou a escada para o quarto andar e andou por todo o amplo corredor procurando alguma coisa. Todas as luzes estavam apagadas, menos uma. Royce McKnight estava trabalhando até tarde. Mitch passou pela sala dele sem ser visto. A porta de Avery estava fechada e Mitch moveu a maçaneta. Estava trancada. Foi até a biblioteca no fim do corredor, procurando um livro do qual não precisava. Depois de duas semanas de inspeções noturnas casuais, não tinha encontrado câmeras de vigilância acima dos corredores ou das salas. Eles só ouvem, concluiu. Não veem.

Despediu-se de Dutch Hendrix na garagem e foi para casa. Abby não o esperava tão cedo. Ele destrancou silenciosamente a porta da garagem e entrou na cozinha. Acendeu uma luz. Ela estava no quarto. Entre a cozinha e o escritório havia uma pequena antessala com uma escrivaninha de tampo corrediço onde Abby deixava a correspondência todo dia. Ele pôs sua pasta na mesa sem fazer barulho e viu. Um grande envelope pardo endereçado com pincel atômico preto a Abby McDeere. Sem remetente. Rabiscado em letras pretas: FOTOGRAFIAS — NÃO DOBRAR. Primeiro seu coração parou, depois a respiração. Ele pegou o envelope. Tinha sido aberto.

Uma grossa camada de suor brotou na testa. Sua boca estava seca e ele não conseguia engolir. O coração voltou a bater com a fúria de uma marreta. A respiração estava pesada e dolorosa. O estômago embrulhado. Afastou-se lentamente da escrivaninha, segurando o envelope. Ela está na cama, pensou. Magoada, enojada, arrasada e completamente furiosa. Enxugou a testa e tentou se controlar. Encare isso como homem, disse a si mesmo.

Ela estava na cama, lendo um livro com a televisão ligada. O cachorro estava no quintal dos fundos. Mitch abriu a porta do quarto e Abby se levantou em um salto, horrorizada. Quase gritou contra o intruso, até reconhecê-lo.

— Você me assustou, Mitch!

Os olhos dela reluziram de medo, depois de alegria. Não pareciam ter marejado no dia. Estavam bem, normais. Sem dor. Sem raiva. Ele não conseguiu falar.

— Por que você está em casa? — perguntou ela, sentada na cama, agora sorrindo.

Sorrindo?

— Eu moro aqui — respondeu ele debilmente.

— Por que não ligou?

— Eu preciso ligar antes de voltar para casa?

Agora sua respiração estava quase normal. Ela estava bem!

— Seria bom. Venha aqui e me beije.

Ele se inclinou sobre a cama e a beijou. Entregou o envelope a ela.

— O que é isso? — perguntou em tom despreocupado.

— Eu que pergunto. Está endereçado a mim, mas não havia nada dentro. Absolutamente nada.

Ela fechou o livro que estava lendo e o colocou na mesinha de cabeceira.

Absolutamente nada! Ele sorriu para ela e a beijou de novo.

– Você está esperando receber fotos de alguém? – perguntou ele, fingindo completa ignorância.

– Não que eu saiba. Deve ter sido engano.

Mitch quase podia ouvir DeVasher gargalhando neste momento, no quinto andar. Aquele gordo canalha estava lá em cima, em alguma sala escura cheia de fios e máquinas, com um fone de ouvido esticado em volta da cabeça enorme como uma bola de boliche, rindo incontrolavelmente.

– Estranho – disse Mitch.

Abby vestiu uma calça jeans e apontou para o quintal dos fundos. Mitch assentiu. O sinal era simples, só um dedo ou a cabeça virando na direção do quintal.

Mitch deixou o envelope na escrivaninha de tampo corrediço e por um segundo tocou as palavras rabiscadas. Devia ser a letra de DeVasher. Quase podia ouvi-lo rindo. Podia ver seu rosto gordo e o sorriso maligno. As fotos deviam ter passado de mão em mão durante o almoço na sala de jantar dos sócios. Ele podia ver Lambert, McKnight e até Avery olhando-as com admiração por cima do café e da sobremesa.

Era melhor que eles curtissem as fotos, desgraçados. Era melhor curtirem os últimos poucos meses de suas carreiras jurídicas brilhantes, ricas e felizes.

Abby passou e ele segurou a mão dela.

– O que temos para jantar? – perguntou, para ser ouvido por alguém.

– Por que não saímos? A gente deveria comemorar, já que você chegou em casa numa hora decente.

Passaram pelo escritório.

– Boa ideia – falou Mitch.

Os dois saíram pela porta dos fundos e atravessaram o quintal até a área escura.

– O que é? – perguntou Mitch.

– Hoje você recebeu uma carta de Doris. Ela disse que está em Nashville, mas vai voltar a Memphis em 27 de fevereiro. Diz que precisa ver você. É importante. Foi uma carta muito curta.

– Vinte e sete! Foi ontem!

- Eu sei. Imagino que ela já esteja na cidade. O que será que ela quer?
- Não faço ideia. E onde será que ela está?
- Ela disse que o marido tinha um compromisso na cidade.
- Bom. Ela vai nos encontrar – disse Mitch.

NATHAN LOCKE FECHOU a porta da sua sala e sinalizou para DeVasher sentar-se à pequena mesa de reuniões perto da janela. Os dois se odiavam e não faziam qualquer esforço para serem cordiais. Mas negócios eram negócios e eles recebiam ordens do mesmo homem.

– Lazarov queria que eu falasse com você, a sós – começou DeVasher. – Passei os últimos dois dias com ele em Vegas e ele está muito ansioso. Todos estão ansiosos, Locke, e ele confia mais em você do que em todos os outros por aqui. Ele gosta de você mais do que gosta de mim.

– É compreensível – disse Locke sem sorrir.

As rugas pretas em volta dos olhos se estreitaram e se concentraram atentamente em DeVasher.

– De qualquer modo, ele quer que a gente converse sobre algumas coisas.

– Estou ouvindo.

– McDeere está mentindo. Você sabe que Lazarov sempre alardeou que tem um informante dentro do FBI. Bom, eu nunca acreditei nele, e ainda não acredito na maior parte do que ele diz. Mas, segundo Lazarov, a fonte dele diz que houve algum tipo de reunião secreta envolvendo McDeere e alguns pesos-pesados do FBI quando seu garoto esteve em Washington em janeiro. Nós estávamos lá e nossos homens não viram nada, mas é impossível seguir alguém 24 horas por dia sem ser percebido. É possível que ele tenha escapado por algum tempo sem que soubéssemos.

– Você acredita nisso?

– Não importa se eu acredito ou não. Lazarov acredita, e só isso importa. De qualquer modo, ele me disse para fazer planos preliminares para... Bem, para dar um jeito nele.

– Que droga, DeVasher! Não podemos ficar eliminando pessoas.

– São apenas planos preliminares, nada sério. Eu disse a Lazarov que achava

cedo demais e que seria um erro. Mas eles se mostravam muito preocupados, Locke.

– Isso não pode continuar, DeVasher. Que droga! Temos uma reputação a zelar. Temos uma taxa de mortes maior do que as plataformas de petróleo. As pessoas vão começar a comentar. Vai chegar a um ponto em que nenhum estudante de Direito com a mente no lugar vai aceitar um emprego aqui.

– Acho que você não precisa se preocupar com isso. Lazarov pediu para suspender novas contratações. Mandou que eu lhe dissesse isso. Ele também quer saber quantos associados ainda não sabem.

– Cinco, acho. Vejamos. Lynch, Sorrell, Buntin, Myers e McDeere.

– Esqueça McDeere. Lazarov está convencido de que ele sabe muito mais do que imaginamos. Tem certeza de que os outros quatro não sabem de nada?

Locke pensou um momento.

– Bom, nós não contamos a eles – murmurou. – Vocês estão ouvindo e observando. O que ouviram?

– Nada daqueles quatro. Eles parecem ignorar e agem como se não suspeitassem de nada. Você pode demiti-los?

– Demitir! Eles são advogados, DeVasher. Você não demite advogados. São membros leais da firma.

– A firma está mudando, Locke. Lazarov quer demitir os que não sabem e parar de contratar novos. É óbvio que os federais mudaram de estratégia e é hora de nós também mudarmos. Lazarov quer preparar as barricadas e tapar os vazamentos. Não podemos ficar sentados esperando que eles peguem os nossos rapazes.

– Demitir – repetiu Locke, incrédulo. – Essa firma nunca demitiu um advogado.

– Muito tocante, Locke. Nós apagamos cinco, mas nunca demitimos nenhum. Isso é bom mesmo. Você tem um mês para fazer isso, portanto comece a pensar num motivo. Sugiro que demita os quatro ao mesmo tempo. Diga que perderam uma conta grande e estão cortando custos.

– Nós temos clientes, e não contas.

– Certo, ótimo. Seu maior cliente está pedindo que demitam Lynch, Sorrell, Buntin e Myers. Agora comece a planejar.

– Como vamos demitir esses quatro sem demitir McDeere?



– Você vai pensar em alguma coisa, Nat. Você tem um mês. Livre-se deles e não contrate nenhum novo. Lazarov quer uma unidade pequena, em que todo mundo seja de confiança. Ele está apavorado, Nat. Apavorado e furioso. Não preciso dizer o que aconteceria se um dos nossos rapazes abrisse o bico.

– Não precisa dizer. O que ele planeja fazer com McDeere?

– Por enquanto, nada além do usual. Estamos ouvindo 24 horas por dia e o garoto nunca disse uma palavra à mulher nem a ninguém. Nem uma palavra! Ele foi encurralado duas vezes pelo Tarrance e informou os dois incidentes a vocês. Ainda estou achando o segundo encontro meio suspeito, por isso estamos sendo muito cuidadosos. Lazarov, por outro lado, insiste que houve um encontro em Washington. Ele está tentando confirmar. Disse que as fontes sabiam pouco, mas estavam investigando. Se McDeere se encontrou mesmo com os federais lá e não nos informou, tenho certeza de que Lazarov vai me instruir a agir rapidamente. É por isso que ele quer os planos preliminares para tirar McDeere da reta.

– Como você planeja fazer isso?

– É cedo demais. Não pensei muito nisso.

– Você sabe que ele e a mulher vão passar duas semanas de férias nas Cayman. Vão ficar numa das nossas casas, como é usual.

– Não faríamos lá outra vez. Seria suspeito demais. Lazarov me instruiu a fazer com que ela engravide.

– A mulher do McDeere?

– É. Ele quer que os dois tenham um filho, uma pequena alavancagem. Ela está tomando pílula, por isso a gente precisa entrar lá, tirar as pílulas e substituir por placebo.

Os grandes olhos pretos se entristeceram só um pouquinho e espiaram pela janela.

– Que droga está acontecendo, DeVasher? – perguntou baixinho.

– Este lugar vai mudar, Nat. Parece que os federais estão extremamente interessados e ficam ciscando. Um dia, quem sabe, um dos nossos garotos pode engolir a isca e vocês todos vão ter que fugir da cidade no meio da noite.

– Não acredito, DeVasher. Nossos advogados não seriam idiotas de arriscar a vida e a família em troca de algumas promessas dos federais. Simplesmente não

acredito que isso vá acontecer. Esses rapazes são inteligentes demais e estão ganhando dinheiro demais.

– Espero que você esteja certo.

O corretor encostou na parede do fundo do elevador e admirou por trás a minissaia de couro preto. Acompanhou-a quase até os joelhos, onde ela terminava e as costuras das meias de seda preta ficavam, descendo até os sapatos altos pretos. Sapatos exóticos, com pequenos laços vermelhos sobre os dedos. Ele voltou lentamente, subindo pelas meias, passando pelo couro, parando para admirar a bunda redonda, depois subiu até o suéter de caxemira vermelho que, de seu ponto de vista, revelava pouco, mas que pelo outro lado era impressionante, como tinha notado no saguão. O cabelo terminava logo abaixo das escápulas e contrastava lindamente com o vermelho. Ele sabia que era oxigenado, mas era só somar o oxigenado com a minissaia de couro, as costuras nas meias, os sapatos exóticos e o suéter justo exibindo aquelas coisas na frente. Somando tudo isso, ele sabia que essa era uma mulher que ele poderia ter. Gostaria de ter uma mulher dessa no prédio. Ela só queria uma sala pequena. O aluguel era negociável.

O elevador parou. A porta se abriu e ele a acompanhou até o corredor estreito.

– Por aqui – apontou, acendendo uma luz.

Quando dobraram a esquina, passou à frente dela e enfiou uma chave numa porta de madeira envelhecida.

– São só dois cômodos – explicou ele, acendendo outro interruptor. – Tem uns 20 metros quadrados.

Ela foi direto até a janela.

– A vista é legal – disse Tammy, olhando ao longe.

– Sim, é uma bela vista. O carpete é novo. A sala foi pintada no outono passado. O banheiro fica no corredor. É um lugar legal. Todo o prédio foi reformado nos últimos oito anos.

Ele olhava para as costuras pretas enquanto falava.

– Não é ruim – observou Tammy, não em resposta a qualquer coisa que ele tivesse mencionado. Ela continuou a olhar pela janela. – Qual é o nome deste lugar?

– Cotton Exchange Building. É um dos mais antigos de Memphis, um endereço realmente prestigioso.

– O aluguel também é prestigioso?

Ele pigarreou e levantou uma pasta de papel. Não olhou para ela. Estava encarando os sapatos.

– Bom, é uma sala muito pequena. Para que você disse que precisava?

– Trabalho secretarial. Autônomo.

Ela foi até a outra janela, ignorando-o. Ele acompanhava cada movimento.

– Sei. Por quanto tempo você vai precisar?

– Seis meses, com possibilidade de estender para um ano.

– Certo, para seis meses podemos alugar por 350 por mês.

Ela não se mexeu nem desviou o olhar da janela. Tirou o pé direito do sapato e esfregou o tornozelo esquerdo. O corretor observou que a costura continuava por baixo do calcanhar e seguia pela planta do pé. As unhas do pé eram... vermelhas! Ela inclinou o traseiro para a esquerda e se apoiou no parapeito da janela. A pasta dele estava tremendo.

– Eu pago 250 por mês – disse ela com autoridade.

Ele pigarreou. Não havia sentido em ser ganancioso. Aquelas salas minúsculas eram espaço morto, inúteis para qualquer outra pessoa, e fazia anos que não eram ocupadas. Seria bom que o prédio tivesse uma secretária autônoma. Caramba, talvez até ele precisasse de uma secretária autônoma.

– Trezentos, nada menos. Este prédio é muito procurado. Noventa por cento está ocupado agora. Trezentos por mês, e está barato. Com esse preço nós mal cobrimos os custos.

Tammy se virou de repente, e ali estavam os seios dela. Encarando-o. A caxemira se esticava em volta deles.

– O anúncio dizia que havia salas mobiliadas disponíveis – comentou ela.

– Nós podemos mobiliar esta – respondeu ele, querendo cooperar. – Do que você precisa?

Ela olhou em volta.

– Eu gostaria de uma mesa de trabalho e um aparador ali. Vários arquivos. Duas poltronas para clientes. Nada chique. A outra sala não precisa ser mobiliada. Vou colocar uma copiadora lá.

– Sem problema – falou ele com um sorriso.

– E eu pago 300 por mês, mobiliada.

– Bom.

Ele abriu a pasta de papel e tirou um formulário de locação em branco. Colocou-o numa mesa dobrável e começou a escrever.

– Seu nome?

– Doris Greenwood. – A mãe dela era Doris Greenwood e ela havia sido Tammy Inez Greenwood antes de esbarrar em Buster Hemphill, que mais tarde se tornou (legalmente) Elvis Aaron Hemphill, e desde então a vida praticamente havia descido ladeira abaixo. Sua mãe morava em Effingham, Illinois.

– Certo, Doris – disse ele, esforçando-se para ser cortês, como se agora fossem amigos e a cada momento ficassem mais íntimos. – Endereço de casa?

– Para que você precisa? – perguntou ela, irritada.

– Bom, ah... nós simplesmente precisamos dessa informação.

– Não é da sua conta.

– Certo, certo. Sem problema. – Ele riscou dramaticamente essa parte do formulário. Curvou-se sobre o papel. – Vejamos. Vamos colocar de hoje, 2 de março, até 2 de setembro. Seis meses. Está bom?

Ela assentiu e acendeu um cigarro.

Ele leu o parágrafo seguinte.

– Certo, exigimos um depósito de 300 dólares e o primeiro mês de aluguel adiantado.

Ela tirou um rolo de dinheiro de um bolso da saia de couro apertada. Contou seis notas de 100 dólares e pôs na mesa.

– Recibo, por favor – exigiu.

– Sem dúvida.

Ele continuou escrevendo.

– Em que andar estamos? – perguntou ela, voltando à janela.

– Nono. Há uma multa de dez por cento se atrasar o pagamento que deve ser feito até o dia 15 de cada mês. Podemos inspecionar a sala a qualquer momento se tivermos motivo razoável. A sala não pode ser usada para nenhuma atividade ilegal. Você vai pagar por todas as despesas de condomínio e o seguro. Vai ter uma vaga no estacionamento do outro lado da rua. Alguma pergunta?

– Tenho. E se eu trabalhar até tarde? Quero dizer, bem tarde da noite.

– Não tem problema. Você pode entrar e sair quando quiser. Depois de anoitecer, o segurança na porta da Front Street vai deixar você passar.

Tammy enfiou o cigarro entre os lábios pegajosos e foi até a mesa. Olhou o formulário de aluguel, hesitou e depois escreveu o nome de Doris Greenwood.

Os dois saíram, trancaram a porta e ele a acompanhou cuidadosamente até o elevador.

Ao meio-dia do dia seguinte, os móveis tinham sido entregues e Doris Greenwood, da Serviços Greenwood, arrumou a máquina de escrever alugada e o telefone alugado sobre a mesa. Sentada de frente para a máquina, podia virar o rosto ligeiramente para a esquerda e vigiar pela janela o tráfego na Front Street. Encheu as gavetas da mesa com papéis de datilografia, cadernos, lápis e bugigangas. Colocou revistas nos arquivos e na mesinha entre as duas poltronas onde os clientes iriam se sentar.

Houve uma batida à porta.

– Quem é? – perguntou.

– É a sua copiadora – respondeu uma voz.

Ela destrancou a porta e a abriu. Um homenzinho baixo e hiperativo chamado Gordy entrou rapidamente, olhou em volta e disse com grosseria:

– Certo, onde você quer que ponha?

– Ali – respondeu Tammy, apontando para a sala vazia, de 2,5 por 3 metros, sem porta na moldura. Dois rapazes vestindo uniformes azuis empurraram o carrinho com a copiadora.

Gordy colocou a papelada em cima da mesa.

– É uma copiadora bem grande para este lugar. Faz até noventa cópias por minuto, com bandejas múltiplas e alimentação automática.

– Onde eu assino? – perguntou ela, ignorando a conversa fiada.

Ele apontou com a caneta.

– Seis meses, 240 por mês. Isso inclui serviço e manutenção e quinhentas folhas de papel nos primeiros dois meses. Vai querer tamanho ofício ou carta?

– Ofício.

– O primeiro pagamento deve ser feito no dia 10, e a mesma coisa nos outros cinco meses. O manual de instruções está no suporte. Ligue para mim se tiver alguma dúvida.

Os dois carregadores olharam boquiabertos para os jeans desbotados e os sapatos altos vermelhos e saíram devagar da sala. Gordy arrancou a cópia amarela do recibo e a entregou a ela.

– Obrigado – disse.

Ela trancou a porta. Foi até a janela perto da mesa e olhou para o Norte, ao longo da Front Street. A dois quarteirões, do lado oposto, podia ver o quarto e o quinto andar do Edifício Bendini.

ELE SE MANTEVE discreto, com o nariz enfiado nos livros e nas pilhas de papéis. Estava ocupado demais para falar com qualquer um dos advogados, a não ser para Lamar. Tinha certeza de que seu recolhimento não passava despercebido. Por isso trabalhava mais. Talvez eles não suspeitassem se ele faturasse vinte horas por dia. Talvez o dinheiro pudesse isolá-lo.

Nina deixou uma caixa de pizza fria quando saiu depois do almoço. Ele comeu enquanto limpava a mesa. Ligou para Abby. Disse que ia visitar Ray e que voltaria para Memphis no domingo à noite. Saiu pela porta lateral e foi até o estacionamento.

Durante três horas e meia voou pela Interestadual 40 com os olhos voltados para o retrovisor. Nada. Não os viu. Eles provavelmente só ligam avisando, pensou, e o esperam em algum lugar por lá. Em Nashville, pegou de súbito uma saída para o centro da cidade. Usando um mapa rabiscado, entrava e saía do trânsito, fazendo retornos sempre que possível e dirigindo feito um maluco. Ao Sul da cidade entrou num grande complexo de apartamentos e passou devagar entre os prédios. O lugar era bem razoável. Os estacionamentos eram limpos e os rostos, brancos. Todos. Parou perto do escritório e trancou o BMW. O telefone público perto da piscina coberta funcionava. Ligou para um táxi e deu um

endereço a dois quarteirões dali. Correu entre os prédios, andou por uma rua lateral e chegou no mesmo instante que o táxi.

– Estação de ônibus Greyhound – disse ao motorista. – E depressa. Tenho dez minutos.

– Relaxa, meu chapa. São só seis quarteirões.

Mitch se abaixou no banco de trás e olhou o tráfego. O motorista dirigia com uma confiança lenta e sete minutos depois parou diante da estação. Mitch jogou duas notas de cinco por cima do banco e correu para o terminal. Comprou uma passagem só de ida no ônibus das quatro e meia para Atlanta. Eram 4h31 segundo o relógio na parede. A atendente apontou pela porta de vaivém.

– Ônibus número 454 – avisou ela. – Já vai sair.

O motorista bateu a porta do bagageiro, pegou a passagem de Mitch e o acompanhou dentro do ônibus. As primeiras três fileiras estavam ocupadas por idosos. Mais uma dezena de passageiros se espalhava até o fundo. Mitch andou devagar pelo corredor, olhando cada rosto e não vendo ninguém. Pegou um banco de janela na quarta fileira de trás para a frente. Pôs um par de óculos escuros e olhou para trás. Ninguém. Droga! Será que era o ônibus errado? Olhou pelas janelas escuras enquanto o ônibus se misturava rapidamente no trânsito. Eles iriam parar em Knoxville. Talvez seu contato estivesse lá.

Quando estavam na interestadual e o motorista alcançou a velocidade de cruzeiro, um homem de jeans e camisa xadrez apareceu e sentou-se ao lado de Mitch. Era Tarrance. Mitch respirou mais aliviado.

– Onde você estava? – perguntou.

– No banheiro. Você despistou os caras?

Tarrance falava em voz baixa enquanto examinava as nuças dos passageiros. Ninguém estava escutando. Ninguém podia escutar.

– Não vi ninguém, Tarrance. Por isso não posso dizer se os despistei. Mas acho que eles teriam que ser o Super-Homem para me seguir desta vez.

– Você viu o nosso homem no terminal?

– Vi. Perto do telefone público, com o boné vermelho dos Falcons. Um cara negro.

– É ele. Ele teria sinalizado se os caras estivessem seguindo você.

– Ele me deu o sinal de tudo bem.

Tarrance usava óculos espelhados prateados e um boné de beisebol da



Universidade de Michigan. Mitch sentiu cheiro de chiclete Juicy Fruit.

– Não está de uniforme! – exclamou Mitch sem sorrir. – Voyles deu permissão para você se vestir assim?

– Esqueci de perguntar a ele. Vou falar nisso amanhã de manhã.

– Domingo de manhã?

– Claro. Ele vai querer saber sobre nossa viagensinha de ônibus. Falei com ele durante uma hora antes de sair da cidade.

– Bom, uma coisa de cada vez. E o meu carro?

– Vamos pegá-lo daqui a alguns minutos e cuidar dele para você. Ele vai estar em Knoxville quando você precisar. Não se preocupe.

– Você não acha que eles vão encontrar a gente?

– Impossível. Ninguém acompanhou você ao sair de Memphis e nós não detectamos nada em Nashville. Você está totalmente fora de vista.

– Desculpe pela preocupação. Mas depois daquele fiasco na sapataria sei que vocês não são imunes à imbecilidade.

– Foi um erro, certo. Nós...

– Um erro enorme. Que poderia ter me colocado na lista das baixas.

– Você cobriu tudo bem. Não vai acontecer de novo.

– Prometa, Tarrance. Prometa que ninguém vai me abordar em público de novo.

Tarrance olhou pelo corredor e assentiu.

– Não, Tarrance. Eu preciso ouvir da sua boca. Prometa.

– Está bem, está bem. Não vai acontecer de novo. Prometo.

– Obrigado. Agora talvez eu possa comer num restaurante sem medo de ser abordado.

– Você já defendeu seu argumento.

Um velho negro, de bengala, veio devagar na direção deles, sorriu e passou. A porta do banheiro bateu. O Greyhound pegou a pista da esquerda e ultrapassou os motoristas obedientes à lei.

Tarrance folheou uma revista. Mitch olhou para o campo. O homem de bengala terminou de fazer o que tinha ido fazer e foi bamboleando até seu banco na primeira fila.

– E o que traz você aqui? – perguntou Tarrance, folheando páginas.

– Não gosto de avião. Sempre pego ônibus.

- Sei. Por onde você gostaria de começar?
- Voyles disse que você tinha um plano de ação.
- Tenho. Só preciso de um quarterback.
- Os bons são caros.
- Nós temos dinheiro.

– Vai custar muitíssimo mais do que vocês imaginam. Do modo como eu vejo, vou jogar fora uma carreira de advogado com, digamos, uma média de meio milhão por ano durante quarenta anos.

- São 20 milhões de dólares.
- Eu sei. Mas podemos negociar.

– É bom saber. Você está presumindo que vai trabalhar, ou exercer a profissão, como vocês dizem, durante quarenta anos. É uma presunção muito precária. Só por diversão, vamos presumir que em cinco anos a gente estoure a firma e indicie você junto com os seus coleguinhas. E que a gente consiga condená-los e que você vá passar alguns anos na prisão. Eles não vão mantê-lo por muito tempo porque você seria crime do colarinho-branco, e é claro que já ouviu dizer como as penitenciárias federais são boas. Mas, de qualquer modo, você vai perder sua licença, sua casa, seu pequeno BMW. Provavelmente sua mulher. Quando sair, pode abrir um serviço de investigação particular como o seu velho amigo Lomax. O trabalho é fácil, a não ser que você fareje a cueca errada.

- Como eu disse, é negociável.
- Certo. Vamos negociar. Quanto você quer?
- Para quê? – falou Mitch com o canto da boca, olhando para a frente.

Tarrance fechou a revista, colocou-a embaixo do banco e abriu uma brochura grossa. Fingiu ler.

– É uma pergunta muito boa – murmurou Tarrance, pouco mais alto do que o ruído distante do motor. – O que nós queremos de você? Boa pergunta. Primeiro, você precisa abrir mão de sua carreira de advogado. Terá que revelar segredos e registros que pertencem aos seus clientes. Isso, claro, basta para que você perca a licença, mas não é o principal. Você e eu devemos concordar que você vai nos entregar a firma de bandeja. Assim que concordarmos, se concordarmos, o resto vai se encaixar. Segundo, e mais importante, você vai nos entregar documentos

suficientes para indiciar todos os membros da firma e principalmente os chefões da família Morolto. Os registros estão naquele pequeno prédio na Front Street.

– Como você sabe?

Tarrance sorriu.

– Sabemos porque gastamos bilhões de dólares lutando contra o crime organizado. Porque seguimos os Moroltos há vinte anos. Porque temos fontes dentro da família. Porque Hodge e Kozinski estavam passando informações quando foram assassinados. Não nos menospreze, Mitch.

– E você acha que eu consigo alguma informação?

– Sim, doutor. Você pode montar por dentro um caso que vai desmorrar a firma e derrubar uma das maiores famílias criminosas do país. Você precisa mostrar como a firma é. Onde fica a sala de quem? Nomes de todas as secretárias, dos escriturários, assistentes jurídicos. Quem trabalha em que processos? Quem tem quais clientes? A cadeia de comando. Quem fica no quinto andar? O que acontece lá em cima? Onde os registros são mantidos? Existe um depósito central? Quanto disso é informatizado? Quanto é microfilmado? E, mais importante, você precisa pegar o material e entregar para nós. Assim que tivermos um motivo razoável, podemos entrar com um pequeno exército e pegar tudo. Mas é um passo tremendamente grande. Precisamos ter um caso muito bem montado e sólido antes de metermos o pé na porta com mandados de busca.

– É só isso que você quer?

– Não. Você vai ter que testemunhar contra todos os seus coleguinhas nos julgamentos. Isso pode levar anos.

Mitch respirou fundo e fechou os olhos. O ônibus diminuiu a velocidade atrás de uma caravana de trailers em duas pistas. O crepúsculo estava se aproximando e, um de cada vez, os carros que seguiam para o oeste acenderam os faróis. Testemunhar em julgamentos! Nisso ele não tinha pensado. Com milhões para gastar com os melhores advogados criminalistas, os julgamentos podiam se arrastar para sempre.

Tarrance começou a ler de fato o livro de Louis L'Amour. Ajustou a luz de leitura acima dos dois, como se fosse apenas um passageiro de verdade numa viagem de verdade. Depois de 50 quilômetros sem falar, sem negociação, Mitch tirou os óculos escuros e olhou para Tarrance.

– O que vai acontecer comigo?

– Você vai ter um monte de dinheiro, se é que isso vale alguma coisa. Se tiver algum senso de moralidade, conseguirá olhar o próprio rosto todo dia. Pode morar em qualquer parte do país, com nova identidade, claro. Vamos arranjar um emprego para você, mudar seu nariz, fazer o que você quiser.

Mitch tentou continuar olhando a estrada, mas era impossível. Virou-se irritado para Tarrance.

– Moralidade? Nunca mais fale essa palavra comigo, Tarrance. Eu sou uma vítima inocente, e você sabe.

Tarrance grunhiu um riso irônico.

Continuaram em silêncio por vários quilômetros.

– E minha mulher?

– Ah, sim, você pode ficar com ela.

– Muito engraçadinho.

– Desculpe. Ela vai ter tudo que quiser. Até que ponto ela sabe?

– Tudo. – Mitch pensou na garota da praia. – Bom, quase tudo.

– Vamos arranjar um belo emprego público para ela no Seguro Social na cidade que vocês quiserem. Não vai ser muito ruim, Mitch.

– Vai ser maravilhoso. Até um ponto indeterminado do futuro em que algum de vocês abrir a boca e deixar alguma coisa escapar para a pessoa errada e você vai ler sobre mim ou minha mulher no jornal. A Máfia jamais esquece, Tarrance. Eles são piores do que elefantes. E guardam os segredos melhor do que o seu pessoal. Vocês já perderam pessoas, não adianta negar.

– Não vou negar. E vou admitir que eles podem ser engenhosos quando decidem matar.

– Obrigado. Então, para onde eu vou?

– Isso é com você. Neste momento temos cerca de duas mil testemunhas vivendo por todo o país com nomes novos e empregos novos. As probabilidades a seu favor são enormes.

– Então eu jogo com as probabilidades?

– Exato. Ou você pega o dinheiro e foge ou banca o advogado importante e aposta que a gente nunca vai conseguir se infiltrar.

– É uma escolha difícil, Tarrance.

– É. Fico feliz porque ela é sua.

A companheira do velho negro de bengala se levantou debilmente do assento e começou a arrastar os pés na direção deles. Segurava cada banco do corredor enquanto prosseguia. Tarrance se inclinou na direção de Mitch enquanto ela passava. Não abria a boca enquanto aquela estranha estivesse por perto. Parecia ter no mínimo 90 anos, era meio aleijada, provavelmente analfabeta, e não estava nem aí para o que Tarrance fizesse. Mas Tarrance ficou em silêncio na hora.

Quinze minutos depois a porta do banheiro se abriu e liberou os sons do toalete gorgolejando para o fundo do Greyhound. Ela arrastou os pés até a frente e se sentou.

– Quem é Jack Aldrich? – perguntou Mitch.

Ele suspeitava de que o nome tivesse sido usado para acobertar algo e observou atentamente a reação com o canto do olho. Tarrance levantou os olhos do livro e olhou para o banco à frente.

– O nome me é familiar. Não estou ligando o nome à pessoa.

Mitch voltou a olhar para a janela. Tarrance sabia. Tinha se encolhido e seus olhos se estreitado depressa demais antes de responder. Mitch olhou o tráfego para o oeste.

– Então, quem é ele? – perguntou Tarrance finalmente.

– Você não conhece?

– Se conhecesse não perguntaria.

– É um membro da nossa firma. Você deveria saber, Tarrance.

– A cidade está cheia de advogados. Acho que você conhece todos.

– Conheço os da Bendini, Lambert & Locke, a firma pequena e discreta que vocês estão investigando há sete anos. Aldrich está lá há seis e diz-se que foi abordado pelo FBI há dois meses. Isso é verdade ou mentira?

– Absolutamente mentira. Quem lhe disse isso?

– Não importa. É só um boato que corre no escritório.

– É mentira. Eu não falei com ninguém além de você desde agosto. Você tem minha palavra. E não temos planos de falar com mais ninguém, a não ser, claro, que você recuse e a gente precise encontrar outro candidato.

– Você nunca falou com Aldrich?

– Foi o que eu disse.

Mitch assentiu e pegou uma revista. Seguiram em silêncio durante trinta

minutos. Tarrance desistiu de seu livro e finalmente disse:

– Olha, Mitch, vamos chegar a Knoxville em uma hora, mais ou menos. Precisamos entrar em acordo, se vamos fazer isso. O diretor Voyles terá mil perguntas de manhã.

– Quanto dinheiro?

– Meio milhão de dólares.

Qualquer advogado digno do nome sabia que a primeira oferta precisava ser rejeitada. Sempre. Ele tinha visto a boca de Avery se abrir em choque e sua cabeça balançar loucamente, com nojo e incredulidade absolutos, diante de primeiras ofertas, não importando quanto fossem razoáveis. Haveria contraofertas, contracontraofertas e mais negociações, mas a primeira oferta era sempre rejeitada.

Assim, balançando a cabeça e sorrindo para a janela como se fosse isso que ele esperava, Mitch recusou o meio milhão.

– Eu disse algo engraçado? – perguntou Tarrance, o não advogado, não negociador.

– Isso é ridículo, Tarrance. Você não pode esperar que eu me afaste de uma mina de ouro em troca de meio milhão de dólares. Depois de descontar os impostos, vou ficar com 300 mil no máximo.

– E se nós fecharmos a mina de ouro e mandarmos todos vocês, com seus sapatos Gucci, para a cadeia?

– Se. Se. Se. Se vocês sabiam tanto, por que não fizeram alguma coisa? Voyle disse que vocês estão vigiando e esperando há sete anos. Isso é muito bom, Tarrance. Vocês sempre agem tão depressa?

– Quer correr esse risco, McDeere? Digamos que a gente demore mais cinco anos, certo? Depois de cinco anos nós estouramos o negócio e mandamos você para a cadeia. Nesse ponto não vai fazer diferença quanto tempo nós demoramos, não é? O resultado vai ser o mesmo, Mitch.

– Sinto muito. Achei que estávamos negociando, e não ameaçando.

– Eu fiz uma oferta.

– Sua oferta é baixa demais. Você espera que eu ofereça um caso que vai render centenas de indiciamentos contra o grupo dos piores criminosos dos Estados Unidos, um caso que pode facilmente custar a minha vida. E oferece uma merreca? Três milhões, no mínimo.

Tarrance não se encolheu nem franziu a testa. Recebeu a contraoferta com uma cara impávida de jogador de pôquer, e Mitch, o negociador, soube que não tinha feito um pedido absurdo.

– É muito dinheiro – disse Tarrance, quase para si mesmo. – Acho que nunca pagamos tanto.

– Mas podem, não é?

– Duvido. Tenho que falar com o diretor.

– O diretor! Achei que você tinha autoridade completa neste caso. Nós vamos ficar indo e vindo com o diretor até conseguirmos chegar a um acordo?

– O que mais você quer?

– Tenho algumas coisas em mente, mas não vamos falar delas até que o dinheiro esteja acertado.

Aparentemente o velho de bengala tinha rins fracos. Ele se levantou de novo e começou a caminhada trôpega até a traseira do ônibus. Tarrance começou a ler o livro de novo. Mitch folheou uma revista velha de caça e pesca.

O GREYHOUND SAIU da interestadual em Knoxville dois minutos antes das oito. Tarrance se inclinou mais para perto e sussurrou:

– Saia do terminal pela porta da frente. Você vai ver um rapaz usando um moletom laranja da Universidade do Tennessee parado perto de um Ford Bronco branco. Ele vai reconhecer você e chamá-lo de Jeffrey. Aperte a mão dele como se fossem velhos amigos e entre na caminhonete. Ele vai levá-lo até o seu carro.

– Onde ele está? – sussurrou Mitch.

– Atrás de um alojamento do campus.

– Eles verificaram se tinha algum microfone?

– Acho que sim. Pergunte ao cara do Bronco. Se estavam rastreando você quando você saiu de Memphis, podem ter alguma suspeita agora. Você deve ir até Cookeville. Fica a uns 150 quilômetros deste lado de Nashville. Há um Holiday Inn lá. Passe a noite e vá ver seu irmão amanhã. Nós também estaremos vigiando e, se as coisas ficarem esquisitas, encontro você na segunda-feira de manhã.

– Quando é a próxima viagem de ônibus?

– O aniversário da sua mulher é na terça-feira. Faça uma reserva para as oito

horas no Grisanti's, aquele restaurante italiano na Airways. Exatamente às nove horas vá até a máquina de cigarros no bar, ponha seis moedas de 25 centavos e compre um maço de alguma coisa. Na bandeja onde os cigarros são liberados você vai encontrar uma fita cassete. Compre um daqueles toca-fitas pequenos, com fones de ouvido, que o pessoal usa para correr, e ouça a fita no seu carro, não em casa, e nunca no escritório. Use os fones. Deixe sua mulher ouvir. Serei eu no cassete e vou lhe oferecer o máximo que pudermos. Também vou explicar algumas coisas. Depois de ter ouvido algumas vezes, livre-se da fita.

– Isso é bem elaborado, não?

– É, mas não precisamos nos falar durante algumas semanas. Eles estão vigiando e escutando, Mitch. E são bons. Não se esqueça.

– Não se preocupe.

– Qual era o número da sua camisa de futebol americano no ensino médio?

– Quatorze.

– E na faculdade?

– Quatorze.

– Está bem. Seu código é 1-4-1-4. Na quinta-feira à noite ligue de um telefone público para 757-6000. Uma voz vai atender e fazer algumas perguntas sobre o código. Assim que estiver liberado, você vai ouvir minha voz gravada e eu vou fazer uma série de perguntas. E nós prosseguimos a partir daí.

– Por que não posso simplesmente exercer a advocacia?

O ônibus entrou no terminal e parou.

– Estou indo para Atlanta – disse Tarrance. – Não verei você durante umas duas semanas. Se houver alguma emergência, ligue para um dos dois números que eu lhe dei.

Mitch se levantou no corredor e olhou para o agente.

– Três milhões, Tarrance. Nem um centavo a menos. Se vocês podem gastar bilhões lutando contra o crime organizado, sem dúvida podem arranjar 3 milhões para mim. E, Tarrance, tenho uma terceira opção. Eu posso desaparecer no meio da noite, sumir no ar. Se isso acontecer, você e os Morolts podem lutar uns contra os outros até que o inferno congele enquanto eu estarei jogando dominó no Caribe.

– Claro, Mitch. Você pode fazer um ou dois joguinhos, mas eles o encontram em uma semana. E nós não estaremos lá para te proteger. Tchau, meu chapa.



Mitch desceu do ônibus e atravessou rapidamente o terminal.

Às oito e meia da manhã de terça, Nina formou pilhas organizadas com o entulho na sua mesa. Ela gostava desse ritual matutino de arrumar a mesa e planejar o dia dele. A agenda estava num canto da mesa. Ela leu.

– O senhor tem um dia muito ocupado, Sr. McDeere.

Mitch folheou um processo e tentou ignorá-la.

– Todo dia é ocupado.

– O senhor tem uma reunião às dez horas na sala do Sr. Mahan, sobre a apelação da Delta Shipping.

– Mal posso esperar... – murmurou Mitch.

– O senhor tem uma reunião às onze e meia na sala do Sr. Tolar para falar da dissolução da Greenbriar, e a secretária dele informou que vai levar pelo menos duas horas.

– Por que duas horas?

– Não sou paga para fazer essas perguntas, Sr. McDeere. Se perguntar, posso ser demitida. Às três e meia Victor Milligan quer se reunir com o senhor.

– Sobre o quê?

– De novo, Sr. McDeere, eu não devo fazer perguntas. E o senhor tem que estar no escritório de Frank Mulholland, no centro, daqui a quinze minutos.

– É, eu sei. Onde é?

– No Cotton Exchange Building. Quatro ou cinco quarteirões subindo a Front, perto da Union. O senhor já passou por ele uma centena de vezes.

– Ótimo. O que mais?

- Devo trazer alguma coisa quando voltar do almoço?
- Não, eu pego um sanduíche no centro.
- Maravilhoso. O senhor está com tudo de que precisa para Mulholland?

Ele apontou para a pesada pasta preta e não disse nada. Ela saiu, e segundos depois Mitch atravessou o corredor, desceu a escada e saiu pela porta da frente. Parou um segundo junto a um poste de luz, depois se virou e andou rapidamente em direção ao centro. A pasta preta estava em sua mão direita e a outra, de pele de enguia vinho, estava na esquerda. Era o sinal.

Ele parou junto a um hidrante em frente a um prédio verde com janelas lacradas com tábuas. Esperou um segundo e atravessou a Front Street. Outro sinal.

No nono andar do Cotton Exchange Building, Tammy Greenwood, da Serviços Greenwood, se afastou da janela e vestiu o casaco. Trancou a porta depois de sair e apertou o botão do elevador. Esperou. Ia se encontrar com um homem que facilmente poderia fazer com que ela fosse morta.

Mitch entrou no saguão e foi direto para os elevadores. Não notou ninguém em particular. Meia dúzia de empresários conversavam enquanto iam e vinham. Uma mulher sussurrava num telefone público. Um segurança vigiava perto da entrada da Union Avenue. Ele apertou o botão do elevador e esperou, sozinho. Quando a porta se abriu, um sujeito muito arrumado, de terno preto, colarinho reluzente e cara de operador da Merrill Lynch, entrou no elevador. Mitch tinha esperado uma subida solitária.

A sala de Mulholland ficava no sétimo andar. Mitch apertou o botão do 7 e ignorou o rapaz de terno preto. Enquanto o elevador subia, os dois observaram obedientemente os números que piscavam acima da porta. Mitch se esgueirou para o fundo do pequeno elevador e pôs a pasta pesada no chão, perto do pé direito. A porta se abriu no quarto andar e Tammy entrou, nervosa. O rapaz olhou para ela. Ela vestia uma roupa notavelmente conservadora. Um vestido simples, de tricô, sem decote. Nada de sapatos exóticos. O cabelo estava tingido num tom ruivo suave. Ele olhou de novo e apertou o botão de FECHAR A PORTA.

Tammy carregava uma grande pasta preta, idêntica à de Mitch. Ignorou os olhos dele, aproximou-se e colocou a pasta ao lado da dele. No sétimo andar, Mitch pegou a pasta dela e saiu do elevador. No oitavo andar o rapaz bonitinho de terno preto saiu, e no nono Tammy pegou a pesada pasta preta cheia de

documentos da Bendini, Lambert & Locke e a levou para sua sala. Trancou a porta, tirou rapidamente o casaco e foi para a saleta onde estava a copiadora, ligada. Havia sete dossiês, cada um com pelo menos 2 centímetros de grossura. Ela os colocou na mesa dobrável ao lado da copiadora e pegou o que estava marcado como “Koker-Hanks para East Texas Pipe”. Soltou o fecho de alumínio, tirou o conteúdo e colocou com cuidado a pilha de documentos, cartas e anotações no alimentador automático. Apertou o botão de COPIAR e observou a máquina fazer duas cópias perfeitas de tudo.

Trinta minutos depois, os sete dossiês foram devolvidos à pasta. Os novos dossiês, quatorze ao todo, foram trancados num arquivo à prova de incêndio escondido num pequeno armário, que também foi trancado. Tammy pôs a pasta junto da porta e esperou.

FRANK MULHOLLAND ERA sócio de uma firma de dez homens especializada em serviços bancários e títulos financeiros. Seu cliente era um velho que tinha fundado e construído uma cadeia de lojas de ferramentas que chegou a valer 18 milhões de dólares, antes que o filho e uma diretoria renegada assumissem o controle e o obrigassem a se aposentar. O velho abriu um processo. A companhia abriu um processo contrário. Todo mundo processou todo mundo e os processos ficaram travados durante dezoito meses. Agora que os advogados estavam gordos e felizes, era hora de falar em acordo. A Bendini, Lambert & Locke cuidava das questões fiscais para o filho e a nova diretoria, e dois meses antes Avery tinha apresentado Mitch às hostilidades. O plano era oferecer ao velho um pacote de 5 milhões de dólares composto de ações comuns, ações conversíveis e alguns títulos.

Mulholland não ficou impressionado com o plano. Seu cliente não era ganancioso, explicou várias vezes, e sabia que jamais recuperaria o controle da empresa. Da empresa dele, lembre-se. Mas 5 milhões não bastavam. Qualquer júri com algum grau de inteligência seria simpático ao velho e qualquer idiota podia ver que o processo valia no mínimo... bom, pelo menos 20 milhões!

Depois de uma hora de propostas, ofertas e contraofertas sobre a mesa de Mulholland, Mitch havia aumentado o pacote para 8 milhões e o advogado do velho disse que poderia considerar 15. Mitch arrumou sua pasta executiva e

Mulholland o acompanhou educadamente até a porta. Os dois prometeram se encontrar de novo em uma semana. Apertaram-se as mãos como ótimos amigos.

O elevador parou no quinto andar e Tammy entrou casualmente. Estava vazio, a não ser por Mitch.

– Algum problema? – perguntou ele quando a porta se fechou.

– Não. As cópias estão trancadas.

– Quanto tempo demorou?

– Trinta minutos.

O elevador parou no quarto andar e ela pegou a pasta vazia.

– Amanhã ao meio-dia? – perguntou.

– Sim – respondeu ele.

A porta se abriu e ela desapareceu no quarto andar. Ele desceu sozinho até o saguão, onde agora só estava o mesmo segurança. Mitchell McDeere, bacharel em Direito e advogado, saiu rapidamente do prédio com uma pasta pesada em cada mão e andou com ar importante até seu escritório.

A COMEMORAÇÃO DOS 25 anos de Abby foi discreta. À luz fraca de velas num canto escuro do Grisanti's, os dois sussurraram e tentaram sorrir um para o outro. Era difícil. Em algum lugar naquele restaurante, naquele momento, um agente do FBI invisível estava com uma fita cassete que iria inserir numa máquina de venda de cigarros exatamente às nove horas, e Mitch deveria estar lá segundos depois para pegá-la sem ser flagrado pelos bandidos, quem quer que fossem e qualquer que fosse sua aparência. E a fita revelaria quanto dinheiro os McDeeres receberiam em troca de provas e de uma vida de fugitivos.

Ficaram beliscando comida, tentaram sorrir e manter uma conversa longa, mas na maior parte do tempo se remexeram na cadeira e olharam para os relógios. O jantar foi rápido. Às 20h45 tinham terminado com os pratos. Mitch foi na direção do banheiro e observou o salão escuro enquanto andava. A máquina de cigarros ficava no canto, exatamente onde deveria.

Os dois pediram café e exatamente às nove Mitch voltou ao salão, foi até a máquina, onde inseriu nervoso seis moedas de 25 centavos e apertou a alavanca embaixo do Marlboro Lights, em memória de Eddie Lomax. Enfiou a mão rapidamente na bandeja, pegou os cigarros e, tateando no escuro, encontrou a

fita cassete. O telefone público perto da máquina tocou e ele deu um pulo. Virou-se e examinou o balcão. Estava vazio, a não ser por dois homens, assistindo à TV que ficava atrás e acima do barman. Risos bêbados explodiram num canto escuro distante.

Abby ficou observando cada passo até que ele se sentou diante dela. Ela levantou as sobrancelhas.

– E aí?

– Peguei. Uma fita cassete Sony, comum, preta.

Mitch tomou um gole de café e deu um sorriso inocente enquanto examinava rapidamente o salão cheio. Ninguém estava olhando. Ninguém se importava.

Entregou a conta e o cartão American Express ao garçom.

– Estamos com pressa – disse com grosseria.

O garçom voltou em segundos. Mitch pagou.

O BMW estava mesmo grampeado. Muito grampeado. O pessoal de Tarrance havia examinado o carro de maneira muito discreta e meticulosa com lentes de aumento enquanto esperavam o Greyhound havia quatro dias. Meticulosamente grampeado, com equipamento muito caro, capaz de captar e gravar a menor fungada ou tosse. Mas os grampos só podiam ouvir e gravar, não podiam rastrear. Mitch achou uma extrema gentileza da parte deles apenas ouvir, mas não seguir os movimentos do BMW.

O carro saiu do estacionamento do Grisanti's sem nenhuma conversa entre os dois. Abby abriu com cuidado um toca-fitas portátil e enfiou o cassete. Entregou os fones a Mitch, que os pôs na cabeça. Ela apertou o botão de PLAY. Observou-o enquanto ele escutava e dirigia sem destino definido, indo em direção à interestadual.

A voz era de Tarrance: “Olá, Mitch. Hoje é terça-feira, 9 de março, depois das nove da noite. Dê feliz aniversário à sua linda esposa. Essa gravação vai durar uns dez minutos e quero que você ouça com atenção, uma ou duas vezes, e depois a destrua. Eu tive uma reunião com o diretor Voyles no domingo passado e o coloquei a par de tudo. Por sinal, gostei da viagem de ônibus. O diretor Voyles está muito satisfeito com o modo como as coisas estão andando, mas acha que já conversamos o suficiente. Ele quer fechar um acordo, e depressa. Explicou em termos diretos que nunca pagamos 3 milhões de dólares e que não vamos pagar isso a você. Xingou um bocado, mas, encurtando a história, falou

que podemos pagar um milhão em dinheiro vivo, nada mais. Disse que o dinheiro seria depositado num banco suíço e que ninguém, nem o imposto de renda, vai ficar sabendo. Um milhão de dólares livres de impostos. É o melhor que podemos oferecer, e Voyles disse para mandar você para o inferno se recusar. Vamos estourar aquela firmazinha, Mitch, com ou sem você.”

Mitch deu um sorriso sério e observou o tráfego que corria por eles na Interestadual 240. Abby observava procurando algum sinal, um grunhido ou gemido, qualquer coisa que indicasse notícia boa ou ruim. Não captou nada.

A voz continuou: “Vamos cuidar de vocês, Mitch. Vocês terão acesso à proteção do FBI sempre que acharem que precisam. Vamos verificar vocês periodicamente, se assim quiserem. E, se preferirem se mudar para outra cidade depois de alguns anos, vamos cuidar disso. Vocês podem se mudar a cada cinco anos, se acharem melhor. Bancamos a mudança e arranjamos empregos para vocês. Empregos bons no Departamento de Veteranos, no Seguro Social ou nos correios. Voyles disse que até podemos arranjar um emprego que pague muito, em alguma empresa que trabalhe para o governo. É só dizer, Mitch, e é seu. Claro, vamos fornecer novas identidades para você e sua mulher e vocês podem mudá-las todo ano, se acharem uma boa ideia. Sem problema. Ou, se tiverem uma sugestão melhor, vamos escutar. Se quiserem morar na Europa ou na Austrália, é só dizer. Vão ter tratamento especial. Sei que estamos prometendo muito, Mitch, mas estamos falando bastante sério e vamos colocar tudo por escrito. Vamos pagar um milhão em dinheiro, sem impostos, e mandar vocês para onde quiserem. Esse é o trato. E em troca você deve nos entregar a firma e os Moroltos. Vamos falar sobre isso mais tarde. Agora o seu tempo acabou. Voyles no meu pescoço e as coisas precisam acontecer depressa. Ligue para mim naquele número, na noite de quinta-feira às nove, do telefone público perto do banheiro masculino do Houston’s, na Poplar. Tchau, Mitch.”

Mitch passou um dedo pela garganta e Abby apertou o botão para parar, depois de rebobinar a fita. Ele entregou os fones de ouvido e ela começou a escutar com atenção.

ERA UMA CAMINHADA inocente no parque, dois pombinhos de mãos dadas, andando casualmente pelo luar fresco e límpido. Pararam perto de um canhão e

olharam o rio majestoso fluindo lentamente na direção de Nova Orleans. O mesmo canhão onde Eddie Lomax um dia tinha parado sob uma tempestade de granizo e feito um dos seus últimos resumos de investigações.

Abby segurou a fita cassete e olhou o rio embaixo. Tinha escutado duas vezes e se recusou a deixá-la no carro, onde alguém poderia pegá-la. Depois de semanas treinando fazer silêncio e só falando fora de casa, estava cada vez mais difícil encontrar as palavras.

– Sabe de uma coisa, Abby? – disse Mitch finalmente enquanto batia na roda de madeira do canhão. – Eu sempre quis trabalhar nos correios. Tive um tio que era carteiro na zona rural. Seria ótimo.

Era um jogo, essa tentativa de humor. Mas deu certo. Ela hesitou por três segundos, depois riu brevemente e ele percebeu que ela achava mesmo engraçado.

– É, e eu posso limpar o chão do hospital de veteranos.

– Você não precisaria limpar o chão. Pode trocar penicos, alguma coisa importante, algo discreto. Nós moraríamos numa casinha branca na Maple Street em Omaha. Eu seria Harvey e você seria Thelma, e nós precisaríamos de um sobrenome curto, despretensioso.

– Poe – acrescentou Abby.

– Fantástico. Harvey e Thelma Poe. A família Poe. Teríamos um milhão de dólares no banco, mas não poderíamos gastar um tostão porque todo mundo na Maple Street saberia, e aí perceberiam que somos diferentes, a última coisa que iríamos querer.

– Eu faria uma plástica no nariz.

– Mas o seu nariz é perfeito.

– O nariz da Abby é perfeito. Mas e o da Thelma? Teríamos que mexer nele, não acha?

– É, acho que sim.

Ele logo se cansou de tentar rir e ficou quieto. Abby parou à sua frente e ele a abraçou. Os dois observaram um rebocador empurrar uma centena de barcaças sob a ponte. De vez em quando uma nuvem escondia a lua e os ventos frios do oeste sopravam intermitentes, depois se dissipavam.

– Você acredita no Tarrance? – perguntou Abby.

– Em que sentido?



– Vamos supor que você não faça nada. Acredita que um dia eles vão acabar se infiltrando na firma?

– Tenho medo de não acreditar.

– Então vamos pegar o dinheiro e fugir?

– Para mim é mais fácil pegar o dinheiro e fugir, Abby. Não tenho nada para deixar para trás. Com você é diferente. Você nunca mais vai ver sua família.

– Para onde a gente iria?

– Não sei. Mas eu não ficaria neste país. Os federais não são totalmente confiáveis. Eu me sentiria mais seguro em outro país, mas não vou dizer isso ao Tarrance.

– Qual é o próximo passo?

– Vamos fechar o acordo, depois começar logo a juntar informações para afundar o navio. Não tenho ideia do que eles querem, mas posso encontrar. Quando Tarrance tiver o suficiente, nós desaparecemos. Pegamos o dinheiro, mudamos os narizes e desaparecemos.

– Quanto dinheiro?

– Mais de um milhão. Eles estão jogando com o dinheiro. Tudo é negociável.

– Quanto vamos conseguir?

– Dois milhões em dinheiro, livres de impostos. Nem um centavo a menos.

– Eles vão pagar?

– Vão, mas essa não é a questão. A questão é: nós vamos pegar o dinheiro e fugir?

Abby estava com frio e Mitch pôs o paletó sobre os ombros dela. Abraçou-a com força.

– É uma furada, Mitch, mas pelo menos vamos estar juntos.

– Meu nome é Harvey, e não Mitch.

– Você acha que vamos ficar em segurança, Harvey?

– Não estamos seguros aqui.

– Não gosto daqui. Estou sozinha e amedrontada.

– Estou cansado de ser advogado.

– Vamos pegar o dinheiro e dar no pé.

– Combinado, Thelma.

Ela lhe entregou a fita cassete. Ele olhou para o objeto e o jogou lá embaixo, para além da Riverside Drive, na direção do rio. Os dois se deram as mãos e

caminharam rapidamente pelo parque na direção do BMW parado na Front Street.

Pela segunda vez em sua carreira, Mitch teve permissão de visitar a sala de jantar palaciana no quinto andar. O convite de Avery veio junto com a explicação de que os sócios estavam muito impressionados com as 71 horas semanais que ele tinha faturado em média no mês de fevereiro e por isso queriam oferecer a pequena recompensa de um almoço. Era um convite que nenhum associado poderia recusar, independentemente de planejamentos, reuniões, clientes, prazos e outros aspectos terrivelmente importantes e críticos das carreiras na Bendini, Lambert & Locke. Jamais, na história, um associado recusou um convite para a sala de jantar. Cada um recebia dois convites por ano. Os registros eram mantidos.

Mitch teve dois dias para se preparar. Seu primeiro impulso foi recusar. Quando Avery fez o convite, uma dezena de desculpas esfarrapadas cruzou sua mente. Comer, sorrir, bater papo e confraternizar com criminosos, mesmo que ricos e educados, era menos atraente do que dividir uma tigela de sopa com um sem-teto num ponto de ônibus. Mas recusar seria uma grave quebra da tradição. E, considerando como as coisas estavam indo, seus movimentos já eram suficientemente suspeitos.

Por isso sentou-se de costas para a janela e forçou sorrisos e conversa fiada na direção de Avery, McKnight e, claro, Lambert. Sabia que comeria na mesma mesa daqueles três. Fazia dois dias que sabia disso. Sabia que eles iriam vigiá-lo de forma atenta mas discreta, tentando detectar qualquer perda de entusiasmo, qualquer traço de cinismo ou desânimo. Qualquer coisa, na verdade. Sabia que

eles estariam ligados em cada palavra, independentemente do que ele dissesse. Sabia que iriam derramar elogios e promessas em seus ombros cansados.

Oliver Lambert nunca havia sido mais agradável. Enquanto Roosevelt servia filé de costela, Lambert disse que 71 horas por semana em fevereiro, para um associado, eram um recorde na firma. Todos os sócios estavam impressionados e encantados, explicou em voz baixa enquanto olhava ao redor. Mitch forçou um sorriso e cortou sua carne. Os outros sócios, impressionados ou indiferentes, conversavam despreocupados e concentrados na comida. Mitch contou dezoito sócios ativos e sete aposentados, os que usavam calça cáqui e suéteres e tinham aparência relaxada.

– Você tem uma energia notável, Mitch – comentou McKnight com a boca cheia.

Mitch assentiu educadamente. Sim, sim, eu controlo minha energia o tempo todo, pensou Mitch. Mantinha a mente o mais afastada possível de Joe Hodge, Marty Kozinski e dos outros três advogados mortos, homenageados na parede da biblioteca. Mas era impossível afastar a mente das fotos da garota na areia, e se perguntou se todos ali saberiam. Será que todos tinham visto as fotos? Tinham nas passado de mão em mão durante um daqueles almoços só de sócios, sem convidados? DeVasher tinha prometido não contar, mas dá para confiar na promessa de um bandido? Claro que eles tinham visto. Voyles disse que todos os sócios e a maioria dos associados faziam parte da conspiração.

Para uma pessoa sem apetite, ele se saiu muito bem com a comida. Até passou manteiga e devorou um pãozinho extra, só para parecer normal. Não havia nada de errado com seu apetite.

– Então você e Abby vão às Cayman na semana que vem? – perguntou Lambert.

– Vamos. É a folga dela, e nós reservamos uma das casas há dois meses. Estamos ansiosos.

– É uma época terrível para ir – disse Avery, parecendo chateado. – Estamos atrasados um mês.

– Sempre estamos atrasados um mês, Avery. Então o que é uma semana a mais? Acho que você quer que eu leve os meus processos, é isso?

– Não é má ideia. Eu sempre levo.

– Não faça isso, Mitch – pediu Lambert, fingindo protestar. – Este lugar

ainda vai estar de pé quando você voltar. Você e Abby merecem uma semana sozinhos.

– Vocês vão adorar aquilo lá – comentou McKnight, como se Mitch nunca tivesse ido, como se aquela coisa na praia não tivesse acontecido e ninguém soubesse nada sobre nenhuma fotografia.

– Quando vocês vão? – perguntou Lambert.

– No domingo de manhã. Cedo.

– Vão no Lear?

– Não. Delta sem escalas.

Lambert e McKnight trocaram olhares rápidos que Mitch não deveria ver. Houve outros olhares nas outras mesas, olhadelas ocasionais, cheias de curiosidade, que Mitch havia captado desde que entrara na sala. Ele estava ali para ser notado.

– Você mergulha? – perguntou Lambert, ainda pensando no Lear e no Delta sem escalas.

– Não, mas planejo nadar com snorkel.

– Tem um cara na Rum Point, na extremidade norte, chamado Adrian Bench, que tem uma ótima empresa de mergulho e transforma você em um mergulhador certificado em uma semana. É uma semana dura, com muitas aulas, mas vale a pena.

Em outras palavras, fique longe de Abanks, pensou Mitch.

– Qual é o nome da empresa? – perguntou.

– Rum Point Mergulhos. Um lugar ótimo.

Mitch franziu a testa como se fizesse uma anotação mental desse serviço útil. De repente Lambert foi tomado pela tristeza.

– Tenha cuidado, Mitch. Isso traz lembranças do Marty e do Joe.

Avery e McKnight olharam para os pratos numa homenagem rápida aos rapazes mortos. Mitch engoliu em seco e quase riu para Lambert, mas se manteve impassível. Até conseguiu parecer triste junto com os outros. Marty, Joe, suas jovens esposas e seus filhos órfãos. Marty e Joe, dois advogados jovens e ricos, mortos de maneira profissional e eliminados antes que pudessem falar. Marty e Joe, dois tubarões promissores comidos por feras da mesma espécie. Voyles tinha dito a Mitch para pensar em Marty e Joe sempre que visse Lambert.

E agora, por apenas um milhão de dólares, ele deveria fazer o que Marty e

Joe fariam, sem ser apanhado. Talvez dali a um ano o próximo novo associado estaria sentado ali, olhando os sócios tristes falarem do jovem Mitch McDeere e sua energia notável, e que ele seria um advogado fantástico se não fosse o acidente. Quantos eles matariam?

Queria 2 milhões. Além de alguns outros itens.

Depois de uma hora de conversa importante e comida boa, o almoço começou a terminar, à medida que os sócios pediam licença, falavam com Mitch e saíam. Diziam que se orgulhavam dele. Ele era a estrela com futuro mais brilhante. O futuro da Bendini, Lambert & Locke. Mitch sorriu e agradeceu.

MAIS OU MENOS enquanto Roosevelt servia a torta de banana com creme e café, Tammy Greenwood Hemphill, da Serviços Greenwood, parava seu Golf marrom sujo atrás do Peugeot reluzente no estacionamento da Escola Episcopal St. Andrew's. Deixou o motor ligado. Deu quatro passos, enfiou uma chave no porta-malas do Peugeot e pegou uma pesada pasta preta. Fechou o porta-malas e partiu no Golf.

Junto a uma pequena janela na sala dos professores, Abby tomava café e olhava através das árvores, por cima do parquinho, vigiando o estacionamento distante. Mal podia ver seu carro. Sorriu e olhou o relógio. Meio-dia e meia, conforme planejado.

Tammy seguiu com cuidado pelo tráfego do meio-dia na direção do centro. Era chato dirigir tendo que olhar pelo retrovisor. Como sempre, não viu nada. Parou em sua vaga do outro lado da rua, diante do Cotton Exchange Building.

Havia nove dossiês nesse lote. Ela os arrumou muito bem sobre a mesa dobrável e começou a fazer cópias. Sigalas Partners, Lettie Plunk Trust, Handy-Man Hardware e duas pastas de papel presas frouxamente com um elástico grosso e assinaladas como ARQUIVOS DO AVERY. Fez duas cópias de cada página dos dossiês e os colocou de volta meticulosamente. Num caderno anotou a data, a hora e o nome de cada dossiê. Já havia 29 anotações. Mitch dissera que ao fim seriam uns quarenta. Ela pôs uma cópia de cada dossiê no arquivo trancado dentro do armário e recolocou os originais na pasta junto com uma cópia de cada.

Seguindo as instruções de Mitch, uma semana antes ela havia alugado em

seu nome um depósito de quatro por quatro no Minidepósito da Summer Avenue. Ficava a 20 quilômetros do centro, e trinta minutos mais tarde ela chegou e destrancou o número 38C. Numa pequena caixa de papelão pôs a outra cópia dos nove dossiês e escreveu a data na aba. Colocou a caixa perto de outras três no chão.

Exatamente às três da tarde entrou no estacionamento, parou atrás do Peugeot, abriu o porta-malas e deixou a pasta onde havia encontrado.

Segundos depois Mitch saiu pela porta da frente do Edifício Bendini e se espreguiçou. Respirou fundo e olhou para os dois lados da Front Street. Era um lindo dia de primavera. Três quarteirões ao norte e nove andares acima, notou que as persianas tinham sido totalmente baixadas. O sinal. Bom. Tudo estava bem. Sorriu sozinho e voltou para a sala.

ÀS TRÊS DA madrugada seguinte, Mitch se levantou da cama e vestiu silenciosamente uma calça jeans desbotada, uma camisa de flanela da época da faculdade, meias brancas e um par de velhas botas de trabalho. Queria parecer um motorista de caminhão. Sem dizer uma palavra, beijou Abby, que estava acordada, e saiu de casa. A East Meadowbrook estava deserta, como todas as ruas entre sua casa e a interestadual. Não o seguiriam àquela hora.

Seguiu para o Sul pela Interestadual 55 durante 30 quilômetros até Senatobia, Mississippi. Uma parada de caminhoneiros movimentada, chamada 4-55, brilhava luminosa a 100 metros da rodovia de quatro pistas. Ele passou rapidamente pelos caminhões e foi até os fundos, onde uma centena de carretas estava estacionada para o pernoite. Parou perto do lava a jato de caminhões e esperou. Uma dezena de caminhões de dezoito rodas passava devagar em volta das bombas.

Um negro usando boné de futebol americano do Atlanta Falcons virou a esquina e olhou o BMW. Mitch o reconheceu como o agente que estava no terminal de ônibus em Knoxville. Desligou o motor e saiu do carro.

– McDeere? – perguntou o agente.

– Claro. Quem mais seria? Cadê o Tarrance?

– Dentro, num reservado perto da janela. Está esperando.

Mitch abriu a porta e entregou as chaves ao agente.

– Aonde você vai levá-lo?

– Mais adiante na estrada. Vamos cuidar bem dele. Você não foi seguido de Memphis para cá. Relaxe.

O homem entrou no carro, passou entre duas bombas de óleo diesel e foi para a interestadual. Mitch viu seu pequeno BMW desaparecer enquanto entrava no café da parada de caminhoneiros. Eram 3h45.

O salão barulhento estava cheio de homens gordos, de meia-idade, bebendo café e comendo tortas. Limpavam os dentes com palitos coloridos e no fundo da sala falavam sobre pesca de robalo e sobre política. Muitos tinham forte sotaque nortista. Merle Haggard uivava no jukebox.

O advogado andou meio sem jeito em direção aos fundos até que viu, num canto pouco iluminado, um rosto familiar escondido atrás de óculos de aviador e do mesmo boné de beisebol da Universidade de Michigan. Então o rosto sorriu. Tarrance estava segurando um cardápio e vigiando a porta da frente. Mitch entrou no reservado.

– Olá, meu chapa – disse Tarrance. – Como vai o trabalho no caminhão?

– Maravilhoso. Mas acho que prefiro o ônibus.

– Da próxima vez vamos experimentar um trem ou algo assim. Só para variar. Laney pegou o seu carro?

– Laney?

– O negro. Ele é um agente, você sabe.

– Não fomos apresentados. É, ele pegou meu carro. Para onde vai levá-lo?

– Mais adiante na interestadual. Ele vai voltar em uma hora, mais ou menos. Vamos tentar colocar você na estrada às cinco, para que possa chegar ao escritório às seis. Odiaríamos atrapalhar seu dia.

– Ele já foi para o espaço.

Uma garçonete parcialmente aleijada, chamada Dot, veio bamboleando e exigiu saber o que eles queriam. Só café. Um bando de motoristas da Roadway entrou pela porta da frente e encheu o lugar. Merle mal podia ser ouvida.

– E como estão os rapazes no escritório? – perguntou Tarrance, animado.

– Tudo bem. Os taxímetros rodam enquanto a gente fala e todo mundo está ficando mais rico. Obrigado por perguntar.

– Sem problema.

– Como vai o meu velho amigo Voyles?



– Está bem ansioso, na verdade. Me ligou duas vezes hoje e repetiu pela décima vez que queria ter uma resposta sua. Disse que você teve tempo suficiente e coisa e tal. Eu falei para ele relaxar. Conteí que teríamos um pequeno encontro na beira da estrada hoje e ele ficou bem empolgado. Eu devo ligar para ele em quatro horas, para ser exato.

– Diga a ele que um milhão não dá, Tarrance. Vocês gostam de alardear que gastam bilhões lutando contra o crime organizado, então eu peço que direcionem um pouquinho para mim. O que significam uns 2 milhões em dinheiro vivo para o governo federal?

– Então agora são uns 2 milhões?

– Exatamente, 2 milhões. E nem um centavo a menos. Quero um milhão agora e um milhão depois. Estou copiando todos os meus dossiês e devo terminar em alguns dias. Dossiês legítimos, acho. Se eu os entregar a alguém vou perder minha licença para sempre. De modo que, quando entregar a você, quero o primeiro milhão. Vamos chamar isso de um adiantamento de boa-fé.

– Como você quer ser pago?

– Com depósito numa conta em Zurique. Mas vamos discutir os detalhes mais tarde.

Dot empurrou dois pratos em cima da mesa e largou duas xícaras diferentes em cima deles. Serviu o café de um metro de altura, espirrando em todas as direções.

– Refil grátis – resmungou e saiu.

– E o segundo milhão? – perguntou Tarrance, ignorando o café.

– Quando você, eu e Voyles decidirmos que eu forneci documentos suficientes para vocês conseguirem indiciar os caras, eu recebo uma metade. Depois de testemunhar pela primeira vez pego a outra. É incrivelmente justo, Tarrance.

– Ok. Está combinado.

Mitch respirou fundo e se sentiu fraco. Estava combinado. Um contrato. Um acordo. Que jamais poderia ser posto por escrito, mas que mesmo assim o deixava absolutamente comprometido. Tomou um gole do café, mas não sentiu o gosto. Tinham concordado com relação ao dinheiro. Ele estava indo. Continue pressionando.

– E tem mais uma coisa, Tarrance.

A cabeça baixou e se virou um pouco para a esquerda.

– Sim?

Mitch se aproximou, apoiado nos antebraços.

– Não vai custar nada para vocês e vocês podem fazer sem esforço. Garanto.

– Estou ouvindo.

– Meu irmão Ray está preso em Brushy Mountain. Faltam sete anos para a condicional. Quero que ele saia.

– Isso é ridículo, Mitch. Nós podemos fazer um monte de coisas, mas uma delas não é dar condicional a prisioneiros do estado. Federais, talvez, mas estaduais, não. De jeito nenhum.

– Escute, Tarrance, e escute muito bem. Se eu partir para a estrada com a Máfia na minha cola, meu irmão vai comigo. Tipo venda casada. E sei que, se o diretor Voyles quiser que ele saia da prisão, ele sai da prisão. Sei disso. Agora vocês pensem num modo de fazer isso acontecer.

– Mas não temos autoridade para interferir em casos estaduais.

Mitch sorriu e voltou para o café.

– James Earl Ray escapou de Brushy Mountain. E não teve ajuda de fora.

– Ah, fantástico. Nós atacamos a prisão com tropas especiais e salvamos seu irmão. Lindo.

– Não banque o idiota comigo, Tarrance. Isso não é negociável.

– Está bem, está bem. Verei o que posso fazer. Mais alguma coisa? Mais alguma surpresa?

– Não, só quero saber aonde a gente vai e o que vamos fazer. Onde nos esconderemos inicialmente? E durante os julgamentos? Onde vamos passar o resto da vida? Só questões sem importância como essas.

– Podemos discutir isso mais tarde.

– O que Hodge e Kozinski contaram a vocês?

– Não o suficiente. Temos um fichário, um fichário bem grosso, em que acumulamos e indexamos tudo que sabemos sobre os Moroltos e a firma. A maior parte é sobre os Moroltos, a organização deles, as pessoas principais, atividades ilegais e assim por diante. Você precisa ler tudo antes de começarmos a trabalhar.

– O que, claro, vai ser depois de eu receber o primeiro milhão.

– Claro. Quando podemos ver os seus dossiês?

– Daqui a uma semana, mais ou menos. Consegui copiar quatro dossiês que pertencem a outra pessoa. Posso colocar as mãos em mais alguns.

– Quem está fazendo as cópias?

– Não é da sua conta.

Tarrance pensou durante um segundo e deixou passar.

– Quantos dossiês?

– Entre quarenta e cinquenta. Só posso tirar da firma uns poucos de cada vez. Em alguns eu trabalhei durante oito meses, em outros por uma semana mais ou menos. Pelo que sei, são clientes legítimos.

– Quantos desses clientes você conheceu pessoalmente?

– Dois ou três.

– Não aposte que são todos legítimos. Hodge nos contou sobre alguns processos falsos, ou processos suados, como eles são conhecidos pelos sócios, que estão por aí há anos e servem pra iniciar todo associado novo. Processos pesados que exigem centenas de horas e fazem com que os novatos se sintam advogados de verdade.

– Processos suados?

– Foi como Hodge chamou. É um jogo fácil, Mitch. Eles atraem você com dinheiro. Esmagam você com trabalho que parece legítimo e a maior parte é provavelmente ilegítimo. Então, depois de alguns anos, sem perceber você se torna parte da conspiração. Você é fisgado e não há como sair. Até você, Mitch. Você começou a trabalhar em julho, há oito meses, e provavelmente já meteu a mão em alguns processos sujos. Você não sabia, não tinha motivo para suspeitar. Mas eles já aprontaram para você.

– Dois milhões, Tarrance. Dois milhões e meu irmão.

Tarrance tomou o café morno e pediu um pedaço de torta quando Dot veio atendê-los. Olhou o relógio e examinou os caminhoneiros, todos fumando cigarro, bebendo café e fofocando. Ajeitou os óculos escuros.

– Então o que eu digo ao Sr. Voyles?

– Diga que não temos acordo até ele concordar em tirar Ray da prisão. Sem acordo, Tarrance.

– Acho que podemos pensar em alguma coisa.

– Tenho certeza que sim.

– Quando você vai para as Cayman?

– No domingo de manhã. Por quê?

– Só curiosidade.

– Bom, eu gostaria de saber quantos grupos diferentes vão me seguir até lá. Seria pedir demais? Tenho certeza de que vamos atrair uma multidão e, para ser sincero, nós esperávamos um pouquinho de privacidade.

– Vão para uma casa da firma?

– Claro.

– Esqueça a privacidade. O lugar deve ter mais microfones do que uma estação de rádio. Talvez até algumas câmeras.

– Isso é reconfortante. Talvez a gente fique algumas noites na Loja de Mergulho Abanks. Se vocês estiverem por perto, passem para beber com a gente.

– Muito engraçado. Se estivermos lá, será por um motivo que você não vai saber.

Tarrance comeu a torta em três garfadas. Deixou dois dólares na mesa e os dois foram para os fundos escuros da parada de caminhões. O asfalto sujo vibrava sob o ronco constante de meio hectare de motores a diesel. Esperaram no escuro.

– Vou falar com o Voyles daqui a algumas horas – disse Tarrance. – Por que você e sua mulher não dão um passeio de carro amanhã à tarde? É sábado.

– Algum lugar específico?

– Sim. Há uma cidade chamada Holly Springs 50 quilômetros a leste daqui. Um lugar antigo, cheio de casas de antes da Guerra Civil e de história dos confederados. As mulheres adoram olhar as mansões antigas. Apareçam por volta das quatro horas e nós achamos vocês. Nosso coleguinha, o Laney, estará dirigindo um Chevy Blazer vermelho-vivo com placa do Tennessee. Vá atrás dele. Encontramos um local e conversamos.

– É seguro?

– Confie em nós. Se virmos ou farejarmos alguma coisa vamos cancelar. Dê uma volta pela cidade durante uma hora e, se não vir o Laney, peguem um sanduíche e vão para casa. Você vai saber que eles estavam perto demais. Nós não nos arriscamos.

– Obrigado. Vocês são fantásticos.

Laney virou a esquina com o BMW e desceu do carro.

- Tudo limpo. Nenhum rastro de ninguém.
  - Bom – tornou Tarrance. – Vejo você amanhã, Mitch. Boa sorte.
- Os dois se apertaram as mãos.
- Não é negociável, Tarrance – repetiu Mitch.
  - Pode me chamar de Wayne. Vejo você amanhã.

As nuvens pretas e a chuva forte tinham afastado os turistas de Seven Mile Beach muito antes de os McDeeres, encharcados e cansados, chegarem à luxuosa casa de dois andares no condomínio. Mitch deu marcha a ré no jipe alugado, subiu o meio-fio e atravessou o pequeno gramado até a porta da frente. Unidade B. Na primeira visita tinha ficado na Unidade A. Pareciam idênticas, a não ser pela pintura e pelo acabamento. A chave serviu e eles levaram as bagagens enquanto as nuvens jorravam e a chuva apertava.

Quando estavam abrigados e secos, desfizeram as malas no quarto principal do andar de cima, que tinha uma longa varanda voltada para a praia encharcada. Cautelosos com as palavras, inspecionaram a casa e verificaram cada cômodo e cada armário. A geladeira estava vazia, mas o bar era muito bem abastecido. Mitch preparou duas bebidas, rum com Coca, em homenagem às ilhas. Sentaram-se na varanda com os pés na chuva e olharam o oceano borbulhar e se espalhar pela areia. O Rumheads estava silencioso e quase invisível à distância. Dois nativos estavam sentados junto ao balcão, bebendo e olhando o mar.

– Aquilo ali é o Rumheads – disse Mitch, apontando com a bebida.

– Rumheads?

– Eu falei com você sobre ele. É um lugar onde os turistas bebem e os moradores jogam dominó.

– Ah, sim.

Abby não pareceu impressionada. Bocejou e desceu mais o corpo na cadeira de plástico. Fechou os olhos.

– Ah, é fantástico, Abby. Nossa primeira viagem para fora do país, nossa primeira lua de mel de verdade, e você dorme dez minutos depois de chegarmos em terra.

– Estou cansada, Mitch. Fiquei a noite toda fazendo as malas enquanto você dormia.

– Você preparou oito malas, seis para você e duas para mim. Colocou todas as roupas que nós temos. Não é de espantar que tenha ficado acordada a noite toda.

– Não quero ficar sem roupas.

– Ficar sem? Quantos biquínis você colocou? Dez? Doze?

– Seis.

– Fantástico. Um por dia. Por que não veste um?

– O quê?

– Você ouviu. Vá colocar aquele azul cavado, de lacinho, aquele que pesa meio grama e custa 60 pratas e deixa o peito pulando para fora quando você anda. Quero ver.

– Mitch, está chovendo. Você me trouxe para esta ilha durante a temporada de monções. Olhe aquelas nuvens. Escuras, densas e totalmente paradas. Não vou precisar de biquíni esta semana.

Mitch sorriu e começou a acariciar as pernas dela.

– Eu gosto da chuva. Na verdade, espero que chova a semana toda. Isso vai manter a gente aqui dentro, na cama, tomando rum e um tentando machucar o outro.

– Estou chocada. Quer dizer que você quer sexo? Nós já fizemos uma vez neste mês.

– Duas.

– Achei que você queria mergulhar a semana toda.

– Não. Provavelmente tem algum tubarão por lá, me esperando.

O vento soprou mais forte. A varanda estava ficando encharcada.

– Vamos tirar a roupa – sugeriu Mitch.

DEPOIS DE UMA hora a tempestade começou a se mover. A chuva diminuiu, depois virou uma garoa e finalmente sumiu. O sol clareou enquanto as nuvens escuras e

baixas deixavam a ilha minúscula e iam para o Nordeste, em direção a Cuba. Pouco antes da hora marcada sumiu no horizonte, o sol emergiu de repente para um rápido bis. As casas de praia, os condomínios e os quartos de hotel se esvaziaram à medida que os turistas iam para a areia em direção à água. De repente o Rumheads ficou apinhado com atiradores de dardos e banhistas cheios de sede. O jogo de dominó continuou de onde havia parado. A banda de reggae no Palms, ao lado, ligou os instrumentos.

Mitch e Abby caminharam sem destino pela beira d'água, na direção de Georgetown, para longe de onde a garota estivera. Ele pensava ocasionalmente nela e nas fotos. Tinha concluído que ela era uma profissional e fora paga por DeVasher para seduzi-lo e deitar com ele diante das máquinas fotográficas escondidas. Achava que não ia vê-la desta vez.

Como se tivesse aproveitado a deixa, a música parou, o pessoal que caminhava na praia se imobilizou, o barulho no Rumheads diminuiu e todos os olhares se viraram para ver o sol encontrar a água. Nuvens cinza e brancas, restos esgarçados da tempestade, estavam baixas no horizonte e desceram junto com o sol. Lentamente assumiram tons de laranja, amarelo e vermelho, a princípio pálidos e, depois, subitamente intensos. Por alguns instantes o céu era uma tela e o sol esparramava sua variedade espantosa de cores com pinceladas fortes. Então a brilhante bola laranja tocou a água e sumiu em segundos. As nuvens escureceram e se dissiparam. Um pôr do sol das Cayman.

COM MUITO MEDO e cautela, Abby manobrou o jipe pelo tráfego matutino no distrito comercial. Ela era de Kentucky. Estava sem dirigir do lado esquerdo da rua há um tempo significativo. Mitch dava orientações e olhava pelo retrovisor. As ruas e as calçadas estreitas já estavam cheias de turistas olhando vitrines para comprar louças, cristais, perfumes, câmeras e joias livres de impostos.

Mitch apontou para uma rua lateral meio escondida e o jipe passou entre dois grupos de turistas. Ele lhe deu um beijo no rosto.

– Encontro você aqui às cinco.

– Tenha cuidado – disse ela. – Eu vou ao banco, depois vou ficar na praia perto do condomínio.

Mitch bateu a porta e desapareceu entre duas lojas pequenas. O beco dava



numa rua mais larga que levava à Hogsty Bay. Ele entrou numa loja cheia de gôndolas e araras com camisas para turistas, chapéus de palha e óculos escuros. Escolheu uma camisa florida espalhafatosa, verde e laranja, e um chapéu-panamá. Dois minutos depois saiu rapidamente da loja e entrou no banco de trás de um táxi.

– Aeroporto – disse. – E rápido. Olhe pelo retrovisor. Alguém pode estar seguindo a gente.

O motorista não respondeu, apenas passou pelos prédios de bancos e saiu da cidade. Dez minutos depois parou na frente do terminal.

– Alguém seguiu a gente? – perguntou Mitch, tirando dinheiro do bolso.

– Não, *mon*. Quatro dólares e 10 centavos.

Mitch jogou uma nota de 5 por cima do banco e entrou apressado no terminal. O voo da Cayman Airways para Cayman Brac partiria às nove. Numa loja comprou um copo de café e se escondeu entre duas fileiras de estantes cheias de suvenires. Observou a área de espera e não viu ninguém. Claro, ele não tinha ideia de como seus seguidores seriam, mas não viu ninguém farejando e procurando pessoas perdidas. Talvez estivessem seguindo o jipe ou passando pente-fino no bairro comercial em busca dele. Talvez.

Por 75 dólares das Ilhas Cayman, tinha reservado o último lugar do Trislander de dez passageiros e três motores. Abby tinha feito a reserva por um telefone público na noite em que os dois chegaram. No último instante possível, ele correu do terminal para o asfalto e subiu a bordo. O piloto bateu a porta e eles taxiam pela pista. Não havia nenhum outro avião visível. Um pequeno hangar ficava à direita.

Os dez turistas examinaram o mar azul brilhante e falaram pouco durante o voo de vinte minutos. Enquanto se aproximavam da Cayman Brac, o piloto começou a bancar o guia de turismo e fez um círculo amplo em volta da pequena ilha. Deu atenção especial aos penhascos altos que desciam até o mar na extremidade leste. Disse que sem os penhascos a ilha seria plana como a Grand Cayman. Pousou o avião suavemente numa pista estreita de asfalto.

Ao lado da pequena construção de madeira que tinha a palavra AEROPORTO pintada de todos os lados, um caucasiano bem-arrumado esperava e olhava os passageiros desembarcarem rapidamente. Era Rick Acklin, agente especial. Suor pingava de seu nariz e grudava a camisa às costas. Ele se adiantou uns passos.

– Mitch – disse quase consigo mesmo.

Mitch hesitou e em seguida se aproximou.

– O carro está aí em frente – explicou Acklin.

– Cadê o Tarrance?

Mitch olhou em volta.

– Esperando.

– O carro tem ar-condicionado?

– Infelizmente não. Sinto muito.

O carro não tinha ar, potência nem lanterna. Era um LTD 1974 e Acklin explicou, enquanto seguiam pela estrada poeirenta, que simplesmente não havia muitos carros para alugar na Cayman Brac. E o governo americano só tinha alugado um carro porque ele e Tarrance não tinham encontrado um táxi. Tiveram sorte de arranjar um tão em cima da hora.

As casas pequenas e bem-cuidadas eram próximas umas das outras, e o mar apareceu. Pararam no estacionamento arenoso de um estabelecimento chamado Brac Mergulhos. Um píer velho se projetava na água com uma centena de barcos atracados de todos os tamanhos. A oeste, ao longo da praia, havia uma dezena de cabanas com tetos de palha 60 centímetros acima da areia, abrigando mergulhadores que vinham de todo o mundo. Ao lado do píer ficava um bar ao ar livre, sem nome, mas com dominó e alvo para dardos. Ventiladores de madeira e latão pendiam do teto, através dos caibros, e giravam devagar e silenciosamente, refrescando os jogadores de dominó e o barman.

Wayne Tarrance estava sentado a uma mesa, sozinho, bebendo uma Coca e olhando uma equipe de mergulho carregar mil tanques amarelos idênticos do píer para um barco. Até para um turista sua roupa era chamativa. Óculos escuros com armação amarela, sandálias de palha marrons, obviamente novas em folha, com meias pretas, uma camisa havaiana justa com vinte cores espalhafatosas e um short de ginástica dourado muito velho e muito curto, que cobria pouco das pernas lustrosas e de um branco doentio embaixo da mesa. Ele balançou sua Coca para as duas cadeiras vazias.

– Bela camisa, Tarrance – disse Mitch, sem esconder que achava engraçado.

– Obrigado. A sua também é ótima.

– E belo bronzeado.

– Sim, sim. Preciso ter a aparência correta para o papel, você sabe.

O garçom pairava ali perto e esperou os pedidos. Acklin pediu uma Coca. Mitch disse que queria uma Coca com um pouco de rum. Os três ficaram observando o barco e os mergulhadores que embarcavam o equipamento volumoso.

– O que aconteceu em Holly Springs? – perguntou Mitch enfim.

– Desculpe, não pudemos evitar. Eles seguiram vocês desde Memphis e dois carros esperavam em Holly Springs. Não pudemos chegar perto.

– Você e sua mulher falaram do passeio antes de irem? – perguntou Acklin.

– Acho que sim. Provavelmente mencionamos umas duas vezes em casa.

Acklin pareceu satisfeito.

– Eles estavam preparados para vocês. Um Skylark verde acompanhou vocês por uns 30 quilômetros, depois se perdeu. Então nós cancelamos.

Tarrance tomou um gole de sua Coca.

– Na noite de sábado o Lear saiu de Memphis e voou sem escalas até a Grand Cayman – contou ele. – Achamos que dois ou três capangas estavam a bordo. O avião decolou no domingo de manhã e voltou para Memphis.

– Então eles estão aqui, seguindo a gente?

– Claro. Deviam ter duas pessoas no avião com você e Abby. Podiam ser homens, mulheres, ou os dois. Poderia ser um negro ou uma oriental. Quem sabe? Lembre-se, Mitch, eles têm muito dinheiro. Nós reconhecemos dois. Um estava em Washington quando você foi lá. Um louro de cerca de 40 anos, 1,85 metro, talvez um pouco mais, com cabelo bem curto, quase raspado, e muito forte. Feições nórdicas. Ele se move depressa. Nós o vimos ontem na ilha dirigindo um Escort vermelho que alugou na Coconut Car.

– Acho que já o vi – disse Mitch.

– Onde? – perguntou Acklin.

– Num bar do aeroporto de Memphis na noite em que voltei de Washington. Eu peguei o sujeito olhando para mim e na hora achei que o tinha visto em Washington.

– É o próprio. Ele está aqui.

– Quem é o outro?

– Tony Verkler, ou Tony Duas Toneladas, como nós chamamos. É um bandido com uma ficha de condenações impressionante, a maioria em Chicago.

Trabalha há anos para os Moroltos. Pesa uns 140 quilos e é ótimo em vigiar porque ninguém suspeitaria dele.

– Ele estava no Rumheads ontem à noite – acrescentou Acklin.

– Ontem? Nós estivemos lá ontem à noite.

Com grande cerimônia, o barco de mergulho se afastou do píer e foi para o mar aberto. Para além do píer, pescadores em barcos pequenos puxavam redes e marinheiros pilotavam os catamarãs coloridos para longe da terra. Depois de um início suave e sonolento, agora a ilha estava acordada. Metade dos barcos atracados no píer tinha partido ou estava partindo.

– E quando vocês chegaram? – perguntou Mitch, tomando um gole da sua bebida, que era mais rum do que Coca.

– No domingo à noite – respondeu Tarrance, olhando o barco de mergulhos desaparecer devagar.

– Só por curiosidade, quantos homens vocês têm na ilha?

– Quatro homens e duas mulheres – respondeu Tarrance.

Acklin ficou calado e deixou toda a conversa ser conduzida por seu supervisor.

– E por que exatamente vocês estão aqui? – perguntou Mitch.

– Ah, por vários motivos. Em primeiro lugar, queremos falar com você e fechar nosso pequeno trato. O diretor Voyles está ansiosíssimo para chegar a um acordo aceitável para você. Em segundo, queremos vigiá-los para determinar quantos capangas estão aqui. Vamos passar a semana tentando identificar essas pessoas. A ilha é pequena e é um bom lugar para observar.

– E em terceiro lugar você queria pegar um bronze?

Acklin conseguiu dar um risinho. Tarrance sorriu e depois franziu a testa.

– Não, não exatamente. Estamos aqui para proteger você.

– Me proteger?

– É. Na última vez que me sentei nesta mesma mesa eu estava falando com Joe Hodge e Marty Kozinski. Tem uns nove meses. Um dia antes de eles serem mortos, para ser exato.

– E você acha que estão planejando me matar?

– Não. Ainda não.

Mitch sinalizou para o garçom trazer mais uma bebida. O jogo de dominó ficou acalorado e ele olhou os nativos discutindo e bebendo cerveja.

– Olha, pessoal, enquanto nós conversamos, esses capangas, como vocês chamam, provavelmente estão seguindo minha mulher por toda a Grand Cayman. Vou ficar meio nervoso até voltar. Agora, e o trato?

Tarrance esqueceu o mar e o barco de mergulhos e encarou Mitch.

– Pode ser 2 milhões e...

– Claro que pode ser, Tarrance. Nós concordamos com isso, não foi?

– Relaxa, Mitch. Vamos pagar um milhão quando você entregar todos os seus dossiês. Depois disso, não vai ter como desistir. Você vai estar envolvido na coisa até o pescoço.

– Tarrance, eu sei disso. A sugestão foi minha, lembra?

– Mas essa é a parte fácil. Na verdade, nós não queremos os seus arquivos, porque eles são limpos. São bons. Legítimos. Queremos os ruins, Mitch, cheios de possibilidades de indiciamento. E vai ser muito mais difícil consegui-los. Mas, quando você fizer isso, vamos pagar mais meio milhão. E o resto depois do último julgamento.

– E meu irmão.

– Vamos tentar.

– Isso não me basta, Tarrance. Eu quero um compromisso.

– Não podemos prometer que vamos entregar o seu irmão. Meu Deus, ele ainda tem pelo menos sete anos para cumprir.

– Mas ele é meu irmão, Tarrance. Não me importa se é um assassino em série condenado à pena de morte esperando a última refeição. Ele é meu irmão, e, se vocês me querem, precisam soltá-lo.

– Eu disse que vamos tentar, mas não podemos nos comprometer. Não existe meio legal, formal, legítimo, para tirá-lo, por isso precisamos tentar os outros meios. E se ele levar um tiro durante a fuga?

– Só o tire de lá, Tarrance.

– Vamos tentar.

– Vocês vão colocar a força e os recursos do FBI para ajudar meu irmão a escapar da prisão, certo, Tarrance?

– Você tem minha palavra.

Mitch se recostou na cadeira e tomou um longo gole da bebida. Agora o trato era definitivo. Respirou com mais facilidade e sorriu na direção do magnífico Caribe.

– E quando recebemos seus dossiês? – perguntou Tarrance.

– Achei que vocês não os quisessem. Eles são limpos demais, lembra?

– Nós queremos os dossiês, Mitch, porque quando tivermos os dossiês teremos você. Você vai provar quem é quando entregar os dossiês, sua licença para exercer a profissão, por assim dizer.

– De dez a quinze dias.

– Quantos dossiês?

– Entre quarenta e cinquenta, como eu já havia falado. Os pequenos têm mais de 2 centímetros de grossura. Os grandes não caberiam nesta mesa. Não posso usar as copiadoras da firma, por isso tivemos que fazer outros arranjos.

– Talvez nós possamos ajudar com as cópias – disse Acklin.

– Não. Talvez eu peça, se precisar da sua ajuda.

– Como você propõe entregá-los? – perguntou Tarrance.

Acklin voltou a ficar quieto.

– Muito simples, Wayne. Quando eu tiver copiado todos, e quando o milhão estiver onde eu quero, eu entrego a chave de uma salinha perto de Memphis e você pode pegá-los com sua caminhonete.

– Eu falei que vamos depositar o dinheiro num banco suíço – disse Tarrance.

– E agora eu não quero que seja num banco suíço, está bem? Eu vou ditar os termos da transferência e ela vai ser feita exatamente como eu disser. De agora em diante é o meu pescoço que está na reta, pessoal, e por isso eu é que determino os termos. Pelo menos a maioria.

Tarrance sorriu, grunhiu e olhou para o píer.

– Então você não confia nos suíços?

– Só digamos que eu tenha outro banco em mente. Lembre-se, eu trabalho para gente que lava dinheiro, Wayne, por isso me especializei em esconder dinheiro em contas fora do país.

– Veremos.

– Quando terei o tal caderno sobre os Moroltos?

– Depois que recebermos os seus dossiês e pagarmos a primeira parte. Vamos dar o máximo de informações que pudermos, mas no geral você está por conta própria. Você e eu vamos precisar nos encontrar um bocado e, claro, isso vai ser bem perigoso. Talvez tenhamos que fazer algumas viagens de ônibus.

– Certo, mas da próxima vez eu me sento no corredor.

– Claro, claro. Qualquer um que tenha um milhão de dólares pode escolher onde se senta num Greyhound.

– Eu não vou viver para desfrutar a grana, Wayne. Você sabe.

A 5 QUILÔMETROS de Georgetown, na estrada estreita e sinuosa que levava a Bodden Town, Mitch o viu. O sujeito estava agachado atrás de um fusca com o capô levantado, como se algum problema no motor o tivesse feito parar. O homem estava vestido como um morador da ilha, sem roupas de turista. Poderia passar facilmente por um dos ingleses que trabalham para o governo ou os bancos. Estava bronzeado. Segurava algum tipo de chave de boca e parecia estudá-la e observar o jipe Mitsubishi de Mitch, que passou rugindo pelo lado esquerdo da estrada. O homem era nórdico.

Deveria ter passado despercebido.

Mitch diminuiu instintivamente para 50 quilômetros por hora, para esperá-lo. Abby se virou e olhou a estrada. A rodovia estreita até Bodden Town acompanhava o litoral por 8 quilômetros, depois se bifurcava e o oceano desaparecia. Em minutos o fusca verde do nórdico apareceu acelerando numa curva suave. O jipe dos McDeeres estava muito mais perto do que o nórdico tinha previsto. Ao ser visto, ele diminuiu a velocidade abruptamente, depois pegou a primeira estradinha de pedra branca em direção ao oceano.

Mitch acelerou na direção de Bodden Town. A oeste do pequeno povoado virou para o Sul e cerca de 1 quilômetro depois encontrou o oceano.

Eram dez da manhã e o estacionamento da Loja de Mergulho Abanks estava ocupado pela metade. Os dois barcos de mergulhos da manhã tinham partido trinta minutos antes. Os McDeeres foram rapidamente até o bar, onde Henry já estava entregando cerveja e cigarros aos jogadores de dominó.

Barry Abanks estava encostado num poste que sustentava o teto de palha do bar e olhava seus dois barcos de mergulho sumindo na ponta da ilha. Cada um deles fazia dois mergulhos, em lugares como Bonnie's Arch, Devil's Grotto, Eden Rock e Roger's Wreck Point, locais onde ele havia mergulhado e guiado mil vezes. Alguns lugares ele próprio tinha descoberto.

Os McDeeres se aproximaram e Mitch apresentou sua mulher ao Sr. Abanks, que não foi educado, mas também não foi grosseiro. Partiram para o pequeno

pier, onde um marinheiro preparava um barco de pesca de 30 pés. Abanks soltou uma série indecifrável de ordens na direção do jovem marinheiro, que era surdo ou não tinha medo do chefe.

Mitch ficou perto de Abanks, que agora comandava o barco, e apontou para o bar a 50 metros de distância, na outra ponta do pier.

– Você conhece todas aquelas pessoas no bar? – perguntou.

Abanks franziu a testa, desconfiado.

– Eles tentaram me seguir até aqui. Só estou curioso – explicou-se Mitch.

– É o pessoal de sempre – respondeu Abanks. – Nenhum estranho.

– O senhor notou algum estranho por aqui hoje de manhã?

– Olha, este lugar atrai gente estranha. Eu não fico anotando quem é estranho e quem é normal.

– O senhor viu um americano gordo, ruivo, com pelo menos 140 quilos?

Abanks fez que não com a cabeça. O marinheiro fez o barco sair de ré, afastando-se do pier, e depois ir na direção do horizonte. Abby sentou-se num banquinho acolchoado e olhou as construções da empresa de mergulho desaparecerem. Numa bolsa de vinil entre os pés dela estavam dois pares de pés de pato e máscaras de mergulho. Aparentemente, era um passeio para nadar com snorkels e talvez pescar um pouco, se os peixes estivessem mordendo. O próprio chefe tinha concordado em acompanhá-los, mas só depois de Mitch insistir e dizer que precisavam falar de assuntos pessoais. Assuntos particulares, relativos à morte do filho dele.

DE UMA SACADA com tela no segundo andar de uma casa de praia em Cayman Kai, o nórdico observava as duas cabeças com snorkels subirem e descerem em volta do barco de pesca. Entregou o binóculo a Tony Verkler, o Tony Duas Toneladas, que, logo entediado, o devolveu. Uma loura linda, com maiô preto cavado nas pernas quase até as costelas, parou atrás do nórdico e pegou o binóculo. Tinham interesse principalmente no marinheiro.

– Não entendo – disse Tony. – Se eles queriam falar sério, por que o garoto? Por que ter mais um par de ouvidos por perto?

– Talvez estejam falando sobre mergulho e pesca – comentou o nórdico.

– Não sei – observou a loura. – É incomum o Abanks passar tempo num



barco de pesca. Ele gosta dos mergulhadores. Deve haver um bom motivo para ele perder um dia com dois novatos de snorkel. Tem alguma coisa estranha aí.

– Quem é o garoto? – perguntou Tony.

– Só um pateta – respondeu ela. – Ele tem uma dúzia deles.

– Você pode falar com ele mais tarde? – perguntou o nórdico.

– Sim – disse Tony. – Mostre um pouco de pele a ele, dê uma cheirada com ele. Ele vai falar.

– Vou tentar – concordou ela.

– Qual é o nome dele? – perguntou o nórdico.

– Keith Rook.

KEITH ROOK MANOBROU o barco perto do píer em Rum Point. Mitch, Abby e Abanks desceram e foram para a praia. Keith não foi convidado para o almoço. Ficou para trás, lavando o convés com certa preguiça.

O Shipwreck Bar ficava a uns 100 metros da praia, sob a sombra pesada de poucas árvores frondosas. Era escuro e úmido, com telas nas janelas e ventiladores de teto que guinchavam. Não havia reggae, dominós ou dardos. Os fregueses do meio-dia estavam quietos, cada mesa concentrada em sua conversa particular.

A mesa deles era voltada para o mar ao norte. Eles pediram cheeseburgers e cerveja, comida da ilha.

– Este bar é diferente – observou Mitch em voz baixa.

– Muito – respondeu Abanks. – E por bons motivos. É um antro de traficantes de drogas, donos de muitos apartamentos e casas bonitas por aqui. Eles chegam em seus jatos particulares, depositam o dinheiro em nossos ótimos bancos e passam alguns dias verificando as propriedades.

– É um ótimo bairro.

– É ótimo, mesmo. Eles têm milhões de dólares e ficam na deles.

A garçonete, uma mulata rude, largou três garrafas de Red Stripe jamaicana na mesa sem dizer uma palavra. Abanks se inclinou para a frente, apoiando-se nos cotovelos e de cabeça baixa, o modo costumeiro de falar no Shipwreck Bar.

– Então você acha que pode sair dessa? – perguntou.

Mitch e Abby se inclinaram para a frente também e as três cabeças se

encontraram, baixas, no centro da mesa, logo acima das cervejas.

Mitch o encarou e disse:

– Não simplesmente sair, mas fugir. Vou correr feito o diabo da cruz, mas vou conseguir. E vou precisar da sua ajuda.

Abanks pensou por um momento e levantou a cabeça. Deu de ombros.

– Mas o que devo fazer?

Ele tomou o primeiro gole de sua Red Stripe.

Abby a viu primeiro. Só uma mulher para ver outra mulher se esforçando com tanta elegância para escutar a conversa deles. Ela estava de costas para Abanks. Era uma loura perfeita, parcialmente escondida por óculos escuros baratos que cobriam a maior parte do rosto, que olhava o oceano e prestava atenção demais. Quando os três se inclinaram para a frente, ela se empertigou e se esforçou para ouvir. Estava sozinha numa mesa para dois.

Abby cravou as unhas na perna do marido e os três se calaram. A loura de preto tentou escutar, depois se virou para sua bebida.

WAYNE TARRANCE TINHA melhorado o figurino na sexta-feira da Semana das Cayman. As sandálias de palha, o short justo e os óculos adolescentes tinham sumido. As pernas de uma palidez doentia tinham sumido. Agora estavam de um vermelho-vivo, queimadas a ponto de ficarem irreconhecíveis.

Depois de três dias no refúgio tropical conhecido como Cayman Brac, ele e Acklin, agindo em nome do governo dos Estados Unidos, tinham conseguido um hotel barato na Grand Cayman, a quilômetros da Seven Mile Beach e fora do alcance a pé de qualquer trecho remoto de mar.

Ali haviam estabelecido um posto de comando para monitorar as idas e vindas dos McDeeres e de outras pessoas relevantes. Dividiam um quarto pequeno no Coconut Motel, com duas camas de solteiro e chuveiro frio. Na manhã de quarta-feira, tinham contatado McDeere e requisitado um encontro quanto antes. Ele recusou. Disse que estava ocupado demais, que ele e a mulher estavam em lua de mel e não tinham tempo. Talvez mais tarde, foi só o que disse.

Então, no fim da tarde de quinta-feira, enquanto Mitch e Abby desfrutavam uma garoupa grelhada no Lighthouse, na estrada para Bodden Town, Laney, o

agente Laney, vestindo uma roupa adequada para a ilha e parecendo um negro ilhéu, parou junto à mesa deles e declarou: Tarrance insistia num encontro.

Os frangos precisavam ser importados para as Ilhas Cayman, e não eram dos melhores. Só frangos de tamanho médio, que eram consumidos não pelos ilhéus nativos, mas por americanos longe de casa que sentiam falta dessa iguaria básica. O coronel Sanders tivera uma dificuldade enorme para ensinar às jovens da ilha a fritar frango. Era algo desconhecido para elas.

E foi assim que o agente especial Wayne Tarrance, do Bronx, arranhou um encontro rápido e secreto na franquia do KFC na Grand Cayman. A única franquia do tipo. Achou que o lugar estaria deserto. Errou.

Uma centena de turistas famintos da Geórgia, do Alabama, do Texas e do Mississippi apinhavam o lugar e devoravam frango supercrocante com salada de repolho e purê de batata. Em Tupelo o gosto era melhor, mas esse quebrava o galho.

Tarrance e Acklin sentaram-se num reservado no restaurante cheio e vigiaram nervosos a porta da frente. Não era tarde demais para abortar o encontro. Só havia muita gente. Por fim Mitch apareceu sozinho e entrou na fila comprida. Levou sua caixinha vermelha para a mesa deles e se sentou. Não disse olá nem nada. Começou a comer o jantar pelo qual tinha pagado 4,89 dólares das Ilhas Cayman. Frango importado.

– Onde você esteve? – perguntou Tarrance.

Mitch atacou uma coxa.

– Na ilha. É idiotice a gente se encontrar aqui, Tarrance. Tem gente demais.

– Sabemos o que estamos fazendo.

– É, que nem na sapataria coreana.

– Que engraçadinho. Por que você não quis falar com a gente na quarta-feira?

– Na quarta eu estava ocupado. Não queria ver você na quarta. Estou limpo?

– Claro que está. Laney teria abordado você logo na entrada se você não estivesse.

– Este lugar me deixa nervoso, Tarrance.

– Por que você foi procurar o Abanks?

Mitch limpou a boca e segurou a coxa parcialmente devorada. Uma coxa bem pequena.

– Ele tem um barco. Eu queria pescar e nadar com snorkel, por isso nós fizemos um trato. Onde você estava, Tarrance? No submarino que acompanhou a gente em volta da ilha?

– O que Abanks disse?

– Ah, ele sabe um monte de palavras. Olá. Me dá uma cerveja. Quem está seguindo a gente? Várias palavras.

– Eles seguiram vocês, sabia?

– Eles! Eles quem? Eles vocês ou eles eles? Estou sendo tão seguido que já existe uma fila atrás de mim.

– Os bandidos, Mitch. Os de Memphis, Chicago e Nova York. Os que vão matar você amanhã se você bancar o engraçadinho.

– Estou emocionado. Então eles me seguiram. Para onde eu os levei? Para nadar? Pescar? Qual é, Tarrance. Eles me seguem, vocês os seguem, você me segue, eles seguem vocês. Se eu pisar no freio vou ficar com vinte narizes enfiados no rabo. Por que nós estamos aqui, Tarrance? Este lugar está cheio.

Tarrance olhou em volta, frustrado.

Mitch fechou a caixa com o frango.

– Olha, Tarrance, estou nervoso e perdi o apetite.

– Relaxa, você estava limpo quando veio do condomínio.

– Eu estou sempre limpo, Tarrance. Acho que Hodge e Kozinski estavam limpos sempre que se moviam. Estavam limpos no Abanks. Estavam limpos no barco de mergulho. Estavam limpos nos funerais. Isso não foi boa ideia, Tarrance. Estou indo.

– Certo. Quando o seu avião parte?

– Por quê? Vocês planejam ir atrás? Vão seguir a mim ou a eles? E se eles seguirem vocês? E se houver uma grande confusão e eu seguir todo mundo?

– Qual é, Mitch.

– Nove e quarenta da manhã. Vou tentar guardar um lugar para vocês. Você pode ficar na janela ao lado do Tony Duas Toneladas.

– Quando vamos receber seus dossiês mesmo?

Mitch se levantou com a caixa de frango.

– Daqui a uma semana, mais ou menos, como já falei. Me dê dez dias. E, Tarrance, chega de encontros em público. Lembre-se: eles matam advogados, não agentes do FBI idiotas.

Às oito da manhã de domingo, Oliver Lambert e Nathan Locke receberam permissão para passar pela parede de concreto no quinto andar e percorreram o labirinto de salinhas. DeVasher estava esperando. Fechou a porta atrás deles e apontou para as cadeiras. Seu passo não foi tão rápido. A noite tinha sido uma longa batalha perdida contra a vodca. Os olhos estavam vermelhos e o cérebro inchava cada vez que inspirava.

– Falei com Lazarov ontem em Las Vegas. Expliquei do melhor modo possível por que vocês estavam tão relutantes em demitir seus quatro advogados, Lynch, Sorrell, Buntin e Myers. Dei a ele todos os seus bons motivos. Ele disse que ia pensar, mas que enquanto isso vocês devem se certificar muito bem de que esses quatro só trabalhem em processos limpos. Não corram nenhum risco e os vigiem de perto.

– Ele é um cara legal, não é? – disse Oliver Lambert.

– Ah, sim. A gentileza em pessoa. Falou que o Sr. Morolto pergunta sobre a firma uma vez por semana há seis semanas. Disse que todos eles estão ansiosos.

– O que você contou?

– Que as coisas estão seguras, por enquanto. Os vazamentos foram tapados, por enquanto. Creio que ele não tenha acreditado.

– E o McDeere? – perguntou Locke.

– Teve uma semana maravilhosa com a mulher. Vocês já a viram num biquíni de lacinho? É incrível! Tiramos algumas fotos, só por diversão.

– Não vim aqui olhar fotos – reagiu Locke rispidamente.

– Não diga! Eles passaram um dia inteiro com o nosso amiguinho Abanks, só os três e um marinheiro. Brincaram na água, pescaram um pouco e conversaram muito. Sobre o quê, não sabemos. Não chegamos perto o suficiente. Mas isso me deixa com muitas suspeitas, pessoal. Muitas suspeitas.

– Não vejo o motivo – comentou Lambert. – Do que eles podem falar, a não ser de pesca, mergulho e, claro, Hodge e Kozinski? E se eles falaram de Hodge e Kozinski? Qual é o problema?

– Ele não conheceu Hodge e Kozinski, Oliver – observou Locke. – Por que estaria tão interessado na morte deles?

– Não esqueçam – pontuou DeVasher – que no primeiro encontro Tarrance falou que as mortes não tinham sido acidentais. Ele agora pensa que é Sherlock Holmes procurando pistas.

– Ele não vai descobrir nenhuma, não é, DeVasher?

– Claro que não! Foi um serviço perfeito. Ah, claro, há algumas perguntas sem resposta, mas a polícia das Cayman certamente não pode responder. Nem o nosso garoto McDeere.

– Então por que você está preocupado? – perguntou Lambert.

– Porque em Chicago eles estão preocupados, Ollie, e eles me pagam um bom dinheiro para ficar preocupado aqui. E, até os federais deixarem a gente em paz, todo mundo permanece preocupado, está bem?

– O que mais ele fez?

– O de sempre para quem tira férias nas Cayman. Sexo, sol, rum, um pouco de compras e turismo. Nós tínhamos três pessoas na ilha e elas o perderam de vista umas duas vezes, mas nada sério, espero. Como eu sempre digo, não é possível seguir uma pessoa 24 horas por dia, sete dias por semana, sem ser apanhado. Por isso às vezes precisamos levar numa boa.

– Você acha que o McDeere está falando? – perguntou Locke.

– Eu sei que ele mente, Nat. Ele mentiu sobre o incidente na sapataria coreana há um mês. Vocês não querem acreditar, mas estou convencido de que ele entrou voluntariamente naquela loja porque queria falar com Tarrance. Um dos nossos cometeu um erro, chegou perto demais, por isso o pequeno encontro foi interrompido. Essa não é a versão do McDeere, mas foi isso que aconteceu. É, Nat, acho que ele está falando. Talvez Mitch se encontre com Tarrance e

mande ele para o inferno. Talvez os dois estejam fumando maconha juntos. Não sei.

– Mas você não tem nada concreto, DeVasher – falou Ollie.

O cérebro inchava e encolhia de forma dolorosa no crânio. Doía a ponto de enlouquecer.

– Não, Ollie, nada como Hodge e Kozinski, se é isso que você quer dizer. Nós tínhamos gravações daqueles rapazes e sabíamos que eles iam falar. O McDeere é um pouco diferente.

– Além disso ele é novato – indicou Nat. – Um advogado aqui há oito meses que não sabe de nada. Passou mil horas nos processos suados, e o único cliente de quem ele cuidou era legítimo. Avery tem tido um cuidado extremo com os arquivos em que McDeere toca. Nós falamos sobre isso.

– Ele não tem nada a dizer porque não sabe de nada – acrescentou Ollie. – Marty e Joe sabiam muitíssimo mais, mas estavam aqui fazia anos. McDeere é um recém-contratado.

DeVasher massageou suavemente as têmporas.

– Então vocês contrataram um verdadeiro panaca. Vamos supor que o FBI tenha apenas uma vaga ideia de quem é nosso maior cliente. Certo. Pensem comigo. E só vamos supor que Hodge e Kozinski tenham dado a eles o suficiente para confirmar a identidade desse cliente específico. Estão vendo aonde quero chegar? E vamos supor que os federais tenham contado tudo que sabem ao McDeere, exagerando algumas coisas. De repente seu novato ignorante é um homem muito esperto. E muito perigoso.

– Como você pode provar isso?

– Para começo de conversa vamos aumentar a vigilância. Colocar a mulher dele sob vigilância 24 horas por dia. Já liguei para Lazarov e requisitei mais homens. Disse que precisávamos de umas caras novas. Eu vou amanhã a Chicago falar com Lazarov e talvez com o Sr. Morolto. Lazarov acha que Morolto tem contato com um sujeito do FBI, um cara que é próximo de Voyles e pode vender informações. Mas parece que é caro. Eles querem avaliar os fatos e decidir que caminho vão tomar.

– E você vai dizer a eles que o McDeere está falando? – perguntou Locke.

– Vou contar o que sei e do que suspeito. Tenho medo de que, se ficarmos

sentados esperando alguma coisa concreta, acabe ficando tarde demais. Tenho certeza de que Lazarov vai querer discutir planos para eliminá-lo.

– Planos preliminares? – perguntou Ollie, com alguma esperança.

– Já passamos do estágio preliminar, Ollie.

A HOURGLASS TAVERN em Nova York fica na Rua 46, perto da esquina com a Nona Avenida. É um lugar pequeno, de 22 lugares, que ganhou fama com o cardápio caro e limite de 59 minutos para cada refeição. Nas paredes, não muito acima das mesas, ampulhetas com areia branca contam os segundos e os minutos até que o controlador da taberna – a garçonete – finalmente faça os cálculos e diga que o tempo acabou. Frequentada pelo pessoal da Broadway, geralmente está apinhada, com fãs leais esperando na calçada.

Lou Lazarov gostava da Hourglass porque era escura, discreta e possibilitava conversas particulares. Conversas curtas, de menos de 59 minutos. Gostava porque não ficava em Little Italy, e ele não era italiano, então, apesar de seus patrões serem sicilianos, não precisava comer a comida deles. Gostava do lugar porque tinha nascido e passado os primeiros quarenta anos de vida na região dos teatros. Depois o quartel-general da corporação foi para Chicago e ele foi transferido. Mas os negócios exigiam sua presença em Nova York pelo menos duas vezes por semana e, quando os negócios incluíam se encontrar com um membro de igual estatura de outra família, Lazarov sempre sugeria a Hourglass. Tubertini tinha estatura igual, ou um pouco mais. Relutante, concordou com a Hourglass.

Lazarov chegou primeiro e não esperou mesa. Por experiência sabia que o movimento diminuía por volta das duas da tarde, especialmente nas quintas-feiras. Pediu uma taça de vinho tinto. A garçonete virou a ampulheta acima da sua cabeça e a corrida começou. Ele sentou-se a uma mesa da entrada, virado para a rua, de costas para as outras. Era um homem corpulento de 58 anos, com peito largo e uma barriga enorme. Apoiou-se com força na toalha xadrez vermelha e ficou observando o tráfego na Rua 46.

Felizmente Tubertini foi pontual. Menos de um quarto da areia branca foi desperdiçado. Os dois se apertaram as mãos enquanto Tubertini examinava com desprezo o restaurante minúsculo. Deu um sorriso forçado para Lazarov e olhou



irritado para seu lugar junto da janela. Ficaria de costas para a rua, e isso era extremamente irritante. E perigoso. Mas seu carro estava do lado de fora, com dois dos seus homens. Decidiu ser educado. Manobrou habilmente em volta da mesa minúscula e sentou-se.

Tinha 37 anos e era genro do próprio velho Palumbo. Era da família, casado com a filha única dele. Era magro e bronzeado, com o cabelo preto e curto brilhantinado à perfeição e penteado para trás. Pediu vinho tinto.

– Como vai meu colega Joey Morolto? – perguntou com um sorriso brilhante e perfeito.

– Bem. E o Sr. Palumbo?

– Muito doente e mal-humorado. Como sempre.

– Por favor, dê minhas lembranças a ele.

– Certamente.

A garçonete se aproximou e olhou de forma ameaçadora para a ampulheta.

– Só vinho – disse Tubertini. – Não vou comer.

Lazarov olhou o menu e o entregou a ela.

– Peixe sauté e mais uma taça de vinho.

Tubertini olhou para seus homens no carro. Eles pareciam estar cochilando.

– E então, o que há de errado em Chicago?

– Nada. Só precisamos de algumas informações. Ouvimos boatos, sem confirmação, claro, de que vocês têm um homem muito confiável no FBI, em algum posto próximo de Voyles.

– E se tivermos?

– Precisamos de algumas informações desse homem. Temos uma pequena unidade em Memphis e os federais estão fazendo tudo para se infiltrar. Suspeitamos de que um dos nossos empregados está trabalhando com eles, mas não conseguimos pegá-lo.

– E se o pegarem?

– Vamos arrancar o fígado dele e dar aos ratos.

– É coisa séria, então?

– Extremamente séria. Alguma coisa me diz que os federais apontaram as miras para a nossa pequena unidade de lá e isso nos deixou bem nervosos.

– Digamos que o nome dele seja Alfred, e digamos que ele seja muito próximo de Voyles.

– Certo. Precisamos de uma resposta muito simples do Alfred. Precisamos saber, sim ou não, se nosso empregado está trabalhando com os federais.

Tubertini olhou para Lazarov e tomou um gole do seu vinho.

– Alfred é especializado em respostas simples. Ele prefere ficar no sim ou não. Nós o usamos duas vezes, só quando foi fundamental, e nas duas foi para perguntar “Os federais estão vindo para cá ou indo para lá?”. Ele é bastante cauteloso. Não creio que vá fornecer muitos detalhes.

– Ele é preciso?

– Mortalmente preciso.

– Então deve poder nos ajudar. Se a resposta for sim, vamos agir de acordo. Se for não, o empregado está liberado e tudo segue como antes.

– Alfred é muito caro.

– Foi o que eu temi. Quanto?

– Bom, ele está há dezesseis anos no FBI e é um homem de carreira. Por isso é tão cauteloso. Tem muito a perder.

– Quanto?

– Meio milhão.

– Merda!

– Claro, nós obtemos um pequeno lucro com a transação. Afinal de contas, Alfred é nosso.

– Um pequeno lucro?

– Na verdade é bem pequeno. A maior parte vai para ele, que fala com Voyles diariamente, sabe. A sala dele fica duas portas depois da sala do Voyles.

– Certo. Nós pagamos.

Tubertini abriu um sorriso conquistador e provou seu vinho.

– Acho que o senhor mentiu, Sr. Lazarov. Disse que era uma pequena unidade em Memphis. Não é verdade, é?

– Não.

– Qual é o nome dessa unidade?

– É a firma Bendini.

– A filha do velho Morolto se casou com um Bendini.

– Isso mesmo.

– Qual é o nome do empregado?

– Mitchell McDeere.

- Pode demorar duas ou três semanas. Dá muito trabalho encontrar com Alfred.
- Certo. Mas que não passe disso.

Era muito incomum esposas aparecerem na pequena e calma fortaleza da Front Street. Diziam a elas que eram bem-vindas, mas era raro serem convidadas. Assim, Abby McDeere chegou na frente do prédio e entrou na recepção sem ser convidada nem anunciada. Insistiu que era imperativo falar com o marido. A recepcionista telefonou para Nina no segundo andar e em segundos ela surgiu apressada e cumprimentou calorosamente a esposa do chefe. Mitch estava numa reunião, explicou. Ele sempre está numa maldita reunião, respondeu Abby. Tire-o de lá! As duas correram até a sala dele, onde Abby fechou a porta e esperou.

Mitch estava observando mais uma das cenas caóticas protagonizadas por Avery. Secretárias trombavam umas com as outras e enchiam pastas enquanto Avery gritava ao telefone. Mitch estava sentado no sofá com um bloco de anotações, olhando. Seu parceiro iria passar dois dias na Grand Cayman. Quinze de abril se aproximava como se fosse um encontro com um pelotão de fuzilamento, e os bancos de lá tinham certos registros que haviam se tornado essenciais. Era tudo trabalho, insistiu Avery. Ele falou sobre a viagem durante cinco dias, morrendo de medo dela, praguejando, mas afirmava que era inevitável. Pegaria o Lear, que agora estava esperando, disse uma secretária.

Provavelmente está esperando com um monte de dinheiro, pensou Mitch.

Avery bateu o telefone e pegou seu sobretudo. Nina passou pela porta e olhou séria para Mitch.

– Sr. McDeere, sua esposa está aqui. Disse que é uma emergência.

O caos silenciou. Mitch olhou com uma expressão vazia para Avery. As

secretárias congelaram.

– O que é? – perguntou ele, levantando-se.

– Ela está na sua sala – respondeu Nina.

– Mitch, eu preciso ir – disse Avery. – Ligo para você amanhã. Espero que tudo esteja bem.

– Claro.

Mitch acompanhou calado Nina pelo corredor até sua sala. Abby estava sentada à sua mesa. Ele trancou a porta. Observou-a com atenção.

– Mitch, preciso ir para a casa dos meus pais.

– Por quê? O que aconteceu?

– Meu pai acabou de ligar para a escola. Encontraram um tumor nos pulmões da mamãe. Vão operar amanhã.

Mitch respirou fundo.

– Sinto muito.

Não tocou nela. Ela não estava chorando.

– Preciso ir. Tirei licença na escola.

– Quanto tempo? – Era uma pergunta nervosa.

Ela olhou para além dele, para a Parede do Ego.

– Não sei, Mitch. Precisamos passar um tempo longe. Neste momento estou cansada de um monte de coisas e preciso de tempo. Acho que vai ser bom para nós dois.

– Vamos conversar sobre isso.

– Você está ocupado demais para conversar, Mitch. Eu tentei falar durante seis meses, mas você não consegue ouvir.

– Quanto tempo você vai ficar longe, Abby?

– Não sei. Acho que depende da mamãe. Não. Depende de um monte de coisas.

– Você está me deixando com medo, Abby.

– Eu volto, prometo. Não sei quando. Talvez daqui a uma semana. Talvez em um mês. Preciso resolver umas coisas.

– Um mês?

– Não sei, Mitch. Só preciso de um tempo. E preciso ficar com minha mãe.

– Espero que ela fique bem. Sério.

– Eu sei. Vou passar em casa para pegar umas coisas e parto em uma hora,

mais ou menos.

– Está bem. Tenha cuidado.

– Eu te amo, Mitch.

Ele assentiu e a viu abrir a porta. Não se abraçaram.

NO QUINTO ANDAR, um técnico rebobinou a fita e apertou o botão de emergência ligado à sala de DeVasher. Ele apareceu imediatamente e pôs os fones de ouvido sobre seu crânio extragrande. Ouviu por um momento.

– Rebobine – exigiu.

Ficou em silêncio mais um momento.

– Quando isso aconteceu? – perguntou.

O técnico olhou para um painel com números digitais.

– Há dois minutos e quatorze segundos. Na sala dele, no segundo andar.

– Droga, droga. Ela está abandonando o cara, não é? Não houve nenhuma conversa sobre separação ou divórcio antes disso?

– Não. Eu saberia. Eles discutiram sobre a rotina pesada de trabalho e ele odeia os pais dela. Mas nada assim.

– Sei, sei. Verifique com o Marcus se ele ouviu alguma coisa antes. Verifique as fitas, para o caso de termos deixado alguma coisa passar. Droga, droga, droga!

ABBY PARTIU PARA Kentucky, mas não chegou lá. Uma hora a oeste de Nashville, saiu da Interestadual 40 e virou para o Norte na Rodovia 13. Não tinha notado nada atrás dela. Às vezes dirigia a 130 por hora, às vezes a oitenta. Nada. Em uma cidadezinha chamada Clarksville, perto da fronteira de Kentucky, virou abruptamente para leste na Rodovia 12. Uma hora depois entrou em Nashville por uma estrada do condado e o Peugeot vermelho se perdeu no trânsito da cidade.

Parou no estacionamento rotativo do aeroporto de Nashville e pegou o ônibus para o terminal. Num banheiro do primeiro andar trocou de roupa, vestindo bermuda cáqui, mocassins e um pulôver de tricô azul-marinho. Era uma roupa bacana, meio fora da estação, mas ela estava indo para um clima mais quente. Prendeu o cabelo num rabo de cavalo e o enfiou para dentro da

gola. Trocou de óculos escuros e enfiou o vestido, os sapatos altos e a meiacalça numa bolsa de lona de academia.

Quase cinco horas depois de sair de Memphis, foi até o portão de embarque da Delta e apresentou a passagem. Pediu um lugar de janela.

Nenhum voo da Delta deixa de passar em Atlanta, mas felizmente ela não foi obrigada a trocar de avião. Esperou junto à sua janela e olhou a escuridão descer no aeroporto movimentado. Estava nervosa, mas tentou não pensar nisso. Tomou uma taça de vinho e leu uma *Newsweek*.

Duas horas depois pousou em Miami e saiu do avião. Andou apressada pelo aeroporto, atraindo olhares que ignorou. São só os olhares de sempre, de admiração e luxúria, disse a si mesma. Nada mais.

No único portão de embarque da Cayman Airways, apresentou sua passagem de ida e volta, a certidão de nascimento e a carteira de motorista, como era exigido. Gente maravilhosa, esse pessoal das Cayman, mas não permitem que você entre no país a não ser que já tenha comprado uma passagem para ir embora. Por favor venha e gaste seu dinheiro, depois saia. Por favor.

Sentou-se num canto da sala apinhada e tentou ler. Um jovem pai com uma mulher bonita e dois bebês ficou olhando para suas pernas, porém ninguém mais a notou. O voo para a Grand Cayman partiria em trinta minutos.

DEPOIS DE UM início atrapalhado, Avery ganhou ímpeto e passou sete horas no Royal Bank of Montreal, Georgetown, agência Grand Cayman. Quando saiu às cinco da tarde, a sala de reuniões que lhe fora oferecida estava cheia de documentos impressos e extratos de contas. Terminaria no dia seguinte. Precisava de McDeere, mas algumas circunstâncias tinham servido para cercar seriamente seus planos de viagem. Agora Avery estava exausto e com sede. E as coisas seguiam agitadas na praia.

No Rumheads, pegou uma cerveja no balcão e caminhou com o corpo bronzeado pela multidão, indo até o pátio, onde procurou uma mesa. Enquanto passava cheio de confiança pelo jogo de dominó, Tammy Greenwood Hemphill, da Serviços Greenwood, entrou nervosa, mas aparentando tranquilidade, e sentou-se num banco junto ao balcão. Observou-o. O bronzeado dela era artificial, produzido por uma máquina, com algumas áreas mais escuras do que

outras. Mas, no todo, era um bronzeado invejável para o fim de março. Agora o cabelo estava tingido, e não oxigenado, num suave louro-areia, e a maquiagem também parecia mais discreta. O biquíni era da última moda, de um laranja fluorescente que exigia atenção. Os seios grandes pendiam maravilhosamente, esticando as tiras e o pouco pano até o limite. O tecido no traseiro também era maravilhosamente incapaz de cobrir qualquer coisa. Tinha 40 anos, mas vinte pares de olhos famintos a acompanharam até o balcão, onde ela pediu uma água com gás e acendeu um cigarro. Fumou e ficou observando-o.

Ele era um lobo. Tinha boa aparência e sabia disso. Tomou um gole de cerveja e examinou com esmero cada mulher num raio de 50 metros. Fixou-se em uma loura jovem e parecia pronto para atacar quando o homem dela chegou e ela sentou-se no colo do sujeito. Tomou um gole de cerveja e continuou a observar.

Tammy pediu outra água com gás com uma rodela de lima e foi para o pátio. O lobo se fixou imediatamente nos seios grandes e os observou bambolear na sua direção.

– Posso me sentar? – perguntou ela.

Ele fez menção de se levantar e estendeu a mão para a cadeira.

– Por favor, sente-se.

Foi um momento fantástico para ele. De todos os lobos famintos cheios de tesão no balcão e no pátio do Rumheads, ela o havia escolhido. Ele já tivera garotas mais novas, mas naquele momento e naquele lugar ela era a mais gostosa.

– Sou Avery Tolar. De Memphis.

– É um prazer. Sou Libby. Libby Lox, de Birmingham.

Agora ela era Libby. Tinha uma irmã chamada Libby, uma mãe chamada Doris e seu nome era Tammy. E esperava com todas as suas forças não confundir nenhuma delas. Apesar de não usar aliança, tinha um marido cujo nome oficial era Elvis, e ele devia estar em Oklahoma City imitando o Rei, provavelmente comendo adolescentes com camisetas onde estava escrito LOVE ME TENDER.

– O que traz você aqui? – perguntou Avery.

– Diversão. Cheguei hoje cedo. Estou no Palms. E você?

– Sou advogado tributarista e, acredite ou não, estou aqui a trabalho. Sou obrigado a vir várias vezes por ano. É uma verdadeira tortura.



– Onde você está hospedado?

Ele apontou.

– Minha firma tem aquelas duas casas naquele condomínio. É uma bobagenzinha.

– Muito bonitas.

O lobo não hesitou.

– Gostaria de conhecer?

Ela riu como uma colegial.

– Talvez mais tarde.

Ele sorriu. Essa seria fácil. Avery adorava as ilhas.

– O que você está bebendo? – perguntou.

– Gim-tônica. Com um pouquinho de lima.

Ele foi até o balcão e voltou com as bebidas. Chegou sua cadeira mais para perto da dela. Agora as pernas dos dois se tocavam. Os seios pousavam confortavelmente na mesa. Ele olhou entre os dois.

– Está sozinha? – Pergunta óbvia, mas precisava fazer.

– Estou. E você?

– Também. Tem algum plano para o jantar?

– Na verdade, não.

– Bom. Vai ter um grande luau ali no Palms, começando às seis. Os melhores frutos do mar da ilha. Boa música. Ponche de rum. A coisa toda. Pode vestir qualquer coisa.

– Estou dentro.

Estavam mais próximos e de repente a mão dele estava entre os joelhos dela. O cotovelo dele se acomodou perto do seio direito e ele sorriu. Ela sorriu. Não estava sendo totalmente desagradável, pensou ela, mas havia negócios a fazer.

Os Barefoot Boys começaram a afinar os instrumentos e a festa começou. Banhistas vinham de todos os lados em direção ao Palms. Moradores da ilha, de paletó branco e bermuda branca, enfileiraram mesas, que cobriram com grossas toalhas de algodão. O cheiro de camarão, seriola grelhada e churrasco de cação encheu a praia. Os dois pombinhos, Avery e Libby, chegaram de mãos dadas ao pátio do Palms e entraram na fila do bufê.

Durante três horas jantaram e dançaram, beberam e dançaram, e ficaram num tesão louco um pelo outro. Assim que ele ficou bêbado, ela voltou à água

com gás, pura. Eram negócios. Às dez ele estava relaxado e ela o tirou da pista de dança, e foram até a casa do condomínio ao lado. Ele a atacou na entrada e os dois se beijaram e se apalparam durante cinco minutos. Ele conseguiu pegar a chave e os dois entraram.

– Mais uma bebida – disse ela, sempre a baladeira.

Ele foi ao bar e preparou um gim-tônica para ela. Estava bebendo uísque com água. Os dois se sentaram na varanda do quarto principal e olharam a meia-lua enfeitar o mar calmo.

Avery pensava que Libby havia bebido tanto quanto ele e, se ela aguentava mais um, ele também aguentaria. Mas a natureza chamava de novo e ele pediu licença. O uísque com água estava na mesinha de vime entre eles, e ela sorriu. Muito mais fácil do que havia sonhado. Pegou um saquinho de plástico na tira laranja entre as pernas e colocou uma cápsula de hidrato de cloral na bebida. Tomou um gole de seu gim-tônica.

– Beba, garotão – disse quando ele voltou. – Estou pronta para a cama.

Ele pegou o uísque e virou. As papilas gustativas estavam entorpecidas havia horas. Tomou outro gole e começou a relaxar. Mais um gole. Sua cabeça balançava de um ombro ao outro e finalmente o queixo bateu no peito. A respiração ficou pesada.

– Durma bem, garanhão – falou ela para si mesma.

Em um homem de 80 quilos, uma dose de hidrato de cloral induziria dez horas de sono profundo. Ela pegou o copo dele e avaliou o que restava. Não muito. Oito horas, para ter segurança. Rolou-o para fora da poltrona e o arrastou para a cama. Primeiro a cabeça, depois os pés. Com muito cuidado, tirou a bermuda de surfista amarela e azul pelas pernas e a jogou no chão. Ficou olhando por um longo tempo, depois o cobriu com os lençóis e cobertores. Deu-lhe um beijo de boa-noite.

Na penteadeira encontrou dois chaveiros, onze chaves. No andar de baixo, no corredor entre a cozinha e a grande sala com vista para a praia, achou a misteriosa porta trancada que Mitch havia encontrado em novembro. Ele havia percorrido cada cômodo, no andar de cima e no de baixo, e concluído que essa sala teria pelo menos 4,5 metros quadrados. Era algo suspeito, porque a porta era de metal e estava trancada e porque tinha uma pequena placa onde estava escrito

DEPÓSITO. Era o único cômodo rotulado em toda a casa. Uma semana antes, na Unidade B, ele e Abby não tinham encontrado um cômodo assim.

Um chaveiro tinha a chave de um Mercedes, duas do Edifício Bendini, uma chave de casa, duas chaves de apartamento e uma de uma escrivaninha. As do outro chaveiro não estavam marcadas e eram bastante genéricas. Ela o experimentou primeiro, e a quarta chave serviu. Respirou fundo e abriu a porta. Não houve nenhum choque elétrico, nem alarmes, nada. Mitch dissera para abrir a porta, esperar cinco minutos e, se nada acontecesse, acender a luz.

Ela esperou dez minutos. Dez minutos longos e assustadores. Mitch havia especulado que a Unidade A era usada pelos sócios e convidados de confiança e que a Unidade B era usada pelos associados e outros que tivessem que ficar sob vigilância constante. Assim, esperava que a Unidade A não estivesse cheia de grampos, câmeras, gravadores e alarmes. Depois de dez minutos, ela escancarou a porta e acendeu a luz. Esperou de novo e não escutou nada. A sala de fato tinha 4,5 metros quadrados, paredes brancas, sem carpete. Contou doze arquivos tamanho ofício à prova de fogo. Devagar, foi até um e puxou a gaveta de cima. Não estava trancada.

Apagou a luz, fechou a porta e voltou ao quarto no andar de cima, onde estava Avery, apagado e roncando alto. Eram dez e meia. Ela trabalharia feito louca durante oito horas e sairia às seis da manhã.

Perto de uma mesa no canto, havia três pastas grandes enfileiradas. Ela as pegou, apagou as luzes e saiu pela porta da frente. O pequeno estacionamento estava escuro e vazio, e um caminho de cascalho levava à estrada. Em frente às duas casas, perto dos arbustos, uma calçada se estendia até uma cerca de tábuas brancas no final da propriedade. Um portão levava a uma pequena colina gramada, acima da qual ficava o primeiro prédio do Palms.

Era uma caminhada curta do condomínio até o Palms, mas as pastas estavam bem mais pesadas quando ela chegou ao quarto 188. Ficava no primeiro andar, de frente, com vista para a piscina, mas não para a praia. Ela estava ofegante e suada quando bateu à porta.

Abby a abriu. Pegou as pastas e as colocou na cama.

– Algum problema?

– Por enquanto não. Acho que ele morreu.

Tammy enxugou o rosto com uma toalha e abriu uma lata de Coca.

- Onde ele está? – Abby falava de maneira objetiva, sem sorrisos.
- Na cama. Acho que temos oito horas. Até as seis.
- Você entrou na tal sala? – perguntou Abby, entregando um short e uma blusa larga de algodão.
- Entrei. Tem uma dúzia de arquivos grandes, destrancados. Algumas caixas de papelão e outros bagulhos, não muita coisa a mais.
- Uma dúzia?
- É. Altos. Grandes. Tamanho ofício. Teremos sorte se terminarmos antes das seis.

Era um quarto de hotel simples, com uma cama queen size. O sofá, a mesinha de centro e a cama tinham sido empurrados contra a parede, e uma copiadora Canon 880 com bandejas e alimentação automática estava no centro, já ligada. Alugada na Suprimentos para Escritório Island ao preço exorbitante de 300 dólares por 24 horas, entregue no destinatário. Era a maior e mais nova copiadora que havia para alugar na ilha, tinha explicado o vendedor, e ele não ficou feliz por se separar dela por apenas um dia. Mas Abby jogou charme e começou a colocar notas de 100 dólares no balcão. Duas caixas de papel para cópias, cada uma com dez mil folhas, estavam perto da cama.

Abriram a primeira pasta e tiraram seis pastas de papel finas.

– O mesmo tipo de material – murmurou Tammy consigo mesma.

Abriu o fecho duplo no interior da pasta e tirou os papéis.

– Mitch disse que eles são muito meticulosos com as pastas – explicou enquanto tirava o grampo de um documento de dez páginas. – Diz que os advogados têm um sexto sentido e quase podem sentir pelo cheiro se uma secretária ou um auxiliar mexeram nelas. Por isso você precisa ter cuidado. Trabalhe devagar. Copie um documento e, quando grampear as folhas de novo, tente alinhar com os furos dos grampos antigos. É chato. Copie só um documento de cada vez, independentemente do número de páginas. Depois coloque tudo de volta devagar e em ordem. Depois grampeie sua cópia para que tudo permaneça organizado.

Com a alimentação automática, o documento de dez páginas demorou oito segundos.

– É bem rápida – disse Tammy.

A primeira pasta foi copiada em vinte minutos. Tammy entregou os dois

chaveiros a Abby e pegou duas malas de lona Samsonite novas e vazias. Partiu para o condomínio.

Abby saiu com ela e trancou a porta. Foi até a frente do Palms, onde estava o Nissan Stanza alugado por Tammy. Desviando do tráfego no sentido contrário, que vinha pelo lado errado da rua, seguiu pela Seven Mile Beach e entrou em Georgetown. Dois quarteirões atrás do imponente edifício do Swiss Bank, numa rua estreita ladeada por belas casas de madeira, encontrou a que pertencia ao único chaveiro da Grand Cayman. Pelo menos era o único que ela conseguira localizar sem ajuda. Ele tinha uma casa verde com janelas escancaradas e acabamento branco em volta dos postigos e das portas.

Ela estacionou na rua e andou pela areia até a minúscula varanda da frente, onde o chaveiro e seus vizinhos estavam bebendo e ouvindo a Radio Cayman. Reggae bom. Eles se calaram quando ela se aproximou, e ninguém se levantou. Eram quase onze horas. Ele dissera que faria o serviço na oficina dos fundos, que cobrava barato e que gostaria de uma garrafa de rum Myers's como adiantamento antes de começar.

– Sr. Dantley, me desculpe por ter vindo tarde. Eu lhe trouxe um presentinho.

Ela entregou a garrafa de rum.

O Sr. Dantley emergiu da escuridão e pegou a bebida. Inspecionou a garrafa.

– Rapazes, uma garrafa de Myers's.

Abby não conseguia entender a conversa, mas era óbvio que a turma na varanda estava muito empolgada com o rum. Dantley a entregou a eles e levou Abby para trás da casa, até uma pequena construção externa cheia de ferramentas, pequenas máquinas e uma centena de enghocas. Uma única lâmpada amarela pendia do teto, atraindo centenas de mosquitos. Ela entregou as onze chaves a Dantley e ele as colocou com cuidado numa área limpa da bancada atulhada.

– Vai ser fácil – disse ele sem levantar os olhos.

Apesar de estar bebendo às onze da noite, Dantley parecia no controle. Talvez seu organismo tivesse criado imunidade ao rum. Ele trabalhou com um par de óculos grossos, esculpindo cada réplica. Depois de vinte minutos, terminou. Entregou a Abby os dois jogos originais de chaves e as cópias.

– Obrigada, Sr. Dantley. Quanto lhe devo?

– Isso foi fácil – falou ele com seu sotaque lento. – Um dólar por chave.

Ela pagou logo e foi embora.

TAMMY ENCHEU AS duas malas pequenas com o conteúdo da gaveta de cima do primeiro arquivo. Cinco gavetas, doze arquivos, sessenta viagens à copiadora e de volta. Em oito horas poderia ser feito. Havia pastas de papel, cadernos, documentos impressos e mais pastas. Mitch tinha dito para copiar tudo. Não tinha certeza do que estava procurando, portanto deviam levar tudo.

Ela apagou a luz e correu ao andar de cima para verificar o garanhão. Ele não tinha se mexido. Roncava em câmera lenta.

Cada Samsonite pesava quase 15 quilos e seus braços doíam quando ela chegou ao quarto 188. A primeira de sessenta viagens. Não iria conseguir. Abby não tinha voltado de Georgetown, por isso Tammy tirou tudo das malas e arrumou na cama. Tomou um gole de sua Coca e saiu com as malas vazias. De volta ao condomínio. A segunda gaveta era idêntica. Colocou as pastas em ordem dentro das malas e fez força para fechar os zíperes. Estava suando e ofegante. Quatro maços de cigarro por dia, pensou. Prometeu diminuir para dois. Talvez até um. Subiu a escada para verificar como ele estava. Parecia não ter respirado desde a última viagem.

Quando voltou da segunda viagem, a copiadora estava estalando e zumbindo. Abby estava terminando a segunda pasta, prestes a começar a terceira.

– Conseguiu as chaves? – perguntou Tammy.

– Consegui, tudo certo. Como está o seu cara?

– Se a copiadora não estivesse ligada, você poderia ouvir os roncos.

Tammy arrumou cuidadosamente outra leva na cama. Enxugou o rosto com uma toalha e saiu para o condomínio.

Abby terminou a terceira pasta e começou a copiar as pilhas de documentos tirados dos arquivos. Rapidamente pegou jeito com a alimentação automática e, depois de trinta minutos, movia-se com a graça eficiente de uma experiente funcionária de uma gráfica. Colocava cópias, tirava grampos e grampeava de novo enquanto a máquina estalava e cuspiam as reproduções na bandeja.

Tammy chegou da terceira viagem sem fôlego e com suor pingando do nariz.

– Terceira gaveta – informou. – Ele ainda está roncando.

Ela abriu as malas e fez outra pilha na cama. Recuperou o fôlego, enxugou o

rosto e colocou o conteúdo da primeira gaveta, já copiado, nas malas. Ia passar o resto da noite carregando peso, indo e vindo.

À meia-noite, os Barefoot Boys tocaram a última música e o Palms preparou-se para a noite. O zumbido fraco da copiadora não podia ser ouvido do lado de fora do quarto 188. A porta foi mantida trancada, as cortinas fechadas e todas as luzes apagadas, a não ser uma lâmpada perto da cama. Ninguém notou a mulher exausta, pingando suor, levando as mesmas duas malas para dentro e para fora do quarto.

Depois da meia-noite as duas não falaram. Estavam cansadas, ocupadas e com medo demais. E não havia nada para informar, a não ser os movimentos do garanhão na cama, se é que havia algum. E não houve, até por volta de uma da madrugada, quando ele rolou de lado, inconscientemente, onde ficou durante uns vinte minutos, depois voltou a ficar de barriga para cima. Tammy verificava como ele estava a cada visita e todas as vezes se perguntava o que faria se os olhos dele se abrissem de repente e ele a atacasse. Tinha um pequeno tubo de spray de pimenta no bolso da bermuda, para o caso de um confronto e da necessidade de fuga. Mitch havia sido vago quanto aos detalhes de uma fuga desse tipo. Só não o guie para o quarto do hotel, disse ele. Acerte-o com o spray, fuja feito louca e grite: “Estupro!”

Mas, depois de 25 viagens, ela se convenceu de que levaria horas para ele recuperar a consciência. Já era suficientemente ruim ir de um lado para outro feito uma mula de carga, mas também precisava subir a escada, quatorze degraus, para verificar o Casanova. Por isso passou a verificá-lo viagem sim, viagem não. Depois uma em cada três.

Às duas da madrugada, na metade do projeto, tinham copiado o conteúdo de cinco arquivos. Tinha feito mais de quatro mil cópias e a cama estava coberta com pequenas pilhas de materiais. As cópias estavam dispostas ao longo da parede perto do sofá, em sete fileiras organizadas que chegavam quase na cintura.

Descansaram por quinze minutos.

ÀS CINCO E meia o primeiro brilho do alvorecer surgiu no leste e elas se esqueceram do cansaço. Abby acelerou os movimentos em volta da copiadora e

torceu para que ela não queimasse. Tammy esfregou as cãibras nos tornozelos e voltou correndo para o condomínio. Era a viagem 51 ou 52. Tinha perdido a conta. Seria a última durante um tempo. Ele estava esperando.

Abriu a porta e foi direto para o depósito, como sempre. Pôs as malas cheias no chão, como sempre. Subiu a escada em silêncio, entrou no quarto e ficou petrificada. Avery estava sentado na beira da cama, virado para a sacada. Ouviu-a e se virou lentamente para encará-la. Seus olhos estavam inchados e vítreos. Ele fez uma careta.

Por instinto, ela desabotoou a bermuda cáqui e a deixou cair no chão.

– Ei, garotão – disse, tentando respirar normalmente e parecer animada. Foi até a beira da cama, onde ele estava sentado. – Você acordou meio cedo. Vamos dormir mais um pouco.

O olhar de Avery voltou para a janela. Ele não disse nada. Ela sentou-se ao lado e esfregou dentro da coxa dele, que não se mexeu.

– Está acordado? – perguntou.

Não houve resposta.

– Avery, fale comigo, querido. Vamos dormir mais um pouco. Ainda está escuro lá fora.

Ele caiu de lado, no travesseiro. Grunhiu. Não era uma tentativa de falar. Só um grunhido. Então fechou os olhos. Ela pôs as pernas dele na cama e o cobriu de novo.

Ficou sentada por dez minutos e, quando os roncos voltaram à intensidade anterior, vestiu a bermuda e correu para o Palms.

– Ele acordou, Abby! – informou em pânico. – Ele acordou e depois apagou de novo.

Abby parou e a encarou. As duas olharam para a cama, coberta de documentos não copiados.

– Certo. Tome uma chuveirada rápida – disse Abby friamente. – Depois vá para a cama com ele e espere. Tranque a porta do depósito e me ligue quando ele acordar e entrar no chuveiro. Eu vou continuar copiando o que falta e vamos tentar levar tudo mais tarde, depois que ele for trabalhar.

– Isso é arriscado demais.

– Tudo é arriscado. Depressa.

Cinco minutos depois, Tammy/Doris/Libby, com o biquíni de lacinho



laranja, fez outra viagem – sem as malas – até o condomínio. Trancou a porta da frente e a do depósito e foi para o quarto. Tirou a parte de cima laranja e se enfiou embaixo das cobertas.

O ronco a manteve acordada por quinze minutos. Depois ela cochilou. Sentou-se na cama para impedir o sono. Estava com medo, sentada ali com um homem nu que a mataria se descobrisse tudo. Seu corpo cansado relaxou e o sono ficou incontrolável. Cochilou de novo.

O GARANHÃO SAIU do coma às 9h03. Gemeu alto e rolou para a beira da cama. Suas pálpebras estavam grudadas. Elas se abriram devagar e o sol brilhante penetrou dolorosamente. Ele gemeu de novo. A cabeça pesava 100 quilos e balançava de forma desajeitada da direita para a esquerda, sacudindo o cérebro com violência. Respirou fundo e o oxigênio novo penetrou gritando nas têmporas. A mão direita atraiu sua atenção. Tentou levantá-la, mas os impulsos nervosos não chegavam ao cérebro. Ela subiu devagar e ele franziu os olhos. Tentou focalizar primeiro com o olho direito, depois com o esquerdo. O relógio.

Olhou para o relógio digital durante trinta segundos antes de conseguir decifrar os números vermelhos. Nove e cinco. Droga! Estavam esperando-o no banco às nove. Gemeu. A mulher!

Ela havia sentido que ele se movia e ouviu os sons, mas permaneceu imóvel com os olhos fechados. Rezou para que ele não a tocasse. Sentiu-o olhando para ela.

Para esse canalha profissional, ressaca não era novidade. Mas nunca sentira uma como aquela. Estudou o rosto da mulher e tentou se lembrar se ela havia sido boa. Sempre conseguia se lembrar pelo menos disso. Independentemente do tamanho da ressaca, sempre conseguia se lembrar das mulheres. Observou-a mais um momento, depois desistiu.

– Droga! – disse, levantando-se e tentando andar.

Os pés pareciam botas de chumbo e só obedeciam aos seus desejos com relutância. Firmou-se contra a porta de correr da varanda.

O banheiro ficava a 6 metros de distância e ele decidiu tentar alcançá-lo. A mesa e a penteadeira serviram como muletas. Um passo doloroso e desajeitado depois do outro, e enfim conseguiu. Parou perto do vaso e se aliviou.

Tammy rolou, virando-se para a sacada, e quando ele terminou ela o sentiu sentar-se ao seu lado na cama. Ele tocou seu ombro com gentileza.

– Libby, acorde.

Em seguida sacudiu-a e ela se enrijeceu.

– Acorde, querida – insistiu ele. Um cavalheiro.

Ela lhe deu seu melhor sorriso sonolento. O sorriso matinal de plenitude e compromisso. O sorriso de Scarlett O’Hara na manhã depois de ser comida por Rhett.

– Você foi fantástico, garotão – arrulhou com os olhos fechados.

Apesar da dor e da náusea, apesar das botas de chumbo e da cabeça de bola de boliche, ele ficou orgulhoso. A mulher estava impressionada. De repente se lembrou de que tinha sido fantástico na noite anterior.

– Olha, Libby, eu dormi demais. Preciso ir trabalhar. Já estou atrasado.

– Não está no clima, né?

Ela riu. Rezou para que ele não estivesse no clima.

– Não, agora não. Que tal à noite?

– Estarei aqui, garotão.

– Bom. Preciso tomar um banho.

– Me acorde quando for sair.

Ele se levantou e murmurou alguma coisa, depois trancou a porta do banheiro. Ela deslizou pela cama até o telefone e ligou para Abby. Depois de três toques, Abby atendeu.

– Ele está no chuveiro.

– Você está bem?

– Estou ótima. Ele não conseguiria fazer nada, nem se precisasse.

– Por que demorou tanto?

– Ele não acordava.

– Ele suspeita de alguma coisa?

– Não. Não se lembra de nada. Acho que está sentindo dor.

– Quanto tempo você vai ficar aí?

– Vou dar um beijo de despedida quando ele sair do chuveiro. Dez, talvez quinze minutos.

– Certo. Depressa.

Abby desligou e Tammy deslizou para o seu lado da cama. No sótão, acima

da cozinha, um gravador estalou, se reajustou e estava pronto para o próximo telefonema.

ÀS DEZ E meia elas estavam prontas para o ataque final ao condomínio. O contrabando foi dividido em três partes iguais. Três corridas ousadas à luz do dia. Tammy enfiou as chaves novas e brilhantes no bolso da blusa e partiu com as malas. Caminhava depressa, o olhar saltando em todas as direções por trás dos óculos escuros. O estacionamento na frente do condomínio ainda estava vazio. O tráfego era fraco na estrada.

A chave nova se encaixou e ela entrou. A chave do depósito também funcionou, e cinco minutos depois ela saiu da casa. A segunda e a terceira viagem foram igualmente rápidas e sem novidades. Quando saiu pela última vez do depósito, examinou-o com atenção. Tudo estava em ordem, como havia encontrado. Trancou a casa e levou as malas vazias e muito usadas de volta para o quarto.

Ficaram deitadas lado a lado na cama durante uma hora, rindo de Avery e sua ressaca. Agora estava terminado, na maior parte, e elas haviam cometido o crime perfeito. E o garanhão era um participante voluntário mas ignorante. Concluíram que tinha sido fácil.

A pequena montanha de provas enchia onze caixas e meia de papelão corrugado. Às duas e meia um nativo com chapéu de palha e sem camisa bateu à porta e anunciou que era de uma empresa chamada Depósito Cayman. Abby apontou para as caixas. Sem ter aonde ir e sem pressa para chegar, ele pegou a primeira caixa e a carregou para o seu furgão. Como todos os nativos, agia no ritmo das Cayman. Sem pressa, *mon*.

Elas o acompanharam no Stanza até um armazém em Georgetown. Abby inspecionou a sala de depósito e pagou em dinheiro vivo por três meses de aluguel.

Wayne Tarrance sentou-se no último banco do ônibus Greyhound das 23h40 de Louisville para Chicago passando por Indianápolis. Estava sozinho, mas o ônibus ia lotado. Era noite de sexta-feira. O ônibus tinha partido de Kentucky trinta minutos antes, e ele já estava convencido de que havia alguma coisa errada. Trinta minutos e nenhuma palavra ou sinal de ninguém. Talvez fosse o ônibus errado. Talvez McDeere tivesse mudado de ideia. Talvez um monte de coisas. O banco de trás ficava centímetros acima do motor a diesel, e agora Wayne Tarrance, do Bronx, sabia por que os viajantes frequentes nos Greyhounds brigavam pelos bancos atrás do motorista. Seu livro de Louis L'Amour vibrava até que ele ficou com dor de cabeça. Trinta minutos. Nada.

Ouviu a descarga do toalete do outro lado do corredor e a porta se abriu. Sentiu o odor e olhou para o outro lado, para o tráfego em direção ao Sul. Surgindo de lugar nenhum, ela sentou-se no banco do corredor e pigarreou. Tarrance se virou de modo brusco para a direita e ali estava ela. Tinha-a visto antes, em algum lugar.

– É o Sr. Tarrance?

Ela usava jeans, tênis de algodão branco e um grosso suéter, verde e cheio de furinhos. Escondia-se atrás de óculos escuros.

– Sou. E você?

Ela segurou sua mão e a apertou com firmeza.

– Abby McDeere.

– Eu estava esperando o seu marido.

– Eu sei. Ele decidiu não vir, por isso estou aqui.

– Bom, ah... eu queria falar com ele.

– É, mas ele me mandou. Considere que sou uma agente dele.

Tarrance pôs o livro de bolso embaixo do banco e olhou a estrada.

– Onde ele está?

– Por que isso é importante, Sr. Tarrance? Ele me mandou para falar de negócios e o senhor está aqui para falar de negócios. Então é disso que vamos falar.

– Certo. Fale baixo e, se alguém vier pelo corredor, segure minha mão e pare de falar. Aja como se fôssemos casados ou algo assim. Está bem? Agora, o Sr. Voyles... você sabe quem ele é?

– Sei de tudo, Sr. Tarrance.

– Bom. O Sr. Voyles vai ter um ataque cardíaco porque ainda não temos os documentos do Mitch. Os documentos bons. Você entende por que eles são importantes, não é?

– Claro.

– Portanto queremos os documentos.

– E nós queremos um milhão de dólares.

– Sim, esse é o trato. Mas primeiro nós recebemos os documentos.

– Não. O trato não é esse. O trato, Sr. Tarrance, é que nós recebemos um milhão de dólares exatamente onde queremos que ele esteja, depois entregamos os documentos.

– Não confiam em nós?

– Correto. Não confiamos em você, no Voyles e em ninguém. O dinheiro deve ser transferido para certa conta numerada, e não nominal, num banco em Freeport, Bahamas. Nós seremos notificados imediatamente e então o dinheiro será transferido para nós, em outro banco. Assim que ele estiver onde queremos, os documentos são de vocês.

– Onde estão os documentos?

– Num minidepósito em Memphis. São 51 dossiês no total, tudo encaixotado, arrumado, direitinho. Vocês vão se impressionar. Nós trabalhamos bem.

– Nós? Você viu os documentos?

– Claro. Ajudei a encaixotar. Há umas surpresas na caixa número oito.

– Certo. O quê?

– Mitch conseguiu copiar três dossiês de Avery Tolar, e eles parecem questionáveis. Dois contratos com uma empresa chamada Dunn Lane, Ltd., que sabemos que é uma corporação controlada pela Máfia, registrada nas Cayman. Foi estabelecida com 10 milhões de dólares lavados em 1986. Os dossiês tratam de dois projetos de construção financiados pela corporação. Vocês vão achar a leitura fascinante.

– Como você sabe que ela foi registrada nas Cayman? E como sabe sobre os 10 milhões? Com certeza isso não está nos documentos.

– Não, não está. Nós temos outros registros.

Tarrance pensou nos outros registros durante 10 quilômetros. Era óbvio que não iria vê-los até que os McDeeres recebessem o primeiro milhão. Não insistiu.

– Não sei se poderemos transferir o dinheiro como vocês querem sem antes pegar os documentos.

Era um blefe bastante fraco. Ela o decifrou e sorriu.

– Precisamos fazer joguinhos, Sr. Tarrance? Por que não entrega simplesmente o dinheiro e para com a disputa?

Um estudante estrangeiro, provavelmente árabe, veio pelo corredor e entrou no banheiro. Tarrance ficou tenso e olhou pela janela. Abby deu um tapinha no braço dele, como uma namorada. A descarga do sanitário pareceu uma rápida cachoeira.

– Quando isso pode acontecer? – perguntou Tarrance. Ela não o estava mais tocando.

– Os documentos estão esperando. Quando vocês podem juntar um milhão de dólares?

– Amanhã.

Abby olhou pela janela e falou com o canto esquerdo da boca.

– Hoje é sexta-feira. Na próxima terça, às dez da manhã, horário do leste, das Bahamas, vocês transferem o milhão de dólares da sua conta no Chemical Bank em Manhattan para uma conta numerada no Ontario Bank em Freeport. É uma transferência limpa e legítima. Vai levar uns quinze segundos.

Tarrance franziu a testa e prestou atenção.

– E se não tivermos uma conta no Chemical Bank em Manhattan?

– Agora não têm, mas terão na segunda-feira. Tenho certeza de que em

Washington vocês têm alguém capaz de fazer uma simples transferência eletrônica.

– Tenho certeza de que temos.

– Bom.

– Mas por que o Chemical Bank?

– Ordens do Mitch, Sr. Tarrance. Confie nele, ele sabe o que está fazendo.

– Vejo que ele fez o dever de casa.

– Ele sempre faz o dever de casa. E tem uma coisa que o senhor precisa sempre lembrar. Ele é muito mais inteligente do que vocês.

Tarrance fungou e fingiu um riso despreocupado. Seguiram em silêncio por uns 2 quilômetros, cada um pensando na próxima pergunta e resposta.

– Certo – disse Tarrance, quase para si mesmo. – E quando recebemos os documentos?

– Quando o dinheiro estiver em Freeport seremos notificados. Na manhã de quarta-feira, antes das dez e meia, vocês vão receber no escritório de Memphis um pacote da Federal Express com um bilhete e a chave do minidepósito.

– Então posso dizer ao Sr. Voyles que teremos os documentos na tarde de quarta-feira?

Ela deu de ombros e não disse nada. Tarrance se sentiu idiota fazendo essa pergunta. Rapidamente pensou em algo útil a dizer.

– Vamos precisar do número da conta em Freeport.

– Está anotada. Vou dar ao senhor quando o ônibus parar.

Agora os detalhes estavam completos. Ele enfiou a mão embaixo do banco e pegou o livro. Folheou-o e fingiu ler.

– Só fique aqui sentada um minuto – pediu.

– Alguma pergunta?

– Sim. Podemos falar sobre esses outros registros que você mencionou?

– Claro.

– Onde eles estão?

– Boa pergunta. Segundo me foi explicado, primeiro nós receberíamos a primeira prestação, meio milhão, acho, em troca de provas suficientes para vocês conseguirem os indiciamentos. Esses outros registros são parte da prestação seguinte.

Tarrance virou uma página.

– Quer dizer que vocês já obtiveram os... os documentos sujos?

– Temos a maior parte do que precisamos. Sim, temos vários documentos sujos.

– Onde eles estão?

Ela sorriu de leve e deu um tapinha no braço dele.

– Garanto que não estão no minidepósito junto com os documentos limpos.

– Mas vocês estão com eles?

– Mais ou menos. Gostaria de ver alguns?

Ele fechou os olhos e respirou fundo. Olhou para ela.

– Certamente.

– Foi o que pensei. Mitch disse que vamos dar para vocês 25 centímetros de documentos da Dunn Lane, Ltd., cópias de extratos bancários, escrituras corporativas, minutas, estatutos, representantes, acionistas, registros de transferências eletrônicas, cartas de Nathan Locke para Joey Morolto, rascunhos, uma centena de outros petiscos que vão fazer vocês perderem o sono. Material maravilhoso. Mitch diz que vocês podem conseguir uns trinta indiciamentos só com os registros da Dunn Lane.

Tarrance se agarrava a cada palavra e acreditou nela.

– Quando poderei ver isso? – perguntou baixinho, mas ansioso.

– Quando o Ray sair da prisão. Isso é parte do acordo, lembra?

– Ah, é. Ray.

– Ah, é. Ele sai da cadeia, Sr. Tarrance, ou o senhor pode esquecer a firma Bendini. Mitch e eu vamos receber nosso parco milhão e sumir na noite.

– Estou trabalhando nisso.

– É melhor se esforçar.

Era mais do que uma ameaça, e ele sabia. Abriu o livro de novo e fingiu ler.

Abby pegou no bolso um cartão de visitas da Bendini, Lambert & Locke e o largou sobre o livro. No verso estava escrito o número da conta: 477DL-19584, Ontario Bank, Freeport.

– Vou voltar ao meu banco lá da frente, longe do motor. Estamos combinados sobre terça-feira?

– Com certeza, *mon*. Vai descer em Indianápolis?

– Vou.

– Aonde você vai?



– Para a casa dos meus pais em Kentucky. Mitch e eu estamos separados.  
Ela foi embora.

TAMMY ESTAVA NUMA das dezenas de filas compridas e calorentas da imigração em Miami. Usava bermuda, sandália, top, óculos escuros e um chapéu de palha e parecia com os outros milhares de turistas cansados que voltavam das praias ensolaradas do Caribe. À sua frente estavam dois recém-casados mal-humorados, carregando sacolas com bebidas e perfumes dos freeshops e obviamente no meio de um desentendimento sério. Atrás dela estavam duas malas de couro Hartman novas em folha cheias de documentos e registros suficientes para indiciar quarenta advogados. Seu patrão, também advogado, tinha sugerido que ela comprasse malas com rodinhas, que podiam ser puxadas pelo Aeroporto Internacional de Miami. Além disso, tinha uma pequena bolsa de mão com algumas roupas e uma escova de dentes, para parecer legítima.

A intervalos de cerca de dez minutos, o jovem casal avançava 20 centímetros e Tammy ia atrás com sua bagagem. Uma hora depois de ter entrado na fila chegou ao guichê.

– Nada a declarar! – disse o agente num inglês ríspido.

– Isso! – disse ela de volta, igualmente ríspida.

Ele indicou com a cabeça as grandes malas de couro.

– O que tem aí?

– Papéis.

– Papéis?

– Papéis.

– Que tipo de papéis?

Higiênico, pensou ela. Passei minhas férias viajando pelo Caribe e colecionando papel higiênico.

– Documentos jurídicos, coisas do tipo. Sou advogada.

– É, é? – Ele abriu a bolsa de mão e olhou dentro. – Está bem. Próximo!

Tammy puxou as malas com cuidado. Elas costumavam tombar. Um carregador as pegou e colocou as três num carrinho.

– Voo 282 da Delta, para Nashville. Portão 44, Corredor B – disse, entregando uma nota de 5 dólares a ele.

Tammy e as três malas chegaram a Nashville no sábado à meia-noite. Colocou-as em seu Golf e saiu do aeroporto. No bairro de Brentwood, parou em sua vaga e puxou uma mala de cada vez para um apartamento de um quarto.

A não ser por um sofá-cama alugado, não havia móveis. Abriu as malas no quarto e começou o processo tedioso de organizar as provas. Mitch queria uma lista com cada documento, cada extrato bancário, cada corporação. Queria exatamente assim. Disse que um dia passaria ali com muita pressa e queria tudo organizado.

Durante duas horas ela fez o inventário. Ficou sentada no chão tomando notas com todo cuidado. Depois de três viagens de um dia para a Grand Cayman, o quarto estava começando a ficar cheio. Na segunda-feira partiria de novo.

Sentiu que tinha dormido três horas nas últimas duas semanas. Mas Mitch tinha dito que era urgente. Questão de vida ou morte.

TARRY ROSS, VULGO Alfred, estava sentado no canto mais escuro da recepção do Washington Phoenix Park Hotel. O encontro seria brevíssimo. Tomou café e esperou o convidado.

Esperou e prometeu esperar apenas mais cinco minutos. A xícara tremeu quando ele tentou tomar um gole. Derramou café na mesa. Ele olhou para a mesa e tentou desesperadamente não olhar em volta. Esperou.

Seu convidado chegou de lugar nenhum e sentou-se de costas para a parede. O nome dele era Vinnie Cozzo, um bandido de Nova York. Da família Palumbo.

Vinnie notou a xícara tremendo e o café derramado.

– Relaxa, Alfred. Aqui está bem escuro.

– O que você quer? – sibilou Alfred.

– Beber.

– Não temos tempo para beber. Estou indo embora.

– Fica frio, Alfred. Relaxa, meu chapa. Não tem nem três pessoas aqui.

– O que você quer? – sussurrou ele outra vez.

– Só uma informaçãozinha.

– Terá um preço.

– Sempre tem.

Um garçom se aproximou e Vinnie pediu Chivas e água.

- Como vai meu colega Denton Voyles? – perguntou Vinnie.
- Vai se catar, Cozzo. Estou indo embora. Vou sair daqui.
- Certo, meu chapa. Relaxa. Só preciso de uma informação.
- Seja rápido.

Alfred examinou o saguão. Sua xícara estava vazia, a maior parte do café tinha caído na mesa.

O Chivas chegou e Vinnie tomou um longo gole.

– Temos uma coisinha acontecendo lá em Memphis. Alguns rapazes estão meio preocupados. Já ouviu falar na firma Bendini?

Instintivamente Alfred balançou a cabeça, negando. Sempre começa dizendo que não. Então, depois de uma investigação cuidadosa, volte com um belo relatoriozinho e diga que sim. Sim, ele tinha ouvido falar na firma Bendini e seu valioso cliente. Operação Lavanderia. O próprio Voyles tinha dado esse nome e sentia orgulho da criatividade.

Vinnie tomou mais um gole.

– Bom, tem um cara lá chamado McDeere, Mitchell McDeere, que trabalha para a tal firma Bendini, e nós suspeitamos que ele está brincando de troca-troca com vocês. Entende o que quero dizer? Achamos que ele está vendendo informações sobre a firma Bendini aos federais. Só precisamos saber se é verdade. Só isso.

Alfred ouviu com rosto impassível, mesmo não sendo fácil. Sabia qual era o tipo sanguíneo de McDeere e qual era o restaurante predileto dele em Memphis. Sabia que McDeere tinha falado com Tarrance meia dúzia de vezes e que no dia seguinte, terça-feira, McDeere ficaria milionário. Moleza.

– Verei o que posso fazer. Vamos falar de dinheiro.

Vinnie acendeu um Salem Light.

– Bom, Alfred, esse assunto é sério. Não vou mentir. Duzentos mil em dinheiro vivo.

Alfred largou a xícara. Pegou um lenço no bolso de trás e esfregou furiosamente os óculos.

- Duzentos? Dinheiro vivo?
- Foi o que eu disse. Quanto nós pagamos na última vez?
- Setenta e cinco.
- Está vendo o que eu quero dizer? É um negócio muito sério, Alfred. Você

consegue?

– Sim.

– Quando?

– Me dê duas semanas.

Uma semana antes de 15 de abril, os viciados em trabalho da Bendini, Lambert & Locke chegavam ao máximo de estresse. Funcionavam em velocidade total, alimentados somente por adrenalina. E medo. Medo de perder uma dedução, de uma baixa de ativos ou de alguma depreciação extra que custasse um cliente rico e um milhão extra ou algo assim. Medo de pegar o telefone e ligar para o cliente informando que a declaração estava pronta e, lamento dizer, teriam que pagar mais 800 mil. Medo de não terminar no dia 15 e ser obrigado a pedir prorrogações e incorrer em penalidades e juros. O estacionamento estava cheio às seis da manhã. As secretárias trabalhavam doze horas por dia. Os ânimos estavam acirrados. As conversas eram poucas e apressadas.

Sem uma esposa em casa para a qual voltar, Mitch trabalhava 24 horas por dia. Sonny Capps tinha xingado e gritado com Avery porque devia 450 mil dólares. Sobre uma renda de 6 milhões. Avery tinha xingado Mitch, e juntos eles reviraram o arquivo de Capps, fuçando e praguejando. Mitch criou duas deduções muito questionáveis que baixaram a dívida para 320 mil dólares. Capps disse que estava pensando em usar outra firma tributarista. Em Washington.

Faltando seis dias, Capps exigiu uma reunião com Avery em Houston. O Lear estava disponível e Avery partiu à meia-noite. Mitch o levou de carro ao aeroporto, recebendo instruções no caminho.

Pouco depois de uma e meia da madrugada ele voltou ao escritório. Três Mercedes, um BMW e um Jaguar estavam espalhados no estacionamento. O

guarda abriu a porta de trás e Mitch pegou o elevador até o quarto andar. Como sempre, Avery tinha trancado a porta da sua sala. As portas dos sócios ficavam sempre trancadas. No fim do corredor, ouvia-se uma voz. Victor Milligan, chefe do setor de impostos, estava sentado à sua mesa dizendo coisas feias para o computador. As outras salas estavam escuras e trancadas.

Mitch prendeu o fôlego e enfiou uma chave na porta de Avery. A fechadura girou e ele entrou. Acendeu todas as luzes e foi até a pequena mesa de reuniões onde ele e seu parceiro tinham passado o dia e a maior parte da noite. Havia pastas empilhadas como tijolos em volta das cadeiras. Papéis jogados aqui e ali. Livros de registros de imposto de renda empilhados.

Mitch sentou-se à mesa e continuou sua pesquisa para Capps. Segundo o caderno do FBI, Capps era um empresário legítimo que vinha usando a firma havia pelo menos oito anos. Os federais não estavam interessados em Sonny Capps.

Depois de uma hora, a falação parou e Milligan trancou a porta. Desceu a escada sem dar boa-noite. Mitch verificou rapidamente cada sala do quarto andar, depois do terceiro. Todas vazias. Eram quase três da madrugada.

Perto das estantes numa das paredes da sala de Avery, quatro sólidos arquivos de carvalho permaneciam impávidos. Mitch os havia notado havia meses, mas nunca os vira ser usados. Os documentos ativos eram mantidos em três arquivos de metal perto da janela. As secretárias mexiam neles, quase sempre enquanto Avery gritava com elas. Trancou a porta e foi até os arquivos de carvalho. Trancados, claro. Tinha separado duas chaves pequenas, cada uma com cerca de 2 centímetros. A primeira entrou no primeiro arquivo e ele o abriu.

A partir do inventário feito por Tammy do material contrabandeado para Nashville, ele tinha memorizado muitos nomes das empresas nas Cayman que operavam com dinheiro sujo que agora estava limpo. Foi passando as pastas da gaveta de cima e os nomes saltaram. Dunn Lane, Ltd., Eastpoint, Ltd., Virgin Bay, Ltd., Inland Contractors, Ltd., Gulf-South, Ltd. Encontrou mais nomes familiares na segunda e na terceira gaveta. As pastas estavam cheias de documentos de empréstimos de bancos nas Cayman, registros de transferências bancárias eletrônicas, termos de garantia, arrendamentos, hipotecas e uns mil outros papéis. Ficou particularmente interessado na Dunn Lane e na Gulf-South.

Tammy tinha registrado um número significativo de documentos relacionados a essas duas empresas.

Pegou uma pasta da Gulf-South, cheia de registros de transferências eletrônicas e de empréstimos do Royal Bank of Montreal. Foi até uma copiadora no centro do quarto andar e ligou-a. Enquanto ela esquentava, Mitch olhou em volta. O lugar estava morto. Olhou para o teto. Nenhuma câmera. Tinha verificado muitas vezes antes. A luz do NÚMERO DE ACESSO piscou e ele digitou o número da Sra. Lettie Plunk. A declaração do imposto de renda dela estava em sua mesa no segundo andar e garantia algumas cópias. Colocou o conteúdo na bandeja de alimentação automática e três minutos depois os documentos estavam copiados. Cento e vinte e oito cópias cobradas de Lettie Plunk. De volta ao arquivo. Retornou à copiadora com outra pilha de provas da Gulf-South. Digitou o número de acesso do contrato da Greenmark Partners, uma empresa imobiliária em Bartlett, Tennessee. Pessoas legítimas. A declaração do imposto de renda estava em sua mesa e podia garantir algumas cópias. Noventa e uma, para ser exato.

Mitch tinha dezoito declarações de imposto de renda em sua sala esperando para ser assinadas e enviadas. Faltando seis dias, tinha terminado seu trabalho. Todos os dezoito clientes foram cobrados por cópias de provas contra a Gulf-South e a Dunn Lane. Tinha anotado os números de acesso num pedaço de papel, que estava na mesa ao lado da copiadora. Depois de usar os dezoito números, usou três números emprestados de pastas de Lamar e três das pastas de Capps.

Um fio saía da copiadora, passava por um buraco na parede e descia pelo interior de um armário, onde se conectava com fios de três outras copiadoras no quarto andar. O fio, agora maior, passava pelo teto e seguia por um rodapé até a sala de cobrança no terceiro andar, onde um computador registrava e cobrava cada cópia feita pela firma. Um fiozinho cinza, de aparência inócua, saía do computador, subia por uma parede e passava pelo teto até o quarto andar, depois ia até o quinto, onde outro computador registrava o código de acesso, o número de cópias e a localização da máquina que fazia cada cópia.

ÀS CINCO DA tarde de 15 de abril, a Bendini, Lambert & Locke foi fechada. Às seis, o estacionamento estava vazio e os automóveis caros se reuniram de novo a

3 quilômetros dali, atrás de um venerável estabelecimento de frutos do mar chamado Anderton's. Uma pequena sala estava reservada para a comemoração anual de 15 de abril. Cada associado e cada sócio ativo estavam presentes, junto com onze sócios aposentados. Os aposentados estavam bronzeados e descansados. Os ativos estavam macilentos e esgarçados. Mas todos se sentiam em clima festivo, prontos para encher a cara. As regras rígidas de vida limpa e moderação seriam esquecidas nessa noite. Outra regra rígida proibia que qualquer advogado ou secretária trabalhasse em 16 de abril.

Bandejas de camarão e ostras cruas ocupavam mesas ao longo das paredes. Um enorme barril de madeira cheio de gelo e cerveja Moosehead os esperava. Havia dez caixas atrás do barril. Roosevelt tirava as tampas o mais rápido possível. Mais tarde ele ficaria tão bêbado quanto os outros e Oliver Lambert chamaria um táxi para levá-lo para casa, onde Jessie Frances o esperava. Era um ritual.

O primo de Roosevelt, Little Bobby Blue Baker, estava sentado diante de um piano de meia cauda e cantava músicas tristes enquanto os advogados entravam. Por enquanto ele era a diversão. Depois não seria necessário.

Mitch ignorou a comida e levou uma garrafa verde e gelada para uma mesa perto do piano. Lamar o acompanhou com um quilo de camarão. Os dois observaram os colegas tirar os paletós e as gravatas e atacar a Moosehead.

– Terminou tudo? – perguntou Lamar, devorando o camarão.

– Sim. Terminei os meus ontem. Avery e eu trabalhamos no de Sonny Capps até as cinco da tarde. Está pronto.

– Quanto?

– Um quarto de milhão.

– Poxa. – Lamar virou a garrafa e bebeu metade do conteúdo. – Ele nunca pagou tanto assim, não é?

– Nunca. E está furioso. Não entendo o cara. Tirou 6 milhões de todo tipo de empreendimento e está com uma raiva do diabo porque precisou pagar cinco por cento de imposto.

– Como está Avery?

– Meio preocupado. Capps o obrigou a ir a Houston na semana passada e a coisa não correu bem. Partiu no Lear à meia-noite. Mais tarde me contou que Capps estava esperando no escritório às quatro da madrugada, furioso com a



confusão do imposto. Pôs a culpa de tudo no Avery. Disse que está pensando em trocar de firma.

– Acho que ele diz isso o tempo todo. Quer uma cerveja?

Lamar saiu e voltou com quatro Mooseheads.

– Como vai a mãe da Abby?

Mitch pegou um camarão e descascou.

– Está bem, por enquanto. Tiraram um pulmão.

– E a Abby?

Lamar observava o amigo, sem comer.

Mitch começou a tomar outra cerveja.

– Está bem.

– Olha, Mitch, nossos filhos estudam na St. Andrew's. Não é segredo que Abby pediu licença. Ela está fora há duas semanas. Nós sabemos e estamos preocupados.

– As coisas vão se ajeitar. Ela quer passar um tempo longe. Não é nada de mais, pode ter certeza.

– Qual é, Mitch. É alguma coisa quando sua mulher sai de casa sem dizer quando vai voltar. Pelo menos foi o que ela disse ao diretor da escola.

– É verdade. Ela não sabe quando vai voltar. Provavelmente daqui a um mês, mais ou menos. Foi barra-pesada lidar com o tempo que eu passo no escritório.

Todos os advogados estavam presentes, por isso Roosevelt fechou a porta. A sala ficou mais barulhenta. Bobby Blue atendeu a pedidos.

– Já pensou em diminuir o ritmo? – perguntou Lamar.

– Na verdade, não. Por que deveria?

– Olha, Mitch, sou seu amigo, certo? Estou preocupado com você. Você não pode querer ganhar um milhão de dólares logo no primeiro ano.

Ah, sim, pensou ele. Ganhei um milhão de dólares na semana passada. Em dez segundos a pequena conta em Freeport saltou de 10 mil para um milhão e 10 mil. E quinze minutos depois a conta foi fechada e o dinheiro estava descansando em segurança num banco da Suíça. Ah, as maravilhas da transferência eletrônica... E, por causa do milhão de dólares, esta seria a primeira e única festa de 15 de abril em sua carreira curta mas notável na advocacia. E seu bom amigo, tão preocupado com seu casamento, provavelmente estaria na cadeia em breve. Junto com todos os outros naquela

sala, a não ser Roosevelt. Droga, Tarrance pode ficar tão empolgado que vai indiciar Roosevelt e Jessie Frances, só pela diversão.

Depois os julgamentos. “Eu, Mitchell Y. McDeere, juro solenemente dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que verdade. Com a ajuda de Deus.” E iria se sentar no banco de testemunhas e apontar o dedo para seu bom amigo Lamar Quin. E Kay e as crianças estariam sentadas na primeira fila para apelar ao júri. Chorando baixinho.

Terminou a segunda cerveja e começou a terceira.

– Eu sei, Lamar, mas não tenho planos de diminuir o ritmo. Abby vai se adaptar. As coisas vão ficar bem.

– Se você diz... Kay quer que você apareça amanhã para o almoço. Vamos preparar bifes na churrasqueira e comer no quintal. O que acha?

– Sim, com uma condição. Nada de falar sobre Abby. Ela foi visitar a mãe e vai voltar. Certo?

– Claro. Tudo bem.

Avery sentou-se do outro lado da mesa com um prato de camarão. Começou a descascá-los.

– Estávamos falando de Capps – disse Lamar.

– Não é um assunto agradável – respondeu Avery.

Mitch olhou atentamente para os camarões até haver uma pilha de uns seis descascados. Pegou-os por cima da mesa e enfiou na boca.

Avery o encarou com olhos cansados e tristes. Olhos vermelhos. Lutou para dizer alguma coisa adequada e começou a comer os camarões com casca mesmo.

– Preferia que ainda estivessem com cabeça – disse entre mordidas. – É muito melhor com cabeça.

Mitch pegou dois punhados e começou a mastigar.

– Eu gosto do rabo. Sempre fui ligado num rabo.

Lamar parou de comer e olhou para eles.

– Vocês devem estar brincando.

– Não – respondeu Avery. – Quando eu era criança em El Paso, a gente jogava redes e pegava camarão fresco. A gente comia ali mesmo, enquanto ainda estavam se mexendo. – Nhac, nhac. – A cabeça é a melhor parte por causa de todos os sumos do cérebro.

– Camarão, em El Paso?

– Sim, o Rio Grande é cheio de camarão.

Lamar saiu para pegar outra rodada de cervejas. O desgaste, a tensão, o estresse e a fadiga se misturavam rapidamente com o álcool e a sala ficou mais barulhenta. Bobby Blue tocava Steppenwolf. Até Nathan Locke sorria e falava alto. Era só mais um dos rapazes. Roosevelt colocou mais cinco caixas de cerveja no barril de gelo.

Às dez horas começou a cantoria. Wally Hudson, sem a gravata-borboleta, subiu numa cadeira ao lado do piano e comandou o coro uivante numa sequência hilária de músicas de bebedeira australianas. O restaurante estava fechado, então quem se importava? Kendall Mahan foi o próximo. Tinha jogado rúgbi em Cornell e tinha um repertório incrível de canções vulgares envolvendo cerveja. Cinquenta vozes sem talento e bêbadas cantavam felizes junto com ele.

Mitch pediu licença e foi ao banheiro. Um empregado destrancou a porta dos fundos e ele saiu para o estacionamento. A cantoria era agradável, assim de longe. Começou a andar em direção ao carro, mas em vez disso foi até uma janela. Ficou parado no escuro, perto da esquina do prédio, olhando e ouvindo. Agora Kendall estava ao piano, comandando o coro num refrão obsceno.

Vozes alegres, de pessoas ricas e felizes. Examinou-os, um de cada vez, em volta das mesas. Os rostos estavam vermelhos. Os olhos brilhavam. Eram seus amigos, homens de família com mulheres e filhos, todos envolvidos nessa terrível conspiração.

No ano anterior Joe Hodge e Marty Kozinski tinham cantado com os outros.

No ano anterior ele era uma estrela de Harvard com ofertas de emprego em cada bolso.

Agora era milionário e logo estaria com a cabeça a prêmio.

Engraçado o que um ano pode fazer.

Continuem cantando, irmãos.

Mitch se virou e foi andando.

POR VOLTA DA meia-noite os táxis se enfileiraram na Madison. Os advogados mais ricos da cidade foram carregados e arrastados para os bancos de trás. Claro,

Oliver Lambert era o mais sóbrio de todos e orientou a evacuação. Quinze táxis no total, com advogados bêbados caídos em toda parte.

Ao mesmo tempo, do outro lado da cidade, na Front Street, dois furgões Ford idênticos, azul-marinho e amarelos com CAÇA-SUJEIRAS pintado nas laterais, chegaram ao portão. Dutch Hendrix o abriu e os deixou passar. Eles deram marcha a ré até a porta dos fundos e oito mulheres com blusas iguais começaram a descarregar aspiradores de pó e baldes cheios de frascos de spray. Descarregaram vassouras, esfregões e rolos de toalha de papel. Conversavam baixinho enquanto percorriam o prédio. Obedecendo a ordens de cima, as faxineiras limpavam um andar de cada vez, começando pelo quarto. Os guardas caminhavam pelos andares observando-as com atenção.

As mulheres os ignoravam e faziam o serviço, esvaziando latas de lixo, polindo móveis, aspirando pó e lavando banheiros. A garota nova era mais lenta do que as outras. Notava coisas. Puxava gavetas das mesas e de arquivos quando os guardas não estavam olhando. Prestava atenção.

Era sua terceira noite no serviço e estava reconhecendo o terreno. Na primeira noite havia encontrado a sala de Avery Tolar, no quarto andar, e sorriu para si mesma.

Usava jeans sujos e tênis velhos. A camisa azul da CAÇA-SUJEIRAS era extragrande, para esconder o corpo e fazer com que parecesse gorducha como as outras. No crachá acima do bolso estava escrito DORIS. Doris, a técnica em limpeza.

Quando a equipe estava na metade do trabalho no segundo andar, um guarda disse a Doris e a duas outras, Susie e Charlotte, para irem atrás dele. Inseriu uma chave no painel do elevador, que parou no porão. Destrancou uma pesada porta de metal e todos entraram numa sala grande dividida em doze cubículos. Cada mesinha estava atulhada e era dominada por um grande computador. Havia terminais em toda parte. Arquivos pretos se enfileiravam junto às paredes. Sem janelas.

– Os materiais ficam ali – explicou o guarda, apontando para um armário. Elas pegaram um aspirador e frascos de spray e começaram a trabalhar.

– Não toquem nas mesas – disse ele.

Mitch amarrou os cadarços dos tênis de corrida Nike Air Cushion e sentou-se no sofá esperando junto ao telefone. Hearsay, deprimido depois de duas semanas sem a dona em casa, sentou-se perto de Mitch e tentou cochilar. Exatamente às dez e meia o telefone tocou. Era Abby.

Não houve nada de “querida”, “gata” ou “meu amor” melosos. O diálogo foi frio e forçado.

– Como vai sua mãe? – perguntou ele.

– Muito melhor. Está de pé, mas com muitas dores. Está com um aspecto bom.

– Que bom. E o seu pai?

– Na mesma. Sempre ocupado. Como vai o meu cachorro?

– Solitário e deprimido. Acho que está sofrendo.

– Sinto falta dele. E o trabalho?

– Sobrevivemos ao 15 de abril sem desastres. Todo mundo está mais bem-humorado. Metade dos sócios saiu de férias no dia 16, de modo que o lugar está muito mais silencioso.

– Acho que você diminuiu para dezesseis horas por dia, não é?

Ele hesitou, mas não respondeu. Não havia sentido em começar uma briga.

– Quando você vem para casa?

– Não sei. Mamãe vai precisar de mim por mais umas duas semanas. Infelizmente papai não ajuda muito. Eles têm uma empregada e coisa e tal, mas mamãe precisa de mim. – Ela fez uma pausa, como se estivesse se preparando

para dizer algo sério. – Liguei para a St. Andrews hoje e disse que não volto neste semestre.

Ele não se abalou.

– Faltam dois meses para o semestre acabar. Você vai demorar mais de dois meses para voltar?

– Pelo menos dois meses, Mitch. Preciso de um tempo, só isso.

– Tempo para quê?

– Não vamos começar de novo, está bem? Não estou no clima para discutir.

– Certo. Certo. Certo. Está no clima para quê?

Ela o ignorou e houve uma pausa longa.

– Quantos quilômetros você está correndo?

– Alguns. Vou andando até a pista e dou umas oito voltas.

– Tenha cuidado na pista. Está escuro demais.

– Obrigado.

Outra pausa longa.

– Preciso ir – disse ela. – Está na hora de pôr mamãe na cama.

– Você vai ligar amanhã à noite?

– Vou. À mesma hora.

Ela desligou sem um “tchau”, um “eu te amo” nem nada. Só desligou.

Mitch puxou as meias esportivas brancas e enfiou a camiseta branca de mangas compridas para dentro do short. Trancou a porta da cozinha e foi trotando pela rua escura. A West Junior High School ficava seis quarteirões a leste da East Meadowbrook. Atrás das salas de aula e do ginásio de tijolos vermelhos ficava o campo de beisebol, e mais adiante, no fim de um caminho escuro, o campo de futebol americano. Uma trilha de blocos de concreto circulava o campo e era a preferida dos corredores da área.

Mas não às onze da noite, especialmente sem luar. A pista estava deserta e, para Mitch, tudo bem. O ar da primavera era leve e fresco, e ele terminou o primeiro quilômetro e meio em oito minutos. Começou a dar uma volta andando. Enquanto passava pelas arquibancadas de alumínio no lado do time da casa, viu alguém com o canto do olho. Continuou andando.

– Psssst.

Mitch parou.

– Oi. Quem é?

Uma voz rouca e áspera respondeu.

– Joey Morolto.

Mitch foi na direção das arquibancadas.

– Muito engraçado, Tarrance. Estou limpo?

– Claro que está. Laney está sentado ali, num ônibus escolar, com uma lanterna. Ele deu sinal verde quando você passou e, se você vir alguma coisa vermelha piscar, volte para a pista e banque o Carl Lewis.

Foram até o topo da arquibancada e entraram no camarote da imprensa, que estava destrancado. Sentaram-se em bancos no escuro e ficaram olhando a escola. Os ônibus estavam parados em perfeita ordem na garagem.

– Isso é privado o bastante para você? – perguntou Mitch.

– Vai servir. Quem é a garota?

– Sei que você prefere se encontrar de dia, de preferência onde haja muita gente, tipo uma lanchonete ou uma sapataria coreana. Mas eu gosto mais desses lugares.

– Fantástico. Quem é a garota?

– Bem inteligente, não é?

– Boa ideia. Quem é ela?

– Minha funcionária.

– Onde você encontrou?

– Que diferença faz? Por que você vive fazendo perguntas irrelevantes?

– Irrelevante? Hoje eu recebo um telefonema de uma mulher que eu não conheço, dizendo que precisa falar comigo sobre um probleminha no Edifício Bendini, que a gente precisa trocar números de telefone, me instrui a ir a certo telefone público ao lado de mercearia tal e a estar lá em certa hora, e diz que vai ligar exatamente à uma e meia. Eu vou até lá e ela liga exatamente à uma e meia. Veja bem, eu tinha três homens a 30 metros do telefone observando tudo que se mexia. E ela me disse para estar aqui exatamente às 22h45, para isolar o local, e que você ia chegar correndo.

– Funcionou, não foi?

– Sim, até agora. Mas quem é ela? Quero dizer, agora você tem mais uma pessoa envolvida e isso me preocupa de verdade, McDeere. Quem é ela e até que ponto ela sabe?

– Confie em mim, Tarrance. Ela é minha funcionária e sabe de tudo. Na

verdade, se você soubesse o que ela sabe estaria distribuindo indiciamentos agora mesmo, em vez de ficar aqui falando bobagens sobre ela.

Tarrance respirou fundo e pensou.

– Está bem, então diga o que ela sabe.

– Ela sabe que nos últimos três anos a quadrilha Morolto e seus cúmplices tiraram deste país mais de 800 milhões de dólares em dinheiro vivo e depositaram em vários bancos no Caribe. Sabe quais bancos, quais contas, as datas, um monte de coisas. Sabe que os Moroltos controlam pelo menos 350 empresas registradas nas Cayman e que essas empresas mandam dinheiro limpo regularmente para o país. Sabe as datas e as quantias transferidas eletronicamente. Sabe de pelo menos quarenta corporações nos Estados Unidos que são de empresas das Cayman de propriedade dos Moroltos. Sabe muitas coisas, Tarrance. Ela é uma mulher cheia de conhecimento, não acha?

Tarrance não conseguia falar. Olhou de modo feroz para a escuridão na garagem.

Mitch achou isso agradável.

– Ela sabe como eles levam o dinheiro sujo, trocam em notas de 100 dólares e tiram do país.

– Como?

– No Lear da firma, claro. Mas também usam mulas. Eles têm um pequeno exército de mulas, geralmente os capangas de salário mínimo e suas namoradas, mas também estudantes e outros freelancers. Entregam a eles 9.800 dólares em dinheiro e compram uma passagem para as Cayman ou as Bahamas. Não são exigidas declarações para quantias abaixo de 10 mil, você sabe. E as mulas vão para lá como turistas comuns com os bolsos cheios de dinheiro e o levam aos bancos. Não parece ser muito dinheiro, mas, se você tiver trezentas pessoas fazendo vinte viagens por ano, é uma grana séria saindo do país. Chamam isso de *smurfing* ou estruturação, como você sabe.

Tarrance assentiu ligeiramente, como se soubesse.

– Muita gente quer trabalhar como *smurfer*, já que ganham férias grátis e podem gastar dinheiro. E existem as supermulas. São as pessoas de confiança dos Moroltos, que levam um milhão de dólares em dinheiro vivo, enrolam muito bem em jornal para que as máquinas do aeroporto não vejam, colocam em pastas grandes e embarcam normalmente. Usam paletó e gravata e parecem gente de



Wall Street. Ou usam sandálias e chapéus de palha e fazem o transporte em bolsas de mão. Vocês os pegam de vez em quando, um por cento das vezes, acho, e quando isso acontece as supermulas vão para a cadeia. Mas elas nunca falam, não é, Tarrance? E de vez em quando um *smurfer* pensa em todo o dinheiro que está na mala e em como seria fácil continuar viajando e ficar com todo o dinheiro. E some. Mas a Máfia nunca esquece, e pode levar um ou dois anos, mas eles encontram o sujeito em algum lugar. O dinheiro já era, claro, mas o cara também. A Máfia nunca esquece, não é, Tarrance? Assim como nunca vai se esquecer de mim.

Tarrance ouviu até ficar óbvio que precisava dizer alguma coisa.

– Você tem o seu milhão de dólares.

– Agradeço. Estou quase pronto para a segunda prestação.

– Quase?

– É, eu e a garota temos mais uns dois serviços para fazer. Estamos tentando conseguir mais alguns registros na Front Street.

– Quantos documentos você tem?

– Mais de dez mil.

O maxilar inferior despencou e a boca se abriu. Tarrance olhou para Mitch.

– Incrível! De onde vieram?

– Mais uma das suas perguntas.

– Dez mil documentos – falou Tarrance.

– Pelo menos dez mil. Extratos bancários, registros de transferências eletrônicas, escrituras corporativas, documentos de empréstimos corporativos, memorandos internos, correspondências entre todo tipo de pessoas. Um monte de material bom, Tarrance.

– Sua mulher mencionou uma empresa chamada Dunn Lane, Ltd. Nós revisamos os documentos que vocês já nos entregaram. Material muito bom. O que mais você sabe sobre ela?

– Muita coisa. Foi aberta em 1986 com 10 milhões, transferidos para a corporação a partir de uma conta numerada no Banco do México, os mesmos 10 milhões que chegaram à Grand Cayman em dinheiro vivo num certo Lear Jet registrado em nome de uma pequena firma discreta de Memphis, só que a princípio eram 14 milhões, mas depois da comissão da alfândega e dos banqueiros das Cayman foram reduzidos a 10 milhões. Quando a empresa foi

fundada, o agente registrado era um sujeito chamado Diego Sánchez, que por acaso é vice-presidente do Banco do México. O presidente era uma criatura encantadora chamada Nathan Locke, o secretário era nosso colega Royce McKnight e o tesoureiro dessa corporaçãozinha aconchegante era um cara chamado Al Rubinstein. Tenho certeza de que você o conhece. Eu não conheço.

– É empregado do Morolto.

– Surpresa, surpresa. Quer mais?

– Continue falando.

– Depois que os 10 milhões iniciais em dinheiro vivo foram investidos nesse empreendimento, mais 90 milhões em dinheiro vivo foram depositados nos três anos seguintes. Uma empresa muito lucrativa. A companhia começou a comprar todo tipo de coisas nos Estados Unidos: fazendas de algodão no Texas, prédios residenciais em Dayton, joalherias em Beverly Hills, hotéis em St. Petersburg e Tampa. A maioria das transações foi por transferência eletrônica a partir de quatro ou cinco bancos diferentes nas Cayman. É uma operação básica de lavagem de dinheiro.

– E você tem tudo isso documentado?

– Pergunta idiota, Wayne. Se eu não tivesse os documentos como saberia? Eu só trabalho com material limpo, lembra?

– Quanto tempo mais você vai demorar?

– Umas duas semanas. Eu e minha funcionária ainda estamos bisbilhotando na Front Street. E a coisa não parece boa. Vai ser muito difícil tirar os documentos de lá.

– De onde vêm os dez mil documentos?

Mitch ignorou a pergunta. Ficou de pé e foi para a porta.

– Abby e eu queremos morar em Albuquerque. É uma cidade grande, meio fora de mão. Comece a trabalhar nisso.

– Não ponha o carro na frente dos bois. Há muito trabalho a fazer.

– Eu disse duas semanas, Tarrance. Estarei pronto para entregar em duas semanas, e isso significa que vou precisar desaparecer.

– Não tão depressa. Preciso ver alguns desses documentos.

– Você tem memória curta, Tarrance. Minha adorável esposa prometeu uma grande pilha de documentos da Dunn Lane assim que Ray saísse da prisão.

Tarrance olhou para o campo escuro.

– Verei o que posso fazer.

Mitch foi até ele e aproximou um dedo do seu rosto.

– Escute, Tarrance, e escute muito bem. Acho que não estamos nos entendendo. Hoje é dia 17 de abril. Daqui a duas semanas vai ser 1º de maio, e no dia 1º de maio eu vou entregar a você, como prometi, mais de dez mil documentos muito incriminadores e altamente admissíveis que vão mutilar seriamente uma das maiores famílias do crime organizado no mundo. E vão acabar custando minha vida. Mas eu prometi fazer. E você prometeu tirar meu irmão da prisão. Você tem uma semana, até 24 de abril. Caso contrário vou desaparecer. E também o seu caso. E sua carreira.

– O que ele vai fazer quando sair?

– Você e suas perguntas idiotas. Vai correr feito o diabo da cruz, é isso. Ele tem um irmão com um milhão de dólares que é especialista em lavagem de dinheiro e movimentação bancária eletrônica. Vai sumir do país em doze horas e vai encontrar o milhão de dólares.

– Nas Bahamas.

– Bahamas. Você é idiota, Tarrance. Aquele dinheiro passou menos de dez minutos nas Bahamas. Não se pode confiar naqueles idiotas corruptos de lá.

– O Sr. Voyles não gosta de prazos. Ele fica muito chateado.

– Mande o Sr. Voyles se ferrar. Diga a ele para arranjar o próximo meio milhão, porque eu estou quase pronto. Diga para tirar meu irmão, caso contrário o trato está desfeito. Diga o que quiser, Tarrance, mas Ray sai da prisão dentro de uma semana ou eu sumo.

Mitch bateu a porta e começou a descer a arquibancada. Tarrance foi atrás.

– Quando a gente se fala de novo? – gritou.

Mitch pulou a cerca e já estava de volta na pista.

– Minha funcionária vai ligar para você. Faça o que ela mandar.

Os três dias de férias anuais de Nathan Locke em Vail depois de 15 de abril tinham sido cancelados. Por DeVasher, por ordem de Lazarov. Locke e Lambert estavam sentados na sala do quinto andar, ouvindo. DeVasher informava sobre as várias peças e tentava sem sucesso montar o quebra-cabeça.

– A mulher dele vai embora. Diz que precisa ficar com a mãe, que tem câncer de pulmão. E que está cansada das merdas dele. Nós detectamos alguns problemas aqui e ali no correr dos meses. Ela reclamou um pouco sobre os horários dele e coisa e tal, mas nada tão sério assim. Aí ela vai para a casa da mamãe. Diz que não sabe quando volta. Mamãe está doente, certo? Tirou um pulmão, não é? Mas não conseguimos encontrar um hospital que tenha ouvido falar de Maxine Sutherland. Verificamos todos os hospitais em Kentucky, em Indiana e no Tennessee. Parece estranho, não, pessoal?

– Qual é, DeVasher – disse Lambert. – Minha mulher fez uma cirurgia há quatro anos e nós fomos de avião para a Clínica Mayo. Não conheço nenhuma lei exigindo que a pessoa faça uma cirurgia a menos de 200 quilômetros de casa. Isso é absurdo. E são pessoas da sociedade. Talvez ela tenha se internado com nome falso, para manter a discrição. Isso acontece o tempo todo.

Locke assentiu e concordou.

– Ele tem falado muito com ela?

– Ela liga mais ou menos uma vez por dia. Tiveram algumas conversas boas, sobre isso e aquilo. O cachorro. A mãe dela. O trabalho. Ontem à noite ela disse que vai demorar pelo menos dois meses para voltar.

– Ela indicou qual seria o hospital? – perguntou Locke.

– Nunca. Ele tem tido muito cuidado. Não fala da cirurgia. Supostamente mamãe está em casa agora. Se é que chegou a sair de casa.

– Aonde você quer chegar, DeVasher? – perguntou Lambert.

– Cale a boca e eu termino. Suponha que tudo isso seja um ardil para tirá-la da cidade. Para afastá-la de nós. Do que está vindo. Estão me acompanhando?

– Você está presumindo que ele está trabalhando com eles? – perguntou Locke.

– Eu sou pago para fazer esse tipo de suposição, Nat. Estou presumindo que ele sabe que os telefones estão grampeados e por isso os dois têm tanto cuidado quando se telefonam. Estou presumindo que ele a tirou da cidade para protegê-la.

– Isso é muito discutível – disse Lambert. – Muito discutível.

DeVasher andava de um lado para outro atrás da sua mesa. Olhou irritado para Ollie e não rebateu.

– Há uns dez dias alguém fez um bocado de cópias incomuns no quarto andar. Foi estranho porque eram três da madrugada. Segundo nossos registros, quando as cópias foram feitas havia apenas dois advogados aqui. McDeere e Scott Kimble. Nenhum deles tinha o que fazer no quarto andar. Foram usados 24 números de acesso. Três são de pastas do Lamar Quin. Três são de Sonny Capps. Os outros dezoito são de clientes do McDeere. Nenhum do Kimble. Victor Milligan saiu do escritório por volta das duas e meia e McDeere estava trabalhando na sala do Avery. Tinha levado Avery ao aeroporto. Avery diz que trancou a sala, mas pode ter esquecido. Ou esqueceu ou McDeere tem a chave. Eu pressionei o Avery e ele tem quase certeza de que trancou. Mas era meia-noite e ele estava morrendo de cansaço e com pressa. Pode ter esquecido, certo? Mas não autorizou McDeere a voltar para a sala dele e trabalhar. Na verdade não é grande coisa, porque eles tinham passado o dia inteiro lá, trabalhando na declaração do Capps. A copiadora era a número onze, que por acaso é a que fica mais perto da sala do Avery. Acho que é seguro presumir que McDeere fez as cópias.

– Quantas?

– Duas mil e doze.

– De que pastas?

– Todos os dezoito eram clientes tributários. Bom, tenho certeza de que ele explicaria tudo dizendo que tinha terminado de fazer as declarações e estava apenas copiando tudo. Parece bastante legítimo, não é? Só que são as secretárias que sempre fazem as cópias, e que droga ele estava fazendo no quarto andar às três da madrugada tirando duas mil cópias? E foi na manhã de 7 de abril. Quantos dos seus rapazes terminam o trabalho de 15 de abril e fazem todas as cópias uma semana antes?

Ele parou de andar e olhou para os dois. Estavam pensando. Ele os tinha fisgado.

– E agora vem o desfecho. Cinco dias depois a secretária dele digitou os mesmos dezoito números de acesso na copiadora dela, no segundo andar. Fez umas trezentas cópias que... Bem, eu não sou advogado, mas acho que seria um número mais condizente. Não acham?

Os dois assentiram, mas não disseram nada. Eram advogados, treinados para questionar cinco lados de cada questão. Mas ficaram quietos. DeVasher deu um sorriso maligno e voltou a andar.

– Bom, nós o pegamos fazendo duas mil cópias que não podem ser explicadas. Portanto, a grande questão é: o que ele estava copiando? Se estava usando números de acesso errados para operar a máquina, que merda estava copiando? Não sei. Todas as salas estavam trancadas a não ser, claro, a do Avery. Por isso perguntei ao Avery. Ele tem uma fileira de arquivos de metal onde mantém as pastas verdadeiras. Ele os mantém trancados, mas ele, McDeere e as secretárias andaram mexendo naquelas pastas o dia inteiro. Ele pode ter se esquecido de trancar os arquivos quando saiu correndo para pegar o avião. Nada de mais. Por que McDeere copiaria documentos legítimos? Não faria isso. Como todo mundo no quarto andar, Avery tem aqueles quatro arquivos de madeira com o material secreto. Ninguém toca neles, certo? Regras da firma. Nem os outros sócios. São mais seguros do que os meus. Então McDeere não pode abri-los sem uma chave. Avery me mostrou as chaves dele. Disse que fazia dois dias que não tocava naqueles arquivos, desde antes do dia 7. Avery examinou as pastas e tudo parece em ordem. Não dá para saber se foram mexidas ou não. Mas vocês têm como saber se uma das suas pastas não foi copiada? Não, não podem. Nem eu posso. Por isso peguei as pastas hoje de manhã e vou mandá-las para Chicago. Eles vão procurar digitais. Isso leva mais ou menos uma semana.

– Ele não poderia copiar aquelas pastas – disse Lambert.

– O que mais ele copiaria, Ollie? Quero dizer, tudo estava trancado no quarto andar e no terceiro. Tudo, menos a sala do Avery. E, presumindo que ele e Tarrance estejam sussurrando nos ouvidos um do outro, o que ele iria querer na sala do Avery? Nada além das pastas secretas.

– Agora você está presumindo que ele tem as chaves – disse Locke.

– Sim. Estou presumindo que ele fez cópias das chaves do Avery.

Ollie fungou e deu um riso exasperado.

– Isso é incrível. Não acredito.

Olhos Pretos encarou DeVasher com um sorriso maldoso.

– Como ele conseguiria cópias das chaves?

– Boa pergunta, e não sei responder. Avery me mostrou as chaves dele. Dois chaveiros, onze chaves. Ele fica com elas o tempo todo. Regra da firma, certo? Como um bom advogado deve fazer. Quando está acordado as chaves ficam no bolso. Quando está dormindo fora de casa, as chaves ficam embaixo do travesseiro.

– Para onde ele viajou no mês passado? – perguntou Olhos Pretos.

– Esqueça a viagem para se encontrar com Capps em Houston na semana passada. É recente demais. Antes disso ele passou dois dias na Grand Cayman, em 1º de abril.

– Eu me lembro – falou Ollie, ouvindo com atenção.

– Bom para você, Ollie. Eu perguntei o que ele fez nas duas noites e ele disse que nada além de trabalhar. Sentou-se num bar uma noite, mas só isso. Jura que dormiu sozinho nas duas noites. – DeVasher apertou um botão num gravador portátil. – Mas está mentindo. Este telefonema foi dado às 9h15 de 2 de abril, do telefone no quarto principal da Unidade A.

A fita começou:

“Ele está no chuveiro.” Primeira voz feminina.

“Você está bem?” Segunda voz feminina.

“Estou ótima. Ele não conseguiria fazer nada, nem se precisasse.”

“Por que demorou tanto?”

“Ele não acordava.”

“Ele suspeita de alguma coisa?”

“Não. Não se lembra de nada. Acho que está sentindo dor.”

“Quanto tempo você vai ficar aí?”

“Vou dar um beijo de despedida quando ele sair do chuveiro. Dez, talvez quinze minutos.”

“Certo. Depressa.”

DeVasher apertou outro botão e continuou a andar.

– Não faço ideia de quem são elas e não confrontei o Avery. Ainda. Ele me preocupa. A mulher dele pediu o divórcio e ele perdeu o controle. Anda atrás de rabo de saia o tempo todo. Essa é uma falha de segurança muito séria, e suspeito que o Lazarov vai subir pelas paredes.

– Ela falou como se fosse uma tremenda ressaca – comentou Locke.

– Evidentemente.

– Você acha que ela copiou as chaves? – perguntou Ollie.

DeVasher deu de ombros e sentou-se em sua poltrona gasta de couro. A arrogância sumiu.

– É possível, mas duvido. Pensei nisso durante horas. Presumindo que tenha sido alguma mulher que ele pegou num bar e que os dois tenham ficado bêbados, devia ser tarde quando foram para a cama. Como ela faria cópias das chaves no meio da noite naquela ilha minúscula? Acho que não.

– Mas ela tinha uma cúmplice – insistiu Locke.

– É, e não consigo entender isso. Talvez as duas estivessem tentando roubar a carteira dele e alguma coisa deu errado. Ele anda com alguns milhares em dinheiro e, se ficou bêbado, quem sabe o que contou a elas? Talvez ela planejasse pegar o dinheiro no último segundo e dar no pé. Não fez isso. Não sei.

– Mais nenhuma suposição? – perguntou Ollie.

– Por enquanto não. Adoro suposições, mas é ir longe demais presumir que aquelas mulheres pegaram as chaves, conseguiram copiá-las no meio da noite na ilha sem que ele percebesse, e depois a primeira voltou para a cama com ele. E que de algum modo tudo isso esteja relacionado com McDeere e os milhares de cópias que ele fez no quarto andar. É simplesmente demais.

– Concordo – disse Ollie.

– E o depósito? – perguntou Olhos Pretos.

– Pensei nisso, Nat. Na verdade, perdi o sono pensando nisso. Se ela estava interessada nos registros do depósito, deve haver alguma conexão com McDeere, ou mais alguém que esteja xeretando. E não consigo fazer essa



conexão. Digamos que ela tenha encontrado a sala e os registros. O que poderia fazer com eles no meio da noite enquanto Avery dormia no andar de cima?

– Poderia lê-los.

– É, e só há um milhão. Pense bem. Ela devia estar bebendo com o Avery, ou ele suspeitaria. Então ela passa a noite bebendo e trepando. Espera até ele dormir e de repente tem uma ânsia de descer e ler registros bancários. Não fecha, pessoal.

– Ela pode trabalhar para o FBI – disse Ollie com orgulho.

– Não pode, não.

– Por quê?

– É simples, Ollie. O FBI não faria isso porque a busca seria ilegal e os registros não seriam admissíveis num tribunal. E há um motivo muito melhor.

– Qual?

– Se ela fosse federal não teria usado o telefone. Nenhum profissional daria aquele telefonema. Acho que era uma ladrazinha.

A TEORIA DA ladrazinha foi explicada a Lazarov, que encontrou uma centena de furos, mas não conseguiu pensar em nada melhor. Ordenou que trocassem todas as fechaduras do terceiro e do quarto andares, além do porão e das duas casas do condomínio na Grand Cayman. Ordenou uma busca de todos os chaveiros da ilha – afinal, não poderia haver muitos – para descobrir se algum tinha copiado chaves na noite de 1º de abril ou na manhã de 2 de abril. Suborne-os, disse a DeVasher. Eles falariam em troca de algum dinheiro. Ordenou um exame de digitais em todas as pastas da sala de Avery. DeVasher explicou com orgulho que já havia começado a fazer isso. As digitais de McDeere estavam arquivadas na ordem dos advogados do estado.

Também ordenou uma suspensão de seis dias para Avery Tolar. DeVasher argumentou que isso alertaria McDeere de que havia algo incomum. Ótimo, disse a Lazarov, mande Tolar se internar num hospital com dores no peito. Dois meses de licença, ordens médicas. Diga para Tolar tomar jeito na vida. Tranque a sala dele. Passe McDeere para Victor Milligan.

– Você falou que tinha um bom plano para eliminar McDeere – afirmou DeVasher.

Lazarov riu e tirou meleca do nariz.

– É. Acho que vamos usar o avião. Vamos mandá-lo para as ilhas numa viagem a trabalho e vai haver uma explosão misteriosa.

– Desperdiçar dois pilotos? – perguntou DeVasher.

– É. A coisa precisa parecer verídica.

– Não faça isso perto das Cayman. Vai ser coincidência demais.

– Certo, mas precisa acontecer em cima da água. Menos destroços. Vamos usar um dispositivo grande, para eles não encontrarem muita coisa.

– Aquele avião é caro.

– Sim. Primeiro vou falar com o Joey.

– Você é o chefe. Avise se pudermos ajudar.

– Claro. Comece a pensar nisso.

– E o seu homem em Washington? – perguntou DeVasher.

– Estou esperando. Liguei para Nova York hoje de manhã e eles estão verificando. Devemos ficar sabendo em uma semana.

– Isso facilitaria as coisas.

– É. Se a resposta for positiva, precisaremos eliminá-lo em menos de 24 horas.

– Vou começar a planejar.

O ESCRITÓRIO ESTAVA silencioso para uma manhã de sábado. Alguns sócios e uma dezena de associados estavam à toa, usando calças cáqui e camisas polo. Não havia secretárias. Mitch verificou sua correspondência e redigiu algumas respostas. Depois de duas horas saiu. Era hora de visitar Ray.

Seguiu por cinco horas para leste pela Interestadual 40. Dirigia feito um idiota. Andava a oitenta por hora, depois a 140. Entrava em todas as paradas para descanso e em todos os postos de pesagem. Saía subitamente pela pista da esquerda. Parou embaixo de um viaduto, esperou e vigiou. Não os viu. Nenhuma vez notou um carro, caminhão ou furgão suspeito. Até olhou algumas carretas de dezoito rodas. Nada. Simplesmente não estavam atrás dele. Teria visto.

Seu pacote de livros e cigarros foi liberado pelo posto de guarda e ele foi levado ao cubículo 9. Minutos depois Ray sentou-se do outro lado da tela grossa.

– Onde você esteve? – perguntou com uma leve irritação. – Você é a única

pessoa em todo o mundo que me visita e essa é só a segunda vez em quatro meses.

– Eu sei. É época do imposto de renda e andei atolado. Vou melhorar. Mas escrevi.

– É, uma vez por semana eu recebo dois parágrafos. “Oi, Ray. Como está a cama? Como está a comida? Como estão as paredes? Como vai o grego ou o italiano? Estou bem. Abby está ótima. O cachorro está doente. Preciso ir. Vou fazer uma visita logo. Com amor, Mitch.” Você escreve cartas incríveis, irmãozinho. Realmente adoro.

– As suas não são muito melhores.

– O que eu tenho para dizer? Os guardas estão vendendo drogas. Um amigo foi esfaqueado 31 vezes. Vi um garoto ser estuprado. Qual é, Mitch, quem quer ouvir isso?

– Vou melhorar.

– Como vai a mamãe?

– Não sei. Não voltei lá desde o Natal.

– Eu pedi para você verificar, Mitch. Estou preocupado com ela. Se aquele bandido estiver batendo nela, quero que isso pare. Se eu pudesse sair daqui, iria pessoalmente fazer com que isso parasse.

– Você vai sair. – Era uma declaração, e não uma pergunta.

Mitch pôs um dedo nos lábios e assentiu devagar. Ray se inclinou sobre os cotovelos e o encarou com atenção.

– *Español. Hable despacio* – falou Mitch baixinho, pedindo que o irmão falasse devagar.

Ray sorriu levemente.

– *¿Cuándo?*

– *La semana próxima.*

– *¿Qué día?*

Mitch pensou por um segundo.

– *Martes o miércoles.*

Terça ou quarta-feira.

– *¿A qué hora?*

Mitch sorriu, deu de ombros e olhou em volta.

– Como vai a Abby? – perguntou Ray.

– Está há umas duas semanas em Kentucky. A mãe está doente. – Ele encarou Ray e disse sem som: – Confie em mim.

– O que há de errado com ela?

– Tiraram um pulmão. Câncer. Ela fumou durante metade da vida. Você deveria parar.

– E vou, se algum dia sair daqui.

Mitch sorriu e assentiu.

– Você tem pelo menos mais sete anos.

– Sim, e é impossível fugir. De vez em quando alguém tenta, mas leva um tiro ou é capturado.

– James Earl Ray pulou o muro, não foi? – Mitch ficou assentindo enquanto fazia a pergunta.

Ray sorriu e focou nos olhos do irmão.

– Mas foi capturado. Eles trazem um punhado de caras da montanha, com cães farejadores, e a coisa fica bem feia. Acho que ninguém sobreviveu nas montanhas depois de pular o muro.

– Vamos falar de outra coisa – disse Mitch.

– Boa ideia.

Dois guardas estavam parados perto de uma janela atrás da fileira de cubículos. Curtiam uma pilha de fotos pornográficas que alguém havia tirado com uma Polaroid e tentado passar pelo posto de guarda. Riam e ignoravam os visitantes. Do lado dos prisioneiros um único guarda com cassetete andava com ar benigno de um lado para outro, meio sonolento.

– Quando terei sobrinhos e sobrinhas? – perguntou Ray.

– Talvez daqui a alguns anos. Abby quer um casal e começaria agora mesmo se eu quisesse. Não estou preparado.

O guarda passou atrás de Ray, mas não olhou. Os irmãos se encararam, tentando ler os olhos um do outro.

– *¿Adónde voy?* – perguntou Ray rapidamente. Para onde vou?

– Para o Hilton de Perdido Beach. Abby e eu fomos às Cayman no mês passado. Tivemos férias ótimas.

– Nunca ouvi falar. Onde fica?

– No Caribe, abaixo de Cuba.

– *¿Qué es mi nombre?*

Qual é o meu nome?

– Lee Stevens. Mergulhamos com snorkels. A água é quente e linda. A firma tem duas casas num condomínio na Seven Mile Beach. Eu só paguei a passagem aérea. Foi ótimo.

– Me arranje um livro. Eu gostaria de ler a respeito. *¿Passaporte?*

Mitch assentiu com um sorriso. O guarda passou atrás de Ray e parou. Os dois falaram sobre os velhos tempos em Kentucky.

QUANDO O CREPÚSCULO caía, ele parou o BMW na sombra de um shopping em Nashville. Deixou as chaves na ignição e trancou a porta. Tinha uma chave extra no bolso. Uma multidão agitada que comprava presentes de Páscoa atravessava as portas da Sears. Ele se misturou à turba. Lá dentro, entrou no departamento de roupas masculinas e estudou meias e cuecas enquanto olhava a porta. Ninguém suspeito. Saiu da Sears e andou com pressa pela multidão do shopping. Um suéter de algodão preto na vitrine de uma loja masculina atraiu sua atenção. Entrou e pediu para ver um, experimentou e decidiu sair usando-o, de tanto que gostou. Enquanto o vendedor colocava seu troco no balcão, ele examinou as páginas amarelas procurando o número de um táxi. De volta ao corredor do shopping, subiu a escada rolante até o primeiro andar, onde encontrou um telefone público. O táxi chegaria em dez minutos.

Agora estava escuro: a escuridão fria e precoce da primavera no Sul. Estudou a entrada do shopping de dentro de um bar. Tinha certeza de que não fora seguido pelo shopping. Foi tranquilo até o táxi.

– Brentwood – disse ao motorista e desapareceu no banco de trás.

Brentwood ficava a vinte minutos dali.

– Savannah Creek Apartments – instruiu.

O táxi procurou no enorme conjunto residencial e encontrou o número 480E. Mitch jogou uma nota de 20 por cima do banco e bateu a porta. Atrás de uma escada externa encontrou a porta do 480E. Estava trancada.

– Quem é? – perguntou uma nervosa voz feminina lá dentro.

Ele escutou e sentiu-se fraco.

– Barry Abanks – respondeu.

Abby abriu a porta e atacou. Os dois se beijaram vorazmente e ele a

levantou, entrou e bateu a porta com o pé. Suas mãos se moviam ávidas. Em menos de dois segundos puxou o suéter dela por cima da cabeça, abriu o sutiã e empurrou a saia frouxa até os joelhos. Continuaram se beijando. Com um olho ele examinou apreensivo o sofá-cama alugado, barato e frágil, que estava esperando. Ou isso ou o chão. Colocou-a gentilmente no sofá e tirou a roupa.

O sofá-cama era pequeno e rangia. O colchão era 5 centímetros de espuma enrolados num lençol. Os suportes de metal embaixo se projetavam para cima perigosamente.

Mas os McDeeres nem notaram.

QUANDO ESTAVA TARDE e escuro e a multidão de consumidores no shopping diminuiu, um Chevrolet Silverado preto e brilhante parou atrás do BMW. Um homem pequeno, com corte de cabelo bem-feito e costeletas, desceu, olhou em volta e enfiou uma chave de fenda pontuda na tranca do BMW. Meses depois, quando fosse condenado, diria ao juiz que tinha roubado mais de trezentos carros e caminhonetes em oito estados e que podia arrombar um carro e ligar o motor mais rápido do que o juiz faria usando as chaves. Disse que seu tempo médio era de 18 segundos. O juiz não se impressionou.

Às vezes, num dia de muita sorte, um idiota deixava as chaves no carro e o tempo médio era reduzido de forma drástica. Um olheiro tinha encontrado esse carro com as chaves. Ele sorriu e as girou. O Silverado partiu logo, seguido pelo BMW.

O nórdico desceu do furgão e observou. Aquilo foi rápido demais. Ele demorou demais. A caminhonete simplesmente parou, bloqueou sua visão por um instante e vum!, o BMW havia sumido. Roubado! Diante dos seus olhos. Chutou o furgão. Agora como explicaria isso?

Voltou para o furgão e esperou McDeere.

DEPOIS DE UMA hora no sofá, a dor da solidão tinha sido esquecida. Os dois andaram pelo pequeno apartamento de mãos dadas e se beijando. No quarto, Mitch viu pela primeira vez o que era conhecido entre os três como os Papéis Bendini. Tinha visto as anotações e os resumos de Tammy, mas não os

documentos de verdade. A sala parecia um tabuleiro de xadrez com fileiras de pilhas de papéis. Em duas paredes Tammy tinha prendido cartolinas brancas e depois as cobrira com anotações, listas e fluxogramas.

Um dia, em breve, ele passaria horas nessa sala, estudando os papéis e preparando seu caso. Mas não esta noite. Dentro de alguns minutos precisaria deixá-la e voltar ao shopping.

Ela o levou de volta ao sofá.

No corredor do décimo andar, a Ala Madison do Hospital Batista, havia apenas um plantonista e um enfermeiro escrevendo em sua prancheta. A hora de visita havia terminado às nove, e eram dez e meia. Mitch atravessou o corredor, falou com o plantonista, foi ignorado pelo enfermeiro e bateu à porta.

– Entre – disse uma voz forte.

Ele abriu a porta pesada e parou junto da cama.

– Olá, Mitch – cumprimentou Avery. – Dá para acreditar nisso?

– O que aconteceu?

– Acordei hoje às seis da manhã com dor de estômago, pelo menos achei que era isso. Tomei um banho e senti uma dor forte aqui, no ombro. Minha respiração ficou pesada e eu comecei a suar. Pensei: não, eu não. Meu Deus, tenho 44 anos, estou em ótima forma, malho o tempo todo, me alimento bem, bebo um pouco demais, talvez, mas eu não. Liguei para o meu médico e ele pediu que eu me encontrasse com ele aqui no hospital. Ele acha que foi um leve ataque cardíaco. Espera que não seja sério, mas vou passar os próximos dias fazendo exames.

– Ataque cardíaco.

– Foi o que ele disse.

– Não fico surpreso, Avery. É um espanto algum advogado da firma viver mais de 50 anos.

– Capps fez isso comigo, Mitch. Sonny Capps. Esse ataque é dele. Ele ligou na sexta e disse que tinha encontrado uma nova firma tributarista em



Washington. Quer todos os registros dele. É o meu maior cliente. Eu faturei quase 400 mil dele no ano passado, mais ou menos o que ele pagou em impostos. Ele não está com raiva dos honorários, mas está furioso com os impostos. Não faz sentido, Mitch.

– Não vale a pena morrer por ele.

Mitch procurou algum tubo intravenoso, mas não viu nenhum. Não havia tubos nem fios. Sentou-se na única cadeira do quarto e pôs os pés na cama.

– Jean deu entrada no divórcio, você sabe.

– Ouvi dizer. Não é surpresa, é?

– É uma surpresa ela não ter feito isso no ano passado. Ofereci uma pequena fortuna como acordo. Espero que ela aceite. Não preciso de um divórcio feio.

Quem precisa?, pensou Mitch.

– O que o Lambert disse?

– Foi meio engraçado, na verdade. Em dezenove anos nunca o vi perder a calma, mas perdeu. Disse que eu estava bebendo demais, correndo atrás de mulheres e sabe-se lá o que mais. Disse que eu tinha envergonhado a firma. Sugeriu que eu procurasse um psiquiatra.

Avery falava devagar, às vezes com uma voz rouca, fraca. Parecia falso. Uma frase depois ele se esquecia disso e voltava à voz normal. Ficava perfeitamente imóvel feito um cadáver, com os lençóis bem enfiados embaixo do corpo. Estava com uma cor boa.

– Também acho que você precisa de um psiquiatra. Talvez dois.

– Obrigado. Preciso de um mês ao sol. O médico disse que me daria alta em três ou quatro dias e que eu deveria ficar dois meses sem trabalhar. Sessenta dias, Mitch. Disse que de jeito nenhum posso chegar perto do escritório durante sessenta dias.

– Que bênção! Acho que vou ter um pequeno ataque cardíaco.

– No seu ritmo, isso é garantido.

– O que você é agora, médico?

– Não. Só estou apavorado. Quando a gente leva um susto desses, começa a pensar nas coisas. Hoje foi a primeira vez na vida que pensei que ia morrer. E, se você não pensa na morte, não aprecia a vida.

– O assunto está ficando bem pesado.

– É, eu sei. Como está Abby?

– Bem. Acho. Não a vejo há um tempo.

– É melhor você ir vê-la e trazer a garota para casa. E fazer com que ela se sinta feliz. Sessenta horas por semana é o suficiente, Mitch. Se trabalhar mais, você vai arruinar seu casamento e se matar. Ela quer ter filhos, então tenha. Eu gostaria de ter feito as coisas de modo diferente.

– Que droga, Avery! Quando é o enterro? Você tem 44 anos e teve um pequeno ataque cardíaco. Não se tornou exatamente um vegetal.

O enfermeiro entrou e encarou Mitch.

– A hora da visita acabou, senhor. Precisa ir embora.

Mitch se levantou.

– Sim, claro. – Em seguida deu um tapa nos pés de Avery e saiu. – Vejo você daqui a uns dias.

– Obrigado por ter vindo. Lembranças a Abby.

O elevador estava vazio. Mitch apertou o botão do 16º andar e segundos depois saiu. Subiu dois lances de escada até o 18º, respirou fundo e abriu a porta. No fim do corredor, longe dos elevadores, Rick Acklin vigiava e sussurrou num telefone. Assentiu para Mitch, que foi na direção dele. Acklin apontou e Mitch entrou numa pequena área usada como sala de espera por parentes preocupados. Estava escura e vazia, com duas fileiras de cadeiras dobráveis e um televisor que não funcionava. Uma máquina de Coca fornecia a única iluminação. Tarrance estava sentado ao lado dela, folheando uma revista velha. Usava agasalho de moletom, faixa de cabeça, meias azul-marinho e tênis de lona brancos. Tarrance, o atleta.

Mitch sentou-se ao lado dele, virado para o corredor.

– Você está limpo. Eles o seguiram do escritório até o estacionamento e foram embora. Acklin está no corredor. Laney está por aí. Relaxe.

– Gostei da faixa na cabeça.

– Obrigado.

– Vejo que recebeu a mensagem.

– É óbvio. Muito esperto, McDeere. Eu estava sentado atrás da minha mesa hoje de tarde, cuidando da vida, tentando trabalhar em alguma coisa que não fosse o caso Bendini. Eu tenho outros, sabe? E minha secretária entra e diz que uma mulher ao telefone quer falar sobre um homem chamado Marty Kosinski. Eu pulo da cadeira, pego o telefone e, claro, era a sua garota. Ela disse que era

urgente, como sempre. Por isso eu falei tudo bem, vamos conversar. E ela não entra no jogo. Me fez largar tudo que estava fazendo, correr até o Peabody, ir ao salão... como é o nome, Mallards? E me sentar. De modo que eu estava lá, pensando em como isso é idiota, porque nossos telefones são limpos. Droga, Mitch, eu sei que nossos telefones são limpos. Podemos falar pelos nossos telefones! Eu estava tomando café. O barman vem até mim e pergunta se meu nome é Kozinski. Kozinski quem?, pergunto. Só de brincadeira. Já que estamos nos divertindo tanto, não é? Marty Kozinski, responde ele com a cara perplexa. Eu digo: Sim, é o meu nome. Me senti idiota, Mitch. E ele diz que estão telefonando para mim. Vou até o bar e é a sua garota. Contou que o Tolar teve um ataque cardíaco ou algo assim. E que você ia estar aqui por volta das onze. Muito esperto.

– Funcionou, não foi?

– É, e funcionaria com a mesma facilidade se ela falasse comigo pelo meu telefone no escritório.

– Gosto mais do meu jeito. É mais seguro. Além disso tira você do seu escritório.

– É verdade, tira. Eu e outros três.

– Olha, Tarrance, vamos fazer a coisa do meu jeito, está bem? É o meu pescoço que está na reta, não o seu.

– Verdade. Que carro você está usando?

– Um Celebrity alugado. Legal, não é?

– O que aconteceu com o carrinho preto de advogado?

– Teve um problema de cabelo. Estava cheio de grampos. Parei num shopping na noite de sábado em Nashville e deixei as chaves dentro. Alguém pegou emprestado. Eu adoro cantar, mas tenho a voz péssima. Desde que aprendi a dirigir, canto no carro, sozinho. Mas com os grampos e essas coisinhas fiquei muito inibido. Simplesmente cansei.

Tarrance não conseguiu resistir a um sorriso.

– Essa é boa, McDeere. Muito boa.

– Você deveria ter visto Oliver Lambert hoje de manhã quando entrei e coloquei o boletim de ocorrência na mesa dele. Ele gaguejou, balbuciou e disse que lamentava. Eu agi como se estivesse triste de verdade. A seguradora vai cobrir, de modo que o velho Oliver disse que vão me dar outro. Depois falou que

iriam me arranjar um carro alugado enquanto isso. Eu respondi que já tinha um. Peguei em Nashville na noite de sábado. Ele não gostou, porque sabia que estava sem grampos. Ligou para a concessionária da BMW, enquanto eu estava ali parado, e pediu um novo. Perguntou de que cor eu queria. Eu disse que estava cansado do preto e queria um vinho com interior castanho. Fui até a concessionária do BMW ontem e dei uma olhada. Não vi nenhum modelo vinho. Ele disse ao cara pelo telefone o que eu queria, e o cara respondeu que não tinham. Que tal preto, azul-marinho, cinza, vermelho ou branco? Não, não, não, quero vinho. Ele disse que teriam que pedir à fábrica. Ótimo, falei. Ele desligou o telefone e perguntou se eu tinha certeza de que não queria de nenhuma outra cor. Vinho, repeti. Ele quis discutir, mas percebeu que ia parecer idiotice. Assim, pela primeira vez em dez meses, eu posso cantar no meu carro.

– Mas um Celebrity. Para um advogado tributarista importante. Deve doer.

– Eu aguento.

Tarrance ainda estava sorrindo, obviamente impressionado.

– Imagino o que o pessoal do desmonte vai fazer quando achar todos aqueles microfones.

– Provavelmente vão mandar tudo para uma loja de penhores, junto com o equipamento de som. Quanto valia?

– Nosso pessoal disse que era tudo do melhor. Dez, quinze mil. Não sei. É engraçado.

Duas enfermeiras passaram falando alto. Viraram uma esquina e o corredor ficou silencioso. Acklin fingiu dar outro telefonema.

– Como vai o Tolar? – perguntou Tarrance.

– Fantástico. Espero que o meu ataque cardíaco seja tão tranquilo quanto o dele. Ele vai continuar aqui alguns dias e depois ficar de licença por dois meses. Nada sério.

– Você pode entrar na sala dele?

– Por que deveria? Já copiei tudo que tem lá.

Tarrance se inclinou mais para perto e esperou mais.

– Não, não posso mais entrar na sala dele. Trocaram as fechaduras no terceiro e no quarto andares. E no porão.

– Como você sabe?

– A garota, Tarrance. Nesta última semana ela entrou em todas as salas do

prédio, inclusive no porão. Verificou cada porta, puxou cada gaveta, olhou dentro de cada armário. Leu correspondências, xeretou dentro de pastas e revirou o lixo. Na verdade não há muito lixo. O prédio tem dez picotadoras de papel. Quatro só no porão. Sabia disso?

Tarrance ouviu com atenção e não mexeu um músculo.

– Como foi que ela...

– Não pergunte, Tarrance, porque não vou contar.

– Ela trabalha lá! É secretária ou algo assim. Está ajudando você de dentro.

Mitch balançou a cabeça, frustrado.

– Brilhante, Tarrance. Ela ligou duas vezes para você hoje. Uma por volta das 14h15 e depois uma hora mais tarde. Bom, como uma secretária daria dois telefonemas para o FBI com uma hora de diferença?

– Talvez ela não tenha trabalhado hoje. Talvez tenha ligado de casa.

– Está errado, Tarrance, e pare de tentar adivinhar. Não desperdice tempo se preocupando com ela. Ela trabalha para mim e juntos vamos entregar a mercadoria a você.

– O que há no porão?

– Uma sala grande com doze cubículos, doze mesas cheias de trabalho e mil arquivos. Arquivos conectados eletronicamente. Acho que é o centro de operações da lavagem de dinheiro. Nas paredes dos cubículos ela notou nomes e números de telefone de dezenas de bancos no Caribe. Não há muita informação largada lá embaixo. Eles são muito cuidadosos. Há uma sala menor, num canto, muito bem trancada e cheia de computadores maiores do que geladeiras.

– Parece o lugar certo.

– É, mas esqueça. Não há como pegar as coisas sem eles saberem. Impossível. Só sei um meio de trazer o material para fora.

– Certo.

– Um mandado de busca.

– Esqueça. Não há motivo provável.

– Escute, Tarrance. É assim que vai ser, está bem? Eu não posso dar todos os documentos que você quer. Mas posso dar tudo de que você precisa. Estou de posse de mais de dez mil documentos e, ainda que não tenha analisado todos, vi o bastante para saber que, quando você estiver com eles, poderá mostrá-los a um juiz e conseguir um mandado de busca no prédio da Front Street. Você pode

pegar os registros que eu tenho agora e obter indiciamentos para talvez metade da firma. Mas esses mesmos documentos garantem um mandado de busca e, conseqüentemente, um caminhão de indiciamentos. Não há outro modo.

Tarrance foi até o corredor e olhou em volta. Vazio. Esticou as pernas e foi até a máquina de Coca. Encostou-se nela e olhou pela janelinha em direção ao leste.

– Por que só metade da firma?

– Inicialmente só a metade. Além de vários sócios aposentados. Espalhados nos meus documentos há nomes de vários sócios que estabeleceram as firmas fajutas nas Cayman com dinheiro do Morolto. Esses indiciamentos vão ser moleza. Assim que vocês tiverem todos os registros, sua teoria da conspiração vai se encaixar e vocês poderão indiciar todo mundo.

– Onde você conseguiu os documentos?

– Tive sorte. Muita sorte. Meio que deduzi que a firma tinha o bom senso de não manter os registros dos bancos das Cayman aqui, neste país. Tive a intuição de que os registros poderiam estar nas Cayman. Felizmente eu estava certo. Nós copiamos os documentos nas Cayman.

– Nós?

– A garota. E uma amiga.

– Onde os registros estão agora?

– Você e suas perguntas, Tarrance. Estão comigo. É só isso que você precisa saber.

– Quero os documentos do porão.

– Escute, Tarrance. Preste atenção. Os documentos do porão não vão sair enquanto você não entrar com um mandado de busca. É impossível, ouviu?

– Quem são os caras do porão?

– Não sei. Estou lá há dez meses e nunca vi ninguém. Não sei onde estacionam os carros nem como entram ou saem. São invisíveis. Acho que os sócios e o pessoal do porão fazem o serviço sujo.

– Que tipo de equipamento existe lá embaixo?

– Duas copiadoras, quatro picotadoras, impressoras de alta velocidade e um monte de computadores. Tudo de última geração.

Tarrance foi até a janela, obviamente imerso em pensamentos.

– Faz sentido. Faz muito sentido. Eu sempre me perguntei como a firma,

com todas aquelas secretárias, aqueles escriturários e auxiliares jurídicos, conseguia manter tanto segredo sobre Morolto.

– É fácil. As secretárias, os escriturários e os assistentes não sabem de nada. Ficam ocupados com os clientes de verdade. Os sócios e os associados mais antigos se sentam em suas salas grandes e bolam modos exóticos de lavar dinheiro, e a equipe do porão faz o serviço pesado. É uma estrutura ótima.

– Então há um número suficiente de clientes legítimos?

– Centenas. Eles são advogados talentosos com uma clientela incrível. É um grande disfarce.

– E você está dizendo, McDeere, que agora tem documentos que podem sustentar indiciamentos e mandados de busca? Você tem... Eles estão com você?

– Foi o que eu disse.

– Neste país?

– Sim, Tarrance, os documentos estão neste país. Muito perto daqui, na verdade.

Agora Tarrance estava agitado. Balançava-se de um pé para o outro e estalava os nós dos dedos. Estava respirando depressa.

– O que mais você pode tirar da Front Street?

– Nada. É perigoso demais. Eles trocaram as fechaduras, e isso meio me preocupa. Quero dizer, por que eles trocariam as fechaduras do terceiro e do quarto andares e não do primeiro e do segundo? Eu fiz algumas cópias no quarto andar há duas semanas e acho que não foi boa ideia. Estou sentindo uma vibração ruim. Chega de registros da Front Street.

– E a garota?

– Não tem mais acesso.

Tarrance roeu as unhas, balançando-se para trás e para a frente. Ainda olhava pela janela.

– Eu quero os registros, McDeere, e quero logo. Tipo amanhã.

– Quando Ray recebe os papéis de saída?

– Hoje é segunda-feira. Acho que a coisa está programada para amanhã à noite. Você não acreditaria nas broncas que recebi do Voyles. Ele teve de mexer todos os pauzinhos que existem. Acha que estou brincando? Ele ligou para os dois senadores do Tennessee e eles foram pessoalmente a Nashville visitar o

governador. Eu levei uma tremenda bronca, McDeere. Tudo por causa do seu irmão.

– Ele agradece.

– O que ele vai fazer quando sair?

– Eu cuido disso. Você só precisa tirá-lo de lá.

– Sem garantias. Se algo acontecer com ele, a culpa não é nossa.

Mitch se levantou e olhou o relógio.

– Preciso correr. Tenho certeza de que há alguém lá fora me esperando.

– Quando nos encontramos de novo?

– Ela vai ligar. Faça o que ela disser.

– Ah, qual é, Mitch! Essa coisa toda de novo não. Ela pode falar comigo pelo telefone. Juro! Nós mantemos as linhas limpas. Por favor, isso de novo não.

– Qual é o nome da sua mãe, Tarrance?

– O quê? Doris.

– Doris?

– É, Doris.

– Que mundo pequeno! Não podemos usar Doris. Quem você levou para o baile de formatura da escola?

– Ah, acho que não fui.

– Não fico surpreso. Quem foi sua primeira namorada, se é que você teve uma?

– Mary Alice Brenner. E era uma gata. Ela me queria.

– Tenho certeza. O nome da minha garota é Mary Alice. Na próxima vez que Mary Alice ligar, faça exatamente o que ela disser, está bem?

– Mal posso esperar.

– Faça um favor, Tarrance. Acho que Tolar está fingindo e estou com a sensação estranha de que o falso ataque cardíaco tem alguma coisa a ver comigo. Mande seus rapazes xeretarem aqui e verifiquem esse suposto ataque.

– Claro. Nós temos pouca coisa para fazer.



Na manhã de terça-feira, todos no escritório estavam preocupados com Avery Tolar. Ele estava melhorando. Fazendo exames. Não houve dano permanente. Trabalho demais. Estresse. A culpa era do Capps. Do divórcio. Estava de licença.

Nina trouxe uma pilha de cartas para serem assinadas.

– O Sr. Lambert gostaria de ver você, se não estiver muito ocupado. Ele acabou de ligar.

– Ótimo. Eu devo me encontrar com Frank Mulholland às dez. Sabia?

– Claro que sabia. Sou a secretária. Sei de tudo. Na sua sala ou na dele?

Mitch olhou a agenda e fingiu procurar. Sala do Mulholland. No Cotton Exchange Building.

– Na dele – respondeu, franzindo a testa.

– Vocês se reuniram lá na última vez, não foi? Eles não ensinam sobre território na faculdade? Nunca, repito, nunca se reúna duas vezes seguidas no território do adversário. Não é profissional. Não é bom. Demonstra fraqueza.

– Como você poderá me perdoar?

– Espere até eu contar às outras garotas. Todas acham você muito bonito e machão. Quando eu contar que você é um fracote, elas vão levar um choque.

– Elas precisam levar um choque. Com um agulhão de gado.

– Como vai a mãe da Abby?

– Muito melhor. Vou lá neste fim de semana.

Ela pegou duas pastas de papel.

– Lambert está esperando.

Oliver Lambert apontou para o sofá rígido e ofereceu café. Estava sentado perfeitamente ereto numa cadeira de espaldar alto e segurava sua xícara como um aristocrata inglês.

– Estou preocupado com o Avery – começou ele.

– Eu o visitei ontem à noite – disse Mitch. – O médico está forçando uma licença de dois meses.

– É, é por isso que você está aqui. Quero que trabalhe com Victor Milligan nos próximos dois meses. Ele vai pegar a maioria dos clientes do Avery, de modo que é território familiar.

– Tudo bem. Victor e eu somos bons amigos.

– Você vai aprender muito com ele. É um gênio em tributação. Lê dois livros por dia.

Fantástico, pensou Mitch. Na prisão ele vai ler dez por dia.

– Sim, ele é muito inteligente. Me ajudou em um ou dois apertos.

– Bom. Acho que vocês vão se dar bem. Tente falar com ele hoje. Outra coisa. Avery tinha um negócio inacabado nas Cayman. Ele vai muito lá, como você sabe, encontrar-se com certos banqueiros. Na verdade, ele tinha programado partir amanhã e passar uns dois dias. Hoje de manhã ele me disse que você está familiarizado com os clientes e as contas, portanto precisamos que você vá.

O Lear, o dinheiro ilícito, o condomínio, o depósito, as contas. Mil pensamentos passaram pela mente de Mitch. A coisa não batia.

– Cayman? Amanhã?

– Sim, é bem urgente. Três clientes dele estão precisando muito de resumos das contas e de outros trabalhos jurídicos. Eu queria que Milligan fosse, mas ele precisa estar em Denver de manhã. Avery disse que você poderia fazer.

– Claro, eu consigo.

– Ótimo. O Lear vai levar você. Você vai partir por volta do meio-dia e voltar num voo comercial no fim da tarde de sexta-feira. Algum problema?

Sim, muitos problemas. Ray ia sair da prisão. Tarrance estava exigindo o material. Meio milhão de dólares precisavam ser coletados. E ele tinha programado desaparecer a qualquer momento.

– Sem problema.

Foi até sua sala e fechou a porta. Chutou os sapatos longe, deitou-se no chão e fechou os olhos.

O ELEVADOR PAROU no sétimo andar. Mitch subiu correndo a escada até o nono. Tammy abriu a porta e a trancou. Ele foi até a janela.

– Você estava olhando? – perguntou.

– Claro. O guarda do seu estacionamento ficou na calçada observando você andar até aqui.

– Maravilhoso. Até o Dutch me segue.

Ele se virou e a inspecionou.

– Você parece cansada.

– Cansada? Estou morta. Nas últimas três semanas fui faxineira, secretária, advogada, banqueira, puta, mensageira e detetive particular. Fui nove vezes à Grand Cayman, trouxe nove jogos de malas novas e carreguei uma tonelada de documentos roubados. Fui a Nashville quatro vezes de carro e dez de avião. Li tantos registros bancários e essa papelada jurídica que estou quase cega. E quando chega a hora de dormir visto minha camisetinha dos Caça-Sujeiras e banco a faxineira durante seis horas. Tenho tantos nomes que escrevi todos nas mãos, para não me confundir.

– Tenho mais um para você.

– Não me surpreende. Qual é?

– Mary Alice. De agora em diante, quando falar com Tarrance, você é Mary Alice.

– Me deixe anotar. Não gosto de Tarrance. Ele é muito grosso ao telefone.

– Tenho notícias fantásticas.

– Mal posso esperar.

– Você pode sair da Caça-Sujeiras.

– Acho que vou me deitar e chorar. Por quê?

– Não vai adiantar mais nada.

– Eu disse isso há uma semana. Nem Houdini poderia tirar documentos de lá, copiá-los e levar de volta sem ser apanhado.

– Você falou com Abanks?

– Falei.

– Ele recebeu o dinheiro?  
– Recebeu. Foi transferido na sexta-feira.  
– Ele está preparado?  
– Disse que sim.  
– Bom. E o falsário?  
– Vou me encontrar com ele à tarde.  
– Quem é ele?  
– Um ex-presidiário. Ele e Lomax eram velhos amigos. Eddie disse que ele era o melhor falsificador de documentos do país.  
– É melhor que seja. Quanto?  
– Cinco mil. Em dinheiro vivo, claro. Identidades, passaportes, carteiras de motorista e vistos novos.

– Quanto tempo ele vai demorar?  
– Não sei. Para quando você precisa?

Mitch sentou-se na beira da mesa alugada. Respirou fundo e tentou pensar. Calcular.

– Quanto antes. Eu pensei que tinha uma semana, mas agora não sei. Consiga o mais rápido possível. Você pode ir de carro a Nashville esta noite?

– Ah, sim. Será ótimo. Faz dois dias que não vou lá.

– Quero uma câmera de vídeo Sony com tripé montada no quarto. Compre uma caixa de fitas. E quero que você fique lá, perto do telefone, nos próximos dois dias. Revise de novo os Papéis Bendini. Trabalhe nos resumos.

– Quer dizer que eu preciso ficar lá?

– Sim. Por quê?

– Eu rompi dois discos da coluna dormindo naquele sofá.

– Foi você que o alugou.

– E os passaportes?

– Qual é o nome do cara?

– Doc não sei das quantas. Tenho o número dele.

– Me dá. Diga a ele que eu ligo em um dia, mais ou menos. Quanto dinheiro você tem?

– Que bom que você perguntou! Comecei com 50 mil, certo? Gastei 10 mil em passagens aéreas, hotéis, malas e aluguel de carros. E ainda estou gastando.

Agora você quer uma câmera de vídeo. E documentos falsos. Eu odiaria perder dinheiro nesse negócio.

Mitch foi até a porta.

– Que tal mais 50 mil?

– Aceito.

Ele piscou para ela e fechou a porta, perguntando-se se a veria de novo.

A CELA MEDIA 2,5 metros quadrados, com um vaso sanitário num canto e duas camas. Fazia um ano que a de cima estava desocupada. Ray estava deitado na de baixo, com fios saindo dos ouvidos. Falava sozinho numa língua muito estrangeira. Turco. Nesse momento, naquele andar, podia apostar que ele era a única pessoa ouvindo Berlitz tagarelando em turco. Havia conversas em voz baixa de um lado e do outro no corredor, mas a maioria das luzes estava apagada. Onze horas, noite de terça-feira.

O guarda foi em silêncio até a cela dele.

– McDeere – disse baixinho, como em sigilo, através das barras.

Ray sentou-se na beira da cama, embaixo da cama de cima, e olhou para ele. Tirou os fios.

– O diretor quer falar com você.

Claro, pensou Ray, o diretor está sentado à mesa dele às onze da noite me esperando.

– Aonde a gente vai? – Foi uma pergunta ansiosa.

– Calce os sapatos e venha.

Ray olhou a cela em volta e fez um inventário rápido de suas posses mundanas. Em oito anos tinha acumulado um televisor em preto e branco, um toca-fitas grande, duas caixas de papelão cheias de fitas e várias dezenas de livros. Ganhava 3 dólares por dia trabalhando na lavanderia da prisão, mas depois dos cigarros restava pouco para gastar em coisas tangíveis. Esses eram seus únicos bens. Oito anos.

O guarda enfiou uma chave grande na porta e a abriu alguns centímetros. Apagou a luz.

– Venha atrás de mim, e sem gracinhas. Não sei quem você é, senhor, mas tem alguns amigos importantes.

Outras chaves se encaixaram em outras portas e eles estavam do lado de fora, embaixo do aro de basquete.

– Fique atrás de mim – instruiu o guarda.

O olhar de Ray girou pelo complexo escuro. O muro se erguia como uma montanha à distância, depois do pátio e da área de caminhada, onde ele havia percorrido mil quilômetros e fumado uma tonelada de cigarros. Tinha 5 metros de altura à luz do dia, mas parecia muito mais alto à noite. Havia torres de guarda a cada 50 metros e eram bem iluminadas. E tinham armamento pesado.

O guarda parecia à vontade e despreocupado. Claro, ele tinha um uniforme e uma arma. Andou confiante entre duas construções de blocos de concreto, dizendo para Ray acompanhá-lo e ficar frio. Ray tentou se acalmar. Os dois pararam na esquina de um prédio e o guarda olhou para o muro, a 25 metros dali. Holofotes faziam uma varredura de rotina do pátio, e eles recuaram para a escuridão.

Por que estamos nos escondendo?, perguntou-se Ray. Será que aqueles caras lá em cima, com as armas, estão do nosso lado? Gostaria de saber antes de fazer movimentos dramáticos.

O guarda apontou para o local exato do muro onde James Earl Ray e seu bando tinham pulado. Um local bem famoso, estudado e admirado pela maioria dos internos de Brushy Mountain. Pelo menos pela maioria dos brancos.

– Daqui a uns cinco minutos eles vão jogar uma escada lá de cima. O arame farpado em cima do muro já foi cortado. Você vai encontrar uma corda grossa do outro lado.

– Posso fazer algumas perguntas?

– Seja rápido.

– E todas aquelas luzes?

– Vão ser desviadas. Você vai ter escuridão total.

– E aquelas armas lá em cima?

– Não se preocupe. Eles vão olhar para o outro lado.

– Droga! Tem certeza?

– Olha, cara, eu já vi alguns serviços feitos de dentro, mas esse leva o prêmio máximo. O próprio diretor Lattemer planejou. Ele está lá em cima.

O guarda apontou para a torre mais próxima.

– O diretor?

- Isso. Para que nada dê errado.
- Quem vai jogar a escada?
- Uns guardas.

Ray enxugou a testa com a manga da camisa e respirou fundo. Sua boca estava seca e os joelhos fracos.

– VAI TER um cara esperando você – sussurrou o guarda. – O nome dele é Bud. É branco. Ele vai encontrar você do outro lado, faça o que ele mandar.

Os holofotes varreram de novo, em seguida morreram.

– Prepare-se – falou o guarda.

Agora só havia escuridão, seguida por um silêncio pavoroso. O muro era preto. Da torre mais próxima soaram dois assobios sinalizando. Ray se ajoelhou e esperou.

De trás da construção ao lado viu as silhuetas correndo para o muro. Eles pegaram alguma coisa na grama e levantaram.

– Corre, malandro – disse o guarda. – Corre!

Ray correu de cabeça baixa. A escada improvisada estava no lugar. Os guardas agarraram seu braço e o jogaram no primeiro degrau. A escada balançava enquanto ele subia de dois em dois degraus. O topo do muro tinha 60 centímetros de largura. Uma abertura generosa fora cortada nos rolos de arame farpado. Ele passou sem tocá-los. A corda estava onde deveria e Ray deslizou pelo lado de fora do muro. A 2 metros da terra batida soltou-se e deu um pulo. Agachou-se e olhou em volta. Ainda estava escuro. Os holofotes continuavam apagados.

A clareira terminava a uns 30 metros do muro, onde começava a floresta densa.

– Aqui – falou a voz calmamente.

Ray foi até lá. Bud estava esperando nos primeiros arbustos escuros.

– Depressa. Me siga.

Ray o acompanhou até o muro sumir de vista. Pararam numa pequena clareira perto de uma trilha de terra. Bud estendeu a mão.

– Bud Riley.

– Ray McDeere.

Bud era um sujeito atarracado com barba preta e boné preto. Usava botas militares, jeans e jaqueta camuflada. Não havia arma à vista. Ele ofereceu um cigarro.

– Você está com quem? – perguntou Ray.

– Ninguém. Só faço uns bicos para o diretor. Em geral eles me chamam quando alguém pula o muro. Claro, desta vez é meio diferente. Costumo até trazer meus cachorros. Acho que a gente deveria esperar aqui um minuto, até desligarem as sirenes, para que você possa ouvir. Não seria certo se você não ouvisse. Quero dizer, elas são meio em sua homenagem.

– Tudo bem. Já ouvi as sirenes antes.

– É, mas aqui é diferente, quando elas tocam. É um som lindo.

– Olha, Bud, eu...

– Só escute, Ray. Nós temos bastante tempo. Eles não vão perder muito tempo perseguindo você.

– Muito tempo?

– É, eles precisam fazer uma tremenda cena, acordar todo mundo, como se fosse uma fuga de verdade. Mas não virão atrás de você. Não sei que pistolão você tem, mas é dos grandes.

As sirenes começaram a soar alto e Ray deu um pulo. Luzes piscaram no céu preto e puderam ouvir as vozes fracas dos guardas nas torres.

– Está vendo o que eu quis dizer?

– Vamos – pediu Ray, e começou a andar.

– Minha caminhonete está ali adiante na estrada. Eu trouxe umas roupas para você. O diretor me falou o seu tamanho. Espero que goste.

Bud estava sem fôlego quando chegaram à picape. Ray trocou de roupa, vestiu uma calça Duck Head e uma camisa de algodão azul-marinho.

– Muito legal, Bud – disse ele.

– Jogue as roupas da prisão no mato.

Seguiram pela trilha sinuosa na montanha por 3 quilômetros, depois pegaram o asfalto. Bud ouvia Conway Twitty sem dizer nada.

– Aonde a gente vai, Bud? – perguntou Ray enfim.

– Bom, o diretor disse que não se importava nem queria saber. Falou que você decide. Sugiro que a gente vá até uma cidade grande onde haja uma rodoviária. Depois disso você está por conta própria.



– Até onde você pode me levar?

– Eu tenho a noite toda, Ray. Diga o nome da cidade.

– Queria me afastar alguns quilômetros antes de parar numa rodoviária. Que tal Knoxville?

– Que seja Knoxville. De lá você vai para onde?

– Não sei. Preciso sair do país.

– Com os seus amigos isso não deve ser problema. Mas tenha cuidado. Amanhã sua foto vai estar pendurada em cada delegacia em dez estados.

Três carros com luzes azuis vieram a toda a velocidade pela descida à frente deles. Ray se agachou no piso.

– Relaxa, Ray. Eles não podem ver você.

Ray viu-os desaparecer pela janela de trás.

– Algum bloqueio de estrada?

– Olha, Ray. Não vai ter nenhum bloqueio, está bem? Confie em mim. – Bud enfiou a mão num bolso e jogou um maço de dinheiro no banco. – Quinhentas pratas. Entregues pelo próprio diretor. Você tem amigos poderosos, meu chapa.

Manhã de quarta-feira. Tarry Ross subiu a escada até o quarto andar do Phoenix Park Hotel. Parou no patamar diante da porta do corredor e recuperou o fôlego. O suor brotava nas suas sobrancelhas. Tirou os óculos escuros e enxugou o rosto com a manga do sobretudo. A náusea golpeava abaixo da linha da cintura e ele se apoiou no corrimão da escada. Largou a pasta vazia no concreto e se sentou no degrau de baixo. Suas mãos tremiam como se sofresse de uma paralisia séria e ele sentiu vontade de chorar. Apertou o estômago e tentou não vomitar.

A náusea passou e ele respirou de novo. Coragem, cara, coragem. Tem 200 mil dólares esperando no fim do corredor. Se você tiver colhões, pode ir até lá e pegá-los. Pode sair com eles, mas precisa ter coragem. Respirou fundo e suas mãos se acalmaram. Colhões, cara, colhões.

Os joelhos fracos tremeram, mas ele conseguiu chegar à porta. Seguiu pelo corredor, passou pelos quartos. A oitava porta à direita. Respirou fundo e bateu.

Segundos se passaram. Olhou o corredor escuro através dos óculos escuros e não viu nada.

– Sim – disse uma voz de dentro, a centímetros dele.

– É o Alfred. – Nome ridículo, pensou. De onde teria vindo?

A porta se entreabriu e um rosto apareceu atrás da correntinha. A porta foi fechada, depois aberta. Alfred entrou.

– Bom dia, Alfred – falou Vinnie Cozzo calorosamente. – Quer café?

– Não vim aqui beber café – reagiu Alfred com rispidez.

Pôs a pasta na cama e olhou para Cozzo.

– Você está sempre tão nervoso, Alfred! Por que não relaxa? Não tem como pegarem você.

– Cala a boca, Cozzo. Cadê o dinheiro?

Vinnie apontou para uma bolsa de couro. Parou de sorrir.

– Fale comigo, Alfred.

A náusea bateu de novo, mas Alfred ficou firme. Olhou para os pés. Seu coração martelava como pistões.

– Certo, o tal cara, McDeere, já recebeu um milhão de dólares. Mais um milhão está a caminho. Ele entregou uma carga de documentos da Bendini e diz que tem pelo menos mais dez mil.

Uma dor forte acertou sua virilha e ele se sentou na beira da cama. Tirou os óculos.

– Continue falando – exigiu Cozzo.

– McDeere falou muitas vezes com o nosso pessoal nos últimos seis meses. Ele vai testemunhar nos julgamentos e depois cair na estrada como testemunha protegida. Ele e a mulher.

– Onde estão os outros documentos?

– Droga, isso eu não sei. Ele não quer dizer. Mas estão prontos para ser entregues. Quero meu dinheiro, Cozzo.

Vinnie jogou a bolsa na cama. Alfred abriu a bolsa e sua pasta. Atacou as pilhas de notas com as mãos tremendo violentamente.

– Duzentos mil? – perguntou em desespero.

Vinnie abriu um sorriso.

– Esse foi o trato, Alfred. Tenho outro serviço para você daqui a duas semanas.

– De jeito nenhum, Cozzo. Não posso mais fazer isso. – Ele fechou a pasta e correu para a porta. Parou e tentou se acalmar. – O que vocês vão fazer com McDeere? – perguntou, olhando para a porta.

– O que você acha, Alfred?

Ele mordeu o lábio, apertou a pasta e saiu do quarto. Vinnie sorriu e trancou a porta. Pegou um cartão no bolso e ligou para a casa do Sr. Lou Lazarov em Chicago.

Tarry Ross foi andando em pânico pelo corredor. Podia ver pouca coisa por trás dos óculos. Sete portas à frente, quase diante do elevador, uma mão enorme

saiu da escuridão e o puxou para um quarto. A mão lhe deu um tapa com força e um punho acertou seu estômago. Outro acertou o nariz. Ele estava no chão, tonto e sangrando. A pasta foi esvaziada na cama.

Foi jogado numa cadeira e as luzes se acenderam. Três agentes do FBI, seus colegas, o olhavam furiosos. O diretor Voyles foi até ele, balançando a cabeça incrédulo. O agente com as mãos enormes e eficientes ficou parado perto, à distância de um soco. Outro agente estava contando dinheiro.

Voyles se aproximou do rosto dele.

– Você é um traidor, Ross. A forma mais baixa de lixo. Não consigo acreditar.

Ross mordeu o lábio e começou a soluçar.

– Quem é? – perguntou Voyles, ansioso.

O choro ficou mais alto. Não houve resposta.

Voyles deu um tapa violento na têmpora esquerda de Ross, que gritou de dor.

– Quem é, Ross? Fale comigo.

– Vinnie Cozzo – balbuciou ele entre soluços.

– Sei que é o Cozzo! Que droga! Eu sei disso! Mas o que você contou a ele?

Lágrimas escorreram dos seus olhos e saiu sangue do nariz. Seu corpo se sacudia e balançava de modo digno de pena. Não houve resposta.

Voyles deu outro tapa, e mais outro.

– Diga, seu filho da puta. Diga o que o Cozzo quer.

E deu outro tapa.

Ross se dobrou ao meio e baixou a cabeça sobre os joelhos. O choro ficou mais fraco.

– Duzentos mil dólares – disse um agente.

Voyles se ajoelhou.

– É o McDeere, Ross? – perguntou, quase sussurrando. – Por favor, ah, por favor, diga que não é o McDeere. Diga, Tarry, diga que não é o McDeere.

Tarry firmou os cotovelos nos joelhos e olhou para o chão. O sangue pingou formando uma poça no tapete. Decida, Tarry. Você não vai ficar com o dinheiro. Vai para a cadeia. Você é uma desgraça, Tarry. É um covarde de merda e tudo acabou. O que poderia ganhar guardando segredos? Decida, Tarry.

Voyles estava pedindo baixinho. Ó pecadores, não vireis?

– Por favor, diga que não é o McDeere, Tarry, por favor, diga que não é.

Tarry se empertigou e enxugou os olhos com os dedos. Respirou fundo. Pigarreou. Mordeu o lábio, olhou nos olhos de Voyles e confirmou com a cabeça.

DEVASHER NÃO TINHA tempo para o elevador. Desceu correndo a escada até o quarto andar, até uma sala no canto, uma sala poderosa, e entrou de forma intempestiva na sala de Locke. Metade dos sócios estava ali. Locke, Lambert, Milligan, McKnight, Dunbar, Denton, Lawson, Banahan, Kruger, Welch e Shottz. A outra metade tinha sido chamada.

Um pânico silencioso preenchia a sala. DeVasher sentou-se à cabeceira da mesa e os outros se reuniram em volta.

– Certo, rapazes. Não é hora de fugir correndo para o Brasil. Pelo menos por enquanto. Hoje de manhã confirmamos que ele falou longamente com os federais, que eles pagaram um milhão de dólares em dinheiro, prometeram mais um milhão, que ele tem certos documentos supostamente cruciais. Isso veio direto do FBI. Lazarov e um pequeno exército estão vindo de avião para Memphis agora mesmo. Parece que não houve danos. Ainda. Segundo nossa fonte, um federal de altíssimo escalão, McDeere tem mais de dez mil documentos e está pronto para entregar. Mas até agora só entregou alguns. É o que achamos. Evidentemente nós pegamos essa coisa a tempo. Se pudermos impedir mais problemas, vamos ficar bem. Quero dizer, mesmo eles tendo alguns documentos. É claro que eles não têm muita coisa, caso contrário estariam aqui com mandados de busca.

DeVasher estava no palco. Adorava essa coisa. Falava com um sorriso paternalista e estudava cada rosto preocupado.

– Bom, cadê o McDeere?

– Na sala dele – respondeu Milligan. – Acabei de falar com ele. Não suspeita de nada.

– Maravilhoso. Ele vai para a Grand Cayman daqui a três horas. Correto, Lambert?

– Correto. Por volta do meio-dia.

– Rapazes, o avião nunca vai chegar lá. O piloto vai pousar em Nova Orleans para resolver um probleminha, em seguida vai decolar para a ilha. Depois de uns

trinta minutos no golfo do México, o pontinho vai sumir do radar para sempre. Os destroços vão se espalhar numa área de 50 quilômetros quadrados. É triste, mas necessário.

– O Lear? – perguntou Denton.

– Isso, filho, o Lear. Vamos comprar outro brinquedo para vocês.

– Estamos presumindo muita coisa, DeVasher – disse Locke. – Estamos presumindo que os documentos que já estão com eles são inofensivos. Há quatro dias você achou que McDeere tinha copiado algumas das pastas secretas do Avery. E aí?

– Eles estudaram as pastas em Chicago. É, elas estão cheias de provas incriminadoras, mas não o suficiente para os federais irem em frente. Eles não conseguiriam nem uma condenação. Vocês sabem que os materiais perigosos estão na ilha. E, claro, no porão. Ninguém pode entrar no porão. Nós verificamos os documentos no condomínio. Tudo parecia em ordem.

Locke não ficou satisfeito.

– Então de onde vieram os dez mil?

– Você está presumindo que ele tem dez mil. Prefiro duvidar. Lembre que ele está tentando ganhar mais um milhão antes de sumir. Pode estar mentindo para eles e xeretando em busca de mais documentos. Se ele tivesse dez mil, por que os federais não estariam com eles?

– Então o que há a temer? – perguntou Lambert.

– O medo é o desconhecido, Ollie. Não sabemos o que ele tem, só que ganhou um milhão de dólares. Ele não é bobo e pode tropeçar em alguma coisa se for deixado em paz. Não podemos permitir que isso aconteça. Lazarov, veja bem, eu falei: exploda o cara no ar. Fecha aspas.

– É impossível um associado novato encontrar e copiar tantos registros incriminadores – atreveu-se Kruger, e olhou o grupo ao redor buscando aprovação.

Vários assentiram para ele com a testa bastante franzida.

– Por que o Lazarov vem para cá? – perguntou Dunbar, o cara dos imóveis. Disse “Lazarov” como se Charles Manson viesse jantar com eles.

– Essa é uma pergunta idiota – reagiu DeVasher rispidamente e olhou em volta procurando o idiota. – Primeiro nós precisamos cuidar do McDeere e

esperar que o dano seja mínimo. Depois vamos dar uma longa vasculhada nesta unidade e fazer qualquer mudança necessária.

Locke se levantou e olhou irritado para Lambert.

– Certifique-se de que McDeere entre naquele avião.

TARRANCE, ACKLIN E Laney ficaram sentados num silêncio perplexo, escutando pelo viva-voz. Era Voyles em Washington, explicando exatamente o que havia acontecido. Ele partiria para Memphis dentro de uma hora. Estava quase desesperado.

– Você precisa pegá-lo, Tarrance. E depressa. Cozzo não sabe que sabemos sobre Tarry Ross, mas Ross disse a ele que McDeere estava prestes a entregar os documentos. Eles podem apagá-lo a qualquer hora. Você precisa pegá-lo. Agora! Sabe onde ele está?

– No escritório – respondeu Tarrance.

– Certo. Ótimo. Traga-o. Estarei aí em duas horas. Quero falar com ele. Tchau.

Tarrance desligou o telefone e em seguida discou um número.

– Para quem você está ligando? – perguntou Acklin.

– Para a Bendini, Lambert & Locke. Advogados.

– Está maluco, Wayne? – perguntou Laney.

– Só escutem.

A recepcionista atendeu o telefone.

– Mitch McDeere, por favor – disse Tarrance.

– Um momento, por favor – respondeu ela.

Encaminhou para a secretária.

– Sala do Sr. McDeere.

– Preciso falar com Mitchell McDeere.

– Sinto muito, senhor. Ele está numa reunião.

– Escute, moça, aqui é o juiz Henry Hugo, e ele deveria estar na minha sala há quinze minutos. Estamos esperando por ele. É uma emergência.

– Bom, não estou vendo nada na agenda dele para esta manhã.

– É você que marca os compromissos?

– Bom, sim, senhor.

– Então a culpa é sua. Agora ponha-o ao telefone.

Nina atravessou rapidamente o corredor e entrou na sala dele.

– Mitch, tem um tal de juiz Hugo no telefone. Diz que você deveria estar no tribunal agora. É melhor falar com ele.

Mitch se levantou num pulo e pegou o telefone. Estava pálido.

– Sim – falou.

– Sr. McDeere – disse Tarrance. – É o juiz Hugo. O senhor está atrasado. Venha logo.

– Sim, juiz. – Mitch pegou o paletó e a pasta, em seguida franziu os olhos para Nina.

– Sinto muito – afirmou ela. – Não estava na sua agenda.

Mitch partiu correndo, desceu a escada, passou pela recepcionista e saiu pela porta da frente. Correu para o Norte pela Front Street até a Union e atravessou o saguão do Cotton Exchange Building. Na Union virou para leste e correu na direção do Mid-America Mall.

A imagem de um jovem bem-vestido, carregando uma pasta e correndo feito um cachorro amedrontado pode ser comum em algumas cidades, mas não em Memphis. Pessoas notaram.

Ele se escondeu atrás de uma barraca de frutas e recuperou o fôlego. Não viu ninguém correndo atrás. Comeu uma maçã. Se aquilo virasse uma corrida de longa distância, esperava que Tony Duas Toneladas fosse persegui-lo.

Nunca havia se impressionado com Wayne Tarrance. A sapataria coreana tinha sido um fiasco. A lanchonete de frango na Grand Cayman tinha sido uma ideia igualmente idiota. O caderno sobre os Moroltos deixaria um escoteiro entediado. Mas a ideia de um código de socorro, um alerta do tipo “não faça perguntas, só corra para salvar sua vida”, era uma ideia brilhante. Há um mês Mitch sabia que, se o juiz Hugo ligasse, ele precisaria sair pela porta a toda a velocidade. Algo tinha dado errado e os rapazes do quinto andar agiriam. Onde estava Abby?, pensou.

Alguns pedestres andavam em pares pela Union. Ele queria uma calçada cheia, mas não havia nenhuma. Olhou para a esquina da Front com a Union e não viu nada suspeito. Dois quarteirões a leste, entrou em passo casual no saguão do Peabody e procurou um telefone. No mezanino acima do saguão



encontrou um desocupado, num corredor curto perto do banheiro masculino. Ligou para o escritório do FBI de Memphis.

– Wayne Tarrance, por favor. É uma emergência. Aqui é Mitch McDeere.

Em segundos Tarrance estava ao telefone.

– Mitch, onde você está?

– Certo, Tarrance, o que está acontecendo?

– Onde você está?

– Fora do prédio, juiz Hugo. Por enquanto em segurança. O que aconteceu?

– Mitch, você precisa vir.

– Não preciso fazer porcaria nenhuma, Tarrance. E não vou fazer enquanto você não falar.

– Bom, nós... Nós tivemos um ligeiro problema. Houve um pequeno vazamento. Você precisa...

– Vazamento, Tarrance? Você disse vazamento? Não existe isso de pequeno vazamento. Fale, Tarrance, antes que eu desligue esse telefone e desapareça. Você está rastreando esse telefonema, não está, Tarrance? Vou desligar.

– Não! Escute, Mitch. Eles sabem. Eles sabem que estivemos conversando, sabem sobre o dinheiro e os documentos.

Houve uma pausa longa.

– Um pequeno vazamento, Tarrance? Parece que a represa rompeu. Fale desse vazamento, e depressa.

– Meu Deus, isso dói, Mitch. Eu queria que você soubesse como dói. Voyles está arrasado. Um dos nossos homens do alto escalão vendeu a informação. Nós o pegamos hoje de manhã num hotel em Washington. Eles pagaram duzentos mil a ele para falar sobre você. Estamos em choque, Mitch.

– Ah, estou tocado. Me preocupo de verdade com seu choque e sua dor, Tarrance. Acho que agora você quer que eu corra até o seu escritório para a gente poder conversar e nos consolar.

– Voyles vai chegar aqui ao meio-dia, Mitch. Ele está vindo com o melhor pessoal. Quer se encontrar com você. Vamos tirar você da cidade.

– Certo. Você quer que eu corra para os seus braços pedindo proteção. Você é um idiota, Tarrance. Voyles é um idiota. Vocês todos são idiotas. E eu sou idiota por confiar em vocês. Está rastreando este telefonema, Tarrance?

– Não!

– Mentira. Vou desligar, Tarrance. Fique frio e eu ligo em trinta minutos, de outro telefone.

– Não! Mitch, escute. Você está morto se não vier.

– Tchau, Wayne. Fique perto do telefone.

Mitch largou o telefone e olhou em volta. Foi até uma coluna de mármore e olhou para o saguão embaixo. Os patos nadavam na fonte. O bar estava deserto. Havia uma mesa cercada por senhoras ricas tomando chá e fofocando. Um hóspede solitário estava dando entrada na reserva.

De repente o nórdico saiu de trás de uma árvore plantada num vaso e olhou para Mitch.

– Lá em cima! – gritou para um cúmplice do outro lado do saguão.

Eles o observaram com atenção e olharam para a escada embaixo dele. O barman olhou para Mitch, depois para o nórdico e o amigo. As senhoras ficaram espiando em silêncio.

– Ligue para a polícia! – gritou Mitch enquanto recuava para longe do corrimão.

Os dois homens correram pelo saguão e chegaram à escada. Mitch esperou cinco segundos e voltou ao corrimão. O barman não tinha se mexido. As senhoras estavam imóveis.

Houve barulhos altos na escada. Mitch sentou-se no corrimão, jogou a pasta, passou as pernas por cima, fez uma pausa e pulou 6 metros até o carpete no saguão. Caiu feito uma pedra, mas pousou nos dois pés. A dor subiu pelos tornozelos e pelos quadris. O joelho do futebol se dobrou, mas não cedeu.

Atrás dele, perto dos elevadores, havia uma pequena loja com vitrines cheias de gravatas e os últimos modelos Ralph Lauren. Foi mancando até lá. Um rapaz que não teria mais de 19 anos esperava ansioso atrás do balcão. Não havia fregueses. Uma porta dava na Union.

– Aquela porta está trancada? – perguntou Mitch com calma.

– Sim, senhor.

– Quer ganhar mil dólares? Não é nada ilegal.

Mitch pegou rapidamente dez notas de 100 e jogou no balcão.

– Ah, claro. Acho.

– Não é nada ilegal, está bem? Juro. Eu não colocaria você em encrenca.

Destranque aquela porta e, quando dois homens chegarem correndo aqui em dez segundos, diga que eu saí por aquela porta e pulei num táxi.

O rapaz sorriu mais ainda e pegou o dinheiro.

– Claro. Sem problema.

– Onde é o provador?

– Ali, perto do armário.

– Destranque a porta – ordenou Mitch enquanto entrava no provador e se sentava. Esfregou os joelhos e os tornozelos.

O vendedor estava ajeitando as gravatas quando o nórdico e seu parceiro entraram correndo pela porta que ligava ao saguão do hotel.

– Bom dia! – disse ele, todo animado.

– Você viu um homem passar correndo aqui, estatura mediana, terno cinza escuro, gravata vermelha?

– Sim, senhor. Ele passou correndo, saiu por aquela porta e entrou num táxi.

– Um táxi! Droga!

A porta se abriu e se fechou e a loja ficou silenciosa. O rapaz foi até um mostruário de sapatos perto do armário.

– Eles foram embora, senhor.

Mitch estava esfregando os joelhos.

– Bom. Vá até a porta e vigie uns dois minutos. Avise se os vir.

Dois minutos depois ele estava de volta.

– Foram embora.

Mitch continuou sentado e sorriu para a porta.

– Ótimo. Quero um daqueles paletós esporte verde, tamanho 50, e um mocassim de camurça branca 42. Traga aqui, está bem? E continue vigiando, por favor.

– Sim, senhor.

O rapaz andou pela loja assobiando enquanto pegava o paletó e os sapatos, depois os enfiou por baixo da porta. Mitch tirou a gravata e se trocou rapidamente. Sentou-se.

– Quanto devo? – perguntou de dentro do provador.

– Bom, vejamos. Que tal quinhentos?

– Ótimo. Chame um táxi para mim e avise quando ele chegar aí fora.

TARRANCE CAMINHOU 5 quilômetros em volta da mesa. O telefonema foi rastreado até o Peabody, mas Laney chegou tarde demais. Agora ele estava de volta, sentado nervoso com Acklin. Quarenta minutos depois do primeiro telefonema a voz da secretária soou pelo interfone.

– Sr. Tarrance. É o McDeere.

Tarrance deu um pulo até o telefone.

– Onde você está?

– Na cidade. Mas não por muito tempo.

– Olha, Mitch, você não vai durar dois dias sozinho. Eles vão mandar capangas suficientes para começar outra guerra. Você precisa deixar que a gente te ajude.

– Não sei, Tarrance. Por algum estranho motivo não confio em vocês neste momento. Não imagino por quê. É só uma sensação ruim.

– Por favor, Mitch. Não cometa esse erro.

– Acho que você quer que eu acredite que vocês podem me proteger pelo resto da vida. É meio engraçado, não é, Tarrance? Eu fiz um acordo com o FBI e quase fui morto na minha própria sala. Isso é que é proteção.

Tarrance respirou fundo ao telefone. Houve uma pausa longa.

– E os documentos? Nós pagamos um milhão por eles.

– Você é uma piada, Tarrance. Vocês me pagaram um milhão pelos documentos limpos. Já recebeu todos, e eu recebi o milhão. Claro, isso era apenas parte do trato. A proteção também fazia parte.

– Entregue a droga dos documentos, Mitch. Você disse que eles estão escondidos em algum lugar perto de nós. Suma se você quiser, mas deixe os documentos.

– Não adianta, Tarrance. Neste momento eu posso desaparecer e os Moroltos podem ir atrás de mim ou não. Se vocês não receberem os documentos, não terão os indiciamentos. Se os Moroltos não forem indiciados, talvez, se eu tiver sorte, um dia eles simplesmente me esqueçam. Eu dei um susto de verdade neles, mas não causei dano permanente. Meu Deus, eles podem até me contratar de volta um dia desses.

– Você não acredita nisso de verdade. Eles vão te caçar até encontrar. Se não pegarmos os documentos, também vamos começar a caçar você. É simples, Mitch.

– Então vou apostar nos Moroltos. Se vocês me acharem primeiro, vai haver um vazamento. Só um vazamento pequeno.

– Você está fora de si, Mitch. Se acha que pode pegar seu milhão e cavalgar em direção ao pôr do sol, é um idiota. Vão botar capangas andando de camelo nos desertos procurando você. Não faça isso, Mitch.

– Adeus, Wayne. Ray mandou lembranças.

A linha silenciou. Tarrance agarrou o telefone e o jogou na parede.

Mitch olhou o relógio na parede do aeroporto. Deu outro telefonema. Tammy atendeu.

– Olá, querida. Odeio acordar você.

– Não se preocupe, o sofá me manteve acordada. O que houve?

– Grande encrenca. Pegue um lápis e ouça com atenção. Não tenho um segundo a perder. Estou fugindo e eles estão logo atrás.

– Manda ver.

– Primeiro ligue para Abby, na casa dos pais dela. Diga para largar tudo e sair da cidade. Ela não tem tempo para dar um beijo de despedida na mãe nem pegar roupas. Diga a ela para largar o telefone, entrar no carro e ir embora. E não olhar para trás. Ela deve pegar a Interestadual 64 para Huntington, Virgínia Ocidental, e ir ao aeroporto. Pegar um voo de Huntington para Mobile. Em Mobile deve alugar um carro e ir para o leste pela Interestadual 10 até Gulf Shores, depois para o leste pela Rodovia 182 até Perdido Beach. Deve se hospedar no Perdido Beach Hilton usando o nome de Rachel James. E esperar. Anotou?

– Anotei.

– Segundo. Preciso que você pegue um avião para Memphis. Eu liguei para o Doc, e os passaportes, etc., não estão prontos. Dei uma bronca nele, mas não adiantou. Ele prometeu trabalhar a noite toda e estar com tudo pronto de manhã. Não estarei aqui de manhã, mas você vai. Pegue os documentos.

– Sim, senhor.

– Terceiro. Pegue um avião e volte para o apartamento em Nashville. Fique perto do telefone. Não se afaste do telefone em nenhuma circunstância.

– Saquei.

– Quarto. Ligue para o Abanks.

– Certo. Quais são os seus planos de viagem?

– Vou para Nashville, mas não sei quando estarei lá. Preciso desligar. Escute, Tammy, diga a Abby que ela pode estar morta em menos de uma hora se não fugir. Diga para ela fugir, apenas fugir!

– Certo, chefe.

Mitch foi depressa até o Portão 22 e embarcou no voo das 10h04 da Delta para Cincinnati. Segurava uma revista cheia de passagens só de ida, todas compradas com cartão de crédito MasterCard. Uma para Tulsa no voo 233 da American, partindo às 10h14, comprada em nome de Mitch McDeere; uma para Chicago no voo 861 da Northwest, partindo às 10h15 e comprada em nome de Mitchell McDeere; uma para Dallas pelo voo 562 da United, partindo às 10h30 e comprada em nome de Mitchell McDeere; e por fim uma para Atlanta no voo 790 da Delta, partindo às 11h10 e comprada em nome de Mitchell McDeere.

A passagem para Cincinnati tinha sido comprada em dinheiro vivo, em nome de Sam Fortune.

LAZAROV ENTROU NA sala do poder no quarto andar e todas as cabeças se curvaram. DeVasher o encarou como uma criança amedrontada que tivesse acabado de levar uma surra. Os sócios examinaram os cadarços dos próprios sapatos e prenderam a bexiga.

– Não conseguimos encontrá-lo – disse DeVasher.

Lazarov não era de gritar e dar broncas. Orgulhava-se muito de ficar tranquilo sob pressão.

– Quer dizer que ele simplesmente se levantou e saiu daqui? – perguntou com calma.

Não houve resposta. Não era necessária.

– Certo, DeVasher, o plano é o seguinte. Mande todos os homens que você tiver para o aeroporto. Verifique cada companhia aérea. Onde está o carro dele?

– No estacionamento.

– Fantástico. Ele saiu a pé. Saiu da sua pequena fortaleza a pé. Joey vai adorar isso. Verifique cada empresa de aluguel de carros. Bom, quantos honrados sócios temos aqui?

– Dezesseis presentes.

– Divida-os em pares e mandem para os aeroportos de Miami, Nova Orleans,

Los Angeles, Houston, Atlanta, Chicago, São Francisco e Nova York. Percorram os saguões desses aeroportos. Vocês vão viver nesses aeroportos. Comer nesses aeroportos. Observar cada voo internacional nesses aeroportos. Vamos mandar reforços amanhã. Seus honrados advogados o conhecem bem, então vão procurá-lo. É uma possibilidade remota, mas o que temos a perder? Isso vai manter seus advogados ocupados. E odeio dizer, rapazes, mas essas horas não serão faturáveis. Bom, onde está a mulher dele?

– Em Danesboro, Kentucky. Na casa dos pais.

– Vão pegá-la. Não a machuquem, só tragam para cá.

– Vamos começar a picar papéis? – perguntou DeVasher.

– Vamos esperar 24 horas. Mande alguém para a Grand Cayman destruir aqueles registros. Agora depressa, DeVasher.

A sala do poder se esvaziou.

VOYLES PISAVA FIRME em volta da mesa de Tarrance e rosnava ordens. Uma dezena de auxiliares escrevia enquanto ele gritava.

– Vão até o aeroporto. Verifiquem cada companhia aérea. Notifiquem cada escritório de cada cidade importante. Contatem a imigração. Temos uma foto dele?

– Não conseguimos uma, senhor.

– Consigam, e depressa. Ela precisa estar em cada escritório do FBI e da imigração esta noite. Ele está fugindo. Filho da puta!

O ônibus saiu de Birmingham pouco antes das duas da tarde de quarta-feira. Ray estava sentado no fundo e examinava cada pessoa que entrava e ocupava um lugar. Vestia uma roupa confortável. Tinha pegado um táxi até um shopping em Birmingham e trinta minutos depois comprado uma calça Levi's desbotada, uma camisa polo xadrez, de mangas curtas, e um par de Reeboks vermelho e branco. Também tinha comido uma pizza e ido ao cabeleireiro pedir um corte sério, estilo fuzileiro. Usava óculos escuros de aviador e um boné marrom.

Uma senhora baixa, gorda, de pele morena, sentou-se ao seu lado.

Ele sorriu para ela.

– *¿De dónde es usted?* – perguntou.

O rosto dela se abriu num deleite incontido. Um sorriso largo revelou poucos dentes.

– *México* – respondeu com orgulho. – *¿Hablas español?* – perguntou ansiosa.

– *Sí.*

Durante duas horas conversaram em espanhol enquanto o ônibus seguia para Montgomery. Ela precisava repetir as frases de vez em quando, mas ele se surpreendeu. Estava sem prática e meio enferrujado havia oito anos.

Os agentes especiais Jenkins e Jones seguiam o ônibus num Dodge Aries. Jenkins dirigia enquanto Jones dormia. A viagem tinha ficado chata dez minutos depois de saírem de Knoxville. Tinham dito a eles que era apenas uma vigilância de rotina. Se vocês o perderem, não será nada de mais. Mas tentem não perdê-lo.



FALTAVAM DUAS HORAS para o voo de Huntington para Atlanta e Abby sentou-se num canto discreto de uma sala vip escura, vigiando. Apenas vigiando. Na cadeira ao lado estava uma bolsa de mão. Apesar das instruções urgentes, tinha conseguido pegar uma escova de dentes, maquiagem e algumas roupas. Também tinha escrito um bilhete para os pais, contando que precisara ir correndo para Memphis para ver Mitch, tudo estava bem, não se preocupem, beijos e abraços, amor, Abby. Ignorou o café e ficou olhando as chegadas e partidas.

Não sabia se ele estava morto ou vivo. Tammy dissera que ele estava com medo, mas muito controlado. Como sempre. Disse que ele ia de avião para Nashville e que ela, Tammy, ia para Memphis. Era confuso, mas Abby tinha certeza de que Mitch sabia o que estava fazendo. Vá a Perdido Beach e espere.

Abby nunca tinha ouvido falar em Perdido Beach. E tinha certeza de que nunca havia ido lá.

A sala vip dava nos nervos. A cada dez minutos um executivo bêbado se aproximava e dava em cima dela. Vai se catar, disse Abby várias vezes.

Depois de duas horas embarcou. Abby ficou na poltrona do corredor. Prendeu o cinto e relaxou. E depois a viu.

Era uma loura bonita com malares altos e maxilar firme, quase masculino, mas ao mesmo tempo forte e atraente. Abby já havia visto parte do rosto antes. Parte porque os olhos estavam cobertos, como da outra vez. A mulher olhou para Abby e virou a cabeça quando passou por ela e foi para sua poltrona em algum lugar nos fundos.

O Shipwreck Bar! A loura do Shipwreck Bar. A loura que estava de olho nela, em Mitch e em Abanks. Eles a haviam encontrado. E, se a haviam encontrado, onde estava seu marido? O que tinham feito com ele? Pensou na viagem de duas horas de carro de Danesboro até Huntington pelas estradas sinuosas nas montanhas. Tinha dirigido feito uma maníaca. Não podiam tê-la seguido.

O avião taxiou, saindo do terminal, e minutos depois decolou para Atlanta.

Pela segunda vez em três semanas Abby viu o crepúsculo de dentro de um 727 no aeroporto de Atlanta. Ela e a loura. O avião ficou no solo por trinta minutos e partiu para Mobile.

DE CINCINNATI MITCH voou para Nashville. Chegou às seis da tarde de quarta-feira, muito depois de os bancos fecharem. Encontrou uma locadora de caminhões de mudanças U-Haul no catálogo telefônico e pegou um táxi.

Alugou um dos modelos menores, com baú de 5 metros. Pagou em dinheiro, mas foi obrigado a usar a carteira de motorista e um cartão de crédito para o depósito. Se DeVasher conseguisse rastreá-lo até uma locadora de caminhões em Nashville, o que podia fazer? Comprou vinte caixas de papelão e foi para o apartamento.

Não comia desde terça-feira à noite, mas estava com sorte. Tammy tinha deixado um saco de pipoca de micro-ondas e duas cervejas. Comeu feito um porco. Às oito deu o primeiro telefonema para o Perdido Beach Hilton. Perguntou por Lee Stevens. Ele não tinha chegado, disse a mulher. Esticou-se no chão da sala e pensou em uma centena de coisas que poderiam acontecer com Abby. Ela podia estar morta em Kentucky e ele não saberia. Não podia telefonar.

O sofá-cama não tinha sido fechado e os lençóis baratos pendiam até o chão. Tammy não era boa em serviços domésticos. Mitch olhou a pequena cama temporária e pensou em Abby. Apenas cinco noites atrás eles tinham arrancado o couro um do outro ali. Esperava que ela estivesse no avião. Sozinha.

No quarto, sentou-se na caixa fechada da câmera Sony e observou maravilhado o cômodo cheio de documentos. Ao longo do tapete Tammy havia construído colunas de papel perfeitas, todas meticulosamente divididas segundo os bancos e as empresas das Cayman. Em cima de cada pilha havia um bloco de anotações amarelo com o nome da companhia, seguido por páginas de datas e anotações. E nomes!

Até mesmo Tarrance seria capaz de seguir a trilha de papéis. Um grande júri devoraria aquilo. O procurador-geral convocaria entrevistas coletivas. E os júris condenariam, condenariam e condenariam.

O AGENTE ESPECIAL Jenkins bocejou ao telefone e digitou os números do escritório de Memphis. Fazia 24 horas que não dormia. Jones estava roncando no carro.

– FBI – disse uma voz masculina.

– Quem fala? – perguntou Jenkins. Era só uma verificação de rotina.

– Acklin.

– Ei, Rick. Aqui é o Jenkins. Nós...

– Jenkins! Onde você andou? Espera aí!

Jenkins parou de bocejar e olhou o terminal de ônibus ao redor. Uma voz raivosa gritou no fone.

– Jenkins! Cadê você? – Era Wayne Tarrance.

– Na rodoviária de Mobile. Nós o perdemos.

– Vocês o quê? Como conseguiram isso?

De repente Jenkins ficou alerta, inclinando-se na direção do telefone.

– Espera um minuto, Wayne. Nossas instruções eram segui-lo durante oito horas para ver para onde ele ia. Você disse que era rotina.

– Não acredito que perdeu o cara.

– Wayne, nós não recebemos ordem de acompanhá-lo pelo resto da vida. Oito horas, Wayne. Nós o seguimos por vinte horas e ele desapareceu. Qual é o problema?

– Por que não ligou antes?

– Nós ligamos duas vezes. Em Birmingham e em Montgomery. A linha estava ocupada nas duas vezes. O que está acontecendo, Wayne?

– Espera um minuto.

Jenkins apertou o telefone com mais força e esperou. Outra voz:

– Alô, Jenkins?

– Sim.

– Aqui é o diretor Voyles. Que diabo aconteceu?

Jenkins prendeu o fôlego e olhou alucinado em volta.

– Senhor, nós o perdemos. Seguimos durante vinte horas e quando ele saiu do ônibus aqui em Mobile nós o perdemos na multidão.

– Fantástico, filho. Há quanto tempo?

– Vinte minutos.

– Certo, escute. Nós precisamos desesperadamente achá-lo. O irmão dele pegou nosso dinheiro e sumiu. Ligue para o pessoal aí de Mobile. Diga quem vocês são e que um assassino fugitivo está à solta na cidade. Eles provavelmente têm o nome e a foto de Ray McDeere grudados nas paredes. A mãe dele mora em Panama City Beach, portanto alerte todos os escritórios locais entre lá e Mobile. Estou mandando nossas tropas.

– Está bem. Sinto muito, senhor. Não pediram que a gente o seguisse para sempre.

– Vamos falar disso mais tarde.

ÀS DEZ HORAS Mitchell ligou para o Perdido Beach Hilton pela segunda vez. Perguntou por Rachel James. Não tinha chegado. Perguntou por Lee Stevens. Um momento, disse ela. Mitch sentou-se no chão e esperou, tenso. A linha para o quarto estava tocando. Depois de doze toques alguém atendeu.

– Alô. – Foi rápido.

– Lee? – perguntou Mitch.

Uma pausa.

– Sim.

– Aqui é o Mitch. Parabéns.

Ray caiu na cama e fechou os olhos.

– Foi fácil demais, Mitch. Como você conseguiu?

– Conto quando tivermos tempo. Nesse momento tem um bando de sujeitos tentando me matar. E matar Abby. Estamos fugindo.

– De quem, Mitch?

– Demoraria dez horas para contar só o primeiro capítulo. Faço isso mais tarde. Anote esse número: 615-889-4380.

– Não é em Memphis.

– Não, é em Nashville. Estou num apartamento que está servindo de controle da missão. Memorize esse número. Se eu não estiver aqui, o telefone vai ser atendido por uma mulher chamada Tammy.

– Tammy?

– É uma longa história. Faça o que eu digo. Em algum momento hoje à noite Abby vai se hospedar aí usando o nome Rachel James. Vai estar em um carro alugado.

– Ela vem para cá!

– Só escute, Ray. Os canibais estão caçando a gente, mas nós estamos um passo à frente deles.

– À frente de quem?

– Da Máfia. E do FBI.

- Só isso?
- Provavelmente. Agora escute. Tem uma pequena chance de Abby estar sendo seguida. Você precisa encontrá-la, vigiá-la e garantir que ninguém a esteja seguindo.
- E se estiverem?
- Ligue para mim e a gente fala sobre isso.
- Sem problema.
- Não use o telefone, a não ser para ligar para esse número. E não podemos falar muito.
- Eu tenho um bocado de perguntas, irmãozinho.
- E eu tenho as respostas, mas agora não. Cuide da minha mulher e me ligue quando ela chegar.
- Vou fazer isso. E, Mitch, obrigado.
- *Adiós.*

UMA HORA DEPOIS Abby saiu da Rodovia 182 para a sinuosa entrada de veículos do Hilton. Parou o Cutlass de quatro portas com placa do Alabama e passou nervosa pelo amplo pátio coberto até a porta da frente. Parou um segundo, olhou para trás e entrou.

Dois minutos depois, um táxi amarelo de Mobile parou sob a cobertura, atrás das vans destinadas aos hóspedes. Ray observou o táxi. Havia uma mulher no banco de trás, inclinada para a frente e falando com o motorista. Eles esperaram um minuto. Ela tirou dinheiro da bolsa e pagou. Saiu e esperou que o táxi fosse embora. A mulher era loura, e essa foi a primeira coisa que ele notou. Tinha o corpo muito bonito e usava calças justas de veludo cotelê. E óculos escuros, o que pareceu estranho porque era quase meia-noite. Ela andou de modo suspeito até a porta da frente, esperou um minuto e entrou. Ele a observou com atenção. Foi na direção do saguão.

A loura se aproximou do único funcionário atrás do balcão de recepção.

– Quarto simples, por favor – Ray a ouviu dizer.

O funcionário empurrou um formulário de registro por cima do balcão. A loura escreveu o nome e perguntou:

– Aquela mulher que chegou antes de mim, qual é o nome dela? Acho que é

uma velha amiga.

O funcionário folheou as fichas de registro.

– Rachel James.

– Sim, é ela. De onde ela veio?

– É um endereço em Memphis – respondeu o funcionário.

– Qual é o número do quarto dela? Eu gostaria de dizer olá.

– Não posso dar os números dos quartos.

A loura pegou depressa duas notas de 20 na bolsa e empurrou sobre o balcão.

– Só quero dizer olá.

O funcionário pegou o dinheiro.

– Quarto 622.

– Onde ficam os telefones?

– Ali, virando a esquina.

Ray virou a esquina e encontrou quatro telefones públicos. Pegou um do meio e começou a falar sozinho.

A loura pegou o telefone da ponta e virou as costas para ele. Falou baixinho. Ele só pôde ouvir algumas partes.

– ... chegou. Quarto 622... Mobile... alguma ajuda... não posso... uma hora?... sim... rápido...

Ela desligou e ele falou mais alto em seu telefone desligado.

Dez minutos depois houve uma batida à porta. A loura pulou da cama, pegou sua .45 e a enfiou na calça, embaixo da blusa. Ignorou a corrente de segurança e entreabriu a porta.

A porta se abriu com violência, jogando-a contra a parede. Ray pulou em cima dela, agarrou a arma e prendeu a mulher no chão. Com o rosto dela no carpete, apertou o cano da .45 no seu ouvido.

– Se fizer algum som eu mato você!

Ela parou de lutar e fechou os olhos. Não houve resposta.

– Quem é você? – perguntou Ray.

Empurrou o cano com mais força contra o ouvido dela. De novo não houve resposta.

– Não se mexa. Não faça nenhum som. Está bem? Eu adoraria estourar sua cabeça.

Ele relaxou, ainda sentado nas costas da mulher, e abriu a bolsa de viagem

dela. Jogou o conteúdo no chão e encontrou um par de meias limpas.

– Abra a boca – exigiu.

Ela não se mexeu. O cano voltou ao ouvido e ela abriu lentamente a boca. Ray enfiou as meias entre os dentes e depois vendou-a com a camisola de seda. Amarrou os pés e as mãos com uma meia-calça e depois rasgou os lençóis em tiras compridas. A mulher não se mexeu. Quando ele terminou de amarrá-la e amordaçá-la, ela parecia uma múmia. Ray enfiou-a embaixo da cama.

A bolsa continha 600 dólares e uma carteira de motorista de Illinois. Karen Adair, de Chicago. Data de nascimento: 4 de março de 1962. Ele pegou a carteira e a arma.

O TELEFONE TOCOU à uma da madrugada e pegou Mitch acordado. Estava enfiado até a cintura em registros bancários. Registros bancários fascinantes. Altamente incriminadores.

– Alô – atendeu cauteloso.

– É o controle da missão? – A voz vinha misturada com o som de uma jukebox barulhenta.

– Onde você está, Ray?

– Numa espelunca chamada Floribama. Na fronteira do estado.

– E Abby?

– No carro. Está bem.

Mitch respirou com mais facilidade e sorriu para o telefone. Prestou atenção.

– Tivemos que sair do hotel. Uma mulher chegou procurando Abby, uma mulher que vocês viram num bar nas Cayman. Abby está tentando explicar tudo. A mulher a seguiu o dia inteiro e apareceu no hotel. Eu cuidei dela e nós desaparecemos.

– Você cuidou dela?

– Sim, ela não quis falar, mas está fora de circulação por um tempo.

– Abby está bem?

– Está. Estamos mortos de cansaço. O que exatamente você tem em mente?

– Vocês estão a umas três horas de Panama City Beach. Sei que estão mortos de cansaço, mas precisam sair daí. Vão para Panama City Beach, abandonem o carro e peguem dois quartos no Holiday Inn. Me liguem quando chegarem.

- Espero que você saiba o que está fazendo.
- Confie em mim, Ray.
- Confio, mas estou começando a pensar que preferia voltar para a prisão.
- Você não pode voltar, Ray. Se não desaparecermos, nós morreremos.



O táxi parou num sinal vermelho no centro de Nashville e Mitch desceu com as pernas rígidas e doloridas. Foi mancando pelo cruzamento movimentado, desviando-se do tráfego matinal.

O edifício do Southeastern Bank era um cilindro de vidro de trinta andares, projetado como uma lata de bolas de tênis. O tom dos vidros era escuro, quase preto. Destacava-se no centro do quarteirão, no meio de um labirinto de calçadas, fontes e jardins bem-cuidados.

Mitch entrou pela porta giratória junto com um enxame de empregados correndo para o trabalho. No átrio todo de mármore, encontrou a lista de salas e subiu a escada rolante até o terceiro pavimento. Abriu uma pesada porta de vidro e entrou numa grande sala circular. Uma mulher deslumbrante, de cerca de 40 anos, olhou-o por trás da mesa de vidro. Não sorriu.

– Sr. Mason Laycoock, por favor – disse ele.

Ela apontou.

– Sente-se.

O Sr. Laycoock não perdeu tempo. Apareceu dobrando uma esquina e era tão amargo quanto a secretária.

– Em que posso ajudá-lo? – perguntou pelo nariz.

Mitch se levantou.

– Preciso transferir algum dinheiro.

– Sim. O senhor tem conta no Southeastern?

– Tenho.

– E o seu nome?

– É uma conta numerada.

Em outras palavras, o senhor não vai saber o nome, Sr. Laycock. Não precisa de um nome.

– Muito bem. Me siga.

A sala dele não tinha janelas, não tinha vista para lugar nenhum. Uma fileira de teclados e monitores ocupava a bancada atrás da sua mesa de vidro. Mitch sentou-se.

– O número da conta, por favor.

Veio de memória.

– 214-31-35.

Laycock digitou no teclado e olhou um monitor.

– É uma conta Código Três, aberta por certa T. Hemphill, a que só têm acesso ela e certo homem com os seguintes atributos físicos: aproximadamente 1,83 metro, entre 80 e 85 quilos, olhos azuis, cabelos castanhos, entre 25 e 26 anos. O senhor se encaixa na descrição, senhor. – Laycock olhou para a tela. – E os quatro últimos dígitos de seu seguro social são?

– 8585.

– Muito bem. O senhor tem acesso. Agora o que posso fazer pelo senhor?

– Quero transferir para cá um dinheiro que está em um banco na Grand Cayman.

Laycock franziu a testa e pegou um lápis no bolso.

– Que banco na Grand Cayman?

– Royal Bank of Montreal.

– Que tipo de conta?

– Uma conta numerada.

– Presumo que o senhor tenha o número, não é?

– 499DFH2122.

Laycock anotou o número e se levantou.

– Vai demorar só um momento. – E saiu da sala.

Dez minutos se passaram. Mitch ficou batendo com os pés machucados e observou os monitores do outro lado da mesa.

Laycock voltou com seu supervisor, o Sr. Nokes, vice-presidente de alguma

coisa. Nokes se apresentou de trás da mesa. Os dois homens pareciam nervosos. Olharam Mitch de cima para baixo.

Nokes falou. Levantou um documento impresso.

– Senhor, esta é uma conta restrita. O senhor deve ter determinadas informações antes de podermos iniciar a transferência.

Mitch assentiu, confiante.

– As datas e as quantias dos últimos três depósitos, senhor?

Eles o olharam com atenção, sabendo que ele falharia.

De novo veio de memória. Sem anotações.

– Três de fevereiro deste ano, 6,5 milhões. Quatorze de dezembro do ano passado, 9,2 milhões. E 8 de outubro do ano passado, 11 milhões.

Laycook e Nokes olharam boquiabertos para o pequeno impresso. Nokes conseguiu dar um minúsculo sorriso profissional.

– Muito bem. O senhor está autorizado a usar o número Pen.

Laycook ficou a postos com seu lápis.

– Senhor, qual é o seu número Pen?

Mitch sorriu e cruzou as pernas de novo.

– 72083.

– E os termos da transferência?

– Dez milhões de dólares transferidos imediatamente para este banco. Conta 214-31-35. Eu espero.

– Não é necessário esperar, senhor.

– Vou esperar. Quando a transferência estiver completa terei mais algumas para os senhores.

– Vai demorar um momento. Gostaria de um café?

– Não, obrigado. O senhor tem um jornal?

– Certamente – respondeu Laycook. – Na mesa ali.

Os dois saíram logo da sala e a pulsação de Mitch começou a desacelerar. Ele abriu o *Tennessean* de Nashville e examinou três seções antes de encontrar um breve parágrafo sobre a fuga em Brushy Mountain. Sem foto. Poucos detalhes. Eles estavam a salvo no Holiday Inn na Miracle Strip em Panama City Beach, Flórida.

Até agora a trilha estava limpa. Pensou. Esperou.

Laycook voltou sozinho. Agora se mostrava amistoso. Um verdadeiro

camarada.

– A transferência foi feita. O dinheiro está aqui. Agora o que podemos fazer pelo senhor?

– Quero transferi-lo. Pelo menos a maior parte.

– Quantas transferências?

– Três.

– Diga qual é a primeira.

– Um milhão de dólares para o Coast National Bank em Pensacola, para uma conta numerada, acessível apenas a uma pessoa, uma mulher branca, por volta de 50 anos. Vou dar o número Pen a ela.

– É uma conta existente?

– Não. Quero que o senhor a abra junto com a transferência.

– Muito bem. E a segunda transferência?

– Um milhão de dólares para o Dane County Bank em Danesboro, Kentucky, para qualquer conta que esteja em nome de Harold ou Maxine Sutherland, ou conjunta. É um banco pequeno, mas funciona como correspondente do United Kentucky em Louisville.

– Muito bem. E a terceira transferência?

– Sete milhões para o Deutschebank em Zurique. Conta número 772-03BL-600. O resto do dinheiro fica aqui.

– Isso vai levar cerca de uma hora – disse Laycook enquanto anotava.

– Ligo para o senhor dentro de uma hora, para confirmar.

– Tudo bem.

– Obrigado, Sr. Laycook.

Cada passo era doloroso, mas não prestava atenção na dor. Ele desceu a escada rolante numa corrida controlada e saiu do prédio.

NO ÚLTIMO ANDAR do Royal Bank of Montreal, agência Grand Cayman, uma secretária do setor de transferências eletrônicas enfiou um documento impresso embaixo do nariz muito pontudo e respeitável de Randolph Osgood. Ela havia circulado uma transferência incomum de 10 milhões. Era incomum porque o dinheiro dessa conta não costumava retornar para os Estados Unidos, e também porque foi para um banco com o qual eles jamais tratavam. Osgood estudou o

documento e ligou para Memphis. O Sr. Tolar estava de licença, informou a secretária. Então Nathan Locke?, perguntou ele. O Sr. Locke está fora da cidade. Victor Milligan? O Sr. Milligan também está fora.

Osgood colocou o documento na pilha de coisas para fazer no dia seguinte.

AO LONGO DA Costa Esmeralda da Flórida e do Alabama, desde os arredores de Mobile e indo para o leste através de Pensacola, Fort Walton Beach, Destin e Panama City, a noite quente de primavera tinha sido pacífica. Só um crime violento ao longo da costa. Uma mulher jovem foi roubada, espancada e estuprada em seu quarto no Perdido Beach Hilton. Seu namorado, um louro alto com fortes feições nórdicas, a encontrara amarrada e amordaçada no quarto. O nome dele era Rimmer, Aaron Rimmer, e era de Memphis.

O verdadeiro acontecimento da noite foi a enorme caçada humana em volta de Mobile atrás do assassino fugitivo Ray McDeere. Ele tinha sido visto chegando à rodoviária depois do anoitecer. Sua foto da polícia estava na primeira página do jornal matutino, e antes das dez horas três testemunhas haviam informado que o tinham visto. Seus movimentos foram acompanhados através da baía de Mobile até Foley, Alabama, depois para Gulf Shores.

Como o Hilton fica a apenas 15 quilômetros de Gulf Shores seguindo pela Rodovia 182, e como o único assassino fugitivo conhecido estava nas vizinhanças quando o único crime violento aconteceu, a conclusão foi rápida e inevitável. O funcionário noturno do hotel fez uma identificação provável de Ray McDeere, e os registros indicavam que ele havia chegado por volta das nove e meia da noite usando o nome de Lee Stevens. E pagou em dinheiro. Mais tarde a vítima chegou e foi atacada. A vítima também identificou o Sr. Ray McDeere.

O funcionário se lembrou de que a vítima havia perguntado sobre uma tal Rachel James, que chegou cinco minutos antes dela e pagou em dinheiro. Rachel James sumiu em algum momento da noite sem registrar a saída. O mesmo aconteceu com Ray McDeere, ou Lee Stevens. Um funcionário do estacionamento fez uma identificação provável de McDeere e disse que ele entrou com uma mulher num Cutlass branco, de quatro portas, entre meia-noite e uma hora. Disse que ela estava dirigindo e parecia ter pressa. Contou que foram para o leste pela 182.

LIGANDO DO SEU quarto no sexto andar do Hilton, Aaron Rimmer sugeriu anonimamente a um subxerife do condado de Baldwin que verificasse as locadoras de carro em Mobile. Verifique se uma tal de Abby McDeere alugou um carro lá. É o seu Cutlass branco, disse a ele.

De Mobile a Miami começou a busca pelo Cutlass alugado na Avis por Abby McDeere. O investigador do xerife prometeu manter o namorado da vítima, Aaron Rimmer, a par de todas as novidades.

O Sr. Rimmer esperaria no Hilton. Estava dividindo um quarto com Tony Verkler. Ao lado dele estava seu chefe, DeVasher. Quatorze dos seus amigos estavam esperando em quartos no sétimo andar.

FORAM NECESSÁRIAS DEZESSETE viagens do apartamento até o caminhão de mudanças alugado, mas ao meio-dia os Papéis Bendini estavam prontos para o transporte. Mitch descansou as pernas inchadas. Sentou-se no sofá e escreveu instruções para Tammy. Detalhou as transações no banco e disse para ela esperar uma semana antes de contatar a mãe dele. Logo ela seria milionária.

Pôs o telefone no colo e se preparou para uma tarefa desagradável. Ligou para o Dane County Bank e perguntou por Harold Sutherland. Disse que era uma emergência.

– Alô – falou seu sogro com raiva.

– Sr. Sutherland, aqui é o Mitch. O senhor...

– Onde está minha filha? Ela está bem?

– Sim. Está bem. Está comigo. Vamos sair do país por alguns dias. Talvez semanas. Talvez meses.

– Sei – respondeu ele devagar. – E para onde vocês podem estar indo?

– Não tenho certeza. Vamos rodar por um tempo.

– Alguma coisa errada, Mitch?

– Sim, senhor. Há uma coisa muito errada, mas não posso explicar agora. Talvez um dia desses. Leia os jornais com atenção. O senhor verá uma história importante se desenrolando em Memphis em menos de duas semanas.

– Vocês estão correndo perigo?

– Mais ou menos. O senhor recebeu uma transferência eletrônica incomum hoje de manhã?

– Na verdade recebemos. Alguém pôs um milhão de dólares aqui há cerca de uma hora.

– Esse alguém fui eu, e o dinheiro é seu.

Houve uma pausa longa.

– Mitch, acho que eu mereço uma explicação.

– Sim, senhor, merece. Mas não posso dar. Se sairmos do país em segurança o senhor será notificado em cerca de uma semana. Aproveite o dinheiro. Preciso desligar.

Mitch esperou um minuto e ligou para o quarto 1.028 do Holiday Inn, Panama City Beach.

– Alô. – Era Abby.

– Oi, meu amor. Como você está?

– Péssima, Mitch. A foto do Ray está na primeira página de todos os jornais daqui. Primeiro foi a fuga e o fato de que alguém o viu em Mobile. Agora os noticiários da TVs dizem que ele é o principal suspeito de um estupro ontem à noite.

– O quê? Onde?

– No Perdido Beach Hilton. Ray pegou aquela loura me seguindo no hotel. Atacou-a no quarto e a amarrou. Nada sério. Pegou a arma e o dinheiro dela, e agora ela está dizendo que foi espancada e estuprada por Ray McDeere. A polícia inteira da Flórida está procurando o carro que eu aluguei ontem à noite em Mobile.

– Onde está o carro?

– Nós o deixamos a pouco mais de 1 quilômetro daqui, num prédio grande que está sendo construído. Estou com muito medo, Mitch.

– Cadê o Ray?

– Deitado na praia tentando bronzear o rosto. A foto no jornal é antiga. Ele estava com cabelo comprido e muito pálido. Não é uma foto boa. Agora ele está com cabelo bem curto e tentando ficar vermelho. Acho que isso vai ajudar.

– Os dois quartos estão no seu nome?

– Rachel James.

– Escute, Abby. Esqueça Rachel, Lee, Ray e Abby. Esperem até escurecer e saiam desses quartos. Só vão embora. A menos de 1 quilômetro para o leste há um motel pequeno chamado Blue Tide. Você e Ray deem um passeio pela praia

até achar o lugar. Vão à recepção e peçam dois quartos lado a lado. Paguem em dinheiro. Diga que seu nome é Jackie Nagel. Sacou? Jackie Nagel. Use esse nome, porque quando eu chegar aí vou perguntar por ele.

– E se eles não tiverem dois quartos lado a lado?

– Certo, se algo der errado, logo adiante tem outra espelunca chamada Seaside. Se hospedem lá. Com o mesmo nome. Estou saindo daqui agora mesmo, digamos à uma hora, e devo chegar aí em dez horas.

– E se eles acharem o carro?

– Vão achar, e vão vigiar Panama City Beach com uma lupa. Vocês precisam ter cuidado. Depois de escurecer tente entrar numa farmácia e compre tintura de cabelos. Corte o seu bem curto e tinja de louro.

– Louro!

– Ou ruivo. Não ligo a mínima. Mas mude. Diga para o Ray não sair do quarto. Não corram nenhum risco.

– Ele está com uma arma, Mitch.

– Diga que eu mandei não usar. Vão chegar mil policiais aí, provavelmente esta noite. Ele não pode vencer num tiroteio.

– Eu te amo, Mitch. Estou morrendo de medo.

– Tudo bem sentir medo, querida. Só continue pensando. Eles não sabem onde vocês estão e não poderão pegar vocês se vocês ficarem em movimento. Estarei aí à meia-noite.

LAMAR QUIN, WALLY Hudson e Kendall Mahan estavam sentados na sala de reuniões do terceiro andar e pensavam no próximo passo. Como associados mais antigos, sabiam sobre o quinto andar e o porão, sobre o Sr. Lazarov e o Sr. Morolto, sobre Hodge e Kozinski. Sabiam que, quando alguém entrava para a firma, não saía mais.

Contaram histórias sobre o Dia e o compararam com o dia em que ficaram sabendo da triste verdade sobre Papai Noel. Um dia triste e apavorante, quando Nathan Locke os chamou à sua sala e contou sobre o maior cliente da firma. E depois os apresentou a DeVasher. Eles eram empregados da família Morolto e deveriam trabalhar duro, gastar os belos salários e ficar muito quietos em relação a tudo. Todos os três obedeceram. Pensaram algumas vezes em ir



embora, mas jamais se tornaram planos sérios. Eram homens de família. Com o tempo, aquilo meio que desapareceu. Havia muitos clientes limpos para os quais deviam trabalhar. Muito trabalho legítimo.

Os sócios cuidavam da maior parte do trabalho sujo, mas, quanto mais cresciam na firma, maior o envolvimento na conspiração. Os sócios garantiam que jamais seriam apanhados. Eram inteligentes demais. Tinham dinheiro demais. Era um disfarce perfeito. Na mesa de reuniões, discutiram como era especialmente preocupante o fato de os sócios terem saído da cidade. Não havia um único sócio em Memphis. Até Avery Tolar havia desaparecido. Tinha saído do hospital.

Falaram sobre Mitch. Ele estava em algum lugar, com medo e correndo para salvar a vida. Se DeVasher o pegasse ele estava morto e seria enterrado como Hodge e Kozinski. Mas se os federais o pegassem teriam os registros, e teriam a firma, o que, claro, incluía os três.

E se ninguém o pegasse?, especularam. E se ele conseguisse escapar e simplesmente desaparecesse? Junto com os documentos, claro. E se ele e Abby estivessem agora em alguma praia, tomando rum e contando o dinheiro? Gostaram dessa ideia e falaram sobre ela por um tempo.

Por fim decidiram esperar até o dia seguinte. Se Mitch levasse um tiro onde quer que estivesse, eles ficariam em Memphis. Se ele não fosse encontrado, ficariam em Memphis. Se os federais o pegassem, eles cairiam na estrada.

Corra, Mitch, corra!

OS QUARTOS NO motel Blue Tide eram estreitos e cafonas. O carpete tinha vinte anos e estava muito gasto. As colchas tinham buracos de cigarro. Mas luxo não era importante.

Depois do anoitecer da quinta-feira, Ray parou atrás de Abby com uma tesoura e cortou com cuidado os cabelos em volta das orelhas. Duas toalhas embaixo da cadeira ficaram cobertas com o cabelo escuro. Ela o observava atentamente pelo espelho perto da antiga TV a cores e deu poucas instruções. Era um corte de menino, bem acima das orelhas, com franja. Ray deu um passo atrás e admirou o trabalho.

– Nada mau – opinou.

Ela sorriu e espanou cabelo dos braços.

– Acho que agora preciso tingir – disse com tristeza.

Foi até o banheiro minúsculo e fechou a porta.

Uma hora depois, saiu loura. Um louro amarelado. Ray estava dormindo em cima da colcha. Ela se ajoelhou no carpete sujo e catou os cabelos.

Pegou-os no chão e encheu um saco de lixo. Jogou o frasco de tintura vazio e o aplicador junto com o cabelo e amarrou o saco. Houve uma batida à porta.

Abby congelou e prestou atenção. As cortinas estavam bem fechadas. Deu um tapa nos pés de Ray. Outra batida. Ray pulou da cama e pegou a arma.

– Quem é? – murmurou Abby de maneira audível para a janela.

– Sam Fortune – sussurrou ele de volta.

Ray destrancou a porta e Mitch entrou. Ele agarrou Abby e deu um abraço forte em Ray. A porta foi trancada, as luzes apagadas, e os três se sentaram na cama, no escuro. Mitch abraçou Abby com força. Com tanta coisa a dizer, não falaram nada.

Um raio de luz vindo de fora, fraco, minúsculo, filtrou-se por baixo das cortinas e, à medida que os minutos passavam, iluminou gradualmente a penteadeira e o televisor. Ninguém falou. Não havia sons no Blue Tide. O estacionamento estava praticamente vazio.

– Quase posso explicar por que estou aqui – falou Ray enfim –, mas não tenho certeza de por que vocês estão aqui.

– Precisamos esquecer por que estamos aqui e nos concentrar em sair – declarou Mitch. – Todos juntos e em segurança.

– Abby me contou tudo – disse Ray.

– Eu não sei de tudo – explicou ela. – Não sei quem está perseguindo a gente.

– Presumo que todos estejam por aí – afirmou Mitch. – DeVasher e seu bando estão por perto. Em Pensacola, imagino. É o aeroporto mais próximo. Tarrance está em algum lugar no litoral orientando seus rapazes na busca a Ray McDeere, o estuprador. E à cúmplice dele, Abby McDeere.

– O que vai acontecer agora? – perguntou Abby.

– Eles vão achar o carro, se já não acharam. Isso vai indicar Panama City Beach. O jornal disse que a busca ia de Mobile a Miami, então agora eles estão espalhados. Quando encontrarem o carro, virão direto para cá. Bom, tem mil hotéis baratos como este ao longo da Strip. Por 20 quilômetros não há nada

além de motéis, condomínios e lojas de camisetas. É muita gente, muitos turistas com bermuda e sandálias, e amanhã vamos ser turistas também, bermudas, sandálias, a coisa toda. Acho que, mesmo se eles tiverem cem homens atrás de nós, temos dois ou três dias.

– Assim que eles concluírem que estamos aqui, o que acontece? – quis saber ela.

– Você e Ray podem ter simplesmente abandonado o carro e pegado outro. Não tem como terem certeza de que estamos na Strip, mas vão começar a procurar aqui. Só que eles não são a Gestapo. Não podem derrubar uma porta e fazer uma busca sem ter motivo oficial.

– DeVasher pode – disse Ray.

– Pode, mas tem um milhão de portas por aqui. Eles vão bloquear as estradas e entrar em cada loja e restaurante. Vão falar com cada recepcionista de hotel, mostrar a foto do Ray. Vão parecer um enxame de formigas durante alguns dias, mas, se tivermos sorte, não vão nos encontrar.

– Que carro você está dirigindo, Mitch? – perguntou Ray.

– Um caminhão de mudanças.

– Não entendo por que a gente não entra no caminhão agora e se muda logo. Quero dizer, o carro está a 1,5 quilômetro daqui, esperando para ser achado, e nós sabemos que eles estão vindo. Acho que a gente deveria ir embora.

– Escute, Ray. Eles podem estar bloqueando as estradas agora mesmo. Confie em mim. Eu não tirei você da prisão? Qual é.

Uma sirene passou berrando pela Strip. Os três congelaram e a ouviram se afastar.

– Certo, pessoal – disse Mitch. – Vamos sair. Não gosto deste lugar. O estacionamento está vazio e fica muito perto da estrada. Eu deixei o caminhão aqui perto, no elegante Sea Gull's Rest Motel. Tenho dois quartos ótimos lá. As baratas são muito menores. Vamos dar um passeio calmo pela praia. Depois precisamos tirar as coisas do caminhão. Parece empolgante?

Antes do amanhecer da sexta-feira, Joe Morolto e sua tropa de choque pousaram no aeroporto de Pensacola num DC-9 alugado. Lazarov esperava com duas limusines e oito furgões alugados. Pôs Joey a par das últimas 24 horas enquanto o comboio saía de Pensacola e viajava para o leste pela Rodovia 98. Depois de uma hora de informações, chegaram a um prédio de doze andares chamado Sandpiper, no meio da Strip, em Destin. A uma hora de Panama City Beach. A cobertura tinha sido alugada por Lazarov por apenas 4 mil dólares por semana. Baixa temporada. O restante do 12º andar e todo o 11º tinham sido alugados para os capangas.

O Sr. Morolto rosnou ordens como um sargento instrutor agitado. Um posto de comando foi estabelecido na grande sala da cobertura, dando para a água calma cor de esmeralda. Nada servia para ele. Queria um café da manhã, e Lazarov mandou dois furgões a um supermercado Delchamps ali perto. Ele queria McDeere, e Lazarov pediu que ele fosse paciente.

Ao amanhecer as tropas haviam se acomodado nos apartamentos. Esperaram.

A 5 quilômetros dali, na praia, e no campo de visão do Sandpiper, F. Denton Voyles e Wayne Tarrance estavam sentados na sacada de um quarto do oitavo andar do Sandestin Hilton. Tomaram café, olharam o sol subir suavemente no horizonte e debateram as estratégias. A noite não tinha sido boa. O carro não tinha sido encontrado. Nenhum sinal de Mitch. Com sessenta agentes do FBI e centenas de policiais locais revirando a costa, eles deveriam ter pelo menos achado o carro. A cada hora que passava, os McDeeres ficavam mais longe.

Numa pasta de papel em uma mesinha de centro no quarto estavam os mandados. O de Ray McDeere: fuga, roubo e estupro. O pecado de Abby era apenas cumplicidade. As acusações contra Mitch exigiam mais criatividade. Obstrução da justiça e uma nebulosa acusação de extorsão. E, claro, a velha acusação, sempre mantida de reserva: fraude postal. Tarrance não sabia ao certo onde a fraude postal se encaixava, mas ele trabalhava para o FBI e nunca tinha visto um caso que não incluísse fraude postal.

Os mandados foram emitidos, estavam prontos e tinham sido amplamente discutidos com dezenas de repórteres de jornais e estações de televisão de todo o Sudeste. Treinado para manter um rosto impassível e odiar a imprensa, Tarrance estava passando um tempo delicioso com os repórteres.

A publicidade era necessária, fundamental. As autoridades precisavam achar os McDeeres antes da Máfia.

Rick Acklin atravessou o quarto e foi até a varanda.

– Acharam o carro!

Tarrance e Voyles se levantaram de um salto.

– Onde?

– Panama City Beach. No estacionamento de um prédio.

– Chame seus homens, todos eles! – gritou Voyles. – Parem de fazer buscas em todos os lugares. Quero cada agente em Panama City Beach. Vamos revirar o lugar pelo avesso. Pegue todos os policiais locais que puder. Diga para bloquearem cada rodovia e estrada de terra que entre e ou saia de lá. Procurem digitais no carro. Como é a cidade?

– Parecida com Destin. Uma rua que acompanha a praia por 20 quilômetros, com hotéis, motéis, prédios e coisa e tal – respondeu Acklin.

– Mande nossos homens irem de porta em porta nos motéis. O retrato falado dela está pronto?

– Deve estar – respondeu Acklin.

– Quero que todo agente e todo policial tenham o retrato falado dela, o do Mitch, o de Ray e a foto de Ray. Quero pessoas andando de um lado para outro na Strip mostrando esses retratos.

– Sim, senhor.

– A que distância fica Panama City Beach?

– Uns cinquenta minutos a leste.

– Pegue o meu carro.

O TELEFONE ACORDOU Aaron Rimmer em seu quarto no Perdido Beach Hilton. Era o investigador que trabalhava com o xerife do condado de Baldwin. Disse que tinham encontrado o carro em Panama City Beach. Havia apenas alguns minutos. A cerca de 1,5 quilômetro do Holiday Inn. Na Rodovia 98. Sinto muito de novo pelo que aconteceu com a moça, disse ele. Espero que ela esteja melhor.

O Sr. Rimmer agradeceu e ligou de imediato para Lazarov no Sandpiper. Dez minutos depois ele e seu colega de quarto, Tony, além de DeVasher e quatorze outros, estavam indo a toda a velocidade para o leste. Panama City Beach ficava a três horas dali.

Em Destin, Lazarov mobilizou a tropa de choque. Saíram depressa, amontoaram-se nos furgões e foram para o leste. A *Blitzkrieg* havia começado.

FORAM NECESSÁRIOS APENAS alguns minutos para o caminhão se tornar um item importante. O subgerente da locadora em Nashville era um cara chamado Billy Weaver. Ele abriu o escritório na manhã de sexta-feira, fez o café e examinou o jornal. Na metade de baixo da primeira página leu com interesse a história de Ray McDeere e da busca ao longo do litoral. E depois Abby foi mencionada. Em seguida o irmão do fugitivo, Mitch McDeere. O nome não lhe era estranho.

Billy abriu uma gaveta e folheou os registros de aluguéis incomuns. De fato, um homem chamado McDeere tinha alugado um caminhão-baú de 5 metros na noite de quarta-feira. M. Y. McDeere, dizia a assinatura, mas a carteira de motorista dizia Mitchell Y., de Memphis.

Sendo patriota e contribuinte honesto, Billy ligou para seu primo da polícia civil. O primo ligou para o escritório do FBI em Nashville e quinze minutos depois o caminhão era um item quente.

Tarrance atendeu à chamada pelo rádio enquanto Acklin dirigia. Voyles estava no banco de trás. Um caminhão de mudanças? Por que ele precisaria de um caminhão de mudanças? Tinha saído de Memphis sem levar carro, roupas, sapatos ou escova de dentes. Deixou o cachorro sem comida. Não levou nada, então por que o caminhão?

Os registros da Bendini, claro. Ou ele saiu de Nashville com os registros no caminhão ou estava indo pegá-los com o caminhão. Mas por que Nashville?

MITCH ACORDOU JUNTO com o sol. Deu uma olhada longa e cheia de luxúria para a esposa de cabelos louros e bonitos, mas tirou o sexo da cabeça. Isso poderia esperar. Deixou-a dormir. Andou em volta das pilhas de caixas no quarto pequeno e foi para o banheiro. Tomou banho depressa e vestiu um terno cinza que tinha comprado num Walmart em Montgomery. Andou pela praia por meio quilômetro até achar uma loja de conveniência. Comprou um engradado de latas de Coca-Cola, salgadinhos e batatas chips, óculos escuros, bonés e três jornais.

Ray estava esperando perto do caminhão quando ele voltou. Espalharam os jornais na cama de Ray. Era pior do que eles esperavam. Mobile, Pensacola e Montgomery traziam matérias de primeira página com retratos falados de Ray e Mitch, junto com a foto da polícia. O retrato falado de Abby não tinha sido liberado, segundo o jornal de Pensacola.

Como retratos falados, eram parecidos aqui e ali, mas muito diferentes de modo geral. Era difícil ser objetivo. Que inferno. Mitch estava olhando o próprio retrato e tentando dar uma opinião sem preconceitos sobre quanto era parecido. As matérias eram cheias de todo tipo de declarações malucas de um tal de Wayne Tarrance, agente especial do FBI. Tarrance dizia que Mitchell McDeere tinha sido visto na área de Gulf Shores e Pensacola, que ele e Ray deviam estar muito armados e que eram extremamente perigosos, que tinham prometido não ser apanhados vivos, que o dinheiro da recompensa estava sendo reunido, que, se alguém visse um homem que se parecesse um pouco que fosse com algum dos irmãos McDeeres, por favor ligasse para a polícia.

Comeram os salgadinhos e concordaram que os retratos falados não eram parecidos. A foto da polícia chegava a ser cômica. Os dois foram para o quarto e acordaram Abby. Começaram a desempacotar os Papéis Bendini e a montar a câmera de vídeo.

Às nove Mitch ligou a cobrar para Tammy. Ela estava com as novas carteiras de identidade e os passaportes. Orientou que ela os mandasse, pela Federal Express, para Sam Fortune, portaria do Sea Gull's Rest Motel, Rodovia 98,

número 16.694, West Panama City Beach, Flórida. Ela leu para Mitch a matéria de primeira página sobre ele e seu pequeno bando. Sem retratos falados.

Mitch pediu que ela enviasse os passaportes e saísse de Nashville. Devia dirigir duas horas até Knoxville, hospedar-se num motel grande e ligar para ele no quarto 39 do Sea Gull's Rest. Deu o número.

DOIS AGENTES DO FBI bateram à porta do velho trailer na San Luis, 486. O Sr. Ainsworth veio de cueca à porta. Os dois mostraram os distintivos.

– O que vocês querem comigo? – rosnou ele.

Um agente lhe entregou o jornal da manhã.

– O senhor conhece esses dois homens?

Ele examinou o jornal.

– Acho que são os garotos da minha mulher. Nunca vi nenhum deles.

– E o nome da sua mulher é?

– Eva Ainsworth.

– Onde ela está?

O Sr. Ainsworth estava examinando o jornal.

– No trabalho. No Waffle Hut. O senhor está achando que eles estão por aqui, não é?

– Sim, senhor. Não os viu?

– Cara, não. Mas vou pegar minha arma.

– Sua mulher os viu?

– Não que eu saiba.

– Obrigado, Sr. Ainsworth. Temos ordem de vigiar aqui a rua, mas não vamos incomodar o senhor.

– Bom. Esses garotos são malucos. Eu sempre disse isso.

A 1,5 quilômetro dali, outro par de agentes estacionou discretamente perto de um Waffle Hut e começou a vigiar.

AO MEIO-DIA TODAS as rodovias e as estradas dos condados litorâneos em volta de Panama City Beach estavam bloqueadas. Ao longo da Strip, policiais interrompiam o trânsito a cada 6 quilômetros. Iam de uma loja de camisetas à



outra, mostrando os retratos falados. Pregaram os retratos em quadros de aviso na Shoney's, no Pizza Hut, no Taco Bell e em mais uma dezena de lanchonetes. Disseram aos caixas e às garçonetes para ficarem de olhos abertos. Os McDeeres eram pessoas muito perigosas.

Lazarov e seus homens acamparam no Best Western, 3 quilômetros a oeste do Sea Gull's Rest. Ele alugou uma grande sala de reuniões e estabeleceu o posto de comando. Quatro de seus soldados foram despachados para atacar uma loja de camisetas e voltaram com todo tipo de roupas para turistas, chapéus de palha e bonés. Alugou dois Escorts e os equipou com rastreadores de rádios da polícia. Eles patrulharam a Strip ouvindo os guinchos intermináveis. Captaram logo a busca ao caminhão e se juntaram a ela. DeVasher espalhou estrategicamente os furgões alugados ao longo da Strip. Paravam de modo inocente em grandes estacionamentos e esperavam com seus rádios.

Por volta das duas da tarde, Lazarov recebeu um telefonema emergencial de um empregado do quinto andar do Edifício Bendini. Duas coisas. Primeiro, um empregado xeretando nas Cayman tinha encontrado um velho que, depois de ser pago, lembrou-se de ter feito onze chaves por volta da meia-noite de 1º de abril. Onze chaves em dois chaveiros. Disse que a mulher, uma americana muito bonita, morena com belas pernas, tinha pagado em dinheiro e estava com pressa. Disse que o serviço tinha sido fácil, a não ser pela chave do Mercedes. Não tinha certeza se essa tinha funcionado. Segunda notícia: um banqueiro da Grand Cayman ligou. Na terça-feira às 9h33, 10 milhões de dólares tinham sido transferidos eletronicamente do Royal Bank of Montreal para o Southeastern Bank em Nashville.

ENTRE QUATRO HORAS e quatro e meia os rastreadores de rádios da polícia enlouqueceram. Os guinchos não paravam. Um funcionário do Holiday Inn fez uma identificação provável de Abby como a mulher que pagou em dinheiro vivo por dois quartos às 4h17 da madrugada de quinta-feira. Pagou por três noites, mas não era vista desde que os quartos foram limpos por volta da uma da tarde de quinta-feira. Era claro que nenhum dos dois quartos tinha sido usado na noite de quinta-feira. Ela não tinha fechado a conta e os quartos estavam pagos até o meio-dia de sábado. O funcionário não viu nenhum sinal de algum cúmplice do

sexo masculino. O Holiday Inn foi inundado por policiais, agentes do FBI e capangas de Morolto durante uma hora. O próprio Tarrance interrogou o funcionário.

Eles estavam ali! Em algum lugar em Panama City Beach. Ray e Abby foram reconhecidos. Suspeitavam que Mitch estivesse com eles, mas não tinha sido reconhecido. Até 16h58 de sexta-feira.

E veio a bomba. Um policial do condado parou num motel barato e notou o capô cinza e branco de um caminhão. Enfiou-se entre dois prédios e sorriu para o pequeno veículo de mudanças da U-Haul escondido entre uma fileira de quartos de dois andares e uma grande lixeira. Anotou todos os números no caminhão e se comunicou com a central.

Era ele! Em cinco minutos o motel foi cercado. O dono saiu intempestivamente da recepção e exigiu que explicassem. Estudou os retratos falados e fez que sim com a cabeça. Cinco distintivos do FBI foram sacudidos na sua cara e ele resolveu cooperar.

Acompanhado por uma dúzia de agentes, pegou as chaves e foi de porta em porta. Quarenta e oito portas.

Apenas sete quartos estavam ocupados. Enquanto destrancava as portas, o dono explicou que era baixa temporada no Beachcomber Inn. Todos os motéis menores passam dificuldade até final de maio, explicou.

Até o Sea Gull's Rest, 6 quilômetros a oeste, estava passando dificuldade.

ANDY PATRICK RECEBEU sua primeira condenação aos 19 anos e cumpriu quatro meses de pena por cheques falsos. Fichado como bandido, descobriu que o trabalho honesto era impossível e nos vinte anos seguintes trabalhou sem sucesso como delinquente insignificante. Percorria o país roubando lojas, passando cheques sem fundo e invadindo casas aqui e ali. Era um homem pequeno, frágil, pacífico, que tinha levado uma surra feroz de um policial gordo e arrogante no Texas quando estava com 27 anos. Perdera um olho e todo o respeito pela lei.

Seis meses antes, chegara a Panama City Beach e arranjava um emprego honesto ganhando 4 pratas por hora trabalhando no turno da noite na recepção do Sea Gull's Rest Motel. Por volta das nove da noite de sexta-feira, estava

assistindo à TV quando um policial gordo e arrogante entrou bamboleando pela porta.

– Tem uma caçada humana acontecendo – anunciou ele, e pôs no balcão sujo cópias dos retratos falados e da foto tirada pela polícia. – Estou procurando esse pessoal. Achamos que eles estão por aqui.

Andy examinou os retratos falados. O de Mitchell Y. McDeere parecia bem familiar. As engrenagens em seu cérebro de delinquente insignificante começaram a girar.

Com o olho bom espiou o policial gordo e arrogante.

– Não vi – respondeu. – Mas vou ficar de olho.

– Eles são perigosos – disse o policial.

Você é que é perigoso, pensou Andy.

– Grude isso na parede ali – ordenou o policial.

Você é dono deste motel de merda?, pensou Andy.

– Desculpe, mas não tenho autorização para colar nada nas paredes.

O policial estacou, inclinou a cabeça de lado e olhou com irritação para Andy através dos grossos óculos escuros.

– Escuta, nanico, eu autorizei.

– Sinto muito, senhor, mas não posso colar nada nas paredes se o meu chefe não mandar.

– E cadê o seu chefe?

– Não sei. Provavelmente em algum bar por aí.

O policial pegou com cuidado os retratos falados, foi para trás do balcão e os prendeu com tachas no quadro de avisos. Quando terminou, encarou Andy e disse:

– Vou voltar daqui a umas duas horas. Se tirar isso daí, prendo você por obstrução da justiça.

Andy não se abalou.

– Essa não vai colar. Eles me pegaram por causa disso uma vez no Kansas, então eu sei como é.

As bochechas gordas do policial ficaram vermelhas e ele trincou os dentes.

– Você é bem espertinho, não é?

– Sim, senhor.

– Se tirar isso daí eu prometo que você vai para a cadeia por algum motivo.

– Eu já estive lá, e não é grande coisa.

Luzes vermelhas e sirenes passaram a toda na Strip, a poucos metros dali, e o policial se virou para olhar a agitação. Murmurou alguma coisa e saiu bamboleando pela porta. Andy jogou os retratos no lixo. Viu as radiopatrulhas se desviarem umas das outras na Strip por alguns minutos, depois atravessou o estacionamento até o prédio de trás. Bateu à porta do quarto 39.

Esperou e bateu de novo.

– Quem é? – perguntou uma mulher.

– O gerente – respondeu Andy, orgulhoso do título.

A porta se abriu e o homem parecido com o retrato falado de Mitchell Y. McDeere saiu.

– Sim, senhor – disse o homem. – O que foi?

Andy percebeu que ele estava nervoso.

– Uns policiais acabaram de passar aqui, saca o que eu quero dizer?

– O que eles queriam? – perguntou o sujeito, fazendo-se de desentendido.

O seu rabo, pensou Andy.

– Só estavam fazendo perguntas e mostrando fotos. Eu olhei as fotos, saca?

– Ahã.

– Fotos bem boas – explicou Andy.

O Sr. McDeere olhou atentamente para Andy.

– O policial disse que um deles fugiu da prisão – continuou Andy. – Saca o que eu quero dizer? Eu já estive na prisão e acho que todo mundo deveria escapar. Saca?

O Sr. McDeere sorriu, um sorriso bastante nervoso.

– Qual é o seu nome? – perguntou.

– Andy.

– Tenho uma proposta para você, Andy. Vou te dar mil pratas agora. E amanhã, se você continuar sem reconhecer ninguém, vou te dar mais mil. E a mesma coisa depois de amanhã.

Uma proposta maravilhosa, pensou Andy, mas, se ele podia dar mil pratas por dia, certamente poderia dar 5 mil por dia. Era a oportunidade da sua carreira.

– Não – falou Andy com firmeza. – Cinco mil por dia.

O Sr. McDeere nem hesitou.

– Feito. Me deixe pegar o dinheiro.

Ele entrou no quarto e voltou com um maço de notas.

– Cinco mil por dia, Andy, combinado?

Andy pegou o dinheiro e olhou em volta. Mais tarde contaria as notas.

– Acho que o senhor quer que eu mantenha as arrumadeiras longe, não é? – perguntou Andy.

– Grande ideia. Seria ótimo.

– Mais 5 mil – disse Andy.

O Sr. McDeere hesitou um instante.

– Certo. Tenho outra proposta. Amanhã de manhã vai chegar um pacote da FedEx para Sam Fortune. Se você me trazer o pacote e mantiver as arrumadeiras longe eu te dou mais 5 mil.

– Não vai dar. Eu trabalho no turno da noite.

– Certo, Andy. E se você trabalhasse o fim de semana inteiro, 24 horas por dia, mantivesse as arrumadeiras longe e entregasse o meu pacote? Dá para fazer?

– Claro. Meu chefe é um beerrão. Ele adoraria que eu trabalhasse o fim de semana inteiro.

– Quanto dinheiro, Andy?

Vai fundo, pensou Andy.

– Mais 20 mil.

O Sr. McDeere deu um sorriso.

– Feito.

Andy riu e enfiou o dinheiro no bolso. Afastou-se sem dizer uma palavra e Mitch voltou para o quarto 39.

– Quem era? – perguntou Ray imediatamente.

Mitch sorriu, olhando entre a persiana e a janela.

– Eu sabia que a gente precisaria de um golpe de sorte. E acho que acabamos de ter.

O Sr. Morolto usava um terno preto e gravata vermelha. Estava sentado à cabeceira da mesa de reuniões coberta de plástico no Salão Dunas do Best Western na Strip. As vinte cadeiras em volta da mesa eram ocupadas por seus melhores e mais inteligentes homens. Ao redor estavam de pé outros membros de confiança de suas tropas. Apesar de serem matadores musculosos que executavam seus serviços com eficiência e sem remorso, pareciam palhaços com as roupas coloridas, bermudas ousadas e um conjunto espantoso de chapéus de palha. Ele teria rido daquela idiotice, mas a urgência impedia qualquer sorriso. Estava escutando.

À sua direita estava Lou Lazarov e à esquerda DeVasher, e cada ouvido na sala prestava atenção enquanto os dois disputavam um cabo de guerra por cima da mesa.

– Eles estão aqui. Sei que estão – disse DeVasher de forma dramática, batendo com as duas mãos na mesa a cada sílaba. O sujeito tinha ritmo.

Foi a vez de Lazarov.

– Concordo. Eles estão aqui. Dois chegaram num carro, um veio num caminhão. Nós encontramos os dois veículos abandonados, cobertos de digitais. Sim, eles estão aqui.

DeVasher:

– Mas por que Panama City Beach? Não faz sentido.

Lazarov:

– Para começo de conversa, ele já esteve aqui. Veio no Natal, lembra? Ele

conhece o lugar, por isso acha que, com todos esses motéis baratos na praia, é um lugar ótimo para se esconder durante um tempo. Na verdade, não é má ideia. Mas teve azar. Para alguém que está fugindo, ele está carregando bagagem demais, tipo um irmão que todo mundo quer prender. E a mulher. E um caminhão cheio de documentos, pelo que presumimos. Pensamento de estudante: se eu tiver de fugir, vou levar todo mundo que me ama. Aí o irmão dele estupra uma mulher, pelo menos é o que acham, e de repente todo policial do Alabama e da Flórida está procurando por eles. Parece um tremendo azar.

– E a mãe dele? – perguntou o Sr. Morolto.

Lazarov e DeVasher assentiram para o chefão e reconheceram que era uma pergunta muito inteligente.

Lazarov:

– Não, é pura coincidência. É uma mulher muito simples que serve waffles e não sabe de nada. Nós a vigiamos desde que chegamos.

DeVasher:

– Concordo. Não houve nenhum contato.

Morolto assentiu, parecendo pensar profundamente, e acendeu um cigarro.

Lazarov:

– Então, se eles estão aqui e nós sabemos que eles estão aqui, os federais e a polícia também sabem que eles estão aqui. Temos sessenta pessoas e os federais têm centenas. As chances são favoráveis a eles.

– Vocês têm certeza de que os três estão juntos? – perguntou o Sr. Morolto.

DeVasher:

– Certeza absoluta. Sabemos que a mulher e o ex-presidiário se hospedaram na mesma noite em Perdido, que saíram e três horas depois ela se hospedou aqui no Holiday Inn e pagou em dinheiro vivo por dois quartos, que alugou o carro e as digitais dele estavam no carro. Sem dúvida. Sabemos que Mitch alugou um caminhão de mudanças na quarta-feira em Nashville, que transferiu 10 milhões de dólares nossos para um banco em Nashville na manhã de quinta-feira e depois, claro, deu no pé. O caminhão foi encontrado aqui há quatro horas. Sim, senhor, eles estão juntos.

Lazarov:

– Se ele saiu de Nashville imediatamente depois que o dinheiro foi transferido, deve ter chegado aqui quando estava escurecendo. O caminhão foi

encontrado vazio, então eles tiveram que descarregar em algum lugar aqui perto, depois escondê-lo. Provavelmente foi tarde da noite, ontem, quinta-feira. Mas a gente tem que supor que eles precisam dormir em algum momento. Acho que ficaram aqui ontem à noite e planejaram ir em frente hoje. Mas acordaram hoje de manhã e descobriram que seus rostos estavam nos jornais, que havia policiais trombando uns nos outros, e de repente as estradas estavam bloqueadas. Por isso eles estão encurralados aqui.

DeVasher:

– Para sair, eles precisam pegar emprestado, alugar ou roubar um carro. Não há registros de aluguel em nenhum lugar aqui perto. Ela alugou um carro em Mobile usando o próprio nome. Mitch alugou um caminhão de mudanças em Nashville usando o próprio nome. Identidade verdadeira. Então a gente tem que deduzir que, afinal de contas, eles não são tão espertos assim.

Lazarov:

– É evidente que eles não têm documentos falsos. Se alugarem um carro aqui para a fuga, os registros estarão no nome verdadeiro. Não existe nenhum registro assim.

O Sr. Morolto balançou a mão, frustrado.

– Certo, certo. Então eles estão aqui. Vocês são gênios. Estou orgulhoso. E agora?

Foi a vez de DeVasher:

– Os federais estão atrapalhando. Eles controlam a busca e não podemos fazer nada, a não ser ficar sentados, assistindo.

Lazarov:

– Eu liguei para Memphis. Todos os associados mais antigos da firma estão vindo para cá. Eles conhecem bem o McDeere e a mulher dele, por isso vamos espalhá-los na praia, nos restaurantes e nos hotéis. Talvez vejam alguma coisa.

DeVasher:

– Acho que eles estão em algum motel pequeno. Podem dar nomes falsos, pagar em dinheiro vivo e ninguém vai suspeitar. E tem menos gente. Menos probabilidade de serem vistos. Eles se hospedaram no Holiday Inn, mas não ficaram muito tempo. Aposto que foram para algum lugar na Strip.

Lazarov:

– Primeiro vamos nos livrar dos federais e dos policiais. Eles ainda não



sabem, mas vão levar o circo para outro lugar na estrada. Depois, de manhã cedo, vamos bater de porta em porta nos motéis. A maioria dessas espeluncas tem menos de cinquenta quartos. Acho que dois homens nossos podem revistar um em trinta minutos. Sei que vai demorar, mas não podemos ficar sentados. Talvez, quando os policiais saírem, os McDeeres respirem um pouco e cometam um erro.

– Então você quer que nossos homens comecem a fazer buscas em quartos de motel? – perguntou o Sr. Morolto.

DeVasher:

– Não podemos bater em todas as portas, mas precisamos tentar.

O Sr. Morolto se levantou e olhou em volta.

– E a água? – perguntou na direção de Lazarov e DeVasher.

Os dois se entreolharam, completamente confusos com a pergunta.

– A água! – gritou o Sr. Morolto. – E a água?

Todos os olhares se viraram com desespero para um lado e para outro, até que pararam em Lazarov.

– Desculpe, senhor, estou confuso.

O Sr. Morolto se inclinou para perto do rosto de Lazarov.

– E a água, Lou? Nós estamos numa praia, certo? Há terra, rodovias, ferrovias e aeroportos de um lado, e há água e barcos do outro. Agora, se as estradas estão bloqueadas e os aeroportos e as ferrovias estão fora de questão, para onde você acha que eles podem ir? Parece óbvio que vão tentar arranjar um barco e sair durante a noite. Faz sentido, não é, rapazes?

Todas as cabeças na sala se apressaram para assentir. DeVasher falou primeiro:

– Faz muitíssimo sentido para mim.

– Maravilhoso – disse o Sr. Morolto. – Então onde estão nossos barcos?

Lazarov saltou de sua cadeira, virou-se para a parede e começou a gritar ordens para seus subordinados.

– Vão até o cais! Aluguem cada barco de pesca que puderem encontrar para hoje à noite e o dia inteiro amanhã. Paguem o que eles quiserem. Coloquem nossos homens nos barcos e comecem a patrulhar logo. Fiquem a menos de 1 quilômetro da costa.

POUCO ANTES DAS onze da noite de sexta-feira, Aaron Rimmer estava junto ao balcão de um posto Texaco 24 horas em Tallahassee e pagou por um refrigerante e 45 litros de gasolina. Precisava de dinheiro trocado para o telefonema. Do lado de fora, perto do lava a jato, folheou o catálogo de páginas azuis e ligou para o Departamento de Polícia de Tallahassee. Era uma emergência. Explicou e o despachante o transferiu para o capitão de plantão.

– Escute! – gritou Rimmer, ansioso. – Estou num posto Texaco e há cinco minutos vi os tais fugitivos que todo mundo está procurando! Sei que eram eles!

– Que fugitivos? – perguntou o capitão.

– Os McDeeres. Dois homens e uma mulher. Saí de Panama City Beach há menos de duas horas e vi as fotos deles no jornal. Aí parei aqui e estava enchendo o tanque quando os vi.

Rimmer deu sua localização e esperou trinta segundos até que a primeira radiopatrulha chegasse com as luzes azuis piscando. Foi rapidamente seguida por uma segunda, uma terceira e uma quarta. Eles colocaram Rimmer no banco da frente de uma viatura e o levaram depressa à Delegacia Sul. O capitão e um pequeno grupo esperavam ansiosos. Rimmer foi escoltado como uma celebridade até a sala do capitão, onde os três retratos falados e a foto da polícia estavam esperando sobre a mesa.

– São eles! – gritou Rimmer. – Eu os vi agora mesmo, não tem nem dez minutos. Estavam numa caminhonete Ford verde com placas do Tennessee, rebocando um trailer de mudanças com dois eixos.

– Exatamente onde você estava? – perguntou o capitão. Os policiais acompanhavam cada palavra.

– Eu estava abastecendo na bomba quatro, gasolina comum, sem chumbo, e eles entraram no estacionamento, parecendo muito suspeitos. Pararam longe das bombas, a mulher saiu do carro e entrou na loja de conveniência. – Ele pegou o retrato falado de Abby e o examinou. – Sim, é ela. Sem dúvida. O cabelo está bem mais curto, mas é escuro. Ela saiu logo, não comprou nada. Parecia nervosa e com pressa para voltar à caminhonete. Eu tinha terminado de abastecer, por isso entrei na loja. Justo quando abri a porta eles passaram com o carro a menos de um metro de mim. Eu vi os três.

– Quem estava dirigindo? – perguntou o capitão.

Rimmer olhou a foto de Ray.

– Não era ele. O outro.

Ele apontou para o retrato falado de Mitch.

– Posso ver sua carteira de motorista? – perguntou um sargento.

Rimmer estava com três jogos de documentos. Entregou ao sargento uma carteira de motorista de Illinois com sua foto e o nome Frank Temple.

– Em que direção eles foram? – perguntou o capitão.

– Leste.

No mesmo instante, a uns 6 quilômetros dali, Tony Verkler desligou o telefone público, sorriu e voltou para o Burger King.

O capitão estava ao telefone. O sargento copiava as informações da carteira de motorista de Rimmer/Temple e uma dezena de policiais conversavam empolgados quando um patrulheiro entrou correndo na sala.

– Acabei de receber um telefonema! Mais uma pessoa os viu, num Burger King a leste da cidade. As mesmas informações! Os três numa caminhonete Ford verde rebocando um trailer de mudanças. O cara não deixou nome, mas disse que viu as fotos no jornal. Disse que eles passaram pelo drive-thru, compraram lanche pros três e foram embora.

– Tem que ser eles! – disse o capitão com um sorriso enorme.

O XERIFE DO condado de Bay tomou um café forte num copo de isopor e pousou as botas pretas na mesa de reuniões da Sala Caribe no Holiday Inn. Agentes do FBI entravam e saíam, pegando café, sussurrando e se atualizando sobre as últimas novidades. O herói deles, o próprio chefe, o diretor F. Denton Voyles, estava sentado do outro lado da mesa examinando um mapa rodoviário junto com três subordinados. Imagine, Denton Voyles no condado de Bay. A sala era uma colmeia de atividade policial. Policiais estaduais da Flórida entravam e saíam. Rádios e telefones tilintavam e guinchavam num posto de comando improvisado num canto. Subxerifes e policiais locais de três condados esperavam, cheios de empolgação com a caçada, o suspense e a presença de todos aqueles agentes do FBI. E de Voyles.

Um policial passou de forma intempestiva pela porta, com os olhos arregalados de pura empolgação.

– Acabei de receber um telefonema de Tallahassee! Eles tiveram duas

identificações positivas nos últimos quinze minutos! Os três numa caminhonete Ford verde com placa do Tennessee!

Voyles largou seu mapa e foi até o policial.

– Onde os viram?

A sala ficou em silêncio, a não ser pelos rádios.

– O primeiro numa loja de conveniência da Texaco. O segundo a 6 quilômetros dali, num Burger King. Eles passaram pelo drive-thru. As duas testemunhas foram positivas e fizeram identificações idênticas.

Voyles se virou para o xerife.

– Xerife, ligue para Tallahassee e confirme. A que distância fica?

As botas pretas bateram no chão.

– Uma hora e meia. Seguindo pela Interestadual 10.

Voyles apontou para Tarrance e eles entraram numa salinha usada como copa. O rugido baixo voltou ao controle da missão.

– Se os depoimentos forem reais – disse Voyles baixinho perto de Tarrance –, estamos perdendo tempo aqui.

– Sim, senhor. Eles parecem legítimos. Um único avistamento poderia ser erro ou pegadinha, mas dois, tão perto assim, parecem muito legítimos.

– Droga. Como eles conseguiram sair daqui?

– Deve ser aquela mulher, chefe. Ela vem ajudando-os há um mês. Não sei quem ela é nem onde ele a encontrou, mas ela está aí fora, vigiando a gente e dando o que ele precisa.

– Você acha que ela está com eles?

– Duvido. Provavelmente está seguindo de perto, longe da ação e recebendo ordens dele.

– Ele é brilhante, Wayne. Vem planejando isso há meses.

– Com certeza.

– Você mencionou as Bahamas uma vez.

– Sim, senhor. O milhão de dólares que pagamos a ele foi transferido para um banco em Freeport. Mais tarde ele disse que o dinheiro não ficou muito tempo lá.

– Você acha que ele pode estar indo para lá?

– Quem sabe? É claro que ele precisa sair do país. Hoje falei com o diretor

da penitenciária. Ele me disse que Ray McDeere fala cinco ou seis línguas fluentemente. Eles podem estar indo para qualquer lugar.

– Acho que deveríamos sair – falou Voyles.

– Vamos montar os bloqueios em volta de Tallahassee. Se temos uma boa descrição do veículo, eles não vão se safar por muito tempo. Devemos estar com eles de manhã.

– Quero cada policial da região central da Flórida nas estradas dentro de uma hora. Bloqueios em toda parte. Cada caminhonete Ford deve ser automaticamente revistada, certo? Nossos homens vão esperar aqui até de manhã, depois vamos embora.

– Sim, senhor – respondeu Tarrance com um riso cansado.

AS NOTÍCIAS DE que os viram em Tallahassee se espalharam de imediato pela Costa Esmeralda. Panama City Beach relaxou. Os McDeeres tinham ido embora. Por motivos que só eles conheciam, tinham fugido para o interior. Avistados e positivamente identificados, não uma, e sim duas vezes, agora estavam em outro lugar, correndo desesperados em direção ao confronto inevitável no acostamento de uma estrada escura.

Os policiais do litoral foram para casa. Algumas estradas continuaram bloqueadas durante a noite no condado de Bay e no de Gulf. As horas antes do amanhecer de sábado pareceriam quase normais. As duas extremidades da Strip permaneceram bloqueadas, com policiais examinando por alto as carteiras de motorista. As estradas ao Norte da cidade estavam livres. A busca havia se transferido para o leste.

NOS ARREDORES DE Ocala, Flórida, perto de Silver Springs na Rodovia 40, Tony Verkler saiu de um 7-Eleven e enfiou uma moeda de 25 centavos num telefone público. Ligou para o Departamento de Polícia de Ocala com o informe urgente de que tinha acabado de ver aqueles três fugitivos que todo mundo estava procurando em volta de Panama City Beach. Os McDeeres! Disse que tinha visto as fotos no jornal no dia anterior, quando estava passando por Pensacola, e agora tinha acabado de vê-los. O atendente informou que todos os patrulheiros

estavam no local de um acidente feio e perguntou se ele se incomodaria em ir até a delegacia para fazer um boletim. Tony disse que estava com pressa, mas que, como era um tanto importante, chegaria lá em um minuto.

Quando chegou, o chefe de polícia estava esperando, de camiseta e jeans. Tinha os olhos inchados e vermelhos e o cabelo bagunçado. Levou Tony para sua sala e agradeceu por ter vindo. Tomou notas enquanto Tony explicava que estava abastecendo o carro na frente do 7-Eleven quando uma caminhonete Ford verde rebocando um trailer de mudança parou perto da loja e uma mulher saiu e usou o telefone. Tony explicou que estava indo de Mobile para Miami e tinha atravessado a caçada humana em volta de Panama City. Tinha visto os jornais e escutado o rádio e sabia tudo sobre os três McDeeres. De qualquer modo, ele entrou, pagou pela gasolina e achou que já havia visto aquela mulher em algum lugar. Depois se lembrou dos jornais. Foi até um mostruário de revistas perto da vitrine e deu uma boa olhada nos homens. Nenhuma dúvida. Ela desligou, voltou para a caminhonete, se sentou entre os dois homens e eles foram embora. Uma caminhonete Ford verde com placa do Tennessee.

O chefe agradeceu e ligou para o departamento do xerife do condado de Marion. Tony se despediu e voltou ao seu carro, onde Aaron Rimmer estava dormindo no banco de trás.

Foram para o Norte, na direção de Panama City Beach.

Sábado, sete da manhã. Andy Patrick olhou para os dois lados da Strip, depois atravessou depressa o estacionamento até o quarto 39. Bateu de leve.

– Quem é? – perguntou a mulher depois de um tempo.

– O gerente – respondeu ele.

A porta se abriu e o homem parecido com o retrato falado de Mitchell Y. McDeere saiu. Agora o cabelo dele estava bem curto e dourado. Andy olhou para o cabelo.

– Bom dia, Andy – disse o homem com educação, examinando o estacionamento ao redor.

– Bom dia. Eu fiquei meio que me perguntando se vocês ainda estavam aqui.

O Sr. McDeere assentiu e continuou a olhar em volta.

– Quero dizer, pelo que a televisão disse hoje de manhã, vocês viajaram metade da Flórida ontem à noite.

– É, nós assistimos. Eles estão mentindo bastante, não é, Andy?

Andy chutou uma pedra na calçada.

– A televisão disse que houve três identificações positivas ontem à noite. Em três lugares diferentes. Achei meio estranho. Eu fiquei aqui a noite toda, trabalhando e vigiando e coisa e tal, e não vi vocês saírem. Antes de amanhecer atravessei a estrada até um café, bem ali, e como sempre tinha policiais por lá. Eu me sentei perto deles. Segundo eles, cancelaram as buscas aqui. Disseram que o FBI saiu logo depois da última informação, por volta das quatro da madrugada. A maioria dos outros policiais também foi embora. Eles vão manter

a Strip bloqueada até meio-dia e depois ir embora. Segundo boatos, vocês receberam ajuda de fora e estão tentando chegar às Bahamas.

O Sr. McDeere ouviu com atenção enquanto olhava o estacionamento.

– O que mais eles disseram?

– Ficaram falando sobre um caminhão de mudança cheio de mercadorias roubadas, que encontraram o caminhão e ele estava vazio, e que ninguém consegue descobrir como vocês colocaram as mercadorias roubadas num trailer e saíram da cidade, bem embaixo do nariz deles. Estão muito impressionados, na verdade. Claro, eu não falei nada, mas pensei que devia ser o mesmo caminhão de mudanças que o senhor trouxe para cá na noite de quinta-feira.

O Sr. McDeere estava imerso em pensamentos e ficou em silêncio. Não parecia nervoso. Andy examinou o rosto dele com atenção.

– O senhor não parece muito satisfeito – disse Andy. – Quero dizer, os policiais estão indo embora e cancelaram a busca. Isso é bom, não é?

– Andy, posso dizer uma coisa?

– Claro.

– Agora está mais perigoso do que antes.

Andy pensou por um longo tempo, depois perguntou:

– Como assim?

– Os policiais só queriam me prender, Andy. Mas tem gente que quer me matar. Assassinos profissionais, Andy. Muitos. E ainda estão aqui.

Andy estreitou seu olho bom e encarou o Sr. McDeere. Assassinos profissionais! Aqui? Na Strip? Andy deu um passo para trás. Queria perguntar exatamente quem eram e por que estavam atrás dele, mas sabia que não teria uma resposta. Encontrou a brecha para pertuntar:

– Por que vocês não fogem?

– Fugir? Como a gente poderia fugir?

Andy chutou outra pedra e indicou com a cabeça um Pontiac Bonneville 1971 parado atrás do escritório.

– Bom, vocês poderiam usar o meu carro. Poderiam entrar no porta-malas, os três, e eu poderia levar vocês para fora da cidade. Vocês não parecem falidos, poderiam pegar um avião e ir embora. Simples assim.

– E quanto isso iria custar?

Andy examinou os próprios pés e coçou a orelha. Esse cara devia ser um



traficante, pensou, e as caixas deviam estar cheias de cocaína e dinheiro. E os colombianos provavelmente estavam atrás dele.

– Seria bem caro, o senhor sabe. Quero dizer, neste momento, a 5 mil por dia, eu sou só um funcionário de motel, inocente, que não presta muita atenção. Não faço parte de nada, o senhor entende. Mas se eu levar vocês para fora daqui eu viro cúmplice, sujeito a indiciamento, cadeia e todas as merdas pelas quais já passei, saca? Seria bem caro.

– Quanto, Andy?

– Cem mil.

O Sr. McDeere não se abalou nem reagiu. Ficou com o rosto impassível e olhou para o oceano. Andy soube de pronto que o valor não estava fora de questão.

– Me deixe pensar, Andy. Por enquanto fique de olhos abertos. Agora que a polícia foi embora, os assassinos vão agir. Hoje pode ser um dia muito perigoso, e eu preciso da sua ajuda. Se você vir alguém suspeito por aqui, ligue para a gente depressa. Não vamos sair desses quartos, certo?

Andy voltou à recepção. Qualquer idiota pularia no porta-malas e daria no pé. Eram as caixas, as mercadorias roubadas. Por isso eles não queriam ir embora.

Os McDeeres comeram um café da manhã leve, de salgadinhos murchos e refrigerantes quentes. Ray estava louco por uma cerveja gelada, mas seria arriscado demais ir de novo à loja de conveniência. Comeram rapidamente e assistiram ao noticiário da manhã. De vez em quando uma rede de TV da costa mostrava seus retratos falados. A princípio isso os amedrontara, mas depois se acostumaram.

Alguns minutos depois das nove horas de sábado, Mitch desligou a TV e voltou ao seu lugar no chão entre as caixas. Pegou uma pilha de documentos e assentiu para Abby, a operadora da câmera. O depoimento continuou.

LAZAROV ESPEROU ATÉ que as arrumadeiras estivessem de serviço, depois espalhou suas tropas pela Strip. Eles trabalhavam em pares, batendo às portas, espiando por janelas e se esgueirando por corredores escuros. A maioria dos pequenos estabelecimentos tinha duas ou três arrumadeiras que conheciam cada

quarto e cada hóspede. O procedimento era simples e na maior parte das vezes funcionava. Um capanga encontrava uma arrumadeira, entregava uma nota de 100 dólares e mostrava os retratos falados. Se ela resistisse, ele dava mais dinheiro até que ela passasse a cooperar. Se a mulher não conseguisse fazer a identificação, ele perguntaria se ela teria visto um caminhão de mudanças ou um quarto cheio de caixas, ou dois homens e uma mulher agindo de modo estranho ou com medo, ou qualquer coisa incomum. Se a arrumadeira não pudesse ajudar, ele perguntava que quartos estavam ocupados, depois ia bater às portas.

Comecem com as arrumadeiras, tinha instruído Lazarov. Entrem pelo lado da praia. Evitem as recepções. Finjam que são policiais. E, se acharem alguma coisa, matem-nos na hora e vão até um telefone.

DeVasher espalhou quatro dos furgões alugados ao longo da Strip, perto da rodovia. Lamar Quin, Kendall Mahan, Wally Hudson e Jack Aldrich bancavam os motoristas e vigiavam cada veículo que passava. Tinham chegado no meio da noite num avião particular com dez outros associados antigos da Bendini, Lambert & Locke. Nas lojas de lembranças e nos cafés, os ex-amigos e colegas de Mitch McDeere se misturavam aos turistas e secretamente torciam para não vê-lo. Os sócios tinham sido chamados de volta e deixaram os aeroportos em todo o país, e no meio da manhã estavam andando pela praia e inspecionando piscinas e saguões de hotéis. Nathan Locke ficou com o Sr. Morolto, mas o restante dos sócios se disfarçou com bonés e óculos escuros e todos recebiam ordens do general DeVasher. Só faltava Avery Tolar. Desde que tinha saído do hospital não havia notícias dele. Incluindo os 33 advogados, o Sr. Morolto tinha quase cem homens participando de sua pequena caçada humana particular.

NO MOTEL BLUE Tide, um faxineiro pegou uma nota de 100 dólares, olhou os retratos e disse que talvez tivesse visto a mulher e um dos homens se hospedarem em três quartos no início da noite de quinta-feira. Ele olhou para o desenho de Abby e se convenceu de que era ela. Pegou mais dinheiro e foi até a recepção verificar os registros. Voltou com a informação de que a mulher tinha se registrado como Jackie Nagel e pagado em dinheiro por dois quartos para quinta, sexta e sábado. Pegou mais dinheiro e os dois pistoleiros o acompanharam até o quarto. Bateu nas duas portas. Não houve resposta.

Destrancou-as e deixou que seus novos amigos inspecionassem os quartos. Eles não tinham sido usados na noite de sexta-feira. Um dos homens ligou para Lazarov e cinco minutos depois DeVasher estava zanzando pelos quartos, procurando pistas. Não encontrou nenhuma, mas a busca se restringiu imediatamente a um trecho de 6 quilômetros de praia entre o Blue Tide e o Beachcomber, onde o caminhão de mudanças tinha sido encontrado.

Os furgões levavam as tropas mais para perto. Os sócios e os associados mais antigos reviraram a praia e os restaurantes. E os pistoleiros batiam às portas.

ANDY ASSINOU O recibo da Federal Express às 10h35 e inspecionou o pacote endereçado a Sam Fortune. Tinha sido mandado por Doris Greenwood, cujo endereço, segundo estava escrito, era Poplar Avenue, 4.040, Memphis, Tennessee. Sem número de telefone. Ele tinha certeza de que a encomenda era valiosa e por um momento pensou em outro lucro rápido. Mas a entrega já havia sido contratada. Olhou para as duas extremidades da Strip e saiu da recepção com o pacote.

Depois de anos se escondendo, Andy havia naturalizado subconscientemente que era para andar depressa pelas sombras, nos cantos, jamais em terreno aberto. Quando virou a esquina para atravessar o estacionamento viu dois homens batendo à porta do quarto 21. Por acaso o quarto estava vazio e ele suspeitou imediatamente dos dois. Usavam bermudas brancas iguais, que não caíam bem, descendo quase até os joelhos, apesar de ser difícil dizer onde as bermudas acabavam e as pernas brancas como neve começavam. Um usava meias escuras com sapatos velhos. O outro usava sandálias baratas e caminhava com dor óbvia. Chapéus-panamá brancos adornavam as cabeçorras.

Depois de seis meses na Strip, Andy era capaz de identificar um turista falso. O que estava junto à porta bateu de novo e Andy viu o volume de uma pistola grande na parte de trás da bermuda.

Recuou depressa, em silêncio, e voltou à recepção. Ligou para o quarto 39 e perguntou por Sam Fortune.

– Aqui é o Sam.

– Sam, é o Andy, da recepção. Não olhe para fora, mas tem dois caras muito

suspeitos batendo às portas do outro lado do estacionamento.

– São policiais?

– Acho que não. Não se hospedaram aqui.

– Onde estão as arrumadeiras? – perguntou Sam.

– No sábado elas só chegam às onze.

– Bom. Vamos apagar as luzes. Fique de olho neles e ligue quando forem embora.

Por uma janela escura num closet, Andy viu os homens irem de porta em porta, batendo e esperando, às vezes conseguindo que uma fosse aberta. Onze dos 44 quartos estavam ocupados. Não houve resposta no 38 e no 39. Os homens voltaram à praia e desapareceram. Assassinos profissionais! No seu motel.

Do outro lado da Strip, no estacionamento de um campo de minigolfe, Andy viu dois turistas falsos idênticos falando com um homem num furgão branco. Eles apontaram para um lado e para outro e pareceram discutir.

Ligou para Sam.

– Escuta, Sam, eles foram embora. Mas esse lugar está cheio dessas pessoas.

– Quantos?

– Estou vendo mais dois do outro lado da Strip. É melhor vocês darem no pé.

– Relaxa, Andy. Eles não vão nos ver se a gente ficar aqui.

– Mas vocês não podem ficar para sempre. Qualquer hora o meu patrão dá as caras.

– Nós vamos embora logo, Andy. E o pacote?

– Está aqui.

– Bom. Preciso ver. Diga, Andy, e comida? Você pode atravessar a rua e conseguir alguma coisa quente?

Andy era gerente, não camareiro. Mas a 5 mil por dia o Sea Gull's Rest poderia fornecer algum serviço de quarto.

– Claro. Estou aí em um minuto.

WAYNE TARRANCE PEGOU o telefone e desabou atravessado na cama de solteiro do seu quarto no Ramada Inn, em Orlando. Estava exausto, furioso, pasmo e farto de F. Denton Voyles. Era uma e meia da tarde de sábado. Ligou para Memphis. A secretária não tinha nada a informar, a não ser que Mary Alice havia ligado e

queria falar com ele. Tinham rastreado a ligação até um telefone público em Atlanta. Mary Alice falou que ligaria de novo às duas da tarde para ver se Wayne – ela o chamou de Wayne – tinha feito contato. Tarrance deu o número do seu quarto e desligou. Mary Alice. Em Atlanta. McDeere em Tallahassee, depois em Ocala. Depois nada de McDeere. Nenhuma caminhonete Ford verde com placa do Tennessee com um trailer. Ele tinha sumido de novo.

O telefone tocou uma vez. Tarrance levantou o fone devagar.

– Mary Alice – disse ele baixinho.

– Wayne, querido! Como adivinhou?

– Onde ele está?

– Quem? – Tammy riu.

– McDeere. Onde ele está?

– Bom, Wayne, seus rapazes estiveram bem perto um tempo, mas depois perseguiram um coelho maluco. Agora nem estão perto, querido. Lamento dizer.

– Tivemos três identificações positivas nas últimas quatorze horas.

– É melhor verificar, Wayne. Mitch me disse há alguns minutos que nunca esteve em Tallahassee. Nunca ouviu falar em Ocala. Nunca dirigiu uma caminhonete Ford verde. Nunca rebocou um trailer de mudanças. Vocês engoliram a isca, Wayne. Com anzol, linha e peso.

Tarrance apertou o osso do nariz e respirou ao telefone.

– E aí, como está Orlando? – perguntou ela. – Vai à Disney enquanto está na cidade?

– Onde ele está, droga?

– Wayne, Wayne, relaxa, querido. Vocês vão receber os documentos.

Tarrance sentou-se.

– Certo, quando?

– Bom, nós poderíamos ser gananciosos e insistir no resto do dinheiro. Este é um telefone público, Wayne, não se dê ao trabalho de rastrear, está bem? Mas não somos gananciosos. Vocês vão receber os registros em 24 horas. Se tudo der certo.

– Onde estão os registros?

– Vou ligar de novo para você, querido. Se você ficar nesse número, eu ligo a cada quatro horas até Mitch me dizer onde os documentos estão. Mas, Wayne, se

você sair de perto desse número, eu posso não encontrar você, querido. Então fique firme.

– Estarei aqui. Ele ainda está no país?

– Acho que não. Tenho certeza de que ele está no México. O irmão dele fala espanhol, sabia?

– Sei.

Tarrance se esticou na cama e mandou tudo para o inferno. O México podia ficar com eles, desde que recebesse os registros.

– Fique onde está, querido. Tire um cochilo. Você deve estar cansado. Ligo lá pelas cinco ou seis horas.

Tarrance pôs o telefone na mesinha de cabeceira e tirou um cochilo.

O PENTE-FINO PERDEU o pique na tarde de sábado quando a polícia de Panama City Beach recebeu a quarta reclamação de donos de motéis. Os policiais foram despachados para o Breakers Motel, onde um proprietário furioso falou sobre homens armados incomodando os hóspedes. Mais policiais foram mandados para a Strip e em pouco tempo estavam revistando os motéis em busca de pistoleiros que procuravam os McDeeres. A Costa Esmeralda estava prestes a entrar em guerra.

Cansados e com calor, os homens de DeVasher foram obrigados a trabalhar sozinhos. Espalharam-se mais ainda na praia e pararam com o trabalho de porta em porta. Estenderam-se em espreguiçadeiras de plástico em volta das piscinas, observando o ir e vir de turistas. Deitaram-se na praia, protegendo-se do sol, escondidos atrás de óculos escuros, observando o ir e vir de turistas.

Enquanto o crepúsculo se aproximava, o exército de capangas, pistoleiros e advogados deslizou para a escuridão e esperou. Se os McDeeres fossem se mover, fariam isso à noite. Um exército silencioso esperava por eles.

Os braços grossos de DeVasher estavam pousados desconfortavelmente no corrimão da varanda de seu quarto no Best Western. Olhou a praia vazia lá embaixo enquanto o sol desaparecia aos poucos no horizonte. Aaron Rimmer passou pela porta de correr de vidro e parou atrás de DeVasher.

– Encontramos o Tolar – informou Rimmer.

DeVasher não se mexeu.

- Onde?
- Escondido no apartamento da namorada em Memphis.
- Estava sozinho?
- Estava. Eles o apagaram. Fizeram parecer um roubo.

NO QUARTO 39, Ray inspecionou pela centésima vez os passaportes, os vistos, as carteiras de motorista e as certidões de nascimento. As fotos dos passaportes de Mitch e Abby eram recentes, com bastante cabelo escuro. Depois que fugissem, o tempo cuidaria do tom louro. A de Ray era uma foto do documento de Mitch na Faculdade de Direito de Harvard, ligeiramente alterada, com cabelo comprido, barba por fazer e um ar acadêmico e rude. Depois de uma análise cuidadosa, notava-se que olhos, narizes e malares eram parecidos, porém nada mais. Os documentos estavam em nome de Lee Stevens, Rachel James e Sam Fortune, todos com endereços em Murfreesboro, Tennessee. Doc fez um bom trabalho, e Ray sorria enquanto os examinava.

Abby colocou a câmera de vídeo Sony na caixa. O tripé foi dobrado e encostado na parede. Quatorze fitas de vídeo etiquetadas estavam empilhadas de maneira ordenada em cima do televisor.

Depois de dezesseis horas, o depoimento em vídeo estava pronto. Começando com a primeira fita, em que Mitch havia encarado a câmera, levantado a mão direita e jurado dizer a verdade. Ficou perto da penteadeira com documentos cobrindo o chão ao redor. Usando as anotações, os resumos e os fluxogramas de Tammy, começou abordando metodicamente os registros bancários. Identificou mais de 250 contas secretas em onze bancos das Cayman. Algumas tinham nome, mas a maioria era apenas numerada. Usando cópias de documentos impressos, narrou as histórias das contas. Depósitos em dinheiro, transferências eletrônicas e retiradas. Na parte de baixo de cada documento usado no depoimento escreveu com marcador preto as iniciais MM e depois o número da prova: MM1, MM2, MM3 e assim por diante. Quando chegou à prova MM1.485, tinha identificado 900 milhões de dólares escondidos em bancos nas Cayman.

Depois dos registros bancários, explicou em detalhes a estrutura do império. Em vinte anos, mais de quatrocentas empresas nas Cayman tinham sido abertas

pelos Moroltos e seus advogados incrivelmente ricos e corruptos. Muitas empresas eram donas de outras ou de partes de outras e usavam os bancos como agentes registrados e endereços permanentes. Mitch reconheceu logo que tinha apenas uma fração dos registros e especulou, para a câmera, que a maioria dos documentos estava escondida no porão em Memphis. Também explicou, para uso do júri, que seria necessário um pequeno exército de fiscais da receita federal durante um ano, mais ou menos, para montar o quebra-cabeça da corporação Morolto. Explicou devagar cada prova, marcou-a com cuidado e a arquivou. Abby ficou operando a câmera. Ray vigiava o estacionamento e estudava os passaportes falsos.

Testemunhou durante seis horas sobre vários métodos usados pelos Moroltos e seus advogados para transformar dinheiro sujo em limpo. De longe a tática preferida era levar um bocado de dinheiro sujo num avião da Bendini, em geral com dois ou três advogados a bordo para legitimar a viagem. Com drogas chegando aos montes por terra, ar e mar, a alfândega dos Estados Unidos se importa pouco com o que sai do país. Era um esquema perfeito. Os aviões saíam sujos e voltavam limpos. Assim que o dinheiro pousava na Grand Cayman, um advogado a bordo cuidava dos subornos exigidos pela alfândega das Cayman e pelo banqueiro apropriado. Em algumas cargas, até 25 por cento eram destinados a suborno.

Assim que era depositado, geralmente em contas numeradas, o dinheiro se tornava quase impossível de ser rastreado. Mas muitas transações bancárias coincidiam perfeitamente com eventos corporativos bem significativos. Em geral o dinheiro era depositado em uma de uma dezena de contas numeradas. Ou “supercontas”, como Mitch chamou. Ele deu ao júri os números dessas contas e os nomes dos bancos. Então, à medida que novas empresas eram abertas, o dinheiro era transferido das supercontas para as contas das empresas, com frequência no mesmo banco. Assim que o dinheiro sujo passava a pertencer a uma empresa legítima nas Cayman, começava a lavagem. O método mais simples e mais comum era a empresa comprar imóveis e outros bens limpos nos Estados Unidos. As transações eram feitas pelos criativos advogados da Bendini, Lambert & Locke, e todo o dinheiro era mandado por transferência eletrônica. Frequentemente a empresa nas Cayman comprava outra empresa nas Cayman que, por acaso, era dona de outra empresa no Panamá que possuía uma holding



na Dinamarca. Os dinamarqueses compravam uma fábrica de rolamentos em Toledo e transferiam o dinheiro da compra a partir de um banco subsidiário em Munique. E agora o dinheiro sujo estava limpo.

Depois de marcar a Prova MM4.292, Mitch terminou o depoimento. Dezesseis horas de testemunho bastavam. Isso não seria admissível num tribunal, mas serviria ao propósito. Tarrance e seus coleguinhas poderiam mostrar as fitas a um grande júri e indiciar pelo menos trinta advogados da firma Bendini. Poderia mostrar as fitas a um juiz federal e conseguir seus mandados de busca.

Mitch tinha cumprido com sua parte no trato. Ainda que não estivesse presente para testemunhar em pessoa, tinha recebido apenas um milhão de dólares e iria entregar mais do que era esperado. Estava física e emocionalmente exaurido. Sentou-se na beira da cama com as luzes apagadas. Abby sentou-se numa cadeira, de olhos fechados.

Ray espiou entre as persianas.

– Precisamos de uma cerveja gelada – disse.

– Esquece – reagiu Mitch com rispidez.

Ray se virou e o encarou.

– Relaxa, irmão. Está escuro e a loja fica logo ali, na praia. Eu posso cuidar de mim mesmo.

– Nem pensar, Ray. Não é preciso correr riscos. Vamos sair em algumas horas e, se tudo correr bem, você vai ter o resto da vida para beber cerveja.

Ray não estava ouvindo. Enfiou um boné de beisebol na cabeça, pôs algum dinheiro no bolso e pegou a arma.

– Ray, por favor, pelo menos deixe a arma – implorou Mitch.

Ray enfiou a arma embaixo da camisa e abriu a porta. Andou depressa pela areia atrás dos pequenos motéis e das lojas, escondendo-se nas sombras e louco por uma cerveja gelada. Parou atrás da loja de conveniência, olhou rapidamente em volta e teve certeza de que ninguém estava olhando, depois foi até a entrada. A geladeira de cervejas ficava nos fundos.

No estacionamento perto da Strip, Lamar Quin estava escondido embaixo de um grande chapéu de palha e conversava com alguns adolescentes de Indiana. Viu Ray entrar na loja e algo chamou sua atenção. Havia um jeito relaxado no andar do sujeito que parecia um tanto familiar. Foi até a vitrine e olhou na

direção da geladeira de cervejas. Os olhos do sujeito estavam cobertos por óculos escuros, mas reconheceu o nariz e os málares. Lamar entrou na lojinha e pegou um saco de batata chips. Esperou no balcão do caixa e ficou cara a cara com o sujeito, que não era Mitchell McDeere, mas se parecia um bocado com ele.

Era Ray. Só podia ser. O rosto estava queimado de sol e o cabelo era curto demais para ser estiloso. Os olhos estavam cobertos. A mesma altura. O mesmo peso. O mesmo passo.

– Tudo bem? – perguntou Lamar ao sujeito.

– Tudo. E você? – A voz era parecida.

Lamar pagou pela batata e voltou ao estacionamento. Largou com calma o saco numa lata de lixo perto de uma cabine telefônica e caminhou depressa até uma loja de souvenirs ao lado para continuar procurando os McDeeres.

A escuridão trouxe uma brisa fresca à praia ao longo da Strip.

O sol desapareceu logo e não havia lua para substituí-lo. Um teto distante de nuvens escuras e inofensivas cobria o céu, e a água estava preta.

A escuridão trouxe pescadores para o píer Dan Russell no centro da Strip. Eles se reuniram em grupos de três e quatro ao longo da estrutura de concreto, olhando em silêncio enquanto suas linhas desciam até a água preta 6 metros abaixo. Encostavam-se imóveis no parapeito, de vez em quando cuspidando ou falando com algum amigo. Aproveitavam a brisa, o silêncio e a água imóvel muito mais do que os poucos peixes que se aventuravam ali perto e mordiam uma isca. Eram do Norte e todos os anos passavam uma semana de férias no mesmo motel e vinham ao píer toda noite no escuro para pescar e admirar o oceano. Entre eles havia baldes cheios de iscas e pequenas caixas térmicas cheias de cerveja.

De vez em quando, durante a noite, um não pescador ou um casal de namorados se aventurava no píer e andava 100 metros até o final. Olhavam a água preta e parada durante alguns minutos, depois se viravam para admirar o brilho de um milhão de luzes piscando ao longo da Strip. Observavam os pescadores inertes e encolhidos, apoiados nos cotovelos. Os pescadores não os notavam.

Os pescadores não notaram quando Aaron Rimmer passou casualmente atrás deles por volta das onze horas. Ele fumou um cigarro na ponta do píer e jogou a

guimba no oceano. Olhou ao longo da praia e pensou nos milhares de quartos de hotéis e apartamentos nos condomínios.

O PÍER DAN Russell era o que ficava mais a oeste dos três que havia em Panama City Beach. Era o mais novo, o mais comprido e o único construído apenas de concreto. Os outros dois eram mais antigos e de madeira. No centro havia uma pequena construção de tijolos contendo uma loja de material de pesca, um bar e banheiros. Só os banheiros permaneciam abertos à noite.

Devia ficar a uns 800 metros do Sea Gull's Rest. Às onze e meia Abby saiu do quarto 39, passou pela piscina suja e começou a andar para o leste pela praia. Usava bermuda, chapéu de palha branco e um agasalho com a gola levantada em volta das orelhas. Andava devagar, com as mãos enfiadas nos bolsos como um rato de praia experiente e contemplativo. Cinco minutos depois Mitch saiu do quarto, passou pela piscina suja e seguiu os passos dela. Olhou para o oceano enquanto andava. Dois corredores se aproximaram, espirrando água e falando entre as respirações. Num cordão em volta do pescoço e enfiado embaixo da camisa de algodão preta estava um apito, só para garantir. Em todos os quatro bolsos tinha enfiado 60 mil dólares em dinheiro. Olhou para o oceano e observou, nervoso, Abby andando à frente. Quando ele estava a 200 metros na praia, Ray saiu do quarto 39 pela última vez. Trancou-o e ficou com a chave. Enrolado na cintura estava um pedaço de corda de náilon preta de 12 metros. A arma estava enfiada embaixo da corda. Uma jaqueta impermeável escondia bem a arma e a corda. Andy tinha cobrado mais 2 mil pelas roupas e pelos itens.

Ray chegou à praia. Olhou Mitch e mal pôde ver Abby. A praia estava deserta.

Era quase meia-noite de sábado e a maior parte dos pescadores tinha deixado o píer. Abby viu três reunidos perto dos banheiros. Passou por eles e caminhou tranquilamente até o fim do píer, onde se encostou no corrimão de concreto olhando o vasto negrume do golfo. Boias de sinalização espalhavam suas luzes vermelhas até onde a vista alcançava. Luzes azuis e brancas das balizas do canal navegável formavam uma linha nítida a leste. Uma luz amarela piscava em uma embarcação que se movia lenta no horizonte. Ela estava sozinha no final do píer.

Mitch se escondeu numa cadeira embaixo de uma barraca de praia fechada

perto da entrada do píer. Não podia vê-la, mas tinha uma boa visão do oceano. A 15 metros dali, Ray estava sentado numa mureta de tijolos, no escuro. Seus pés balançavam acima da areia. Esperaram. Olharam os relógios.

Exatamente à meia-noite, Abby abriu nervosa o zíper do agasalho e desamarrou uma lanterna pesada. Olhou abaixo para a água e segurou a lanterna com força. Encostou-a na barriga, protegeu-a com o agasalho, apontou-a para o mar e a fez piscar três vezes. Liga-desliga. Liga-desliga. Liga-desliga. A lâmpada verde piscou três vezes. Ela segurou a lanterna com força e olhou para o oceano.

Não houve resposta. Ela esperou uma eternidade e dois minutos depois piscou a lanterna de novo. Três vezes. Não houve resposta. Respirou fundo.

– Calma, Abby, calma – falou consigo mesma. – Ele está aí, em algum lugar.

Piscou a lanterna mais três vezes. Depois esperou. Não houve resposta.

Mitch sentou-se na borda da cadeira e examinou o mar, nervoso. Com o canto do olho, viu uma figura andando, quase correndo vindo do oeste. A figura saltou nos degraus do píer. Era o nórdico. Mitch correu pela praia na direção dele.

Aaron Rimmer passou por trás dos pescadores, em volta da pequena construção, e olhou a mulher de chapéu branco no fim do píer. Ela estava curvada, segurando alguma coisa. A lanterna piscou de novo três vezes. Ele foi em silêncio até ela.

– Abby.

Abby se virou bruscamente e tentou gritar. Rimmer saltou sobre ela e a empurrou contra o corrimão. Surgindo do escuro, Mitch mergulhou de cabeça contra as pernas do nórdico e os três caíram com violência no concreto liso. Mitch sentiu a arma nas costas do nórdico. Golpeou loucamente com o antebraço e errou. Rimmer girou e deu um soco forte no olho esquerdo de Mitch. Abby chutou e se arrastou para longe. Mitch estava cego e atordoado. Rimmer se levantou de um salto e tentou pegar a arma, mas não a encontrou. Ray o atacou feito um aríete e jogou-o contra o corrimão. Deu quatro socos rápidos nos olhos e no nariz, e cada um tirou sangue. Habilidade desenvolvida na prisão. O nórdico caiu de quatro e Ray acertou quatro chutes violentos na cabeça dele. Ele gemeu de dor e caiu de cara.

Ray tirou a arma e entregou a Mitch, que agora estava de pé, tentando

focalizar com o olho bom. Abby olhou o píer. Ninguém.

– Pisque a lanterna de novo – pediu Ray enquanto desenrolava a corda da cintura.

Abby se virou para o oceano, protegeu a lanterna, achou o botão e começou a piscar feito louca.

– O que você vai fazer? – sussurrou Mitch, vendo Ray e a corda.

– Temos duas opções. Podemos estourar o cérebro dele ou afogá-lo.

– Ah, meu Deus! – disse Abby, piscando a lanterna.

– Não dispare a arma – sussurrou Mitch.

– Obrigado – disse Ray.

Ray pegou um pedaço da corda, enrolou-o com força no pescoço do nórdico e puxou. Mitch virou as costas e ficou entre o corpo e Andy. Ela não tentou olhar.

– Desculpe, não tinha escolha – murmurou Ray, quase consigo mesmo.

Não houve resistência, nenhum movimento do sujeito inconsciente. Depois de três minutos Ray soltou o ar de maneira ruidosa.

– Está morto – anunciou.

Em seguida amarrou a outra ponta da corda num balaústre, passou o corpo por baixo do corrimão e o baixou em silêncio até a água.

– Vou descer primeiro – falou Ray enquanto se espremia sob o corrimão e descia pela corda.

Quase 3 metros abaixo do píer, uma viga de ferro estava presa a duas grossas colunas de concreto que desapareciam dentro da água. Era um bom esconderijo. Abby foi a próxima. Ray segurou as pernas dela enquanto ela agarrava a corda com força e descia. Mitch, enxergando com um olho só, perdeu o equilíbrio e quase desabou na água.

Mas conseguiram. Sentaram-se na viga, 3 metros acima da água fria e escura. Três metros acima dos peixes, das cracas e do corpo do nórdico. Ray cortou a corda de modo que o cadáver descesse para o fundo, até que, dali a um ou dois dias, subisse de novo.

Ficaram sentados feito três corujas num galho, olhando as boias e as balizas iluminadas e esperando que o messias viesse caminhando sobre as águas. Os únicos sons eram das batidas suaves das ondas embaixo e o clique constante da lanterna.

E então escutaram vozes no deque acima. Nervosas, ansiosas, em pânico, procurando alguém. Em seguida desapareceram.

– Bom, irmão, o que vamos fazer agora? – sussurrou Ray.

– Plano B – respondeu Mitch.

– E qual é?

– Começar a nadar.

– Muito engraçado – falou Abby, piscando a lanterna.

Uma hora se passou. A viga de ferro, apesar da localização perfeita, não era confortável.

– Vocês notaram aqueles dois barcos ali? – perguntou Ray baixinho.

Os barcos eram pequenos. Estavam a pouco mais de 1 quilômetro da costa e na última hora tinham deslizado devagar e de modo suspeito para um lado e para outro, dentro do campo de visão de quem estava na praia.

– Acho que são barcos de pesca – disse Mitch.

– Quem pesca à uma da madrugada? – perguntou Ray.

Os três pensaram. Não havia explicação.

Abby viu primeiro, e torceu e rezou para que não fosse o corpo que agora estivesse sem vida indo na direção deles.

– Ali – observou, apontando para um ponto a cerca de 50 metros.

Era um objeto preto sobre a água, movendo-se devagar na direção deles. Observaram com atenção. Em seguida veio o som, como de uma máquina de costura.

– Continue piscando – pediu Mitch.

A coisa chegou mais perto.

Era um homem num barquinho.

– Abanks! – sussurrou Mitch de maneira audível.

O zumbido parou.

– Abanks! – repetiu ele.

– Onde vocês estão, droga? – foi a resposta.

– Aqui em cima. Embaixo do píer. Depressa, anda!

O zumbido ficou mais alto e Abanks parou com um bote de borracha de 2,5 metros embaixo do píer. Os três se penduraram na viga e pousaram numa pilha bem-vinda. Abraçaram-se em silêncio e depois abraçaram Abanks. Ele acelerou o motor elétrico de cinco cavalos e se dirigiu para mar aberto.

- Onde você estava? – perguntou Mitch.
  - Navegando – respondeu Abanks em tom despreocupado.
  - Por que se atrasou?
  - Eu me atrasei porque fiquei desviando daqueles barcos de pesca com idiotas fantasiados de turistas fingindo que eram pescadores.
  - Acha que são do Morolto ou do FBI? – perguntou Abby.
  - Bom, se são idiotas, podem ser de qualquer um.
  - O que aconteceu com sua luz verde?
- Abanks apontou para uma lanterna perto do motor.
- A bateria acabou.

O BARCO ERA uma escuna de 40 pés que Abanks tinha encontrado na Jamaica por apenas 200 mil dólares. Um amigo esperava junto à escada e os ajudou a embarcar. Seu nome era George, apenas George, e ele falava inglês com um sotaque acelerado. Abanks garantiu que ele era de confiança.

- Tem uísque, se vocês quiserem. No armário – disse Abanks.

Ray encontrou o uísque. Abby pegou um cobertor e se deitou num pequeno sofá. Mitch ficou parado no convés, admirando seu barco novo.

- Vamos sair daqui. Podemos ir agora? – perguntou Mitch quando Abanks e George puxaram a balsa para bordo.

- Como quiser – respondeu George de pronto.

Mitch olhou as luzes ao longo da praia e disse adeus. Desceu para baixo do convés e se serviu de um copo de uísque.

WAYNE TARRANCE ESTAVA dormindo atravessado na cama, totalmente vestido. Não tinha se mexido desde o último telefonema, seis horas antes. O telefone ao seu lado tocou. Depois de quatro toques ele o encontrou.

- Alô – disse numa voz lenta e rouca.
- Wayne, querido. Acordei você?
- Claro.
- Pode ir pegar os documentos agora. Quarto 39, Sea Gull's Rest Motel, Rodovia 98, Panama City Beach. O recepcionista é um cara chamado Andy e ele



vai levar vocês até o quarto. Tenha cuidado com os papéis. Nosso amigo identificou todos os documentos de maneira muito clara e precisa e deixou dezesseis horas de vídeo. Portanto, seja cuidadoso.

– Tenho uma pergunta.

– Claro, garotão. Qualquer coisa.

– Onde ele encontrou você? Isso seria impossível sem você.

– Uau, obrigada, Wayne. Ele me achou em Memphis. Nós ficamos amigos e ele me ofereceu um monte de dinheiro.

– Quanto?

– Por que isso é importante, Wayne? Eu nunca mais vou precisar trabalhar. Tenho que ir, querido. Foi divertido demais.

– Onde ele está?

– Enquanto falamos ele está num avião para a América do Sul. Mas, por favor, não perca tempo tentando pegá-lo. Wayne, querido, eu te amo, mas você não conseguiu pegá-lo nem em Memphis. Tchauzinho.

E ela desligou.

Amanhecer. Domingo. A escuna de 40 pés acelerou para o Sul com as velas enfunadas sob um céu límpido. Abby dormia um sono profundo na suíte principal. Ray estava num coma induzido pelo uísque num sofá. Abanks tirava um cochilo em algum lugar embaixo do convés.

Mitch sentou-se no convés tomando café frio e ouvindo George expor o básico da navegação a vela. Ele tinha pouco menos de 60 anos, cabelo comprido, grisalho e descolorido e pele morena, curtida pelo sol. Era pequeno e forte, parecido com Abanks. Era australiano, mas 28 anos antes tinha fugido do país depois do maior assalto a banco da história da Austrália. Ele e seu parceiro dividiram 11 milhões de dólares em dinheiro e prata e cada um tomou o seu caminho. Tinha ouvido que o parceiro estava morto.

Seu nome verdadeiro não era George, mas ele o usava havia 28 anos e tinha esquecido o outro. Descobriu o Caribe no final dos anos 1960 e, depois de conhecer suas pequenas e primitivas ilhas de língua inglesa, decidiu que tinha encontrado seu lar. Pôs o dinheiro em bancos nas Bahamas, em Belize, no Panamá e, claro, na Grand Cayman. Construiu um pequeno complexo num trecho de praia deserta em Little Cayman e passou os últimos 21 anos percorrendo o Caribe em sua escuna de trinta pés. Durante o verão e no início do outono ficava perto de casa. Mas de outubro a junho vivia em seu barco, saltando de ilha em ilha. Tinha estado em trezentas delas no Caribe. Uma vez passou dois anos só nas Bahamas.

– São milhares de ilhas – explicou. – E eles nunca encontram a gente se a

gente se movimentar bastante.

– Ainda estão procurando você?

– Não sei. Não posso ligar e perguntar, sabe? Mas duvido.

– Qual é o lugar mais seguro para se esconder?

– Neste barco. É um iatezinho ótimo e, assim que você aprender a velejar, vai ser sua casa. Encontre uma ilha pequena pelo mundo, talvez Little Cayman ou Brac, as duas ainda são primitivas, e construa uma casa. Faça como eu fiz. E passe a maior parte da vida neste barco.

– Quando você parou de se preocupar por te caçarem?

– Ah, eu ainda penso nisso, sabe? Mas não me preocupo. Com quanto você conseguiu sair?

– Oito milhões, mais ou menos.

– Isso é ótimo. Você tem dinheiro para fazer o que quiser, então se esqueça deles. Fique rodando pelas ilhas durante o resto da vida. Existem coisas piores, sabe?

DURANTE DIAS VELEJARAM na direção de Cuba, depois desviaram, na direção da Jamaica. Observavam George e ouviam suas palestras. Depois de vinte anos velejando no Caribe, ele era um homem de grande conhecimento e paciência. Ray, o linguista, ouvia e memorizava expressões como vela balão, mastro, proa, popa, alheta, leme, guincho de adriça, mastreação, enxárcia, cabo de segurança, balaústre, escota do guincho, corrimão de proa, braçola, popa arrasada, punho da escota, vela genoa, vela mestra, bujarrona, estai da bujarrona, escota da bujarrona, cunho de morder e burro da retranca. George dava aulas sobre adernar, orçar, navegar com vento à popa, içar, bordejar, arribar, marear e bolinar. Ray absorvia a linguagem da vela. Mitch estudava a técnica.

Abby permanecia na cabine, falando pouco e sorrindo apenas quando era necessário. A vida num barco não era algo com que tivesse sonhado. Sentia saudade de casa e imaginava o que aconteceria com ela. Talvez o Sr. Rice cortasse a grama e arrancasse o mato. Sentia falta das ruas sombreadas, dos gramados cuidados e dos pequenos bandos de crianças andando de bicicleta. Pensou em seu cachorro e rezou para que o Sr. Rice o adotasse. Preocupava-se com os pais – com a segurança e o medo deles. Quando os veria de novo? Iriam

se passar anos, concluiu, e poderia aceitar isso se soubesse que estavam em segurança.

Seus pensamentos não conseguiam escapar do presente. O futuro era inconcebível.

No segundo dia do resto de sua vida, ela começou a escrever cartas. Cartas para os pais, para Kay Quin, para o Sr. Rice e alguns amigos. Sabia que as cartas jamais seriam mandadas, mas era bom colocar as palavras no papel.

Mitch a observava com atenção, mas a deixava em paz. Na verdade, não tinha nada a dizer. Talvez dali a alguns dias eles pudessem conversar.

No fim do quarto dia, uma quarta-feira, a Grand Cayman surgiu. Eles deram uma volta, lentamente, e ancoraram a 1,5 quilômetro da costa. Depois de anoitecer, Barry Abanks se despediu. Os McDeeres simplesmente agradeceram e ele se afastou no bote de borracha. Desembarcaria a 5 quilômetros de Bodden Town, em outra empresa de mergulhos, e em seguida ligaria para um dos seus pilotos vir pegá-lo. Saber se alguém suspeito tivesse aparecido. Abanks não esperava encrenca.

O COMPLEXO DE George em Little Cayman consistia em uma pequena casa principal, de madeira pintada de branco, e duas construções menores. Ficava a meio quilômetro da costa, numa baía minúscula. A casa mais próxima não podia ser vista. Uma nativa morava na construção menor e cuidava do lugar. Seu nome era Fay.

Os McDeeres se estabeleceram na casa principal e tentaram iniciar o processo de recomeçar a vida. Ray, o fugitivo, percorria as praias durante horas e ficava sozinho. Estava eufórico, mas não podia demonstrar. Ele e George saíam de barco durante várias horas por dia e tomavam uísque enquanto exploravam as ilhas. Geralmente voltavam bêbados.

Abby passou os primeiros dias num quarto pequeno no andar de cima, voltado para a baía. Escreveu mais cartas e começou um diário. Dormia sozinha.

DUAS VEZES POR semana, Fay dirigia a Kombi até a cidade para pegar suprimentos e as correspondências. Um dia voltou com um pacote enviado por

Barry Abanks. George o entregou a Mitch. Dentro do pacote havia um embrulho mandado por Doris Greenwood, de Miami. Mitch abriu o grosso envelope tamanho ofício e encontrou três jornais, dois de Atlanta e um de Miami.

As manchetes falavam sobre o indiciamento em massa da firma Bendini, de Memphis. Cinquenta e um atuais e ex-membros da firma foram indiciados, além de 31 supostos membros da família criminosa Morolto, de Chicago. Mais indiciamentos viriam, prometia o procurador-geral dos Estados Unidos. Era só a ponta do iceberg. O diretor do FBI, F. Denton Voyles, teve o prazer de afirmar que era um enorme golpe contra o crime organizado no país. Disse que esse devia ser um duro alerta aos profissionais e empresários legítimos que se sentissem tentados a mexer com dinheiro sujo.

Mitch dobrou os jornais e foi dar um longo passeio na praia. Sob um grupo de palmeiras, encontrou um pouco de sombra e se sentou. O jornal de Atlanta citava o nome de cada advogado da Bendini indiciado. Leu-os devagar. Não sentiu alegria ao ver os nomes. Quase teve pena de Nathan Locke. Quase. Wally Hudson, Kendall Mahan, Jack Aldrich e, finalmente, Lamar Quin. Podia ver os rostos. Conhecia suas mulheres e seus filhos. Olhou para o oceano reluzente e pensou em Lamar e Kay Quin. Ele os amava e os odiava. Os dois tinham ajudado a seduzi-lo para a firma e não deixavam de ter culpa. Mas eram seus amigos. Que desperdício! Talvez Lamar só ficasse preso uns dois anos e conseguisse liberdade condicional. Talvez Kay e as crianças sobrevivessem. Talvez.

– Eu te amo, Mitch.

Abby estava parada atrás dele. Segurava uma jarra de plástico e dois copos. Ele sorriu e indicou a areia ao lado.

– O que tem na jarra?

– Ponche de rum. Fay preparou para nós.

– É forte?

Ela se sentou ao lado dele na areia.

– É quase só rum. Eu disse a Fay que precisávamos ficar bêbados e ela concordou.

Mitch a abraçou com força e tomou um gole do ponche. Olharam um pequeno barco de pesca deslizando na água.

– Está com medo, Mitch?

– Aterrorizado.

– Eu também. Isso é loucura.

– Mas nós conseguimos, Abby. Estamos vivos. Em segurança. Estamos juntos.

– Mas e amanhã? E depois de amanhã?

– Não sei, Abby. As coisas poderiam ser piores, você sabe. Meu nome poderia estar no jornal junto com os outros indiciados. Ou poderíamos estar mortos. Existem coisas piores do que velejar pelo Caribe com 8 milhões de dólares no banco.

– Você acha que meus pais estão em segurança?

– Acho. O que Morolto teria a ganhar machucando seus pais? Eles estão em segurança, Abby.

Ela encheu os copos de novo e lhe deu um beijo no rosto.

– Vou ficar bem, Mitch. Desde que estejamos juntos, posso enfrentar qualquer coisa.

– Abby – disse Mitch lentamente, olhando para a água. – Tenho uma confissão a fazer.

– Estou ouvindo.

– A verdade é que eu nunca quis ser advogado.

– Ah, não diga.

– É. Na verdade, sempre quis ser marinheiro.

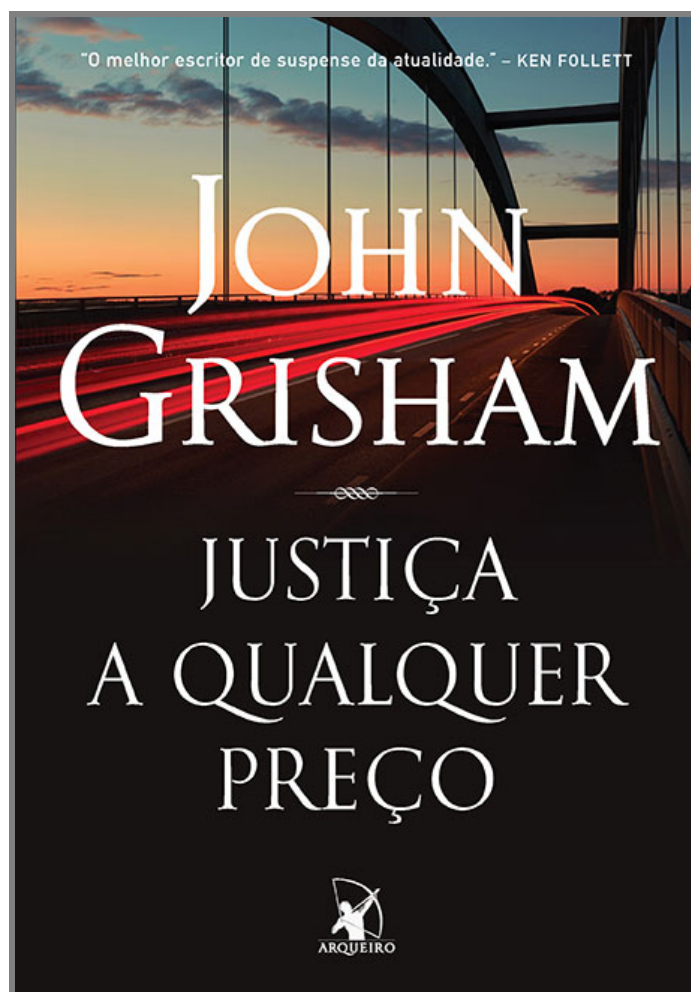
– É mesmo? Você já fez amor na praia?

Mitch hesitou por uma fração de segundo.

– Ah, não.

– Então beba, marinheiro. Vamos encher a cara e fazer um bebê.

CONHEÇA OUTRO LIVRO DO AUTOR



*Justiça a qualquer preço*

Mark, Todd e Zola ingressaram na faculdade de Direito porque queriam mudar o mundo e torná-lo um lugar melhor. Fizeram empréstimos altíssimos para pagar uma instituição de ponta e agora, cursando o último semestre, descobrem que os formandos raramente passam no exame da Ordem dos Advogados e, muito menos, conseguem bons empregos.

Quando ficam sabendo que a universidade pertence a um obscuro operador de investimentos de alto risco que, por acaso, também é dono de um banco especializado em empréstimos estudantis, os três se dão conta de que caíram no grande golpe das faculdades de Direito.

Então eles começam a bolar uma forma de se livrar da dívida esmagadora, desmascarar o banco e o esquema fraudulento e ainda ganhar alguns trocados no caminho. Mas, para isso, precisam abandonar a faculdade, fingir que são habilitados a exercer a profissão e entrar em uma batalha contra um bilionário e o FBI.

Arranje uma poltrona bem confortável, porque você não vai conseguir largar *Justiça a qualquer preço*.



## SOBRE O AUTOR



JOHN GRISHAM nasceu no Arkansas, em 1955. Atuou por muitos anos como advogado especializado em direito penal e processos de indenização, escrevendo nas horas em que o seu trabalho permitia. Publicou seu primeiro livro, *Tempo de matar*, em 1988 e não parou mais, lançando um best-seller por ano e transformando-se no mestre dos thrillers jurídicos. *A firma* foi adaptado para o cinema em 1993, com Tom Cruise como protagonista. Suas obras geralmente criticam nuances do sistema judiciário americano e das grandes firmas de Direito.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)



"Grisham escreve uma tragédia americana  
e seu melhor thriller jurídico, ainda mais emocionante  
por ter acontecido de verdade."

*Entertainment Weekly*

JOHN  
GRISHAM

O HOMEM  
INOCENTE

*Uma história real de crime e injustiça*



# O homem inocente

Grisham, John

9788580419351

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

## O LIVRO QUE INSPIROU A SÉRIE DOCUMENTAL DA NETFLIX

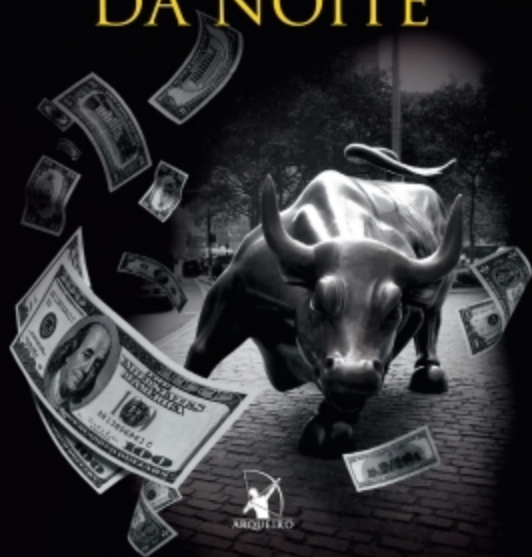
INOCENTE. Em 1971, aos 18 anos, Ron Williamson tinha uma carreira promissora como atleta. Acabara de assinar contrato com um grande time de beisebol e de se despedir de Ada, sua cidade natal, para ir em busca do sucesso. Seis anos depois, estava de volta, com os sonhos destruídos por um braço lesionado e o vício em bebidas e outras drogas. Foi morar com a mãe e passava vinte horas por dia dormindo no sofá. Em 1982, uma garçonete de 21 anos chamada Debra Sue Carter foi estuprada e assassinada brutalmente em Ada. Por cinco anos o crime ficou sem solução, até que uma frágil evidência apontou a investigação na direção de Ron. A partir daí o herói fracassado foi perseguido, acusado, julgado e condenado à morte. O processo, repleto de testemunhas mentirosas e provas corrompidas, não só acabou de arruinar a vida já despedaçada de um homem, como permitiu que o verdadeiro assassino ficasse impune. Com uma pesquisa impecável e uma narrativa arrebatadora, O homem inocente é um livro que ninguém pode se dar ao luxo de não ler. "Grisham escreve uma tragédia americana e seu melhor thriller jurídico, ainda mais emocionante por ter acontecido de verdade." – Entertainment Weekly "Grisham criou um livro de não ficção que é tão repleto de suspense e tão vertiginoso quanto suas obras de ficção mais famosas." – The Boston Globe "Uma história real corajosa e angustiante." – Time

[Compre agora e leia](#)

IVAN SANT'ANNA

*Autor de CAIXA-PRETA e PLANO DE ATAQUE*

# OS MERCADORES DA NOITE



# Os mercadores da noite

Sant'Anna, Ivan

9788580414158

488 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com a experiência de quem atuou na área por mais de 30 anos, Ivan Sant'Anna criou um thriller surpreendente e emocionante, que tem o ritmo nervoso dos pregões das grandes bolsas de valores. Julius Clarence é um operador financeiro extremamente bem-sucedido que deixou a Bolsa de Mercadorias de Chicago para conquistar Wall Street e várias empresas. Mas, num mercado tão competitivo, tamanho sucesso vai lhe render, além de uma grande fortuna, um grande inimigo: Clive Maugh. Após muitos anos de disputa entre esses dois gigantes do mercado de capitais, Julius cria um plano para destruir o rival e provocar um colapso na economia mundial, mesmo que para isso seja necessário sacrificar sua própria empresa. Julius está prestes a dar a cartada final em um jogo eletrizante, repleto de traições e chantagens, onde o mais importante não é ganhar, mas quem vai perder. "Os mercadores da noite tem um enredo que supera, e muito, os 'romances de homens de negócios' lançados às dúzias. Por dois motivos básicos: primeiro, consegue dar uma perspectiva real do que acontece num dos cenários mais fascinantes do mundo, o mercado financeiro global – sem deixar o leitor entediado; segundo, foge do padrão estereotipado de tantas obras do gênero." – Gazeta Mercantil

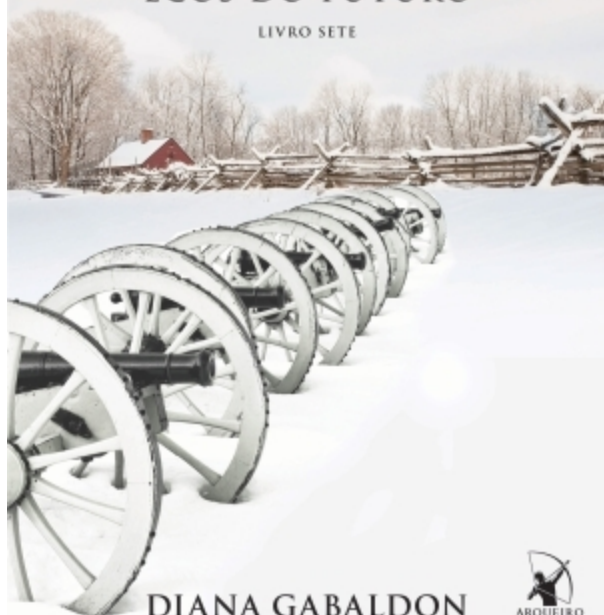
[Compre agora e leia](#)

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

## ECOS DO FUTURO

LIVRO SETE



DIANA GABALDON



# Outlander, Ecos do futuro

Gabaldon, Diana

9788580419658

912 páginas

[Compre agora e leia](#)

UMA HISTÓRIA SOBRE FAMÍLIA 1777, Carolina do Norte. Em meio à Revolução Americana, Jamie e Claire precisam decidir de que lado sua família estará. A escolha deveria ser fácil, já que Claire nasceu dois séculos depois e sabe tudo o que acontecerá. Mas as coisas nunca são simples para os Frasers. Jamie preferiria morrer a ter que enfrentar seu filho ilegítimo, um jovem tenente do Exército Britânico. Enquanto isso, na relativa segurança do século XX, a filha de Jamie e Claire, Brianna, e seu marido, Roger MacKenzie, vivem em uma histórica casa escocesa onde, através de um abismo de dois séculos, o drama da história dos pais de Brianna vem à tona através de uma pilha de cartas de Claire. Essas frágeis páginas revelam o amor e a jornada dos dois saindo da Carolina do Norte pelo mar, onde encontram corsários e batalhas no oceano. Até agora, o amor do casal sobreviveu a todos os perigos que a história colocou em seu caminho, mas, no caos da guerra, com famílias divididas, o pior está prestes a acontecer. Com a participação de personagens históricos, como Benjamin Franklin, Ecos do futuro é uma obra-prima de imaginação e aventura. Um romance que ecoará na mente do leitor por muito tempo depois que a última página for virada. "Tudo que você poderia esperar de Gabaldon: aventura, história, romance e fantasia." – The Arizona Republic "Eu amo a escrita de Gabaldon, amo os detalhes históricos e amo seus personagens." – All about Romance "Algo muito chocante acontece nas últimas cem páginas. E você não vai acreditar o que é. Espero que o próximo livro já esteja sendo editado." – The Lit Connection "Gabaldon é um fenômeno literário." – The Scotsman "É



impressionante a quantidade de ação nesse livro. É uma grande façanha escrever novecentas páginas e não deixar nenhum trecho arrastado." – Dear Author "Gabaldon sempre termina seus livros fazendo os leitores quererem mais." – Bookpage "Diana, Diana, Diana... Fui surpreendida mais uma vez." – Blue Moon Magnolia

[Compre agora e leia](#)

Pode o amor resistir  
às mais duras provações?

Da autora  
de **DESEJO  
PROIBIDO**

eternamente  
 *você*

SOPHIE JACKSON



# Eternamente você

Jackson, Sophie

9788580414820

80 páginas

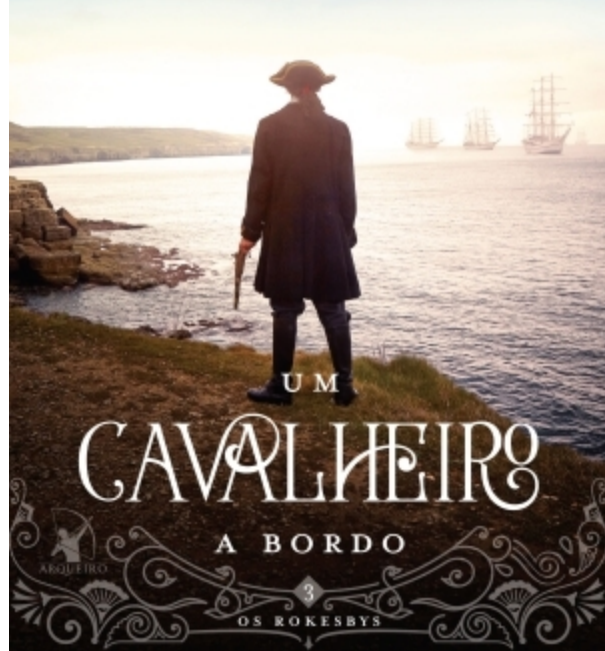
[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

*Julia Quinn*



# Um cavalheiro a bordo

Quinn, Julia

9788580419849

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ela estava no lugar errado...Durante um passeio pela costa, a independente e aventureira Poppy Bridgerton fica agradavelmente surpresa ao descobrir um esconderijo de contrabandistas dentro de uma caverna.Mas seu deleite se transforma em desespero quando dois piratas a sequestram e a levam a bordo de seu navio, deixando-a amarrada e amordaçada na cama do capitão.Ele a encontrou na hora errada...Conhecido entre a alta sociedade como um cafajeste e um corsário inconsequente, o capitão Andrew James Rokesby na verdade transporta bens e documentos para o governo britânico.No meio de uma viagem, ele fica assombrado ao encontrar uma mulher na sua cabine. Sem dúvida sua imaginação está lhe pregando peças. Mas, não, ela é bastante real – e sua missão para com a Coroa o deixa preso a ela.Será que dois erros podem acabar no acerto mais maravilhoso de todos?Quando descobre que Poppy é uma Bridgerton, Andrew entende que provavelmente terá que se casar com ela para evitar um escândalo.Em alto-mar, as disputas verbais entre os dois logo dão lugar a uma inebriante atração. Mas depois que o segredo de Andrew for revelado, será que ele conseguirá conquistar o coração dela?"O terceiro volume dos Rokesbys apresenta um dos casais mais encantadores até agora. Os diálogos inteligentes de Julia Quinn fazem os personagens brilharem. Um verdadeiro presente para os fãs e para qualquer pessoa que adore romances de época." – Publishers Weekly"O talento de Julia Quinn para elaborar conversas espirituosas, desenvolver os personagens e construir pouco a pouco a tensão romântica está na melhor forma em Um cavalheiro a bordo." – Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)